

Werner Keller

...e a
BÍBLIA
tinha
razão

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [Le Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [Le Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [LeLivros.Info](#) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados [neste link](#)

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."



Introdução

*O maior bem do homem pensante é ter explorado o
explorável e serenamente venerar o inexplorável.
(J. W. v. Goethe — Escritos naturalistas)*

O fato de um homem que não é teólogo escrever um livro sobre a Bíblia é bastante incomum para que se espere dele um esclarecimento sobre a razão por que se dedicou a essa matéria.

Desde muitos anos o meu interesse de publicista concentra-se exclusivamente em questões modernas de ciência e pesquisa. Em 1950, quando me ocupava com o trabalho de rotina diário da minha profissão, topei com o relato da expedição dos arqueólogos franceses Prof. Parrot e Prof. Schaeffer sobre as escavações realizadas em Mari e Ugarit. As inscrições cuneiformes encontradas em Mari, no médio Eufrates, continham nomes bíblicos que situaram subitamente num período histórico as narrativas sobre os patriarcas, até então tomadas por simples “histórias piedosas”. Em Ugarit, na costa do Mediterrâneo, foram descobertos pela primeira vez os testemunhos do culto cananeu de Baal. O acaso quis ainda que no mesmo ano se encontrasse numa caverna, próximo ao mar Morto, um rolo do livro do profeta Isaías, considerado de data anterior a Cristo. Essas notícias sensacionais — permita-me o uso desta expressão em vista da importância desses achados para a cultura — despertaram em mim o desejo de me ocupar com mais atenção da arqueologia bíblica, o ramo mais recente e tão mal conhecido da pesquisa da Antiguidade. Procurei, pois, tanto na literatura alemã como na estrangeira, uma exposição resumida e clara das pesquisas realizadas. Não achei nenhuma. Porque não existe nenhuma. Fui então eu mesmo às fontes e, ajudado ativamente por minha mulher, reuni, nas bibliotecas de muitos países, o que, até a data, havia de resultados de pesquisas cientificamente comprovados, expostos em livros especializados em arqueologia bíblica. Quanto mais me aprofundava no tema, mais fascinante ele ia se tornando.

A porta para o mundo histórico do Antigo Testamento fora aberta já em 1843 pelo francês Paul-Émile Botta. Em escavações efetuadas em Khursabad, na Mesopotâmia, ele se encontrou inesperadamente diante das imagens em relevo de Sargão II, o rei assírio que despovoou Israel e conduziu seu povo em longas colunas. Os relatos das campanhas desse soberano relacionam-se com a conquista de Samaria, igualmente descrita na Bíblia.

Há cerca de um século, estudiosos americanos, ingleses, franceses e alemães vêm fazendo escavações no Oriente Próximo, na Mesopotâmia, na Palestina e no Egito. As grandes nações fundaram institutos e escolas especializadas nesses trabalhos de pesquisa. Em 1869, foi criado o Palestine-Exploration Fund; em 1892, a École Biblique dos dominicanos de Saint-Étienne;

seguindo-se, em 1898, a Deutsche Orientgesellschaft; em 1900, a American School of Oriental Research; e em 1901, o Deutscher Evangelischer Institut für Altertumskunde.

Na Palestina, são descobertos lugares e cidades muitas vezes mencionados na Bíblia. Apresentam-se exatamente como a Bíblia os descreve e no lugar exato em que ela os situa. Em inscrições e monumentos arquitetônicos primitivos, os pesquisadores encontram cada vez mais personagens do Velho e do Novo Testamento. Relevos contemporâneos mostram imagens de povos de que só tínhamos conhecimento de nome. Seus traços fisionômicos, seus trajes, suas armas adquirem forma para a posteridade. Esculturas e imagens gigantescas mostram os hititas de grosso nariz, os altos e esbeltos filisteus, os elegantes príncipes cananeus, com seus “carros de ferro”, tão temidos por Israel, os pacíficos e sorridentes reis de Mari — contemporâneos de Abraão. Através dos milênios, os reis assírios não perderam nada de seu semblante altivo e feroz: *Teglath Phalasar III*, famoso no Velho Testamento com o nome de *Fui Senaquerib*, que destruiu *Lakish* e sitiou Jerusalém, *Asaradão*, que mandou pôr a ferros o Rei *Manassés*, e *Assurbanipal*, o “grande e famoso *Asnafar*” do livro de Esdras.

Como fizeram com Nínive e Nemrod — a antiga *Cale* —, como fizeram com Assur e Tebas, que os profetas chamavam *No-Amon*, os pesquisadores despertaram do sono do passado a famosa *Babel* da Bíblia, com sua torre fabulosa. Os arqueólogos encontraram no delta do Nilo as cidades de *Pitom* e *Ramsés*, onde Israel sofreu odiosa escravidão, descobriram as camadas de fogo e destruição que acompanharam a marcha dos filhos de Israel na conquista de Canaã, e em *Gabaon* a fortaleza de *Saul*, sobre cujos muros o jovem *Davi* cantou para ele ao som da harpa; em *Magedo* descobriram uma cavaliça gigantesca do Rei Salomão, que tinha *doze mil soldados a cavalo*.

Do mundo do Novo Testamento ressurgiram as magníficas construções do Rei *Herodes*; no coração da antiga Jerusalém foi descoberta a plataforma (*litostrotos*), citada por *João*, o Evangelista, onde *Jesus* esteve diante de *Pilatos*; os assiriólogos decifraram em tábuas astronômicas da Babilônia os precisos dados de observação da estrela de Belém.

Assombrosos e incalculáveis por sua profusão, esses dados e descobertas modificaram a maneira de considerar a Bíblia. Episódios que até agora muitos consideravam simples “histórias piedosas” adquirem de repente estatura histórica. Por vezes, os resultados da pesquisa coincidem com as narrativas bíblicas nos mínimos detalhes. Eles não só “confirmam”, mas esclarecem igualmente os acontecimentos históricos que originaram o Velho Testamento e os Evangelhos. As experiências e o destino do povo de Israel são assim apresentados, não só num cenário vivo e variegado, como num colorido painel da vida diária, mas também nas circunstâncias e lutas políticas, culturais e

econômicas dos Estados e impérios da Mesopotâmia e do Nilo, das quais nunca puderam libertar-se inteiramente, durante mais de dois mil anos, os habitantes de estreita região intermédia da Palestina.

Na opinião geral, a Bíblia é exclusivamente história sagrada, testemunho de crença para os cristãos de todo o mundo. Na verdade, ela é ao mesmo tempo um livro de acontecimentos reais. É bem verdade que, sob esse ponto de vista, ela carece de integralidade, porque o povo judeu escreveu sua história somente em relação a Jeová e sob a ótica de seus pecados e sua expiação. Mas esses acontecimentos são historicamente genuínos e têm se revelado de uma exatidão verdadeiramente espantosa.

Com o auxílio dos resultados das explorações, diversas narrativas bíblicas podem ser agora muito mais bem compreendidas e interpretadas. É verdade que existem correntes teológicas para as quais o que vale é a palavra e nada mais que a palavra. “Mas como se poderá compreendê-la”, questiona o Prof. André Parrot, arqueólogo francês mundialmente famoso, “se não se puder encaixá-la no seu preciso quadro cronológico, histórico e geográfico?”

Até agora o conhecimento dessas descobertas extraordinárias era privilégio de um pequeno círculo de peritos. Ainda há meio século, o Prof. Friedrich Delitzsch perguntava-se, em Berlim: “Para que tantas fadigas em terras distantes, inóspitas e perigosas? Para que esse dispendioso revolver de escombros multimilenários, até atingir as águas subterrâneas, onde não se encontra ouro nem prata? Para que essa competição das nações no sentido de assegurarem para si o privilégio de escavar essas áridas colinas?” O sábio alemão Gustav Dalman deu-lhe, em Jerusalém, a resposta adequada, quando expressou a esperança de que, um dia, tudo o que as pesquisas “viram e comprovaram seria não só valorizado em trabalhos científicos, mas também utilizado praticamente na escola e na igreja”. Isso, porém, ainda não aconteceu.

Nenhum livro da história da humanidade jamais produziu um efeito tão revolucionário, exerceu uma influência tão decisiva no desenvolvimento de todo o mundo ocidental e teve uma difusão tão universal como o “Livro dos Livros”, a Bíblia. Ela está hoje traduzida em mil cento e vinte línguas e dialetos e, após dois mil anos, ainda não dá qualquer sinal de que haja terminado a sua triunfal carreira.

Durante a coleta e o estudo do material, que de modo algum pretendo seja completo, ocorreu-me a idéia de que era tempo de os leitores da Bíblia e seus opositores, os crentes e os incrédulos participarem das emocionantes descobertas realizadas pela sóbria ciência de múltiplas disciplinas. Diante da enorme quantidade de resultados de pesquisas autênticos e seguros, convenci-me, apesar da opinião da crítica cética, de que desde o século do Iluminismo até nossos dias tentava diminuir o valor documentário da Bíblia, de que a *Bíblia tinha razão!*

Werner Keller

Hamburgo, setembro de 1955.

Prefácio à nova edição revista

Em 1955, surgiu a primeira edição do meu livro *E a Bíblia tinha razão*, que foi traduzido em vinte e quatro línguas e usado nas escolas, para o ensino religioso, e nas universidades, para seminários bíblicos, bem como em círculos bíblicos, de confissões cristãs e judaicas, nas quais serviu a título de referência. Ao todo, a tiragem global ultrapassa os dez milhões de exemplares.

Desde aquela época e graças a técnicas e métodos de pesquisa novos e atualizados, a arqueologia bíblica trouxe à luz do dia fatos até então desconhecidos. Algumas teses puderam ser confirmadas e ainda reforçadas, ao passo que ensinamentos outrora considerados como cientificamente garantidos tornaram a ser postos em dúvida, e noções, incluindo aquelas reunidas por cientistas de renome, tiveram de ser revistas. Para que este meu livro conservasse sua necessária autenticidade científica, foi preciso que nele se incluíssem dados mais atualizados da pesquisa moderna, pois não se deve e nem se pode rejeitar conhecimentos novos, embora incômodos.

Eu próprio gostaria de atualizar meu livro, mas grave e prolongada doença impediu-me de executar essa tarefa complexa e de grande responsabilidade. Em vista disso, e muito a contragosto, resolvi confiá-la a outra pessoa, e dou-me por feliz de, para tanto, ter encontrado o Dr. Joachim Rehork. No posfácio, de sua autoria, ele elucidou e expôs os princípios, segundo os quais convencionamos proceder à revisão em questão. A ele apresento meus profundos agradecimentos.

Werner Keller

Ascona, 1978.

Do Velho Testamento

Parte I - O advento dos patriarcas De Abraão a Jacó

Na região do Crescente Fértil

Há quatro mil anos — Continentes adormecidos — O grande berço da nossa civilização — Altas culturas do antigo Oriente — Havia muito tempo que se construíam torres escalonadas e pirâmides — Plantações gigantescas irrigadas por canais artificiais — Assalto de tribos árabes do deserto

Se traçarmos uma linha curva a partir do Egito, passando pela Palestina e a Síria mediterrâneas, seguindo depois até o Tigre e o Eufrates, através da Mesopotâmia, e descendo até o Golfo Pérsico, teremos uma meia-lua razoavelmente perfeita.

Há quatro mil anos, esse poderoso semicírculo ao redor do deserto da Arábia — denominado Crescente Fértil — abrigava grande número de culturas e civilizações, ligadas umas às outras como pérolas de rutilante colar. Delas irradiou luz clara para a humanidade. Ali foi o centro da civilização desde a idade da pedra até a idade do ouro da cultura greco-romana. Por volta do ano 2000 a.C., quanto mais o olhar se afasta do Crescente Fértil, mais esparsos são os vestígios de vida civilizada e de cultura. Dir-se-ia que os povos dos outros continentes dormiam como crianças prestes a despertar. No Mediterrâneo oriental já cintila um clarão brilhante — em Creta floresce o domínio dos reis minóicos, fundadores da primeira potência marítima historicamente conhecida. Há mil anos já que a cidade de Micenas defende seus habitantes, e uma segunda Tróia se ergue há muito sobre as ruínas da primeira. Nos vizinhos Balcãs, entretanto, apenas começou a primitiva idade do bronze. Na Sardenha e na região ocidental da França, os mortos são inumados em túmulos de pedras gigantescas. Esses túmulos megalíticos são a derradeira manifestação considerável da idade da pedra.

Na Grã-Bretanha, constrói-se o mais famoso santuário da época megalítica — o Templo do Sol de Stonehenge —, cujo círculo de pedras gigantes, próximo a Salisbury, é ainda hoje uma curiosidade envolta em lendas. Na Alemanha, lavrava-se o solo com arados de madeira.

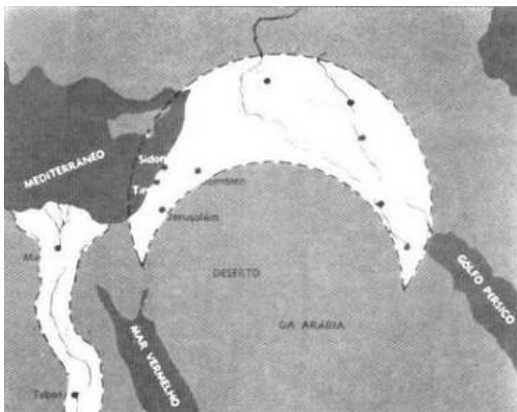


Figura 1 - O Crescente Fértil e o Egito, os grandes centros de civilização do mundo, por volta do ano 2000 a.C.

Ao pé do Himalaia, extingue-se, bruxuleando, sobre o vale do Indo, a luz solitária de uma ilha cultural. Na China, nas vastas estepes da Rússia e na África, reina a escuridão. E além das águas do Atlântico dorme pesadamente o continente da América.

Enquanto isso, no Crescente Fértil e no Egito convive uma multidão verdadeiramente confusa de culturas e civilizações altamente desenvolvidas. Há mil anos já que os faraós ocupam seu trono. Por volta do ano 2000 a.C., reina aí Amenemés I, fundador da décima segunda dinastia. Sua influência estende-se desde a Núbia, ao sul da segunda catarata do Nilo, passando pela península do Sinai, até Canaã e a Síria, um domínio tão grande como a Noruega. Ao longo das costas do Mediterrâneo, encontram-se as ricas cidades marítimas dos fenícios. Na Ásia Menor, no coração da atual Turquia, lançam-se os fundamentos do poderoso reino dos antigos hititas. Na Mesopotâmia, entre o Eufrates e o Tigre, dominam os reis da Suméria e de Acad, que têm como tributários os reinos menores desde o golfo Pérsico às nascentes do Eufrates.

As imensas pirâmides do Egito e as imponentes torres escalonadas da Mesopotâmia já haviam assistido à passagem de muitos séculos. Havia dois

mil anos que fazendas e plantações de proporções tão consideráveis como os grandes empreendimentos agrícolas de hoje produziam cereais, legumes e os frutos mais seletos nos vales artificialmente irrigados do Nilo, do Eufrates e do Tigre. Por toda parte, no Crescente Fértil e no reino dos faraós, era cultivada a arte da escrita cuneiforme e hieroglífica. Serviam-se dela os poetas e os funcionários da corte e da administração governamental; para o comércio havia muito se tornara indispensável. O ativo intercâmbio de mercadorias realizado pelos grandes importadores e exportadores da Mesopotâmia e do Egito, através dos caminhos das caravanas e pelas rotas de navegação, desde o golfo Pérsico até a Síria e a Ásia Menor, desde o Nilo, pelo mar, até Chipre e Creta, e, mais além, até o mar Negro, reflete-se hoje na correspondência comercial gravada em barro e papiros. As mercadorias mais procuradas entre a profusão de artigos eram o cobre das minas egípcias do monte Sinai, a prata das minas da cordilheira do Tauro, ouro e marfim da Somália, na África ocidental, e da Núbia, no Nilo, corantes de púrpura das cidades fenícias do litoral de Canaã, incenso e especiarias raras do sul da Arábia, magnífico linho dos teares egípcios e vasos maravilhosos da ilha de Creta.

A poesia e a ciência estavam em pleno florescimento. No Egito, surgia a primeira literatura de passatempo e a primeira poesia mundana. A Mesopotâmia já experimentava o seu renascimento. Os filólogos de Acad, o grande reino do Eufrates inferior, compunham a primeira gramática e o primeiro dicionário bilingüe. A lenda de Gilgamesh, as lendas da Criação e do Dilúvio dos antigos sumérios, escritas em acádico — a língua do mundo dessa época —, tornaram-se epopéias repletas de emoção dramática. Os médicos egípcios guiavam-se por livros de receitas para preparar seus remédios de plantas de valor curativo comprovado; os cirurgiões discorriam entre si sobre conhecimentos anatômicos. Os matemáticos da terra do Nilo conseguiam, pelo método empírico, fazer o mesmo cálculo dos lados do triângulo que só meio milênio depois o grego Pitágoras fixaria no axioma que leva seu nome. Os engenheiros da Mesopotâmia resolviam, com base na prática, o problema do cálculo do quadrado. Os astrônomos determinavam, se bem que a serviço da astrologia, mas baseados em observações exatas, as órbitas dos planetas!

Profunda devia ser a paz e grande o bem-estar desse mundo do Nilo, do Eufrates e do Tigre, pois dessa época não se encontrou nenhuma inscrição que falasse de grandes acontecimentos guerreiros. Mas no coração desse “crescente fértil” e poderoso, nas vastidões ofuscantes e áridas do deserto da Arábia, lá onde ele é banhado pelas águas do oceano Índico, desencadeou-se com poderoso ímpeto, avançando para o norte e para o noroeste, para a Mesopotâmia, para a Síria e a Palestina, uma avalanche de povos e tribos nômades de raça semítica. Em ondas sucessivas, os amoritas, ou “ocidentais”, pois era esse o significado de seu nome, se espraíram para os reinos do Crescente Fértil.

O reino dos *reis da Suméria e Acad* caiu em 1960 a.C. sob os seus ataques obstinados. Os amoritas fundaram uma série de Estados e dinastias. Uma destas viria finalmente a atingir o predomínio: a primeira dinastia de Babilônia, o grande centro de poder de 1830 a 1530 a.C. Seu sexto rei foi o famoso Hamurabi.

Entretanto, uma dessas tribos nômades semitas estava destinada a adquirir uma importância decisiva para milhões de pessoas em todo o mundo, até nossos dias. Era um pequeno grupo, talvez apenas uma família, desconhecida e insignificante qual minúsculo grão de areia numa tempestade do deserto: a família de *Abraão*, pai dos patriarcas!

A bíblica “Ur dos caldeus”

Uma estação na estrada de ferro de Bagdá — A torre escalonada de tijolos — Ruínas com nomes bíblicos — Os arqueólogos procuram os sítios citados na Sagrada Escritura — Um cônsul armado de picareta — Um arqueólogo no trono da Babilônia — Expedição ao Tell al Muqayyar — Livros de história arrancados dos escombros — Recibos de impostos gravados em barro — Abraão era cidadão de uma metrópole?

Tomou, pois, Terah a seu filho Abraão e a Lot, seu neto, filho de Haran, e a Sarai, sua nora, mulher de Abraão, seu filho, e fê-los sair da Ur dos caldeus (Gênes 11.31). ... e fê-los sair da Ur dos caldeus.

Assim soa a lenda aos ouvidos dos cristãos há quase dois mil anos. Ur, um nome tão misterioso e lendário como os numerosos e desorientantes nomes de reis e chefes guerreiros, de reinos poderosos, de templos e palácios recobertos de ouro de que nos fala a Bíblia. Ninguém sabia onde ficava Ur. A Caldéia ficava, sem dúvida, na Mesopotâmia. Há trinta anos, ninguém podia imaginar que a busca da Ur bíblica fosse conduzir à descoberta de uma cultura que penetra no crepúsculo dos tempos pré-históricos, distante mais ainda que os mais antigos testemunhos humanos do Egito.

Atualmente, Ur é uma estação de estrada de ferro, cento e oitenta quilômetros ao norte de Baçorá, perto do golfo Pérsico, uma das muitas estações da célebre estrada de ferro de Bagdá. O trem regular faz uma breve parada nessa estação ao romper da aurora. Quando se extingue o ruído das rodas do trem, que continua em seu trajeto para o norte, o viajante que aí desembarca é envolvido pelo silêncio do deserto.

Seu olhar desliza pela monotonia pardo amarelada de intermináveis planícies de areia. É como se encontrasse no meio de um prato

raso, riscado apenas pelos trilhos da via férrea. Um único ponto altera a vastidão ondulante e desolada: iluminado pelo sol nascente, avulta no meio do deserto um imenso toco vermelho fosco, o qual apresenta profundas mossas como se fossem produzidas por um titã.

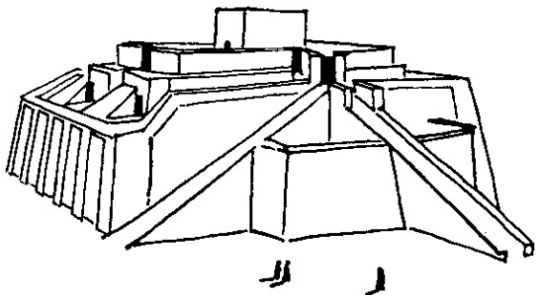


Figura 2 - A grande torre escalonada de Ur (reconstrução).

Para os beduínos é bem familiar esse morro solitário em cujas fendas, lá no alto, fazem ninho as corujas. Eles o conhecem desde tempos imemoriais e chamam-no Tell al Muqayyar, “Monte dos Degraus”. Seus antepassados levantavam suas tendas junto dele. Parece que desde tempos incalculáveis ele oferece abrigo acolhedor contra as perigosas tempestades de areia. Junto dele acampam ainda hoje os beduínos com seus rebanhos, se uma temporada de chuva faz a erva brotar súbita e milagrosamente do solo.

Outro — há quatro mil anos —, ondulavam nessa região vastos campos de trigo e cevada, até onde a vista podia alcançar estendiam-se culturas de hortaliças e bosques de palmeiras e figueiras. Eram culturas imensas, que podiam comparar-se, sem exagero, às lavouras de trigo canadenses e às plantações de legumes e frutas californianas. O luxuriante verdor dos campos e terraços era atravessado por um sistema de canais e fossos retilíneos, obras-primas da arte de irrigação. Já em plena idade da pedra os peritos sabiam aproveitar as águas dos grandes rios, desviando com habilidade e inteligência o precioso líquido de suas margens e transformando, assim, regiões desertas em lavouras de vegetação paradisíaca. Nesse tempo, quase escondido por bosques de palmeiras umbrosas, passava nesse local o Eufrates. Esse grande prodigalizador

de vida era portador de um intenso tráfego naval até o mar. Naquele tempo, o golfo Pérsico penetrava muito mais para dentro pelas embocaduras do Eufrates e do Tigre. Já antes de ser construída a primeira pirâmide do Nilo, o Tell al Muqayyar se erguia imponente em seu posto. Quatro enormes cubos, de quase vinte e cinco metros de altura, se erguiam uns sobre os outros, diminuindo gradualmente, recobertos de ladrilhos de cores maravilhosas. Sobre o negro da base quadrangular, de cerca de quarenta metros de lado, os escalões superiores, ornados de árvores, eram vermelhos e azuis. O último escalão formava um pequeno terraço, em cima do qual, coberto por um teto dourado, havia um santuário.

O silêncio reinava sobre esses lugares dedicados ao culto, onde os sacerdotes oficiavam no sacrário de Nannar, o deus da Lua. Os ruídos de uma das mais antigas cidades do mundo, a rica metrópole de Ur, mal chegavam até lá.

Em 1854, dirigia-se para o solitário morro vermelho uma caravana de camelos e jumentos com uma carga incomum de pás, picaretas e aparelhos de medição, sob a direção do cônsul inglês em Baçorá, J. E. Taylor. que não estava ali por espírito de aventura nem, tampouco, por sua própria vontade. Ele fazia essa viagem a serviço do Foreign Office, a fim de satisfazer o desejo do Museu Britânico de Londres de que fosse explorado o sul da Mesopotâmia — a terra onde o Eufrates e o Tigre se avizinham cada vez mais um do outro ao se aproximarem do golfo Pérsico —, em busca de antigos monumentos arquitetônicos. Em Baçorá, Taylor havia ouvido falar muitas vezes do estranho e imenso monte de pedras de que se aproximava nesse momento. Parecia-lhe um objeto adequado para a sua expedição.

Nos meados do século XIX, iniciaram-se pesquisas e escavações por toda parte, no Egito, na Mesopotâmia e na Palestina, obedecendo a um desejo subitamente surgido de formar uma idéia cientificamente alicerçada sobre a história da humanidade naquela parte do mundo. O objetivo de uma vasta série de expedições foi o Oriente Próximo.

Até então, desde o ano 550 a.C. aproximadamente, a Bíblia fora a única fonte de informações sobre a história da Ásia Menor. Só ela falava de tempos que se perdiam nas sombras do passado. Surgiram na Bíblia povos e nomes de que nem os gregos e romanos antigos tinham mais notícia alguma.

Pelos meados do século passado, multidões de eruditos foram atraídas irresistivelmente para as terras do antigo Oriente. Ninguém conhecia os nomes que em breve andariam em todas as bocas. Os homens do “Século das Luzes” ouviam com assombro a respeito de seus achados e descobertas. O que aqueles homens arrancaram, a poder de contínuo e árduo trabalho, das areias do deserto ao longo dos grandes rios da Mesopotâmia e do Egito chamou com justiça a atenção de milhões e milhões de pessoas: ali a ciência abria pela primeira vez a porta do misterioso mundo da Bíblia.

O cônsul francês em Mossul, Paul-Émile Botta, é um arqueólogo inspirado. Em 1843, ele inicia escavações em Khursabad, no Tigre, e traz à luz do dia, das ruínas de uma metrópole de quatro mil anos, em todo o seu esplendor, os primeiros testemunhos da Bíblia: Sargão, o lendário soberano da Assíria. *No ano em que Tartan, enviado por Sargão, rei dos assírios, foi contra Azot...* (Isaías 20.1).

Dois anos depois, um jovem diplomata e explorador inglês, a. H. Layard, pôs a nu Nimrod (Callach), a cidade que na Bíblia se chama Cale (Gênese 10.11) e agora tem o nome do bíblico *Nemrod, um poderoso caçador diante do Senhor. O princípio do seu reino foi Babilônia, e Arac, e Acad, e Calane, na terra de Senaar. Daquela terra foi para Assur, e edificou Nínive, e as praças da cidade, e Cale.* ... (Gênese 10.10,11). Pouco tempo depois, escavações realizadas a onze quilômetros de Khursabad, sob a direção do major inglês Henry Creswicke Rawlinson, que se tornou um dos assiriólogos mais notáveis, puseram a descoberto a capital assíria de Nínive e a célebre biblioteca do Rei Assurbanipal. É a Nínive da Bíblia, cuja maldade os profetas verberam repetidamente (Jonas 1.2).

Na Palestina, o sábio americano Edward Robinson dedica-se, entre 1838 e 1852, à reconstituição da antiga topografia.

O alemão Richard Lepsius, posteriormente diretor do Museu Egípcio de Berlim, registra, numa expedição que se prolonga de 1842 a 1846, os monumentos arquitetônicos do Nilo.

Depois de o francês Champollion ter conseguido decifrar os hieróglifos egípcios, por volta de 1850 é igualmente solucionado o mistério da escrita cuneiforme, entre outros por Rawlinson, o explorador de Nínive. Os velhos documentos começam a falar!

Mas voltemos à caravana que se aproxima do Tell al Muqayyar. O Cônsul Taylor manda armar as tendas junto ao morro vermelho. Ele não tem ambições nem preparo científico. Por onde deverá começar?

Em que lugar poderá, com acerto, pôr as turmas de nativos a escavar? O grande monte de tijolos, obra-prima arquitetônica de um passado obscuro, em nada o sensibiliza como construção. É possível que no seu bojo durma algo que mereça ocupar lugar num museu e interesse aos cavalheiros de Londres. Pensa vagamente em alguma velha estátua, em armas, adereços ou talvez até num tesouro oculto. Ataca o estranho morro e começa a demoli-lo palmo a palmo. Nada indica existir um espaço vazio no interior. A enorme construção parece maciça. O bloco inferior ergue-se a prumo desde a areia a uma altura de quase dez metros. Duas largas rampas de pedra conduzem ao bloco imediatamente superior, um pouco menor, e acima deste erguem-se um terceiro e um quarto.

Taylor sobe degrau após degrau, observa, sob o sol escaldante, pelas quatro fendas e encontra apenas tijolos quebrados. Um dia, banhado em suor, sobe à plataforma superior; duas corujas espantadas levantam vôo das muralhas

deterioradas pelo tempo. E é só. Mas ele não desanima. Em seus esforços para descobrir os mistérios da construção, toma uma decisão que hoje não podemos deixar de lamentar profundamente. Retira as turmas de trabalhadores da base do morro e põe os a trabalhar no alto.

O que os séculos pouparam, o que resistiu às tempestades de areia e ao sol ardente cai vítima das picaretas implacáveis. Taylor manda demolir os escalões superiores. A obra de demolição começa nos quatro cantos ao mesmo tempo. Dia após dia massas de tijolos quebrados caem com um ruído surdo junto à base. Um dia, após muitas semanas, cessam bruscamente a gritaria e o bater incessante das picaretas lá no alto. Precipitadamente, dois homens descem o morro e correm para a tenda de Taylor. Têm nas mãos uns pequenos bastões, cilindros de barro cozido.

Taylor ficou decepcionado. Esperava mais. Depois de cuidadosamente espanados, verifica que os rolos de barro estão inteiramente cobertos de inscrições — escrita cuneiforme! Ele não compreende nada daquilo, é claro, mas fica muito satisfeito. Devidamente acondicionados, os cilindros são remetidos para Londres. Mas os eruditos do Tâmisia dão pouca importância a esse achado. Esse fato não causa nenhuma surpresa, pois naqueles anos os pesquisadores olham fascinados para o norte da Mesopotâmia, onde, no curso superior do Tigre, nos montes de Ninive e de Khursabad, estão vindo à luz do dia palácios e gigantescos relevos assírios, bem como milhares de tabuinhas de barro e estátuas que obscurecem tudo o mais. Que importância poderão ter os pequenos cilindros de barro do Tell al Muqayyar? Durante mais dois anos Taylor continua o seu trabalho incansavelmente no Tell al Muqayyar, mas sem resultado. É então chamado à pátria.

Somente setenta e cinco anos mais tarde o mundo virá a conhecer o tesouro imensurável que dorme sob aquele antigo morro artificial.

No que diz respeito aos cientistas, o Tell al Muqayyar cai de novo no esquecimento. Mas não fica abandonado. Logo após a partida de Taylor aparecem multidões de outros visitantes. Os muros destruídos e, sobretudo, os escalões superiores demolidos pelas turmas de Taylor oferecem uma conveniente e inesgotável mina de materiais de construção, incalculáveis e gratuitos, para os árabes, que ano após ano acorrem de todas as partes e saem dali com suas bestas carregadas de tijolos. Moldados há muitos séculos, eles apresentam ainda legíveis os nomes de Ur-Nammu, o primeiro grande construtor, e de Nabonide, o soberano babilônio que restaurou a torre escalonada a que chamavam de “zigurate”. As tempestades de areia, o vento e o ardor do sol acabam a obra de destruição. Quando, em 1915, durante a Primeira Guerra Mundial, tropas inglesas em marcha para Bagdá vão acampar nas proximidades da velha construção, seu primitivo aspecto está tão mudado, tão arrasada, demolida e saqueada foi durante as décadas que decorreram desde 1854, que um

dos soldados consegue realizar uma pequena façanha. O perfil recortado dos antigos escalões desaparecera de tal modo que o soldado consegue escalar a elevação que resta montado num burro.

Por um feliz acaso, encontra-se entre os oficiais da tropa um especialista, R. Campbell Thompson, do serviço de informações do Exército da Mesopotâmia. Em tempos de paz, ele é assistente do Museu Britânico.

Com segurança de técnico, Thompson explora o gigantesco monte de tijolos e vê, consternado, a deterioração ocorrida. Exames do solo nos arredores do Tell permitem-lhe vislumbrar outros fundamentos, ruínas e cidades sob a areia do deserto. Thompson registra cuidadosamente suas observações e envia uma comunicação urgente para Londres, o que faz com que os modestos e pequenos cilindros de barro, já quase caídos no esquecimento, voltem a ser examinados com grande diligência. As inscrições contêm uma informação interessantíssima e, ao mesmo tempo, uma história curiosa.

Quase dois mil e quinhentos anos antes do Cônsul Taylor, outro homem havia buscado e rebuscado no mesmo lugar e com igual interesse!

Cultor dos antigos, célebre soberano de um grande reino e arqueólogo, esse homem era o Rei Nabonide da Babilônia, que viveu no século VI a.C. Ele verificou que “o zigurate já era velho então”. Mas Nabonide procedeu de modo diferente do de Taylor. “Mande reconstruir a estrutura de acordo com a sua forma original, com argamassa e tijolos queimados.” Quando a velha torre escalonada ficou pronta, mandou gravar o nome do primeiro construtor justamente naqueles pequenos cilindros de barro. Ele se chamava, verificou o babilônio por algumas inscrições que conseguira decifrar, Rei Ur-Nammu! Ur-Nammu? Seria o construtor da grande torre escalonada, rei da Ur de que fala a Bíblia, soberano da Ur dos caldeus?

A suposição aproxima-se da verdade. Porque, mais tarde, o mesmo nome bíblico aparece várias vezes. Também mencionam Ur documentos encontrados em outras escavações realizadas na Mesopotâmia. Deve ter sido, segundo relatam os textos cuneiformes, a capital da grande nação suméria. Surge então um grande interesse pelo devastado Tell ai Muqayyar. Os sábios do Museu da Universidade da Pensilvânia juntam-se aos arqueólogos do Museu Britânico com o objetivo de incentivar escavações. É muito possível que a torre escalonada do baixo Eufrates esconda o mistério do desconhecido povo sumério... e da bíblica Ur! Mas somente em 1923 um grupo de arqueólogos anglo-americanos consegue partir para lá. Eles são poupados à penosa viagem em oscilante lombo de camelo, pois viajam pela estrada de ferro de Bagdá. Pela estrada de ferro chegam também todos os apetrechos: vagonetas, trilhos, picaretas, cestas.

Os arqueólogos dispõem de uma verba que lhes permitirá escavar uma extensa região. Começam as escavações metodicamente e em grande escala. Como esperam grandes descobertas, contam com trabalho para vários anos. A

expedição é dirigida por Sir Charles Leonard Woolley. Este inglês, de quarenta e três anos, obteve suas primeiras consagrações em viagens de pesquisas e escavações no Egito, na Núbia e em Karkemish, no alto Eufrates. Para esse homem competente e bem-sucedido, o Tell al Muqayyar virá a ser a grande tarefa de sua vida. Woolley não dirige sua atenção principal para a torre escalonada, como décadas atrás fizera o diligente mas desavisado Taylor. O objetivo de sua pesquisa concentra-se sobretudo nas elevações achatadas que se erguem a seus pés, na extensa planície de areia.

Aos olhos experientes de Woolley não escapa sua forma singular: elas parecem pequenos planaltos. Planas em cima, suas vertentes são quase simétricas. Existe esse tipo de outeiros, em número incalculável, grandes e pequenos, em todo o Oriente Próximo, às margens dos grandes cursos de água, em meio a planícies férteis, nas trilhas e caminhos por onde, desde tempos imemoriais, as caravanas atravessam a região. Ninguém até hoje os contou. Encontram-se desde o delta formado pelas desembocaduras do Tigre e do Eufrates, no golfo Pérsico, até as terras altas da Ásia Menor, onde o rio Hális se projeta no mar Negro; existem nas costas do Mediterrâneo oriental, nos vales do Líbano, às margens do Orontes, na Síria, e na bacia do Jordão, na Palestina.

Essas elevações de terreno são as grandes e cobiçadas minas dos arqueólogos, até agora inesgotáveis. Não são formações naturais e sim produtos artificiais, amontoados pela sucessão de inúmeras gerações que viveram antes de nós, gigantescos montes de escombros e refugos de outrora, formados pelos restos de choupanas e casas, muros de cidades, templos ou palácios. Cada uma dessas colinas adquiriu gradualmente sua forma, mais ou menos do mesmo modo, no decorrer de longos séculos, de milênios até. Em dado momento, alguns homens edificaram ali um primeiro povoado, que foi destruído pela guerra ou pelo fogo ou foi abandonado por seus habitantes. Conquistadores ou novos colonos chegaram e se estabeleceram no mesmo local. Gerações após gerações foram construindo no mesmo sítio suas povoações e cidades, umas sobre as outras. No curso dos tempos, as ruínas e escombros de inúmeras povoações foram se amontoando camada sobre camada, metro após metro, até formarem uma colina. Os árabes chamam “*tell*” a esses montes artificiais. Já na antiga Babilônia, essa palavra era usada para o mesmo fim. “*Tell*” significa “*pilha*”. Na Bíblia, encontramos a palavra no livro de Josué, 11.13. Na narrativa da conquista de Canaã, fala-se de cidades *que estavam situadas nas colinas*. A palavra usada é “*tulul*”, ou seja, o plural de “*tell*”. Os árabes sabem distinguir perfeitamente o *tell* dos relevos naturais do terreno, a que chamam “*jebel*”.

Cada *tell* é, por assim dizer, um livro de história mudo. Suas camadas de terreno são para os arqueólogos como folhas de antiquíssimo calendário, de posse do qual eles podem reconstituir claramente o passado, página por página. Cada camada, se aprendermos a ler seus indícios, fala da época, da vida, dos

costumes, da habilidade artística, da cultura e civilização de seus habitantes. E nesse trabalho os arqueólogos têm chegado, com o tempo, a resultados verdadeiramente espantosos.

Pedras, talhadas ou não, tijolos ou restos de barro mostram como eram feitas as construções naquele tempo. Até as pedras carcomidas pelo tempo e os restos esfarelados de tijolos permitem deduzir com precisão o traçado das construções. Manchas escuras mostram onde outrora a lareira irradiou seu claro acolhedor.

Vasos quebrados, armas, utensílios domésticos e ferramentas, que se encontram por toda parte entre os escombros, contribuem para a investigação detetivesca do passado. Hoje em dia, conhecem-se com tanta exatidão as diferentes formas, cores e desenhos de potes e vasos, que a cerâmica se tornou o cronômetro arqueológico número 1. Cacos isolados, mesmo os pequeninos fragmentos, às vezes, permitem estabelecer datas com precisão. Até o segundo milênio a.C., o limite máximo de erro relativo à determinação de datas não vai além de cinquenta anos!

No decorrer das primeiras escavações do século passado, perderam-se documentos inestimáveis, porque não se dava atenção alguma aos cacos, considerados sem valor. Eram postos de lado. Importantes para os arqueólogos daquele tempo eram apenas os grandes monumentos, os relevos, as estátuas ou os tesouros. Assim se perderam para sempre muitos objetos preciosos. O precursor dos exploradores da Antigüidade, Heinrich Schliemann, é um exemplo disso. Possuindo de ardente orgulho, tinha apenas uma coisa em vista: encontrar a Tróia de Homero. Dispondo suas turmas em colunas, atacou a terra em profundidade. Camadas que poderiam ter tido grande significação como “calendário” eram removidas como entulho inútil. Por fim, Schliemann arrancou da terra um tesouro precioso que maravilhou todo o mundo. Não era, porém, como ele acreditara, o tesouro de Príamo. O achado procedia de uma época muitos séculos anterior. Na sua ânsia de sucesso, Schliemann havia cavado fundo demais. Comerciante durante toda a sua vida, Schliemann era um adventício, um leigo. Mas os próprios especialistas não faziam melhor trabalho no princípio. Só a partir de poucos decênios atrás os arqueólogos começaram a trabalhar segundo um sistema estabelecido pela experiência. Começando de cima, examina-se o solo do *tell* centímetro por centímetro, estudam-se um por um os menores fragmentos e cacos de barro. A seguir, faz-se um profundo corte na colina. As camadas de diferentes cores apresentam-se aos olhos do explorador como uma torta cortada e permitem ao perito uma primeira visão retrospectiva da história dos estabelecimentos humanos aí sepultados. Foi obedecendo a essa rotina já consagrada que no ano de 1923 a expedição anglo-americana começou a trabalhar no Tell al Muqayyar.

Nos primeiros dias de dezembro levantou-se uma nuvem de pó sobre os

montes de entulho a leste do zigurate, a poucos passos apenas da larga rampa por onde outrora os sacerdotes se dirigiam, em procissão solene, ao sacrário de Nannar, o deus da Lua. Levada por uma brisa, a nuvem se espalhou e em breve teve-se a impressão de que a velha torre escalonada estava toda envolta em tênue nebulosidade. Era areia fina que, removida por centenas de pás, indicava que a grande escavação havia começado.

Desde o momento em que a primeira pá foi cravada no solo, toda a colina se envolveu numa atmosfera de ansiosa expectativa. Cada escavação parecia uma viagem a um reino desconhecido, que ninguém sabe que surpresa reserva ao explorador. O próprio Woolley e seus colaboradores não podiam dominar a impaciência. O suor e as energias empregados nesse trabalho seriam compensados por importantes descobertas? Ur lhes desvendaria seus mistérios? Nenhum deles podia imaginar que isso lhes tomaria seis longos invernos de árduo trabalho, até a primavera de 1929. Essa escavação em grande escala, ao sul da Mesopotâmia, viria a desvendar, capítulo por capítulo, os tempos distantes em que se formou nova terra no delta dos dois grandes rios e onde se estabeleceram os primeiros povoados humanos. Ao longo do penoso caminho da pesquisa, que retrocedeu no tempo até sete mil anos atrás, tomariam forma, por mais de uma vez, acontecimentos e nomes de que nos fala a Bíblia.

A primeira descoberta consistiu num recinto sagrado com os restos de cinco templos que outrora envolviam, num semicírculo, o zigurate construído pelo Rei Ur-Nammu. Os exploradores pensaram tratar-se de fortalezas, tão poderosos eram seus muros. O maior, ocupando uma superfície de cem por sessenta metros, era consagrado ao deus da Lua, outro templo ao culto de Nin-Gal, deusa da Lua e esposa de Nannar. Cada templo tinha um pátio interior, circundado por uma série de compartimentos. Neles se encontravam ainda as antigas fontes, com longas pias calafetadas a betume, e profundos talhos de faca nas grandes mesas de tijolos, que permitiam ver onde os animais destinados ao sacrifício eram mortos. Em lareiras situadas nas cozinhas dos templos, esses animais eram preparados para o repasto sacrificial comum. Havia até fornos para cozer pão. “Depois de trinta e oito séculos”, observou Woolley em seu relatório da expedição, “podia-se acender novamente o fogo ali, e as mais antigas cozinhas do mundo podiam ser utilizadas novamente.”

Hoje em dia, as igrejas, os tribunais, a administração das finanças, as fábricas são instituições rigorosamente independentes entre si. Em Ur era diferente. O recinto sagrado, a circunscrição do templo, não era dedicada exclusivamente ao culto dos deuses. Além dos atos do culto, os sacerdotes desempenhavam muitas outras funções. Foras as oferendas, recebiam os dízimos e os impostos. E isso não se fazia sem o devido registro. Cada entrega era anotada em tabuinhas de barro — certamente os primeiros recibos de impostos de que se tem conhecimento. Sacerdotes escribas englobavam essa coleta de impostos em

memorandos semanais, mensais e anuais.

Ainda não se conhecia o dinheiro cunhado. Os impostos eram pagos em espécie: cada habitante de Ur pagava à sua maneira. O azeite, os cereais, as frutas, a lã e o gado iam para vastos depósitos; os artigos de fácil deterioração eram guardados em estabelecimentos comerciais existentes no templo. Muitas mercadorias eram beneficiadas no próprio templo, como nas tecelagens dirigidas por sacerdotes. Uma oficina produzia doze espécies de vestes. Nas tabuinhas ali encontradas estavam anotados os nomes das tecelãs empregadas e os meios de subsistência conferidos a cada uma. Até o peso de lã confiado a cada operária e o número de peças de roupa prontas que daí resultava eram registrados com minuciosa precisão. No edifício de um tribunal foram encontradas, cuidadosamente empilhadas, cópias de sentenças, tal como se faz em nossos tribunais de hoje.

Havia já três invernos que a expedição anglo-americana trabalhava nos sítios da velha Ur, e esse singular museu da história primitiva da humanidade ainda não havia revelado todos os seus segredos. Fora do recinto do templo os exploradores experimentaram uma surpresa inaudita. Ao limparem uma série de colinas ao sul da torre escalonada, surgiram de repente diante de seus olhos paredes, muros e fachadas dispostas umas ao lado das outras, fila após fila. Pouco a pouco, as pás puseram a descoberto na areia um compacto quadrado de casas cujas ruínas mediam ainda em algumas partes três metros de altura. Entre elas passavam estreitas ruelas. Em alguns trechos, as ruas eram interrompidas por praças. Após muitas semanas de trabalho árduo e remoção de inúmeras toneladas de cascalho, apresentou-se aos escavadores um quadro inesquecível. Sob o avermelhado Tell al Muqayyar estendia-se ao sol brilhante toda uma cidade, despertada pelos incansáveis pesquisadores após um sono de milênios! Woolley e seus colaboradores ficaram fora de si de alegria. Pois diante deles estava Ur, aquela *Ur dos caldeus* de que falava a Bíblia!

E como seus habitantes moravam confortavelmente! Como eram vistosas as suas casas! Em nenhuma outra cidade da Mesopotâmia foram descobertas habitações tão esplêndidas e confortáveis. Comparadas a elas, as habitações que se conservaram da Babilônia parecem pobres, miseráveis mesmo. O Prof. Koldewey, nas escavações alemãs realizadas no princípio deste século, só encontrou construções simples de barro, de um andar, com três ou quatro cômodos, em volta de um pátio aberto. Assim vivia também a população da tão admirada e louvada metrópole do grande babilônio Nabucodonosor. Os cidadãos de Ur, ao contrário, já mil e quinhentos anos antes viviam em construções maciças em forma de vilas, a maioria de dois andares, com treze a catorze cômodos. O andar inferior era sólido, construído de tijolos cozidos no forno; o de cima, de barro, as paredes caiadas de branco.

O visitante transpunha a porta e entrava num pequeno vestibulo, onde havia

pias para lavar a poeira das mãos e dos pés. Daí passava ao grande e claro pátio interior, cujo chão era lindamente pavimentado. Em volta dele se agrupavam a sala de visitas, a cozinha, as demais salas e quartos também para os criados e o santuário doméstico. Por uma escada de pedra, sob a qual se escondia a privada, subia-se a uma antecâmara circular para onde abriam os quartos dos membros da família e dos hóspedes.

Sob muros e paredes demolidos reapareceu à luz do dia tudo o que havia integrado as mobílias e a vida naquelas casas aristocráticas. Inúmeros fragmentos de potes, cântaros, vasos e tabuinhas de barro com inscrições foram compondo um mosaico pelo qual foi possível reconstruir pedrinha a pedrinha a vida cotidiana de Ur. A *Ur dos caldeus* era uma capital poderosa, próspera, colorida e industriosa no começo do segundo milênio antes de Cristo.

Woolley não conseguia livrar-se de um pensamento que lhe ocorrera.

Abraão devia ter saído da *Ur dos caldeus*... Portanto, devia ter vindo ao mundo e crescido numa daquelas casas aristocráticas de dois andares. Devia ter passeado junto aos muros do grande templo e pelas ruas, e, levantando a vista, seu olhar devia ter encontrado a gigantesca torre escalonada com seus cubos pretos, vermelhos e azuis circundados de árvores. “Vendo em que ambiente requintado passou a juventude, devemos modificar nossa concepção do patriarca hebreu”, escreveu Woolley com entusiasmo. “Foi cidadão de uma grande cidade e herdou a tradição de uma civilização antiga e altamente organizada. As próprias casas denunciavam conforto, até mesmo luxo. Encontramos cópias de hinos relativos ao culto do templo e, juntamente com eles, tabelas matemáticas. Nessas tabelas havia, ao lado de simples problemas de adição, fórmulas para a extração das raízes quadrada e cúbica. Em outros textos, os escribas haviam copiado as inscrições dos edifícios da cidade e compilado até uma resumida história do templo!”

Abraão não era um simples nômade: era filho de uma metrópole do segundo milênio antes de Cristo.

Foi uma descoberta sensacional, aparentemente incrível! Jornais e revistas publicaram fotografias da velha e desmantelada torre escalonada e das ruínas da metrópole desenterrada, que produziram tremenda impressão. Um desenho surpreendente trazia a seguinte legenda: “Casa do tempo de

Abraão”. Woolley havia encomendado esse desenho a um artista. Era uma reconstituição fiel à realidade segundo os achados. No pavimento quadriculado do pátio interior, viam-se duas altas bilhas; uma balaustrada de madeira, no andar de cima, separava os quartos do pátio. A tradicional e querida imagem de Abraão como patriarca, rodeado de sua prole e de seus rebanhos, tal como a tinham figurado gerações após gerações, ter-se-ia tornado subitamente falsa?

A concepção de Woolley não ficou sem contestação. Não tardou

que teólogos e até mesmo arqueólogos comessem a criticá-la.

Em favor da opinião de Woolley falava o versículo 31 do 11.º capítulo do Gênese: *Tomou, pois, Terah a seu filho Abraão e a Lot... e fê-los sair da Ur dos caldeus*. Mas também há passagens bíblicas que mencionam outro lugar: quando Abraão manda seu servo mais antigo de Canaã à cidade de Nacor buscar uma esposa para seu filho Isaac, chama a essa Nacor *minha terra* (Gênese 24.4, etc.) e *casa de meu pai e terra do meu nascimento* (Gênese 24.7). Nacor estava situada no norte da Mesopotâmia. Depois da conquista da Terra Prometida, assim falou Josué ao povo reunido: *Vossos pais, Terah, pai de Abraão e de Nacor, habitaram desde o princípio na banda de além do rio* (Josué 24.2). Aqui, como em outras passagens da Bíblia, o “rio” é o Eufrates. A cidade de Ur foi desenterrada na margem direita do Eufrates. Vista de Canaã, ela fica aquém e não além do grande rio. Teria Woolley sido precipitado em suas conclusões? Que fornecera de positivo a expedição? Onde estava a prova de que Terah e seu filho Abraão eram de Ur, de que eram habitantes da cidade?

“A primitiva viagem da Ur dos caldeus para Harã não encontrou, tirando a descoberta da própria cidade, nenhuma confirmação arqueológica”, declara William F. Albright, professor da Universidade John Hopkins, de Baltimore. E esse erudito, que é também explorador de renome e considerado grande conhecedor da arqueologia da Palestina e do Oriente Próximo, acrescenta: “E o fato notável de os tradutores gregos nunca mencionarem Ur e sim a ‘terra (dos caldeus)’ podia significar que a transferência da pátria de Abraão para Ur era coisa secundária e não conhecida geralmente no terceiro milênio antes de Cristo.”

Com Ur surgiu das sombras do passado a capital dos sumérios, um dos mais antigos povos da Mesopotâmia. Os sumérios, isso nós sabemos, não eram semitas como os hebreus. Quando, por volta do ano 2000 a.C., começou a grande invasão de nômades semitas do deserto da Arábia, os invasores se detiveram ao sul, primeiro em Ur, com suas extensas plantações e canais. É possível que a recordação daquela grande expedição às terras do Crescente Fértil, em que Ur também foi tocada, ficasse gravada na Bíblia. Pesquisas sérias e, sobretudo, escavações nas duas últimas décadas demonstraram, quase com certeza, que Abraão não podia ter sido, em tempo algum, cidadão da metrópole sumeriana. Isso contraria inteiramente a imagem que o Velho Testamento nos transmitiu sobre a vida do pai dos patriarcas: Abraão vive na sua tenda, segue com seus rebanhos de pastagem em pastagem, de fonte para fonte. Não vive como habitante de uma grande metrópole — leva a vida típica dos nômades!

Muito mais ao norte do Crescente Fértil surgirá de repente da obscuridade mítica a história dos patriarcas da Bíblia em seu ambiente histórico.

É desenterrado o dilúvio

Os túmulos reais dos sumérios — Uma camada de lodo misteriosa — Vestígios do dilúvio sob a areia do deserto — Uma inundação catastrófica por volta de 4000 a.C.

E o Senhor disse-lhe (a Noé): entra na arca tu e toda a tua casa, porque, daqui a sete dias, farei chover sobre a terra durante quarenta dias e quarenta noites; e exterminarei da superfície da terra todos os seres que fiz. E, passados os sete dias, caíram sobre a terra as águas do dilúvio (Gênese 7.1, 4, 10).

Quando ouvimos a palavra “dilúvio”, pensamos quase imediatamente na Bíblia e na história da arca de Noé. Essa história maravilhosa do Velho Testamento viajou com o cristianismo através do mundo. E assim se tornou a tradição mais conhecida do dilúvio, embora não seja de modo algum a única. Nos povos de todas as raças existem diferentes tradições de uma inundação imensa e catastrófica. Os gregos contavam a lenda do dilúvio de Deucalião; já muito antes de Colombo, corriam entre os primitivos habitantes do continente americano numerosas histórias a respeito de uma grande inundação. Na Austrália, na Índia, na Polinésia, no Tibete, em Caxemira, na Lituânia, há histórias de uma grande inundação que vêm sendo transmitidas de geração a geração até nossos dias. Serão todas mitos, lendas, produtos da imaginação?

É bem provável que todas elas reflitam a mesma catástrofe universal.

Mas esse formidável acontecimento deve ter ocorrido num tempo em que já havia seres pensantes que o presenciaram e lhe sobreviveram, podendo transmitir a notícia às gerações futuras. Os geólogos julgavam poder solucionar o velho enigma com o auxílio de sua ciência, apontando como causa a alternância de épocas de calor e períodos glaciários que assinalaram a evolução da Terra. Por quatro vezes subiu o nível dos mares quando começavam a derreter-se as tremendas camadas de gelo que cobriam os continentes, em alguns lugares com muitos milhares de metros de espessura. As águas de novo desencadeadas mudavam o aspecto da paisagem, inundavam litorais e vales profundos, exterminando homens, animais e plantas. Em suma, todas as tentativas de explicação terminavam em especulações e hipóteses. Mas conjecturas são o que menos interessa ao historiador. Ele exige sempre uma demonstração clara e material. E essa não existia; nenhum cientista, qualquer que fosse a sua especialidade, pudera dá-la. E a verdade é que foi por puro acaso — isto é, graças às escavações que visavam algo completamente diferente — que se apresentou a prova inofismável da existência do dilúvio. E isso aconteceu num sítio que nós já conhecemos: as escavações realizadas em Ur!

Havia já seis anos que os arqueólogos americanos e ingleses estudavam o terreno junto ao Tell al Muqayyar, que nessa época dava a impressão de uma obra colossal. Quando o trem de Bagdá se detinha nesse local por um instante, os viajantes olhavam com espanto para os gigantescos montes de areia retirada. Trens inteiros de terra eram removidos, examinados cuidadosamente, passados na peneira; lixo milenar era manejado como se se tratasse de valioso tesouro. A atividade, os cuidados, as fadigas e o zelo de seis anos produziram uma colheita prodigiosa. Aos templos sumérios com armazéns, fábricas e tribunais, às ricas habitações dos cidadãos, seguiram-se, de 1926 a 1928, achados de tal brilho e esplendor que obscureceram tudo o que se conseguira até então. Refiro-me aos “túmulos reais de Ur”, como batizou Woolley, na exultação da descoberta, os túmulos de sumérios notáveis cujo esplendor verdadeiramente régio foi revelado num monte de entulho de quinze metros de altura. Esse monte de entulho ficava ao sul do templo, e os túmulos estavam dispostos numa longa fila, uns ao lado dos outros. As câmaras tumulares de pedra eram verdadeiros tesouros: estavam cheias de todas as preciosidades de Ur. Taças e copos de ouro, bilhas e vasos de formas maravilhosas, utensílios de bronze, mosaicos de madrepérola, lápis lazúli e prata rodeavam os mortos reduzidos a pó. Encostadas às paredes havia harpas e liras. Um moço, “herói da terra de Deus”, pois assim era intitulado por uma inscrição, tinha na cabeça um elmo de ouro. Um pente de ouro, ornado de flores de lápis-lazúli, enfeitava o cabelo da bela suméria Puabi, a “Lady Shubad”, como a chamaram os ingleses. Coisas mais belas não haviam sido encontradas nem mesmo nas famosas câmaras mortuárias de Nefertiti e Tutancâmon. E, contudo, os túmulos reais de Ur eram mil anos mais antigos do que aquelas!

Mas, a par das riquezas, os túmulos reais reservavam outro espetáculo sinistro e impressionante para os homens de nosso tempo — uma cena que não podemos considerar sem um ligeiro calafrio. Nas câmaras mortuárias foram encontradas pares de animais de tiro, os esqueletos ainda atrelados aos grandes carros carregados de artísticos utensílios domésticos. Era evidente que todo o cortejo fúnebre seguira os defuntos notáveis à morte, como deixavam perceber os esqueletos que os cercavam, com vestidos de festa e ornados de jóias. Vinte continha o túmulo da bela Puabi, e outras criptas continham até setenta esqueletos. Que teria acontecido ali em épocas passadas? Não havia o menor indicio de que aquela gente tivesse sofrido morte violenta. Tudo indicava que eles haviam acompanhado os defuntos à cripta em solene cortejo, com carros cheios de tesouros puxados por animais. E, enquanto pelo lado de fora o túmulo era emparedado, lá dentro eles oravam, pedindo o último repouso para o senhor morto. Depois tomavam uma droga, reuniam-se pela última vez em volta dele e morriam voluntariamente... a fim de poderem servi-lo também na outra vida!

Durante dois séculos, os habitantes de Ur haviam depositado seus homens notáveis naqueles túmulos. Com a abertura da mais profunda e última câmara tumular, os pesquisadores do século XX decidiram continuar com as escavações.

Com a chegada do verão de 1929, aproximava-se do fim a sexta campanha de escavação no Tell al Muqayyar. Woolley pôs mais uma vez seus auxiliares nativos a trabalhar no monte dos “túmulos reais”. Não podia descansar, queria ter certeza se a terra sob o túmulo real mais profundo poderia oferecer descobertas durante o novo período de escavações.

Depois de retirados os alicerces do túmulo; algumas centenas de golpes de pá revelaram que embaixo havia mais camadas de entulho. A que profundidade do passado chegariam aqueles mudos cronômetros?

Quando surgiria, debaixo daquela colina, a primeira povoação assente em solo virgem? Era isso o que Woolley queria saber! Lentamente, com muito cuidado, a fim de ter certeza, mandou abrir poços e ficou ali para examinar as camadas extraídas. “Quase imediatamente se fizeram descobertas que confirmaram nossas suposições”, escreve ele mais tarde em seu relatório.

“Sob o pavimento dos túmulos reais foram encontradas, numa camada de cinzas de madeira, numerosas tabuinhas de terracota cobertas de inscrições dum tipo muito mais antigo que as encontradas nos túmulos. A julgar pela escrita, as tabuinhas poderiam ser situadas mais ou menos no século XXX a.C. Deviam ser, pois, uns duzentos ou trezentos anos mais antigas do que os túmulos.”

À medida que se aprofundavam os poços, apareciam novas camadas com cacos de cântaros, potes, tigelas. O fato de a cerâmica continuar extraordinariamente inalterada chamou a atenção dos exploradores. Parecia ser exatamente igual às peças encontradas nos túmulos reais. Donde se concluía que, durante muitos séculos, a civilização dos sumérios não sofrera modificações dignas de nota. Devia ter atingido um alto grau de desenvolvimento em tempos muitíssimo remotos.

Quando, depois de muitos dias, um dos trabalhadores gritou para Woolley que haviam chegado ao fundo, ele desceu lá pessoalmente para se certificar. Com efeito, ali terminava bruscamente todo e qualquer vestígio humano. No solo intacto, repousavam os últimos fragmentos de utensílios domésticos; aqui e ali havia vestígios de fogo. “Finalmente!”, pensou Woolley. Com cuidado, examinou o solo do fundo do poço e viu que era limo, puro limo do tipo que só se formava pela sedimentação na água!

Limo naquele lugar? Woolley procurou uma explicação. Só podia ser areia de rio, uma acumulação de aluviões do Eufrates em outras eras. Aquela camada devia ter-se formado quando o grande rio estava avançando seu delta mais para o interior do golfo Pérsico. Até hoje continua esse avanço da foz do rio para o golfo, onde a nova terra se estende cerca de vinte e cinco metros a cada ano mar adentro. Quando Ur estava em seu apogeu, o rio Eufrates passava tão perto dela

que a grande torre escalonada se espelhava nas suas águas, e do alto do seu santuário devia avistar-se o golfo Pérsico. As primeiras habitações deviam ter sido construídas sobre o limo do antigo delta.

Medidas realizadas no terreno e cálculos feitos com mais cuidado levaram Woolley a um resultado completamente diverso e a nova conclusão.

“Vi que estávamos num nível muito alto. Era difícil de aceitar que a ilha sobre a qual fora construída a primeira povoação se elevasse tanto acima da várzea.”

O fundo do poço, onde começava a camada de limo, ficava muitos metros acima do nível do rio. Não podia ser, portanto, aluvião do Eufrates. Que significava, pois, aquela extraordinária camada de limo? Como se formara? Nenhum dos seus colaboradores conseguiu dar uma resposta conclusiva. Continuaram, pois, aprofundando o poço. Superexcitado, Woolley observava, enquanto cesta após cesta ia saindo da escavação e o conteúdo era imediatamente examinado. As pás continuaram cavando, um metro, dois metros... era ainda puro limo. A cerca de três metros de profundidade, a camada de limo terminou tão bruscamente como havia começado. Que viria a seguir?

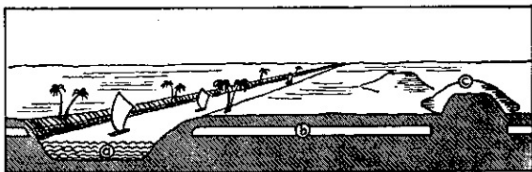


Figura 3 - Vestígios de limo da grande inundação ocorrida por volta de 4000 a.C.; a. Leito do Eufrates; b. Camada de limo da inundação; c. Colinas que se erguiam acima da inundação.

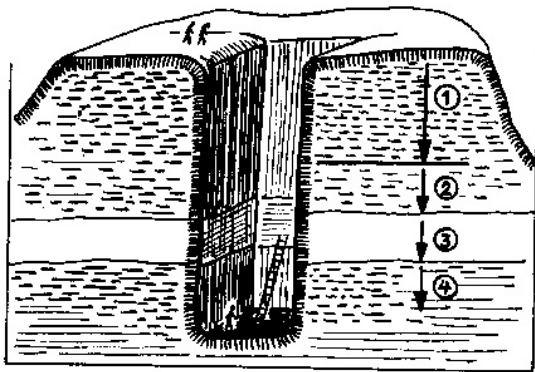


Figura 4 - Poço mostrando a camada de limo do dilúvio em Ur. 1. Sepulturas de reis; 2. Vasilhas de barro feitas no torno; 3. Camada de limo (3 metros); 4. Vasilhas antediluvianas.

As cestas que apareceram à luz do dia, a seguir, deram uma resposta que nenhum daqueles homens podia ter imaginado. Não podiam acreditar no que viam. Esperavam terra virgem, mas o que lhes aparecia ali sob o sol implacável era novo entulho, depois mais entulho, detritos de outrora, e, entre eles, numerosos cacos de barro. Sob uma camada de quase três metros de puro limo, topavam de novo com restos de habitações humanas.

Mas tanto o aspecto como a técnica da cerâmica haviam mudado notavelmente. Acima da camada de limo, havia bilhas e escudelas evidentemente feitas no torno; aquelas, ao contrário, eram ainda modeladas à mão. Por mais que fosse peneirado com cuidado o conteúdo das cestas, sob a crescente expectativa dos homens, não se descobriram restos de metal em parte alguma. A ferramenta primitiva que apareceu consistia em sílex polido. Devia ser da Idade da Pedra!

Naquele dia, um telégrafo da Mesopotâmia transmitia para o mundo a mais extraordinária notícia que ouvidos humanos já ouviram: “Descobrimos o dilúvio!” A tremenda descoberta realizada em Ur ocupou as manchetes da imprensa dos Estados Unidos e da Inglaterra.

O *dilúvio* — essa era a única explicação possível para a enorme jazida de lama sob a colina de Ur que separava nitidamente duas épocas humanas. O mar havia deixado aí seus vestígios incontestáveis sob a forma de restos de pequenos animais marinhos. Woolley quis ter certeza o mais depressa possível. Podia ser que um acaso — se bem que improvável — tivesse iludido a ele e aos seus colaboradores. Mandou escavar um poço a uns trezentos metros do primeiro.

As pás puseram a descoberto o mesmo perfil: cacos de olaria, camadas de limo, restos de objetos de barro moldados à mão.

A fim de afastar toda e qualquer dúvida, mandou finalmente escavar ainda outro poço na massa de escombros, num lugar onde as habitações humanas se erguiam sobre uma colina natural; portanto, em camadas situadas acima do depósito de limo. A uma profundidade mais ou menos igual àquela em que nos dois outros poços acabavam de repente as vasilhas feitas no torno, aí também deixaram de aparecer. Imediatamente abaixo, seguiam-se vasilhas feitas à mão... exatamente como Woolley imaginara e havia esperado. Somente aí faltava, naturalmente, a camada de limo divisória. “Cerca de cinco metros abaixo de um pavimento de tijolos”, observa Woolley, “a que podíamos atribuir com relativa segurança a data de 2700 anos a.C., encontramos as ruínas daquela Ur que existira antes do dilúvio.”

Até onde se estenderia a camada de limo? Que regiões teriam sido abrangidas pela catástrofe? Uma pesquisa regular dos vestígios da grande inundação está sendo levada a efeito atualmente, em outros sítios no sul da Mesopotâmia. Outros arqueólogos descobriram em Kish, ao nordeste da antiga Babilônia, onde o Eufrates e o Tigre, fazendo grandes curvas, se aproximam um do outro, um novo e importante ponto de referência. Em dado momento, toparam com uma camada de terreno de aluvião, se bem que aí tenha apenas meio metro de espessura. Por meio de sondagens, consegue-se estabelecer a extensão geral da enorme inundação. Segundo Woolley, a catástrofe cobriu, ao nordeste do golfo Pérsico, uma extensão de seiscentos e trinta quilômetros de comprimento por cento e sessenta de largura. Visto no mapa, foi apenas um “acontecimento local”, como diríamos hoje... mas para os habitantes daquelas bacias, essa região era todo o seu mundo.

Após inúmeras pesquisas e tentativas de interpretação sem resultados concretos, havia muito que se tinha abandonado a esperança de solucionar o grande mistério do *dilúvio*, que parecia recuar para épocas remotíssimas, insondáveis para o homem. Então, eis que o trabalho incansável e seguro de Woolley e de seus colaboradores produzia para os cientistas um resultado espantoso: não só fora descoberta uma imensa e catastrófica inundação que lembrava o dilúvio da Bíblia, freqüentemente considerado pelos céticos como lenda ou fantasia, mas agora se apresentava como acontecimento ocorrido numa época histórica determinável.

Ao pé da velha torre escalonada dos sumérios, em Ur, no baixo Eufrates, podia-se descer por uma escada ao fundo de um estreito poço e ver e apalpar os restos de uma imensa inundação — uma camada *de* limo de quase três metros de espessura. E, pela idade das camadas que indicavam estabelecimentos humanos e nas quais se podia ler o tempo como num calendário, podia-se também determinar quando ocorrera essa inundação.

Ocorreu por volta de 4000 a.C.!

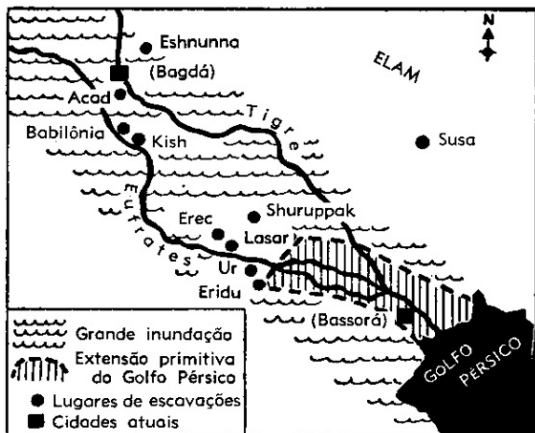


Figura 5 - A extensão da inundação na Mesopotâmia

Obviamente, na época de Woolley, a tendência de atribuir interpretações dramáticas a resultados de escavações arqueológicas era bem mais acentuada do que hoje, visto que, pouco depois de Woolley, outro arqueólogo, Stephen Langdon, anunciou que ele, por sua vez, teria encontrado em Kish (portanto, na Babilônia) “o vestígio material do dilúvio”, no que foi amplamente apoiado pela imprensa. Todavia, o azar de Langdon, ou também de Woolley, foi o de não coincidirem as datações das duas catástrofes de inundação. Qual dos “dilúvios” era, então, o legítimo, o bíblico?

Woolley protestou energeticamente contra as pretensões de descoberta levantadas por Langdon, e houve acalorados debates que, no entanto, não incomodaram alguns autores, como Sir Charles Marston, os quais opinaram que tanto Woolley quanto Langdon teriam descoberto, simultaneamente, “os sedimentos oriundos do grande dilúvio”.

Entrementes, os ânimos amainaram e prevaleceu o raciocínio sóbrio, objetivo. Os pareceres críticos dos cientistas permitem deduzir quatro pontos principais:

— Dos cinco poços abertos por Woolley, somente dois apresentaram a camada de limo do dilúvio;

— Em Ur, a inundação não provocou o abandono das habitações; ela não deixou sequer uma lacuna demográfica;

— Embora vestígios do dilúvio fossem encontrados também em outros sítios na Mesopotâmia, como, por exemplo, em Kish, conforme mencionado acima, bem como em Fara (Shuruppak) Nínive e Uruk, deixaram de ser localizados nos pontos onde deveriam existir, caso em alguma época toda a Mesopotâmia tivesse sido inundada;

— Há igualmente discrepâncias quanto à localização no tempo, em parte consideráveis, entre os vestígios do dilúvio trazidos à luz do dia nos diversos sítios de escavação, datados de períodos bem diversos, por vezes separados por séculos.

Em outras palavras, evidentemente, o “dilúvio” de Woolley não tinha importância suficiente para ser considerado o “dilúvio” bíblico, a não ser pela suposição de que uma das catastróficas inundações arqueologicamente comprovadas na “terra entre os rios” tivesse atingido os habitantes da Mesopotâmia contemporânea, a ponto de, com forte dose de exagero, dar origem à tradição do cataclismo que aniquilou toda a humanidade. É lógico que isso não passa de mera conjectura, continuando por enquanto “sem elucidação arqueológica” a inundação em proporções inimagináveis, conforme a descrita pela Bíblia. Assim, continua também em aberto a pergunta: se todos os diversos relatos do “dilúvio”, existentes praticamente em toda parte ao redor do globo, descrevem somente uma experiência primária, coincidente, do homem com o fenômeno do “dilúvio”, e então todos os relatos da catástrofe pertinentes e tradicionais teriam sido meramente englobados, ou seja, inflados por várias descrições da “maior de todas as inundações”, ou se, por outro lado, não se trataria de tradições muito mais antigas, datadas de milênios *antes* do dilúvio de Ur descoberto por Woolley, recuando no tempo até as etapas glaciais, quando as gigantescas geleiras se derreteram, os oceanos do mundo subiram duzentos metros e estabeleceram-se definitivamente os limites hodiernos entre a terra firme e o mar. *Este* era um evento de consequências universais, capaz de explicar por que tantos povos conservaram as tradições do dilúvio. A seguir, falar-se-á de uma daquelas tradições do dilúvio em paralelo com as da Bíblia, e a qual, por sua vez, também procede exclusivamente das chamadas “terras bíblicas”.

Narrativa de inundação da antiga Babilônia

A epopéia de Gilgamesh — Doze tabuinhas de barro de Ninive — Uma epopéia antiqüíssima da biblioteca de Assurbanipal — Utnapistim, Noé dos sumérios? — O mistério do monte Ararat — Uma embarcação gigantesca numa geleira — Expedições para encontrar a arca bíblica

(Deus) disse a Noé:... Faze uma arca de madeiras aplainadas⁽¹⁾; farás na arca uns pequenos quartos, e calafetá-la-ás... (Gênese 6.14).

No princípio do século, muito antes da descoberta de Ur por Woolley, um achado de grande repercussão provocou vivas discussões sobre a Sagrada Escritura.

Das trevas do antigo Oriente viera à luz uma antiqüíssima e misteriosa narrativa: era uma epopéia de trezentas estrofes, gravada em doze maciças tabuinhas de barro, cantando as aventuras maravilhosas do lendário Rei Gilgamesh.

De onde procedia essa grandiosa e extraordinária epopéia? No decorrer de escavações realizadas por volta do quinquagésimo ano do século passado por exploradores ingleses, haviam sido encontradas essas tabuinhas de barro, juntamente com cerca de outros vinte mil textos em barro, tudo perfeitamente ordenado, nas ruínas da Biblioteca de Ninive, considerada a mais famosa da Antiguidade. Foi construída pelo Rei Assurbanipal no século VII a.C., na antiga Ninive, numa posição elevada, à margem do Tigre. Hoje erguem-se do outro lado do rio as altas torres de petróleo de Mossul.

Um tesouro de valor incalculável que, devidamente acondicionado, partiu para a longa viagem de Ninive à Inglaterra e ao Museu Britânico. O seu valor, porém, só foi revelado decênios mais tarde, quando se tornou possível decifrar os textos. Na época, não havia ninguém no mundo que soubesse lê-los. Malgrado todos os esforços, as tabuinhas permaneciam mudas. Pouco antes de 1900, nas sóbrias salas do Museu Britânico, os velhos textos começaram a narrar de novo, após uma pausa de dois mil e quinhentos anos, um dos mais belos poemas do antigo Oriente, a cantar pela primeira vez para os assiriólogos a epopéia de Gilgamesh. Está escrito em acádio, a linguagem cortesã e diplomática do tempo do Rei Assurbanipal. Mas a forma que tinha quando se encontrava na Biblioteca de Ninive datava já de mil anos, do tempo do grande Rei Hamurabi, da Babilônia, como se evidenciou dentro em pouco com a descoberta de um segundo exemplar no sítio dessa metrópole situada às margens do Eufrates. Descobertas posteriores confirmaram a suposição de que a epopéia de Gilgamesh pertencia aos tesouros culturais de todas as grandes nações do antigo Oriente. Os hititas, da mesma forma que os egípcios, traduziram-na para a sua língua, e as tabuinhas com escrita cuneiforme encontradas em terras do Nilo apresentam vestígios claros de tinta vermelha nos lugares em que os escribas egípcios aparentemente encontraram dificuldades na tradução.

Um pequeno fragmento de barro esclareceu finalmente a origem da epopéia de Gilgamesh: o mundo deve sua redação primitiva aos sumérios, aquele povo cuja metrópole ocupava o sítio de Ur!

Gilgamesh, conta a inscrição cuneiforme da tabuinha XI da Biblioteca de Nínive, está decidido a assegurar sua imortalidade, e empreende uma longa e aventureira viagem a fim de encontrar seu antepassado Utnapistim, do qual espera saber o mistério da imortalidade, que os deuses lhe conferiram. Chegando à ilha em que vive Utnapistim, Gilgamesh interroga-o sobre o “mistério da vida”. Utnapistim conta-lhe que vivia em Shuruppake e era um fiel adorador do deus Ea. Quando os deuses tomaram a resolução de exterminar a humanidade por meio de uma inundação, Ea avisou seu adorador Utnapistim e deu-lhe a seguinte ordem:

“Homem de Shuruppak, filho de Ubarututu, / Destrói a tua casa / Constrói um navio / Abandona as riquezas / Despreza os haveres / Salva a vida! / Introduze toda a sorte de semente de vida no navio! / Do navio que deves construir / As medidas devem ser bem tomadas”.

Todos conhecemos a maravilhosa narrativa que vem a seguir. Pois o mesmo fato que se passou com Utnapistim a Bíblia nos conta a respeito de Noé.

“(Então) disse (Deus) a Noé:... Faze uma arca de madeiras aplainadas... E, de cada espécie de todos os animais, farás entrar na arca dois, macho e fêmea, para que vivam contigo. (Gênesse 6.13 e seguintes). A fim de facilitar a comparação, colocamos abaixo, o que narra Utnapistim sobre sua grande aventura e o que a Bíblia nos transmite sobre o dilúvio e sobre Noé.

Utnapistim constrói o navio segundo a ordem do deus Ea e diz:

No quinto dia tracei a sua forma.

Sua base media 12 iku(2),

suas paredes tinham cada uma dez gar(3) de altura,

dei-lhe seis andares,

dividi sua largura sete vezes,

dividi nove vezes o seu interior,

joguei no forno seis sar(4) de breu.

O comprimento da arca será de trezentos côvados, a largura de cinquenta côvados, e a altura de suas paredes tinham cada uma trinta côvados.(Gênesse 6.15)

...e farás nela um andar embaixo, um segundo e um terceiro andar. (Gênesse 6.16)

...farás na arca uns pequenos quartos. (Gênesse 6.14)

... e calafetá-la-ás com betume por dentro e por fora. (Gênesse 6.14)

Quando Utnapistim termina a construção do navio, dá uma grande festa. Mata reses e carneiros para as pessoas que o tinham ajudado e obsequia-as “com mosto, cerveja, óleo e vinho em abundância, como se fosse água”. Depois prossegue:

Tudo o que eu tinha carreguei e toda a sorte de semente de vida.

Meti no navio toda a minha família e parentela:

Gado dos campos, animais dos campos, todos os artesãos...

todos carreguei.

Entrei no navio e fechei a porta.

Apenas começou a brilhar a luz da manhã, levantou-se do fundamento do céu uma nuvem negra.

A cólera de Adad chega até o céu: Toda a claridade se transforma em escuridão.

Noé entrou na arca com seus filhos, sua mulher e as mulheres de seus filhos por causa das águas do dilúvio. É também dos animais puros e impuros, e das aves, e de tudo o que se move sobre a terra, entraram na arca com Noé dois a dois, macho e fêmea, conforme o Senhor tinha mandado a Noé. (Gênese 7.7,9)

E o Senhor aí o fechou por fora. (Gênese 7.16)

E, passados os sete dias, caíram sobre a terra as águas do dilúvio... romperam-se todas as fontes do abismo e abriram-se as cataratas do céu. (Gênese 7.10, 11)

Os deuses da Mesopotâmia enchem-se de terror ante a inundação e fogem para o céu mais alto do deus Anu. Antes de entrarem lá, “agacham-se como cães”. Estão aflitos e abalados pela catástrofe e protestam humilhados e chorosos.

Uma descrição digna de um Homero!

Mas a tempestade prossegue, implacável:

Seis dias e seis noites,
sopra o vento, o dilúvio,
a tempestade do sul
assola a terra.

Quando chegou o sétimo dia, a
tempestade do sul, o dilúvio,
foi abatida em combate,
que ela como um exército havia
sustentado.

O mar se acalma e fica imóvel,
cessa a tormenta, cessa o dilúvio.
E toda a humanidade estava
transformada em lodo,
E o chão ficou semelhante a um
telhado.

E veio o dilúvio sobre a terra durante quarenta dias. E as águas engrossaram prodigiosamente sobre a terra; e todos os mais elevados montes, que há sob todo o céu, ficaram cobertos. (Gênes 7.17 e 19)

Ora lembrou-se Deus de Noé... e fez soprar um vento sobre a terra, e as águas diminuíram. (Gênes 8.1)

fecharam-se as fontes do abismo e as cataratas do céu, e foram retiradas as chuvas do céu.

E as águas, agitadas de uma parte para outra, retiraram-se de cima da terra, e começaram a diminuir, depois de cento e cinquenta dias. (Gênes 8.2,3)

Toda a carne que se movia sobre a terra foi consumida... e todos os homens. (Gênes 8.21)

“E toda a humanidade estava transformada em lodo!” Utnapistim, o Noé dos sumérios, relata o que ele mesmo deve ter experimentado. Os babilônios, os assírios, os hititas e os egípcios, que leram ou contaram essas palavras uns aos outros, certamente não imaginavam, como os modernos assiriólogos que penosamente as decifraram das tabuinhas de escrita cuneiforme, que elas registram um acontecimento real.

Hoje sabemos que o verso 134 da tabuinha XI da epopéia de Gilgamesh deve reproduzir as palavras de uma testemunha ocular. Só uma pessoa que viu com os próprios olhos a desolação que resultou da catástrofe seria capaz de pintá-la de maneira tão tocante e precisa.

A grande camada de lodo, que cobriu todos os seres vivos como um sudário e que deixou a terra “semelhante a um telhado”, devia ter sido vista por alguém que escapara... e essa opinião é confirmada pela descrição precisa da tempestade. Utnapistim fala expressamente de uma tempestade do sul, o que corresponde exatamente à situação geográfica. O golfo Pérsico — o mar cujas águas a tempestade impeliu para a terra plana — fica ao sul das desembocaduras do Eufrates e do Tigre. Da mesma forma, Utnapistim descreve com exatidão, nos menores detalhes, os fenômenos meteorológicos de uma perturbação extraordinária da atmosfera. A aparição de nuvens negras e o rugir do trovão; o dia claro que de repente se transforma em noite; o mugir da tempestade do sul, que impele as águas na sua frente... um meteorologista reconhece aqui imediatamente a descrição de um ciclone em formação. A moderna

meteorologia sabe que as regiões costeiras, as ilhas do mar, mas sobretudo as bacias alagadas dos rios das zonas tropicais estão expostas a um tipo particular de maré envolvente e arrasadora, cujas causas muitas vezes são ciclones acompanhados de terremotos e chuvas torrenciais.

Nas costas da Flórida, no golfo do México e no Pacífico existe atualmente um serviço de meteorologia amplamente ramificado e provido de todo o equipamento técnico moderno. Mas mesmo um serviço moderno de previsão pouco poderia ter ajudado aos homens do sul da Mesopotâmia no ano 4000 a.C.. Por vezes, os ciclones assumem proporções de dilúvio. Temos um exemplo disso num passado recente.

No ano de 1876, um desses ciclones, acompanhado de tremendas tempestades, penetrou na baía de Bengala e tomou a direção da costa, à altura da foz do Ganges. Navios que se encontravam a trezentos quilômetros de distância do centro do ciclone tiveram os mastros destruídos. Junto à costa, quando a maré chegava ao nível mais baixo, as águas, ao se retirarem, foram colhidas pelas elevadas e compridas ondas do ciclone, formando uma vaga imensa que desabou sobre a região do Ganges, e as águas do mar atingiram mais de quinze metros de altura, avançando até grande distância terra adentro e cobrindo cento e quarenta e uma milhas quadradas de terra. Morreram duzentas e quinze pessoas.

Utnapistim conta ao impressionado Gilgamesh o que aconteceu depois que a catástrofe terminou:

Abri o respiradouro e a luz caiu no meu rosto. E, tendo passado quarenta dias, abriu Noé a janela, que tinha feito na arca. (Gênes 8.6)

O navio pousou no monte Nisir. O monte Nisir prendeu o navio e, no sétimo mês, no décimo sétimo dia [\(5\)](#) não o deixou flutuar. Parou a arca sobre o monte Ararat. (Gênes 8.4)

Os textos cuneiformes da antiga Babilônia descrevem com muita precisão o lugar em que se deve procurar o monte Nisir: entre o Tigre e o curso inferior do rio Zab, onde as cadeias de montanhas escarpadas e agrestes do Curdistão se erguem a pino da bacia plana do Tigre. O ponto de encalhe indicado corresponde perfeitamente ao curso que deve ter seguido a grande catástrofe procedente do sul. Utnapistim diz-nos que sua cidade natal era Shuruppak. Localizava-se perto da atual Farah, no meio das planícies aluviais onde o Tigre e o Eufrates se afastam um do outro fazendo grandes curvas. Uma maré alta do golfo Pérsico podia ter impellido o navio para a cordilheira do Curdistão!

Apesar das indicações precisas da epopéia de Gilgamesh, nunca os curiosos se mostraram interessados em procurar o monte Nisir, nem o lugar onde teria encalhado o gigantesco navio. Em compensação, o monte Ararat da tradição bíblica tem sido objeto de uma série de expedições.

O monte Ararat está situado na parte oriental da Turquia, próximo

à fronteira soviético-iraniana. Seu cume, coberto de neves perpétuas, eleva-se cinco mil cento e cinquenta e seis metros acima do nível do mar. As primeiras expedições ao monte Ararat aconteceram já no século passado, muitos anos antes que os arqueólogos começassem a escavar no solo da Mesopotâmia. O impulso que levou a essas expedições foi dado pela história de um pastor.

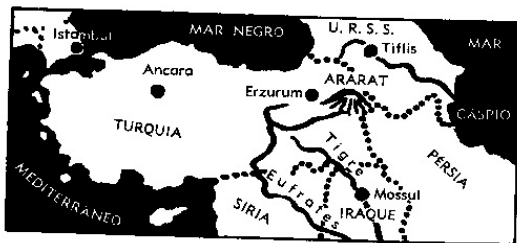


Figura 6 - O Ararat fica na confluência de três países: Turquia, Irã e URSS

Nas faldas do Ararat, existe uma aldeiazinha armênia chamada Bayzit, cujos habitantes contam há várias gerações a aventura extraordinária de um pastor das montanhas que um dia, no monte Ararat, teria visto um grande navio de madeira. A narrativa de uma expedição turca do ano de 1833 parecia confirmar a história do pastor. Essa narrativa fala expressamente da proa de um navio de madeira que no verão seria posta a descoberto na geleira do sul.

Depois teria sido vista pelo Dr. Nouri, arcediago de Jerusalém e Babilônia. Esse irrequieto dignitário eclesiástico empreendeu, em 1892, uma viagem de exploração às cabeceiras do Eufrates. Ao voltar, falou dos restos de um navio que vira no gelo perpétuo: “O interior estava cheio de neve; a parede exterior apresentava um tom vermelho-escuro”.

Durante a Primeira Guerra Mundial, um oficial de aviação russo chamado Roskovitzki informou ter avistado de seu avião, na encosta sul do Ararat, “os restos de um estranho navio”. Em plena guerra, o Czar Nicolau II expediu imediatamente um grupo para investigar. Esse grupo não só teria visto o navio, mas até tirado fotografias dele. Parece, entretanto, que todas as provas desapareceram durante a Revolução de Outubro.

Durante a Segunda Guerra Mundial, várias pessoas informaram terem visto a arca do ar: um piloto russo e quatro aviadores americanos. As últimas notícias fizeram entrar em campo o historiador e missionário americano, Dr. Aaron

Smith, de Greensborough, perito em dilúvio. Após longos anos de trabalho, conseguiu compilar uma história literária sobre a arca de Noé. Existem oitenta mil obras, em setenta e duas línguas, sobre o dilúvio, sete mil das quais mencionam o lendário casco do Ararat. Em 1951, com quarenta companheiros; o Dr. Smith percorreu em vão a calota de gelo do Ararat durante doze dias. “Embora não tenhamos encontrado vestígio algum da arca de Noé”, declarou mais tarde, “minha confiança na descrição bíblica do dilúvio reforçou-se ainda mais. Voltaremos lá.”

Animado pelo Dr. Smith, o jovem explorador francês da Groenlândia, Jean de Riquer, subiu ao monte vulcânico em 1952. Também ele voltou sem resultados de qualquer espécie sobre a arca. Não obstante, continuamente estão sendo organizadas novas expedições ao monte Ararat. Nenhuma tradição sobre os tempos primitivos da Mesopotâmia concorda tão de perto com a Bíblia como a história da inundação descrita na epopéia de Gilgamesh. Em alguns trechos, há uma consonância quase literal. Existe, porém, uma diferença significativa e essencialíssima. Na história do Gênese, tão familiar para nós, trata-se de um Deus único. Desapareceu a idéia grotesca, fantástica e primitiva de um céu superpovoado de divindades, muitas das quais apresentam características demasiado humanas, divindades que choram e se lamentam, e se assustam e se encolhem como cães.

O problema com todas as tradições supracitadas do dilúvio está justamente na tendência pouco feliz de o homem acreditar naquilo em que gostaria de crer. Essa mentalidade vem à tona de maneira bem acentuada na busca da arca no cume do monte Agri Dagı, que se eleva a cinco mil cento e sessenta e cinco metros acima do nível do mar, situado na fronteira entre a Turquia e a URSS. Segundo a Bíblia (Gênese 8.4), lá teria aportado a arca de Noé. A rigor, a indicação não é tão inequívoca como parece ser, pois a Bíblia fala somente nos “montes de Ararat”, quando “Ararat” é apenas a designação do antigo país de Urartu, o que, *grosso modo*, corresponde à Armênia moderna. A epopéia de Gilgamesh menciona ainda o “monte Nisir” como local do aportamento da arca; por sua vez, Beroso, sacerdote babilônico da época do helenismo, em sua obra *Antigüidades babilônicas*, introduz nos debates mais outro local, as “montanhas de Cordiêia”. A título de mais outro candidato à honra de servir de ponto de ancoragem para a arca de Noé, surgiu um monte na Frígia, Ásia Menor, perto da cidade de Celaenae, lendária desde a Antiguidade, e, por fim, os maometanos preferem localizar o sítio do aportamento da arca mais ao sul do Agri Dagı, no monte Djudi, de cujo cume se tem ampla vista panorâmica da planície da “terra entre os rios”. Em todo caso, estão sobrando alguns montes de aportamento da arca de Noé.

Da mesma forma, tampouco foram convenientemente documentados os eventos ligados ao Agri Dagı, o monte do aportamento da arca da mencionada

tradição *cristã*. Para André Parrot, o mutismo é a única atitude a ser adotada pela literatura especializada diante das tentativas periódicas, e que a imprensa costuma divulgar sempre com grande alarde, de visualizar restos da arca bíblica naquelas altitudes, sob o gelo e a neve. Efetivamente, até hoje nenhum arqueólogo profissional participou daquelas tentativas de localizar a arca, e inexistem todo e qualquer esboço do local do achado cientificamente aproveitável; também não há dados sobre os métodos de busca empregados e as circunstâncias nas quais o achado foi feito, e muito menos uma documentação fotográfica. Isso não se deve ao fato de arqueólogos “profissionais” se recusarem a despendere os esforços necessários à escalada do monte Ararat (ou melhor, Agri Dag), mas antes ao aspecto financeiro da questão, visto que pesquisas arqueológicas sistemáticas em terreno tão difícil e acidentado como esse implicariam despesas enormes. E acontece que verbas de tal vulto geralmente são liberadas quando de fato podem ser antecipados achados de grande interesse científico e geral. Com o Ararat, tais achados são pouco prováveis, e assim, por enquanto, devemos dizer: desde que existe o monte de cinco mil cento e sessenta e cinco metros de altitude e desde que o homem povoa a Terra, nenhuma inundação do mundo, “cientificamente explorada”, subiu o bastante para levar àquelas alturas um objeto parecido com a arca bíblica. Por outro lado, no decorrer desse tempo, não houve na região do Ararat nenhuma elevação do solo, de proporções suficientemente espetaculares para permitir que a arca ali aportasse, talvez, em uma época quando o cume era menos alto que hoje. Logo, parecem ser inúteis as tentativas de procurar a arca no Agri Dag, e, segundo a opinião bastante abalizada de André Parrot, todas as expedições para o monte Ararat visam mais o alpinismo que a arqueologia.

Igualmente, não existiria madeira com “no mínimo cinco mil anos”, tirada do monte Ararat? Existe, sim; tal madeira foi recolhida e apresentada; afirmou-se até que era do Ararat. Porém, a datação não confere; noticiou-se que estaria baseada em “estimativas” de um instituto florestal de Madri; “um laboratório em Paris” teria datado aquela madeira de quatro mil quatrocentos e oitenta e quatro anos antes da época moderna, ao passo que um “instituto de pesquisas pré-históricas”, em Bordéus, teria somente comentado a “idade antiquíssima” do material analisado. Mas mesmo que, com um exame mais aprofundado desses dados, os respectivos institutos se revelassem sérios e seus pareceres, responsáveis e inatacáveis, cumpriria considerar o fato de as provas do material, retiradas do seu local de achado por pessoas inexperientes no assunto e levadas por grandes distâncias até os respectivos locais de destino, terem evidentemente sofrido alterações que influíram nos seus valores de medição, a ponto de nem mais ser possível fazer uma datação exata. Uma das expedições deixou até de reencontrar o primitivo local do achado da madeira em questão, mas em compensação encontrou madeira em outro sítio do Agri Dag, cuja idade foi

estimada em somente mil e trezentos a mil e setecentos anos. Esse resultado enquadra-se e muito bem na tese levantada por alguns cientistas, segundo a qual o Agri Dagi era considerado “monte santo”, devido a seu nexo tradicional com o relato bíblico do dilúvio; lá teriam existido abrigos para peregrinos ou cavernas habitadas por eremitas, datados de tempos cristãos.

Abraão viveu no reino de Mari

Um morto de pedra — O Tenente Cabane comunica um achado — Um tell da Síria recebe uma visita eminente — O Rei Lamgi-Mari apresenta-se — O Prof. Parrot descobre um império desconhecido — Palácio real com duzentas e sessenta salas e pátios — Vinte e três mil e seiscentas tabuinhas de barro que resistiram quatro mil anos — A polícia da estepe dá parte dos “benjamins” — A pátria de Rebeca era uma cidade florescente

Ora o Senhor disse a Abraão: sai da tua terra, e da tua parentela, e da casa de teu pai, e vem para a terra que eu te mostrar (Gênese 12.1).

A pátria de que a Bíblia fala aqui é Harã. Terah, seu filho Abraão, sua nora Sarai e seu neto Lot moravam juntos, está dito no Gênese 11.31. O que Harã significava ninguém sabia até um passado recente. Da sua história primitiva nada se conhecia. Todos os documentos da antiga Babilônia silenciam sobre a região do médio Eufrates — a “terra de entre os rios”, como é também chamada —, onde Harã estava situada.

Somente em 1933 um achado casual levou a realizar escavações que conduziram, também aqui, a uma grande e sensacional descoberta e, com isso, a conhecimentos novos que colocaram, de improviso, a bíblica Harã e a vida dos patriarcas num ambiente histórico.

Na linha entre Damasco e Mossul, no ponto em que atravessa o Eufrates, fica a desconhecida cidadezinha de Abu Kemal. Tendo a Síria, depois da Primeira Guerra Mundial, se tornado protetorado da França, aí estava estacionada uma guarnição francesa.

Na vasta bacia do Eufrates, em pleno verão de 1933, o calor era sufocante e paralisador. Quando o chamaram ao escritório, o Tenente Cabane, comandante da guarnição, imaginou tratar-se de uma nova disputa entre árabes que ele teria de resolver. Ele conhecia tudo aquilo à saciedade. Mas dessa vez parecia que a agitação tinha outro motivo. O que finalmente soube pelo intérprete foi o seguinte: umas pessoas estavam querendo enterrar um parente. Para isso, cavaram uma sepultura numa colina afastada, o Tell Hariri, e eis que haviam desenterrado um morto de pedra!

Quem sabe se não seria uma descoberta que interessaria ao Museu

de Alepo?, refletiu o Tenente Cabane. De qualquer modo, seria uma pequena variante na interminável monotonia daquele posto esquecido de Deus.

À tarde, quando o tempo refrescou um pouco, ele seguiu de automóvel para o Tell Hariri, que ficava quinze quilômetros ao norte de Abu Kemal, à margem do Eufrates. Os árabes conduziram-no a um declive onde, numa depressão do terreno, se encontrava a estátua quebrada que tanto havia excitado os ânimos no dia anterior. Cabane não era entendido no assunto, mas percebeu imediatamente que a figura de pedra devia ser muito antiga. No dia seguinte, ela foi transportada por soldados franceses para Abu Kemal. Nesse dia, a luz ficou acesa até depois da meia-noite no pequeno posto militar. Cabane redigiu um relatório detalhado sobre a descoberta para o seu competente comando, para Henry Seyrig, diretor do Museu de Antiguidades de Beirute, e para o Museu de Alepo.

Meses se passaram sem que nada acontecesse. A coisa parecia não ter importância ou ter sido esquecida. Finalmente, nos últimos dias de novembro chegou um telegrama do Museu do Louvre. Cabane não podia acreditar no que seus olhos viam, e lia e relia a extraordinária notícia. Dentro de alguns dias chegaria da França um hóspede eminente: o Prof. Parrot, conhecido arqueólogo, e, com ele, cientistas, arquitetos, assistentes e desenhistas.

No dia 14 de dezembro, o Tell Hariri parecia um formigueiro. Os arqueólogos haviam dado início ao seu trabalho de pesquisa. Primeiro, mediram toda a colina cuidadosamente, fotografaram-na até os mínimos detalhes, sondando-a com aparelhos de eco e analisando amostras do terreno. Esse trabalho tomou-lhes o resto de dezembro e as primeiras semanas do novo ano. Vinte e três de janeiro de 1934 foi o dia decisivo.

Numa cautelosa escavação efetuada na camada exterior do *tell*, surgiu entre os escombros uma graciosa figurinha com um texto gravado no ombro direito. Fascinados, os arqueólogos se inclinaram para examiná-la.

“Eu sou Lamgi-Mari... rei... de Mari... o grande Issaku... que sua...estátua... consagra... a Ishtar!”

A frase, traduzida da escrita cuneiforme pelo Prof. Parrot e pronunciada lentamente, palavra por palavra, reboou no silêncio do grupo. Para o professor e seus colaboradores, aquele seria um momento inesquecível. Uma cena quase fantástica e verdadeiramente singular na história da arqueologia, tão rica de surpresas e aventuras.

O soberano e rei saudara solenemente os estrangeiros da distante Paris e se apresentara... tal como se quisesse guiá-los cortesmente pelo seu reino de outrora, que jazia ainda debaixo dele, mergulhado em profundo sono, e sobre cujo esplendor e poderio eles não tinham ainda a menor idéia naquele momento.

Talhado em pedra, maravilhosamente cinzelado, tal se apresentou o Rei Lamgi-Mari diante de Parrot: uma figura de ombros largos e aspecto respeitável sobre um pedestal. Mas o rosto carecia daquela incrível altivez tão típica nas

imagens de outros soberanos do antigo Oriente, dos assírios, caracterizados por uma expressão feroz e má. O rei de Mari sorria. Não usava armas e tinha as mãos devotamente cruzadas. Vestia uma rica túnica ornada de franjas que lhe deixava um ombro descoberto, à maneira de toga. Raramente uma escavação era coroada de êxito na primeira tentativa.

Sob aquela colina devia jazer Mari, a cidade real.

Havia muito que os cientistas tinham conhecimentos da cidade real de Mari por várias inscrições antigas da Babilônia e da Assíria. Um texto chegava mesmo a declarar que Mari fora a décima cidade a ser fundada depois do dilúvio. Começara a grande ofensiva das enxadas ao Tell Hariri. Interrompidos por grandes pausas, os trabalhos se prolongaram de 1933 a 1939. Durante a maior parte do ano, tornava-se impossível qualquer atividade. Só nos meses chuvosos mais frescos, de meados de dezembro a fim de março, podia-se trabalhar.

As escavações no Tell Hariri proporcionaram uma verdadeira profusão de novas descobertas para um capítulo ainda desconhecido do antigo Oriente. Ninguém fazia ainda idéia da estreita relação que os achados de Mari tinham também com personagens bíblicas perfeitamente familiares para nós.

Ano após ano o relatório da expedição oferecia novas surpresas.

No inverno de 1933/34 foi desenterrado um templo de Ishtar, a deusa da fertilidade. Três dos reis devotos a Ishtar fizeram-se perpetuar sob a forma de estátuas no santuário revestido de mosaico de conchas brilhantes: Lamgi-Mari, Ebin-il e Idi-Narum.

No segundo período de escavações, as pás toparam com casas de uma cidade. Mari fora encontrada! Por grande que fosse a satisfação pelo êxito obtido, maior foi o interesse, e o assombro mesmo, despertado pelos muros de um palácio que devia ser de proporções bem fora do comum.

Parrot comunicou: “Já conseguimos desenterrar sessenta e nove salas e pátios. Ainda não se prevê o fim”. Cuidadosamente empilhadas em uma das salas, havia mil e seiscentas tabuinhas de barro com inscrições cuneiformes, contendo informes de natureza econômica.

O comunicado sobre os achados da campanha de 1935/36 informava que até então já se haviam descoberto cento e trinta e oito salas e pátios e que, não obstante, ainda não haviam sido alcançados os muros exteriores do palácio. Uma correspondência constituída por treze mil tabuinhas de barro aguardava decifração. Na quarta campanha, foram desenterrados um templo do deus Dagan e um zigurate, a torre escalonada típica da Mesopotâmia. No palácio, a essa altura, já se podiam ver duzentas e vinte salas e pátios, e mais oito mil tabuinhas de barro tinham ido fazer companhia às anteriores. Depois que, na quinta temporada de inverno, foram livradas do entulho mais quarenta salas, o palácio do rei de Mari apareceu finalmente em toda a sua grandeza aos olhos de Parrot e seus auxiliares. Essa construção gigantesca do terceiro milênio a.C.

ocupava uma superfície de cerca de quatro hectares! Era um conjunto de duzentas e sessenta salas e pátios!

Nunca, em nenhuma escavação anterior, viera à luz uma construção tão gigantesca e vasta. Só para transportar as tabuinhas com inscrições cuneiformes — vinte e três mil e seiscentos documentos — foram necessárias filas de caminhões. Com isso, a enorme quantidade de tabuinhas descoberta em Nínive passou para segundo plano, pois a famosa biblioteca do rei assírio Assurbanipal compreendia “apenas” vinte e três mil textos em barro.

Para se ter uma imagem clara do palácio de Mari, foi requisitado um avião. Voando baixo sobre o Tell Hariri, foram tiradas aquelas fotografias que, publicadas na França, causaram verdadeiro assombro e incredulidade. Esse palácio de Mari era, por volta do ano 2000 a.C., uma das maravilhas do mundo, a jóia da arquitetura do antigo Oriente. Viajantes de terras longínquas vinham para admirá-lo. “Eu vi Mari”, escreveu com entusiasmo um mercador de Ugarit, cidade marítima dos fenícios.

O último rei que ali residiu chamava-se Zimri-Lim. Por volta de 1700 a.C. os exércitos do famoso Hamurabi da Babilônia subjugaram o reino de Mari, no médio Eufrates, e destruíram a grande metrópole.

Sob as paredes e tetos derrubados estavam ainda os braseiros dos guerreiros babilônicos, os comandos incendiários que atearam fogo ao palácio.

Mas eles não conseguiram destruí-lo inteiramente. Permaneceram de pé muros de até cinco metros de altura. “E as instalações do palácio, nas cozinhas e salas de banho”, escreve o Prof. Parrot, “poderiam ser utilizadas ainda hoje, quatro mil anos depois de sua destruição, sem que exigissem qualquer reparo.” Nos quartos de banho foram encontradas as banheiras, nas cozinhas, as formas de pão e até carvões no forno!

A visão dessas majestosas ruínas constitui uma experiência impressionante. Uma única porta, ao norte, tornava mais fácil a vigilância e melhor a defesa. Depois de atravessar grande número de salas e pátios, chegava-se a um grande pátio interior banhado em luz. Era o centro da vida oficial e, ao mesmo tempo, da administração do reino. Numa sala contígua — suficientemente espaçosa para conter cem pessoas —, o soberano recebia seus funcionários, mensageiros e embaixadores. Vastos corredores conduziam aos aposentos particulares do rei.

Uma ala do palácio era dedicada exclusivamente às cerimônias religiosas. Aí estava também a sala do trono, à qual se chegava por uma esplêndida escadaria. Através de várias salas havia um extenso corredor por onde passava a procissão até o santuário da imagem sagrada da deusa mãe da fecundidade. Do vaso que tinha na mão jorrava continuamente a “água eterna da vida”.

Toda a corte vivia sob o teto do rei. Os ministros, os administradores, os secretários, os escribas tinham espaçosos alojamentos independentes. Havia um ministério do Exterior e um ministério do Comércio no grande palácio da

administração do reino de Mari. Mais de cem funcionários se ocupavam só em cuidar dos milhares de tabuinhas expedidas e recebidas pelo correio do governo.

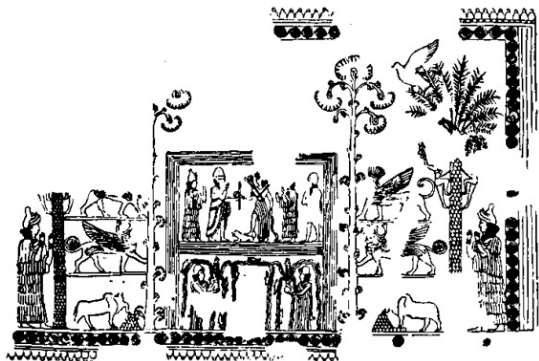


Figura 7 - Esta pintura da sala 106 do palácio de Mari mostra Zimri-Lim sendo investido da dignidade real pela deusa Ishtar.

Maravilhosas e enormes pinturas murais davam ao palácio uma beleza singular. Até hoje as cores quase não perderam nada do seu brilho. Dir-se-ia que foram feitas ontem. E, contudo, são as pinturas mais antigas da Mesopotâmia — mil anos mais velhas do que os afrescos das suntuosas construções dos soberanos assírios de Khussabad, Nínive e Nimrod.

A grandeza e magnificência desse palácio incomparável condiziam com o reino que dali era governado. Os arquivos do palácio conservaram para nós essas informações através de milênios.

Notícias, atas, decretos do governo, « prestações de contas, gravados no barro, com estilo, por escribas da corte, há quatro mil anos, reviverão agora graças à incansável diligência dos cientistas. Até hoje, só foi possível decifrar algumas centenas de tabuinhas. Em Paris, o Prof. Georges Dossin, da Universidade de Liège, e uma equipe de assiriólogos, trabalham ativamente na decifração e tradução. Anos se passarão antes que sejam traduzidos e publicados todos os vinte e três mil documentos. Cada um deles contém uma pedrinha do mosaico da história autêntica do reino de Mari.

Numerosas disposições sobre a construção de canais, eclusas, diques, taludes

nas margens dos rios, mostram que o bem-estar do país repousava em grande parte sobre o vasto sistema de irrigação, permanentemente vigiado e cuidadosamente conservado por engenheiros do governo.

Duas tabuinhas contêm uma lista de dois mil operários com os nomes completos e as corporações de classe a que pertenciam.

O sistema de comunicações “Mari” era tão rápido e perfeito, que não ficava nada a dever à telegrafia moderna. As mensagens importantes eram transmitidas em poucas horas, por meio de sinais de fogo, da fronteira da Babilônia até a atual Turquia — uma distância de mais de quinhentos quilômetros.

Mari ficava na encruzilhada das grandes rotas das caravanas que iam de oeste a leste e de norte a sul, e, assim, não é de admirar que o intercâmbio de mercadorias, que ia desde Chipre e Creta até a Ásia Menor e o sul da Mesopotâmia, desse lugar a uma ativa correspondência de barro.

Mas as tabuinhas não informam apenas sobre coisas cotidianas. Registram também minuciosamente os cultos, as procissões de ano-bom em honra de Ishtar, os oráculos feitos graças ao fígado das vítimas e a interpretação de sonhos. Vinte e cinco divindades eram veneradas em Mari. Uma lista de carneiros sacrificados, oferecidos por Zimri-Lim, especifica os habitantes do céu.

Por numerosas notícias gravadas em barro, obtém assim a posteridade uma imagem clara do reino de Mari — um Estado do século XVIII a.C., magistralmente organizado e administrado. E é de surpreender que nem nas pinturas nem nas esculturas se encontrem representações de acontecimentos bélicos.

Os habitantes de Mari eram amoritas, sedentários de longa data, e amavam a paz. Seus interesses maiores concentravam-se na religião, na cultura e no comércio. As conquistas, os feitos heróicos, o fragor das armas não os seduziam muito. Suas fisionomias, como podemos ver hoje por suas estátuas e pinturas, irradiam uma alegre placidez.

Mas eles não viviam livres de cuidados militares, longe disso: tinham que pensar na defesa e segurança do país, pois junto às suas fronteiras viviam tribos nômades de raça semítica para as quais os ricos pastos e os campos de legumes e cereais do reino de Mari eram uma constante tentação.

Repetidamente transpunham as fronteiras, penetrando com seus rebanhos em extensas partes do país e alarmando as populações. Era preciso estar de sobreaviso por causa desses invasores. Por isso, foram estabelecidos postos de observação nas fronteiras para vigilância e defesa. Tudo o que acontecia era imediatamente comunicado a Mari.

Em Paris, os assiriólogos decifraram uma tabuinha dos arquivos de Mari. Maravilhados, leram um comunicado de Banum, oficial da polícia da estepe:

“Diz ao meu senhor: esta é de Banum, teu servo. Ontem saí de Mari e passei

a noite em Zuruban. Todos os benjaminitas acenderam sinais de fogo. De Samanum a Ilum-Muluk, de Ilum-Muluk a Mishlan, todos os lugares dos benjaminitas do distrito de Terça responderam com sinais de fogo. E até agora não tenho certeza sobre o que significavam aqueles sinais. Estou tentando descobrir. Escreverei ao meu senhor se o conseguir ou não. Manda reforçar a guarda de Mari e não deixes o meu senhor sair da porta para fora”.

Nesse relatório policial do médio Eufrates, redigido no século XIX a.C., surge o nome de uma das conhecidas tribos da Bíblia. Banum fala especificamente dos *benjaminitas*!

E a verdade é que os benjaminitas davam muito o que falar. As dores de cabeça que eles causavam aos soberanos de Mari eram tantas, eram tais os cuidados que lhes inspiravam os benjaminitas, que alguns períodos de governo receberam o nome deles.

Os anos de governo das dinastias de Mari não eram contados e sim relacionados com algum acontecimento particular, como, por exemplo, a construção e consagração de novos templos, o levantamento de novas barragens para melhorar o sistema de irrigação, a restauração das fortificações nas margens do Eufrates, ou pelos recenseamentos. Por três vezes as tábuas de cronologia mencionam os benjaminitas:

“No ano em que Iadhulim foi a Hên e se apoderou da estepe dos benjaminitas”, isto é, no reinado de Iadhulim, e “No ano em que Zimri-Lim matou o *dâvidum* dos benjaminitas...” “No segundo ano depois que Zimri-Lim matou o *dâvidum* dos benjaminitas...”, ou seja, no reinado de Zimri-Lim, último soberano de Mari. Uma volumosa correspondência entre governadores, generais e funcionários da administração girava inteiramente em torno de uma questão: convinha arriscar-se a fazer o censo dos benjaminitas?

No reino de Mari, não eram incomuns os recenseamentos da população. Eles forneciam a base para a cobrança de imposto e para a convocação ao serviço militar. A população era reunida nos distritos e todos os obrigados ao serviço militar eram alistados nominalmente. Isso demorava sempre alguns dias, e os agentes do governo distribuíam cerveja e pão gratuitamente. Os chefes da administração do palácio de Mari de muito bom grado alistariam também os benjaminitas. Mas os agentes distritais, conhecedores do país, advertiam que não conheciam bem aquelas tribos rebeldes e nômades.

“Quanto à proposta sobre a qual me escreves de fazer o recenseamento dos benjaminitas...”, começa Samsi-Adu, dirigindo-se por carta a Iasmah-Adu, em Mari. “Os benjaminitas não são adequados para um recenseamento. Se o fizeres, seus irmãos, os Ra-ab-ba-yi, que vivem do outro lado do rio, terão conhecimento disso. Ficarão descontentes e não voltarão mais ao seu país. De modo algum debes fazer um recenseamento deles!”

E assim os benjaminitas perderam a cerveja e o pão grátis e deixaram de

pagar os impostos e de servir no Exército.

Mais tarde, os filhos de Israel seriam submetidos a vários desses censos e exatamente segundo o modelo de Mari. O primeiro foi no tempo de Moisés, por ordem de Jeová, depois da saída do Egito. Todos os homens de mais de vinte anos que pudessem pegar em armas foram registrados por famílias (Números 1.4). Uma geração depois, no fim de sua estada no deserto, Moisés mandou proceder a novo recenseamento por causa da partilha da terra de Canaã (Números 26). Durante a monarquia, Davi mandou fazer um recenseamento do povo.

Ele tinha em vista criar uma organização militar e encarregou Joab, o chefe do exército, de realizá-lo (Samuel II, 24). Jeová, diz a Bíblia, induziu o Rei Davi a fazer o recenseamento para castigar o povo. Os israelitas amavam a liberdade acima de tudo. Os recenseamentos e, com eles, a perspectiva de convocações eram odiosos para eles. Ainda no ano 6 da era cristã o censo ordenado pelo Governador Quirino quase provocou uma rebelião.

É digno de nota que o mundo deve justamente ao pacífico reino de Mari o modelo primitivo de todos os recenseamentos. E esse modelo foi adotado fielmente pelos babilônios e assírios, pelos gregos e romanos e, finalmente, pelos Estados modernos. Em todos os povos, o recenseamento da população para a cobrança de impostos e a convocação militar tem por base o modelo de Mari!

Em Paris, a menção dos *benjaminitas* despertou suposições e expectativas num sentido definido. E não sem razão.

Em outras inscrições cuneiformes, os assiriólogos foram encontrando, um após outro, nas comunicações de governadores e oficiais do Exército, diversos nomes muito familiares da história bíblica — nomes como *Faleg* e *Sarug*, *Nacor*, *Terah* e... *Harã*!

Eis as gerações de Sem, reza o Gênese 11... Faleg viveu trinta anos, e gerou Reu. Reu viveu trinta e dois anos, e gerou Sarug. Sarug viveu trinta anos e gerou Nacor. Nacor viveu vinte e nove anos, e gerou a Terah. Terah viveu setenta anos, e gerou Abraão, Nacor e Harã.

Nomes de antepassados de Abraão surgem de tempos remotos, como nomes de cidades do noroeste da Mesopotâmia. Ficam em “Padan-Aram”, a planície de Aram. No meio dela fica *Harã*, que, pela descrição, deve ter sido uma cidade florescente nos séculos XIX e XVIII a.C. *Harã*, pátria do primeiro patriarca Abraão, pátria do povo hebreu, é apresentada aqui autenticamente pela primeira vez, pois falam dela textos da época. Um pouco mais acima, no mesmo vale do Belich, ficava outra cidade de nome bíblico igualmente familiar: *Nacor*, a pátria de *Rebeca*, mulher de *Isaac*. *Abraão, vendo-se já velho e de idade avançada, e que o Senhor em tudo o tinha abençoado, disse ao servo mais antigo da sua casa, que governava tudo o que possuía: Põe a tua mão por baixo da minha coxa, para que eu te faça jurar pelo Senhor, Deus do céu e da terra, que não tomarás para mulher de meu filho nenhuma das filhas dos*

cananeus, entre os quais habito; mas irás à minha terra e aos meus parentes, e daí tomarás mulher para meu filho Isaac. E tomou o servo... de todos os seus bens, pôs-se a caminho, andando para a Mesopotâmia, para a cidade de Nacor (Gênesis 24.1 a 4 e 10).

A cidade bíblica de Nacor é de repente situada num ambiente histórico conhecido. O servo de Abraão saiu para ir ao reino de Mari. O encargo específico de seu senhor, como a Bíblia nos transmite, mostra que Abraão devia conhecer perfeitamente bem o norte da Mesopotâmia e também a cidade de Nacor. De outro modo, como poderia falar da cidade de Nacor?

Pelos dados fornecidos pela Bíblia, pode-se calcular com precisão que Abraão abandonou sua pátria, Harã, seiscentos e quarenta e cinco anos antes da saída dos filhos de Israel do Egito. Foi no século XIII a.C. que eles vaguearam pelo deserto, a caminho da Terra Prometida, sob a direção de Moisés. Essa data, como veremos adiante, está arqueologicamente confirmada. Abraão deve ter vivido, pois, por volta de 1900 a.C. As descobertas realizadas em Mari confirmam a precisão desses dados da Bíblia. Pelos dizeres dos arquivos do palácio de Mari, Harã e também Nacor eram cidades florescentes em 1900 a.C.

Os documentos do reino de Mari fornecem pela primeira vez essa prova inaudita: as histórias dos patriarcas da Bíblia não são — como têm sido consideradas com frequência — simples “lendas piedosas” e sim acontecimentos e descrições de uma época histórica que se pode datar!

O fato de a Bíblia citar nomes autênticos dos primitivos semitas do oeste teve uma confirmação surpreendente por parte de antigas fontes literárias do antigo Oriente. Além de os nomes próprios de patriarcas mencionados na Bíblia reaparecerem como nomes geográficos, ainda se revelaram como nomes efetivos de personagens individuais, e não foram tão raras nem fora do comum as vezes que os pesquisadores escavaram tabuinhas de barro até com o nome de Abraão, o patriarca bíblico. No entanto, será que com isso Abraão se tornou mais familiar para nós?

Escavações feitas em Ras Shamra (a antiga cidade de Ugarit) provaram que havia, entre as pessoas portadoras desse nome, até um egípcio e um cipriota. O Padre Roland de Vaux, renomado arqueólogo bíblico, achou “estranho e inquietante” tal fato, o que aliás é bem compreensível, pois, dessa maneira, ao invés de nos aproximarmos de Abraão, corremos o risco de perdê-lo entre os numerosos homônimos oriundos de diversas épocas históricas do Oriente Próximo e Médio!

De maneira idêntica e bastante lamentável, sumiram também os benjaminitas de Mari. Aliás, quanto a isso, chegou-se à seguinte convicção: o respectivo nome nos textos de Mari, interpretado como “benjaminitas”, significa, simplesmente, “filhos da (mão) direita” (= “filhos do sul”). Assim, trata-se antes de uma mera designação geográfica, e não do nome de uma tribo, pois, nos

documentos de Mari, os “filhos do sul”, chamados de *banu rabbaja*, têm como seus antípodas os “filhos do norte”, ou seja, os *banu sam'al*. Aliás, pelos milênios afora, uma antiqüíssima palavra mari — “Iêmen” — sobreviveu no sul da Arábia, como designação das repúblicas do Iêmen do Norte e Iêmen do Sul. Ora, Iêmen nada mais significa do que “sul”.

Aliás, os pesquisadores da Bíblia vieram incrementar suas noções em diversos sentidos, pois uma frase como “o ano em que Zimri-Lim matou o *dâvidum* dos benjaminitas” passou a ser traduzida como “o ano em que Zimri-Lim infligiu aos ‘filhos do sul’ uma derrota aniquiladora”, pois entrementes soube-se que *dâvidum* não quer dizer “comandante”, conforme outrora se supunha, mas sim “derrota”.

Sem dúvida, a datação de Mari, ao redor de 1800 a.C., combina maravilhosamente bem com a data tradicional do início do tempo dos patriarcas bíblicos, por volta, ou pouco depois, de 2000 a.C. No entanto, paradoxalmente, eram confirmações surpreendentes de mensagens bíblicas que vieram relacionar o “tempo dos patriarcas” a um período histórico do antigo Oriente, datado de quase meio milênio mais tarde e que, assim, puseram em dúvida as datações convencionais; trata-se das confirmações obtidas com o arquivo de Nuzi, em Jorgan Tepe, quinze quilômetros ao sudoeste de Kirkuk. Os documentos manuscritos recuperados naquela cidade hurrita de Mitanni (por volta de 1500 a.C.), além de elucidar antigas leis hurritas, expõem também preceitos legais dos patriarcas bíblicos, em estupenda concordância com os próprios textos da Bíblia. A seguir, três exemplos ilustrativos:

1) Abraão queixa-se, dizendo: “*Eu irei sem filhos; e o filho do pro-curador da minha casa é este Eliêzer de Damasco*” (Gênes 15.2). Conforme revelaram as tabuinhas de Nuzi, era praxe um casal sem filhos adotar um “filho”, que cuidava dos seus pais adotivos e, em compensação, se tornava seu herdeiro. Em parte, tais disposições podiam ser anuladas quando, após a adoção, o casal ainda vinha a ter um filho próprio, legítimo.

2) No caso de um matrimônio não produzir descendentes, a esposa era obrigada a providenciar para o marido uma “mulher substituta”. Foi dessa maneira que agiu Sara, mulher de Abraão, ao propor a seu esposo que tomasse sua escrava egípcia, Agar (Gênes 16.1), e foi o que posteriormente fez Raquel, quando disse a Jacó, seu marido: “*Eu tenho a serva Bala; toma-a para que ela dê à luz sobre os meus joelhos e eu tenha filhos dela*” (Gênes 30.3). Eram exatamente esses os costumes praticados em Nuzi.

3) Raquel, esposa de Jacó, furtou os ídolos do seu pai (Gênes 31.19), e Labão, o pai, fez tudo para recuperá-los. As tabuinhas de Nuzi informam por que Labão se empenhou tanto naquela recuperação, pois com a posse de tais ídolos (*teraphim*) a pessoa se tornava herdeira legítima da casa.

Em resumo, há concordância flagrante entre a Bíblia e os textos de Nuzi, o

que, porém, não deixa de levar a uma consequência inoportuna, pois, já que os patriarcas adotavam as praxes jurídicas dos hurritas, as quais datavam do século XV a.C., poderiam eles então ter vivido nos séculos XVIII, XIX ou até XX antes da era cristã? Em outras palavras, será que Abraão de fato viveu no reino de Mari? Ou será que devemos ir em sua busca, vários séculos mais tarde, no reino de Mittani? Assim, é bem possível que certas idéias a respeito do “tempo dos patriarcas bíblico” (sob o aspecto religioso) correspondam a textos oriundos da cidade portuária de Ugarit (Ras Shamra), cuja “época clássica” ocorreu em data ainda posterior, ou seja, no século XV-XIV a.C. Será que, em vista disso, os ancestrais bíblicos de Israel seriam de uma época posterior? São perguntas e mais perguntas com as quais deparamos hoje em dia...

Todavia, mesmo que, aparentemente, a ciência nos deixe desorientados, com toda uma série de problemas recém-surgidos, dificultando em muito o relacionamento dos nomes e fatos citados com determinados personagens individuais que nos são bastante familiares, por outro lado essa mesma ciência confirma, de maneira inesperada e surpreendente, determinadas mensagens bíblicas, conforme veremos a seguir. E como a ciência progride incessantemente, não está fora de cogitação a eventualidade de, futuramente, a arqueologia bíblica apresentar-nos com outros achados sensacionais.

A grande viagem para Canaã

Um caminho de caravanas com mil quilômetros de extensão — Hoje são necessários quatro vistos para percorrê-lo — A “terra da púrpura” — Expedições punitivas contra os “habitantes da areia” — Majestosas cidades marítimas e um interior irrequieto — Best seller egípcio sobre Canaã — Sinuhe elogia a Boa Terra — Jerusalém em inscrições mágicas de vasos — Castelos defensivos — Sellin encontra Siqém — Abraão escolhe o caminho das montanhas

(Abraão) levou consigo Sarai, sua mulher, e Lot, filho de seu irmão, e todos os bens que possuíam, e as pessoas que tinham adquirido em Harã; e partiram para a terra de Canaã (Gênes 12.5).

O caminho de Harã, pátria dos patriarcas, para a terra de Canaã, compreendia uma extensão de mais de mil quilômetros e dirigia-se para o sul. Descendo o rio Belich, ia até o Eufrates, prosseguia por um caminho de caravanas milenar, passava pelo oásis de Palmira, a bíblica Tadmor, e continuava daí para sudoeste, até o lago de Genesaré. Era uma das grandes estradas comerciais que, desde tempos remotíssimos, levavam do Eufrates ao Jordão, dos reinos da Mesopotâmia até as cidades fenícias das costas do Mediterrâneo e ao distante Egito, no Nilo.

Em nosso tempo, quem quer que deseje seguir o caminho de

Abraão precisará de quatro vistos: o da Turquia, onde está situada Harã, o da Síria, isto é, para atravessar o trecho que vai do Eufrates, passando por Damasco, até o Jordão, os da Jordânia e do Estado de Israel, que ocupam o território da antiga Canaã. No tempo dos patriarcas, era mais fácil sob esse ponto de vista, pois o longo trajeto atravessava apenas um grande Estado, o reino de Mari, que abandonava. As pequenas cidades Estados entre o Eufrates e o Nilo eram fáceis de contornar. A seguir, o caminho até Canaã ficava desimpedido.

A primeira grande cidade que Abraão deve ter tocado em sua peregrinação existe até hoje: Damasco.

Uma viagem de automóvel de Damasco à Palestina significa para todos aqueles que a fazem na primavera uma aventura maravilhosa.



Foto 1 - André Parrot. “Mari”, Ides et calendes, Neuchâtel.

A antiqüíssima cidade com suas ruelas estreitas e as escuras passagens de seus bazares, com suas mesquitas e os restos de construção romanos, está situada no meio de uma vasta e fértil planície.

Os árabes, quando falam do paraíso, pensam em Damasco. Que outro lugar do Mediterrâneo podia se comparar a essa cidade, que todas as primaveras se engalana com um manto incomparável de magníficas variedades de flores?

Nos inúmeros jardins e nas bordas dos campos fora das muralhas, os damasqueiros e as amendoeiras exibem sua exuberância cor-de-rosa. Árvores floridas ladeiam também a estrada que segue para sudoeste em suave e gradual aclive.

Campos férteis alternam-se com olivais e extensas plantações de amoreiras. Lá no alto, à direita da estrada, nasce o rio Barada, que dá à terra sua fertilidade. Ai, partindo da planície lisa e florida, ergue-se a prumo o majestoso e célebre Hermon, com dois mil e setecentos e cinquenta metros de altitude. Nos flancos desse monte, ao sul, brotam as nascentes do Jordão.

“Eu sou Lamgi-Mari... rei de Mari”, dizem as palavras inscritas no ombro direito com que o soberano do reino de Mari, no médio Eufrates, se apresentou aos sábios de Paris em 23 de janeiro de 1934.

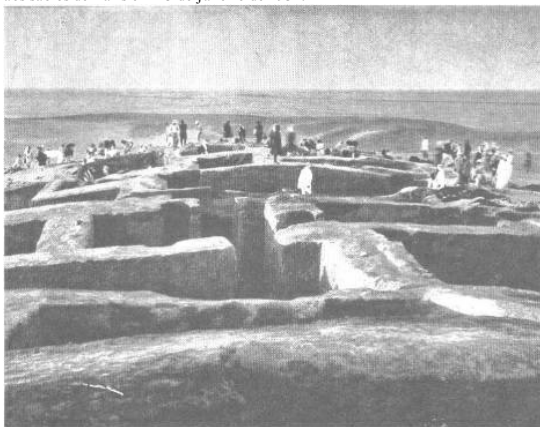


Foto 2 - André Parrot. “Mari”, Ides et calendes, Neuchâtel. São postos a descoberto no Tell Hariri, próximo a Abu Kemal, na Síria, os primeiros muros poderosos do palácio, que ainda atingem cinco metros de altura. “Os trabalhadores descem às câmaras”, escreveu o Prof. Parrot junto a esta fotografia.

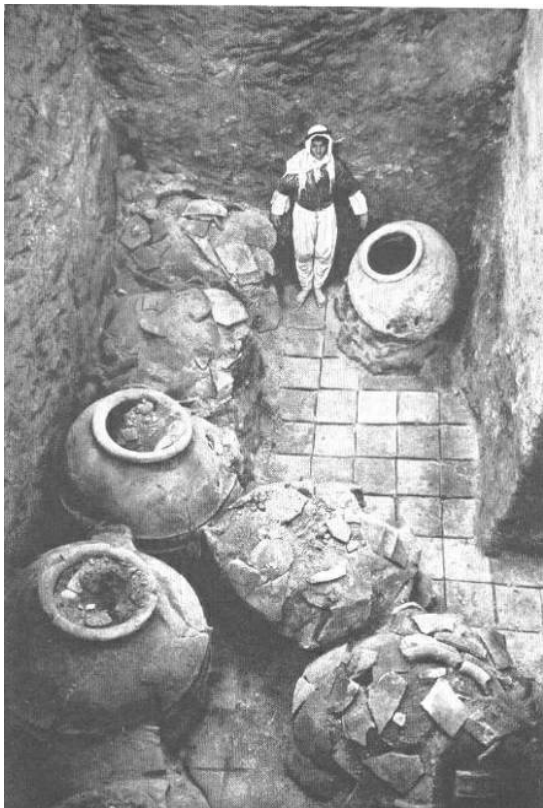


Foto 3 - André Parrot. “Mari”, Ides et calendes, Neuchâtel. Num canto da

sala 78, encontravam-se alguns enormes recipientes de barro danificados. No ano 1750 a.C., desabaram sobre eles os tetos quando os comandos incendiários do Rei Hamurabi puseram fogo no palácio de Mari.



Foto 4 - André Parrot. “Mari”, Ides et calendes, Neuchâtel. Só a fotografia aérea nos permite ter uma idéia clara da planta do gigantesco palácio de Mari, o qual, ocupando uma superfície de dois hectares e meio, era a maior residência real do antigo Oriente no segundo milênio a.C. De suas duzentas e sessenta salas e aposentos foram tiradas as atas das cidades de Harã (Gênese 11.31) e Nacor (Gênese 24.10), em escrita cuneiforme.



Figura 8 - Partindo do reino de Mari, o pai dos patriarcas seguiu por este caminho para Canaã.

Dominando os dois países, visíveis a grande distância, dir-se-ia que a natureza o colocou ali como gigantesca raia entre a Síria e a Palestina. Mesmo no auge do verão, com um calor sufocante, seus cumes ficam cobertos de neve. A impressão torna-se mais forte quando, ao longe, à esquerda da estrada, desaparece o verdor dos campos. Monótonas colinas pardo cinzentas, cortadas apenas por vales secos, estendem-se ondulantes até o horizonte longínquo e cintilante, onde começa o deserto abrasador da Síria — a pátria dos nômades. Por espaço de hora e meia a estrada continua subindo suavemente. Os campos e os pomares tornam-se mais esparsos. Cada vez mais o verde dá lugar ao cinza da estepe arenosa. Então, bruscamente, atravessam a estrada os enormes canos de um oleoduto. O petróleo que por aí passa já deixou para trás um extenso caminho. Começa sua viagem nas torres de petróleo das ilhas de Bahrein, terminando na cidade portuária de Said, no Mediterrâneo. Said é a antiga Sídon da Bíblia.

De trás do cume de uma montanha, surge imediatamente a

região montanhosa da Galiléia. Poucos minutos depois, os passaportes são examinados. A Síria fica para trás. A estrada transpõe uma pequena ponte. Sob seus arcos passa um estreito riozinho de águas rápidas e violentas. É o Jordão. Estamos na Palestina, no jovem Estado de Israel.

Após uma viagem de dez quilômetros por entre escuros penhascos de basalto, avista-se lá no fundo, azul e cintilante, o lago de Genesaré. Nesse lago tranqüilo, onde o tempo parece haver parado, pregou Jesus outrora, de um barco, para a pequena povoação de Cafarnaum. Aí ele mandou Pedro lançar a rede para a grande pescaria. Dois mil anos antes pastaram em suas margens os rebanhos de Abraão. Pois o caminho que ia da Mesopotâmia a Canaã passava junto ao lago de Genesaré.

Canaã é uma faixa de terra estreita e montanhosa entre a costa do Mediterrâneo e a orla do deserto, desde Gaza, no sul, até Emat, no norte, às margens do Orontes.

Canaã significa “terra da púrpura”. Deve seu nome a um produto local muito cobiçado na Antiguidade. Desde os tempos mais primitivos, seus habitantes extraíam de um caracol do mar — do gênero *Murex* —, nativo dessa região, a tinta mais famosa do mundo antigo, a púrpura. Era tão rara, tão difícil de extrair e, por isso mesmo, tão cara, que só os ricos podiam adquiri-la. As vestes tingidas de púrpura eram consideradas em todo o antigo Oriente sinal de alta categoria. Os gregos chamavam fenícios aos fabricantes e tintureiros de púrpura da costa do Mediterrâneo, e à sua terra, Fenícia, que na língua deles significava “púrpura”.

A terra de Canaã é também o berço de dois fatos que comoveram profundamente o mundo: a palavra “Bíblia” e o nosso alfabeto! Uma cidade fenícia deu nome à palavra que designa “livro” em grego; de Biblos, cidade marítima de Canaã, originou-se “*biblion*” e desta, mais tarde, “Bíblia”. No século IX a.C. os gregos tomavam de Canaã as letras do nosso alfabeto.

A parte da região que viria a ser a pátria do povo de Israel foi batizada, pelos romanos, com o nome dos seus mais acérrimos inimigos: o nome “Palestina” é derivado de “*pelishtim*”, como são designados os *filisteus* no Velho Testamento. Habitavam a parte meridional da costa de Canaã — ...*tudo Israel, desde Da até Bersabé* (Samuel 1, 3.20). Assim descreve a Bíblia a extensão da *Terra Prometida*, isto é, das nascentes do Jordão, nas faldas do Hermon, até as colinas situadas a leste do mar Morto, e até o Neguev, na Terra do Meio-Dia.

Vista num globo terrestre, a Palestina é apenas uma manchinha na nossa Terra, um pequeno traço. Hoje, as fronteiras do antigo reino de Israel podem ser percorridas comodamente num dia, de automóvel. Com duzentos e trinta quilômetros de norte a sul, trinta e sete de largura nas partes mais estreitas, vinte e cinco mil cento e vinte e quatro quilômetros quadrados de superfície, o reino de Israel tinha o tamanho da Sicília. Só foi maior durante alguns decênios de sua movimentada história. Sob o reinado dos famosíssimos reis Davi e Salomão, o território do Estado chegava até a extremidade do mar Vermelho em Asiongaber, no sul, e, no norte, ia além de Damasco, abrangendo parte da Síria. O atual Estado de Israel é, com seus vinte mil setecentos e vinte quilômetros quadrados, cerca de um quinto menor do que foi o reino de seus antepassados.

Nunca floresceram ali ofícios e indústrias cujos produtos fossem procurados pelo resto do mundo. Cortada por colinas e cadeias de montanhas, cujas cumeadas se erguem até mil metros de altura e mais, limitada ao sul e a leste por estepes e desertos, ao norte pelos montes do Líbano e pelo Hermon, a oeste pela costa plana, inadequada para portos de mar, era qual uma pobre ilha entre os grandes reinos do Nilo e do Eufrates, situada na fronteira entre dois continentes. A leste do delta do Nilo, termina a África. Além de um deserto árido de cento e cinquenta quilômetros de largura, começa a Ásia e no seu limiar está a Palestina. Se ela, no curso de sua história acidentada, foi continuamente envolvida nos grandes acontecimentos do mundo, isso se deve à sua situação. Canaã constitui o elo entre o Egito e a Ásia. A mais importante estrada comercial do mundo antigo atravessava esse país. Mercadores e caravanas, tribos e povos errantes percorriam esse caminho, por onde seguiriam mais tarde, também, os exércitos dos conquistadores. Egípcios, assírios, babilônios, persas, gregos e romanos, uns após outros, fizeram da terra e seus habitantes joguetes de seus interesses econômicos, estratégicos e políticos.

O gigante do Nilo foi movido por interesses comerciais quando, no terceiro milênio antes de Cristo, como primeira das grandes potências estendeu seus tentáculos até a velha Canaã.

“Conduzimos quarenta navios carregados de troncos de cedro / Construimos navios de madeira de cedro / Um, o navio *Louvor dos Dois Países*, com cinquenta metros de comprimento / E dois navios de madeira de *meru*, com cinquenta metros de comprimento / Fizemos as portas do palácio do rei de madeira de cedro.” Este é o teor do mais antigo registro de importação de madeira do mundo, expedido por volta de 2700 a.C. Os dados sobre esse transporte de madeira, feito durante o reinado do Faraó Snefru, estão gravados numa tabuinha de duro diorito preto, tesouro conservado no Museu de Palermo. Naquele tempo, as encostas do Líbano eram cobertas de espessos bosques. A madeira de lei de seus cedros e *merus*, espécie de conífera, era muito apreciada pelos faraós para suas construções.

Já quinhentos anos antes de Abraão florescia um comércio de importação e exportação nas costas de Canaã. Na terra do Nilo trocavam-se ouro e especiarias da Núbia, cobre e turquesa das minas do Sinai, linho e marfim por prata do Tauro, artefatos de couro de Biblos, vasos vidrados de Creta. Os ricos mandavam tingir suas vestes com púrpura nas grandes tinturarias da Fenícia. Para as damas da corte produziam um maravilhoso azul de lápis-lazúli — as pálpebras pintadas de azul eram a grande moda — e estíbio, cosmético para os cílios, altamente apreciados pelo mundo feminino.

Nas cidades marítimas de Ugarit (hoje Ras Shamra) e Tiro estabeleciam-se cônsules egípcios, a fortaleza marítima de Biblos era colônia egípcia, levantavam-se monumentos faraônicos nessas cidades e príncipes fenícios tomavam nomes egípcios.

Mas se as cidades costeiras ofereciam um aspecto de vida ativa, próspera, opulenta mesmo, a poucos quilômetros para o interior começava um mundo de vividos contrastes. Os montes do Jordão eram um eterno foco de inquietação. Eram incessantes os ataques de nômades às populações sedentárias, as rebeliões e as contendas entre cidades. Como isso punha em perigo o caminho das caravanas ao longo da costa do Mediterrâneo, os egípcios tinham que organizar expedições punitivas para chamar à razão os desordeiros. A inscrição encontrada no túmulo do egípcio Uni dá-nos uma descrição minuciosa da maneira como foi organizada uma dessas expedições punitivas por volta de 2350 a.C.. O comandante militar Uni recebe do Faraó Fiops I ordem de organizar um exército para atacar os beduínos asiáticos que invadiram Canaã. Eis o que ele informa sobre a campanha:

“Sua Majestade fez guerra aos habitantes da areia asiática e organizou um exército: em todas as regiões meridionais ao sul de Elefantina... por todo o norte... e entre os núbios de Jertet, os núbios de Mazói e os núbios de Jenam. Fui eu que fiz o plano de todas elas...” O alto grau de disciplina das variegadas forças combatentes é devidamente elogiado. Assim ficamos sabendo as coisas cobiçáveis que havia em Canaã: “Nenhum deles roubou... sandálias de alguém que vinha pelo caminho... Nenhum deles tomou pão de ninguém na cidade; nenhum deles arrebatou uma cabra a ninguém”. O comunicado de Uni anuncia um grande sucesso e contém, além disso, valiosas informações sobre a terra: “O exército do rei voltou são e salvo depois de haver devastado o país dos habitantes da areia... depois de destruir as suas fortalezas... Depois de haver derrubado seus figueirais e vinhas... depois de aprisionar grandes multidões... Cinco vezes Sua Majestade me mandou percorrer a terra dos habitantes da areia por causa de suas rebeliões...”

Assim entraram na terra dos faraós, como prisioneiros de guerra, os primeiros semitas — no Egito chamados com desprezo “habitantes da areia”.

Chu-Sebek, ajudante de ordens do rei egípcio Sesóstris III,

escreveu quinhentos anos depois um comunicado de guerra, o qual, gravado na época em uma pedra comemorativa, conservou-se em Abidos, no curso superior do Nilo: “Sua Majestade marchou para o norte a fim de derrotar os beduínos asiáticos... Sua Majestade chegou a uma região com o nome de Seknem... Então caiu Seknem com a mísera Retenu...”

Os egípcios designavam a terra da Palestina e Síria com o nome de “Retenu”. Seknem é a cidade bíblica de *Siquém*, a primeira cidade de Canaã que Abraão encontrou em sua peregrinação (Gênese 12.6).

Com a expedição de Sesóstris III por volta de 1850 a.C., encontramos-nos em plena época dos patriarcas. Entrementes, o Egito havia tomado toda Canaã; o país estava sob a autoridade dos faraós. Graças aos arqueólogos, o mundo possui um documento único dessa época, um tesouro da literatura antiga. O autor é um certo Sinuhe, do Egito. O lugar da ação: Canaã. A época: entre 1971 e 1982 a.C., no reinado do Faraó Sesóstris I.

Sinuhe, personagem importante, freqüentador da corte, vê-se envolvido numa intriga política. Temendo por sua vida, emigra para Canaã:

“...Quando dirigi meus passos para o norte, cheguei ao muro dos príncipes, construído para manter à distância os beduínos e dominar os vagabundos da areia⁽⁶⁾. Escondi-me em um bosque com medo de ser visto pela guarda que estava de serviço na muralha. Só à noite me pus de novo a caminho. Quando aclarou... quando cheguei ao lago Amargo⁽⁷⁾, caí. A sede me dominou e tinha a garganta em fogo. Disse eu: tal é o sabor da morte! Mas, reanimando o coração e reunindo todas as forças dos membros, ouvi o mugido de gado e avistei beduínos. O chefe deles, que tinha estado no Egito, reconheceu-me. Deu-me água, aqueceu leite para mim e eu fui com ele para sua tribo. O que eles me fizeram foi bom”.

A fuga de Sinuhe foi bem sucedida. Conseguiu transpor secretamente a muralha que existia na fronteira do reino dos faraós, no lugar exato onde passa hoje o Canal de Suez. Essa “muralha dos príncipes” tinha já então algumas centenas de anos. Um sacerdote a menciona já em 2650 a.C.: “Será construída a ‘muralha dos príncipes’ para evitar a penetração dos asiáticos no Egito. Eles pedem água... para darem de beber aos seus rebanhos”. Mais tarde, os filhos de Israel deveriam transpor esse muro com freqüência; não havia outro caminho para o Egito. Abraão deve ter sido o primeiro deles a avistá-lo, quando, numa crise, se dirigiu para a terra do Nilo (Gênese 12.10).

Sinuhe prossegue: “De uma terra fui passando a outra. Cheguei a Biblos⁽⁸⁾ e a Kedme⁽⁹⁾ e ali permaneci ano e meio. Ammiênchi⁽¹⁰⁾ príncipe do Alto Retenu⁽¹¹⁾ chamou-me para junto de si e disse-me: ‘Tu estarás à vontade na minha casa e ouvirás falar egípcio’. Isso ele disse porque sabia quem eu era.

Alguns egípcios(12) que viviam com ele tinham-lhe falado a meu respeito”.

Ficamos sabendo tudo o que se passou com o fugitivo egípcio no norte da Palestina, até os menores detalhes da vida cotidiana. “Ammiênchi disse-me: ‘Não há dúvida de que o Egito é belo, mas tu ficarás aqui comigo e o que eu fizer por ti também será belo’.

“Colocou-me acima de todos os seus filhos e casou-me com sua filha mais velha. Deu-me a escolher do melhor da terra que possuía e eu escolhi um trecho que ficava na fronteira de outro país. Era uma bela terra que tinha o nome de Jaa. Havia nela figos e uvas e mais vinho que água. Seu mel era copioso, abundante o seu azeite e de suas árvores pendia toda a espécie de frutas. Havia nela também trigo, cevada e rebanhos sem conta. Muito me veio da minha popularidade. Ele me fez príncipe de sua tribo na melhor parte do seu país. Diariamente eu bebia vinho, comia pão, carne cozida e ganso assado, além de caça do deserto que abatiam para mim, sem falar da que apanhavam os meus cães de caça... e leite, preparado de diversas maneiras. Assim passei muitos anos, e meus filhos se tornaram homens fortes, cada um deles o mais valente da sua tribo.

“O mensageiro que, partindo do Egito, seguia para o norte, ou viajava para o sul a caminho da corte, detinha-se em minha casa(13); eu dava asilo a todo mundo. Dava água aos que tinham sede, conduzia os transviados ao caminho certo, protegia os que eram assaltados.

“Quando os beduínos partiam para combater os príncipes de outras terras, eu organizava suas campanhas. Pois o príncipe de Retenu confiou-me durante muitos anos o comando de seus guerreiros e em cada terra que eu entrava, fazia... e... de suas pastagens e suas fontes. Eu capturava os rebanhos, expulsava as populações e apoderava-me das provisões. Matava os adversários com minha espada e o meu arco(14), valendo-me da minha destreza e de meus golpes hábeis.”

Das muitas aventuras que passou entre os “asiáticos”, a que mais parece ter impressionado Sinuhe foi um duelo de vida ou morte que ele descreve em seus mínimos detalhes. Um “valentão de Retenu” zombou dele em sua tenda e desafiou-o para a luta. Ele tinha a certeza de que mataria Sinuhe e assim se apossaria de seus rebanhos e propriedades. Porém Sinuhe, que, como egípcio, fora desde a juventude adestrado no manejo do arco, matou com uma flechada no pescoço o “valentão”, que avançou para ele armado de escudo, punhal e lança. A presa que resultou desse duelo tornou-o ainda mais rico e poderoso.

Já muito velho, foi acometido pela saudade da pátria. Uma carta de seu Faraó Sesóstris I convidava-o a voltar: “...Põe-te a caminho e volta para o Egito a fim de tomares a ver a corte em que foste criado e beijares a terra junto às duas grandes portas... Pensa no dia em que te levarão à sepultura e serás venerado.

Serás preparado à noite com óleo e com faixas da deusa Tait⁽¹⁵⁾. No dia do teu sepultamento, terás um cortejo. O caixão será de ouro e a cabeça de lápis-lazúli, e serás colocado no esquife. Serás puxado por bois, à tua frente marcharão cantores e à porta do teu túmulo será dançada a dança dos anões. Serão recitados ofertórios para ti e haverá sacrifícios no teu altar. Tuas colunas serão construídas de pedra calcária entre as dos filhos de rei. Não permitirei que morras em terras estrangeiras e sejas sepultado pelos asiáticos e envolto numa pele de carneiro”.

O coração de Sinuhe se enche de júbilo. Decide-se imediatamente pelo regresso, lega seus haveres aos filhos e nomeia o filho mais velho “chefe da tribo”. Tal era o costume entre os nômades semitas. Assim era também entre Abraão e seus descendentes. Era o direito hereditário dos patriarcas, que depois se tornou lei em Israel. “E toda a minha tribo e todos os meus haveres passaram a pertencer-lhe, minha gente e todos os meus rebanhos, meus frutos e todas as árvores doces⁽¹⁶⁾. Então parti para o sul.”

Até as fortalezas do Egito foi escoltado por beduínos, daí uma delegação do faraó levou-o de navio até a capital situada ao sul de Mênfis. Que contraste! De uma tenda para o palácio do rei, da vida simples e arriscada para a segurança e o luxo de uma metrópole altamente civilizada.

“Ali encontrei Sua Majestade sentado no grande trono do salão de ouro e prata. Depois foram chamados os filhos do rei. Sua Majestade disse à rainha: ‘Vê Sinuhe que volta feito asiático e se tornou beduíno!’ Ela soltou um grande grito e os filhos do rei gritaram todos ao mesmo tempo. Disseram a Sua Majestade: ‘Isso não é verdade, meu senhor rei’. Sua Majestade respondeu: ‘É de fato verdade!’”

“Fui conduzido para um palácio principesco”, escreve Sinuhe entusiasmado, “no qual havia coisas maravilhosas e até um quarto de banho... havia lá, da casa do tesouro, vestes reais de linho, mirra e o óleo mais fino. Funcionários do palácio, que o rei estimava, estavam em cada um dos aposentos, e cada cozinheiro fazia o seu dever. Foram tirados os anos do meu corpo. Cortaram-me a barba e pentearam-me o cabelo. Um peso foi abandonado à terra estrangeira⁽¹⁷⁾ e as vestes toscas aos nômades da areia. Envolveram-me em fino linho e ungiram-me o corpo com o melhor óleo do país. Tornei a dormir numa cama!... Assim vivi honrado pelo rei, até que chegou o dia do passatempo.”

A história de Sinuhe não existia apenas em um exemplar. Foram encontrados diversos. Devia ser uma obra muito procurada, pois mereceu várias “edições”. Sua leitura deve ter deliciado o público não só do médio mas também do novo império do Egito, como se deduz pelas cópias encontradas. Foi, por assim dizer, um *best seller*, o primeiro do mundo, e precisamente sobre Canaã.

Os pesquisadores que o desenterraram no começo deste século ficaram tão entusiasmados com ele como os contemporâneos de Sinuhe há quatro mil anos, mas tomaram-no por uma história bem imaginada, se bem que destituída de toda

realidade. Assim se tornou a história de Sinuhe uma mina para os egiptólogos estudiosos da escritura, mas sem sentido para os historiadores. E, enquanto se discutia sobre o sentido do texto, sobre os signos e a sintaxe, o conteúdo da história ia caindo no esquecimento.

Entretanto, Sinuhe foi reabilitado. Hoje, sabemos que o egípcio escreveu uma história verdadeira sobre a Canaã daquele tempo, a Canaã por onde, possivelmente, vagueava Abraão. Devemos a textos hieroglíficos sobre campanhas egípcias os primeiros testemunhos sobre Canaã. Eles concordaram perfeitamente com a descrição de Sinuhe. Por outro lado, o relato desse aristocrata egípcio concorda em algumas passagens quase literalmente com certos versículos da Bíblia muito citados. *Porque o Senhor teu Deus te introduzirá numa terra boa*, diz o Deuterônômio, capítulo 8, versículo 7. “Era uma bela terra”, diz Sinuhe. *Terra*, continua a Bíblia, *de trigo, de cevada, de vinhas, onde nascem figueiras*. .. “Ali havia cevada e trigo, havia figos e uvas”, conta Sinuhe. E onde a Bíblia diz: *Uma terra de azeite e de mel, onde, sem nenhuma escassez, comerás o teu pão*, diz o texto egípcio: “Seu mel era copioso e abundante o seu azeite. Diariamente eu comia pão”.

A descrição que Sinuhe faz de seu modo de vida entre os amoritas, na tenda, cercado de seus rebanhos e envolvido em lutas com orgulhosos beduínos, que ele precisa afastar de suas pastagens e de suas fontes, corresponde à descrição bíblica da vida dos patriarcas. Também Abraão e seu filho Isaac têm contendas por causa das suas fontes (Gênes 21.25; 26.15 e 20).

Os resultados de conscienciosas pesquisas comprovam melhor que tudo o cuidado e a precisão com que a Bíblia descreve as condições de vida naquele tempo. Pois a abundância de documentos e monumentos recém-descobertos permite-nos fazer hoje uma reconstituição plástica e fiel das circunstâncias de vida em Canaã na época do advento dos patriarcas.

Canaã, por volta de 1900 a.C., era apenas esparsamente povoada. Era, a bem dizer, uma verdadeira terra de ninguém. Aqui e além, no meio de campos cultivados, erguia-se um burgo fortificado. Nas encostas circunjacentes havia vinhedos, figueiras e palmeiras. Os habitantes viviam em permanente estado de alerta, as povoações, pequenas e muito isoladas, eram objeto de audaciosos assaltos dos nômades. Súbita e inesperadamente, os nômades surgiam, derrubavam tudo, levando o gado e as colheitas. Com a mesma rapidez com que surgiam, desapareciam, e não havia meio de encontrá-los nas vastas planícies de areia ao sul e a leste. Era incessante a luta entre os lavradores e criadores de gado que se tornaram sedentários e as tribos de salteadores que não conheciam habitação fixa e cujo teto era uma tenda de pele de cabra aberta em qualquer parte ao ar livre sob o vasto céu do deserto. Por essa região insegura vagueou Abraão com Sara, sua mulher, Lot, seu sobrinho, sua gente e seus rebanhos.

E tendo lá chegado, Abraão atravessou este país até o lugar de Siquém, até o

vale ilustre... E o Senhor apareceu a Abraão, e disse-lhe: eu darei esta terra aos teus descendentes. Naquele lugar edificou um altar ao Senhor, que lhe tinha aparecido. E, passando dali ao monte, que estava ao oriente de Betel, aí levantou a sua tenda, tendo Betel a ocidente, e Hai a oriente. Aí edificou também um altar ao Senhor, e invocou o seu nome.

Abraão continuou a sua viagem, andando e avançando para o meio-dia (Gênese 12.5 a 9).

Em 1920, foram encontrados no Nilo alguns cacos notáveis, a maioria deles procedente de Tebas e de Sacara. Arqueólogos berlinenses adquiriram alguns, outros foram para Bruxelas e o resto foi enviado para o Museu do Cairo. Manejados por mãos cuidadosas de especialistas, esses fragmentos transformaram-se de novo em vasos e estatuetas, e as inscrições que neles apareceram foram o que mais surpreendeu. Esses textos estão cheios de terríveis pragas e maldições, como esta: “Morte a todo aquele que disser más palavras e conceber maus pensamentos, a todo aquele que pronunciar maldições, que praticar más ações e tiver maus propósitos”. Estas e outras ameaças se dirigiam de preferência a cortesãos e nobres egípcios, mas também a governadores de Canaã e da Síria.

Segundo uma antiga superstição, no mesmo instante em que o vaso ou a estatueta se quebrasse, seria destruída também a força do amaldiçoado. Frequentemente, as palavras abrangiam a família, os servos e até a própria casa da pessoa amaldiçoada. Os textos mágicos continham nomes de cidades como Jerusalém (Gênese 14.19), Ascalão (Juizes 1.18), Tiro (Josué 18.29), Assor (Josué 11.1), Betsomes (Josué 15.10), Afec (Josué 12.18), Accsaf (Josué 11.1), e Chechém (isto é, Siquém). Uma prova convincente de que os lugares mencionados na Bíblia já existiam nos séculos XIX e XVIII a.C., pois os vasos e estatuetas são dessa época. Duas dessas cidades foram visitadas por Abraão. Ele se encontra com Melquisedec, “rei de Salém” (Gênese 14.18) em seu caminho para Jerusalém. Sabe-se onde fica Jerusalém, mas onde estaria situada Siquém?

No coração de Samaria, há um vale extenso e plano, acima do qual se erguem os altos cumes do Garizim e do Ebal. Campos bem cultivados circundam Askar, uma aldeiazinha da Jordânia. Perto dessa aldeia, ao fundo do Garizim, foram encontradas as ruínas de Siquém.

Foi obra do arqueólogo alemão Prof. Ernst Sellin. Em escavações que duraram dois anos, 1913 e 1914, vieram à luz do dia camadas da mais alta antiguidade.

Sellin encontrou restos de muros do século XIX a.C.. Pouco a pouco foi tomando forma um gigantesco muro circundante com sólidos alicerces, tudo toscamente talhado em blocos de rocha feldspática. Alguns desses blocos mediam até dois metros de espessura. Os arqueólogos designam esse tipo de construção com o nome de “muros ciclóticos”. O muro era reforçado por um

talude. Os construtores de Siquém não só tinham guarnecido a muralha de dois metros de largura com pequenas torres, mas haviam-lhe sobreposto ainda uma muralha de terra.

Foram também surgindo dos escombros as ruínas de um palácio. O acanhado pátio quadrangular, rodeado por uns poucos compartimentos de grossas paredes, mal poderia merecer o nome de palácio. Como Siquém, eram todas as cidades de Canaã cujos nomes temos ouvido tantas vezes e diante das quais os israelitas sentiram tanto medo no princípio. Salvo poucas exceções, conhecemos todas as construções notáveis daquele tempo. A maioria só foi relevada pelas escavações nas três últimas décadas. Durante milênios, ficaram enterradas e agora se apresentam completas aos nossos olhos, e entre elas as muitas cidades cujos muros os patriarcas devem ter visto: Bétel e Mispa, Gerar e Lakish, Gézer e Ghat, Ascalão e Jericó. Se alguém quisesse escrever a história da construção de cidades e fortalezas de Canaã, não teria grande dificuldade em fazê-lo, dada a abundância de material existente até o terceiro milênio antes de Cristo.

As cidades de Canaã eram burgos fortificados, lugares de refúgio em tempos de guerra, quer devido a ataques súbitos de tribos nômades, quer devido a hostilidades dos cananeus entre si. As poderosas muralhas de pedra circundavam sempre uma pequena superfície pouco maior que a Praça de São Pedro de Roma. É verdade que cada cidade fortaleza tinha abastecimento de água, mas não havia nenhuma que pudesse abrigar permanentemente uma população numerosa. Em comparação aos palácios e metrópoles da Mesopotâmia ou do Nilo, eram insignificantes. Em sua maioria, as cidades de Canaã caberiam comodamente no palácio dos reis de Mari.

Em Tell el Hesi, indubitavelmente a bíblica Eglon, a antiga fortaleza circundava uma superfície de meio hectare apenas. Em Tell el Safy (antiga Ghat), cinco hectares, em Tell el Mutsellim (outrora Megido), mais ou menos a mesma coisa, em Tell el Zakariyah (a bíblica Aseca), menos de quatro hectares, Gézer, na estrada de Jerusalém para o porto de Jafa, abrangia nove hectares de superfície construída. Mesmo na reconstruída Jericó, o espaço cercado pela fortificação interior, a acrópole propriamente, cobria apenas uma superfície de dois hectares. E, contudo, Jericó era uma das fortificações mais poderosas do país.

Lutas encarniçadas entre os chefes de tribos estavam na ordem do dia. Faltava a mão ordenadora da autoridade. Cada chefe mandava em seu território. Ninguém mandava nele, que fazia o que bem lhe aprazia. A Bíblia chamava os cabeças de tribo *reis* e, quanto ao que se referia ao poder e independência, tinha razão.

Entre os chefes de tribo e seus súditos havia uma relação patriarcal.

Dentro dos muros viviam apenas o chefe, as famílias patricias, os representantes do faraó e os comerciantes ricos. Só eles moravam em casas

sólidas e firmes, em geral de um andar, constituídas de quatro a seis cômodos dispostos em volta de um pátio aberto. Casas patricias com um segundo andar eram relativamente raras. O resto da população — gente de séquito, escravos, servos — morava em rudes choupanas de barro ou folhagem, fora dos muros. Deviam levar uma vida miserável.

Desde os tempos mais primitivos, dois caminhos se cruzavam na planície de Siquém. Um deles descia para o vale do Jordão. O outro seguia para o sul, subindo as montanhas solitárias, até Bétel e, mais para lá, passando por Jerusalém, até o Neguev, o *país do meio-dia da Bíblia*. Quem tomava por este último encontrava apenas algumas povoações na região montanhosa central de Samaria e Judá: Siquém, Bétel, Jerusalém e Hebron. Quem preferia o caminho mais cômodo encontrava as cidades maiores e as fortalezas mais importantes dos cananeus, situadas nos opulentos vales da planície de Israel, no fértil litoral de Judá e em meio da vegetação luxuriante do vale do Jordão. Para sua primeira viagem de exploração através da Palestina, Abraão escolheu o caminho solitário e penoso que seguia para o sul, pelas montanhas. Pois aí as encostas cobertas de florestas ofereciam ao forasteiro proteção e abrigo e ricos pastos nas clareiras para o gado que conduzia. Mais tarde, ele e sua gente tornaram a seguir esses mesmos caminhos difíceis das montanhas e o mesmo fizeram os outros patriarcas diversas vezes, em uma e outra direção. Por mais que os férteis vales da planície o tentassem constantemente, Abraão preferiu sempre o caminho da montanha. Pois com os arcos e fundas de sua gente não estaria à altura de se medir com os cananeus, armados de espadas e lanças. Assim, Abraão não se atrevia a deixar as montanhas.

Abraão e Lot na “terra da púrpura”

Fome em Canaã — Quadro de uma família do tempo dos patriarcas — Licença de imigração para pastorear no Nilo — Mistério de Sodoma e Gomorra — Mr. Lynch explora o mar salgado — A maior fenda existente na crosta da Terra — O vale de Sidim mergulhou no abismo — Colunas de sal no Djebel Usdum — Junto ao terebinto de Abraão

Sobreveio, porém, uma fome no país; e Abraão desceu ao Egito para aí viver algum tempo; porque a fome dominava no país (Gênes 12.10).

A posteridade deve à areia seca do deserto egípcio a conservação de uma série considerável de textos hieroglíficos, entre os quais se encontram muitas indicações de peregrinação de famílias semitas à terra do Nilo. O testemunho mais belo e expressivo existente é um quadro.

A meio caminho entre as antigas cidades faraônicas de Mênfis e Tebas, trezentos quilômetros ao sul do Cairo, à margem do Nilo, no meio de campos verdejantes e palmares, fica o povoado de Beni-Hassan. Aí desembarcou em 1890 o inglês Percy a. Newberry com a incumbência oficial de pesquisar alguns túmulos antigos. A expedição era financiada pelo Egypt Exploration Fund.

Os túmulos encontravam-se à saída de um vale deserto, onde repousavam também os restos de antigas pedreiras e de um grande templo. Semana após semana, os exploradores retiraram escombros, pedras e pedaços de colunas de pedra quebradas da entrada do rochedo, além da qual se ocultava o local de repouso do príncipe egípcio Chnum-hotep. Hieróglifos existentes numa pequena antessala perpetuavam o nome do morto. Era o soberano daquela região do Nilo, antes chamada Distrito das Gazelas. Chnum-hotep viveu no reinado do Faraó Sesóstris II, por volta de 1900 a.C..

Depois de muitos dias de trabalho, Newberry conseguiu enfim penetrar numa imponente sala aberta na rocha. À luz de numerosas tochas percebeu três câmaras. Do chão erguiam-se duas fileiras de colunas. Nas paredes, cobertas por uma fina camada de cal, havia pinturas de cores magníficas. Representavam cenas da vida do príncipe, flagrantes de colheitas, caça, dança e jogo. Na parede do norte, em um quadro imediatamente ao lado de um retrato do príncipe, maior que o natural, Newberry descobriu figuras de aspecto estranho. Seu traje era diferente do usado ordinariamente pelos egípcios: eram mais claros de pele e tinham perfis bem marcados. Dois funcionários egípcios no primeiro plano apresentavam evidentemente o grupo estrangeiro ao príncipe. Quem seriam aqueles personagens?

Os hieróglifos que um dos egípcios tinha na mão esclareceram o enigma: eram “habitantes da areia”, semitas! Seu chefe chamava-se... Abisai. Havia chegado ao Egito com trinta e seis homens, mulheres e crianças de sua parentela. Trouxera presentes para o príncipe, entre os quais se citava particularmente determinado “estíbio”[\(18\)](#), precioso para a princesa.

Abisai é um nome genuinamente semita. Depois da conquista de Canaã por Josué, durante o segundo reinado de Israel, este nome surge na Bíblia: “*Davi disse... a Abisai, filho de Sarvia*” (I Samuel 26.6). O Abisai da Bíblia era irmão do pouco estimado *General Joab*, no reinado do *Rei Davi*, por volta do ano 1000 a.C., no tempo em que Israel era um grande reino.



Figura 9 - Pintura que representa uma família semita do tempo dos patriarcas na parede do túmulo do príncipe de Beni-Hassan, junto ao Nilo.

O artista a quem o Príncipe Chnum-hotep incumbira de decorar seu túmulo representara os “habitantes da areia” com um cuidado que se estendera até os menores detalhes. As figuras, realistas e extremamente expressivas, produziam o efeito de uma fotografia. Dir-se-ia que aquela família semita se detivera ali apenas por um instante e que homens, mulheres, crianças e animais iam pôr-se em movimento de repente e continuar seu caminho. Abisai, à frente do cortejo, saudava o príncipe baixando ligeiramente a mão direita, enquanto com a esquerda segurava uma pequena corda, pela qual conduzia um bode manso que tinha entre os chifres um bastão curvo, ou seja, o cajado de pastor.

O cajado de pastor era tão característico dos nômades que os egípcios o usavam em sua escritura ideográfica para designar esses estrangeiros. Os trajés também estavam representados fielmente quanto à forma e às cores. Eram de lã, triangulares, presos num ombro. Nos homens desciam até os joelhos e nas mulheres até a barriga da perna. Eram de tecidos listrados de cores vivas e variegadas e serviam de mantos. É famosa a “túnica de várias cores” que Jacó deu a *José*, seu filho predileto, provocando assim o rancor dos outros filhos (Gênes 37.3). Os homens tinham a barba em ponta, e nas mulheres o cabelo, de um negro de azeviche, caía livremente sobre o peito e os ombros, preso apenas no alto com uma fita que lhes passava pela testa. A pequena madeixa adiante das orelhas devia ser uma concessão à moda. Os homens usavam sandálias; as mulheres, botinas marrom escuras. Transportavam consigo suas rações de água em recipientes de peles de animais artisticamente costurados. Como armas

usavam arco e flecha, pesados dardos e lanças. Tinham consigo até seus instrumentos musicais preferidos. Um dos homens tocava a lira de oito cordas. Alguns salmos de Davi eram acompanhados com esse instrumento, segundo diz a Bíblia no princípio dos Salmos 6 e 12: *“Para ser cantado com instrumento de oito cordas”* [\(19\)](#).

Como esse quadro foi executado por volta de 1900 a.C., no tempo dos patriarcas, podemos imaginar Abraão e sua gente de acordo com ele. Quando Abraão chegou à fronteira egípcia, deve ter ocorrido uma cena semelhante. Pois em todos os fortes da fronteira, como no território do Príncipe Chnum-hotep, deviam ser registrados os dados pessoais dos estrangeiros.

Não era, pois, diferente do que é hoje quando se viaja para um país estrangeiro. Ainda não eram conhecidos os passaportes, mas as formalidades e a burocracia já tornavam difícil a vida para os estrangeiros.

Quem quisesse entrar no Egito tinha de fornecer seus dados pessoais, dar o motivo da viagem e dizer quanto tempo, aproximadamente, tencionava demorar-se no país. Um escriba registrava tudo metodicamente, com tinta vermelha, num papiro, e enviava esses dados por mensageiro ao oficial da fronteira, que decidia então se devia ou não ser concedida uma “licença de imigração”. Mas isso não dependia do seu parecer. Os funcionários da administração da corte dos faraós davam as diretrizes precisas, chegando até a estipular quais as regiões que deviam ser concedidas aos nômades imigrantes.

Em períodos de fome, o Egito era para os nômades de Canaã a terra de refúgio e, por vezes, a única salvação. Quando em sua pátria a terra ficava ressequida, no país dos faraós havia sempre ricos pastos em abundância. Disso se encarregava o Nilo com suas inundações regulares, anuais.

Entretanto, a proverbial riqueza do Egito provocava também, com bastante frequência, a cobiça de salteadores nômades, de bandos ousados a quem não interessavam as pastagens e sim os grandes celeiros de trigo e os magníficos palácios. Muitas vezes era preciso expulsá-los à força. Como defesa contra tais intrusos indesejáveis e a fim de poder controlar melhor as fronteiras, no terceiro milênio a.C. foi iniciada, com a construção da “Muralha dos Príncipes”, uma cadeia de fortalezas, torres de vigia e bases militares nas fronteiras. Só na escuridão da noite pôde o egípcio Sinuhe, conhecedor da terra, passar despercebido. Cerca de seiscentos e cinqüenta anos mais tarde, no tempo da fuga do Egito, a fronteira continuava cuidadosamente vigiada. Moisés sabia muito bem que contra a vontade do faraó seria impossível fugir do país. Os postos militares dariam imediatamente o alarme, e as guarnições acorreriam. Uma tentativa para sair à força seria brutalmente impedida pelos hábeis arqueiros e pelas tropas de ligeiros carros de guerra. Foi essa a razão por que o profeta, perfeito conhecedor do país, escolheu um caminho completamente desusado. Moisés conduziu os filhos de Israel para o sul, até o mar Vermelho, onde não existia

muralha. Após sua volta do Egito, Abraão e Lot separaram-se. “E a terra não tinha capacidade para poderem habitar juntos”, conta a Bíblia, “porque seus bens eram muito grandes. Daqui nasceu uma contenda entre os pastores dos rebanhos de Abraão e os de Lot. Disse, pois, Abraão a Lot: Peço-te que não haja contendas entre mim e ti, nem entre os meus pastores e os teus pastores, porque somos irmãos. Eis diante de ti todo o país; rogo-te que te apartes de mim; se fores para a esquerda, eu tomarei a direita; se escolheres a direita, eu irei para a esquerda” (Gênese 13.6 a 9).

Abraão deixou que Lot escolhesse. Despreocupado, como geralmente são os jovens, Lot optou pela melhor parte, a região do Jordão. Ela era “...*toda regada de água*” e abençoada por uma exuberante vegetação tropical, *como o paraíso do Senhor e como o Egito até Segor*” (Gênese 13.10).

Das cadeias de montanhas cobertas de bosques, no coração da Palestina, Lot desceu para leste, entrou com sua gente e seus rebanhos no vale do Jordão ao sul e, finalmente, levantou suas tendas em Sodoma. Ao sul do mar Morto havia uma planície fertilíssima, o “*Vale de Sidim*, onde agora é o mar salgado”⁽²⁰⁾ (Gênese 14.3). A Bíblia enumera cinco cidades nesse vale: *Sodoma, Gomorra, Adama, Seboim e Segor* (Gênese 14.2). Ela tem notícia também de uma guerra na história dessas cinco cidades: “*Naquele tempo sucedeu*” que quatro reis “*fizeram guerra contra Bara, rei de Sodoma, e contra Bersa, rei de Gomorra, e contra Senaar, rei de Adama, e contra Semeber, rei de Seboim, e contra o rei de Bala, isto é, Segor*” (Gênese 14.2). Doze anos haviam os reis do vale de Sidim sido tributários do Rei Codorlaomor. No décimo terceiro, rebelaram-se. Codorlaomor pediu auxílio a três reis que estavam a ele coligados. Uma expedição punitiva chamaria os rebeldes à razão. Na luta entre os nove reis, Codorlaomor e seus aliados derrotaram os reis das cinco cidades do vale de Sidim, incendiando e saqueando suas capitais.

Lot encontrava-se entre os prisioneiros dos reis estrangeiros. Foi libertado por seu tio Abraão (Gênese 14.12 a 16), que, com seus servos, seguiu qual uma sombra o exército dos reis que voltavam para suas terras. De um esconderijo seguro, observava e estudava tudo atentamente, sem ser notado. Abraão deu tempo ao tempo. Só perto de Dan, na fronteira norte da Palestina, pareceu-lhe que havia chegado a oportunidade favorável. De repente, sob a proteção de uma noite escura, Abraão atacou com seus servos a retaguarda do exército e, na confusão que se seguiu, pôde libertar Lot. Só quem não conhece a tática dos beduínos pode ouvir com ceticismo essa narrativa.

Entre os habitantes dessa região existe até hoje memória dessa expedição. Ela aparece no nome de um caminho que segue, partindo do lado leste do mar Morto, para o norte, até a velha terra de Moab. Os nômades da Jordânia conhecem-no muito bem. Entre os naturais chama-se curiosamente “*estrada dos reis*”. Na Bíblia, nós o encontramos novamente, aqui porém chamado “*estrada*

pública” ou “caminho ordinário”, quando os filhos de Israel queriam passar por Edom a caminho da “Terra Prometida” (Números 20.17 e 19). No alvorecer da nossa era, os romanos utilizaram e reconstruíram a “estrada dos reis”. Partes dela pertencem hoje à rede de estradas do novo Estado da Jordânia. Perfeitamente visível de avião, o velho caminho atravessa a região, assinalado por uma faixa escura.

Disse, pois, o Senhor: O clamor de Sodoma e Gomorra aumentou, e o seu pecado agravou-se extraordinariamente. Fez, pois, o Senhor da parte do Senhor chover sobre Sodoma e Gomorra enxofre e fogo do céu; e destruiu essas cidades, e todo o país em roda, todos os habitantes da cidade, e toda a verdura da terra. E a mulher de Lot, tendo olhado para trás, ficou convertida numa estátua de sal. E viu que se elevavam da terra cinzas inflamadas, como o fumo de uma fornalha (Gênesis 18.20, 19.24 e 26 e 28).

A sinistra força dessa narrativa bíblica tem impressionado profundamente os ânimos dos homens em todos os tempos. Sodoma e Gomorra tornaram-se símbolos de vício e iniquidade e sinônimos de aniquilação completa. Incessantemente, o terrível e inexplicável acontecimento deve ter inflamado a fantasia dos homens, como o demonstram numerosos relatos dos tempos passados. Devem ter ocorrido coisas estranhas e absolutamente inacreditáveis no mar Morto, o *mar salgado*, onde, de acordo com a Bíblia, ocorreu a catástrofe.

Segundo uma tradição, durante o cerco de Jerusalém, no ano 70 da nossa era, um general romano, Tito, condenou alguns escravos à morte.



Foto 5 - André Parrot. “Mari”, Ides et calendes, Neuchâtel. O Prof. Parrot (com capacete tropical) examina a estátua de Ichtup-ilum, governador de Mari no tempo dos patriarcas, encontrada na sala do trono do palácio.

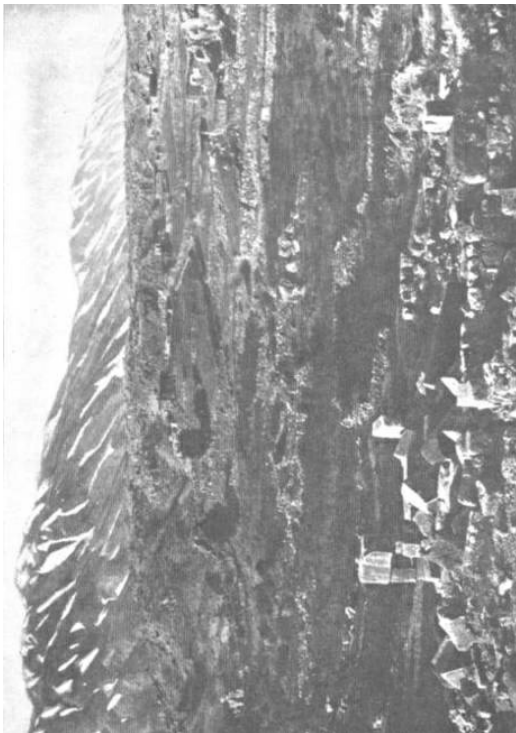


Foto 6 - Historisches Bildarchiv Lolo Handke, Bad Berneck ... *e cujas terras possuíram... até o monte Hermon*” (Josué 12.1). O Hermon, coberto de neves eternas, domina a Terra Prometida.



Foto 7 – (superior): A grande quantidade de sal contida no mar Morto permite ao corpo humano boiar em repouso como um pedaço de cortiça. — (inferior): A nova colônia industrial do Estado de Israel, em Sodoma, à beira do mar Morto.



Foto 8 - Paul Popper Ltd., Londres — Entre os montes escavados da Palestina e a Jordânia oriental, o rio Jordão, partindo do lago de Genesaré, serpeia, descrevendo curvas intermináveis, até o mar Morto, cuja superfície fica trezentos e noventa e quatro metros abaixo do nível do Mediterrâneo.

Submeteu-os a um breve julgamento e mandou encadeá-los todos juntos e jogá-los no mar, próximo ao monte de Moab. Os condenados, porém, não se afogaram. Repetidamente foram jogados ao mar e todas as vezes, como cortiças, vinham dar em terra. O inexplicável fenômeno impressionou Tito de tal modo que ele acabou por perdoar os pobres criminosos. Flávio Josefo, historiador judeu que viveu os últimos anos da sua vida em Roma, cita repetidamente um “lago de asfalto”. Os gregos falavam com insistência em gases venenosos que se desprenderiam por toda parte nesse mar, e os árabes diziam que havia muito nenhuma ave conseguia voar até a outra margem. Segundo eles, ao sobrevoá-lo, as aves se precipitavam subitamente na água, mortas.

Essas e outras histórias tradicionais similares eram bem conhecidas, mas até uns cem anos atrás faltava todo e qualquer conhecimento preciso sobre o estranho e misterioso mar da Palestina. Nenhum cientista o tinha visto e explorado ainda. Foram os Estados Unidos que, no ano de 1848, tomaram a iniciativa, equipando uma expedição para estudar o enigmático mar Morto. Num dia de outono desse ano, a praia em frente à cidadezinha de Akka, quinze quilômetros ao norte de Haifa, ficou negra de homens ativamente ocupados numa estranha manobra.

De um navio ancorado ao largo, W. F. Lynch, geólogo e chefe da expedição, havia mandado desembarcar dois barcos metálicos, que nesse momento estavam sendo cuidadosamente amarrados em carros de altas rodas. Puxados por uma longa fileira de cavalos, puseram-se a caminho.

Ao fim de três semanas e após dificuldades incríveis, foi terminado o transporte através das terras do sul da Galiléia. Os barcos foram lançados à água no lago Tiberíades. As medidas de altura tomadas por Lynch no lago de Genesaré produziram a primeira grande surpresa dessa viagem. A princípio, ele pensou tratar-se de um erro, mas a verificação confirmou o resultado. A superfície do lago de Genesaré, mundialmente conhecido pela história de Jesus, ficava duzentos e oito metros abaixo da superfície do Mediterrâneo! A que altura nasceria o Jordão, que atravessa esse lago?

Dias depois, W. F. Lynch encontrava-se numa alta encosta do nevado Hermon. E entre os restos de colunas e portais dismantelados surgiu a pequena aldeia de Banias. Árabes conhecedores do terreno conduziram-no através de um espesso bosque de espiroleiras até uma cova meio encoberta por calhaus na íngreme encosta calcária do Hermon. Da escuridão dessa cova brotava com força, gorgolejando, um jorro de água límpida. Era uma das três nascentes do Jordão. Os árabes chamam ao Jordão Cheri ‘at el Kebire, “Grande Rio”. Ali estivera o antigo Paníon, ali Herodes construía um templo de Pã em honra de Augusto. Junto à gruta do Jordão, havia uns nichos em forma de concha. Ainda se pode ler ali claramente a inscrição grega: “Sacerdote de Pã”. No tempo

de Jesus Cristo, o deus grego dos pastores era venerado junto às fontes do Jordão. O deus com pés de cabra levava aos lábios a flauta, como se quisesse modular uma canção para acompanhar o Jordão em sua longa viagem. A cinco quilômetros daquela fonte, para os lados do oeste, ficava a bíblica *Dan*, o sítio mais setentrional do país, repetidamente citada na Bíblia. Também ali, na encosta sul do Hermon, brotava uma nascente de águas claras. Uma terceira fonte desce de um vale situado mais acima. O fundo do vale fica pouco acima de Dan, quinhentos metros acima do nível do mar.

Onde o Jordão atinge o pequeno lago Huleh, vinte quilômetros ao sul, o leito já baixou até dois metros acima do nível do mar. Depois o rio se precipita abruptamente por um espaço de pouco mais de dez quilômetros até o lago de Genesaré. Em seu curso, das vertentes do Hermon até esse local, num trecho de quarenta quilômetros apenas, desceu setecentos metros.

Do lago Tiberíades, os membros da expedição americana desceram o Jordão em dois barcos de metal, percorrendo seus intermináveis meandros. Gradualmente a vegetação ia-se tornando mais esparsa. Só nas margens do rio ainda havia moitas espessas. Sob o sol tropical, surgiu à direita um oásis — *Jericó*. Pouco depois chegaram ao seu destino. Entre penhascos talhados quase a prumo, estendia-se à sua frente a vasta superfície do mar Morto.

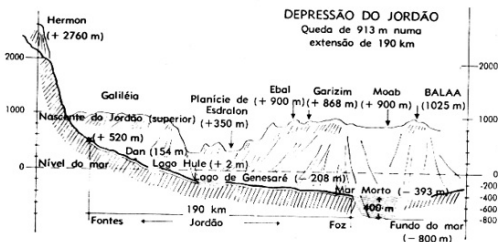


Figura 10 - Representação do declive do Jordão.

A primeira coisa que fizeram foi tomar um banho. Os homens que saltaram na água tiveram a impressão de que vestiam salva-vidas, tal a maneira como foram impelidos para cima. As antigas narrativas não haviam, pois, mentido. Naquele mar, ninguém podia se afogar. O sol escaldante secou a pele dos homens quase instantaneamente. A fina camada de sal que a água deixara em seus corpos fazia-os parecerem completamente brancos. Ali não havia moluscos,

peixes, algas, corais... naquele mar jamais vogara um barco de pesca. Não havia frutos do mar nem frutos da terra. Suas margens eram desoladas e nuas. As costas do mar e as faces dos rochedos lá no alto, cobertas de enormes camadas de sal endurecido, brilhavam ao sol como diamantes. A atmosfera estava saturada de cheiros acres e penetrantes. Cheirava a petróleo e enxofre. Sobre as ondas flutuavam manchas oleosas de asfalto — a que a Bíblia chama *betume* (Gênesis 14.10). Nem mesmo o azul brilhante do céu ou o sol forte conseguia dar vida à paisagem hostil.

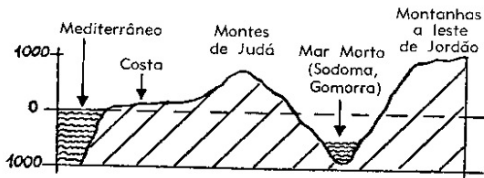


Figura 11 - O Mediterrâneo e a depressão jordanica.

Os barcos americanos cruzaram o mar Morto durante vinte e dois dias. Tomavam amostras de água, analisavam-nas, e a sonda era lançada ao fundo continuamente. Verificaram que a foz do Jordão, no mar Morto, ficava trezentos e noventa e três metros abaixo do nível do mar! Se houvesse uma comunicação com o Mediterrâneo, o Jordão e o lago de Genesaré, distante cento e cinco quilômetros, desapareceriam. Um imenso mar interior se estenderia até as margens do lago Huleh!

“Quando uma tempestade irrompe naquela bacia de penhascos”, observa Lynch, “as ondas golpeiam os costados do barco como marteladas, mas o próprio peso da água faz com que em pouco tempo se aplaquem, depois que o vento cessa.”

Através do relatório da expedição, o mundo ficou sabendo pela primeira vez de dois fatos espantosos. O mar Morto atinge quatrocentos metros de profundidade; o fundo do mar fica, portanto, cerca de oitocentos metros abaixo da superfície do Mediterrâneo. A água do mar Morto contém cerca de trinta por cento de elementos componentes sólidos, a maior parte constituída por cloreto de sódio, isto é, de sal de cozinha. Os oceanos contêm apenas de quatro a seis por cento de sal. Nessa bacia de setenta e seis quilômetros de comprimento por dezessete de largura desembocam o Jordão e muitos rios menores. Sob o sol escaldante, evaporam-se, dia após dia, oito milhões de metros cúbicos de água de

sua superfície. As matérias químicas que esses rios conduzem permanecem nessa bacia de mil duzentos e noventa e dois quilômetros quadrados de superfície.

Só no começo deste século, com as escavações realizadas no resto da Palestina, foi despertado também o interesse por Sodoma e Gomorra. Os exploradores dedicaram-se à procura das cidades desaparecidas que nos tempos bíblicos estariam situados no *vale de Sidim*.

Na extremidade a sudeste do mar Morto, encontram-se os restos de uma grande povoação. Esse sítio ainda hoje é chamado Segor. Os pesquisadores se regozijaram, pois *Segor* era uma das cinco cidades ricas do vale de Sidim que se recusaram a pagar tributo aos quatro reis estrangeiros. Mas as escavações experimentais realizadas trouxeram apenas decepção. Assim, há dúvidas ainda se Segor é o mesmo sítio citado na Bíblia.

A verificação das ruínas descobertas revelou tratar-se de restos de uma cidade que floresceu no princípio da Idade Média. Da antiga Segor do rei de Bala (Gênesis 14.2) e das capitais vizinhas não se encontrou vestígio. Entretanto, diversos indícios encontrados nos arredores da Segor medieval sugerem a existência de uma povoação muito densa naquele país em época muito anterior.

Na costa oriental do mar Morto, estende-se mar adentro, como uma língua de terra, a península de El-Lisan. Em árabe, “el-Lisan” significa “a língua”. A Bíblia menciona-a expressamente quando se refere à partilha do país depois da conquista. As fronteiras da tribo de Judá são traçadas com precisão. Para isso Josué dá uma estranha característica a fim de indicar os limites do sul: “*O seu princípio é desde a ponta do mar salgado, e desde a língua que ele forma, olhando para o meio-dia*” (Josué 15.2).

Uma narrativa romana refere-se a essa língua de terra numa história que sempre foi injustamente considerada com grande ceticismo. Dois desertores fugiram para essa península. Os legionários que os perseguiram procuraram-nos em vão por toda parte. Quando finalmente os avistaram, era tarde demais. Os desertores já escalavam os altos rochedos da outra margem... Tinham atravessado o mar a vau!

Evidentemente o mar naquela época era mais raso que hoje.

Invisível, o fundo ali forma uma dobra gigantesca que divide o mar em duas partes. À direita da península, desce a prumo até quase quatrocentos metros de profundidade. À esquerda da península, o fundo é extraordinariamente raso. Medições feitas nos últimos anos acusaram profundidades de quinze a vinte metros apenas.

Os geólogos tiraram dessas descobertas e observações outra interpretação, que poderia explicar a causa e fundamento da narrativa bíblica da aniquilação de Sodoma e Gomorra.

A expedição americana dirigida por Lynch foi a primeira que, em 1848, deu a notícia da grande descida do Jordão em seu breve curso pela Palestina. O fato

de, em sua queda, o leito do rio descer muito abaixo do nível do mar é, como só pesquisas posteriores comprovaram, um fenômeno geológico singular. “É possível que haja em algum outro planeta coisa semelhante ao que ocorre no vale do Jordão; no nosso não existe”, escreve o geólogo George Adam Smith em sua obra *A geografia histórica da Terra Santa*. “Nenhuma outra parte não submersa da nossa Terra fica mais de cem metros abaixo do nível do mar.”

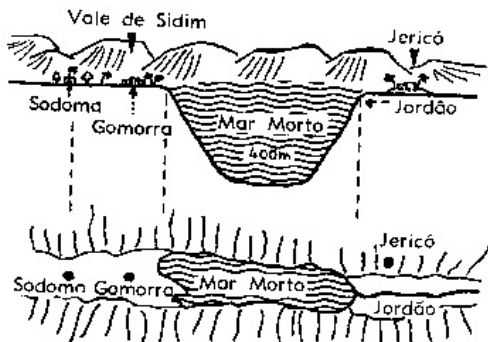
O vale do Jordão é apenas parte de uma fenda imensa na crosta da nossa Terra. Hoje já se conhece sua extensão exata. Começa muitas centenas de quilômetros ao norte da fronteira da Palestina, nas faldas da montanha do Tauro, na Ásia Menor. Ao sul, vai desde a costa sul do mar Morto, atravessa o deserto de Araba até o golfo de Ácaba e só vai terminar do outro lado do mar Vermelho, na África. Em muitos lugares dessa imensa depressão há vestígios de antiga atividade vulcânica. Nos montes da Galiléia, nos planaltos da Jordânia oriental, nas margens do afluente Jabbok, no golfo de Acaba, há basalto negro e lava.

Será que Sodoma e Gomorra afundaram quando — acompanhado por terremotos e erupções vulcânicas — um pedaço do chão do vale ruiu um pouco mais? E o mar Morto se alongou naquela época em direção ao sul, como é mostrado (figura 12) no esboço?

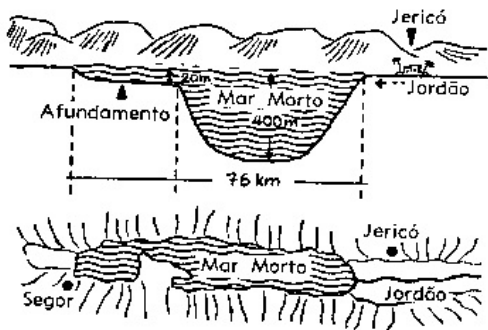
A ruptura da terra liberou as forças vulcânicas contidas há muito tempo nas profundezas da greta. Na parte superior do vale do Jordão, junto a Basan, erguem-se ainda hoje as crateras de vulcões extintos, e sobre o terreno calcário há grandes campos de lava e enormes camadas de basalto. Desde tempos imemoriais, os territórios ao redor dessa depressão são sujeitos a terremotos. Repetidamente temos notícia deles, e a própria Bíblia fala a respeito. Como para confirmar a teoria geológica do desaparecimento de Sodoma e Gomorra, escreve textualmente o sacerdote fenício Sanchuniathon em sua *História antiga* redescoberta: “O vale de Sidimus ⁽²¹⁾ afundou e se transformou em mar, sempre fumegante e sem peixe, exemplo de vingança e morte para os ímpios”.

E a mulher de Lot, “tendo olhado para trás, ficou convertida em estátua de sal” (Gênes 19.26).

Quanto mais nos aproximamos da extremidade sul do mar Morto, mais deserta e selvagem se torna a região e mais sinistro e impressionante é o cenário das montanhas. Um eterno silêncio paira nos montes, cujas vertentes escavadas pendem a prumo sobre o mar, onde se reflete sua brancura cristalina. A inaudita catástrofe deixou seu selo indelével de tristeza e desolação naquelas paragens. Raramente passa por algum daqueles vales fundos e escarpados um grupo de nômades a caminho do interior.



a)



b)

Figura 12 - O mar Morto: a) 2000 a.C., antes do afundamento de Sodoma e Gomorra;
b) 1900 a.C., depois da catástrofe

Onde terminam as águas pesadas e oleosas, ao sul, termina também, bruscamente, o impressionante cenário de rochedos, dando lugar a uma região pantanosa de água salgada. O solo avermelhado é riscado por inúmeros ribeiros, perigosos para o viajante incauto. Essa baixada estende-se a grande distância para o sul até o deserto vale de Araba, que chega até o mar Vermelho.

A oeste da costa sul, na direção do *país do meio-dia* bíblico, o Neguev, estende-se um espinhaço de quarenta e cinco metros de altura e quinze quilômetros de comprimento na direção norte-sul. O sol, batendo nas suas encostas, produz reflexos de diamante. É um estranho fenômeno da natureza. A maior parte dessa pequena serra é constituída de puros cristais de sal. Os árabes chamam-lhe Djebel Usdum, nome antiqüíssimo em que está contida a palavra “Sodoma”. A chuva desloca numerosos blocos de sal que rolam até a base. Esses blocos têm formas caprichosas e alguns deles são eretos como estátuas. Às vezes em seus contornos a gente pensa distinguir, de repente, formas humanas.

As estranhas estátuas de sal trazem logo à lembrança a história da Bíblia sobre a mulher de Lot, que foi transformada em estátua de sal. E tudo o que está próximo ao mar salgado ainda hoje se cobre em pouco tempo com uma crosta de sal.

Até hoje, as peregrinações de Abraão continuam a intrigar os cientistas. Salientou-se que, além do que diz a Bíblia, não há confirmação alguma da permanência de Abraão no Egito, e mesmo os textos bíblicos mencionam-na somente de passagem, relatando um truque empregado por Abraão, pelo medo que teve de ser assassinado por sua linda esposa. Da mesma forma, essa passagem ainda tem aquele duplo sentido do qual se falará no posfácio desta nova edição revista. A respectiva menção aparece por duas vezes (Gênes 12.9 e 20.1), só que a segunda menção, “*E Abraão partiu dali para a parte do meio-dia, habitou entre Cades e Sur e viveu como peregrino em Gerara*” (entre Gaza e Beersheba), não fala mais no Egito. Em todo caso, seja como for, ou como se queira interpretar aqueles textos, dificilmente o relato poderia ser considerado como histórico.

Acresce-se o fato de que, segundo as pesquisas mais recentes, os afrescos na tumba de Chnum-hotep, em Beni Hassan, não se enquadram, incondicionalmente, nas crônicas bíblicas dos patriarcas, visto que as caravanas ali retratadas usam o *burro*, como seria de se esperar de caravanas ao redor de 1900 a.C., conquanto a Bíblia atribui *camelos* a Abraão e seus

seguidores, e, segundo a opinião vigente, esses últimos seriam os contemporâneos daquelas caravanas. No entanto, há uma diferença enorme entre o uso dessas duas espécies de montaria e besta de carga, quanto à sua autonomia, seus custos, sua mobilidade e, com isso, a segurança da caravana com a qual seguiram. A introdução do camelo como montaria e besta de carga equivale a uma revolução no sistema do transporte do antigo Oriente. Em outra parte tornaremos a tratar do assunto com maiores detalhes.

No entanto, em que época aconteceu tal "revolução"? Também em data recente, os zoólogos especializados em animais domésticos, bem como os orientalistas, estudaram o assunto sem lograr resolvê-lo. Assim, continuam como "animais problemáticos" tanto os famosos "camelos dos patriarcas" quanto os dos mercadores que levaram José para o Egito. (Este ponto será igualmente tratado no fim do capítulo seguinte.)

Da mesma forma, a tradição de Sodoma e Gomorra parece ser ainda mais problemática do que a referente aos camelos de Abraão. Antes de mais nada, convém frisar que está fora de qualquer cogitação a hipótese segundo a qual a depressão do rio Jordão teria se originado somente há uns quatro milênios, pois, conforme as pesquisas mais recentes, a origem dessa depressão remontaria ao Oligoceno (Terciário, entre o Eoceno e o Mioceno). Portanto, neste caso é preciso calcular não em milhares, mas sim milhões de anos. Embora, em tempos posteriores, fosse comprovada uma atividade vulcânica mais intensa, relacionada com a abertura da depressão do rio Jordão, mesmo assim chegamos a parar no Plistoceno, encerrado há uns dez mil anos, e ficamos longe do chamado "período dos patriarcas", convencionalmente datado no terceiro ou até segundo milênio antes de Cristo. Ademais, justamente ao sul da península de Lisan, onde supostamente teria acontecido o ocaso de Sodoma e Gomorra, perdem-se todos os vestígios de erupções vulcânicas. Em outras palavras, naquela área as condições geológicas não permitem comprovar uma catástrofe ocorrida em época geológica bem recente, que destruiu cidades e foi acompanhada por violentas erupções vulcânicas.

Por outro lado, o que se achou a respeito da entrada do mar Morto na bacia do sul, mais rasa? No decorrer de sua história bastante movimentada, o mar Morto (e seus antecessores no Plistoceno) estendeu-se, freqüentemente, além da atual bacia meridional, invadindo o Uádi e 'Arab. Por vezes, seu nível ficou até cento e noventa metros mais alto do que hoje. Naqueles tempos, o lago imenso ali represado encheu toda a depressão do Jordão, desde o Uádi e 'Arab, e subiu até o lago de Genesaré. Em seguida, esse lago diminuiu, como o atestam nada menos que vinte e oito antigos terraços nas suas margens, ou, possivelmente, até secou, e somente depois (presumivelmente, acompanhado por fortes tremores de terra) houve a formação do mar Morto. Mas igualmente esse acontecimento ocorreu ainda em fins do Plistoceno, quando, embora o homem já existisse,

ainda não havia cidades. Todavia, há uma vaga possibilidade de que se teria tratado de experiências vividas naquela região pelo homem da Idade da Pedra, que, transmitidas de boca em boca, geração após geração, criaram as tradições das “cidades devastadas” e vieram a dar origem à tradição em apreço, pois essa tradição parece ser muito antiga, bem mais antiga do que se supôs até agora. Logo mais, voltaremos ao assunto. Decerto, houve terremotos no mar Morto em tempos posteriores, como, por exemplo, o ocorrido em 31 a.C., cujos horrores foram relatados por Flávio Josefo, bem como o registrado em Qirbet Qumran (local do achado dos famosos “rolos manuscritos do mar Morto”), onde persistem os vestígios da destruição então causada. Contudo, em parte alguma há indícios de uma catástrofe que, no início do segundo milênio antes da nossa era, teria aniquilado cidades inteiras. Aliás, nomes de locais geográficos, como Bahr ei Lat (“mar de Lot”), termo árabe para o mar Morto, Djebel Usdum (“monte de Sodoma”) e Zoar, não precisam necessariamente ser oriundos de uma tradição autêntica, independente, imediata, primária e paralela à Bíblia. É bem possível que, posteriormente e em aditamento aos relatos bíblicos, esses locais recebessem seus nomes (no caso, poderia tratar-se de uma mera “tradição secundária”). Situação análoga apresenta-se com referência ao “canal de José” (em árabe: Bahr Yusuf), em Fayum, no Egito, a ser mencionado no próximo capítulo. Aliás, o “José egípcio” da Bíblia existe também na tradição islâmica, e provavelmente o nome do respectivo curso de água poderia (ou deveria) estar relacionado com ele.

Foi apenas recentemente que a escavação do Tell el-Mardikh, na Síria setentrional (ao sul de Alepo), conduzida pelo cientista italiano Giovanni Pettinato, causou sensação. Ali, Pettinato achou Ebla, uma cidade do terceiro milênio antes da era cristã, e a esse respeito foram três os fatos que causaram espécie. Primeiro, em tempos pré-históricos, existia ali uma civilização avançada, com uma estrutura social altamente diferenciada para a época; segundo, Ebla possuía um rico arquivo de tabuinhas de barro. Como costuma acontecer com todos esses arquivos, sua descoberta promete uma série de conhecimentos novos, quando, por outro lado, tais noções recém-adquiridas bem poderiam abalar algumas das doutrinas até então consideradas certas e garantidas. Recentemente, um colega alemão do Prof. Pettinato comentou: “Depois de estudados e explorados os textos, provavelmente poderemos esquecer os resultados obtidos em todo um século de pesquisas do antigo Oriente”. Contudo, a terceira e, no caso, a mais importante sensação causada pela descoberta do Prof. Pettinato prende-se ao fato de os textos de Ebla conterem nomes que nos são familiares pela leitura da Bíblia e, assim, aparecem no terceiro milênio antes de Cristo! Ali são mencionados tanto o nome de Abraão quanto os nomes das cidades pecadoras de Sodoma e Gomorra, aniquiladas pelo fogo, de Adma e Zeboim, no mar Morto. Aliás, quanto a isso, há um certo ceticismo entre alguns colegas do Prof.

Pettinato. Será que ele interpretou corretamente aqueles textos? Sem dúvida, pois como já mencionamos em outro trecho, os nomes dos patriarcas foram encontrados também em outros locais. Mas o que se deve pensar do fato de os nomes Sodoma e Gomorra constarem de um arquivo encontrado na Síria, terceiro milênio antes de Cristo? Assim, será que essas cidades existiram de fato?

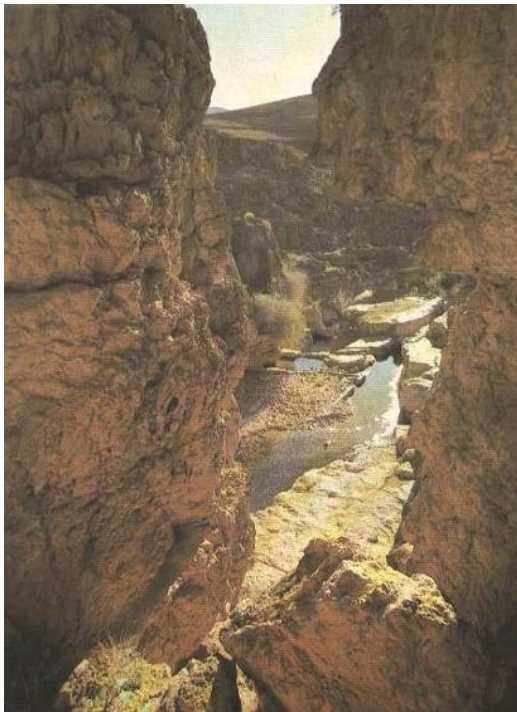


Prancha I - Foto: Daniel Blatt, Jerusalém; Bildarchiv Preussischer Kulturbesitz, Berlim. — O rio Jordão, na Galiléia. A artéria vital da Terra Santa, no trecho norte do seu curso.

Ou será que sua tradição remonta a tempos remotos, a ponto de *antecederem* o início convencionalizado para o "tempo dos patriarcas"?

Decerto, ainda levará muito tempo para se encontrar respostas a todas essas perguntas. Em geral, o cientista não costuma ir à cata de sensações, e falta muito para reunirmos as condições necessárias para avaliar, sem sombra de dúvida,

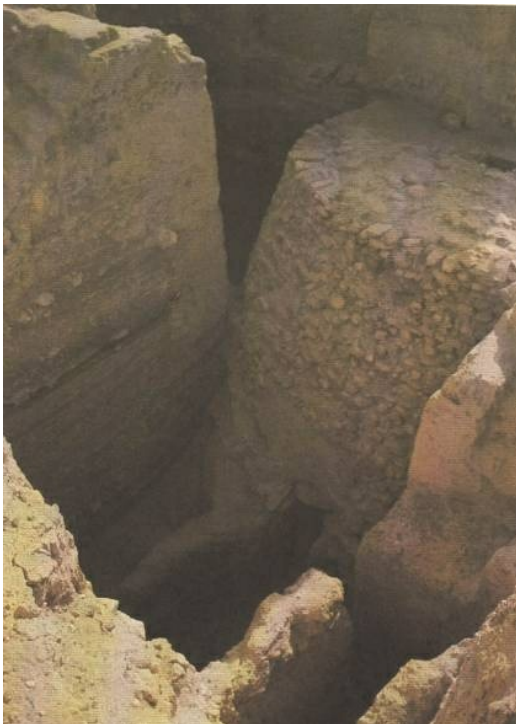
quanto de realmente sensacional há na arqueologia bíblica do Tell el-Mardikh, descontado todo sensacionalismo.



Prancha II - Werner Braun, Jerusalém; Bildarchiv Preussischer Kulturbesitz, Berlim

Uadi el-Kelt.- Quanto mais ao sul, tanto mais o vale do Jordão afunda no solo, mais inóspita se torna a paisagem, mais íngremes e bizarros se apresentam os vales adjacentes da depressão do Jordão. Eis a garganta, rochosa e selvagem, do

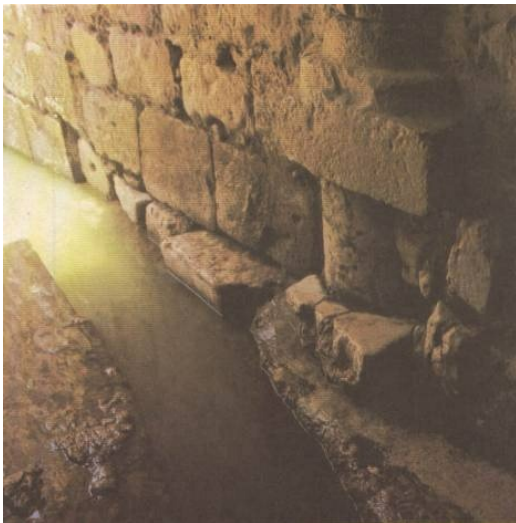
Uadi el-Kelt. Outrora, o caminho de Jerusalém para Jericó, a chamada "vereda de sangue", local da divulgadíssima parábola do bom samaritano, passava por este sombrio vale desértico (provavelmente, o "vale das sombras da morte", decantado pelo salmista).



Prancha III - Foto: Werner Braun, Jerusalém; Bildarchiv Preussischer Kulturbesitz, Berlim. — Jericó antiga, torre fortificada da Idade da Pedra.

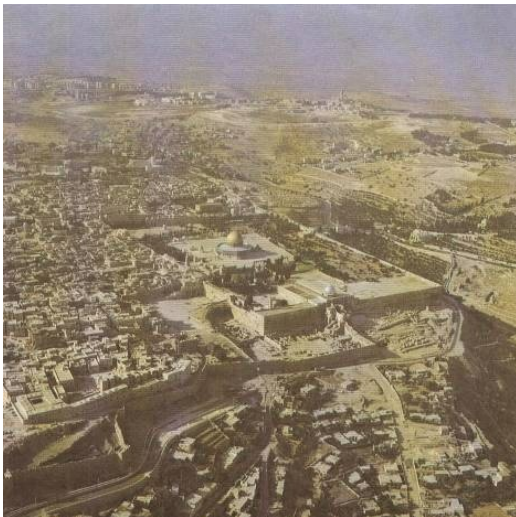
A pouca distância da desembocadura do Uadi el-Kelt, na depressão do Jordão, situa-se Jericó, "a cidade mais antiga do mundo". Escavações

arqueológicas, feitas nesse local, trouxeram à luz do dia fortificações, como a torre na foto (a formação circular, à direita), cuja idade ultrapassa em alguns milênios a das muralhas de todas as demais cidades conhecidas ao redor do golfo, datando ainda do Neolítico, de época anterior à da invenção da cerâmica.



Prancha IV - Foto: Werner Braun, Jerusalém; Bildarchiv Preussischer Kulturbesitz, Berlim. — A fonte de Gihon (Jerusalém).

Em todas as cidades das terras bíblicas, a fonte sempre foi de importância vital. O núcleo da Jerusalém mais antiga brotou ao redor da fonte de Gihon (= borbulhão; na era cristã também chamada de *Ain Sitti Marjam*, ou seja, "Fonte da Virgem Maria"), na vertente oeste do vale do Quidron. Por meio de um túnel, construído sob o reinado de Ezequias de Judá e o qual, a seu tempo, era um feito extraordinário, obra-prima da engenharia do subsolo, essa fonte alimenta o poço de Siloé, há mais de dois milênios e meio (veja prancha VIII).



Prancha V - Foto: Werner Braun, Jerusalém; Bildarchiv Preussischer Kulturbesitz, Berlim, — Vista aérea do centro da antiga Jerusalém.

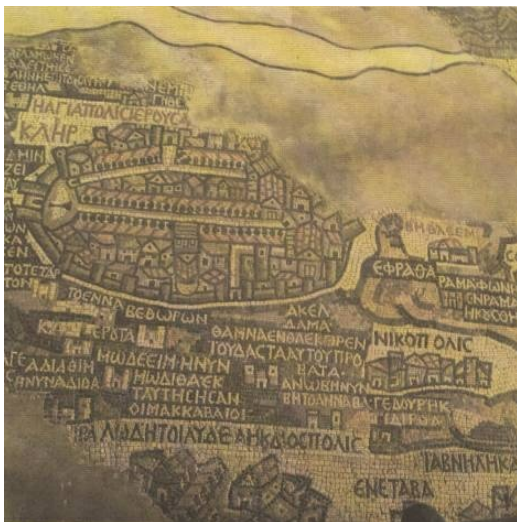
O centro da antiga Jerusalém (vista para o norte), com o perímetro do templo, do qual sobressai a cúpula dourada do domo de rocha erguido pelos Omíadas, em cuja extremidade sudoeste distingue-se, nitidamente, o Muro das Lamentações. À direita da plataforma do templo de Herodes, o corte fundo do vale de Quidron, cuja vertente leste (à direita, na foto) sobe para o monte das Oliveiras. A fonte de Gihon e, assim, a Jerusalém mais antiga, pré-davidiana, bem como a própria "cidade de Davi", situavam-se na vertente oeste do Quidron, na íngreme parede leste da serra que, ao sul do perímetro do templo, estende-se até a borda inferior da foto.



Prancha VI - Foto: Daniel Blatt, Jerusalém; Bildarchiv Preussischer Kulturbesitz, Berlim.

Vista do monte das Oliveiras para Jerusalém. — Por cima do vale do Quidron, para oeste, avista-se a plataforma do templo de Herodes, com seus muros ainda erguidos, a cúpula, de brilho dourado, do domo de rocha dos Omiadas, o núcleo da cidade velha e (atrás) a cidade nova, com seus modernos arranha-céus. À esquerda do domo de rocha, situa-se a mesquita, al-Aqsa; ao sul da plataforma do templo, nasce a fonte de Gihon, na íngreme vertente oeste do vale do Quidron. Ali, naquela íngreme vertente oeste do vale do Quidron, escavações arqueológicas modernas depararam com o núcleo urbano mais antigo de Jerusalém, a cidade pré-davidiana dos jebusitas, e a "cidade de Davi" propriamente dita. A partir dali, no decorrer dos séculos, ou melhor, milênios, aos poucos, Jerusalém estendeu-se em direção norte e oeste. Presumivelmente, o templo de Salomão encontrar-se-ia sob as muralhas imponentes da plataforma

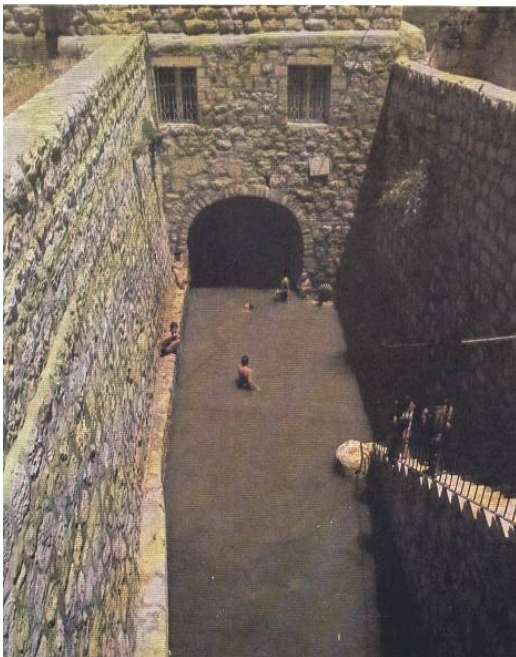
do templo de Herodes.



Prancha VII - Foto: Werner Braun, Jerusalém; Bildarchiv Preussischer Kulturbesitz, Berlim.

Jerusalém, segundo o mapa em mosaico de Madaba. Na era dos romanos, por muito tempo Jerusalém foi uma colônia romana, denominada *Aelia Capitolina*, e nela os judeus eram proibidos de entrar, sob pena de morte. Naquela época, um templo romano, dedicado a *Iuppiter Capitolinus*, erguia-se na plataforma do templo de Herodes. Por conseguinte, o célebre mapa bizantino em mosaico, no chão de uma igreja cristã, em Madaba (terra do Jordão), mostra Jerusalém como um complexo urbano romano, ostentando o típico eixo norte-sul (*Cardo*), flanqueado de colunas. Todavia, como revela o texto grego do mapa, para o autor desse mosaico, Jerusalém já era, novamente, *he hagia* (= "A Santa"). De fato, a modelação urbanística do atual centro antigo de Jerusalém remonta em larga medida à *Aelia Capitolina* romana, embora em parte fosse de data ainda mais recente, pois as últimas obras executadas em suas imponentes muralhas,

por ordem de Solimão, o Magnífico, datam somente do século XVI da era cristã.



Prancha VIII - Foto: Werner Braun, Jerusalém; Bildarchiv Preussischer Kulturbesitz, Berlim.

Poço de Siloé (Jerusalém). — Para os habitantes da Jerusalém bíblica, a água da fonte de Gihon era de importância vital, a ponto de sempre terem sido executadas arrojadas obras de engenharia a fim de garantir sua perene disponibilidade. Aliás, o Rei Ezequias de Judá mandou até cavar um túnel subterrâneo para levar a água ao poço de Siloé (veja foto), onde a população

ficava a salvo de ameaças bélicas vindas pelo vale do Quidron. Todavia, o poço foi emparedado em data mais recente.

Parte II - No reino dos faraós - De José a Moisés

José no Egito

Putifar teve um modelo? — O Papyrus Orbiney — Os hicsos, soberanos do Nilo — José, funcionário de uma potência de ocupação — Silos de trigo, patente egípcia — Constatados os sete anos de fome — Instalações em Gessém — Bahr Yusuif, o canal de José — O nome "Jakob-her" em escarabeus — A história de José

José foi, pois, conduzido ao Egito, e Putifar, egípcio, camarista [\(22\)](#) de faraó e general do Exército, comprou-o aos ismaelitas, que o tinham levado (Gênese 39.1).

A história de José, que foi vendido por seus irmãos e enviado para o Egito e, mais tarde, após tornar-se grão-vizir, reconcilia-se com eles, é indubitavelmente uma das histórias mais belas da literatura mundial.

Pelo que, passados muitos dias, lançou sua senhora seus olhos sobre José, e disse: Dorme comigo. Mas ele, não consentindo de modo algum..." (Gênese 39.7, 8). Quando o marido voltou para casa, ela disse: "Aquele servo hebreu, que trouxeste, veio ter comigo para fazer zombaria de mim" (Gênese 39.17).

"Bem Aquiba", disseram sorrindo os egiptólogos ao fazerem o primeiro estudo do "Papyrus Orbiney". O que eles decifraram naqueles hieróglifos foi uma história muito lida do tempo da décima nona dinastia, com o discreto título de "A história dos dois irmãos":

"Era uma vez dois irmãos... O mais velho chamava-se Anúbis e o mais novo, Bata. Anúbis possuía casa e esposa, e seu irmão mais novo morava com ele como se fosse seu filho. Levava os rebanhos ao campo, conduzindo-os para casa à noite, e dormia com o gado no curral. Quando chegava o tempo da lavoura, os dois irmãos trabalhavam juntos nos campos. Uma vez, havia alguns dias que estavam no campo e faltou-lhes grão. Então o irmão mais velho disse ao irmão mais novo:

— Corre e traze grão da cidade!

O irmão mais jovem encontrou a mulher do irmão penteando-se e disse-lhe:

— Levanta-te e dá-me grão a fim de que eu possa voltar correndo para o campo. Pois meu irmão disse: 'Anda depressa e não te detenhas!'

Carregou-se com trigo e cevada e saiu com seu fardo... Então disse-lhe ela:

— Tu és muito forte! Diariamente vejo a tua força... Vem! Deitemo-nos

juntos por uma hora! Será agradável para ti. E eu te farei bonitas roupas.

O jovem ficou furioso qual uma pantera do sul... por causa das palavras malignas que ela dissera. Respondeu-lhe, porém:

— Que grande vergonha isso que me disseste! Não me tornes a dizer semelhante coisa. E assim eu também não direi a ninguém...

Levantou a sua carga e partiu para o campo... A mulher, porém, teve medo por causa do que falara. Apanhou gordura e preparou-se de maneira a parecer que fora maltratada por um atrevido. O marido... encontrou a mulher deitada, doente como por efeito de maus-tratos... Então disse-lhe o homem:

— Quem falou contigo? Ela respondeu-lhe:

— Ninguém... a não ser teu irmão mais jovem. Quando ele veio buscar grão... encontrou-me só e disse-me: 'Vem, vamos ficar deitados uma hora! Solta o teu cabelo'... Mas eu não lhe dei ouvidos. Respondi-lhe: 'Não sou porventura como se fosse tua mãe? E teu irmão mais velho não é como se fosse teu pai?' Ele ficou com medo e bateu-me para que eu não te contasse. Se o deixares viver, eu morrerei.

Então o irmão ficou furioso qual uma pantera do sul. E mandou afiar sua faca... para matar seu irmão mais jovem..."

Até parece que estamos vendo os cortesãos do faraó cochichando discretamente sobre a história. A novela agradou. Os problemas sexuais e a psicologia feminina, milhares de anos antes de Kinsey, já eram interessantes.

A história de uma adúltera, urdida numa novela egípcia, seria o modelo da história bíblica de José? Sobre os prós e os contras discutiram os sábios, em face do documento chamado "Papyrus Orbiney", até muito depois da passagem do século. Com exceção da Bíblia, faltava todo e qualquer vestígio sobre a estada de Israel no Egito. Historiadores e professores de teologia falavam sobre a "lenda de José". De uma terra como o Egito era de esperar documentação contemporânea sobre o acontecimento de que fala a Bíblia. Pelo menos no que diz respeito a José. Pois ele foi grão-vizir do faraó e, portanto, um homem poderoso no Nilo.

Nenhuma nação do antigo Oriente nos transmitiu a própria história com tanta fidelidade como o Egito. Até 3000 anos a.C., podemos acompanhar quase sem uma falha os nomes dos faraós, conhecemos a sucessão de dinastias do antigo, do médio e do novo império. Nenhum outro povo traçou com tanta precisão os acontecimentos importantes, os feitos dos soberanos, suas campanhas, as construções de seus templos e palácios, bem como sua literatura e poesia.

Mas, nesse caso, o Egito não deu uma só resposta aos pesquisadores.

Não só eles não encontraram nada sobre José, mas, mais importante ainda, não descobriram qualquer documento ou monumento sobre esse período.

As informações quase ininterruptas sobre séculos remotos cessam bruscamente por volta do ano 1730 a.C.. A partir de então, envolve o Egito a mais

profunda escuridão. Só em 1580 a.C. ressurgem testemunhos contemporâneos. Como explicar a falta de toda e qualquer notícia sobre um período tão longo, sobretudo a respeito de um povo e uma nação tão civilizados?

Uma coisa inconcebível e monstruosa acontece na terra do Nilo por volta de 1730 a.C.. De repente, como um raio caído do céu sereno, irromperam no país guerreiros em carros velozes como flechas, colunas intermináveis envoltas em nuvens de poeira. Nas fortalezas das fronteiras, ressoava dia e noite o tropel de cavalos, reboava através das ruas das cidades, nas praças dos templos e nos magníficos pátios dos faraós. E antes que os egípcios percebessem, havia acontecido: sua terra estava conquistada, devastada, vencida. O gigante do Nilo, que nunca antes em sua história vira conquistador estrangeiro, jazia por terra, acorrentado. O domínio dos conquistadores começou com um banho de sangue.

Os hicsos, tribos semitas de Canaã e da Síria, desconheciam a piedade. No ano fatídico de 1730 a.C., encerram-se bruscamente os mil e trezentos anos de domínio das dinastias. O médio império dos faraós esfacelou-se sob o assalto do povo asiático, o "soberano de terras estrangeiras". Era isso o que significava o nome hicsu. A recordação dessa catástrofe política permaneceu vivida na memória do Nilo, como o demonstra a emocionante descrição que dela faz o historiador egípcio Mâneto: "Havia então um rei nosso chamado Timaios. Foi no seu reinado que isso aconteceu. Não sei por que Deus estava descontente conosco. Surgiram de improviso homens de nascimento ignorado, vindos das terras do Oriente. Tiveram a audácia de empreender uma campanha contra nossa terra e subjugaram-na facilmente sem uma única batalha. E depois que haviam submetido nossos soberanos ao seu poder, incendiaram barbaramente nossas cidades, destruíram os templos dos deuses. E todos os habitantes foram tratados cruelmente, pois mataram uma parte e levaram os filhos e as mulheres de outros como escravos. Por fim, elegeram rei um dos seus. O nome dele era Salatis, vivia em Mênfis, e impôs tributo ao Alto e ao Baixo Egito e instalou guarnições em lugares convenientes para ele... e quando encontrou, no distrito de Sais, uma cidade adequada para os seus fins, que ficava a leste do braço do Nilo, junto a Bubaste, e se chamava Avaris, reconstruiu-a e reforçou-a grandemente com muralhas, erguidas ao seu redor, e com uma força de duzentos e quarenta mil homens que aí instalou para defendê-la. A essa cidade de Salatis ele ia todos os verões, em parte para colher seu trigo e pagar aos seus soldados, e em parte para treinar seus homens de armas a fim de incutir terror nos seus inimigos".

Avaris é a cidade que com outro nome representou um papel importante na história bíblica. Avaris, mais tarde chamada Pi-Ramsés, é uma das cidades onde Israel sofreu escravidão no Egito! (Êxodo 1.11)

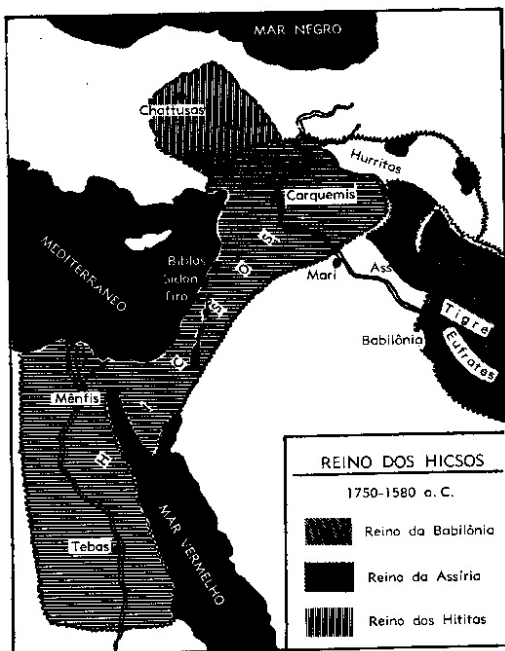


Figura 13

A história bíblica de José e a estada dos filhos de Israel no Egito têm lugar no turbulento período do domínio dos estrangeiros hicsos no Nilo. Não admira, pois, que não chegasse até nós qualquer testemunho egípcio contemporâneo a respeito. Entretanto, há provas indiretas da autenticidade da história de José. A descrição bíblica do ambiente histórico é autêntica, autêntica até o detalhe do colorido egípcio. A egiptologia comprova-o com inúmeros achados.

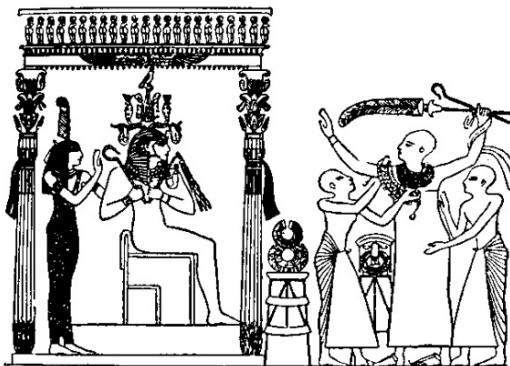


Figura 14 - Investidura de um vizir egípcio

Os ismaelitas, mercadores árabes, levavam plantas aromáticas e especiarias para o Egito, onde venderam José (Gênesse 37.25). Havia uma ávida procura desses artigos na terra do Nilo. Eram usados no culto divino, queimando-se as ervas aromáticas nos templos à guisa de incenso. Os médicos precisavam delas para curar os enfermos, e os sacerdotes, para a embalsamação dos mortos ilustres.

O egípcio a quem José foi vendido chamava-se *Putifar* (Gênesse 37.36). Era um nome comum no país. Em egípcio escrevia-se "*Pa-di-pa- Rê*", ou seja, "o enviado do deus Rê".

A elevação de José a vice-rei do Egito é descrita na Bíblia com um rigor quase protocolar. José é revestido das insígnias do seu alto cargo, recebe o anel, o selo do faraó, um precioso manto de linho e um colar de ouro (Gênesse 41.42). Foi exatamente assim que os artistas egípcios representaram em quadros murais e relevos essas investiduras solenes.

Como vice-rei, José sobe ao "segundocoeche"⁽²³⁾ do faraó (Gênesse 41.43). Na melhor das hipóteses, isso poderia referir-se à "época dos hicsos", pois o veloz carro de guerra foi introduzido no Egito somente nos tempos dos "soberanos de terras estrangeiras", ou, presumivelmente, ainda pouco antes de sua expulsão e do advento do "Novo Reino". (Segundo as pesquisas mais recentes, sua introdução

resultou da transmissão do seu uso de povo para povo.) O "modelo de luxo" do veloz carro de guerra era o carro cerimonial, como o usado posteriormente pelos soberanos durante O Novo Reino. Antes do tempo deles não era comum no Nilo. O carro cerimonial puxado por cavalos escolhidos era então o "Rolls-Royce" dos chefes de Estado. O primeiro carro cabia ao soberano, no "segundocoche" tomava lugar o mais alto dignitário do reino.

José tomou uma esposa segundo a sua condição, uma mulher chamada *Aset* (Gênesis 41.45). Tornou-se assim genro de um homem influente, Potifera, sacerdote de Heliópolis. Heliópolis é a bíblica *On*, situada um pouco ao norte do atual Cairo, na margem direita do Nilo.

Contava José trinta anos de idade quando se dispôs a "*correr a terra do Egito*" (Gênesis 41.45). Mais não diz a Bíblia a respeito. Mas um sítio do país do Nilo conserva até hoje o nome de José.

A cidade de Medinet-el-Fayum, situada cento e trinta quilômetros ao sul do Cairo, em meio ao fértil Fayum, é chamada com orgulho a "Veneza do Egito". Os exuberantes jardins desse gigantesco e florescente oásis produzem laranjas, tangerinas, pêssegos, azeitonas, romãs e uvas. O Fayum deve esses frutos preciosos ao curso de água artificial de trezentos e trinta e quatro quilômetros de extensão desviado do Nilo para essa região, que foi deserto outrora e se transformou depois num paraíso. Esse antiquíssimo curso de água não só é chamado ainda hoje Bahr Yusuf ("Canal de José") pelos felás, mas é conhecido também por esse nome em todo o Egito.

Corre entre o povo a tradição de que o bíblico José conhecido na lenda árabe como o "grão-vizir" do faraó mandou construí-lo.

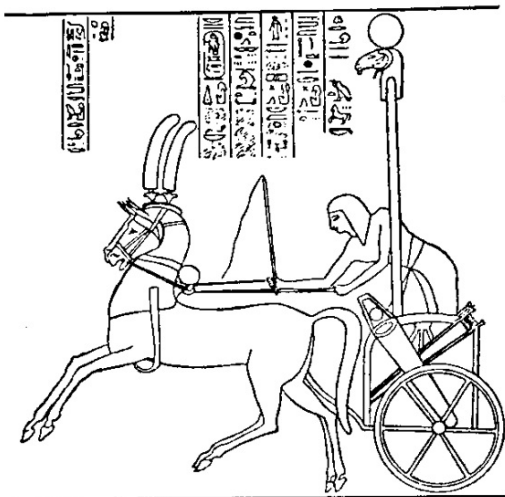


Figura 14 - Carro porta-estandarte de Tebas.

A Bíblia pinta José como um grande organizador que, quando grão-vizir, assistiu o povo egípcio com atos e conselhos, que nos anos de fartura fez provisões para os anos de fome, mandando juntar trigo e armazená-lo em celeiros para enfrentar os anos de penúria.

Passados, pois, os sete anos de abundância, que houve no Egito, começaram a vir os sete anos de carestia, e em todo o mundo se fez sentir a fome (Gênesis 41.53,54).

Anos de seca, más colheitas e períodos de fome são repetidamente referidos nas terras do Nilo. Em tempos mais antigos, por exemplo, segundo uma inscrição mural do tempo dos Ptolomeus, teria havido um período de fome de sete anos. O Rei Zoser manda a Elefantina, aos governadores que governam os distritos da grande catarata do Nilo, a seguinte mensagem: "Estou muito preocupado com os que estão no palácio. Meu coração está pesaroso porque há sete anos o Nilo não sobe. Há poucos frutos do campo, faltam ervas e todos os comestíveis.

Cada homem furta do seu vizinho... As crianças choram, os moços fogem da terra. O coração dos velhos está abatido, seus membros inválidos, ficam sentados no chão. A gente da corte não sabe o que aconselhar. Os depósitos de víveres foram abertos, mas... tudo o que aí se encontrava foi consumido".

Foram encontrados restos de celeiros que já existiam no antigo império. Em muitos túmulos encontravam-se pequenos modelos de barro. Com certeza eles pensaram nos anos de fome também para os mortos.

Ora Jacó, tendo ouvido dizer que no Egito se vendia de comer, disse a seus filhos: Por que estais a olhar uns para os outros? Ouvi dizer que no Egito se vendia trigo; ide, e comprai-nos o necessário, para que possamos viver; e não sejamos consumidos pela fome. Os dez irmãos de José foram, pois, ao Egito comprar trigo (Gênese 42.1,3). Tal foi o motivo que levou ao reencontro entre os filhos de Jacó e o irmão que tinham vendido e à entrada dos israelitas no Egito. O vice-rei mandou chamar seu pai, irmãos e parentes: *"... Todas as almas da casa de Jacó, que entraram no Egito, foram setenta... E foram para a terra de Gessém"* (Gênese 46.27,28). O vice-rei tinha obtido uma permissão ampla para a passagem da fronteira, e o que a Bíblia diz corresponde inteiramente às normas administrativas do governo.



Figura 16 - Venda de trigo a semitas de Canaã.

O rei disse, pois, a José: Têu pai e teus irmãos vieram ter contigo. A terra do Egito está diante de ti; faze-os habitar no melhor lugar e entrega-lhes a terra de Gessém (Gênese 47.5,6).

Um funcionário da fronteira escreve num papiro a seu superior:

"Outro assunto que tenho a comunicar ao meu senhor é o seguinte: nós permitimos a passagem dos beduínos de Edom pelo forte de Meneptah em Zeku, para os lados dos pântanos da cidade de Per-Atum... a fim de que eles e seus rebanhos vivam no domínio do rei, que é o bom sol de todo o país".

A Per-Atum, que surge aqui no texto hieroglífico, é a Pitom da Bíblia na terra de Gessém, uma das cidades em que Israel, mais tarde, sofreu servidão no Egito (Êxodo 1.11).

Em tais casos a polícia da fronteira tinha autoridade máxima, equivalente à dos mais altos funcionários da corte. E o procedimento seguia uma rotina estabelecida: gente que solicitava terras de pastagem, fugitivos de outros países

onde reinava a fome eram recebidos e quase sempre levados à mesma região. Esta ficava no Delta, na margem direita do Nilo, a bíblica terra de *Gessém*. Também o domínio dos conquistadores hicsos tinha seu centro no Delta.

Os filhos de Israel deviam se sentir muito bem na terra de Gessém.

Ela era — exatamente como a Bíblia descreve (Gênesse 45.18; 46.32; 47.3) — extremamente fértil e, como terra de pastagem, verdadeiramente ideal para a criação de gado. Quando o velho Jacó morreu, fizeram com ele uma coisa desconhecida e estranha em Canaã, na Mesopotâmia, e para a sua gente, e que, portanto, deve ter causado muito assombro à sua família: seu corpo foi embalsamado.

E ordenou aos médicos que o serviam que embalsamassem o seu pai. E, enquanto eles cumpriam a ordem, ⁽²⁴⁾ passaram-se quarenta dias; porque era este o costume praticado com os cadáveres embalsamados (Gênesse 50.2,3).

Em Heródoto, o *globetrotter* e escritor de viagens número 1 da Antigüidade, podemos verificar que essa descrição corresponde exatamente ao costume egípcio. José seria inumado do mesmo modo anos mais tarde.

Sob os faraós jamais um "habitante da areia" poderia ser vice-rei. Os nômades criavam jumentos, ovelhas e cabras, e para os egípcios não havia nada mais desprezível do que os pastores de animais pequenos. "*Porque os egípcios detestam todos os pastores de ovelhas*" (Gênesse 46.34). Só entre os conquistadores hicsos estrangeiros um "asiático" teria possibilidade de se elevar ao mais alto posto do Estado. No tempo dos hicsos, houve repetidamente funcionários com nome semítico. Em escarabeus desse tempo foi decifrado, sem sombra de dúvida, o nome "Jakob-her". "E não é impossível", afirma o grande egiptólogo americano James Henry Breasted, "que um chefe das tribos de Israel tivesse conseguido uma alta posição naqueles tempos sombrios que o vale do Nilo atravessou." Um tal acontecimento seria extraordinariamente favorável à entrada de tribos israelitas no Egito, o que de qualquer modo deve ter ocorrido nessa época.

A exemplo de muitos relatos bíblicos, também o de José do Egito teve confirmação surpreendente, em seus detalhes, conquanto, como costuma acontecer freqüentemente, tais confirmações não deixem de apresentar seus senões.

As confirmações.

De fato, houve altos funcionários egípcios provenientes da Ásia. Um deles fez um governo autocrático a ponto de uma fonte do antigo Egito, presumivelmente a ele referente, falar em "domínio estrangeiro, exercido por um sírio".

Por exemplo, o faraó do Egito sonha com vacas gordas e vacas magras

(Gênesse 41.2 e 18). José interpreta essas vacas como anos (Gênesse 41.26). De fato, foram encontradas inscrições egípcias apresentando o símbolo hieroglífico da vaca como criptograma, uma espécie de "símbolo secreto", para "ano". Seria o caso de se pensar que essa fosse uma descoberta sensacional!

A "reforma agrária" de José não atingiu a terra dos sacerdotes egípcios (Gênesse 47.22), que lhes tinha sido dada pelo faraó. De fato, houve, pelo menos, uma fase da história do antigo Egito na qual os sacerdotes egípcios se beneficiaram com a isenção de tributos. A esse respeito relatou o "pai da história", o historiador grego Heródoto, de Halicarnasso, da Ásia Menor (por volta de 480 — depois de 430 a.C.) (Heródoto 2, 168).

Até para o cerimonial da investidura de José no seu cargo (Gênesse 41.42) foram encontrados paralelos. À primeira vista, vieram à mente representações pictóricas, datando da época do Novo Reino e, embora com isso não se recuasse até o tempo do domínio hicsos, já se chegou bem mais perto daquele período.

Os senões

Todas as quatro confirmações citadas da história de José nada têm a ver com o período dos hicsos (por volta de 1650-1544/41 a.C., segundo Von Beckerath), no qual, até agora, era costume localizar esse episódio, mas sim, com fases bem posteriores da história do antigo Egito.

Isso ocorreu somente na época dos Ramsés (séculos XIII a XII a.C.), quando os altos cargos na corte egípcia eram ocupados por asiáticos influentes. No caso do "domínio estrangeiro, exercido por um sírio", do qual falam as fontes do antigo Egito, trata-se, obviamente, de um bija, ou bei, o poderoso "grão-vizir" da Rainha Tewosre (cerca de 1200 a.C.). A "fonte" citada é o "grande papiro Harris", o relatório que dava contas do governo de Ramsés III (do tempo de Ramsés IV, século XII a.C.).

O símbolo da "vacca" como "ano" foi confirmado somente na época dos Ptolomeus (305 a 30 a.C.). Portanto, situa-se a um milênio e mais alguns séculos depois da era dos hicsos!

Os privilégios relativos à posse de terra e prestação de tributos, com os quais se beneficiaram os sacerdotes egípcios, vigoraram somente na época dos saítas (664 a 525 a.C.).

O cerimonial da investidura de José, conforme descrito na Bíblia, quando ele é revestido das insígnias do seu alto cargo, recebe o anel, o selo do faraó, um manto de linho e um colar de ouro, a rigor, e conforme se supunha, não encontra correspondência nas pinturas do antigo Egito, mostrando a "investidura", ou "condecoração com o ouro de honra", celebradas no novo reino, que sempre costumam ser citadas a título de comprovantes, mas sim, o paralelo mais próximo no tempo surge somente na época de Sargão II, de Assur (722-705

a.C.). Provavelmente, esse cerimonial de investidura foi introduzido no Egito somente por Assurbanipal (669/8-620a.C.), que conquistou o Egito em 665 a.C. e, com um cerimonial apropriado, consagrou Neco, príncipe de Sais, vice-rei do Egito. Também por essa ocasião aparece, expressamente, a trindade das insígnias: o(s) anel(éis), o manto e o colar.

Com isso surgem duas perguntas:

1) Se a história bíblica de José encerra elementos de períodos como os acima citados, será que ela pode ser tão antiga como se supunha até agora? (Ou datará de uma época bem mais recente que aquela até agora suposta?)

2) Se a datação não estiver correta, que pensar, então, da autenticidade daquela história? Seriam autênticos seus matizes e o colorido egípcios?

De fato, até agora, cientistas em todo o mundo estavam mais ou menos convencidos da legitimidade do pano de fundo do "antigo Egito" desse relato bíblico. E nesse contexto, a impressionante lista dos nomes de todos aqueles cientistas de renome, prontos a aceitar José como um grão-vizir da época do domínio hicsu, quase representa um "quem é quem" da egiptologia, como afirmou Donald B. Redford, há uns quarenta anos, e cujo estudo bastante amplo sobre a história de José foi publicado em 1970. Entrementes, também Donald B. Redford submeteu a história de José a pesquisas mais rigorosas, cujos resultados, como já foi mencionado, levantaram muitas dúvidas a respeito do seu suposto relacionamento com a época dos hicsos.

Os viajantes ismaelitas que levaram José para o Egito tinham camelos, carregados de aromas, resina e mirra (Gênes 37.25). Com esses camelos acontece a mesma coisa que se dá com os "camelos dos patriarcas", mencionados em outro trecho deste livro, tratando-se de Abraão. Em todo caso, constituem um problema, e para alguns pesquisadores da Bíblia são verdadeiros "obstáculos". Em resumo, são problemáticos e, por sua vez, indicam precisamente uma época posterior à do domínio hicsu.

Contudo, já que tratamos de meios de transporte, convém frisar que para muitos estudiosos a menção do "segundo coche" (Gênes 41.43) na história bíblica de José vale como uma referência inequívoca aos tempos do domínio hicsu. É verdade que, de fato, os hicsos introduziram no Egito o carro de um eixo e duas rodas. Por outro lado, o carro continuou em uso, mesmo depois da expulsão dos hicsos; mas somente com o advento do novo reino começaram a surgir as representações de carro; assim, Howard Carter encontrou no célebre túmulo de Tutancâmon carros de guerra e cerimônia, acompanhando o faraó morto, a título de oferenda fúnebre. Dessa forma, a menção do carro também pode se referir a qualquer fase histórica posterior.

Por mais de uma vez e de maneira bem clara e decisiva, a história bíblica de José pressupõe a noção e o uso do dinheiro (Gênes 42.25 e outros). Especialmente a palavra "saca", conforme mencionada em Gênes 42.35, de

fato, está sendo empregada somente em épocas nas quais o dinheiro já existia, e no Egito e na Palestina dificilmente isso teria acontecido antes de fins do século XI a.C.. O título oficial de Putifar, comumente traduzido por "camarista" ou "general de exército" (Gênes 39.1), era realmente "eunuco". E no Egito tal título somente começou a ser conhecido na época do domínio persa. (525-332 a.C.)

E as dúvidas prosseguem. Ao todo, Redford cita vinte e cinco pontos contra a datação do episódio de José na era dos hicsos, e que antes o situariam em fins do antigo Egito. Mesmo um cientista tão convicto da autenticidade dos matizes do antigo Egito na história de José, como George Ernst Wright, já em 1957 teve de admitir que os nomes egípcios, citados nela — entre eles, não por último, o nome de Putifar (Pa-di-pa-Rê) —, "somente entraram em uso geral nos dias do Rei Davi". A mais antiga menção egípcia ao nome Pa-di-pa-Rê (Putifar) "dataria, o mais remotamente possível, da vigésima primeira dinastia", conforme Pierre Montet, outro cientista muito propenso a atribuir autenticidade ao "José egípcio". Segundo Jürgen von Beckerath, a vigésima primeira dinastia data de cerca de 1080-946 a.C., o que, de fato, corresponderia aos tempos de Davi e Salomão, mas estaria aproximadamente meio milênio distante da época do domínio hicsu.

Aliás, pouco importa a prova que se faça e o fato de, ao contrário do que se supunha até agora, os indícios apontarem sempre para uma fase posterior na história do antigo Egito, bem depois daquela dos hicsos. Mesmo a pretensa censura, feita por José contra os irmãos, chamando-os de "espiões" (Gênes 42.9 e 14), no caso de homens vindos da terra de Canaã, somente tem sentido a partir de aproximadamente 700 a.C., quando as fronteiras orientais do Egito estavam ameaçadas por Assur.

Assim, hoje em dia, continua mais aberta do que nunca a questão se, em alguma época futura, o "José egípcio" da Bíblia poderia ser compreendido como personagem histórica, pois, segundo as pesquisas mais recentes, dificilmente ele poderá ser mantido como "vizir de um faraó hicsu". Sob as condições atuais, devemos partir do ponto de vista que encara a história como reflexo de elementos de fins do antigo Egito e com origem em data bem posterior àquela até agora suposta pelos cientistas, a não ser que se queira adotar a tese segundo a qual aquilo que ficou *comprovado* como sendo do antigo Egito *poderia* ter existido em tempos anteriores (e somente foi registrado pela Bíblia).

Quatrocentos anos de silêncio

O novo despertar da terra do Nilo — Tebas desencadeia a insurreição — Expulsão dos hicsos — O Egito torna-se grande potência internacional — A cultura indica no Estado de Mittani — Nefertiti foi princesa indo árca? — Os "filhos de Het" no Hális — Uma viúva de faraó ansiosa por casar — Primeiro

Israel habitou, pois, no Egito, isto é, na terra de Gessém, e possuiu-a: e aumentou, e multiplicou-se extraordinariamente (Gênes 47.27).

A seguir, a Bíblia guarda silêncio sobre um período de quatrocentos anos durante o qual se modificou inteiramente o aspecto político do Crescente Fértil. Nesses quatro séculos ocorreram profundas alterações na estrutura dos povos. Durante esse período, interrompeu-se a história mais que milenar dos impérios semíticos no Eufrates e no Tigre. De repente, a grande ilha cultural do Oriente Próximo foi arrancada ao seu isolamento. Surgiram povos e culturas de terras distantes e até então desconhecidos, e essa região experimentou o primeiro choque com o resto do mundo.

Também o Egito se manteve cento e cinquenta anos em silêncio. A *ouverture* do despertar do gigante do Nilo começou com um tema extraordinário: o bramir dos hipopótamos.

Diz um fragmento de papiro⁽²⁵⁾ que o enviado de Apófis, rei dos hicsos, partiu de Avaris e se apresentou ao príncipe da Cidade do Sul. A Cidade do Sul era Tebas, seu príncipe era o egípcio Sakenenrê, tributário do conquistador estrangeiro do Alto Delta. Assombrado, perguntou o príncipe ao emissário da potência de ocupação asiática: "Por que te mandaram à Cidade do Sul? Por que empreendeste a viagem?"

O enviado respondeu:

"O Rei Apófis — longa vida, bem-estar e saúde para ele! — manda te dizer: Desvia o lago dos hipopótamos que existe a leste da tua cidade, pois eles não me deixam dormir. Dia e noite seu ruído está nos meus ouvidos".

Por um instante, o príncipe da Cidade do Sul ficou como que fulminado por um raio, pois não sabia que resposta dar ao enviado do Rei Apófis — longa vida, saúde e bem-estar para ele! Finalmente respondeu:

"Muito bem, teu senhor — longa vida, bem-estar e saúde para ele! — terá notícias brevemente sobre esse lago situado a leste da Cidade do Sul". Mas o enviado não se deixou apaziguar com palavras. Especificou: "O assunto pelo qual me mandou aqui deve ser resolvido!"

O príncipe da Cidade do Sul procura de algum modo demover o enviado. Ele conhecia bem a tática primitiva dos aperitivos de hoje, destinada a criar uma atmosfera cordial e de boa vontade. Mandou obsequiar o abespinhado mensageiro hicsio "com boas coisas, como carne e bolos..." Sem resultado! Pois quando o mensageiro partiu levava na bolsa da sela uma promessa do príncipe escrita em papiro: "Tudo o que me disseste farei. Dize-lhe isso", "então o príncipe da Cidade do Sul reuniu todos os seus funcionários superiores, bem como todos os soldados mais graduados que tinha, e repetiu-lhes a mensagem que lhe enviara o

Rei Apófis — longa vida, bem-estar e saúde para ele! E todos eles ficaram em silêncio durante muito tempo..." Aqui se interrompe o texto do papiro. Infelizmente, falta a conclusão da narrativa, embora possamos reconstruir o que aconteceu a seguir por testemunhos contemporâneos.

No Museu do Cairo jaz a múmia de um tal Sekenenrê. Quando foi descoberta em Deir el-Bahari, próximo a Tebas, despertou o interesse particular dos médicos. O crânio apresentava cinco feridas profundas. Sekenenrê perdera a vida em combate. Parece lenda, mas foi mesmo uma provocação: declarar que o bramido dos hipopótamos de Tebas incomoda o soberano hicsos no alto Delta. O bramido dos hipopótamos é sem dúvida o *casus belli* mais estranho da história universal [\(26\)](#)

Em Tebas, explodiu o levante contra os odiados opressores do país.

Pela primeira vez marcharam de novo batalhões egípcios rio abaixo. Com eles seguia para o norte, pelo rio sagrado, uma frota bem equipada a vela e remos. Ahmose, filho de Sekenenrê, foi o celebrado libertador do Egito. Um homônimo seu, oficial da nova marinha real egípcia, deixou para a posteridade, gravada nas paredes de seu túmulo em El-kab, uma descrição dessa guerra decisiva. Após descrever minuciosamente a sua formação individual, diz com laconismo militar: "Avaris foi tomada; aprisionei um homem e três mulheres, ao todo quatro pessoas. Sua Majestade deu-nos como escravos".

O oficial de marinha também sabia falar sobre guerra terrestre: "Scharuhen foi sitiada durante três anos e Sua Majestade tomou-a". Também aqui Ahmose foi recompensado: "Ali aprisionei duas mulheres e um homem. Deram-me o ouro da bravura, além de me fazerem presente dos prisioneiros como escravos".

Scharuhen era, graças à sua posição vantajosa no Neguev, um importante ponto estratégico ao sul da escura cadeia de montanhas de Judá. O pequeno monte de entulho chamado Tell Far'a é tudo o que resta dessa cidade. O célebre arqueólogo inglês Flinders Petrie pôs a descoberto aí, em 1928, uma forte muralha.

Os variegados exércitos egípcios, compostos de negros, asiáticos e núbios, prosseguiram em sua marcha para o norte, através de Canaã. Os novos faraós tiraram uma lição da amarga experiência do passado. Nunca mais permitiriam que sua terra sofresse um ataque de surpresa. Os egípcios não perderam tempo em criar, longe de suas fortalezas da fronteira, um Estado tampão. O que restava do império dos hicsos foi esfacelado, e a Palestina, transformada em província egípcia. Os postos consulares, os entrepostos comerciais e agências de correios que outrora existiram em Canaã e nas costas fenícias foram transformados em guarnições militares permanentes, praças fortificadas e fortalezas egípcias.

Após um período de mais de dois mil anos de história, o gigante do Nilo saiu da sombra de suas pirâmides e esfinges decidido a tomar parte nos acontecimentos ocorridos fora de suas fronteiras e no resto do mundo. O Egito foi

amadurecendo pouco a pouco no sentido de se tornar uma potência mundial. Antes, todos os que viviam fora do vale do Nilo eram desprezíveis "asiáticos", "Vagabundos da areia", pastores — povos que não mereciam a atenção de um faraó. Então os egípcios tornaram-se mais sociáveis. Começaram a corresponder-se com outras terras. Antes, isso teria sido surpreendente. Entre a correspondência diplomática encontrada no palácio de Mari não existia uma só peça procedente do Nilo. *Tempora mutantur* — os tempos mudam!

O avanço conduziu finalmente à Síria, chegando mesmo até as margens do Eufrates. Aí os egípcios se encontraram de repente com povos de cuja existência não tinham a menor idéia. Em vão os sacerdotes examinaram os rolos de papiros dos arquivos do templo, em vão estudaram as notícias das campanhas de antigos faraós: em parte alguma encontraram qualquer indicação sobre os desconhecidos mitannitas!

A fundação de Mitanni é atribuída a um povo muito ativo, criativo, que aparece na Bíblia desde os dias de Abraão, os hurritas (Gênesis 14.6 e seguintes). Nas imediações dos campos petrolíferos de Kirkuk, no Iraque, onde agora torres de petróleo americanas despejam riquezas enormes retiradas do interior da terra, arqueólogos americanos e iraquianos depararam com um amplo sítio hurrita, a antiga cidade de Nuzi. Acharam grande quantidade de documentos e anotações, mormente contratos de casamento e herança, que encerravam uma informação altamente interessante: os hurritas bíblicos não eram um povo semita. As suas terras de origem eram os montes de Sair, no lago de Van. Os documentos hurritas indicam que pelo menos as pessoas da sua classe dominante eram de origem indo-ariana; aliás, foi até possível reconstituir sua aparência física externa, do tipo de crânio curto, parecida com os armênios dos dias atuais.

No norte da Mesopotâmia, entre o curso superior dos rios Eufrates e Tigre, encontraram-se frente a frente com o poderoso reino de Mitanni.

Seus reis possuíam uma aristocracia de guerreiros que lutavam em carros e tinham nomes indo-árícos. Os aristocratas do país chamavam-se "*maryas*", que significa "jovens guerreiros". "*Marya*" é uma antiga palavra indiana, e seus templos eram dedicados também a antigas divindades indianas. Os cantos mágicos do Rígvéda ressoavam ante as imagens de Mitra, o vencedor da luz contra as trevas, de Indra, que dominava a tempestade, e de Varuna, condutor do curso eternamente regular do universo. Os antigos deuses dos semitas tinham sido derrubados de seus pedestais.

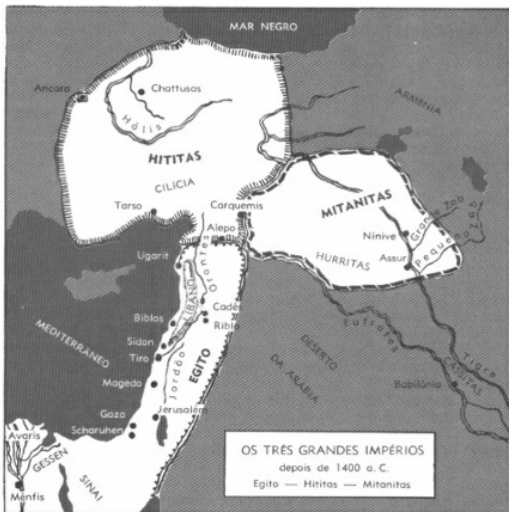


Figura 15

Os mitannitas eram reconhecidos aficionados do cavalo, poderíamos dizer mesmo eqüinomaniacos. Às margens dos grandes rios, eles celebravam os primeiros *derbies* do mundo. As regras e recomendações para a criação e remonta, as instruções para a doma de potros, para sua alimentação e adestramento, para a realização de corridas, enchiam verdadeiras bibliotecas de tabuinhas de barro. Eram obras hipológicas que podiam comparar-se a qualquer livro moderno sobre criação de cavalos. O cavalo entre os *maryas*, os aristocráticos guerreiros de carros, era mais apreciado do que o homem.

Desde então o Egito passou a ter uma fronteira em comum com esse Estado dos mitannitas, fronteira essa que, entretanto, não iria gozar de tranqüilidade. As contendas locais eram incessantes. Em ataques provocados por um lado e pelo outro, os arqueiros egípcios se viam repetidamente envolvidos em lutas ferozes com os guerreiros de carros. Em suas lutas, não tardou que alternadamente as

forças de choque egípcias e as colunas de mitannitas começassem a penetrar profundamente no território adversário. Os vales do Líbano, as margens do Orontes e do Eufrates eram teatro de batalhas intermináveis e terríveis carnificinas. Durante quase um século os dois impérios se mantiveram em pé de guerra.

Pouco antes de 1400 a.C., os belicosos mitannitas ofereceram paz aos egípcios. De inimigos que eram, tornaram-se amigos.

Qual o motivo das inesperadas propostas de paz dos belicosos mitannitas?

O impulso veio de fora: seu reino encontrou-se de repente ameaçado por uma guerra de duas frentes. Um segundo e forte adversário, procedente de nordeste, da Ásia Menor, começou a invadir-lhe as fronteiras com seus exércitos. Era um povo sobre o qual, antes do nosso século, os eruditos não sabiam quase nada, mas que representou um grande papel no Antigo Testamento: os hititas (heteus). Abraão levantou suas tendas entre os *"filhos de Het"*, ao sul dos montes de Judá, junto ao Hebron, e comprou deles a terra destinada à construção do túmulo de sua esposa Sara (Gênese 23.3 e seguintes). *Esau*, com grande desgosto para seus pais, *Isaac* e *Rebeca*, casou com duas mulheres, filhas de heteus (Gênese 26.34), e também o *Rei Davi* tomou *"a mulher de Urias Heteu"* (Samuel II 11). Através do profeta *Ezequiel* sabemos que os heteus destruíram Jerusalém: *"A tua origem e a tua raça vêm da terra de Canaã, teu pai era amorreu e tua mãe hetéia"* (Ezequiel 16.3 e 45).

A redescoberta dos hititas, inteiramente mergulhados no reino do esquecimento, teve lugar pouco tempo depois do começo deste século, no coração da Turquia.

Nas montanhas situadas a leste de Ancara, o Hális, em seu curso para o mar Negro, descreve uma enorme curva. Quase no centro fica o sítio de Bogazköy. "Bogaz" em turco significa "desfiladeiro"; "köy", "aldeia". Junto dessa "aldeia do desfiladeiro" o assiriólogo alemão Prof. Hugo Winckler descobriu em 1905 uma grande quantidade de inscrições cuneiformes, entre elas um curioso texto ilustrado. Essas inscrições não só produziram enorme sensação entre os sábios, mas o público, estupefato, ficou sabendo que espécie de povo era aquele a que a Bíblia chamava "filhos de Het". A tradução das inscrições cuneiformes colocou de novo diante dos nossos olhos os hititas, povo indo-germânico até então desconhecido, e o grande império que com eles desapareceu.

Dois anos depois, uma nova expedição alemã saiu de Berlim com destino a Bogazköy. Dessa vez, sob a direção do presidente do Instituto Arqueológico de Berlim, Otto Puchstein, foram examinadas as vastas ruínas acima da aldeia. Nesse lugar, imperava Hattusa, a soberba capital do reino hitita. O que dela resta são imensas ruínas, restos de muros, fundamentos de templos, portas de fortalezas, escombros de toda uma cidade. Seus muros abrangiam uma área de cento e setenta hectares. Hattusa era quase tão grande como Nuremberg na

Idade Média. Nas portas da cidade havia relevos da altura de um homem. A essas figuras de basalto negro, duro como ferro, devemos nosso conhecimento sobre o aspecto dos reis e guerreiros hititas: usavam cabelo comprido, amarrado em trança e caído sobre as costas. Ornava-lhes o alto da cabeça um gorro alto, dobrado ao meio. O curto avental era preso por um cinto largo, e calçavam sapatos pontudos.

Quando, por volta de 1370 a.C., o rei hitita Chuppiluliuma marchou para o sudeste com um poderoso exército, o reino dos mitannitas, malgrado sua hábil política interna, já tinha seus dias contados. Chuppiluliuma destruiu o reino dos guerreiros de carros, impôs-lhe tributo e prosseguiu em seu avanço até as montanhas do Líbano, ao norte de Canaã. Do dia para a noite, por assim dizer, o Egito teve na Síria outro vizinho não menos forte.

Existe um precioso documento dessa época. Em suas memórias, o Príncipe Mursil, filho de Chuppiluliuma, conta um episódio da corte dos hititas que o impressionou de tal modo que mandou incluí-lo em sua narrativa.

Anches-en-Âmon, esposa do faraó Tutancâmon, ficou viúva.

Anches-en-Âmon tinha pais muito célebres, Echnaton e Nefertiti. Nós a conhecemos por descrições egípcias como criatura delicada e muito jovem. No entanto, deve ter sido uma mulher que sabia exatamente o que queria e que, usando de todo o poder de sua personalidade fascinante, se esforçava para desenvolver uma política para o bem do seu povo. Com um leito e um trono faraônicos à disposição — que oferta tentadora! —, ela se esforçou por destruir os planos de ataque de seus novos e poderosos vizinhos. Os guerreiros hititas acabavam de irromper em Amqa, a fértil região entre o Líbano e o Antilíbano.

Mursil ditou:

"Quando o povo do Egito teve notícia do ataque a Amqa, ficou aterrado. Então, para tornar a situação ainda pior, o seu marido (Tutancâmon) faleceu por fim, e a rainha do Egito, que ficara viúva, mandou um embaixador a meu pai, escrevendo-lhe o seguinte: 'Meu marido morreu e eu não tenho filho. Dizem-me que tens muitos filhos. Se me mandasses um deles, eu poderia torná-lo meu marido. Sinto repugnância em fazer de um de meus servos meu marido'. Ouvindo isso, meu pai reuniu os grandes em conselho e disse:

— Desde que o mundo existe, não ouvi coisa semelhante. Expediu o seu camareiro, Hattu-zitis, dizendo-lhe:

— Vai e traze-me informações fidedignas. Poderiam tentar me enganar: talvez eles tenham um príncipe. Traze-me informações fidedignas a respeito.

O embaixador egípcio, o honrado Hanis, apresentou-se a meu pai, tendo meu pai dado instruções a Hattu-zitis, antes de sua viagem ao Egito, dizendo-lhe: 'Talvez eles tenham um príncipe: eles poderiam tentar me enganar, não tendo necessidade de um filho meu para assumir o governo', e a rainha egípcia respondeu a meu pai numa carta: "Por que dizes 'poderiam tentar me enganar'?

Se eu tivesse um filho, acaso te escreveria daquela maneira, humilhante para mim e meu país? Tu não confias em mim e assim o dizes. Aquele que foi meu marido morreu e eu não tenho filho. Devo porventura tomar um de meus servos e fazer dele meu marido? Eu não escrevi a nenhum outro país, só a ti escrevi. Dizem-me que tens muitos filhos. Dá-me um de teus filhos e ele será meu marido e rei na terra do Egito". Sendo muito magnânimo, meu pai cedeu aos desejos da dama e decidiu mandar-lhe o filho pedido".

O destino negou o êxito a essa estranha proposta de casamento. O trono e o leito faraônicos de Anches-en-Âmon continuaram vazios. O pretendente pedido foi assassinado durante a viagem para o Egito. Entre o mesmo eixo Hális—Nilo houve, cerca de setenta e cinco anos mais tarde, uma proposta de casamento similar, que teve um fim feliz, embora o fragor de batalhas e o choque de armas inicialmente prenunciasse coisa diversa. Ramsés II, cognominado o "Grande", atravessou a Palestina com suas tropas a caminho da Síria. Ia ao encontro dos odiados hititas para enfrentá-los finalmente em uma batalha decisiva.

No vale de Orontes, onde atualmente se estendem vastos algodoais e onde se ergue o velho castelo dos cruzados, Krak des Chevalliers, na fértil planície de Bekaa, um pouco ao sul do lago de Homs, de águas profundamente verdes, estendia-se então a cidade de Cades. Diante de suas portas teve lugar um encontro dos exércitos egípcios com os rápidos carros de guerra e a infantaria dos hititas. O combate não deu a Ramsés II a esperada vitória — por um triz ele próprio não caiu prisioneiro —, mas pôs fim às hostilidades entre os dois países. Em 1280 a.C., os hititas e os egípcios celebraram o primeiro pacto de não-agressão e defesa mútua da história do mundo. Do bom entendimento resultou, além disso, o casamento de Ramsés II com uma princesa dos hititas. Muitas inscrições de metros de comprimento descrevem minuciosa e vividamente o ambiente pitoresco daquele acontecimento de importância internacional na época. Nas paredes dos templos de Karnak, em Elefantina, em Abu Simbel ou nas numerosas estelas, por toda parte a narrativa é feita em termos similares.

Quanto ao que se refere à autopropaganda e ao auto elogio, Ramsés deixou na sombra todos os seus predecessores. "Então se apresentou alguém para fazer uma comunicação a Sua Majestade. Ele disse: 'Vede, até o grande príncipe de Hatti (príncipe hitita). Trazem sua filha mais velha e ela carrega consigo grande quantidade de tributos de toda sorte... Atingiram as fronteiras de Sua Majestade. Fazei vir o nosso exército e os dignitários para recebê-la!' Então Sua Majestade experimentou grande alegria, e o palácio ficou alegre quando ouviu essas coisas estranhas, completamente desconhecidas no Egito. E assim ele expediu o exército e os dignitários para que se apressassem a recebê-la."

Uma numerosa delegação se pôs em marcha para o norte da Palestina a fim de receber a noiva. Os inimigos de ontem se confraternizaram:

"Assim partiu a filha do grande príncipe de Hatti a caminho do Egito.

Enquanto a infantaria, os guerreiros de carros e os dignitários de Sua Majestade a acompanhavam, eles se misturavam com a infantaria e os guerreiros de carros de Hatti, e todo o povo da terra dos hititas se confundia com o dos egípcios. Comiam e bebiam juntos e eram um só coração, como irmãos..."

O grande cortejo nupcial partiu da Palestina para a cidade de Per Ramsés-Meri-Imen, no delta do Nilo: "Então conduziram a filha do grande príncipe de Hatti... à presença de Sua Majestade... E Sua Majestade viu que ela era bela de semblante qual uma deusa... E amou-a mais que a todas as outras..."

Quem dos filhos de Israel, ou de seus ancestrais, tivesse estado no Egito naquela época poderia ter sido testemunha ocular da festiva recepção ao cortejo nupcial na cidade de Per-Ramsés-Meri-Imen, isto é, "Casa de Ramsés, o Bem-Amado do (deus) Amon". Segundo as narrativas da Bíblia, a permanência deles nessa cidade estava muito longe de ser voluntária.

Por esse tempo, a Bíblia retoma também a sua narrativa. Havia passado em completo silêncio quatrocentos anos de emigração pacífica dos filhos de Israel para a terra do Nilo. Más notícias começam um novo e importante capítulo da história do povo bíblico.

Evidentemente, a tese que advoga os quatrocentos anos de silêncio da Bíblia procede somente no caso de o "tempo dos patriarcas" datar, realmente, de cerca de 2000 a 1800 a.C.. No entanto, foi justamente isso o que foi posto em dúvida com as noções novas, recém-adquiridas, pois se, por exemplo, as práticas jurídicas dos "patriarcas" bíblicos corresponderam tão exatamente àquelas em uso na cidade mitanita de Nuzi, como comentamos a respeito do que reza o Gênese 23.4 e seguintes, a datação do advento do "tempo dos patriarcas" ao redor de 1900 a.C. torna-se altamente problemática.

Da mesma forma, os trechos bíblicos que falam em heteus parecem localizar Abraão, e com ele os "patriarcas" bíblicos, em uma época posterior. Supostamente, Abraão comprou o sepulcro para sua mulher Sara, perto de Hebron, entre os "filhos de Het" (Gênese 23.1 e seguintes). De fato, as transações de compra e venda, detalhadamente descritas pela Bíblia, tornam-se compreensíveis somente com base em uma comparação com os documentos heteus, pois evidentemente Abraão desejara adquirir apenas a dupla caverna na extremidade do campo, e não o terreno todo. Os documentos heteus revelam o porquê: em caso contrário, segundo a praxe dos heteus, Abraão ter-se-ia tornado servo do antigo dono do imóvel. Contudo, o negócio chegou a ser concluído, e Abraão ficou com a dupla caverna e ainda o "campo", bem como *"todas as árvores que estavam ao redor, dentro dos seus confins"*. Seria esta mais outra daquelas confirmações surpreendentes de certos detalhes contados pela Bíblia? Sem dúvida.

Mas, mesmo assim, quem foram aqueles heteus que trataram de negócios com Abraão? De onde vieram, considerando que Abraão teria supostamente

vivido em tempos bem anteriores aos do império dos hititas (heteus), que, segundo fontes hititas, foi fundado no século XVI antes da nossa era? É a que título a Bíblia chamou "povo daquela terra" (Gênese 23.7) aos filhos de Het, em Hebron, isto é, no sul da Palestina, entre o mar Morto e o Mediterrâneo, quando as fronteiras meridionais do reino hitita, mesmo ao tempo de sua maior expansão territorial, passavam muito mais ao norte — ao sul da moderna cidade de Alepo —, ou seja, "na margem superior" do moderno mapa geográfico da ex-Palestina? A história nada relata a respeito de uma penetração de colonos hititas nas terras ao sul. Talvez Urias, o heteu, que primeiro foi traído e depois despachado para a morte por Davi (II. Reis 11), fosse natural de um daqueles pequenos Estados heteus existentes no início ou fim daquela era e que, mesmo após o ocaso do reino hitita, por volta de 1200 a.C., continuaram persistindo no norte da Síria. Contudo, ao mencionar os heteus como fundadores ou cofundadores de Jerusalém, a Bíblia faz um daqueles pronunciamentos, segundo os quais os "filhos de Het" antes foram uma tribo montanhesa da terra de Canaã (veja números 13.29), dizendo: *"Amalec habita ao meio-dia, o heteu, o jebuseu (habitante primitivo de Jerusalém) e o amorreu habitam nas montanhas; o cananeu, porém, habita junto do mar e ao longo do rio Jordão"*. Ao que parece, esses habitantes de Canaã pouco tinham a ver com os históricos hititas, indo-árnicos.

O certo é que os problemas surgidos com os trechos bíblicos referentes aos hititas não foram eliminados com a descoberta do reino hitita na Ásia Menor. Pelo contrário, agora temos duas categorias de hititas, os bíblicos e os da Ásia Menor, arqueologicamente comprovados, sendo que os dados a respeito de ambos não conferem em todos os pontos. As dificuldades não foram sanadas, antes estão apenas começando. E a questão de a Bíblia ter ou não ter razão, quanto aos hititas, somente poderá ser resolvida no futuro.

Cabe aqui o seguinte pós-escrito, a título de última notícia sobre os "hititas". Neste capítulo, falou-se em uma jovem viúva de faraó, que se teria dirigido ao rei hitita, Chuppiluliuma, pedindo que lhe mandasse um dos seus filhos, para ser o seu marido. De fato, até data recente, não havia dúvida de que se tratava de Anches-en-Âmon, viúva de Tutancâmon; porém, ultimamente, surgiu a tese ainda não totalmente aceita, mas razoavelmente bem fundada, segundo a qual não foi Anches-en-Âmon quem fez tal pedido, mas sim sua irmã mais velha, Meritaton (a qual, após a morte — ou o repúdio — de sua mãe, Nefertiti, chegou a ser rainha, e que talvez tenha sido a última esposa do seu próprio pai, Echnaton). Essa nova tese foi levantada com base no relacionamento existente entre o respectivo "pedido de casamento" e a primeira guerra egípcio-hitita, ocorrida durante o reinado de Echnaton, e não de Tutancâmon.

José estava morto há muito tempo — Notícia ilustrada na cripta dos príncipes — A cidade escrava de Pitom em textos egípcios — Nova capital no delta do Nilo — Fraude motivada pelo furor de construir e pela vaidade — Montet descobre Ramsés, cidade dos escravos — Moisés escrevia-se "ms" — Uma versão mesopotâmica da lenda da cestinha — Moisés emigra para Madian — Flagelos que ocorrem no país do Nilo

Entretanto, levantou-se no Egito um novo rei, que não conhecia José. Portanto, estabeleceu sobre eles inspetores de obras, para os oprimirem com trabalhos penosos; e eles edificaram ao faraó as cidades dos armazéns, Pitom e Ramsés (Êxodo 1.8 e 11).

O novo rei que não conhecia José era Ramsés II. Seu desconhecimento é perfeitamente compreensível. Porque José viveu séculos antes dele, no tempo dos hicsos. Os egípcios nos transmitiram muito poucos nomes dos odiados soberanos hicsos, quanto mais os de dignitários e funcionários do governo. E mesmo que Ramsés II houvesse conhecido José, não havia de querer nada com ele. Um egípcio que prezasse a sua nacionalidade teria dois motivos para desdenhá-lo. Um, como asiático e, portanto, um desprezível "vagabundo da areia"; outro, por sua qualidade de funcionário da administração da detestada potência de ocupação. De qualquer modo, sob este último aspecto dificilmente ele poderia ser uma recomendação para Israel perante o faraó.

Pode-se avaliar o que era no antigo Egito o trabalho escravo a que os filhos de Israel foram submetidos, também nas grandes construções das margens do Nilo, por um velho quadro de um túmulo de rocha a oeste da cidade de Tebas, descoberto por Percy A. Newberry, o descobridor da representação dos caravaneiros em Beni-Hassan. Nos muros de uma espaçosa abóbada são representadas cenas da vida de um dignitário, o vizir Rekmire, mostrando o benefício que fez à sua terra. Uma cena mostra-o inspecionando obras públicas. Num detalhe do que representa a fabricação de tijolos chama a atenção a pele clara dos trabalhadores, cobertos com uma simples tanga de linho. Um confronto com os inspetores de pele escura mostra que os de pele clara devem ser semitas, que certamente não são egípcios. "Ele nos provê de pão, cerveja e todas as boas coisas", mas, malgrado o louvor pelos cuidados que lhes são ministrados, não resta dúvida de que eles não estavam ali voluntariamente, mas eram forçados a trabalhar. "O varapau está na minha mão", diz em hieróglifos um capataz egípcio, "não sejais indolentes!"

O quadro é uma ilustração expressiva das palavras da Bíblia: "E os egípcios odiavam os filhos de Israel, e os afligiam com insultos; e faziam-lhes passar uma vida amarga com penosos trabalhos de barro e tijolos" (Êxodo 1.13, 14). Israel era um povo de pastores, não acostumado a outra espécie de trabalho, que ele

achava, portanto, duplamente penoso. A construção e fabricação de tijolos eram trabalho forçado. O quadro do túmulo aberto na rocha mostra uma cena da construção do templo de Amon na cidade de Tebas. As "clássicas" cidades da escravidão dos filhos de Israel eram, entretanto, *Pitom* e *Ramsés*. Ambos esses nomes aparecem sob forma um tanto modificada em inscrições egípcias.

"*Per-Im*", "Casa do deus Atum", é uma cidade que não existia antes da época de Ramsés II. E a já citada *Per-Ramsés-Meri-Imen* é a bíblica Ramsés. Uma inscrição do tempo de Ramsés II fala de "pr" "que arrastam pedras para a grande fortaleza da cidade de *Per-Ramsés-Meri-Imen*". A língua egípcia designa como "pr" os semitas.

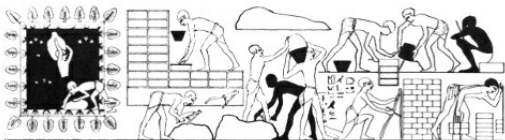


Figura 16 - Trabalhadores estrangeiros efetuando obras de alvenaria, no Egito.

Resta ainda a questão de saber onde ficavam as duas cidades dos escravos. Uma coisa era conhecida: os soberanos do novo império tinham transferido a sua capital da velha Tebas, no norte, para Avaris, de onde também os hicsos haviam governado o país. A nova política de potência internacional aconselhou-os a não ficarem tão longe quanto Tebas, situada muito ao sul. Do delta era mais fácil exercer vigilância sobre a irrequieta "Ásia", os domínios de Canaã e Síria. Ramsés II deu o seu próprio nome à nova capital. Da antiga Avaris surgiu a cidade de *Per-Ramsés-Meri-Imen*. Depois de muitas conjecturas e suposições, as picaretas dos arqueólogos acabaram com as diferenças de opinião sobre a situação de uma das duas cidades de escravos. Quem viaja para o Egito pode incluir em seu programa uma volta pelas ruínas. Ficam a uns cem quilômetros do Cairo por estrada de rodagem. Mais ou menos no meio do Canal de Suez, onde ele atravessa o lago dos Crocodilos, ⁽²⁷⁾ a oeste começa um vale seco que se estende até o braço oriental do Nilo e é conhecido por Wadi Tumilat. Cerca de quinze quilômetros separam dois montes de ruínas. Um é o Tell al-Retab, talvez a *Pitom* bíblica, e o outro o Tell el-Maschuta, que alguns eruditos, por um lado, reputam ser *Pitom*, e outros por sua vez julgam ser a *Socot* da Bíblia (Êxodo 12.37; 13.20). Além de restos de celeiros, foram encontradas inscrições onde se fala de *armazéns*.

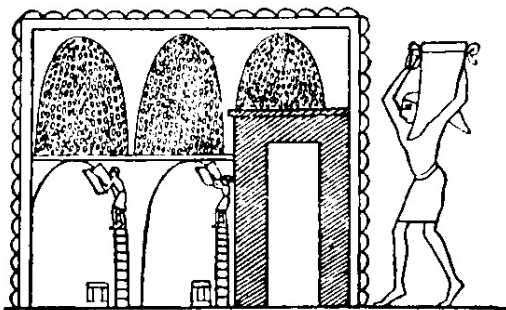


Figura 17 - Grandes silos de trigo no Egito.

Se em 4000 a.C. já houvesse um registro de patentes, os egípcios poderiam ter registrado a invenção dos silos. Os silos das fazendas de trigo canadenses e americanas ainda hoje são construídos segundo o mesmo princípio. Os silos egípcios não atingiam proporções gigantescas. Mas celeiros — construções circulares de oito metros de diâmetro —, com escadas para despejar o grão por cima, não eram raridade na terra do Nilo. Quando grão-vizir, José mandou construir celeiros (Gênesis 41.48 e seguintes), e seus descendentes construíram celeiros na terra de Gessém com seu trabalho escravo.

A busca da outra cidade dos escravos, Ramsés, [\(28\)](#) levou muito tempo, sem resultado. Só cerca de três décadas após a descoberta de Pitom, em 1930, é que ela foi encontrada.

O faraó Ramsés II, cognominado o Grande, deu muita dor de cabeça aos arqueólogos. Ainda maior que o seu furor de construir era, segundo tudo indicava, sua vaidade. Esta era tal, que ele nunca hesitou em se enfeitar com penas alheias. A posteridade tinha de se maravilhar com o grande construtor que fora Ramsés II. E assim aconteceu. A princípio, os arqueólogos não conseguiram compreender como podiam encontrar tantos templos e edifícios profanos com a insígnia "Ramsés II". Mas, quando os edifícios foram examinados com mais atenção, o fenômeno se esclareceu: muitos deviam ter sido construídos séculos antes de Ramsés II. Porque Ramsés II, para satisfazer a sua vaidade, tinha simplesmente mandado gravar o seu emblema em construções feitas por outros.

Os israelitas foram vítimas, literalmente, do furor construtivo do faraó. A situação das terras para onde eles haviam imigrado favorecia o recrutamento para o trabalho escravo. A bíblica *Gessê*, com seus ricos pastos, começava poucos quilômetros ao sul da nova capital e chegava até Pitom. Nada mais fácil do que afastar de seus rebanhos e de suas tendas aqueles estrangeiros que viviam, a bem dizer, às portas do grande centro de construções, e submetê-los ao trabalho escravo.

As ruínas perto de San não permitem adivinhar sequer o esplendor da antiga metrópole. Só podemos fazer uma idéia do que viam as turmas de trabalhadores escravos israelitas em sua marcha diária para os locais de construção por uma carta contemporânea escrita em papiro. Entusiasmado, escreve o aluno Pai-Bes ao seu mestre Amen-em-Opet:

"...Vim a Per-Ramsés-o-Favorito-de-Amon e acho-a maravilhosa. Uma cidade magnífica, sem igual. Foi construída pelo próprio deus Rê, segundo o plano de Tebas. A estada aqui significa uma vida maravilhosa. Seus campos fornecem abundância de boas coisas. Diariamente recebe mantimentos e carne fresca. Seus tanques estão cheios de peixes, seus lagos povoados de aves, seus pastos cobertos de erva verdejante e sua fruta nos campos bem cultivados tem o sabor de mel. Seus armazéns estão cheios de cevada e trigo; eles se erguem para o céu. Há cebolas e cebolinhas para temperos, romãs, maçãs, azeitonas e figos nos vergéis. O vinho doce de *kenkeme* é mais saboroso que o mel. O braço do delta ShiHor produz sal e salitre. Seus navios vão e vêm. Aqui há diariamente comida fresca e animais. A gente se alegra de poder viver aqui e ninguém exclama: Dai-nos, Deus! Os pequenos vivem como os grandes. Ah! Celebremos aqui as festas divinas e o começo das estações".

Anos mais tarde a vida miserável do deserto apagou da memória dos filhos de Israel os rigores da servidão; ficou apenas a recordação da abundância de comida no Delta:

"Antes fôssemos mortos na terra do Egito pela mão do Senhor, quando estávamos sentados junto às panelas de carnes, e comíamos pão com fartura" (Êxodo 16.3). "Quem nos dará carnes para comer? Lembramo-nos dos peixes que comíamos de graça no Egito; vêm-nos à memória os pepinos e os melões, e os alhos bravos, e as cebolas, e os alhos" "Quem nos dará a comer carnes? Nós estávamos bem no Egito" (Números 11.4, 5 e 18).



Foto - Historisches Bildarchiv Lolo Handke, Bad Berneck -No Museu do Cairo repousa a múmia de Ramsés II, perfeitamente conservada. Ele (ou seu filho e sucessor Menepthah) é considerado o faraó dos anos de servidão, em cujo reinado Moisés deve ter conduzido os filhos de Israel para fora do Egito.



Foto - Historisches Bildarchiv Lolo Handke, Bad Berneck - A rainha egípcia Anches-en-Âmon (à direita), nos dias felizes, com seu marido Tutancâmon.



Cochonilhas com excreção de maná

Foto - F. S. Bodenheimer, expedição do Sinai, 1927. — A primeira fotografia do maná. As formações vítreas claras num galho de tamargueira carregado de cochonilhas são gotas de maná. O maná é comercializado ainda hoje com o nome de "*mannit*".

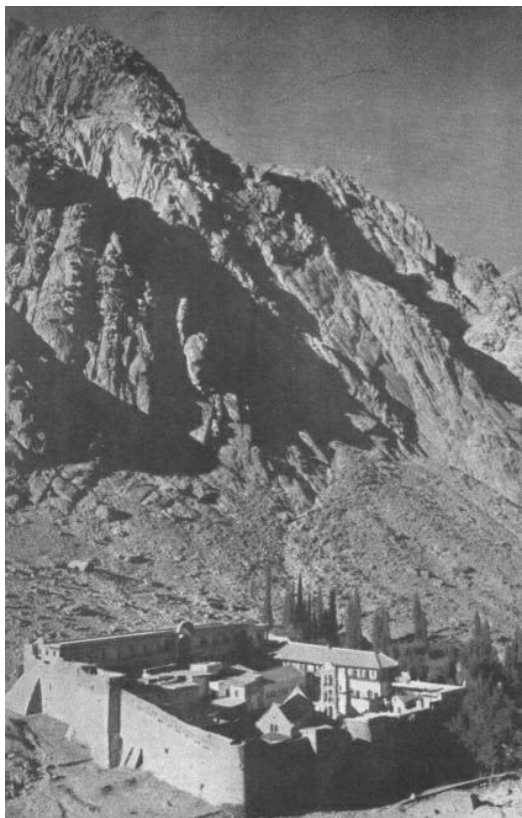


Foto - Mr. & Mrs. William B. Terry, Baltimore. - O Convento de Santa Catarina, ao pé do monte Sinai.

Os achados das escavações e os textos contemporâneos, que concordam quase literalmente, reforçam a descrição da Bíblia. Mas não se pense que com isso terminou a disputa acadêmica sobre a historicidade desses acontecimentos na vida de Israel.

Soam quase irritadas as palavras do professor norte-americano William Foxwell Albright, que pode ser considerado sem favor um dos poucos eruditos de formação universal (ele é teólogo, historiador, filósofo, orientalista e arqueólogo):

"Segundo o nosso conhecimento atual da topografia do Delta oriental, a narrativa do começo do êxodo, feita no Êxodo 12.37 e 13.20, é absolutamente exata topograficamente. Novas provas sobre o caráter essencialmente histórico da narrativa do êxodo e a peregrinação pelas regiões do Sinai, Madian e Cades, não serão difíceis de obter graças aos nossos conhecimentos arqueológicos e topográficos cada vez maiores. Por enquanto, devemos contentar-nos com a segurança de que a posição hipercrítica que ainda predomina, como a que existia sobre as primitivas tradições históricas, não tem mais justificativa. Até a data da saída do Egito, por tanto tempo discutida, pode agora ser fixada dentro de limites não muito amplos... Se a fixarmos em 1290 a.C., dificilmente erraremos, uma vez que os primeiros anos de Ramsés II (1301 a 1234) foram dedicados em grande parte a construções na cidade a que deu o seu nome — a Ramsés da tradição israelita. A extraordinária coincidência entre esta data e os quatrocentos e trinta anos referidos no Êxodo 12.40 (*'Ora o tempo que os filhos de Israel tinham morado no Egito foi de quatrocentos e trinta anos'*) — a imigração deve ter tido lugar por volta de 1270 a.C. — poderá ser puramente accidental, mas é muito difícil que o seja".

O reinado de Ramsés II foi a época da opressão e da servidão de Israel, mas foi também o período em que surgiu o grande libertador desse povo — Moisés.

Naqueles dias, sendo Moisés já grande, saiu a visitar seus irmãos; e viu a sua aflição, e um homem egípcio que maltratava um dos hebreus seus irmãos. E, tendo olhado para uma e outra parte, e vendo que não estava ali ninguém, matando o egípcio, escondeu-o na areia. E o faraó foi informado do acontecimento e procurava matar Moisés; ele, porém, fugindo da sua vista, parou na terra de Madian, e assentou-se junto a um poço (Êxodo 2.11, 12 e 15).

Moisés era um hebreu nascido no Egito e criado por egípcios, cujo nome se combina com uma raiz semítica significando "tirar de", mas que também pode ser interpretada na língua egípcia. "Moisés" significa simplesmente "rapaz, filho". Grande número de faraós chamavam-se Amósis, Amásis e Tutmés. E o famoso escultor, de cujas obras-primas o mundo inteiro ainda hoje admira a cabeça incomparavelmente bela de Nefertiti, chamava-se Tutmose.

Isso são fatos. Os egiptólogos sabem disso. Mas o grande público fixa sua atenção na célebre história bíblica de Moisés e da cestinha, e os eternos céticos não acham difícil encontrar um argumento aparentemente irrespondível contra a credibilidade da fascinante narrativa.

"Ora, isso é apenas a lenda do nascimento de Sargão", dizem eles... isto é, um "plágio".

Os textos cuneiformes contam o seguinte a respeito do Rei Sargão, fundador da dinastia de Akkad, em 2360 a.C.: "Eu sou Sargão, o rei poderoso, rei de Akkad. Minha mãe era uma sacerdotisa de Emitu, meu pai eu não conheci... Minha mãe me concebeu, deu-me à luz em segredo; colocou-me numa cestinha de caniços, calafetou a tampa com betume. Pôs-me no rio... O rio me arrastou e levou até Akki, o aguadeiro. Akki, o aguadeiro, adotou-me como filho e criou-me..."

A semelhança com a história bíblica de Moisés é, com efeito, desconcertante: "Mas, não podendo mais tê-lo escondido, tomou um cesto de junco e barro-o com betume e pez; e meteu dentro o menino, e expô-lo num canavial junto da margem do rio..." (Êxodo 2.3 e seguintes). A história da cestinha é uma velha narrativa popular dos semitas. Durante muitos séculos, ela passou de boca em boca. A lenda de Sargão, que é do terceiro milênio a.C., encontra-se até em tabuinhas neobabilônicas da escrita cuneiforme do primeiro milênio a.C.. Foi apenas um desses ornamentos com que em todos os tempos a posteridade enfeitou a vida dos grandes homens. Quem teria a idéia de duvidar da realidade histórica do Imperador Barba-Roxa só por causa das lendas que o cercam ainda hoje?

Os funcionários, em toda parte, sempre gozaram da proteção do Estado. No tempo dos faraós, não era diferente do que é hoje. Daí que Moisés, depois de, em sua justa cólera, haver assassinado o capataz dos trabalhadores escravos, não tivesse outro recurso senão fugir para escapar ao castigo certo.

Moisés fez como já antes fizera Sinuhe. Fugiu da jurisdição do Egito para o Oriente. Sendo Canaã território ocupado pelo Egito, Moisés escolheu como exílio a montanhosa *Madian* a leste do golfo de Ácaba, com a qual sabia ter laços de parentesco. *Cetura* fora uma mulher do patriarca Abraão, depois da morte de Sara (Gênes 25.1). Um de seus filhos chamou-se *Madian*. A tribo de *Madian* é com frequência chamada *Cineus* no Antigo Testamento (Números 24.21). "Pertencentes à profissão de forjadores de cobre", diz "*Qain*" em árabe e "*qainâya*" em aramaico querem dizer "ferreiro". Essa designação relaciona-se com a existência do cobre no lugar onde estava fixada a tribo. As cordilheiras ao oriente do golfo de Ácaba são ricas em cobre, como ficou provado pelas primeiras explorações do terreno pelo americano Nelson Glueck.

Nenhum Estado permite espontaneamente que trabalhadores escravos e estrangeiros deixem o país. Isso deve ter ocorrido em Israel. Por fim, as pragas devem ter induzido o Egito a conceder-lhes a permissão. Se ocorreram

efetivamente no tempo de Moisés, a isso não se pode responder sim ou não, pois não se descobriram informações contemporâneas a respeito. Mas as *pragas* não são coisa inverossímil nem incomum. Ao contrário, fazem parte da cor local do Egito. A água do Nilo "*converteu-se em sangue*". "*E as rãs saíram e cobriram a terra do Egito.*" Vieram *mosquitos*, *moscas*, uma *peste dos animais* e *úlceras* — vieram depois *granizo*, *gafanhotos* e *trevas* (Êxodo 7 a 10). Coisas como essas mencionadas pela Bíblia, o Egito experimenta até hoje, como, por exemplo, "o Nilo vermelho".

Às vezes os aluviões dos lagos abissínicos colorem a água do rio, sobretudo no seu curso superior, de um pardo avermelhado, que pode dar à impressão de *sangue*. No tempo das enchentes, as *rãs* e os *mosquitos* multiplicam-se às vezes de tal modo que chegam a transformar-se em verdadeiras pragas. À categoria de *moscas* pertencem sem dúvida os moscardos. Frequentemente, eles invadem regiões inteiras, penetram nos olhos, no nariz, nos ouvidos, causando dores lancinantes.

Por toda parte há *peste dos animais*. Pelo que se refere a *úlceras*, ocorrem tanto nos homens como nos animais. Poderá tratar-se da chamada fogueira ou sarna do Nilo. Consiste numa erupção que arde e comicha, degenerando frequentemente em úlceras terríveis. Com essa desagradável doença da pele, Moisés ameaçou também durante a peregrinação pelo deserto: "*O senhor te castigue com a úlcera do Egito, e fira de sarna e comichão... de modo que não possas curar-te*" (Deuteronômio 28.27).



Foto - Werner Braun, Jerusalém; Bildarchiv Preussischer Kulturbesitz, Berlin. — *Prancha IX* — *Estatueta em marfim de Beersheba (por volta de 2000 a.C.).*

O granizo é, com efeito, raríssimo no Egito, mas não desconhecido. A época

do ano em que isso ocorre é janeiro ou fevereiro. As *nuvens* de *gafanhotos* são, entretanto, uma flagelo típico das regiões do Oriente. O mesmo se dá com as trevas súbitas. O *chamsin*, também chamado *simum*, é um vento ardente que arrasta consigo grandes massas de areia. Estas escurecem o sol, dando-lhe uma cor baça e amarelada, chegando a ficar escuro em pleno dia. Só para a *morte dos primogênitos* não há explicação (Êxodo 12). E contra toda explicação científica se opõe também, naturalmente, a indicação da Bíblia de que a praga das "trevas egípcias" apenas afetou os egípcios, mas não os israelitas que viviam no Egito...

Seria lícito supor que tanto a religião dos ancestrais, ou seja, dos "patriarcas" de Israel, quanto a conceituação religiosa-popular do "homem da rua" no antigo Israel, em pouco diferiam daquelas dos seus vizinhos e parentes em Canaã. A estatueta ao lado talvez deva ser interpretada sob o aspecto de culto.



Foto - Werner Braun, Jerusalém; Bildarchiv Preussischer Kulturbesitz, Berlin. — Prancha X — Samaritanos em prece, no monte de Garizim.

Os samaritanos, que habitam a região moderna de Nablus, consideram a sua tradição como excepcionalmente antiga e pura. De fato, suas escrituras sagradas encerram apenas uma pequena parte da tradição bíblica; tudo o mais é rejeitado como inautêntico. A foto mostra uma de suas reuniões de preces e orações, realizada em 1977, no monte de Garizim, onde, segundo a tradição bíblica, Josué reuniu os filhos de Israel, depois de tomarem posse da Terra Prometida.

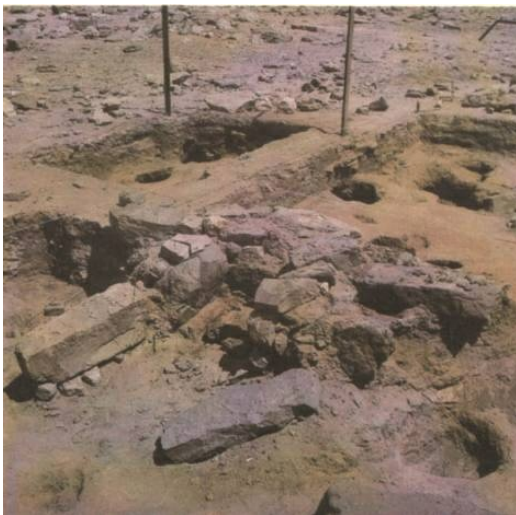


Foto - Werner Braun, Jerusalém; Bildarchiv Preussischer Kulturbesitz, Berlin. — Prancha XI — Forno edomita de fusão de cobre.

Embora não fossem localizadas as lendárias "minas de cobre do Rei Salomão", mencionadas pela Bíblia, as terras bíblicas possuíam suas riquezas minerais. A zona siderúrgica situava-se no desértico vale do Araba, ao sul do mar Morto, a pequena distância do golfo de Ácaba. A foto mostra um forno de fusão de cobre, com escória de cobre, de brilho esverdeado, documentado como sendo de origem edomita, conforme achados secundários feitos naquele local.

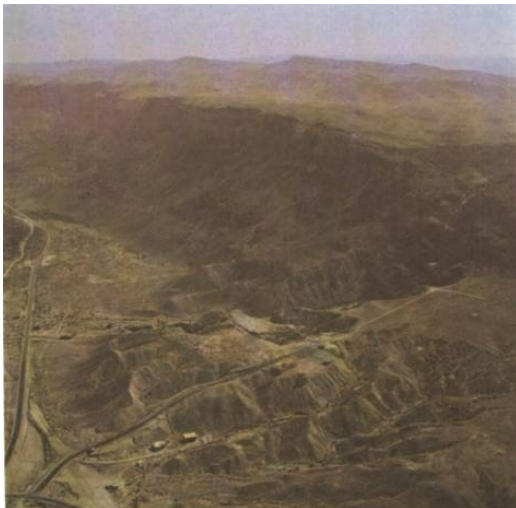


Foto - Werner Braun, Jerusalém; Bildarchiv Preussischer Kulturbesitz, Berlim. — Prancha XII — Vista aérea de Qirbet Qumran.

Afora os bens materiais (minérios, reservas minerais) que foram procurados e encontrados nas plagas desérticas do mar Morto, foram também achadas ali riquezas espirituais, deixadas por aqueles inconformados que, em épocas de guerra, ou por discordarem da situação religiosa e política no país, se voltaram para o isolamento dessa paisagem melancólica, em busca de valores superiores e iluminação mental. Para configurar e esboçar a essência do conceito "deserto", nada há de mais sugestivo e expressivo do que esta vista aérea de Qumran. Ali se encontrava o célebre "mosteiro" da seita dos essênios, em cujas redondezas, por acaso, foram achados os "rolos manuscritos do mar Morto", depositados em cavernas (veja prancha XIII).



Foto - Werner Braun, Jerusalém; Bildarchiv Preussischer Kulturbesitz, Berlin. —Prancha XIII — Rolos manuscritos do mar Morto.

Foto de três dos "rolos manuscritos do mar Morto", atualmente conservados no Cofre do Livro, em Jerusalém, oriundos do mosteiro dos essênios, em Qumran (veja prancha XII), ao lado do jarro de barro dentro do qual foram outrora escondidos e, enfim, encontrados.

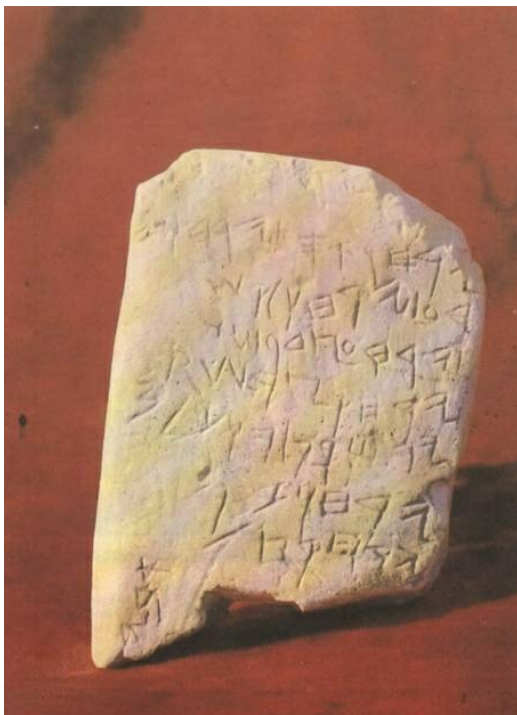


Foto - Werner Braun, Jerusalém; Bildarchiv Preussischer Kulturbesitz, Berlin. —Prancha XIV — Pedra de Gêzer.

O mundo da Bíblia é também a pátria do alfabeto, do sistema de escrita atualmente por nós empregado. A foto mostra um documento com antiga escrita hebraica, que data de uma época bem anterior àquela do registro das tradições

bíblicas.

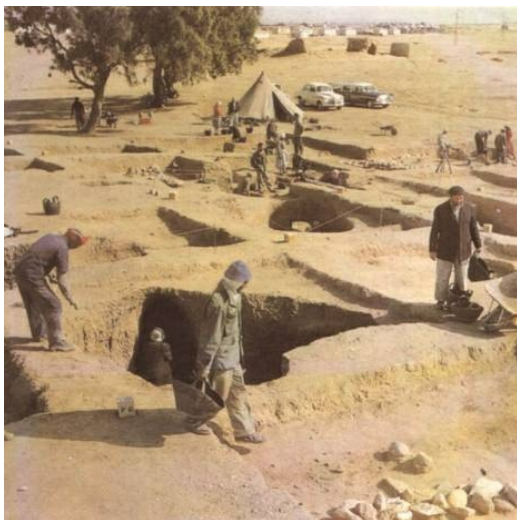


Foto - Werner Braun, Jerusalém; Bildarchiv Preussischer Kulturbesitz, Berlim. —Prancha XV — Escavações arqueológicas próximo a Beersheba.

O território do atual Estado de Israel, que, cerca de cem anos atrás, ainda era uma "mancha branca" no mapa arqueológico, hoje em dia é uma das regiões mais bem pesquisadas e exploradas pela arqueologia.



Foto 9 - Daniel Blatt, Jerusalém; Bildarchiv Preussischer Kulturbesitz, Berlim.
— Prancha XVI — Escavações arqueológicas em Hazor.

Uma das cidades cananéias que outrora causou duras penas aos primeiros israelitas era a poderosa Hazor. Segundo as tradições bíblicas, na época da tomada de terra, sob Josué, os israelitas destruíram essa cidade, que data do último período da Idade do Bronze. Neste nosso século, arqueólogos israelenses escavaram as ruínas da antiga cidade real e, assim, muitos deles estão convictos de que, com isso, lograram comprovar sua conquista por Josué.

Parte III - Quarenta anos no deserto - Do Nilo ao Jordão

A caminho do Sinai

Partida de Ramsés — Dois teatros do milagre do mar — Vestígios de vaus na

região do Canal de Suez — Três dias de sede — Bandos de codornizes na época da migração das aves — Uma expedição esclarece o fenômeno do maná — Um centro mineiro egípcio no Sinai — O alfabeto do templo de Hator

E os filhos de Israel partiram de Ramsés por Socot... (Êxodo 12.37), mas fê-los dar uma volta pelo caminho do deserto, que está junto do mar dos Juncos (Êxodo 13.18)(29) e, tendo saído de Socot, acamparam em Etam, na extremidade do deserto (Êxodo 13.20) e como os egípcios seguissem os vestígios dos que iam adiante, alcançaram-nos quando estavam acampados junto do mar. Toda a cavalaria e os carros do faraó, e todo o exército estavam em Fiairot defronte de Beel-Sefon (Êxodo 14.9).

A primeira parte do caminho seguido pelos fugitivos é fácil de acompanhar no mapa. Ele não conduzia — convém notá-lo — em direção ao que se chamou mais tarde "caminho dos filisteus" (Êxodo 12.17), a grande estrada que se estendia do Egito à Ásia, passando pela Palestina. Essa grande estrada para caravanas e colunas militares seguia quase paralela à costa do mar Mediterrâneo e era o caminho mais curto e o melhor, mas também o mais bem vigiado. Um exército de soldados e funcionários, estabelecido no forte da fronteira, exercia rigoroso controle de todas as entradas e saídas. Esse caminho, portanto, oferecia grande perigo. Por esse motivo, o povo de Israel seguia para o sul. Saindo de Pi-Ramsés, situada no braço oriental do Delta, seguiu primeiro para Socot, no Uadi Tumilat. Depois de Etam, a estação seguinte foi Fiairoi. A Bíblia diz que esse lugar fica "entre Magdalum e o mar, defronte a Beel-Sefon" (Êxodo 14.2). "Miktol" (Magdalum) aparece também em textos egípcios e equivale a "torre". Um forte existente ao sul, nesse ponto, guardava a estrada das caravanas para a região do Sinai. Foram desenterrados seus restos em Abu Hassan, vinte e cinco quilômetros ao norte de Suez.

E tendo Moisés estendido a mão sobre o mar; o Senhor, soprando toda a noite um vento forte e ardente, o retirou e secou; e a água dividiu-se. E os filhos de Israel entraram pelo meio do mar enxuto; porque a água estava como um muro à direita deles (Êxodo 14.21, 22).

...Uma divisão de carros de guerra egípcios que tentou alcançar os filhos de Israel foi engolida pelo mar com seus cavalos e cavaleiros.

Esse "milagre do mar" tem ocupado incessantemente a atenção dos homens. O que até agora nem a ciência nem a pesquisa conseguiram esclarecer não é de modo algum a fuga, para a qual existem várias possibilidades reais. A controvérsia que persiste é sobre o cenário do acontecimento, que ainda não foi possível fixar com certeza.

A primeira dificuldade está na tradução. A palavra hebraica "*Yam suph*" é traduzida ora por "mar Vermelho", ora por "mar dos Juncos". Repetidamente se fala do "*mar dos Juncos*": "*Ouvimos que o Senhor secou as águas do mar dos Juncos*" ⁽³⁰⁾ *à vossa entrada, quando saístes do Egito...*" (Josué 2.10). No Velho Testamento, até o profeta Jeremias, fala-se em "*mar dos Juncos*". O Novo Testamento diz sempre "mar Vermelho" (Atos 7.36; Hebreus 10.29).

Às margens do mar Vermelho não crescem juncos. O mar dos juncos propriamente ficava mais ao norte. Dificilmente se poderia fazer uma reconstituição fidedigna do local — e essa é a segunda dificuldade. A construção do Canal de Suez no século passado modificou extraordinariamente o aspecto da paisagem da região. Segundo os cálculos mais prováveis, o chamado "milagre do mar" deve ter acontecido nesse território. Assim, por exemplo, o antigo lago de Ballah, que ficava ao sul da estrada dos filisteus, desapareceu com a construção do canal, transformando-se em pântano. Nos tempos de Ramsés II, existia ao

sul uma ligação do golfo de Suez com os lagos amargos. Provavelmente chegava mesmo até mais adiante, até o lago Timsah, o lago dos Crocodilos. Nessa região existia outrora um mar de juncos. O braço de água que se comunicava com os lagos amargos era vadeável em diversos lugares. A verdade é que foram encontrados alguns vestígios de passagens. A fuga do Egito pelo mar dos Juncos é, pois, perfeitamente verossímil.

Nos primeiros tempos do cristianismo, alguns peregrinos supuseram que a fuga de Israel fora efetuada pelo mar Vermelho. Ao suporem isso, pensavam na extremidade norte do golfo, perto da cidade de Essuues, atual Suez. Com efeito, também ali poderia ter acontecido a passagem. De vez em quando ocorrem na extremidade norte do golfo de Suez ventos fortes de nordeste, que impelem a água com grande força a ponto de fazê-la recuar, permitindo a passagem a pé nesse lugar. No Egito predomina o vento oeste. Ao contrário, na Bíblia é citado o "vento leste", típico da Palestina.

Ora Moisés tirou Israel do mar dos Juncos (Vermelho). E saíram para o deserto de Sur; e caminharam três dias no deserto sem encontrar água. E chegaram a Mara, mas não podiam beber as águas de Mara, porque eram amargas (Êxodo 15.22, 23).

Depois os filhos de Israel foram a Elim, onde havia doze fontes de água e setenta palmeiras (Êxodo 15.27).

E partiram de Elim e toda a multidão dos filhos de Israel foi para o deserto de Sin, o qual está entre Elim e o Sinai... (Êxodo 16.1).

Começou a penosa marcha — vida de nômades numa região árida de estepes, que deveria durar quarenta anos!

Com jumentos, cabras e ovelhas, só podiam vencer pequenas etapas diárias de cerca de vinte quilômetros; o objetivo da marcha de cada dia era sempre a próxima aguada.

Durante quarenta anos vaguearam os filhos de Israel ao longo da orla do deserto, de fonte em fonte, de aguada em aguada. Pelos lugares de descanso mencionados na Bíblia podemos traçar as principais etapas da peregrinação.

O itinerário é descrito com realismo e de modo convincente nos Números 33. Como é muito natural, tratando-se de uma multidão de homens e animais, eles nunca se afastavam dos oásis e pastagens, nem na região do Sinai nem no Neguev.

Do Nilo até os montes da península do Sinai estendia-se uma trilha antiqüíssima. Era o caminho por onde seguiam as colunas de trabalhadores e escravos que desde 3000 a.C. extraíam cobre e turquesas no monte Sinai. Mais de uma vez no decurso dos milênios as minas foram abandonadas e ficaram esquecidas durante séculos. Ramsés II lembrou-se do tesouro que ali dormia e decidiu explorar outra vez as minas.

Moisés conduziu seu povo por esse caminho das minas. Ele começava em Mênfis, passava junto à ponta do golfo, onde está situada a atual Suez, e fazia

uma curva para o sul, percorrendo setenta quilômetros através de uma região sem água, sem oásis, sem uma única fonte. A Bíblia diz expressamente que no começo do êxodo eles vaguearam pelo deserto durante três dias, sem água, depois chegaram a uma fonte amarga e, logo em seguida, a um oásis luxuriante com "doze fontes de água e setenta palmeiras". Essas indicações da Bíblia, realmente precisas, ajudaram os pesquisadores a encontrar a rota histórica do êxodo.

Para uma caravana com rebanhos e muita gente, uma viagem de setenta quilômetros representa uma marcha de três dias. Os nômades são capazes de percorrer essa distância sem água. Para isso levam sempre a sua "água de reserva" na bagagem, em odres de pele de cabra, como a família dos patriarcas do quadro de Beni Hassan. A setenta quilômetros da extremidade norte do mar Vermelho brota ainda hoje uma fonte, "*Ain Hawa-rah*", na linguagem dos beduínos. Os nômades não gostam de parar aí com seus rebanhos. A água não convida ao descanso. É salgada e sulfurosa, "amarga", diz a Bíblia. É a antiga *Mara*.

Vinte e quatro quilômetros ao sul, exatamente a um dia de marcha, estende-se o Uadi Gharandel. É um oásis magnífico, com palmeiras umbrosas e muitas fontes. É a bíblica *Elim*, o segundo lugar de descanso. Além de Elim, começa o *deserto de Sin*, na costa do mar Vermelho, hoje planície El Kaa. Os filhos de Israel haviam feito uma viagem bem curta na verdade, mas desconfortável e cheia de privações, depois de uma vida dura, porém regulada e farta no Egito. Não é de admirar que viesse a decepção e comessem os murmúrios. Entretanto, puderam completar a alimentação frugal com dois ingredientes inesperados e muito oportunos. *Aconteceu, pois, de tarde virem codornizes, que cobriram os acampamentos; e pela manhã havia uma camada de orvalho em volta dos acampamentos. E tendo coberto a superfície da terra, apareceu no deserto uma coisa miúda, e como pisada num almofariz, à semelhança de geada sobre a terra. Tendo visto isso os filhos de Israel, disseram entre si: Manhu? (que é isto?). Porque não sabiam o que era, e Moisés disse-lhes este é o pão que o Senhor vos dá para comer (Êxodo 16.13 a 15).*

Repetidamente tem-se discutido com mais ou menos base a questão das *codornizes* e do *maná*. Quanto ceticismo têm provocado! A Bíblia fala de coisas maravilhosas e inexplicáveis. Mas *codornizes* e *maná* são inteiramente naturais. Basta consultar um naturalista ou os naturais da terra, que ainda hoje podem observar o mesmo fenômeno.

A saída de Israel do Egito começou na primavera, a época das grandes migrações das aves. Partindo da África, que no verão se torna insuportavelmente quente e seca, as aves seguem, desde tempos imemoriais, duas rotas para a Europa: uma pela extremidade ocidental da África, para a Espanha, e a outra pela região oriental do Mediterrâneo, para os Balcãs. Entre essas aves encontram-se *codornizes*, que nos meses da primavera voam por cima das águas

do mar Vermelho, que têm de atravessar em sua rota para leste. Cansadas do grande vôo, deixam-se cair nas planícies da costa a fim de recobrem forças para a viagem por cima dos altos montes até o Mediterrâneo. Flávio Josefo (Ant., III, 1.5) relata uma experiência semelhante, e ainda em nossos dias os beduínos dessa região apanham com a mão, na primavera e no outono, as codornizes exaustas.

No que se refere ao famoso maná, recorramos aos botânicos. Anteciparemos que quem quer que se interesse por maná poderá encontrá-lo na lista de exportações da península do Sinai. Aliás, o que o produz vem indicado em todos os quadros botânicos do Oriente Próximo, a saber a *Tamarix mannifera* [\(31\)](#).

Para o grande público, o "pão do céu" bíblico continua a ser um prodígio inexplicável. O fenômeno do maná é um exemplo verdadeiramente clássico de como certas idéias e conceitos preconcebidos se mantêm por vezes obstinadamente através das gerações e como é difícil fazer prevalecer a verdade. Dir-se-ia que ninguém quer admitir que o "pão do céu" exista realmente. E, contudo, não faltam escritos fidedignos sobre sua existência. O seguinte testemunho visual tem quase quinhentos anos de idade.

"Em todos os vales em volta do monte Sinai encontra-se até hoje o pão do céu, que os monges e os árabes apanham, conservam e vendem aos peregrinos e aos estrangeiros que por aqui aparecem", escreve no ano de 1483 o decano de Mogúncia, Breitenbach, sobre sua peregrinação ao Sinai.

"O dito pão do céu cai pela manhã, ao amanhecer, exatamente como o orvalho ou a geada, e pende como gotas na erva, nas pedras e nos ramos das árvores. É doce como o mel e gruda aos dentes quando se come, e nós compramos algumas partes."

Em 1823 o botânico alemão G. Ehrenberg publicou uma notícia [\(32\)](#) que seus próprios colegas receberam com grande ceticismo. Com efeito, sua declaração era algo verdadeiramente extraordinário: dizia ele que o famoso maná não era outra coisa senão uma secreção das árvores e arbustos da tamargueira, quando picados por uma espécie de cochonilha característica do Sinai.

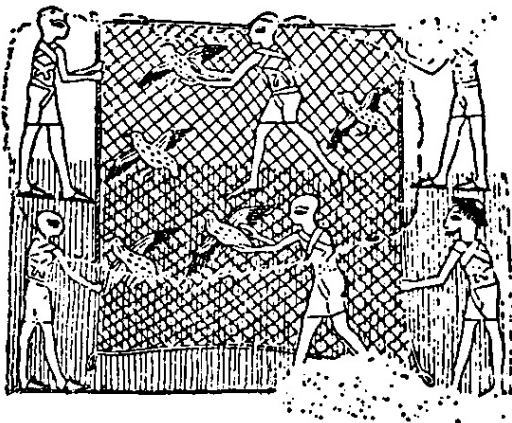


Figura 18 - Captura de codornizes na margem do Nilo.

Cem anos mais tarde, houve uma verdadeira expedição em busca do maná. O botânico Friedrich Simon Bodenheimer e Oskar Theodor, da Universidade Hebraica de Jerusalém, seguiram para a península do Sinai a fim de esclarecerem finalmente a tão debatida questão do fenômeno do maná. Durante vários meses, os dois cientistas exploraram extensamente os vales secos e os oásis em volta do monte Sinai. Seu comunicado causou sensação. Eles não só haviam trazido a primeira fotografia do maná, não só os resultados de suas pesquisas confirmavam as declarações de Breitenbach e Ehrenberg, como mostravam também o realismo com que a Bíblia descrevia a peregrinação dos filhos de Israel pelo deserto.

Sem a cochonilha mencionada pela primeira vez por Ehrenberg, não haveria, com efeito, maná. Esses pequenos insetos vivem sobretudo nas mencionadas tamargueiras, nativas do Sinai, que pertencem às acácias. Essas árvores exsudam uma secreção resinosa característica que, segundo os dados de Bodenheimer, tem a forma e o tamanho da semente do coentro. Ao cair é branca e só depois de ficar muito tempo no solo adquire uma cor pardo amarelada. Naturalmente, os dois pesquisadores não iam deixar também de provar o maná. "O gosto dos

grãosinhos cristalizados do maná é de uma doçura característica", diz Bodenheimer. "A coisa a que mais se pode comparar é ao açúcar de mel, produto do mel de abelha velho." *"Era como a semente de coentro, branco"*, diz a Bíblia, *"e o seu sabor como o da farinha amassada com mel"* (Êxodo 16.31).

Os resultados da expedição confirmaram igualmente o resto da descrição bíblica do maná. "Cada um, pois, colhia pela manhã quanto podia bastar para seu alimento; e, quando o sol fazia sentir seus ardores, derretia-se" (Êxodo 16.21). Da mesma forma, os beduínos da península do Sinai ainda hoje se apressam a apanhar todas as manhãs seu "mann essama", isto é, o "maná do céu", porque as formigas são concorrentes ávidas. "Mas estas só começam sua atividade quando o solo atinge uma temperatura de vinte e um graus centígrados", diz o comunicado da expedição. "Isso ocorre por volta das oito e meia da manhã. Até então os animalículos estão ainda entorpecidos." Tão logo as formigas ficam ágeis, desaparece o maná. Devia ser isso o que o cronista bíblico queria dizer ao falar que ele se derrete. Os beduínos têm sempre o cuidado de guardar o maná num pote fechado, pois do contrário as formigas caem sobre ele. O mesmo aconteceu durante a peregrinação dos israelitas sob a direção de Moisés: "E alguns conservaram até de manhã, e ele começou a ferver em vermes e apodreceu..." (Êxodo 16.20).

A ocorrência do maná depende de uma chuva de inverno favorável e é diferente de ano para ano. Nos anos bons, os beduínos do Sinai recolhem até um quilo e meio por homem cada manhã. Uma porção respeitável que chega perfeitamente para satisfazer um adulto. Assim foi que Moisés pôde ordenar aos filhos de Israel: "Cada um colha dele quanto baste para seu alimento" (Êxodo 16.16).

Os beduínos fazem das gotas de maná uma massa muito apreciada e rica em vitaminas, que usam como complemento de sua alimentação freqüentemente monótona. O maná é até um artigo de exportação e — bem conservado — uma excelente "ração de reserva", pois conserva-se por tempo indefinido.

"E Moisés disse a Arão: Toma um vaso, e mete nele maná quanto pode conter um gômer, e põe-no diante do Senhor para se conservar pelas vossas gerações" (Êxodo 16.33).

"E os filhos de Israel comeram maná durante quarenta anos, até chegarem a um país habitado; com essa comida se alimentaram até chegarem aos confins do país de Canaã" (Êxodo 16.35).

As tamargueiras com maná continuam proliferando no Sinai e ao longo do deserto da Arábia até o mar Morto. *"Partindo de lá (do deserto do Sin), foram a Dafca"* (Números 33.12).

Várias centenas de metros acima da superfície do mar Morto, estende-se o vasto e monótono *deserto de Sin*. No elevado e tórrido planalto, a ofuscante superfície amarela dos areais é alterada apenas por cardos e moitas esparsas. Nem um sopro de brisa toca de leve o rosto do viandante. Quem passa por ali

seguindo a velha trilha para sueste presencia um espetáculo inesquecível: de repente surge diante de si no horizonte, erguendo-se da alta planície, o perfil denteado de uma montanha — o maciço do Sinai. À medida que se aproxima, vê brilhar numa escala cromática estranhas e maravilhosas formações geológicas. Muralhas de granito cor-de-rosa e malva erguem-se rudemente para o céu azul, a grande altura. De permeio resplandecem declives e precipícios de pálido âmbar e enxofre avermelhado, entremeados de veios de pórfiro e faixas verde escuras de feldspato. Dir-se-ia que os matizes e o esplendor de um jardim florido foram esparzidos e cristalizados naquela sinfonia selvagem de pedra. Na orla do deserto de Sin, a trilha desaparece de repente, perdendo-se num vale. Até o começo deste século, ninguém sabia onde procurar *Dafca*. A única indicação estava contida no próprio nome do lugar. "Dafca", raciocinavam os peritos lingüísticos, é aparentado com "fenômenos de fusão". Onde há mineração, há fenômenos de fusão.

Na primavera de 1904, o inglês Flinders Petrie, que já havia granjeado fama como pioneiro da arqueologia bíblica, partiu de Suez com uma longa caravana de camelos. Acompanhava-o uma verdadeira multidão de sábios, trinta arquitetos, egiptólogos e assistentes. Partindo do cais do Canal de Suez, a expedição seguiu os vestígios da trilha egípcia que levava à região do Sinai. Prosseguiu através do deserto de Sin até a cordilheira pelo caminho percorrido pelos israelitas.

A caravana penetrou lentamente num dos vales, ao redor de um canto agudo da montanha... e o relógio do mundo pareceu retroceder subitamente três mil anos, quatro talvez. A caravana transferiu-se de chofre para o mundo dos faraós. Petrie deu ordem de parar. No vale, sobre um terraço de rocha, erguia-se um templo. Entre as colunas quadrangulares do vestibulo aparecia o rosto de uma deusa com grandes orelhas de vaca. Um labirinto de estelas, entre as quais sobressaía um pilono mais alto; parecia haver nascido do solo. A areia amarela em volta de pequenos altares de pedra mostrava claros vestígios de cinzas de holocaustos. Nas encostas em volta, abriam-se entradas escuras, e lá em cima, dominando o vale, avultava o enorme maciço do Sinai.

A gritaria dos tropeiros silenciou. A caravana imobilizou-se como que dominada pela súbita visão fantasmagórica.

Nas ruínas do templo, Petrie encontrou gravado o nome do grande Ramsés II. A expedição chegara a Serabit el-Chadem, o centro mineiro e industrial egípcio da extração de cobre e turquesa. Muito provavelmente era ali que devia ser procurada a bíblica *Dafca*.

Durante dois longos anos, um acampamento de tendas levantado diante do velho templo deu vida nova ao vale. Cenas de culto e quadros de sacrifícios existentes nas paredes do templo indicavam que ali fora venerada a deusa Hator. Um labirinto imenso de galerias meio ocultas por entulho, que se estendia quase até perder de vista ao redor do vale, dava testemunho das escavações feitas para

extrair o cobre e as turquesas. As marcas das ferramentas de trabalho eram inconfundíveis. Nas proximidades, viam-se os restos das colônias dos trabalhadores. O sol dardejava implacavelmente no côncavo do vale, concentrando um calor insuportável e dificultando o trabalho da expedição. Trabalhar naquelas minas do deserto, sobretudo no verão, devia ser um inferno. Uma inscrição do reinado de Amenemés III, em 1800 a.C., informava os pesquisadores a respeito. Hor-ur-Re, guarda-selo e "chefe dos trabalhadores" do faraó, faz uma arenga aos mineiros e escravos. Ele procura estimulá-los e animá-los com as seguintes palavras: "Como pode se considerar feliz quem trabalha nestas minas!" Mas eles respondem: "Turquesas há sempre no monte. É, porém, na pele que se deve pensar nesta estação do ano. Nós ouvimos dizer que o metal tem sempre sido extraído nesta época. Mas a pele é que sofre nesta estação horrível". Ao que Hor-ur-Re replica: "Em todos os tempos que eu tenho trazido homens para as minas, tem-me guiado somente a glória do rei... Meu semblante não decaía desanimado diante do trabalho... Nunca disse: 'Quem me dera ter uma boa pele!' Porém meus olhos brilhavam ..." Quando as escavações nas velhas minas estavam no apogeu, nas habitações dos mineiros e no terreno ocupado pelo templo, a poucos passos do santuário da deusa Hator, foram desenterrados da areia alguns fragmentos de tabuinhas de pedra e uma estatueta corcunda. As tabuinhas, como a escultura, apresentavam uns estranhos signos gravados. Nem Flinders Petrie nem seus colaboradores egiptólogos conseguiram decifrá-los. Eram evidentemente signos de uma escrita nunca vista até então. Pois, embora aqueles signos tivessem um aspecto acentuadamente ideográfico — lembravam os hieróglifos egípcios —, via-se que não podia se tratar de uma escrita ideográfica. Havia muito poucos signos diferentes para que assim fosse.

Depois de examinadas todas as circunstâncias do achado, Flinders Petrie chegou à seguinte conclusão arrojada: "Esse sistema de escrita linear devia pertencer aos trabalhadores de Retenu⁽³³⁾, que eram contratados pelos egípcios e mencionados com frequência. A conclusão que se segue é muito significativa, isto é: os simples trabalhadores cananeus já possuíam uma escrita pelo ano de 1500 a.C., e essa escrita não tinha relação com os hieróglifos nem com os sinais cuneiformes. Além disso, ela anula definitivamente a hipótese de que os israelitas, que passaram por essa região em sua fuga do Egito, ainda não soubessem escrever!"

A teoria de Flinders Petrie provocou enorme sensação entre arqueólogos, estudiosos das Sagradas Escrituras e historiadores. Todos os conhecimentos sobre a origem e o primeiro uso de uma escrita em Canaã se tornaram caducos. Parecia inadmissível que já no meio do segundo milênio antes de Cristo os habitantes de Canaã tivessem uma escrita própria. Só o texto das tabuinhas do Sinai poderia provar se Petrie tinha realmente razão. Imediatamente depois de

sua volta à Inglaterra, ele mandou copiar as tabuinhas.

Peritos de todos os países se lançaram à tarefa de decifrar os toscos signos gravados. Nenhum deles conseguiu encontrar um sentido. Só dez anos mais tarde, Sir Alan Gardiner, o genial e incansável tradutor de textos egípcios, logrou levantar o véu. Conseguiu decifrar uma parte das inscrições. Ajudou-o nisso o "bordão de pastor" continuamente repetido. Numa combinação de quatro ou cinco signos, que ocorriam diversas vezes, Gardiner imaginou finalmente descobrir uma palavra do antigo hebraico!

Interpretou os cinco signos *l-B-'-l-t* como dedicados à "deusa Baalat". No segundo milênio a.C., era venerada na cidade marítima de Biblos uma divindade feminina com o nome de Baalat. Os egípcios ergueram um templo a essa deusa em Serabit el-Chadem, com a diferença de que os egípcios a chamavam Hator. Os trabalhadores de Canaã extraíram cobre e turquesas perto do seu templo.

A cadeia de demonstração estava encerrada. A significação do achado feito no Sinai só pôde ser apreciada em todo o seu alcance seis anos depois da morte de Flinders Petrie e após novas e árduas pesquisas e estudos.

	SINAI 1500 a. C.	CANAÃ 1000 a. C.	FENÍCIO 750 a. C.	GREGO ANTIGO	ATUAL
Cabeça de boi					A
Paliçada					H
Água					M
Cabeça de homem					R
Arco					S

Figura 19 - Evolução do nosso alfabeto.

Gardiner só conseguira decifrar uma parte dos estranhos signos. Três décadas depois, em 1948, uma equipe de arqueólogos da Universidade de Los Angeles descobriu a chave que permitiu uma tradução literal de todos os signos das tabuinhas do Sinai. Essas inscrições procedem indubitavelmente de 1500 a.C. e estão escritas num dialeto cananeu!

O que Flinders Petrie arrancou do ardente solo do Sinai em 1905 pode ser visto por toda gente de todo o mundo, em forma modificada, nos jornais, revistas, livros e nos tipos de suas máquinas de escrever. As pedras de Serabit el-Chadem

contêm um alfabeto precursor do nosso! As duas formas básicas de expressão do Crescente Fértil, signos ideográficos e caracteres cuneiformes, já eram antigas quando, no segundo milênio antes de Cristo, nasceu uma terceira forma básica de expressão: o alfabeto. Provavelmente incitados pela escrita ideográfica de seus companheiros de trabalho do país do Nilo, os semitas criaram para si, no Sinai, uma escrita própria completamente diferente.

As famosas inscrições do Sinai constituem os primeiros passos do alfabeto semítico setentrional, que é o antepassado direto do nosso alfabeto atual. Esse alfabeto era usado na Palestina, em Canaã e nas repúblicas marítimas fenícias. Pelo fim do século IX a.C., foi adotado pelos gregos. De Hélade passou para Roma e daí espalhou-se pelo mundo inteiro.

"E o Senhor disse a Moisés: Escreve isso no livro para memória..." (Êxodo 17.14). Pela primeira vez fala-se em "escrever" no Velho Testamento, quando Israel, tendo partido de Dafca, atingiu o próximo local de descanso. Nunca antes disso apareceu essa palavra. A decifração das tabuinhas do Sinai apresentou essa passagem bíblica sob a luz completamente nova de uma informação histórica. Desde então, sabemos que, já trezentos anos antes de Moisés haver conduzido por ali o povo tirado do Egito, havia homens de Canaã que sabiam "escrever", em sua linguagem intimamente aparentada com a de Israel.

Junto ao monte de Moisés

A "Pérola do Sinai" — Israel contou seis mil homens — Água tirada de um rochedo — Técnica empírica dos nômades — A "sarça ardente" é uma planta que gera gás? — No vale dos monges e dos eremitas — A grande maravilha.

Tendo, pois, partido toda a multidão dos filhos de Israel do deserto de Sin, e feito as suas paragens segundo a ordem do Senhor, acamparam em Rafidim... Ora Amalec veio e pelejava contra eles em Rafidim (Êxodo 17.1 e 8).

Rafidim é o atual Feiran, louvado pelos árabes como a "Pérola do Sinai". Guardado pela solidão dos gigantescos e multicores penhascos ao redor, esse paraíso em miniatura apresenta o mesmo aspecto há milênios. Um bosquezinho de palmeiras fornece sombra benfazeja. Como nos tempos dos primeiros antepassados, os nômades levam aí seus rebanhos para beber e descansar no tapete de relva miúda.

Do acampamento da expedição, Flinders Petrie empreendia incursões a fim de explorar a região circunjacente. Em marchas penosas ficou conhecendo os vales e os montes até as margens do mar Vermelho. Comprovou, sem sombra de

dúvida, que Feiran era o único oásis em todo o sul do maciço montanhoso. Para os nômades naturais dessa região, ele era de importância vital e o seu bem mais precioso. "Os amalecitas queriam defender Uadi Feiran contra os intrusos estrangeiros", deduz Flinders Petrie. E a seguir reflete: "Se o clima permaneceu imutável — e isso nos demonstram as colunas de arenito perfeitamente conservadas através dos milênios em Serabit el-Chadem —, o número de habitantes deve ser o mesmo. Em nossos dias, vive na península do Sinai uma população que se avalia em cinco a sete mil nômades com seus rebanhos. O povo de Israel devia contar aproximadamente seis mil almas... como indica o combate indeciso com os amalecitas".

"E quando Moisés tinha as mãos levantadas, Israel vencia, mas, se as abaixava, Amalec levava vantagem" (Êxodo 17.11).

"Até o pôr-do-sol" durou a encarniçada luta. Finalmente, Josué decidiu a contenda em favor de Israel. Desse modo, ficou livre o caminho para a fonte do oásis de Rafidim. Mas antes *"não havia água de beber para o povo"* (Êxodo 17.1). Nessa aflição Moisés teve de tomar da sua vara e ferir um rochedo para fazer brotar água (Êxodo 17.6), o que é considerado completamente inconcebível pelos céticos e por outros, embora, também nesse caso, a Bíblia apenas descreva um fato natural.

O Major C. S. Jarvis, governador britânico do território do Sinai na década de 30, comprovou isso pessoalmente. Escreve ele [\(34\)](#):

"Moisés ferindo o rochedo em Rafidim e fazendo brotar água parece um verdadeiro milagre, mas este cronista viu com os próprios olhos um fato semelhante. Alguns membros do corpo de camelos do Sinai haviam feito uma parada num vale seco e dispunham-se a cavar a areia grossa que se amontoara ao fundo da parede rochosa. Queriam atingir a água que se filtrava lentamente através da rocha calcária. Os homens trabalhavam lentamente, e então o sargento de cor Bash Shawish disse:

'Vamos logo com isso!'

Tomou então a pá das mãos de um dos homens e começou a cavar com grande ímpeto, como costumam fazer os sargentos em todo o mundo quando querem mostrar aos seus comandados o que eles são capazes de fazer, mas que não tencionam fazer durante mais de dois minutos. Um de seus golpes atingiu a rocha. A superfície lisa e dura que se forma sempre sobre a pedra calcária exposta ao tempo rompeu-se e caiu. Com isso ficou exposta a rocha mole embaixo, e de seus poros brotou um grande jorro de água. Os sudaneses, que estão bem a par dos fatos dos profetas, embora não sejam especialmente respeitosos com eles, aclamaram o sargento exclamando:

'Olhem o profeta Moisés!'

Isto é uma explicação muito esclarecedora do que deve ter ocorrido com Moisés quando golpeou o rochedo em Rafidim."

C. S. Jarvis foi testemunha de um puro acaso. Porque os membros do corpo de camelos eram sudaneses e não nativos do Sinai, caso em que poderiam estar familiarizados com essa técnica de extrair água. No caminho de Cades para Edom, Moisés usou de novo a arte de tirar água da rocha. *"E Moisés, tendo levantado a mão, ferindo duas vezes com a vara o rochedo, saíram dele águas copiosíssimas, de sorte que beberam o povo e os animais"*, diz a Bíblia nos Números 20.11. É evidente que ele havia aprendido esse estranho método de encontrar água durante o seu exílio entre os madianitas.

Na era cristã foram estabelecer-se numerosos eremitas e monges em Feiran, o lugar onde Israel, sob a direção de Moisés, teve de repelir o primeiro ataque inimigo. Erguiam suas minúsculas habitações nas ravinas e nas encostas da montanha. Em Feiran erigiram uma igreja e, quarenta quilômetros ao sul do oásis, na faldas do Djebel Musa, construíram uma pequena capela.

Mas os nômades selvagens não davam descanso aos eremitas e monges do Sinai. Muitos perdiam a vida durante os repetidos ataques. Quando Santa Helena, a mãe octogenária de Constantino, primeiro imperador cristão, teve notícia das tribulações dos monges do Sinai, por ocasião de sua estada em Jerusalém, em 327 d.C., fez uma doação para uma torre de refúgio, que foi construída ao pé do monte de Moisés.

Em 530 d.C, o Imperador Justiniano, do Império do Oriente, mandou cercar a pequena capela com uma poderosa muralha. Até a Idade Média, a igreja fortificada no Djebel Musa foi o destino dos peregrinos que de todas as terras se dirigiam ao Sinai. De acordo com uma lenda, esse memorável lugar recebeu o nome de Mosteiro de Santa Catarina, conservado até hoje. Napoleão mandou reparar as muralhas dessa fortaleza solitária dos primeiros tempos cristãos, ameaçada de ruína.

Em 1859, o teólogo alemão Konstantin von Tischendorf descobriu no Sinai um dos preciosos manuscritos da Sagrada Escritura, escritos em pergaminho e ali conservados, o famoso *Codex Sinaiticus*. É do século IV e contém, em língua grega, o Novo e parte do Velho Testamento.

Foi dado de presente ao czar, que por isso doou nove mil rublos ao mosteiro. O tesouro passou para a Biblioteca de São Petersburgo. Em 1933, o Museu Britânico comprou o *Codex Sinaiticus* aos soviets por quinhentos mil dólares.

A pequena capela ao pé do Djebel Musa foi construída no lugar em que, segundo a Bíblia, Moisés viu a sarça ardente: *"E via que a sarça ardia, sem se consumir"* (Êxodo 3.2).

Também esse fenômeno extraordinário tem se procurado explicar cientificamente de várias maneiras. Um perito em botânica bíblica, o Dr. Harold N. Moldenke, administrador e curador do Jardim Botânico de Nova York escreve a respeito: "...Entre os comentadores que julgam ter encontrado uma explicação natural, pensam alguns que o fenômeno da sarça, que ardia e não se consumia,

pode ser explicado por um tipo de planta de gás, ou *fraxinella*, a *Dietamnus albus* L. É uma erva grande, de um metro de altura, com panículas de flores púrpura. A planta toda é coberta de minúsculas glândulas oleaginosas. Esse óleo é tão volátil que se evapora continuamente, e a aproximação de uma luz descoberta causa uma inflamação súbita... A explicação mais lógica parece ser a de Smith. Supõe ele que a 'chama de fogo' poderia ser muito bem a rama vermelho carmesim do visco em flor (*Loranthus accaciae*), que cresce por toda a parte na Terra Santa e no Sinai em diferentes moitas e pequenas árvores espinhosas da família das acácias. Quando esse visco está na plena floração, a moita parece envolta em fogo devido às suas cores vermelhas e ardentes.

"O fenômeno da 'sarça ardente' existe, pois, na natureza, literalmente, em plantas com um grande conteúdo de óleos voláteis. O naturalista alemão Dr. M. Schwabe comprovou em repetidas observações a inflamação espontânea: a mistura de gás e ar inflama-se algumas vezes por si só no calor intenso e no ar parado, ficando o arbusto intato."

Porque, tendo partido de Rafidim, e chegando ao deserto do Sinai, acamparam naquele mesmo lugar; e Israel levantou aí as suas tendas defronte do monte. E Moisés subiu a Deus (Êxodo 19.2, 3).

E Moisés desceu ao povo, e referiu-lhes tudo. E o Senhor pronunciou todas estas palavras: Eu sou o Senhor teu Deus... Não terás outros deuses diante de Mim (Êxodo 19.25; 20.1, 2,3).

No Sinai aconteceu um fato único na história da humanidade. Ali estão a raiz e a grandeza de uma crença sem exemplo nem modelo, que teve força bastante para conquistar o mundo inteiro.

Moisés, filho de um ambiente cheio de crenças em grande número de divindades, em deuses de formas diversas, anunciou a crença num só Deus! Moisés tornou-se o fundador do monoteísmo... eis o grande, legítimo e incompreensível milagre do Sinai. Desconhecido, estrangeiro criado no Egito, filho e neto de nômades, Moisés "*desceu ao povo, e referiu-lhes tudo*". Nômades que levantavam suas tendas de pele de cabra na estepe debaixo do céu foram os primeiros a ouvir a mensagem nunca ouvida, receberam-na para si e passaram-na adiante. Primeiro entre si, durante trinta e nove anos, na solidão da estepe, junto às fontes borbulhantes, nos bebedouros dos oásis umbrosos e ao vento lamentoso que soprava através da paisagem agreste. Enquanto as ovelhas, as cabras e os jumentos pastavam, eles falavam de um único e grande Deus, de JHVH. Assim começou a maravilhosa história dessa crença que se espalhou pelo mundo inteiro. Aqueles simples pastores vagueavam penosamente levando consigo o grande e novo pensamento, a nova crença em sua nova pátria, de onde a mensagem um dia partiria para o mundo, para todos os povos da Terra. Povos poderosos e impérios notáveis daquele tempo distante mergulharam há muito no reino escuro do passado. Mas os descendentes dos pastores que primeiro acreditaram num Deus único e onipotente continuam vivos até hoje.

"Eu sou o Senhor teu Deus... Não terás outros deuses diante de mim..." Isto é inusitado desde que os homens habitam a terra. Não houve nenhum exemplo, nenhuma inspiração de outros povos.

Devemos a segurança desse conhecimento aos achados e descobertas arqueológicos feitos no Egito, a terra onde Moisés cresceu e foi educado, e em outras terras do antigo Oriente. O culto solar de Echnaton e a comprovada manifestação de muitas divindades num único Deus, na Mesopotâmia, foram apenas pesados passos para o monoteísmo. Todas essas representações carecem da força de síntese, do pensamento moral liberador, contidos nos Dez Mandamentos, que Moisés trouxe do cume solitário do monte Sinai para o coração e para o cérebro dos homens.

No Crescente Fértil, só no povo de Israel surge a idéia de Deus em forma clara e pura, livre de magia, livre de representações multiformes e grotescas e não imaginada como preparação materialista para a sobrevivência do eu no além. Inusitada é também a forma clara e imperiosa dos Dez Mandamentos. Os israelitas recebem ordem de não pecar, porque Jeová assim o quer!

Era perfeitamente possível concluir pela singularidade das leis morais, dadas por Deus ao povo de Israel, sem modelo nem paralelo no antigo Oriente, antes da descoberta de elementos, indicando clara e inequivocamente que, precisamente em um dos seus trechos de maior relevo, ou seja, os Dez Mandamentos e demais leis promulgadas para Israel, a Bíblia não está sozinha, pois sobretudo ali ela se revela como imbuída do espírito do antigo Oriente. Assim, os Dez Mandamentos representam uma espécie de "documento de aliança", ou a "lei básica" da aliança entre Israel e seu Deus. Em absoluto, não surpreende o fato de corresponder, perfeitamente, aos acordos de vassalagem, celebrados no antigo Oriente, para regulamentar os vínculos entre um soberano e os reis vassalos, por ele instituídos para governar os povos subjugados. Os textos desses contratos de vassalagem sempre começavam citando o nome, título e os méritos do respectivo "grão rei". Correspondentemente, a Bíblia reza:

"Eu sou o Senhor teu Deus, que te tirei da terra do Egito, da casa da servidão" (Êxodo 20.2).

Logo, também ali cita-se primeiro o nome (a palavra "Senhor", segundo a praxe bíblica, substituindo o nome verdadeiro, Jeová, cujo pronunciar era proibido), o título ("Deus") e o mérito decisivo (*"que te tirei da terra do Egito"*) do grão-rei; só que, neste caso específico, tratava-se do divino "grão-rei" de Israel, do Deus da aliança. Ademais, os vassalos eram proibidos de estabelecer relações com soberanos estrangeiros. A isso corresponde o mandamento *"Não terás outros deuses diante de Mim"* (Êxodo 20.3). A forma imperativa de "tu deves", "tu não deves" está sempre presente nos acordos entre um grão-rei e seus vassalos; portanto, ao contrário do que supõem alguns cientistas, ela absolutamente não se restringe aos Dez Mandamentos bíblicos. Por exemplo, um daqueles tratados de

vassalagem reza: "Não cobiçarás nenhuma região do país de Hatti", conquanto a Bíblia diga: "*Não cobiçarás a casa do teu próximo...*" (Êxodo 20.17).

Foram apuradas ainda outras concordâncias, como as referentes à guarda das tábuas com os mandamentos na arca da aliança (as cópias dos contratos de vassalagem também eram guardadas no interior do santuário), bem como à selagem dos contratos, respectivamente, dos mandamentos, com bênçãos e maldições, pois também Moisés falou (Deuteronômio 11.26 a 28): *Eis que eu ponho hoje diante dos vossos olhos a bênção e a maldição; a bênção, se obedecerdes aos mandamentos do Senhor vosso Deus, que eu hoje vos prescrevo; a maldição, se não obedecerdes aos mandamentos do Senhor vosso Deus, mas vos apartardes do caminho que eu hoje vos mostro...*" Aliás, o renomado cientista católico, pesquisador da Bíblia, Roland de Vaux, já mencionado por várias vezes, encontrou em diversos acordos de vassalagem hititas a disposição de ler, em intervalos regulares, o texto do acordo, tanto para o rei vassalo, quanto para o seu povo. Da mesma forma, as leis bíblicas deveriam ser lidas em público, pois *"todos os sete anos, no ano da remissão, na solenidade dos tabernáculos, quando todos os filhos de Israel se juntarem para aparecer diante do Senhor teu Deus ... lerás as palavras desta lei diante de todo o Israel, o qual ouvirá ... para que, ouvindo, aprendam e temam o Senhor vosso Deus, e guardem e cumpram todas as palavras desta lei"* (Deuteronômio 31.1, 10 a 12).

Tudo isso refere-se somente à forma externa dos Dez Mandamentos. No entanto, o que há em relação ao seu conteúdo espiritual? Tampouco, quanto a isso, faltam paralelos. Assim, na Assíria, um sacerdote, ao exorcizar os "demônios" de um doente, teve de perguntar:

"Será que ele (o doente) ofendeu um deus? Menosprezou uma deusa?... Menosprezou seu pai e sua mãe? Menosprezou a irmã mais velha?... Teria ele falado 'não é assim', ao invés de 'é assim' (ou vice-versa)?... Teria ele feito pesagem falsa? Invadido a casa do seu próximo? Ter-se-ia aproximado demasiadamente da mulher do seu próximo? Teria vertido o sangue do seu próximo?..."

Por fim, seguem-se ainda alguns exemplos, tirados do chamado "ensinamento de Amenemope", em uso no antigo Egito:

"Não retirarás a pedra demarcando os limites do campo e não alterarás a linha, seguida pela fita do metro; não cobiçarás nem um côvado de terra e não derrubarás a demarcação das terras de uma viúva.

Não cobiçarás a propriedade de um homem de posses modestas e não terás fome do seu pão.

Não regularás a balança de maneira errada, não adulterarás os pesos e não diminuirás as peças da medida dos cereais.

Não farás a desgraça de ninguém perante o tribunal e não corromperás a justiça. Não darás risada de um cego, não farás troça de um anão e não desfarás

os planos de um parálítico."

Da mesma forma, o "exemplo clássico" que hoje em dia costuma ser citado pelos pesquisadores da Bíblia é a chamada "confissão negativa", mencionada na introdução ao centésimo vigésimo quinto capítulo do Livro dos Mortos. No antigo Egito era crença que o defunto ingressaria em uma "sala de justiça", onde, perante quarenta e dois juizes dos mortos, deveria fazer as seguintes declarações:

"Não fiz adoecer ninguém.

Não fiz chorar ninguém.

Não matei ninguém.

Não mandei matar ninguém.

Não fiz mal a ninguém.

Não diminuí os alimentos nos templos.

Não maculei os pães oferecidos aos deuses.

Não roubei os pães destinados aos mortos, como oferendas fúnebres.

Não tive relações sexuais (proibidas).

Não tive relações sexuais contrárias à natureza".

E assim por diante.

Em outra parte veremos ainda que, graças às pesquisas mais recentes, hoje em dia já se tornou bem menos acentuada a diferença, outrora gritante, entre os conceitos: "Aqui, a sublime fê monoteísta — ali, a multitude bizarra de deidades". Em certa época, pelo menos nos tempos primitivos, aquela multitude de deidades existiu, inclusive em Israel, conquanto a idéia da grandiosidade de figuras divinas, reais, fosse divulgada igualmente nas crenças religiosas de outros povos, habitando as imediações da Terra Santa. Da mesma forma, cumpre fazer constar que também alhures houve moralidade; além das fronteiras de Israel, o povo era igualmente responsável, tinha modos, observava os preceitos da lei, ordem, ética e moral, e também ali as normas regendo o comportamento humano encontravam uma expressão que, tanto no espírito quanto na letra, correspondia perfeitamente aos regulamentos sagrados vigentes em Israel. E, mais uma vez, a Bíblia tem razão, no sentido de que, nos seus textos jurídicos, cuja peça principal são os Dez Mandamentos, ela nos transmite um trecho pertinente, comprovado por respectivos paralelos na história cultural e moral do antigo Oriente. O quadro assim constituído, e de modo a dificultar que fosse mantida a outrora levantada pretensão da singularidade das leis bíblicas, talvez confunda e intrigue a mente de algumas pessoas. Lamentavelmente, não há condições de eliminar tal confusão e insegurança. No entanto, hoje em dia, a confirmação extra bíblica dos respectivos textos bíblicos revela o relacionamento de Israel com seu ambiente cultural e histórico, bem como suas máximas, de uma maneira bastante mais clara e precisa do que antes...



Figura 20 - Arca da Aliança com querubins e varas em argolas, para o transporte (reconstrução).— a Arca da Aliança — era de madeira de acácia (Êxodo 25.10), planta nativa da península do Sinai e ainda hoje muito comum nesses lugares.

Sob o céu da estepe

Sinai-Cades, duzentos e trinta quilômetros — Duas fontes no grande ponto de parada — Tropa de espiões para Hebron — O cacho de uva era uma cepa — Povos estrangeiros — Uma felaina descobre o arquivo de Amarna — Cartas de príncipes indo-árnicos cananeus — Uma colônia hurrита entre as torres de petróleo de Kirkuk — O relato dos observadores dá motivo a nova decisão. — O "deserto" bíblico era estepe.

E os filhos de Israel pelas suas turmas partiram do deserto do Sinai... (Números 10.12).

Israel havia se submetido à crença em Deus e suas leis; um santuário lhe construíram.

Havia quase um ano que durava a estada na montanha do Sinai. Então seguiram para o norte, na direção de Canaã. Cades, a etapa seguinte, que constituiria um marco miliário na longa estrada dos filhos de Israel, fica a duzentos e trinta quilômetros do Sinai, em linha reta.

Também esse trecho pode ser acompanhado com base nos precisos dados topográficos da Bíblia. O caminho segue pela margem ocidental do golfo de Ácaba até o deserto de *Faran* (Números 12.16) [\(35\)](#) — o atual Badiet el-Tin, que significa "deserto da solidão" — acompanhando sua margem oriental. Dos lugares de descanso desse caminho (Números 33.16 a 36) podem-se identificar com certeza Haserot e Asiongaber. Haserot é a atual Ain Huderah, situada nas

proximidades do golfo; Asiongaber fica na extremidade do golfo de Ácaba, o lugar que, mais tarde, no tempo do Rei Salomão, seria o centro portuário e industrial (Reis III. 9.26).

Durante a peregrinação ao longo da margem do golfo repetiu-se o "milagre" das codornizes". Novamente era primavera, época da migração das aves, e de novo a descrição é fiel à realidade:

"E um vento mandado pelo Senhor, trazendo codornizes da outra banda do mar, arrebatou-as consigo e fê-las cair sobre os acampamentos" (Números 11.31).

"Partindo de lá (Asiongaber), foram ao deserto de Sin, que é Cades" (Números 33.36).

Abaixo de Hebron, a região montanhosa de Judá decai, formando uma planície relativamente lisa, cuja parte sul, freqüentemente chamada "rio do Egito", é um vale seco muito ramificado e que vai tendo cada vez menos água (Números 34.5; Josué 15.4; Reis I. 8.65). É o Neguev, o *Meio-Dia* bíblico (Números 13.17). Em meio a numerosos *uadis* — vales secos, onde só se encontra água na época das chuvas, durante o inverno — fica *Cades*. O antigo nome Cades foi conservado na pequena fonte Ain Qedeis, onde os nômades que por ali passam dão de beber aos seus rebanhos. O pequeno fio de água dificilmente chegaria para matar a sede, por muito tempo, a seis mil filhos de Israel e seus rebanhos. Somente a cerca de sete quilômetros dali, a noroeste de Cades, brota do chão a mais rica fonte daquela região, a Ain el-Qudeirat. A ela deve o Uadi Qudeirat a sua fertilidade. Daí os filhos de Israel avistaram ao longe a terra que lhes fora prometida e sobre a qual ainda não faziam a menor idéia. Talvez a pressa com que fugiram do Egito os impedisse de se informarem a respeito. A Palestina era tão bem conhecida do povo do Nilo que até o desconhecimento de detalhes merecia a censura de ignorância. Aman-appa, "escriba de ordens do exército" no tempo de Ramsés II, atraiu sobre si zombaria e escárnio por causa do seu desconhecimento da Palestina. Hori, funcionário das cavalaria reais, respondeu-lhe numa carta com agudeza satírica, ao mesmo tempo sondando seus conhecimentos geográficos: "Tua carta é opulenta e cheia de grandes palavras. Vê, recompensam-te como àquele que procura grandes encargos e encarregam-te de mais do que desejavas.

Nós dizemos: se há verdade nas tuas palavras, vem a campo a fim de que te ponhamos à prova. Será posto à sua disposição um cavalo, tão rápido como um... chacal. Mostra-nos o que faz tua mão. Não viste a terra de Upe, perto de Damasco? Não conheces a situação dela? Qual é a situação do seu rio?

Não foste até Cades? Não percorreste o caminho até o Líbano, onde o céu é escuro durante o dia? É cheio de ciprestes, carvalhos e cedros que chegam até o céu. Falar-te-ei também de uma cidade misteriosa chamada Biblos? Como é ela? Vamos, informa-me sobre Sídon e Sarepta. Fala-se de outra cidade que fica

junto ao mar, o porto de Tiro. A água é levada para lá em navios. Se entrares em Jafa, verificarás que o campo é verde. Se penetrares mais... encontrarás a bela moça que guarda a vinha. Ela te tomará como companheiro e te concederá a delícia do seu seio... Dormirás e ficarás ocioso. Roubarão... teu arco, a faca do teu cinturão, teu carcás, e as tuas rédeas serão cortadas na escuridão... Teu carro se destrocará. Dirás: Dai-me comida e bebida, pois, felizmente, escapei! Eles se farão de surdos e não te darão ouvidos. Vem, conduze-me ao caminho que vai para o sul até a região de Aco. Onde fica o monte de Siquém? Notável escriba... por onde é que ele vai para Asor? Qual é a situação do seu rio? Vem, fala-me de outras cidades. Informa-me sobre o aspecto de Kjn perto de Megido; dá-me a conhecer Roob; esclarece-me sobre Bet Shan e Kiri-ath-el. Informa-me como se passa além de Megido. O rio Jordão... como se atravessa? Vê", conclui o funcionário das cavaliarias reais, "por ti eu atravessai a terra da Palestina... examina-a com vagar a fim de estares em condições de descrevê-la no futuro e a fim de que possas tornar-te... um conselheiro."

Funcionários reais, soldados, negociantes, todos tinham pelo menos uma idéia clara sobre a Palestina. Moisés, que pertencia a um pobre povo de pastores, teve de se informar primeiro sobre a terra. Despachou observadores para lá.

Moisés, pois, enviou-os a reconhecer a terra de Canaã, e disse-lhes: subi pela parte do Meio-Dia. E, quando tiverdes chegado aos montes, considerai que terra é essa, e o povo que a habita, se é valente ou fraco; se é um pequeno ou grande número... (Números 13.18, 19).

Entre os doze observadores encontrava-se Josué, homem de grande habilidade estratégica, como revelou mais tarde na conquista de Canaã.

Como campo principal de exploração, eles escolheram a região ao redor de Hebron, ao sul de Judá. Ao cabo de quarenta dias, os homens voltaram, apresentando-se a Moisés. Como sinal de que haviam desempenhado sua missão, trouxeram frutos da terra explorada: figos e romãs. Provocou enorme assombro um cacho de uvas gigantesco cortado em "*Neelescol*", pois o "*levaram dois homens numa vara*" (Números 13.24). Também a posteridade se mostrou espantada e cética, porque o cronista fala de um único cacho. Na verdade, deve ter sido uma cepa inteira com as frutas. Os espiões cortaram-na juntamente com os cachos a fim de conservarem as uvas frescas durante a viagem. De qualquer modo, a informação sobre a origem é autêntica. "*Neelescol*" quer dizer "torrente do Cacho" e estava situada a sudoeste de Hebron, e essa região ainda hoje é rica em vinhas. Grandes e exuberantes cachos de uvas, pesando cerca de meio quilo, não constituem raridade. Os observadores apresentaram seu relatório, descrevendo Canaã, como fizera Sinuhe seiscentos e cinquenta anos antes, como uma terra onde "*mana leite e mel*", mas "*tem habitantes fortíssimos, e cidades grandes e muradas*"... (Números 1.28, 29; Deuteronômio 1.28). Ao enumerarem os diferentes habitantes da terra, citaram

os *heteus* (*hititas*), que hoje conhecemos, os *amorreus*, que viviam ao redor de Jerusalém, os *cananeus* e os *amalecitas*, com os quais Israel já havia lutado no Sinai. Citaram também os "filhos de Enac", que deviam ser os "filhos de gigantes" (Números 13.22, 28 e 33). "*Enac*" poderia significar "de pescoço comprido", mais não pode a ciência dizer a respeito até hoje. Alguém sugeriu que nos "gigantes" poderiam ver-se vestígios de elementos de um povo anterior aos semitas, mas, seja como for, não há qualquer prova para confirmá-lo.

Com efeito, nessa época viviam em Canaã raças estrangeiras que deviam ser desconhecidas para os israelitas chegados do Egito. A que povos pertenciam, eles mesmos comunicaram à posteridade em tabuinhas de barro encontradas casualmente em 1887 por uma felaína em Tell al Amrna (36). A procura que se seguiu produziu finalmente uma coleção de trezentos e setenta e sete documentos. Trata-se de cartas, em caracteres cuneiformes, dos arquivos reais de Amenófis II e seu filho Echnaton, que mandou construir sua nova capital em Al Amarna, junto ao Nilo. As tabuinhas contêm correspondência dos príncipes da Palestina, da Fenícia e da Síria meridional com o Departamento do Exterior dos dois faraós, escrita em acádico, a linguagem diplomática do segundo milênio a.C. A maioria dessas cartas está repleta de palavras tipicamente cananéias, e algumas delas são quase inteiramente escritas nesse dialeto. O inestimável achado lança pela primeira vez uma luz clara sobre a situação da Palestina nos séculos XV e XIV a.C.

Uma das cartas está concebida nos seguintes termos: "Ao rei, meu Senhor, meu Sol, minha Divindade, fala: Assim (fala) Suwardata, teu servo, o servo do Rei e o pó de seus pés, o solo em que tu pisas: Aos pés do rei, meu Senhor, o Sol do Céu, sete vezes, sete vezes eu me arrojo, tanto de barriga como de costas..."

Isto é, como se percebe, a introdução. Não é de modo algum exagerada, apenas muito formal, como prescrevia o protocolo da época. Suwardata entra no assunto: "Saiba o Rei, meu Senhor, que os chabirus se sublevaram nas terras que me foram dadas pelo Deus do Rei, meu Senhor, e que eu os derrotei, e saiba o Rei, meu Senhor, que todos os meus irmãos me abandonaram, e que eu e Abdi-Kheba somos os que lutamos contra o chefe dos chabirus. E Zurata, príncipe de Aco (Juizes 1.31), e Indaruta, príncipe de Acsafe (Josué 11.1), foram os que se apressaram a ajudar-me com cinquenta carros, dos quais me acho agora privado. Mas vê, eles lutavam (agora) contra mim, e praza ao Rei, meu Senhor, enviar-me Janhamu para podermos continuar a guerra seriamente e restituir à terra do Rei, meu Senhor, suas antigas fronteiras..."

Essa carta de um príncipe de Canaã dá-nos um quadro fiel da época.

Nessas poucas frases refletem-se inconfundivelmente as intrigas e as intermináveis e encarniçadas lutas dos príncipes entre si ou contra tribos nômades belicosas. Pondo de parte o estilo e o conteúdo, o que nos interessa sobretudo nesse escrito é o missivista, ou seja, o Príncipe Suwardata. Seu nome mesmo

indica claramente origem indo árica! Indo-árico é também o citado Príncipe Indaruta. Por mais assombroso que pareça, um terço dos príncipes que escrevem de Canaã é de origem indo árica. Biryawaza de Damasco, Biridiya de Megido, Uidia de Ascalão, Birashshena de Siquém, na Samaria, são nomes indo-árícos. Indaruta, o nome do príncipe de Acsafe é, com efeito, idêntico a nomes dos Vedas e de outros escritos sanscríticos anteriores. O mencionado Abdi-Kheba de Jerusalém pertence ao povo dos *hurritas*, freqüentemente citado na Bíblia.

A autenticidade dessa tradição foi ressaltada recentemente por papíros egípcios do século XV a.C., nos quais é citada repetidamente a terra de Canaã pelo nome bíblico dos *hurritas*, "*Khuru*". Portanto, os hurritas deviam estar espalhados por todo o país, pelo menos temporariamente.

Nas proximidades dos campos de petróleo de Kirkuk, no Iraque, onde torres de perfuração americanas extraem do solo atualmente uma riqueza imensurável, alguns arqueólogos americanos e iraquianos encontraram por acaso uma vasta povoação: a antiga cidade de Nuzu, dos hurritas. Documentos aí encontrados, constando principalmente de contratos de casamento e testamentos, continham uma interessantíssima informação; os hurritas bíblicos não eram um povo semita. Sua pátria eram os montes do mar Negro. Os documentos hurritas mostram que pelo menos a classe dirigente era de raça indo árica. Até sua aparência é característica; eram um tipo branquicéfalo como os armênios do nosso tempo.

Toda a multidão se pôs a gritar e chorou aquela noite. Oxalá... o Senhor não nos introduza nesta terra, para não sermos passados à espada, e as nossas mulheres e os nossos filhos não serem levados cativos (Números 14.1 e 3).

O que os espiões informaram sobre as cidades bem fortificadas de Canaã, que "*são grandes, e fortificadas até o céu*" (Deuteronômio 1.28) e sobre seus habitantes extraordinariamente bem armados não era exagerado. As muralhas ciclópicas, guarnecidas de torres, eram uma visão estranha e ameaçadora para os filhos de Israel. Na terra de Gessém, que fora sua pátria durante muitas gerações, havia apenas uma cidade fortificada, Ramsés. Em Canaã, de um forte se avistava outro, a terra estava literalmente erichada deles. Numerosos fortes defensivos se erguiam nas colinas e nos cumes dos montes, o que os tornava ainda mais formidáveis e assustadores. Não admira, pois, que a informação dos observadores constituísse um verdadeiro choque.

Israel desconhecia inteiramente a arte da guerra, dispondo apenas de armas primitivas, como arcos, lanças de arremesso, espadas e facas; de carros de guerra como os que os cananeus possuíam em massa, nem pensar. Os israelitas não tinham esquecido os "potes de carne do Egito" e lembravam-se deles com freqüência, queixando-se e lamentando-se, principalmente os velhos, e, apesar da nova crença e das experiências da fuga passadas em comum, não eram ainda bastante unidos para se medirem, num choque armado, com uma potência superior.

Em vista disso, Moisés tomou a sábia decisão de não empreender a marcha sobre Canaã pelo sul, como fora planejado. Nem o tempo nem os homens estavam ainda maduros para a grande hora. A peregrinação devia recomeçar, o tempo das provas e da preparação devia ser prolongado a fim de que aqueles fugitivos que procuravam uma pátria se tornassem um povo decidido, rijo e acostumado às privações. Antes teria de crescer uma nova geração.

Sobre o período obscuro que se seguiu muito pouco sabemos. Trinta e oito anos — quase uma geração e tempo suficiente para forjar um povo. Foi esse tempo que durou a estada no "deserto". Frequentemente combinadas com os "milagres" das codornizes e do maná, as informações bíblicas sobre esse período e lugar parecem extremamente inverossímeis. Não sem razão, como evidenciaram os sistemáticos trabalhos de pesquisa, aliás por motivos completamente diferentes dos imaginados em geral. A verdade é que não existiu realmente uma estada de Israel no deserto, no verdadeiro sentido da palavra!

Embora os dados da Bíblia sobre esse espaço de tempo sejam muito escassos, resulta, dos poucos lugares que a pesquisa pôde localizar, sem sombra de dúvida um quadro suficientemente claro. Através deles sabe-se que os filhos de Israel se detiveram muito tempo com seus rebanhos no Neguev, na região das duas fontes junto de Cades. Voltaram também mais uma vez ao golfo de Ácaba, na região de Madian e da península do Sinai. Comparadas com as zonas mortíferas das dunas de areia africanas do Saara, as regiões citadas não são desertos propriamente. Pesquisas feitas no local demonstraram que nem as condições de água nem o índice de chuvas mudaram consideravelmente. O "deserto" devia ter, portanto, quando muito, o caráter de uma estepe, com pastos e poços de água. Os trabalhos arqueológicos do americano Nelson Gluek, realizados nestes últimos anos, aprofundaram o conhecimento sobre as condições gerais daquela época. Segundo eles, essas regiões estavam povoadas no século XIII a.C. por tribos seminômades que mantinham relações com o Egito por meio de um comércio ativo e uma indústria florescente. Entre essas tribos contavam-se também os madianitas, no seio dos quais Moisés viveu durante o seu exílio, desposando Sefora (Zípora), filha dessa tribo (Êxodo 2.21).

Todavia, as mais recentes pesquisas da Bíblia tomam rumos um pouco diversos. Elas não se contentam com a prova de que os lugares citados na Bíblia existiram de fato, e que um ou outro detalhe ali mencionado — como, por exemplo, a água do rochedo (Êxodo 17.1 a 7; Números 20.2 a 13; Deuteronômio 32.51), ou a chama de fogo que saiu do meio de uma sarça (Êxodo 3.2) — tivessem um fundo real, pois tais episódios, não importa o quanto fossem pertinentes e surpreendentes, poderiam apenas ter fornecido o enredo para um conto, de resto inventado. Aliás, é só tirarmos um exemplo do nosso dia a dia; seria perfeitamente possível escrever uma história, cujo enredo fosse livremente inventado, embora seus detalhes fossem rigorosamente autênticos, a começar

com o som do despertador, ao amanhecer, o toque do telefone, o ruído enervante de automóveis freando, com o escapamento aberto, o barulho e pandemônio do trânsito congestionado, e assim por diante. Logo, a rigor, não constitui referência segura da autenticidade ou invenção de um conto o fato de tais detalhes estarem descritos de maneira certa ou errada. Portanto, a crônica do êxodo dos israelitas do Egito tornou a ser submetida a exames bem mais rigorosos do que aqueles pelos quais já passou, sem que se desse atenção demasiada aos detalhes. Assim, a pesquisa veio a indagar por aquilo que está atrás desse conto todo, dessa crônica de uma marcha através do deserto ou da estepe, que perdurou toda uma geração e ao cabo da qual os israelitas chegaram ao seu destino, somente depois de passar por desvios altamente estranhos. O resultado obtido não tinha nada de revolucionário nem de sensacional para ser explorado pela imprensa, mas forneceu uma noção corriqueira para o cientista e pouco atraente para o jornalista; soube-se que as coisas estão um pouco mais complicadas do que pareciam à primeira vista. Nesse meio tempo, também nós já deveríamos estar acostumados com tal noção.

A Bíblia menciona, por exemplo, Socot e Magdalum como escalas no êxodo do Egito (Êxodo 13.20 e 14.2), as quais obviamente se situavam ao longo do caminho de fuga, tomado por escravos egípcios, visto que também um "texto de livro de leitura" do antigo Egito, usado nas escolas e tratando da perseguição aos escravos fugitivos (Papyrus Anastasi V, XIX 2 — XX 6), cita esses mesmos lugares. Todavia, decerto, não era "todo o Israel" que partiu do Egito, mas somente alguns grupos, cujos integrantes e seus descendentes, posteriormente, foram absorvidos pelo grande "Israel". Aliás, a própria Bíblia indica que do êxodo não participou "todo o Israel", pois, ao que parece, "israelita" não era somente aquele que, ao fim do êxodo, chegou à Terra Prometida, pois já havia israelitas habitando aquela terra quando os recém-chegados lá ingressaram. Assim, Josué mandou reunir *"todo o povo... tanto os estrangeiros como os naturais. Metade deles estava junto ao monte Garizim e a outra metade junto do monte Hebal. ..."* (Josué 8.33). Em outras palavras, na época da chamada "tomada de terra", a Palestina já devia estar habitada por israelitas "tradicionais", e somente nos resta quebrar a cabeça procurando saber se esses habitantes primitivos vieram com um vaga migratória anterior, ou então qual seria o significado de tudo aquilo...

Talvez os diversos episódios do "êxodo", passados no Egito, na península de Sinai, nas margens do rio Jordão, reflitam somente tradições várias, das respectivas regiões, reunidas e redigidas na Bíblia para formarem uma narrativa contínua, uma mescla e coletânea de tradições que, via de regra, como tais costumam revelar-se, por suas duplicações e repetições. De fato, é isso o que acontece também no caso em questão; a mais notável dessas repetições é a referente ao "milagre da travessia do mar" (Êxodo 14), contada na "miraculosa passagem do Jordão" (Josué 3.4 a 17). Novamente, os israelitas caminharam em

seco pelas *"águas que vinham de cima, pararam num só lugar e levantando-se à maneira de um monte..."* Pouco importa a forma pela qual se tentou tornar plausível a passagem pelo chamado "mar Vermelho", ou melhor, "mar dos Juncos", a repetição do episódio com a passagem do Jordão é suspeita. Afinal de contas, seriam apenas histórias e não a história aquilo que nos contam os autores da Bíblia, em relação ao êxodo israelita do Egito para a Terra Prometida?

De maneira surpreendente, desde há pouco dois episódios da "passagem pelo deserto", relatados pela Bíblia, encontraram sua confirmação arqueológica, totalmente inesperada, no contexto em que se apresentou. Não obstante todo o planejamento e método, a arqueologia ainda conta com o fator acaso, que sempre dispensa a devida atenção às expectativas dos cientistas. Neste caso, um acaso feliz favoreceu o arqueólogo israelense Beno Rothenberg, que veio a descobrir uma "serpente de bronze" e um santuário de tenda, na região bíblica das minas de cobre, em Timna (Uadi e'Arake).

Quanto à "serpente de bronze", trata-se de um "sinal", de forças mágicas para curar os feridos (Números 21.9). Até no templo, em Jerusalém, teria existido a efígie de tal ídolo, que somente teria sido destruída e removida pelo Rei Ezequias, que governou Judá por volta de 700 a.C. (Reis II. 18, 4). Obviamente, tal ídolo de serpente lembra o bastão de serpente, da antiga Suméria, que aparece em um vaso, dedicado a Ningizzida, deus da vida, bem como o bastão de Esculápio, deus da medicina, dos gregos, mais as inúmeras serpentes sagradas do antigo Egito. Todavia, já em inícios deste nosso século, um sábio alemão, H. Gressmann, opinou que a "serpente de bronze" bíblica deve ser proveniente dos mitannitas, com os quais os israelitas entraram em contato, em sua passagem pelo deserto.

Segundo a Bíblia, os mitannitas descendiam de Queturá, mulher de Abraão (Gênesis 25.2 a 6), e Jetro, um sacerdote mitannita, era o sogro de Moisés, cujas palavras e conselhos o genro ouviu e aceitou (Êxodo 2.16; 3.1; 18.1 a 27). Teria sido a Jetro a quem os israelitas deviam o estranho culto da serpente. Não deixa de apresentar aspectos dramáticos o fato de ter sido justamente em um sítio arqueológico, revelando vestígios da presença de mitannitas, onde Beno Rothenberg encontrou um ídolo de serpente, de doze centímetros de comprimento, e em parte dourado, que em 1973 foi exibido na Alemanha Federal, como uma das peças da exposição itinerante dos achados feitos em Timna, promovida pelo Museu Haaretz, de Tel Aviv; na época a exposição foi vista nas cidades de Bochum, Munique e Hannover. Contudo, além dessa confirmação sensacional de uma passagem importante dos tão controversos relatos bíblicos da marcha pelo deserto, há ainda outro fato a destacar: a pequena e delicada serpente, de brilho dourado, estava no tabernáculo de um santuário de tenda. Esse detalhe constitui o coroamento da descoberta, feita por Rothenberg, pois com esse achado marcou um tanto arqueológico-bíblico de extraordinário alcance, visto que desde o século XIX críticos da Bíblia das mais diversas

tendências e "escolas" sempre puseram em dúvida a existência daquele santuário, do tabernáculo, do qual a Bíblia fala tão explicitamente e fornece tantos detalhes (Êxodo 25.31 e 35.39). Aliás, os críticos começaram a medir suas palavras, após a descoberta de um relevo, no templo de Baal, em Palmira (Tadmor), mostrando um pequeno tabernáculo móvel, santuário do deserto. Contudo, desde então, já entrou nas cogitações a possibilidade de tal santuário de tenda ter existido entre os israelitas; no entanto, os detalhes da descrição do tabernáculo bíblico ainda continuaram a ser considerados como reflexos das condições do templo em Jerusalém, durante a época da passagem pelo deserto. Em todo caso, o santuário nômade, representado no relevo de Palmira, era extremamente pequeno; a rigor, as idéias que se fazem da Arca da Aliança são bem mais definidas do que aquelas do "tabernáculo" que a abrigou.

Por outro lado, o santuário de tenda mitannita, escavado em Timna por Rothenberg, é de natureza a substanciar o assunto de maneira bastante satisfatória, pois suas dimensões aproximam-se bem mais dos "tabernáculos" descritos na Bíblia. Foi encontrado em um sítio de culto egípcio, de data mais antiga, e dedicado a Hator. Depois dos egípcios, os mitannitas empreenderam, por conta própria, a mineração do cobre em Timna e adaptaram esse sítio de culto às exigências da sua religião; cobriram-no com um toldo, do qual Rothenberg encontrou não apenas os buracos abertos para, em posição oblíqua, fincar os postes no chão, mas até restos de pano.

Da mesma forma, ainda continuam sem explicação convincente os detalhes do acabamento interno dos "tabernáculos" bíblicos. Segundo reza Êxodo 27.1 a 8, o altar do holocausto teria sido equipado com *"uma grelha de bronze em forma de rede, em cujos quatro cantos haverá quatro argolas de bronze..."* No entanto, acontece que em tempos bem posteriores, nem o Rei Salomão possuía mão de obra especializada para executar tais serviços, pois teve de importá-la de Tiro e, para tanto, dirigiu seu respectivo pedido ao Rei Hirão I (Crônicas II. 2.6 e 12). Igualmente, segundo pesquisas arqueológicas, também os supostos chifres do tabernáculo (Êxodo 27.2 e 30.2) vieram a ser conhecidos em Israel tão somente em inícios dos dias dos reis (quando o templo já existia), e a própria Bíblia torna a mencioná-los apenas em relação a essa época (Jeremias 17.1; Amos 3.14). Seja como for, desde o achado de Rothenberg, *em princípio*, nada impede a suposição de que, mesmo desde os tempos mais primitivos, Israel possuiu um santuário de tenda que, sob certos aspectos, era semelhante ao descrito pela Bíblia.

O limiar da Terra Prometida

Edom — Avanço pela Jordânia oriental — O "leito de ferro" do Rei Og — Descoberta de dólmenes em Ama — Moab manda suas filhas — O culto de Baal em Canaã — Moisés contempla a Terra Prometida — Acampamento diante de Jericó

E o Senhor, irado contra Israel, fê-lo andar errante pelo deserto durante quarenta anos, até que fosse extinta toda a geração que tinha feito o mal na sua presença (Números 32.13).

Só quando se aproximam do fim os longos anos da peregrinação errante retoma a Bíblia o fio da narrativa sobre os filhos de Israel. Uma nova geração se formara e estava pronta para transpor o limiar da Terra Prometida. Além disso, nenhum dos homens que haviam dirigido a fuga do Egito poria os pés, segundo a Bíblia, na Terra Prometida — nem mesmo o próprio Moisés.

O novo plano estratégico previa a conquista de Canaã por leste, isto é, pelos territórios situados a leste do rio Jordão. O caminho de Cades, na Jordânia oriental, estava, entretanto, obstruído por cinco reinos, que ocupavam a larga faixa de terra entre a depressão do Jordão e o deserto da Arábia: ao norte, começando mais ou menos junto aos contrafortes do Hermon, ficava o reino de Basan; a seguir vinha o reino de Seon, dos amorreus; depois, o reino de Amom; na costa oriental do mar Morto ficava o reino de Moab; e, bem ao sul, Edom.

Edom era o primeiro reino que tinham de atravessar em sua marcha para a Jordânia oriental. Os filhos de Israel pediram licença para passar:

"Entretanto Moisés enviou de Cades embaixadores ao rei de Edom: Suplicamos-te que nos deixes passar pelo teu país" (Números 20.14 e 17). Pelas melhores estradas chega-se mais rápido ao destino. Às estradas e rodovias do século XX correspondia então uma estrada que atravessava Edom. Os filhos de Israel queriam passar por ela. Era a "estrada real" que já existia no tempo de Abraão. *"Suplicamos que nos deixeis passar por teu país"*, disseram. *"Nós iremos pelo caminho ordinário"* (Números 20.16 e 19).

Os povos sedentários do Oriente sempre desconfiaram dos nômades.

Em vão os negociadores de Israel alegaram expressamente: "Não iremos pelos campos nem pelas vinhas... não nos afastaremos nem para a direita nem para a esquerda, até que passemos as tuas fronteiras... e se bebermos das tuas águas e os nossos gados, pagaremos o que for justo" (Números 20.17 e 19).

Em uma viagem de exploração que durou vários anos, Nelson Glueck pôde comprovar quanto é exata a descrição bíblica de Edom. Ao sul da Transjordânia, na região que foi outrora ocupada por Edom e Moab, encontrou numerosos vestígios de um estabelecimento humano do princípio do século XIII a.C. A existência, também, no local, de vestígios de solo de cultivo permitiu supor a existência de campos cultivados. É, pois, compreensível que Edom, apesar de todas as garantias, negasse aos filhos de Israel a utilização da estrada e permissão para atravessar o seu país.

Essa má vontade obrigou os israelitas a mudar o itinerário. Entrementes, vaguearam ao longo da fronteira oeste de Edom para o norte, na direção do mar Morto. Em sua passagem tocaram Funon, a atual Khirbet Phenan, uma antiga mina de cobre, e Obot com suas fontes. Depois atravessaram a torrente de Zared, que separava Edom e Moab, para a Jordânia oriental. Fizeram uma grande volta para circundar Moab, situada na costa sul do mar Morto. Chegaram finalmente ao rio Arnon e, desse modo, à fronteira sul do reino dos amorreus (Números 21.13). De novo os israelitas solicitaram permissão para passar pela "estrada real" (Números 21.22). Novamente lhes foi negada, desta vez pelo rei dos amorreus, Seon. Começou a conquista à mão armada. Com a derrota dos amorreus, os israelitas obtiveram seu primeiro triunfo. Conscientes de sua força, atravessaram o rio Jeboc, avançando mais para o norte, e conquistaram também o reino de Basan. Desse modo, com o primeiro assalto decidido eles se tornaram senhores da Jordânia oriental desde o rio Arnon até as margens do lago de Genesaré.

Na objetiva descrição do avanço e das guerras da Jordânia oriental é incluída uma referência ao "leito de ferro" de um gigante, o Rei Og, de Basan (Deuteronômio 3.11), sobre a qual muitos já têm quebrado a cabeça. Essa passagem bíblica misteriosa e aparentemente inverossímil encontrou, entretanto, uma explicação natural e ao mesmo tempo surpreendente. Aqui a Bíblia apenas conserva fielmente uma recordação que remonta à nebulosa pré-história de Canaã.

Quando alguns sábios percorreram o país do Jordão em busca de testemunhos da história bíblica, encontraram umas obras muito notáveis de um tipo que os arqueólogos haviam encontrado em outras terras. Tratava-se de altas pedras erguidas e dispostas em forma ovalada, aqui e além com um enorme bloco de pedra atravessado em cima. São também chamados sepulturas megalíticas ou dólmenes e trata-se de túmulos antigos. Na Europa — no norte da Alemanha, na Dinamarca, na Inglaterra, no noroeste da França e na Sardenha —, conservaram-se alguns, sendo chamados popularmente "leitos de gigantes" ou "túmulos de gigantes". Como esses gigantescos monumentos existem igualmente na Índia, na Ásia oriental e até nas ilhas dos mares do sul, eles são atribuídos a uma grande peregrinação da raça humana em tempos primitivos.

Em 1918, o explorador alemão Gustav Dalman descobriu nas proximidades de Amã, atual capital da Jordânia, um dólmen que é objeto de atenção porque parece ilustrar um dado concreto da Bíblia de maneira realmente surpreendente. Amã está situada exatamente no velho sítio de Rabat-amon. Sobre o rei gigante Og, diz o Deuteronômio 3.11: *"Em Rabat, dos filhos de Amon (Rabat-amon), mostra-se o seu leito de ferro, que tem nove côvados de comprimento, e quatro de largo, pela medida de um cúbito de homem"*. O tamanho do dólmen encontrado por Dalman corresponde aproximadamente a essas medidas. O "leito" consiste

em basalto, uma pedra pardacenta, dura como ferro. A vista de tal túmulo pode ter dado base para a descrição bíblica do "leito de ferro" do rei gigante. Como comprovaram pesquisas posteriores, são freqüentes os dólmens na Palestina, sobretudo na Jordânia oriental, na parte superior do rio Jeboc. Essa região corresponde ao atual Aglun. Mais de mil desses antigos monumentos se erguem ali entre a erva áspera das terras altas. A terra na parte superior do Jeboc, observa a Bíblia, era o reino em que devia governar o Rei Og, de Basan, *"o único que tinha ficado da estirpe dos gigantes"* (Deuteronômio 3.11). O Basan conquistado por Israel é também chamado "a terra dos gigantes" (Deuteronômio 3.13).

A oeste do Jordão só se encontram dólmens nos arredores de Hebron.

Os observadores que Moisés mandou de Cades *"subiram para o Meio-Dia, e foram a Hebron; havia lá... filhos de Enac da raça dos gigantes"* (Números 13.23 e 33). Eles devem ter visto os túmulos de pedra ora descobertos junto a Hebron, nas proximidades do vale do Cacho.

Por enquanto desconhece-se inteiramente quem eram realmente os "gigantes". Supõe-se que fossem homens que excediam em estatura a antiga população do Jordão. A recordação de homens maiores ficou na tradição popular evidentemente como fato sensacional e assim entrou na Bíblia.

Os grandes túmulos de pedra e as narrativas de gigantes são novos testemunhos da história colorida e acidentada daquela estreita faixa de terra na costa do Mediterrâneo, que desde os tempos mais remotos foi ininterruptamente invadida por ondas de povos estranhos que aí deixaram seus vestígios: a terra de Canaã.

A notícia de que Israel havia conquistado toda a Jordânia encheu de terror o Rei Balac de Moab. Temeu ele que seu povo também não estivesse física e militarmente à altura de enfrentar aqueles rudes filhos de nômades. Chamou os "anciãos de Madian" e incitou-os contra os filhos de Israel (Números 22.4). Eles decidiram usar de outros recursos que não os militares. Tentariam deter Israel por meio de magia. Maldições e pragas, em cujo efeito os antigos povos orientais acreditavam firmemente, destruiriam a força de Israel. Chamaram com urgência Balaão em Pétor [\(37\)](#), na Babilônia, onde floresciam essas artes sombrias. Mas Balaão, o grande feiticeiro e mágico, falhou. Apenas Balaão quis pronunciar um anátema, este se transformou em bênção para Israel (Números 23). Então o rei de Moab pôs na mesa o mais perigoso trunfo, o qual foi definitivamente um terrível trunfo que atuou de forma permanente na vida dos filhos de Israel.

A passagem bíblica que contém a descrição da detestável astúcia guerreira do Rei Balac produz uma impressão penosa nos teólogos, que de bom grado a passam por alto. Ocorre perguntar, antes de mais nada, por que uma coisa tão chocante se encontra na Bíblia. A resposta é simples: o incidente é repleto de

mais profunda e fatídica importância para o povo de Israel. Essa deve ter sido a razão por que o cronista, em vez de silenciar por vergonha, preferiu contar tudo com realismo e com uma franqueza implacável.

Só depois que as ferramentas de trabalho dos escavadores franceses, sob a direção do Prof. Claude Schaeffer-Strassburg, trouxeram à luz, na década de 30, no porto mediterrâneo de Ras Shamra — o "Porto Branco" da costa fenícia — uma parte do culto de Canaã, podemos avaliar e compreender a narrativa do capítulo 25 dos Números.

Ora Israel estava então em Setim, e o povo caiu em fornicção com as filhas de Moab, as quais os convidaram para os seus sacrifícios (Números 25.1, 2).

Não era só a sedução dos vícios que os filhos de Israel tinham de enfrentar ali — não eram prostitutas profissionais que seduziam Israel, eram... as filhas dos moabitas e madianitas, suas próprias esposas e filhas. Elas seduziam e atraíam os filhos de Israel para os cultos de Baal, para os ritos libertinos e dissolutos de Canaã. O que chocava Israel, mesmo além do Jordão, eram os cultos perturbadores e insensatos da Fenícia a suas divindades.

Os chefes de Israel reagiram de maneira fulminante. Não pouparam nem os seus próprios homens. Os que se desencaminhavam eram degolados e enforcados. Finéias, sobrinho-neto de Moisés, vendo um israelita e uma madianita entrarem numa tenda, tomou de uma lança *"e atravessou-os a ambos, o homem e a mulher, pelo ventre"* [\(38\)](#) (Números 25.8). Pouparam o povo de Moab, ao qual Israel estava ligado por laços de parentesco — Lot, sobrinho de Abraão, era considerado seu antepassado (Gênese 19.37). Contra os madianitas, porém, foi ateadada uma guerra de extermínio, como está estabelecido nas leis (Deuteronômio 7.2 e seguintes; 20.13 e seguintes). *"Matai, pois, todos os varões, mesmo os de tenra idade, e degolai as mulheres que tiverem comércio com homens"*, ordenou Moisés. Só as donzelas foram poupadas, os demais foram mortos (Números 31.7, 17, 18).

Subiu, pois, Moisés das planícies de Moab ao monte Nebo, no alto de Fagga, defronte de Jericó; e o Senhor mostrou-lhe toda a terra... (Deuteronômio 34.1), porque então ele já havia cumprido sua árdua missão. Das cidades de servidão do Egito, através dos decênios cheios de privações nas estepes, até esse momento, havia percorrido um longo e doloroso caminho. Moisés nomeara seu sucessor o experimentado e fiel Josué, um homem dotado de capacidade extraordinária como estrategista, tal como Israel precisava nesse momento. A vida de Moisés estava cumprida, podia despedir-se do mundo. Nem a ele seria permitido pôr os pés na Terra Prometida. Mas poderia vê-la de longe, do monte Nebo.

De Amã, capital e ponto central do novo e esforçado reino da Jordânia, são vinte e sete quilômetros, pouco mais de meia hora de viagem de jipe pelas terras altas na orla do deserto da Arábia, através de vales e, de quando em quando,

através de campos cultivados, exatamente na direção sueste do mar Morto, se quisermos fazer uma visita ao monte bíblico.

Após uma pequena ascensão por penhascos nus, chega-se a um grande planalto escaldado, oitocentos metros acima do nível do mar. Do lado leste, as encostas caem a pino sobre o corte do Jordão. Uma brisa fresca sopra nessa altura. Sob o céu azul sem nuvens estendem-se diante dos olhos extasiados do observador as vastidões de um panorama singular. Ao sul, tremeluz, como prata raiada, a grande planície do lago Salgado. Na margem oposta ergue-se um cenário deserto e morto de bossas e corcovos de pedra. Atrás, levanta-se a longa cadeia dos montes calcários branco pardacentos da terra de Judá. Ali, onde a cadeia começa e sobe desde o Neguev, fica Hebron. A oeste, para os lados do Mediterrâneo, acima do perfil da montanha, nitidamente recortada no horizonte, destacam-se, perfeitamente visíveis a olho nu, dois pontos minúsculos — as torres de Belém e Jerusalém. Para o norte, o olhar espraia-se pelas terras altas, passando por Samaria, na Galiléia, até os cumes nevados do Hermon na distância indecisa.

Ao pé de Nebo, distinguem-se estreitas ravinas, onde sobressai o verde das romãzeiras com seus frutos amarelo avermelhados. Depois desce mais profundamente a estepe deserta do côncavo do Jordão. Uma paisagem quase espectral de colinas de greda de um branco ofuscante, onde não cresce uma única folha de erva, circunda o Jordão com seus dez metros de largura apenas. Diante das encostas íngremes dos montes, na parte ocidental do Jordão, o olhar descansa numa estreita mancha verde: o oásis de Jericó.

Com essa visão de Nebo através da Palestina, Moisés terminou sua vida.

Entretanto, lá embaixo, na vasta estepe de Moab, sobem para o céu finas colunas de fumaça. Dia e noite ardem fogueiras entre as numerosas tendas de tecido negro de pelo de cabra. Com o burburinho das vozes dos homens, mulheres e crianças, o vento nos traz o balido dos rebanhos que pastam no vale do Jordão. É um quadro cheio de paz. Mas é só o momento de tomar fôlego antes do dia há tanto almejado, a grande calma antes da tempestade que transformará de maneira decisiva o destino de Israel e da terra de Canaã.

Parte IV - A luta pela Terra Prometida - De Josué a Saul

A entrada de Israel em Canaã

O mundo pelo ano 1200 a.C. — A débil Canaã — Os primeiros ferrageiros — A travessia do Jordão — A fortaleza de Jericó, a cidade mais antiga do mundo — Discussão de sábios sobre muros em ruínas — Camadas de cinzas como vestígios

do caminho — O faraó menciona "Israel" pela primeira vez — Tumultos junto à aldeia de Josué

E aconteceu que, depois da morte de Moisés, servo do Senhor, o Senhor falou a Josué, filho de Nun, ministro de Moisés, e disse-lhe: meu servo Moisés morreu; levanta-te, e passa esse Jordão, tu e todo o povo contigo, entra na terra que eu darei aos filhos de Israel (Josué 1.1, 2).

Por aquele tempo, quando Israel estava junto ao Jordão, pronto para entrar na Terra Prometida, no Mediterrâneo preparava-se o destino de Tróia: estavam contados os dias da orgulhosa fortaleza do Rei Príamo. Em breve, na Grécia, os heróis de Homero, Aquiles, Agamênon e Ulisses se armariam para o combate. Os ponteiros do relógio dos séculos aproximavam-se do número 1200 a.C. Israel não poderia ter escolhido um momento mais propício para a invasão. Por parte do Egito, nenhuma ameaça de perigo. Sob Ramsés II, o Egito vivia o seu último período de glória, quando o seu poderio se fortaleceu também na Palestina; no entanto, por causa das grandes transformações e revoluções políticas, no limiar entre a Idade do Bronze e a do Ferro, até a força e grandeza do reino do Nilo acabaram por desmoronar, e com isso diminuiu, progressivamente, a sua influência em Canaã.

Dilacerada por guerras dos pequenos reinos e principados das cidades-Estados entre si, despojada por uma política egípcia de ocupação corrupta, Canaã estava igualmente esgotada.

Desde a expulsão dos hicsos em 1550 a.C., a Palestina fora ininterruptamente província egípcia. Sob o domínio dos hicsos, o simples regime patriarcal que reinava nas cidades no tempo de Abraão fora substituído por um sistema feudal. Dominado por uma facção aristocrática que governava de maneira despótica e discricionária, o povo desceu à condição abjeta de plebe. O Egito deixou que esse sistema feudal vigorasse na Palestina. Os príncipes nativos governavam a seu bel-prazer, dispunham de forças de combate próprias, carros de guerra para os patrícios e infantaria de plebeus. As guerras sangrentas entre as cidades-Estados não incomodavam o Egito; importante para ele era apenas o pagamento dos tributos, sobre o qual vigiavam os inspetores egípcios. As guarnições e os pontos fortificados proporcionavam-lhes a força necessária. Gaza e Jope constituíam os centros de administração egípcios mais importantes. Com trabalhadores forçados — os contingentes tinham de ser fornecidos pelos senhores feudais —, construíam-se e conservavam-se as estradas, cultivavam-se as propriedades da Coroa na fértil planície de Jesrael, ao sul de Nazaré, derrubavam-se os magníficos bosques de cedros-do-libano. Os comissários dos faraós eram corruptos. Frequentemente eram desviados os fundos destinados ao soldo e manutenção das tropas. Por sua vez, os soldados egípcios, cretenses, beduínos e

núbios saqueavam as localidades indefesas.

Sob o domínio egípcio, a terra de Canaã esgotava-se. A população diminuía. No século XII a.C., as casas patriarcais eram mais primitivas do que em tempos anteriores, como o provam claramente os achados. Os objetos de luxo e adornos de valor eram raros e pobres as oferendas encontradas nos túmulos. As muralhas das fortalezas perderam em solidez. Só na costa da Síria, defendida do lado da terra pelas cordilheiras do Líbano e menos atingida pelas discórdias dos príncipes das cidades, a vida das repúblicas marítimas prosseguia quase sem empecilho algum. Os portos continuavam sendo praças de intercâmbio de tudo o que o mundo cobiçava. Pelo ano 1200 a.C., apareceu na lista de artigos oferecidos à venda um metal inteiramente novo — a princípio tão valioso como o ouro e a prata: o ferro. Procedente da terra dos hititas, foram os fenícios os primeiros a negociar com esse metal, que deu nome a uma idade na nossa terra. Os egípcios conheciam o ferro há quase dois mil anos e o apreciavam como grande raridade que era. Mas esse ferro não provinha propriamente do nosso planeta, sendo obtido de meteoritos. E as poucas e preciosas armas feitas desse metal chamavam-se com razão "punhais do céu". Com o novo metal inaugurou-se uma nova época — a Idade do Ferro. A Idade do Bronze, com suas grandes realizações civilizadoras, extinguiu-se; terminava uma grande época do mundo antigo.

No fim do século XIII a.C., surgiu uma nova onda de poderosos povos estrangeiros procedente do norte do mar Egeu. Por mar e por terra, eles inundaram as "nações marítimas" da Ásia Menor. Eram um prolongamento de um movimento de povos a que pertencia também a "migração dórica" que invadiu a Grécia. O avanço dos estrangeiros — eram indo germanos — tinha por objetivo Canaã e o Egito. Mas Israel, que se encontrava junto ao Jordão, nada tinha a temer. E os cananeus estavam desunidos e enfraquecidos. A hora de Israel havia soado. As trombetas de Jerico deram o sinal!

... E, saindo de Setim, chegaram ao Jordão... e todo o povo ia passando pelo leito do rio a pé enxuto... E acamparam em Galgala, a oriente da cidade de Jericó (Josué 3.1 e 17; 4.19).

Hoje há uma pequena ponte sobre o vau. O Jordão é estreito, muito estreito, e sempre apresentou muitos vaus. A população local conhece-os perfeitamente. Próximo a Jericó, as águas sujas de lama amarela durante a seca mal atingem dez metros de largura.

Quando Israel chegou ao Jordão, o rio estava cheio. *"Porque o Jordão, sendo o tempo da ceifa, inundava as margens do seu leito"* (Josué 3.15). Como acontece todos os anos, havia começado o degelo das neves do Hermon. *"As águas, que vinham de cima, pararam num só lugar; e levantando-se à maneira de um monte..."* — como que se empilharam — *"... perto da cidade de Adom... e todo o povo de Israel ia passando pelo leito do rio a pé enxuto"* (Josué 3.16 e 17). El

Damiyeh, um vau muito usado no curso médio, lembra esse sítio de Adom. Se as águas crescerem subitamente, poderá se formar nesse lugar raso, durante um breve período, uma espécie de açude natural, enquanto o curso inferior se mantém quase inteiramente seco.

Entretanto, o represamento da água do Jordão, que tem sido testemunhado diversas vezes, é devido sobretudo a terremotos. O último dessa espécie aconteceu em 1927. Devido a um violento abalo desmoronaram-se as margens do rio, e grandes massas de terra das pequenas colinas que se erguem ao longo de todo o curso serpeante rolaram para o rio. A água ficou inteiramente represada durante vinte e uma horas. Em 1924, ocorreu a mesma coisa. Em 1906, o Jordão entulhou-se de tal modo devido a um terremoto, que o leito do rio abaixo de Jericó ficou inteiramente seco durante vinte e quatro horas. Narrativas árabes falam de um acontecimento semelhante em 1267 da nossa era.

Se olharmos de um avião essa parte do vale do Jordão, compreenderemos por que ele foi tão importante há milhares de anos. A leste, ante o deserto arábico, estende-se o planalto ondulante da Jordânia, pátria de numerosas tribos nômades desde tempos remotos e de onde podiam observar as férteis pastagens e os campos cultivados de Canaã. Aqui se abria uma porta de entrada natural: o vau principal do Jordão, que também podia ser atravessado facilmente com rebanhos. Mas os invasores de leste topavam, pouco além do Jordão, com o primeiro obstáculo sério: *Jericó*, a posição-chave estratégica para a conquista de Canaã.

Levantando pois todo o povo a grita, e soando as trombetas... caíram de repente os muros. E cada um subiu pelo lugar que lhe ficava defronte; e tomaram a cidade... E puseram fogo à cidade, e a tudo o que nela havia (Josué 6.20 e 24).

A luta de Josué para a conquista dessa cidade tornou-a famosa. Hoje lutam em volta dela os cientistas com pás, picaretas e tábuas cronológicas. Em sete dias, segundo a Bíblia, Josué conquistou Jericó. A luta dos arqueólogos pelo que dela restou dura — com interrupções — quase quinze anos e não está de modo algum decidida. Trata-se atualmente de estabelecer, sem sombra de dúvida, a época de sua destruição.

As emocionantes e dramáticas escavações de Jericó estão cheias de achados sensacionais e descobertas inauditas, de surpresas e decepções, de afirmações e refutações, de disputas quanto a interpretações e datas.

A depressão do Jordão goza de um clima tropical. A aldeia *eriha*, a Jericó moderna, situada na orla do deserto de greda, completamente despido de vegetação, parece um verdadeiro oásis. Até palmeiras, que na Palestina, excetuando o sul de Gaza, quase não existem, aí crescem. Com efeito, a Bíblia chama Jericó a "*Cidade das Palmeiras*" (Juizes 3.13). Ali os cachos de tâmaras sobressaem, agora verdes, logo vermelhos, entre a folhagem verde. Desde tempos muito antigos a fonte Ain es-Sultan encanta aquelas paragens com sua

vegetação luxuriante. Foi dela que recebeu o nome de uma colina de entulho situada ao norte da atual Jericó, o Tell es-Sultan. Este é o campo de batalha dos arqueólogos. Para adentrá-lo é preciso pagar. O campo de escavações é circundado por uma cerca de arame.

Os restos de Jericó encontrados no Tell es-Sultan constituem um dos mais notáveis depósitos arqueológicos do mundo, porque há muito tempo não se trata apenas da fortaleza bíblica. Nesse monte jazem, sob as camadas da Idade do Bronze, testemunhos da Idade da Pedra. Essas camadas oferecem-nos uma visão das épocas mais antigas e dos primeiros homens a se tornarem sedentários. As casas mais antigas de Jericó têm sete mil anos e lembram ainda, com seus muros circulares, as tendas dos nômades. Mas seus habitantes não conheciam ainda a arte da cerâmica. Foram desenterradas em 1953 por uma expedição britânica. A diretora do empreendimento, Dra. Kathleen M. Kenyon, declarou: "Jericó pode gabar-se de ser, e com muita vantagem, a cidade mais antiga do mundo".

Já pouco depois da passagem do século, os arqueólogos dirigiram sua atenção para o solitário Tell es-Sultan. De 1907 a 1909, as pás e picaretas sondaram cuidadosamente camada sobre camada da soberba colina de escombros. Quando os dois chefes da expedição austro-alemã, Prof. Ernst Sellin e Prof. Carl Watzinger, deram a conhecer suas descobertas, provocaram verdadeira estupefação. Foram postas a descoberto duas muralhas concêntricas, sendo a interna ao redor da crista da colina. Trata-se de uma obra-prima de fortificação estratégica, feita de tijolos secos ao sol e constituída de dois muros paralelos três a quatro metros distantes um do outro. A muralha interna, que é particularmente maciça, mede três metros e meio de espessura. O cinturão externo passa pelo fundo da colina e consiste num muro de dois metros de largura e de oito a dez metros de altura, com sólidos alicerces. Tais são as célebres muralhas de Jericó! Os dois muros fortificados, sua colocação exata no tempo, as datas de construção e destruição desencadearam uma violenta disputa entre os sábios, com opiniões pró e contra, suposições e argumentos. Tudo isso começou com as primeiras declarações de Sellin e Watzinger e dura há decênios.

Os próprios descobridores, um e outro, chegaram, segundo sua própria expressão, a uma "retificação radical" de seu juízo inicial. Num relatório conjunto, declararam que o muro fortificado exterior "caiu por volta de 1200 a.C., representando, portanto, o que foi assaltado por Josué". A fim de lançar nova luz sobre os fatos, uma nova expedição inglesa partiu para o Tell es-Sultan. Em escavações que duraram seis anos vieram à luz novas partes das muralhas fortificadas. O Prof. John Garstang, o arqueólogo que dirigiu os trabalhos, registrou todas as particularidades com grande precisão. Ele descreve vividamente a imensidade da destruição no cinturão interno das fortificações: "O espaço entre as duas muralhas está cheio de escombros e entulho. Vêem-se nitidamente vestígios de um gigantesco incêndio, massas compactas de tijolos

enegrecidos, pedras esmiuçadas, madeiras carbonizadas e cinzas. As casas ao longo dos muros foram queimadas até os alicerces, seus tetos desabaram sobre os utensílios domésticos".

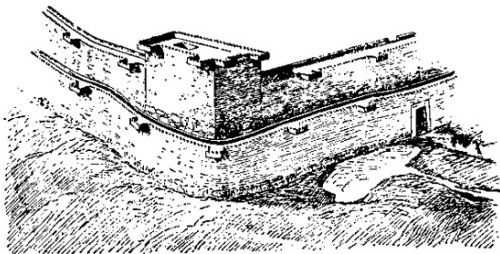


Figura 21 - As antigas muralhas cananéias de Jericó (reconstrução).

Depois de consultar os mais experientes especialistas, Garstang publicou o resultado da segunda batalha arqueológica: a muralha interior é a mais recente, portanto, a que foi destruída por Israel. Mas ainda aqui não cessou a controvérsia. Prossegue a tensão em volta das muralhas de Jericó. Garstang calcula que a destruição do cinturão interno aconteceu por volta de 1400 a.C. O Padre Hughes Vincent, notável arqueólogo e um dos escavadores que mais êxitos tem tido em Jerusalém, estudou igualmente os dados existentes e chegou à conclusão de que a destruição das muralhas da cidade ocorreu entre 1250 e 1200 a.C. Sabe-se atualmente que ambos os especialistas estavam errados. Entrementes, os arqueólogos elaboraram métodos, permitindo uma compreensão bem maior dos sítios de escavação do que era permitida há alguns decênios. Ambos, o Prof. Garstang e o Padre Hughes Vincent, atribuíram àquelas muralhas uma idade que remonta aos *ins* da Idade do Bronze, quando, efetivamente, datam dos *inícios* daquela era. A essa altura, não há mais dúvida a esse respeito. Tal engano de interpretação foi causado pela ação do vento e das intempéries, que removeram em grande parte as camadas superiores mais recentes. Em um único ponto, no lugar mais alto do Tell es-Sultan, a noroeste da colina dos escombros, ainda persistem, em plena altura, ruínas de fortificações, erguidas em meados da Idade do Bronze, sobre os restos de muralha, do início daquela era, conquanto escassos restos de moradias, do final daquela época, fossem encontrados somente nas

partes baixas das vertentes orientais da colina. Todas essas noções novas são devidas à grande arqueóloga britânica Kathleen M. Kenyon, que, nos anos 50 deste século, lançou os alicerces para os preciosos conhecimentos modernos sobre a "cidade mais antiga do mundo", com suas escavações extensas e bem sucedidas em Jericó. A Dra. Kathleen também soube interpretar corretamente os poucos restos de cerâmica ali encontrados e decifrou corretamente a linguagem dos túmulos, os únicos comprovantes da época final da antiga Jericó. Segundo os achados, durante a Idade do Bronze, as célebres muralhas foram reconstruídas nada menos que dezessete vezes; sempre tornaram a ser destruídas, ou por terremotos, ou pela erosão. Quem sabe, essa pouca resistência das muralhas teve sua ressonância na lenda transmitida pela Bíblia, que conta como os filhos de Israel somente tiveram de soltar seus brados de guerra e fazer soar suas trombetas para conquistar Jericó. A cidade, de meados da Idade do Bronze, surgiu nos tempos dos hicsos, aos quais acompanhou no seu ocaso, por volta de 1550 a.C. Em seguida, Jericó deixou de ser habitada, durante aproximadamente um século e meio. Pelo que atestam os achados de cerâmica, de túmulos e os escassos restos de moradias, de fins da Idade do Bronze, nas vertentes orientais da colina, deve ter sido somente por volta de 1400 a.C., quando novamente tornou a ser habitada. Contudo, mesmo essa cidade de fins da Idade do Bronze, tão precariamente comprovada, foi abandonada por seus moradores em cerca de 1325 a.C. Teria ela caído vítima de quaisquer conquistadores, posteriormente integrados ao reservatório humano chamado "Israel" e cujas conquistas acabaram por passar para a Bíblia, conforme o relato bíblico da "tomada de terra"? Se, de fato, somente na época da "tomada de terra", ou seja, em meados ou fins do século XIII a.C., os israelitas alcançaram Jericó, então nem precisavam conquistá-la, pois ela já havia sido abandonada por seus habitantes!

Somente no século IX a.C., no reinado de Acab, Jericó tornou a ser reedificada (Reis 16.34). Foi como se, durante séculos, a cidade estivesse sob o efeito de uma maldição a ela lançada, conforme o relato bíblico (Josué 6.26).

Jericó era a primeira fortaleza que defendia a Terra Prometida. Os arqueólogos podem acompanhar com exatidão, por outros lugares explorados, a marcha conquistadora dos filhos de Israel através de Canaã. Cerca de vinte quilômetros a sudoeste de Hebron ficava a bíblica *Dabir*. Defendida por uma forte muralha em toda a sua volta, ela dominava o Neguev. Em escavações levadas a efeito pelos americanos desde 1926, sob a direção de W. F. Albright e M. G. Kyle, foram encontrados, no Tell Beit Mirsim, uma camada de cinzas e restos de grandes destruições. A camada de cinzas contém fragmentos de cerâmica, indubitavelmente procedentes do século XIII a.C. Imediatamente sobre a camada de cinzas há vestígios de um novo estabelecimento de Israel. "*Dali (Josué) voltou a Dabir, tomou-a e destruiu-a...*" (Josué 10.38).

Quarenta e cinco quilômetros a sudoeste de Jerusalém foi identificada a

bíblica Lakish, que deve ter sido uma cidade extraordinariamente grande para Canaã. Pois na década de 30 uma expedição inglesa, sob a direção de James Lesley Starkey, mediu no Tell ed-Duweir uma superfície construída de vinte e quatro alqueires, que em outros tempos era protegida por fortes bastiões. Também essa cidade foi vítima de um incêndio aniquilador. Uma escudela encontrada nas ruínas apresenta uma inscrição onde se cita o "Ano 4" do Faraó Merenptah, data que corresponde ao ano 1230 a.C "E o Senhor entregou Lakish nas mãos de Israel" (Josué 10.32).

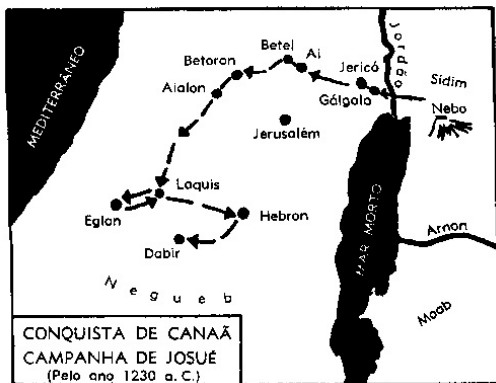


Figura 22

No Museu do Cairo há uma lápide, procedente de um templo fúnebre de Tebas, na qual se canta e celebra a vitória do Faraó Merenptah⁽³⁹⁾ sobre os libios. A fim de aumentar sua glória, citam-se outras grandes façanhas realizadas por esse soberano. Assim é que diz ao fim do canto: "Canaã foi capturada com todos os maus. Ascalão foi aprisionada, Gézer, ocupada e Jenoam, aniquilada. O povo de Israel está desolado, não tem juventude; a Palestina tornou-se viúva para o Egito".

Esse canto triunfal, escrito em 1229 a.C., é valioso e instrutivo sob muitos

pontos de vista. Aqui vemos pela primeira vez perpetuado na história da humanidade o nome de "Israel", e isso por um estrangeiro e contemporâneo. Israel é citado expressamente como povo, além disso relacionado com nomes de cidades da Palestina, o que é sem dúvida uma prova, que nem mesmo o mais inveterado cético pode refutar, de que pelo ano de 1220 a.C. Israel já estava estabelecido em Canaã e não era mais desconhecido.

Israel havia alcançado o objetivo há tanto almejado, isto é, Canaã, pouco antes de 1200 a.C., mas estava muito longe de ser senhor do país.

Camadas indicadoras de incêndios marcam o seu caminho e deixam entrever uma estratégia hábil. Josué evitou as fortalezas mais poderosas de Gézer e Jerusalém. Evidentemente ele obedecia ao princípio da menor resistência. As férteis planícies e os vales dos rios permaneceram em poder dos cananeus durante muitas gerações ainda. Israel carecia de armas para enfrentar os temidos carros de guerra bem como de técnica e experiência para assaltar cidades bem fortificadas. Havia, porém, tomado pé nas regiões menos povoadas, e as terras montanhosas dos dois lados do Jordão já estavam em seu poder.

A missão de Josué estava cumprida. Muito velho já, morreu e foi enterrado *"... em Tamnat-zare, que está situada sobre o monte de Efraim, para a parte setentrional do monte Gaas"* (Josué 24.30). O texto grego (LXX 24-30b) acrescenta a esse respeito uma observação importante: "Juntamente com ele no túmulo que aí lhe foi aberto foram colocadas as facas de pedra com que ele havia circuncidado os israelitas em Galgala..." Em Galgala, no caminho entre o Jordão e Jericó, foi, segundo a tradição, praticado o rito da circuncisão nos filhos de Israel, com *"facas de pedra"*. *"E todos estes(40) tinham sido circuncidados. Porém, o povo que nasceu no deserto, durante os quarenta anos de marcha por aquela vastíssima solidão, permanecerá incircunciso"* (Josué 5.5, 6). Quinze quilômetros a noroeste de Bétel fica Kefr Ishu'a, a "aldeia de Josué". Encontram-se túmulos encravados nos penhascos ao redor. No ano de 1870, num desses túmulos foram descobertas numerosas facas de pedra...

A descrição bíblica do evento que passou para a história como "tomada de terra" por Israel, e a confirmação dos pronunciamentos bíblicos por achados arqueológicos, constituem igualmente exemplos clássicos do fato de novas noções gerarem novas perguntas. Para tanto, Hazor, com seus escombros deixados por incêndios, sua camada de cinzas, seus ídolos partidos, representa o modelo por excelência e constitui a testemunha petrificada da concretização das profecias bíblicas, feitas a respeito da destruição de Canaã: *"O Senhor teu Deus os (cananeus) dará em teu poder e os fará morrer, até que todos sejam destruídos. E entregará nas tuas mãos os seus reis e fará perecer os seus nomes debaixo do céu. Ninguém te poderá resistir, até que os tenhas reduzido a pó. Queimarás no fogo as suas esculturas ..."* (Deuteronômio 7.23 a 25). De fato, a data do estrato de destruição de Hazor, de fins da Idade do Bronze, confere, e sobremaneira,

com o início da conquista de Josué, em fins do século XIII a.C. Por outro lado, é justamente Hazor que constitui um problema para a pesquisa, pois, conforme Josué 11.5, é Jabin, o rei de Hazor, derrotado por Josué *"perto das águas de Meron"*, conquanto o Livro dos Juizes, Juizes 4.2, falando de uma época posterior da história de Israel, diz que Jabin continua reinando na cidade e Israel foi até entregue nas suas mãos. Somente Barac, o israelita valente, *"... humilhou Jabin, rei de Canaã, diante dos filhos de Israel..."* (Juizes 4.23), porém não fica bem esclarecido se a batalha decisiva foi travada às margens do ribeiro Cison, ou no monte Tabor (Juizes 5.21). O que se deve concluir disso? A arqueologia vem em nosso auxílio; depois da catástrofe em fins do século XIII, Hazor não era, em absoluto, uma cidade suficientemente importante para servir de residência ao "rei de Canaã", em cujas mãos Israel era "entregue". Após um período intermédio de colonização seminômade e israelita precoce (séculos XII a XI a.C), Hazor volta a ser uma fortificação nos tempos do Rei Salomão (século X a.C). Assim, o Rei Jabin, do tempo dos juizes, provavelmente nem existiu e não passa de um reflexo literário daquele anterior rei de Hazor, do mesmo nome, do tempo da "tomada de terra", ou seja, de fins da Idade do Bronze, só que nas tradições em torno de sua pessoa evidentemente houve confusão de elementos oriundos dos fins da Idade do Bronze e inícios da Idade do Ferro.

Hazor situa-se bem ao norte, ainda um bom trecho ao norte do lago de Genesaré. Acontece, porém, que os relatos bíblicos de toda uma série de sítios de escavação arqueológica, ao sul da Terra Prometida, misturam, de forma análoga, tradições da Idade do Bronze e da do Ferro. Assim, a cidade de Ai desempenha papel importante entre as cidades cananéias, conquistadas por Josué (Josué 7.2; 8.1 a 24). Segundo a Bíblia, a vez da vizinha Bétel chegou mais tarde (Josué 12.16); e, de fato, conforme era esperado, ali foi encontrada uma grossa camada de cinzas e entulho de tijolos chamuscados, cobrindo um estrato que data de fins da Idade do Bronze. No entanto, o que se deu com Ai? A arqueóloga Judith Marquet-Krause, que empreendeu trabalhos de escavação, não encontrou nenhum estrato de destruição dos tempos de Josué, ou seja, de fins da Idade do Bronze; naquela época, desde havia muito (inícios da Idade do Bronze), Ai, desabitada, jazia debaixo de escombros e, assim, fez jus a seu nome que, em hebreu, quer dizer "ruína", mas deixou de corresponder à pormenorizada descrição bíblica de sua conquista, dada no capítulo 8 do Livro de Josué! Foi somente em inícios da Idade do Ferro que chegou a ser habitada novamente; porém, mesmo daquela vez sofreu destruição igual.

Será que, quanto a isso, Judith Marquet-Krause cometeu um engano?

Escavações novas, sob a direção de J. a. Callaway, deveriam esclarecer a questão. No entanto, Callaway pôde confirmar apenas que, em fins da Idade do Bronze, não existiam habitações em Ai e, por conseguinte, naquela época, não havia cidade alguma a ser conquistada pelos israelitas. Os cientistas estão

conjeturando. Será que a Bíblia errou a tal ponto? Ou será que os autores bíblicos confundiram dados sem nexo? Será que o relato bíblico da conquista de Ai se refere, de fato, à de Bétel, cidade vizinha que efetivamente desabou em ruínas, no final da Idade do Bronze?

Por fim, surgiu uma idéia bastante sensata; seria o caso de não se ater, rigorosamente, à norma de se datarem de fins da Idade do Bronze todos os episódios "bíblicos" relatados com relação à "tomada de terra". Será que a Bíblia estaria se referindo à Ai de inícios da Idade do Ferro? Sob esse aspecto, os resultados das escavações feitas em Ai tornariam a concordar com as tradições bíblicas; e, nesse caso, estariam igualmente concordantes com a Bíblia os resultados obtidos em toda uma série de outros sítios de escavações, tais como Arad, Dibon e Gibeon, que, por sua vez, deixaram de revelar vestígios de colonização, datando de fins da Idade do Bronze (excetuando-se um túmulo em Gibeon). Até a indicação que descreve Gibeon como tendo sido maior do que a cidade de Ai (Josué 10.2) corresponde àqueles povoados da *Idade do Ferro*. Mais uma vez, a Bíblia volta a ter razão, fazendo-se o devido desconto à mistura de elementos da Idade do Bronze e da do Ferro, nas tradições em torno da "tomada de terra".

Em vista desta e de outras disparidades análogas, os cientistas cogitaram da eventualidade de a descrição bíblica da "tomada de terra" condensar um processo extremamente complexo e lento, continuado ao longo de vários séculos, apresentado pela Bíblia em ritmo de "tempo recorde" e concentrado na pessoa de Josué. Ademais, a Bíblia é seletiva na apresentação dos acontecimentos, que reúne para um "filme contínuo", nem sempre coincidente em seus detalhes. Alguns cientistas chegam inclusive a confirmar que jamais houve uma "tomada de terra", conforme a descrita pela Bíblia; e, de maneira surpreendente, também essa tese pode ser provada com base nos próprios textos bíblicos, conforme segue. Após suas primeiras vitórias no país dos cananeus, Josué reúne "todo o Israel" junto aos montes de Garizim e Hebal, que se elevam acima do Nablus moderno; neste contexto, a Bíblia distingue expressamente entre "estrangeiros" e "naturais" (Josué 8.33). Por quê? Todo o povo de Israel não teria acabado de ingressar na Terra Prometida? A que título se fala, então, de "naturais"?

Alguns cientistas opinam que a posterior imigração israelita teria se processado em diversas "vagas". Para tanto, eis uma explicação: quando uns vieram, outros lá já estavam e, portanto, eram "naturais".

Outras teses levantadas nos debates científicos sobre a "tomada de terra" consideram as seguintes cogitações: — aquilo que a Bíblia descreve como "tomada de terra" eram na realidade lutas de motivação social e religiosa entre os habitantes sedentários das cidades e os nômades, ou seja, os habitantes seminômades das estepes; — efetivamente, a "tomada de terra" era uma infiltração pacífica, a absorção gradual de imigrantes, vindos de fora e que

somente em um ou outro caso provocou conflitos bélicos.

Sob Débora e Gedeão

Israel torna-se sedentário — Obra de desbravamento nas montanhas — Choças rústicas em vez de palácios — Débora incita à insurreição — Batalha na planície de Jezrael — Vitória sobre os "carros de ferro" — Vasos de Israel em Megido — Ataques de salteadores do deserto — A tática salvadora de Gedeão — Primeira batalha de camaleiros da história — O camelo, recém domesticado, torna-se um meio de transporte para grandes distâncias

E o Senhor deu a Israel toda a terra que tinha prometido com juramento a seus pais que lhes daria, e eles possuíram-na e habitaram nela (Josué 21.43).

Logo depois da conquista, aconteceu uma coisa espantosa: as tribos de Israel fixaram-se permanentemente na terra conquistada. Não mais poderiam, pois, ser um povo nômade típico. Canaã tinha sofrido ataques de nômades desde tempos imemoriais, mas esses nunca haviam passado de simples episódios. As tribos apascentavam seus rebanhos, e um dia desapareciam tão de repente como haviam aparecido. Israel, entretanto, tornou-se sedentário, cultivando os campos e derrubando os bosques: "... se tu és um povo tão numeroso, sobe ao bosque e corta para ti espaço..." (Josué 17.15). Abandonaram as tendas e construíram cabanas; nas cidades conquistadas instalaram-se nas casas em ruínas. Nas camadas de restos de incêndios, em Dabir, Bet-Semes e Bétel, encontraram-se vestígios de seus pobres e primitivos utensílios domésticos.

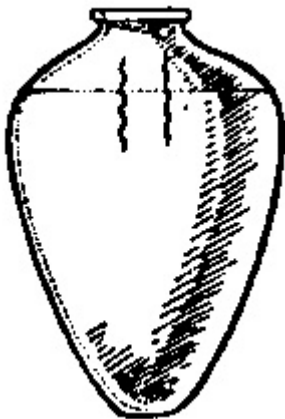


Figura 25 - Vasilha de provisões israelita.

A ruptura com os tempos anteriores é perfeitamente visível nas escavações. Onde antes havia mansões e palácios dos antigos senhores feudais, levantam-se agora choupanas rústicas e estacadas. As maciças muralhas apresentam quando muito reparações necessárias. O que os filhos de Israel construíram foram apenas muros finos. A construção de muralhas fortificadas exigiria trabalho forçado e não havia nada que os israelitas odiassem mais. Eles se sentiam livres como camponeses independentes.

"Cada um fazia o que lhe apetecia" (Juizes 17.6). Até a palavra "servo", de uso corrente em Canaã, passou a ser empregada pelos israelitas com sentido exatamente oposto, isto é, de homem livre. No sistema feudal dos senhores das cidades, o trabalho competia aos escravos; sob Israel, o trabalho dos campos era feito pelos filhos das famílias livres. O chefe era o pai, o patriarca. Surgiram inúmeras povoações. Os arqueólogos encontraram seus vestígios em toda a região das montanhas. Aliás, pouco resta delas, porque o primeiro material de construção era constituído por tijolos de barro secados ao ar livre, e essas

construções não duravam muito. Os israelitas realizaram um verdadeiro trabalho de pioneiros nas montanhas. Exploraram territórios inabitáveis, regiões sem fontes nem rios. Por incrível que pareça, o atual Estado de Israel conseguiu utilizar novamente construções executadas com novas técnicas por seus antepassados. Os israelitas cavavam cisternas para recolher as águas da chuva, as quais revestiam com um reboco de cal até então desconhecido. Essas instalações foram construídas com tal solidez que resistiram às devastações do tempo através de milhares de anos.

Os israelitas fixaram-se solidamente na nova pátria como colonos e lavradores, segundo nos transmite o Livro dos Juizes e como está provado pela pesquisa. Em contínuas guerras com seus vizinhos e contendas entre si, foram adquirindo lentamente força guerreira e experiência. A Bíblia fala de combates com moabitas, amonitas e tribos aramaicas do deserto sírio, de sangrentas guerras civis, de lutas das tribos contra *Benjamim* (Juizes 20). Bétel fica no território de Benjamim; Albright desenterrou nesse lugar quatro camadas de destruição do período entre 1200 e 1000 a.C.!

Esses anos agitados da primeira colonização foram fixados de forma imorredoura em três narrativas do Livro dos Juizes: na canção de *Débora*, na história de *Gedeão* e nos feitos heróicos de *Sansão*. O pano de fundo dessas "histórias piedosas" é constituído por fatos, acontecimentos contemporâneos que, graças às mais recentes pesquisas, podem ser datados com relativa precisão. Quando penetrou na terra por volta de 1230 a.C., Israel deve ter sido obrigado a contentar-se com as montanhas, pois "*não pôde derrotar os que habitavam no vale, porque estes tinham muitas carroças falcadas*" (Juizes 1.19). Só quase cem anos depois a situação mudou. Algumas das tribos residentes nas montanhas da Galiléia eram obrigadas a servir os cananeus, entre elas a tribo de *Issachar*, que na Bíblia é tratada desdenhosamente como "*asno forte*". Ela "*curvou os seus ombros para levar presos, e sujeitou-se aos tributos*" (Gênese 49.14,15). Foi na Galiléia que se ateou a chama da insurreição, que nasceu a revolta contra a opressão. O impulso foi dado por uma mulher, a juíza *Débora*. Ela convocou as tribos de Israel para a libertação. É de *Débora* aquele canto maravilhoso que nos foi transmitido e que ela cantou diante do povo reunido.



Figura 23 - Príncipe cananeu de Megido, em seu trono, com tocador de lira e carro de combate (1200 a.C).

Barac, da tribo de Issachar, assumiu a direção. Outras tribos se lhe juntaram. Formou-se um grande exército. E então Barac fez algo decisivo, que Israel antes nunca ousara fazer. Foi ao encontro do adversário, antes tão temido na planície: *"Desceu pois Barac do monte Tabor, e os dez mil combatentes com ele"* (Juizes 4.14). O campo de batalha foi o largo e fértil vale de Jezrael, entre as regiões montanhosas da Galiléia, ao norte, e de Samaria, ao sul — onde exerciam domínio ilimitado os príncipes das cidades e os senhores feudais cananeus. Aí os esperavam com grandes forças os cananeus. *"... os reis de Canaã combateram em Tenac junto às águas de Megido"* (Juizes 5.19). O inaudito aconteceu — Israel saiu vitorioso! pela primeira vez, foi possível derrotar batalhões de carros em campo raso. Estava quebrado o encanto. Israel provou ter igualado, suplantado mesmo, a tática guerreira dos cananeus. Dois montes de escombros na planície de Jezrael conservam os restos de *Tenac* e, a dez quilômetros de distância, *Megido*. Essas duas cidades se alternaram várias vezes em importância. Por volta de 1450 a.C., Tenac era uma grande cidade independente; Megido, somente uma pequena guarnição egípcia. Cerca de 1150 a.C., Megido foi destruída e abandonada por seus habitantes. As ruínas, por muito tempo desertas, só foram reconstruídas e repovoadas aproximadamente em 1100 a.C. Notáveis são os objetos de cerâmica dos novos habitantes, grandes vasos de barro para guardar provisões, do tipo ainda hoje utilizado em Israel. Os pesquisadores encontraram-nos igualmente em todos os outros locais povoados dos montes de Samaria e da Judéia. No canto de Débora, Tenac é expressamente citada como campo de batalha. A referência *"junto às águas de Megido"* corrobora essa indicação. Megido propriamente, cujas águas são a fonte de Kison, não devia existir então.

Os achados arqueológicos e os dados bíblicos permitem situar a primeira batalha contra o corpo de carros de guerra cananeus entre a destruição e a reconstrução de Megido, ou seja, 1125 a.C. aproximadamente.

A história de Gedeão conta o segundo triunfo de Israel. Um dia entra em Israel, procedente do leste, algo de novo, desconhecido e fantástico. Hordas de nômades madianitas montados em camelos caíram sobre o país, saqueando, incendiando, assassinando... *"essa multidão inumerável de homens e camelos cobria todas as coisas, destruindo tudo o que tocava"* (Juizes 6.5). Durante anos, Israel foi impotente para resistir aos ataques dos madianitas. E então surgiu o salvador na pessoa de Gedeão. Empregou com êxito, segundo narra a Bíblia detalhadamente (Juizes 7.20 e seguintes), uma nova tática de surpresa, graças à qual os madianitas fugiram, deixando definitivamente os israelitas em paz.

Dir-se-ia que as descobertas da paz estão fadadas a ter seu primeiro emprego

na guerra. A nova "invenção" que permitiu aos madianitas incutirem terror em Israel foi... o camelo domesticado!

O camelo doméstico era algo completamente novo no mundo antigo.

Surpreendentemente, os povos da Idade do Bronze não o conheceram. Os textos egípcios nunca o citam. Em Mari mesmo, que era contígua ao deserto arábico, não se encontrou até hoje, em seus imensos arquivos, uma única referência ao camelo. Temos de riscar o camelo da imagem que fazemos da vida e das atividades do antigo Oriente. Também no Gênese deve ter sido incluído posteriormente. Por exemplo, a bela cena em que encontramos Rebeca pela primeira vez, em sua cidade natal de Nacor, deve ter sofrido modificações acessórias. Os "camelos" de seu futuro sogro Abraão, que pararam junto da fonte, eram... jumentos (Gênese 24.10 e seguintes). Jumentos foram igualmente os animais que durante milênios carregaram sobre o lombo os fardos e as preciosas mercadorias através das longas rotas comerciais... até que o camelo doméstico os libertou.

É impossível determinar com exatidão quando teve lugar a domesticação, mas existem alguns pontos de referência. No século XI a.C., surge o camelo nos textos cuneiformes e nos relevos, depois começa a ser mencionado cada vez com mais frequência. É por essa época que deve ter-se passado a história de Gedeão. Os bandos de piratas montados em camelos, até então conhecidos apenas como animais selvagens, devem ter provocado um tremendo choque!

O terceiro desafio contém o perigo e a prova de resistência maiores e mais mortíferos a que Israel foi submetido: o choque com os filisteus.



Foto 10 - American Schools of Oriental Research, New Haven, Connecticut.
- De avião, ainda hoje pode-se distinguir claramente a chamada "estrada real" na paisagem profundamente sulcada da Jordânia.



Fotos: — (superior) Instituto Oriental, Universidade de Chicago. — Artistas egípcios realizaram neste grupo de prisioneiros do templo de Medinet Habu um verdadeiro retrato fisionômico de vários povos. A um líbio (à esquerda) seguem-se um semita da Síria-Palestina, um hitita, um filisteu e outro semita. — **(inferior)** R. Koeppel, "Palästina", Verlag I. C. B. Mohr, Tübingen. Como Moisés, que acampou em Cades com os filhos de Israel (Números 33.36), os nômades de nossos dias dão de beber aos seus animais na fonte de Ain Qedeis.



Foto - Luther-Verlag, Witten/Rubr. — Muralhas da Jericó bíblica. Através das antigas muralhas de três milênios e meio, o olhar passa do Tell es-Sultan à moderna Jericó, situada ao pé dos montes de Judá.

"Krethi" e "plethi" — Invasão dos povos marítimos — A grande caravana do Egeu — Conquistadores com carros de bois e navios — Desaparece o reino dos hititas. — Cidades incendiadas na costa de Canaã — Mobilização geral no Nilo — O Faraó Ramsés III salva o Egito. — A grande batalha marítima e terrestre — Campos de concentração de prisioneiros e questionários — Retrato de filisteus em ponto grande

Porventura não fiz eu sair Israel da terra do Egito; e os palestinos de Caftor [\(41\)](#)...?(Amós 9.7).

Com as histórias fabulosas do fortíssimo Sansão, de seus estratagemas e seus feitos heróicos, prenuncia-se o grande conflito.

Filisteus! Seu nome entrou com diversos sentidos no vocabulário do mundo moderno. Dizemos: "É um verdadeiro filisteu", ou então referimo-nos ao "gigante Golias", que era um deles. Dizemos depreciativamente *krethi* e *plethi* [\(42\)](#), sem imaginar que estas palavras significam "cretenses" e "filisteus". Quem não conhece a trágica história do amor de Sansão e Dalila, que o traiu, entregando-o aos filisteus? Quem não se lembra da força sobre-humana de Sansão, que despedaçava leões com as mãos, que com uma queixada de jumento matou mil filisteus e, cego e abandonado finalmente por sua amante, tomado de uma cólera desenfreada, derrubou um templo dos filisteus? Contudo, pouquíssimos têm consciência do pouco que sabemos realmente sobre os tão falados filisteus.

O povo dos filisteus, que representou um papel decisivo na vida de Israel, permaneceu durante muito tempo envolto em mistério. Só num passado recente foi possível levantar um pouco o véu. Graças a resultados de pesquisas penosamente obtidos, vai se formando um quadro cada vez mais claro a respeito. Os fragmentos de cerâmica, as inscrições dos templos e as camadas incendiadas formam um mosaico da aparição dos filisteus sem igual em dramaticidade.

Os estrangeiros são precedidos de notícias apavorantes; os correios trazem informes terríveis sobre os desconhecidos que surgiram na borda do espaço vital do mundo antigo, nas costas da Grécia. Avançam em carros de bois, pesados veículos de rodas maciças, puxados por zebus e carregados de utensílios domésticos e mantimentos, seguidos por mulheres e crianças. À frente marcham homens armados de escudos redondos e espadas de bronze. Uma espessa nuvem de poeira os envolve, pois são muitos, incontáveis. De onde vêm, ninguém sabe. A imensa caravana é avistada pela primeira vez no mar de Mármara, de onde ruma para o sul, ao longo da costa do Mediterrâneo. Sobre as ondas verdes do mar navega na mesma direção uma imponente frota: bandos de navios de altos lemes, com homens armados a bordo.

A aterradora caravana deixa atrás de si, por onde quer que passe, incêndios, ruínas e campos desolados. Ninguém consegue detê-los, rompem todas as resistências. Na Ásia Menor, caem cidades e povoações.

A poderosa fortaleza de Hattusa, no rio Hális, é destruída. Pilham os tesouros das minas de prata de Tarso. Nas usinas metalúrgicas junto das jazidas de minérios roubam o segredo, zelosamente guardado, da fabricação do metal mais valioso daquele tempo, o ferro. Sob tais golpes, cai uma das três potências mundiais do segundo milênio a.C.: o grande império dos hititas extingue-se!

Uma frota de conquistadores estrangeiros desembarca em Chipre e ocupa a ilha. Por terra, a caravana prossegue, penetra na Síria, atinge Karpemish, no Eufrates, e avança até o vale do Orontes. Colhidas pelo avanço por mar e por terra, caem as ricas cidades marítimas da Fenícia. A Ugarit segue-se Biblos, Sídon e Tiro. Os incêndios lavram nas cidades da fértil planície da costa da Palestina. De seus campos de cultivo e de suas pastagens nas montanhas, Israel deve ter avistado as vagas aniquiladoras, embora a Bíblia nada diga a respeito. Porque Israel não é atingido; o que arde lá embaixo são as fortalezas dos odiados cananeus.

A avalanche humana continua avançando por terra e por mar na direção do Nilo, do Egito...

Em Medinet Habu, a ocidente de Tebas, junto do Nilo, erguem-se as imponentes ruínas do majestoso templo de Amon, construído no reinado de Ramsés III [\(43\)](#). As torres dos portais, os altos pilonos, as paredes dos salões e pátios estão cobertos de relevos monumentais e inscrições: milhares de metros quadrados de documentos históricos gravados em pedra. O templo é todo ele um gigantesco documento das expedições guerreiras do faraó, escrito com palavras e imagens, testemunho principal dos acontecimentos que então tiveram lugar no Nilo.

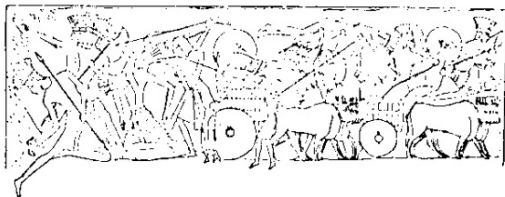


Figura 27 - Batalha campal do Faraó Ramsés III contra os filisteus.

A enormidade do pavor e do perigo que ameaçaram o Egito transparece claramente nessas informações. Preocupado e cheio de terror, informa um dos textos: "Ano 8 sob a majestade de Ramsés III... Nenhuma terra podia opor resistência às suas armas. O reino dos hititas, Code⁽⁴⁴⁾, Karpemish... e Chipre foram destruídos de um golpe... Destruíram suas populações, e suas terras ficaram como se nunca tivessem existido. Estavam em marcha para o Egito... Puseram as mãos nas terras de todo o âmbito do mundo. Seus corações estavam cheios de confiança e certeza:

'Nossos planos serão bem sucedidos!'"

Ramsés III prepara-se febrilmente. Ordena a mobilização geral: "Reforcei minhas fronteiras... armei contra eles os príncipes, os comandantes das guarnições e os guerreiros. Protegi as embocaduras do rio qual muro forte, com navios de guerra, galeras e navios costeiros... todos guarneceiros de popa a proa com valentes guerreiros envergando suas armas. As tropas compunham-se dos homens escolhidos do Egito. Eram os leões rugidores nos cumes dos montes. As forças dos carros de guerra eram constituídas de corredores, gente escolhida, cada um deles um guerreiro experimentado em carro de combate. Os cavalos voavam com todo o ímpeto, prontos a esmagar as terras estrangeiras sob os cascos..."

Com um exército enorme, formado por todos os homens aptos para pegar em armas que o Egito pôde reunir, Ramsés III partiu ao encontro das hostes estrangeiras para a grande batalha campal. As inscrições dizem pouco de concreto a respeito. Como sempre, os comunicados de guerra egípcios limitam-se a cantar hinos em honra do vencedor. "Suas tropas", diz um a respeito de Ramsés III, "são como touros dispostos no campo de batalha; seus cavalos são como falcões em meio a pequeninas aves..." Mas um grande relevo põe-nos diante dos olhos, depois de três mil anos, a tremenda luta: os comandos de carros de combate egípcios penetram no meio da multidão de inimigos armados. Entre pesados carros de bois, mulheres e crianças, desencadeia-se terrível carnificina. Amontoam-se os corpos dos mortos sob as patas dos bois e dos cavalos. A vitória parece decidida, os egípcios saqueiam os carros de bois.

O Egito ganhou uma batalha de importância histórica universal; as forças de terra inimigas foram aniquiladas. Num carro ligeiro, Ramsés III corre à costa, "pois eles penetraram nas embocaduras do rio" com seus navios.

Também a grande batalha naval está perpetuada num grande relevo de pedra no templo de Medinet Habu: os navios adversários se aproximaram uns dos outros aos bandos. Pouco antes do choque parece que houve uma súbita calmaria; as velas foram recolhidas. Isso é uma grande desvantagem para os

estrangeiros. Seus navios ficam impossibilitados de manobrar. Prontos para a luta, mas indefesos, os guerreiros esperam empunhando espadas e lanças que só servem para a luta corpo a corpo, enquanto os barcos, dispostos lado a lado, oscilam sobre as águas em frente do inimigo. A calmaria deu uma vantagem aos egípcios. Seus navios, equipados de remadores, aproximam-se dos barcos inimigos até uma distância prudente, e então é dada a ordem de disparar os arcos. Uma chuva de flechas cai sobre os estrangeiros que, trespassados, caem de bordo em massa. Os corpos dos feridos gravemente e dos mortos flutuavam nas ondas. Depois de dizimarem os inimigos e estabelecerem a confusão entre eles, os egípcios se aproximam e põem a pique seus navios. Os que escapam vivos da chuva de flechas ou das vagas são abatidos na margem pelos soldados egípcios ou prisioneiros.



Figura 28 - Interrogatório de prisioneiros filisteus por oficiais egípcios.

Ramsés III conseguiu afastar do Egito a terrível ameaça por terra e por mar em duas batalhas decisivas — uma vitória incomparável na história antiga do país do Nilo.

A fim de fazer o inventário depois da vitória, os egípcios cortaram as mãos dos mortos e feridos e reuniram-nas num monte. Assim, puderam calcular o número dos inimigos aniquilados. Sobre o que aconteceu às mulheres e crianças dos forasteiros as inscrições silenciam. Os relevos mostram os primeiros campos de prisioneiros da história do mundo. Os inimigos vencidos foram arrebanhados aí.

O que experimenta a massa dos prisioneiros é, em princípio, semelhante ao que tem acontecido sempre até nossos dias. Dispostos em fileiras, eles esperam o interrogatório agachados no chão. Nem sequer falta o humilhante "questionário";

oficiais egípcios ditam a escribas as declarações dos prisioneiros. Só uma coisa era resolvida de maneira diferente nessa época. Enquanto hoje se pintam na jaqueta dos prisioneiros de guerra, com tinta a óleo, as letras PW e KG⁽⁴⁵⁾, OS prisioneiros de guerra egípcios eram marcados a fogo na pele com o nome do faraó. Era mais duradouro.

Devemos aos hieróglifos dos mais antigos questionários do mundo a primeira notícia histórica sobre o célebre povo bíblico dos filisteus.

Entre os "povos marítimos", como os egípcios chamam aos conquistadores estrangeiros, uma tribo ocupa um lugar especial — a dos *peleset* ou *prst*. São os filisteus do Velho Testamento!

Os artistas egípcios sabem representar magistralmente as fisionomias de povos estrangeiros, diferenciando de maneira marcante os traços característicos de cada um. Assim é que os relevos de Medinet Habu indicam com sua usual precisão as fisionomias dos filisteus bíblicos. Dir-se-iam fotografias gravadas em pedra há três mil anos. Suas figuras altas e esguias erguem-se uma cabeça acima dos egípcios. Notamos sua vestimenta, suas armas, seu comportamento no combate. Se, em vez dos soldados egípcios, imaginarmos os filhos de Israel, teremos um quadro fiel das lutas travadas anos mais tarde na Palestina e que atingiram o seu encarniçado auge sob os reinados dos reis *Saul* e *Davi*, por volta de 1000 a.C.

Sob o jugo dos filisteus

Os filisteus na costa — Objetos de cerâmica com desenhos de cisnes — Bilhas de cerveja com tampa filtro — Monopólio de ferro rigorosamente protegido — Os filisteus ocupam as montanhas — Vestígios de incêndios em Silo — A grande necessidade de escolher um rei — Allenby vence seguindo a tática de Saul — Surpresa dos turcos — Albright encontra o Forte de Saul — Dois locais de culto em Bet Shan — O fim de Saul

Mas os filhos de Israel tornaram a fazer o mal na presença do Senhor e Ele os entregou nas mãos dos filisteus durante quarenta anos (Juizes 13.1).

Em 1188 a.C., os filisteus sofreram sua grande derrota nas mãos de Ramsés III. Treze anos mais tarde já se haviam estabelecido na planície da costa sul de Canaã, a fértil planície de terra pardacenta entre as montanhas de Judá e o mar. A Bíblia menciona cinco cidades dominadas por eles:

Ascalão, Azot, Acaron, Get e Gaza (Samuel I 6.17). Cada cidade, com as terras circunjacentes, cultivadas pelos guerreiros sob o comando de um chefe,

era governada por um "senhor" independente e livre. Em questões políticas e militares, entretanto, os cinco senhores de cidades agiam sempre de comum acordo. Ao contrário das tribos de Israel, os filisteus constituíam uma unidade em todas as questões vitais. Era isso que os tornava tão fortes.

O cronista bíblico fala também de outras tribos dos povos marítimos que entraram no país com os filisteus e se estabeleceram no litoral: *"Eis que vou estender a minha mão sobre os filisteus, e matarei os creteus (46), e exterminarei o que resta na costa do mar"* (Ezequiel 25.16). Creta é uma ilha do Mediterrâneo, muito distante de Israel. Desde que tomamos conhecimento da invasão de Canaã pelos "povos marítimos", o sentido dessas palavras, antes obscuro, tornou-se claro. Elas esboçam com exatidão a situação da época.

Com o aparecimento dos filisteus em Canaã, aparece também uma cerâmica característica. Ela se distingue nitidamente da cerâmica em uso até então, tanto nas cidades dos cananeus como nas povoações israelitas das montanhas. Os escavadores encontraram essa cerâmica no domínio conjunto das cinco cidades dos filisteus — e só aí. Os filisteus deviam, pois, fabricar seus próprios utensílios de barro.

O primeiro achado de utensílios filisteus causou espanto entre os arqueólogos. A forma, a cor e o desenho já haviam sido encontrados em outra parte. Eles já conheciam de Micenas os copos e bilhas pintados de amarelo-escuro, vermelho e preto, com desenhos geométricos e cisnes limpando as penas com o bico. Desde 1400 a.C., eram altamente procurados no mundo antigo os maravilhosos utensílios dos fabricantes micenenses, e o comércio de exportação havia inundado todas as terras com eles. Poucas décadas antes de 1200 a.C., essa importação da Grécia interrompeu-se subitamente com a destruição de Micenas. Os filisteus deviam ter estado ali. Em Canaã, eles reiniciaram a fabricação aprendida.

"Porventura não fiz eu sair Israel da terra do Egito; e os filisteus de Caftor?" (Amós 9.7). *"Caftor"* é Creta, a grande ilha situada em frente à Grécia. Os objetos de cerâmica dos filisteus ilustram ainda outro fato interessante, também indicado na Bíblia. Muitas das maravilhosas bilhas são munidas de um filtro cujo emprego não deixa dúvida. São típicas bilhas de cerveja. Os filtros servem para reter as cascas de cevada. Estas nadavam na cerveja feita em casa e poderiam penetrar facilmente na garganta. A grande quantidade de bilhas de cerveja e copos de vidro encontrada nas povoações dos filisteus indica que eles devem ter sido grandes bebedores. Nas histórias de Sansão fala-se, com efeito, de bebedeiras (Juizes 14.10; 16.25), acentuando-se expressamente, no entanto, que o herói não bebia álcool.



Figura 29 - Vaso filisteu com ornato de cisne.

A cerveja não é de modo algum uma invenção dos filisteus. As primeiras grandes cervejarias floresceram já no antigo Oriente. Nas tavernas da Babilônia havia cinco tipos de cerveja: escura, clara, nova, de conserva e, para exportação e viagem, uma mistura também chamada cerveja de mel. A última consistia num extrato concentrado de raízes, que se conservava por muito tempo. Bastava misturar-lhe água, e a cerveja ficava pronta... modelo primitivo da moderna cerveja para os trópicos.

Muito mais importante, porém, foi outra descoberta. Os filisteus foram os primeiros povos a possuírem ferro em Canaã, e isso em grande quantidade. Seus túmulos contêm armas, utensílios e adornos feitos desse metal raro e, portanto, valioso. E, tal como faziam com a cerâmica de Micenas, eles trabalhavam o ferro. As primeiras usinas de ferro de Canaã devem ter sido estabelecidas no

território dos filisteus. Trouxeram o segredo como despojo de guerra de suas incursões pela Ásia Menor, onde, por volta de 1200 a.C., os hititas foram os primeiros fabricantes de ferro do mundo.

Os príncipes filisteus guardavam ciosamente a fórmula roubada. Era monopólio seu e faziam negócios com ela. No período de sua primeira colonização nas montanhas, Israel era demasiado pobre para adquirir ferro. A carência de ferramentas de lavoura, de pregos para construção e de armas de ferro era um grande *handicap* para eles. Depois que ocuparam também a montanha, os filisteus procuraram impedir a fabricação de novas armas. Proibiram os israelitas de trabalhar o ferro. *"Ora em toda a terra de Israel não se encontrava um ferreiro; porque os filisteus haviam tomado essa precaução para que os hebreus não forjassem espadas e lanças. Pelo que, todo o Israel tinha que ir aos filisteus, para cada um afiar a sua relha e o enxadão e a machadinha e o sacho"* (Samuel I 13.19,20). Equipados com armas mais modernas, adestrados e experimentados por contínuas expedições guerreiras e extremamente bem organizados politicamente, por volta de 1200 a.C., o povo conquistador dos filisteus estava estabelecido na costa ocidental. Tinha o mesmo objetivo que Israel: Canaã!

Os feitos de Sansão constituem histórias fabulosas (Juizes 14 a 16).

Sob estas, entretanto, ocultam-se fatos reais. Os filisteus começaram a avançar e a estender o seu domínio para leste.

Separada das montanhas por longos vales, uma série de colinas se ergue entre as planícies da costa e as terras altas de Judá. Um desses vales oblongos é o vale de Sorec. Sansão vivia em *Sorec* ⁽⁴⁷⁾ (Juizes 13.2), e em Tamnata, não muito longe dali, casou-se com uma das filhas dos filisteus (Juizes 14.1). Ali também vivia Dalila (Juizes 16.4). Por esse vale os filisteus mandaram de volta, mais tarde, a Arca da Aliança roubada (Samuel I 6.12 e seguintes). O avanço dos filisteus até as colinas em frente nos montes de Judá foi apenas o prelúdio da grande expedição armada contra Israel, anos depois.

E Israel saiu ao encontro dos filisteus para os combater, e acampou junto de Eben-ezer ⁽⁴⁸⁾; os filisteus, porém, foram a Afec, e dispuseram-se para pelejar contra Israel (Samuel I 4.1).

Afec ficava na borda setentrional do território dominado pelos filisteus. Um monte de ruínas, o Tell el-Muchmar, esconde os restos desse lugar, situado no curso superior de um rio que deságua no mar ao norte de Jaffa. Afec ocupava uma posição estratégica extraordinariamente favorável. A leste ficavam as montanhas da Palestina central, o território em poder dos israelitas. Em frente a Afec, na borda da região montanhosa, ficava *Eben-ezer*, onde os exércitos se encontraram. No primeiro combate, os filisteus saíram vencedores. Em grande aflição, os israelitas foram a Silo buscar seu santuário, a *Arca da Aliança*. Num

segundo combate, foram destruídos pelos filisteus, superiores em número, o exército de Israel foi desbaratado e os vencedores levaram como despojo a sagrada arca (Samuel I 4.2 a 11).

A região das colinas foi ocupada, Israel, desarmado, e nos domínios das tribos os filisteus estabeleceram postos de guarda (Samuel I 10.5, 13.3). No primeiro assalto, os filisteus atingiram seu objetivo: a Palestina central caiu em seu poder.

O avanço dos filisteus foi acompanhado de duras provas para os israelitas, como se percebe pelos testemunhos encontrados desse tempo. O templo de Silo, que Israel construía para a Arca da Aliança, foi incendiado. Vinte e dois quilômetros ao sul de Siquém fica Silun, que foi outrora a próspera cidade de Silo. Numa colina próxima ficava o recinto sagrado, o santuário de peregrinação de Israel (Josué 18.1; Juizes 21.9 e seguintes; (Samuel I 3.21). Nesse lugar, com a passagem do tempo, foram erguidos monumentos cristãos primitivos e maometanos.

De 1926 a 1929, uma expedição dinamarquesa, dirigida pelo arqueólogo H. Kjaers, realizou escavações nesse local. Os restos de Silo mostram nitidamente uma camada de destruição de 1050 a.C., vestígios da vitória dos filisteus sobre Israel. As ruínas de Silo devem ter durado muito tempo, porque quatrocentos anos depois de sua destruição o profeta se refere a elas: *"Ide ao meu santuário, a Silo, onde habitou o meu nome desde o princípio, e vede o que eu lhe fiz por causa da malícia do meu povo de Israel"* (Jeremias 7.12). E outros lugares das montanhas de Judá participaram do destino de Silo. Os arqueólogos encontraram em Tell Beit Mirsim, junto a Hebron, a bíblica *Dabir*, e em Bet-Zur, ao sul de Jerusalém, vestígios de cinzas — testemunhos que corroboram essa hipótese.

Por volta de 1050 a.C., Israel esteve ameaçado em sua existência; viu-se em perigo de perder os frutos de suas conquistas e o trabalho de sua colonização de quase duzentos anos. Com efeito, esteve até ameaçado de cair sob o jugo dos filisteus, em irremediável escravidão. Israel só poderia enfrentar o terrível perigo se conseguisse apertar os frouxos laços que ligavam as diversas tribos. Sob a pressão mortal do mundo que o cercava, Israel tornou-se uma nação. As formas de governo daquele tempo só permitiam uma possibilidade — o regime monárquico. A escolha recaiu sobre *Saul*, um benjaminita, famoso por sua valentia e sua grande estatura (Samuel I 9.2), e essa escolha foi prudente, porque Saul pertencia à tribo mais fraca (Samuel I 9.21) e, assim, as outras tribos não teriam motivo de inveja.

Saul elevou sua terra natal, *Gabaa*, à categoria de capital (Samuel I 10.26, 11.4), reuniu em volta de si uma pequena tropa permanente e iniciou uma campanha de guerrilhas (Samuel I 13.1 e seguintes). Por meio de ataques de surpresa, ele expulsou as guarnições dos filisteus do território das tribos.

Que Saul era um grande tático seria demonstrado novamente três mil anos mais tarde. Um simples exemplo servirá para mostrar o quanto a Bíblia é exata

até nos menores detalhes e o quanto é digna de confiança em seus dados e tradições.

Devemos ao major britânico Vivian Gilbert a narrativa de um acontecimento verdadeiramente extraordinário. Escreve ele em suas memórias de campanha: ⁽⁴⁹⁾"Uma ocasião, durante a Primeira Guerra Mundial, um ajudante-de-ordens de um general de brigada do exército do General Allenby na Palestina procurava na Bíblia certo nome com o auxílio de uma vela. Sua brigada recebera ordem de tomar uma aldeia situada num monte rochoso, do outro lado de um vale profundo, chamada *Macmas*. Ele tinha a impressão de conhecer esse nome. Por fim, encontrou-o no capítulo 13 do Livro Primeiro de Samuel e leu: *'E Saul e Jônatas, seu filho, e a gente que tinha ficado com eles, estavam em Gabaá de Benjamim; os filisteus, porém, estavam em Macmas'*. A seguir está escrito como Jônatas e seus homens de armas se dirigiram de noite à *'guarnição dos filisteus'*, chegando a uns *'rochedos agudos de ambas as partes'*, *'um dos quais se chamava Boses e o outro, Sene'* (Samuel I 14.4). Escalaram a rampa e dominaram os guardas *'na metade de uma geira, espaço que uma junta de bois costuma lavrar num dia'*. O tumulto acordou o exército inimigo que, julgando-se cercado pelas tropas de Saul, *'dispersou-se e fugiu em todas as direções'* (Samuel I 14.14 e 16).

"Depois Saul atacou com todas as suas forças e venceu: *'E naquele dia o Senhor salvou Israel'*.

"O ajudante-de-ordens pensou que aquele passo entre rochedos, as duas rochas altas e o 'campo' deviam existir ainda. Despertou o comandante e leu com ele toda a passagem da Bíblia. Despacharam patrulhas, que encontraram o passo, guarnecido por poucos soldados turcos, espremido entre dois picos — evidentemente *Boses* e *Sene*. Lá no alto, junto a *Macmas* avistava-se um pequeno campo plano iluminado pelo luar. O comandante modificou seu plano de ataque. Em vez de mandar toda a brigada, enviou apenas uma companhia, no meio da noite, atravessar o desfiladeiro. Os poucos turcos com que toparam foram subjugados em silêncio e a ladeira, escalada... e, pouco antes de romper o dia, a companhia encontrava-se na *'meia geira'* de terreno plano.

"Os turcos despertaram e fugiram desordenadamente, pois julgaram estar cercados pelo exército do General Allenby. Foram todos mortos ou feitos prisioneiros.

"E assim foi que, depois de milhares de anos", conclui o Major Gilbert, "uma tropa inglesa imitou com êxito a tática de Saul e Jônatas."

Os sucessos de Saul incutiram novo ânimo em Israel. O pesadelo de ocupação estrangeira foi realmente afastado, mas só por um breve momento. Na primavera seguinte, os filisteus prepararam-se para um contra-ataque. Pelo fim da época das chuvas de inverno, eles reuniram de novo suas forças em Afec (Samuel I 29.1). Dessa vez, porém, procederam de maneira diferente. Renunciaram a atacar a montanha, onde Israel estava demasiado familiarizado

com o terreno. Os príncipes filisteus seguiram para o norte através da planície litorânea de Jezrael (Samuel I 29.11), o teatro da batalha de Débora "*em Tenac, junto às águas de Megido*" e, mais para leste, quase até a margem do Jordão.

"*Junto da fonte que havia em Jezrael*" (Samuel I 29.1) — isto é, a fonte de Harod, ao fundo dos montes de Gelboé —, Saul e suas forças arriscaram um encontro na planície! Foi uma calamidade. Logo no primeiro combate, seu exército foi destruído, os fugitivos, abatidos e perseguidos, e o próprio Saul se matou depois de terem sido mortos seus filhos.

O triunfo dos filisteus foi completo. Israel inteiro foi ocupado — a região central, Galiléia, e a região a leste do Jordão (Samuel I 31.7). Empalaram o cadáver de Saul e os cadáveres de seus filhos e expuseram-nos sobre o muro da cidade de Bet Shan, não longe do campo de batalha: "*e puseram as armas de Saul no templo de Astárot*" (Samuel I 31.10), a deusa da fecundidade. Parecia haver soado a última hora de Israel. Israel parecia condenado à destruição. O primeiro reinado, iniciado com tanta esperança, terminou de maneira terrível. Um povo livre caiu na escravidão, sua *Terra Prometida* caiu em poder dos estrangeiros.

As pás desenterraram de sombrios e pesados escombros os testemunhos mudos desse período de fatalidade. O vento sopra através das pedras quebradas e fragmentadas dos muros onde se cumpriram a ventura e a tragédia de Israel... ruínas que viram Saul em seus momentos felizes quando jovem rei e o seu fim ignominioso!

Cinco quilômetros ao norte de Jerusalém, bem junto da estrada que desde tempos antigos conduzia a Samaria, fica o Tell el-Ful, que significa "monte dos Feijões", a antiga Gabaa.

Em 1922, uma equipe das American Schools of Oriental Research começou a escavar nesse ponto. Dirigia os trabalhos o Prof. W. F. Albright, que os iniciara. Vieram à luz restos de muralhas. Depois de uma longa interrupção, em 1933 Albright continuou seu trabalho no Tell el-Ful. Foi posta a descoberto uma maciça torre quadrangular, à qual, dentro em pouco, se seguiram mais três. Essas torres são ligadas por uma dupla muralha. O interior é constituído por um pátio aberto. A construção mede quarenta por vinte e cinco metros. É tosca, de pedra talhada, mas imponente em sua rusticidade.

Albright examinou os fragmentos de barro espalhados entre as ruínas. São vasilhas que estavam em uso pelos anos 1020 a 1000 a.C.

Albright descobriu a cidadela de Saul, o primeiro castelo real de Israel, onde o rei se sentava "*segundo o costume, na sua cadeira, que estava junto à parede*" (Samuel I 20.25). Aí tomava lugar Saul como rei, no círculo de seus companheiros mais íntimos, com Jônatas, seu filho, com seu primo, o Capitão Abner, e com Davi, seu jovem escudeiro. Aí ele forjava planos para a libertação de Israel, daí ele dirigia as incursões dos guerrilheiros contra os odiados filisteus.

Outro cenário em que se cumpriu o destino do Rei Saul e que a pesquisa pôs

de novo a descoberto fica setenta quilômetros ao norte dali. Na borda da planície de Jezrael, ergue-se a majestosa colina de ruínas de Tell el-Husn, visível de longe através do vale do Jordão, para o qual pende o terreno nesse lugar. É o local da antiga *Bet Shan*. Em meio a montes de pedras afastadas das ruínas, ergueram-se, nas encostas norte e sul, os embasamentos de dois templos.

Foram postos a descoberto por arqueólogos da Universidade da Pensilvânia, dirigidos por Clarence S. Fisher, Alan Rowe e G. M. Fitzgerald, em 1921 e 1933, quase ao mesmo tempo em que foi redescoberta em Gabaa a residência do Rei Saul.

Objetos de culto encontrados entre as ruínas, sobretudo plaquinhas e pequenos escríptos que têm como motivo de decoração a serpente, indicam que esses templos eram consagrados a Astartéia, a deusa da fecundidade de Canaã, e a Dago, o principal deus dos filisteus — um ente meio homem, meio peixe. Seus muros foram testemunhas do que os filisteus fizeram com Saul depois da vitória, segundo conta a Bíblia. *"E puseram as armas dele no templo de Astárot, e suspenderam o seu corpo no muro de Bet Shan"* (Samuel I 31.10). A casa de Astárot são as ruínas do templo do sul. *"... e pregaram a cabeça no templo de Dago"* (Crônica I 10.10). Este é o templo desenterrado na encosta norte.

Parte V - Quando Israel era um grande reino - De Davi a Salomão

O grande Rei Davi

Uma personalidade genial — De escudeiro a grande rei — Auxílio armado involuntário à Assíria — Do Orontes a Asiongaber — Represália em Bet Shan — Novas construções com muralhas tipo casamata — Jerusalém caiu por astúcia — Warren descobre um poço que conduz à cidade — O "Sopher" tinha a seu cargo os anais do reino — Davi chamava-se Davi? — A tinta como novidade — O clima da "Palestina é inimigo dos documentos

Foram também os anciões de Israel ter com o rei a Hebron, e ali o Rei Davi fez aliança com eles diante do Senhor, e eles ungiram Davi para rei sobre Israel. E reinou quarenta anos (Samuel II 5.3,4).

O novo rei era dotado de um espírito tão múltiplo que é difícil saber qual das suas aptidões era mais digna de admiração. Dificilmente se encontrará no mundo nos últimos séculos uma personalidade tão genial como Davi e de tal envergadura. Onde existe um homem que seja igualmente notável como estrategista e construtor de uma nação, como poeta e músico?

Seja como for, nenhum povo se dedicou mais à música do que os habitantes de Canaã. A Palestina e a Síria foram famosas por seus músicos, como pode ser verificado em documentos egípcios e mesopotâmicos. Entre os objetos imprescindíveis que levava consigo o grupo de caravaneiros do mural de Beni Hassan, em sua peregrinação ao Egito, encontram-se instrumentos musicais. O instrumento mais popular é a lira de oito cordas. De Canaã a lira passou ao Egito e à Grécia.

No novo império do Egito (1580-1085 a.C.) há séries de inscrições e relevos que têm como tema os músicos e instrumentos de Canaã. Canaã era a fonte inesgotável de músicos e entre eles os mordomos e camareiros da corte escolhiam os seus solistas e até conjuntos para distrair os soberanos do Nilo, do Eufrates ou do Tigre. Procuravam-se principalmente orquestras de mulheres e dançarinas. Não eram raridade artistas com contratos internacionais. E quando, no ano 701 a.C., o Rei Ezequias de Judá mandou cantores e cantoras ao temido Rei Senáquerib, sabia bem o que fazia.

Do profundo desespero e angústia em que se encontrava sob o jugo dos filisteus, Israel se elevou em poucos decênios a uma posição de poder, prestígio e grandeza. E isso foi obra exclusiva de Davi. De modesto escudeiro de Saul, tornou-se *condottiere*, temível *maquis* contra os filisteus... e na velhice ocupou o trono de um povo que estava se tornando uma grande potência.

Como a conquista de Canaã alguns séculos antes sob Josué, assim também a obra de Davi foi favorecida por circunstâncias exteriores. Pela passagem do último milênio antes de Cristo, não havia na Mesopotâmia nem na Ásia Menor, na Síria nem no Egito, um só Estado que pudesse impedir a expansão de Canaã para fora do seu território.

Desde que Ramsés XI, o último representante da dinastia ramssênida, morreu, por volta de 1080 a.C., o Egito caiu nas mãos ávidas de uma facção sacerdotal que governava o país de sua sede em Tebas. Riquezas imensas passaram a ser propriedade do templo.



Figura 30 - Músicos prisioneiros de Judá

Já cem anos antes, informa o Papiro Harris, dois por cento da população trabalhava como escravos do templo, e quinze por cento da terra cultivada eram propriedade de mão morta. Meio milhão de cabeças de gado era o seu rebanho. Uma frota de oitenta e oito navios, cinquenta e três oficinas e estaleiros, cento e sessenta e nove povoações e cidades estavam sob o poder dos sacerdotes. O esplendor diário do ritual dos grandes deuses desafia qualquer descrição. Só na confecção das balanças do templo de Heliópolis, em que se pesavam as oferendas, foram empregados noventa e cinco quilos de ouro e duzentos e sete de prata. Oito mil escravos eram empregados para cuidar dos magníficos jardins de Amon na velha capital de Pi-Ramsés, no Delta.

Um documento singular, o relatório de viagem do enviado egípcio Wen-Amon, no ano 1080 a.C., informa a respeito do prestígio do Egito no exterior sob

o domínio dos sacerdotes. Wen-Amon recebeu o encargo de ir à Fenícia buscar madeira de cedro para a barca sagrada do deus Amon em Tebas. Herihor, o grão-sacerdote, muniu-o de uma quantidade insignificante de ouro e prata e de uma imagem de Amon, com a qual, ao que parece, esperava um êxito ainda maior.

Os terrores por que ele passou na viagem percebem-se ainda hoje na narrativa de Wen-Amon. Trataram-no como mendigo e criminoso nas cidades da costa, roubaram-no, zombaram dele e espancaram-no quase até matá-lo. Ele, um enviado do Egito, cujos antepassados eram sempre recebidos com toda a pompa e grandes demonstrações de respeito!

Já roubado pelo caminho, Wen-Amon chegou finalmente ao termo da sua viagem. "Cheguei ao porto de Biblos. O príncipe de Biblos mandou-me procurar e dizer:

"Afasta-te do meu porto".

Assim aconteceu durante dezenove dias. Já o desesperado Wen-Amon dispunha-se a voltar, "quando o mestre do porto veio a mim e me disse:

"Fica até amanhã à disposição do príncipe!..."

"Quando veio a manhã, ele me mandou chamar... Encontrei-o no seu aposento superior, de costas para a janela e encostado ao peitoril... Ele me disse:

" Com que missão vieste aqui?"

"Eu lhe disse:"

" Vim buscar a madeira para a grande e magnífica barca de AmonRe, o rei deus. Teu pai a forneceu, teu avô a forneceu e tu a forneceras também..."

"Ele me disse:"

" É verdade, eles a forneceram... Na realidade, os meus atendiam a esse pedido, mas o faraó mandava ao mesmo tempo seis navios carregados de produtos do Egito... Quanto ao que a mim se refere, não sou teu servo nem servo daquele que te mandou... Que viagens inúteis te obrigaram a fazer!"

"Eu lhe disse:"

" Ora! Não são viagens inúteis as que estou fazendo..."

Em vão Wen-Amon evocou o poderio e a glória do Egito, em vão tentou barganhar com o príncipe oferecendo-lhe pela madeira, em vez de dinheiro, oráculos e uma imagem do deus, que teria a virtude de lhe dar vida e saúde. Só depois que chegou um mensageiro de Wen-Amon com vasos de prata e ouro, finos tecidos de linho, rolos de papiro e cordas, além de vinte sacos de lentilhas e trinta cestas de peixe do Egito, é que o príncipe mandou abater os desejados cedros.

"...No terceiro mês do verão, arrastaram-nos até a praia. O príncipe veio a mim... e disse-me:"

" Vê, chegou o resto da tua madeira, e aí está. Agora atende à minha vontade

e manda carregá-la, pois ela te foi dada na realidade. Sê breve em partir e não pretextes que a época do ano não é propícia."

Davi nada tinha a temer de uma terra cujos embaixadores se viam obrigados a suportar tais faltas de respeito e humilhações dos príncipes de cidades. Foi, pois, avançando para o sul e conquistou o reino de Edom, que em outro tempo havia impedido Moisés de passar pela "estrada real" (Samuel I 8.14). Assim, Davi adquiriu um território de suma importância econômica. O deserto de Arábia, que se estende da costa sul do mar Morto até o golfo de Acaba, é rico em cobre e ferro. O minério de ferro devia convir sobremodo a Davi. Os inimigos mais perigosos de Israel, os filisteus, tinham o monopólio de ferro internamente (Samuel I 13.19, 20). Quem dominasse Edom estaria em condições de destruir o monopólio dos filisteus. Davi não hesitou. *"Davi preparou também muitíssimo ferro para os pregos das portas, e para travar as juntas, e uma quantidade imensa de bronze"* (Crônicas I 22.3).

Ao sul de Edom terminava também o mais importante caminho das caravanas do sul da Arábia, a célebre "estrada do incenso". Com o avanço até a costa do golfo de Ácaba, ficou também aberto o caminho marítimo pelo mar Vermelho até as costas distantes do sul da Arábia e do ocidente da África.

Igualmente, tornou-se favorável a situação para o avanço em direção ao norte.

Nas extensas planícies ao pé do Hermon e nos férteis vales aquém do Antilibano, havia algumas tribos árabes do deserto. Essas tribos haviam se tornado sedentárias e pertenciam a um povo que estava destinado a representar um papel importante na vida de Israel: os arameus. A Bíblia chama-os simplesmente de *sírios*. Havia fundado cidades-Estados e pequenos reinos até o rio Jarmuk isto é, ao sul do lago de Genesaré, na Jordânia oriental.

Por volta de 1000 a.C., dispunham-se a avançar para leste, até a Mesopotâmia. Então se chocaram com os assírios, que nos séculos seguintes se tornaram potência mundial no antigo Oriente. Depois da queda de Babilônia, os assírios haviam submetido a Mesopotâmia até o curso superior do Eufrates. Os textos cuneiformes dessa época, encontrados nos palácios do Tigre, mencionam um perigo que ameaçava do oeste da Assíria, e que consistia em ataques e avanços cada vez mais ousados dos arameus.

Nessa situação, Davi avançou da parte oriental da Jordânia mais para o norte, até o Orontes. A Bíblia reza: "Nesse tempo Davi derrotou também Adazer, rei de Soba, no país de Hama quando partiu para estender o seu império até o rio Eufrates" (Crônicas I 18.3). Uma comparação com textos assírios contemporâneos mostra a exatidão com que essas palavras da Bíblia esboçam a situação histórica. O Rei Davi derrotou o rei dos arameus quando este se dispunha a conquistar território assírio no Eufrates.

Sem se dar conta disso, Davi prestou, assim, auxílio armado àqueles que mais

tarde aniquilariam o reino de Israel.

Davi levou a fronteira de Israel até o fértil vale do Orontes. Seus postos de guarda mais ao norte ficavam junto ao lago de Homs, ao pé do Líbano, onde hoje brota de grossos oleodutos o petróleo do longínquo Kirkuk. Até Asiongaber, no mar Vermelho, a extremidade sul do reino, a distância é de seiscentos quilômetros.

As pás desenterraram numerosos testemunhos da conquista e edificação do reino sob Davi. O avanço é assinalado por vestígios claros, entre outros, incêndios aniquiladores nas cidades da planície de Jezrael. Não muito depois do ano 1000 a.C., Bet Shan foi arrasada juntamente com seus santuários de culto pagão. Os arqueólogos da Universidade da Pensilvânia desenterraram, nesse lugar de lutas implacáveis, templos destruídos, grossas camadas de cinzas sobre muros desmoronados, objetos de culto e vasilhas dos filisteus. A vingança de Davi atingiu com um golpe arrasador a cidade em que tivera lugar o fim ignominioso do primeiro rei de Israel, golpe esse de que ela não se recuperou durante longo tempo. Sobre a camada de cinzas, não há nada que indique qualquer estabelecimento humano nos séculos seguintes.

Conservaram-se muitas construções dos primeiros tempos do reinado de Davi, sobretudo fortificações em Judá, erigidas como defesa contra os filisteus. Essas construções refletem claramente o modelo da fortaleza de Saul em Gabaa. São o mesmo tipo tosco de casamata. Em Jerusalém, residência de Davi nos últimos anos, distinguem-se perfeitamente os alicerces de uma torre e grandes seções de um revestimento de muralha, que são indubitavelmente obra de Davi. *"E Davi habitou na fortaleza, e chamou-a cidade de Davi; e levantou edifícios em redor..."* (Samuel II 5.9). A maneira estranha como a bem defendida fortaleza de Jerusalém caiu nas mãos de Davi foi descoberta por acaso no século passado e graças à sagacidade do capitão inglês Warren.

Na encosta oriental de Jerusalém, no vale de Cedron, existe uma fonte chamada Ain Sitti Maryam (a "fonte da Virgem Maria"). No Velho Testamento é chamada Gion ("borbotão") e constitui, desde tempos imemoriais, o principal abastecimento de água dos habitantes. Passando junto às ruínas de uma mesquita, o caminho conduz a uma caverna. Trinta degraus levam ao fundo, onde há uma pequena bacia, que recebe a água que brota do interior do monte.



Foto - Ursula Kohn, Hamburgo.

O povo chama "Colunas do Rei Salomão" a esses contrafortes de rocha, na região sul do Nadi e'Arab, nas proximidades do golfo de Ácaba, conquanto as "minas de cobre do Rei Salomão" estejam sendo mostradas em Timna, a pouca distância de lá. Todavia, hoje em dia, sabe-se ao certo que, justamente nos tempos do Rei Salomão, não houve extração de cobre naquela zona mineira.



Foto - Librairie Arthème Fayard, Paris.

Vista das escavações modelares no Tell el-Mutesellim. Os trabalhadores, dispostos em cadeia, fazem subir as cestas cheias de escombros. Eles se encontram (de cima para baixo) nas ruínas dos períodos persa, babilônio, assírio

e israelita. No estrato IV foram descobertos os estábulos, as cocheiras reais e o palácio construído para o Governador "Bana... de Megido" (Reis I 4.12).

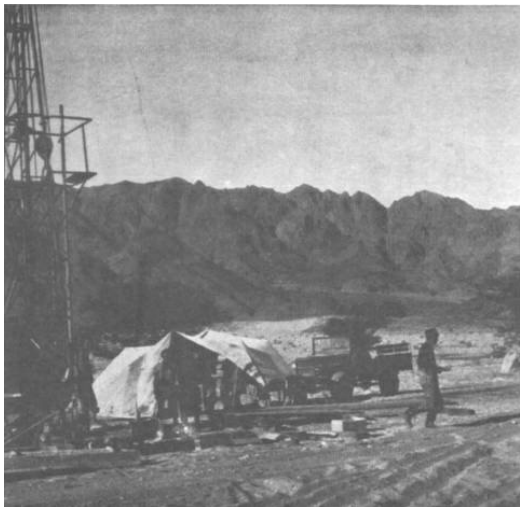
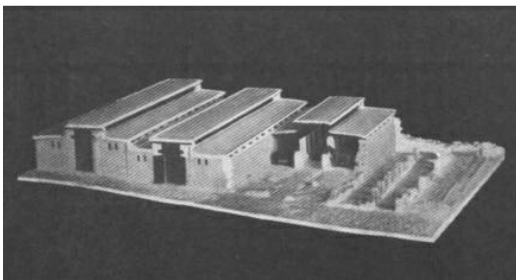


Foto - Ursula Kohn, Hamburgo. — Extração de cobre, depois de três mil anos, nas minas do Rei Salomão, no mar Vermelho.



Fotos - Verlag I. C. Heinrich'sche Buchhandlung, Leipzig

— **(acima)**: As "cavalariças do Rei Salomão", mostradas em Megido, na realidade, tiveram a sua reconstrução completada somente durante o reinado de Acab, de Israel, e talvez nem fossem cavalariças, mas sim um depósito. —

(abaixo): Reconstrução (Museu da Pensilvania. EUA).

Em 1867, o Capitão Warren visitou com um grupo de peregrinos a famosa fonte, na qual, segundo uma lenda, Maria lavou outrora as fraldas do Menino Jesus. A visita aconteceu já quase ao crepúsculo, mas, apesar disso, Warren notou um buraco escuro poucos metros acima do lugar onde brotava a fonte. Tornou-se evidente que nunca ninguém o tinha notado antes, pois, quando Warren indagou a respeito, ninguém lhe soube responder. Curiosamente, no dia seguinte ele visitou de novo a Fonte da Virgem Maria munido de uma escada e uma corda. Ele não imaginava que tinha pela frente uma exploração acidentada e bastante perigosa.

Acima da fonte, começava um estreito túnel que subia verticalmente.

Warren era alpinista e perito em escalar chaminés. Cautelosamente foi subindo pelo poço. Cerca de treze metros acima, este terminou de repente. Apalpando na escuridão, encontrou por fim uma passagem estreita, e foi avançando por ela. Nesta passagem, havia diversos degraus cavados na rocha. Ao fim de bastante tempo notou à sua frente uma luz difusa. Chegou a um espaço abobadado que continha apenas bilhas e garrafas de vidro empoeiradas. Por uma fenda Warren içou-se para a liberdade... e encontrou-se na cidade, com a Fonte da Virgem Maria debaixo de si, lá nas profundezas da terra!

Pesquisas mais minuciosas, levadas a efeito pelo inglês Parker em 1910, por incumbência do Palestine Exploration Fund, revelaram que essa notável passagem datava do segundo milênio antes de Cristo. Os habitantes da antiga Jerusalém tinham aberto laboriosamente um túnel na rocha a fim de, quando sitiados, poderem chegar sem perigo à fonte vital.

A curiosidade de Warren revelara a passagem que permitira a Davi surpreender a fortaleza de Jerusalém cerca de três mil anos antes. Os informantes de Davi deviam conhecer esse túnel secreto, como se percebe agora por uma indicação da Bíblia, antes incompreensível. Diz Davi: "*Quem ferir os jebuseus e chegar à goteira. . .*" ⁽⁵⁰⁾ (Samuel II 5.8). O que Lutero traduziu por "goteira" é a palavra hebraica "*sinnor*", que significa "cano" ou "canal".

Contudo, Warren conseguiu apenas metade da solução, pois a abertura do poço situava-se fora das muralhas que, àquela época, eram consideradas como as muralhas da antiga Jerusalém jebuséia, anterior aos dias do Rei Davi. Logo, quem tivesse passado pelo "cano" ainda teria ficado *diante* das muralhas jebuséias. Somente com as escavações extensas, empreendidas por Kathleen M. Kenyon, nos anos 60, a questão ficou devidamente esclarecida: a muralha da suposta Jerusalém mais antiga não era tão antiga como se supunha, pois foi desenterrada uma muralha bem mais antiga, que efetivamente data dos dias pré-davídicos, e aquela muralha passava na vertente, *debaixo* da abertura de acesso ao poço!

Assim, os homens de Davi que passaram pelo acesso ao poço não se

encontraram *diante*, mas sim um bom trecho *atrás* da muralha de Jerusalém, efetivamente mais antiga, e, portanto, estavam bem no *centro da cidade* que deviam conquistar... Eis a confirmação de Samuel II 5.8, a qual desvenda muito do mistério daquele versículo misterioso.

Com Davi começa no Velho Testamento a precisa informação histórica. "A tradição de Davi deve ser considerada histórica em sua maior parte", escreve o exigente crítico Martim Noth, professor de teologia. A crônica contemporânea torna-se mais autêntica passo a passo com a formação gradual de uma potência política, que nasceu por obra de Davi, e que é uma coisa nova completamente estranha a Israel. Um aglomerado frouxo de tribos transformara-se em uma nação; uma terra de colonização tornou-se um grande império, ocupando os territórios da Palestina e da Síria.

Davi criou para esse grande Estado uma administração civil, à frente da qual se encontravam o chanceler e o *sopher*. "*Sopher*" significa "escriva" (Samuel II 8.16,17). Um escriva ocupando o segundo posto na hierarquia do Estado?

Hoje, com o exército de milhões de secretárias e secretários, com os milhares de toneladas de papel que dia a dia passam por suas máquinas de escrever e se cobrem de caracteres, o esplendor mítico do "escriva" desapareceu há muito tempo. A mais invejada secretária de um magnata do petróleo não pode comparar-se a um de seus antigos colegas. Nem no que ele ganhava e muito menos ainda em sua influência. No palco do antigo Oriente, os escribas representavam um papel incomparável nessa profissão. Não admira, pois muito dependia deles! Os conquistadores e soberanos dos grandes impérios eram seus patrões... e não sabiam ler nem escrever!

Isso se percebe claramente no estilo das cartas. Não se fala em primeiro lugar do destinatário a quem a carta ou a mensagem é dirigida. A primazia é dada às saudações e bênçãos aos colegas. Tampouco falta a recomendação de que o conteúdo da escritura seja lido com clareza e, o que mais importante, corretamente, sem saltar nada!



Figura 31 - Numa chancelaria do Nilo.

O que se passava no domínio dos escribas está descrito vividamente numa cena que representa o Ministério dos Assuntos Exteriores do Faraó Merenptah. A sala dos escribas é dividida em três salas oblongas. Em cada uma das salas laterais estão acomodados apertadamente dez secretários.

Apoiam um pé num escabelo e sobre seus joelhos repousam grandes rolos de papiros. A espaçosa nave central é reservada ao alto chefe. Um servo espanta as moscas incômodas com um abano. À entrada encontra-se um porteiro. Um diz ao outro:

"Asperge água e refresca o escritório! O chefe senta-se e escreve!" Ora, no escritório dos escribas da corte de Jerusalém as coisas não deviam apresentar-se com tanta pompa. O jovem Estado de Israel era ainda muito rústico e pobre para isso. Não obstante, o escriba de Davi devia ser um alto e temido funcionário. A ele estavam afetos os "Anais do Reino", que certamente constituíram as bases de todos os dados concretos da Bíblia sobre a organização da administração e o bem-estar público durante o reinado de Davi. A ele competia o grande recenseamento feito segundo o comprovado sistema de Mari (Samuel II 24), bem como a nomeação de sua guarda pessoal, uma espécie de Guarda Suíça, constituída de cretenses e filisteus (Samuel II 8.18; 15.18; 20.7).

Foi também o *sopher*, sem dúvida, o primeiro que escreveu o novo nome de seu soberano.

Esse nome causou muita dor de cabeça aos cientistas, pois em textos do antigo Oriente — textos de Mari — aparece uma palavra de fonética muito semelhante, a saber: "*dâvidum*". Será que esse termo enigmático queria dizer

"chefe de tropas", "comandante", "capitão", "chefe" — e, por conseguinte, o nome do Rei Davi nem era o seu nome próprio, mas sim um título, convertido em nome do trono real? Acresce ainda que, por diversas vezes, a Bíblia menciona um certo Baal-Hanã (Gênesis 36.38), filho de Acbor, que sucedeu a Saul (Crônicas I 1.49), e ainda um certo Adeodato (ou seja, Elanã), que, uma vez, teria vencido Golias, o inimigo "clássico" de Davi, e, outra vez, teria derrotado um irmão de Golias, de Ghat (Samuel II 21.19; Crônicas I 20.5). Sem dúvida, os nomes Baal-Hanã e Elanã prendem-se aos das deidades cananéias, Baal e El. E, se assim fosse, Davi ter-se-ia chamado originariamente Baal-Hanã ou Elanã, para somente com sua ascensão ao trono tomar o nome de Davi? Cerca de trinta anos atrás, era o que acreditavam numerosos cientistas. Entretanto, já se mudou um pouco de idéia e a questão do nexo lingüístico entre "Davi" e "dâvidum" está sendo tratada com maior reserva e discrição, pois nesse meio tempo soube-se que "dâvidum" não quer dizer "chefe de tropas", mas sim "derrota", e obviamente ninguém iria pensar em derivar de tal termo o título de um soberano. Da mesma forma, está claro que nomes próprios como Baal-Hanã ou Elanã, relacionados com os nomes de deidades cananéias, dificilmente teriam encontrado o aplauso dos autores da Bíblia. Assim, fica em aberto a questão referente ao nome próprio de Davi.

O tema "escritura" motivou controvérsias entre os críticos.

No Egito encontraram-se grandes quantidades de papiros, na Babilônia e na Assíria, inúmeras tabuinhas com inscrições cuneiformes... mas onde estão os documentos escritos da Palestina?

Os arqueólogos e os meteorologistas poderão dar cada um sua opinião sobre esse assunto:

Pelo fim do último milênio antes de Cristo, Canaã trocou a angulosa escrita cuneiforme e os pesados tijolos de barro por um método de escrita menos complicado. Até então os textos precisavam ser gravados com buril no barro mole, que depois era cozido no forno ou secado ao sol, um processo que levava muito tempo antes que as grossas cartas de barro fossem despachadas para o seu destinatário. Começou a ser usada cada vez mais uma escrita de signos curvados, o alfabeto, que nós já encontramos nos ensaios de escrita dos mineiros semitas no Sinai. Por certo, o buril e o barro foram considerados impróprios para a execução das novas letras, ligeiramente curvas. Procuraram-se, portanto, novos instrumentos de escrita, que consistiram nas finas tabuinhas de barro cozido e no tinteiro e pincel. O arqueólogo chama "*ostrakon*" a essas tabuinhas escritas, às quais, em alguns casos, fazia companhia o material de escrita mais elegante da Antigüidade — o papiro. A narrativa de Wen-Amon mostra o quanto era grande a procura deste artigo de exportação egípcio. O príncipe de Biblos recebeu quinhentos rolos de papiro como parte da compensação pelos cedros. Quinhentos rolos equivalem a dois mil metros de superfície para escrever!

Na Palestina, o clima é úmido no inverno por causa das chuvas. No clima úmido, a escritura feita à tinta na pedra desaparece muito rapidamente, e o papiro apodrece em pouco tempo. Por infelicidade para os arqueólogos, para os pesquisadores e para os historiadores, perderam-se assim para a posteridade quase todos os documentos e notícias de Canaã. Se os arqueólogos conseguiram uma presa tão compensadora no Egito, devem agradecê-lo unicamente à proximidade do deserto e ao clima extraordinariamente seco.

Salomão, rei do cobre

Expedição ao golfo de Ácaba — Minério de ferro e malaquita — Glueck descobre Asiongaber — As tempestades do deserto serviam de foles — A Pittsburgh do antigo Israel — Estaleiros no mar Vermelho — Hirão forneceu a madeira para a construção — Capitães de navio de Tiro — Ofir, a terra misteriosa — Um retrato egípcio da rainha de Punt — Os pesquisadores americanos compram um "tell" — Escavação modelo em Megido — Jezrael, planície do destino — Grandes cavalações reais com quatrocentas e cinquenta baías

Ora, o rei Salomão reinava sobre todo Israel (Reis I 4.1) e Salomão tinha quarenta mil manjedouras de cavalos para as carroças de guerra, e doze mil cavalos de montar (Reis I 4.26).

Ele construiu... todas as cidades dos celeiros [\(51\)](#) e as cidades dos carros, e as cidades da gente de cavalo... (Reis I 9.19).

Equipou também o Rei Salomão uma frota em Asiongaber, que é perto de Aliat... e foram a Ofir... (Reis I 9.26 e 28).

Todos os vasos, por onde bebia o Rei Salomão, eram de ouro... pois de prata não se fazia apreço algum no tempo de Salomão. Pois a frota do rei trazia... ouro e prata, e dentes de elefante e bugios, e pavões (Reis I 10.21 e 22).

A casa, porém, que Salomão edificou em honra do Senhor... era toda coberta de ouro... (Reis I 6.2 e 22).

Do Egito... eram trazidos cavalos para Salomão e toda sorte de mercadorias... e levavam os cavalos, por sua mão, a todos os reis dos heteus e da Síria (Reis I 10.28, 29).

E o peso de ouro, que era levado a Salomão todos os anos, era de seiscentos e sessenta e seis talentos de ouro (Reis I 10.14).

Isso não parece inteiramente fabuloso?



Figura 32 - A vida num harém. Salomão "teve setecentas mulheres..." (Reis I 11.3).

Um homem de quem tanto se fala terá dificuldade em não tender à jactância, mesmo que seja um rei. E o cronista que tais coisas escreve adquire facilmente fama de fanfarrão. É verdade que existem fábulas na Bíblia, puras fábulas como a história do feiticeiro Balaão e a jumenta falante (Números 22), a história de Jonas, que foi engolido por um grande peixe (Jonas 2), ou a história de Sansão, a quem dava força a cabeleira longa (Juizes 13 a 16). Mas a mais fabulosa de todas as histórias não é fábula.

Os arqueólogos atacaram com as pás a credibilidade das histórias de Salomão, e eis que Salomão se tornou o seu argumento mais sólido em favor da veracidade da Bíblia.

Se despimos a "lenda" do Rei Salomão de seus atavios, fica um esqueleto de frios fatos históricos. Essa foi uma das descobertas mais sensacionais de poucos anos atrás. Só em 1937 uma grande quantidade de achados surpreendentes feitos por duas expedições americanas trouxe a prova do conteúdo verdadeiro dessa narrativa bíblica.

Uma caravana de camelos deixou Jerusalém bem provida dos

mais modernos instrumentos de pesquisa arqueológica, de perfuratrizes, pás e picaretas e acompanhada de geólogos, historiadores, arquitetos, escavadores e fotógrafos, que se tornaram indispensáveis em todas as expedições modernas. O chefe era Nelson Glueck, membro, como todos os outros, das famosas American Schools of Oriental Research.

Não tardou que os montes pardos de Judá ficassem para trás. Atravessando o deserto do Neguev, prosseguiram para o sul. E então a caravana chegou ao Uadi e'Arab ("vale do Deserto"). Os homens sentiram-se transportados de repente a uma paisagem primitiva, onde forças titânicas das profundezas deixaram suas marcas quando transformaram a terra nesse lugar. O vale do Deserto faz parte da fenda prodigiosa que começa na Ásia Menor e só termina na África.

Os pesquisadores prestaram seu tributo de admiração ao majestoso cenário e voltaram a atenção para a tarefa que os esperava. Observaram atentamente as escarpas rochosas ao redor. Segundo a posição do sol, mudavam as cores e a gradação das sombras das rochas, das quais foram tiradas amostras de vários locais. Seu exame revelou tratar-se de escuro e argiloso feldspato, mica branco prateada e, nos lugares onde a rocha apresentava um colorido negro avermelhado, minério de ferro e um mineral verde — malaquita!

Por toda parte, no extenso vale, os pesquisadores americanos notaram a presença de minérios de ferro e cobre. Onde as amostras de rocha apresentavam conteúdo de minério, havia também galerias abertas no rochedo, vestígios de minas há muito abandonadas.

Por fim, a caravana chegou à margem do golfo. Por mais convidativas que fossem as casas brancas de Ácaba, a *Aliat* da Bíblia, sob o sol ofuscante, por mais sedutor que se lhes apresentasse o tumulto da cidade portuária, com seus costumes orientais, os pesquisadores voltaram as costas a essa encruzilhada de três mundos⁽⁵²⁾. Porque o seu destino era o Tell el-Kheleifh. Essa colina solitária, que parecia ser apenas um amontoado de escombros, erguia-se mais para o interior, na planície sem sombras.

Alguns golpes de escavadeira dados com cuidado levaram a pesquisa a um resultado rápido e um êxito imprevisto. Saíram à luz anzóis; eram de cobre. Depois tijolos, restos de muros. Alguns torrões endurecidos perto do tell apresentavam vestígios verdes. Era escória. Por toda parte os homens encontram grés com a cor verde característica...

À noite, na tenda, Glueck examinava os resultados do trabalho. Não havia, a bem dizer, coisa alguma que valesse a pena. Mas a verdade é que toda a Transjordânia estava incluída no programa. Em Edom, Moab, Amon, até Damasco mesmo, Glueck seguiria pesquisando em busca de testemunhos do passado. Folheando as notas, ficou pensativo. Minério de ferro e malaquita no Araba... e ali, no monte de entulho em frente da sua tenda, restos de muros, escória e anzóis de cobre... e tudo isso bem perto do golfo, que na Bíblia era

designado por *"mar dos Juncos"*. Meditativo, Glueck procurou a passagem da Bíblia que mencionava o mar dos Juncos em relação com um grande rei: *"Equipou também o Rei Salomão uma frota em Asiongaber, que é perto de Aliat, na praia do mar dos Juncos, na terra da Iduméia"* (Reis I 9.26). Edom, nos tempos bíblicos, estendia-se até o golfo do mar Vermelho. Não seria aquele *tell...* ?

Ainda era noite quando Glueck chamou seus colaboradores para uma conferência, na qual planejaram para o dia seguinte uma pesquisa metódica do Tell el-Kheleifh. Abrindo poços de exploração, encontraram novamente muros em vários lugares. Sob esses muros, a terra era virgem. Os fragmentos de cerâmica achados proporcionaram um ponto de referência para estabelecer a época em que esses muros foram construídos. Datavam das décadas do reinado de Salomão, isto é, do ano 1000 a.C., aproximadamente.

A premência de tempo obrigou Glueck a interromper os trabalhos.

Aquela expedição tinha outras missões. Portanto, nos anos seguintes os americanos prosseguiram nas escavações, em três campanhas, que terminaram em 1940, e confirmaram as suposições de Glueck. Segundo se evidenciou, as primeiras ruínas descobertas eram de antigas habitações de trabalhadores. Apareceram mais muralhas circundantes do tipo casamata, a forma de construção inconfundível dos primeiros tempos da Idade do Ferro. Depois desenterraram-se os restos de um extenso povoado. As coisas mais interessantes encontradas foram formas e grande quantidade de escória de cobre.

Formas e escória de cobre no meio da planície torrada pelo sol?

Glueck procurou uma explicação para esse fato singular. Por que as usinas se encontravam na região das tempestades de areia, que sopravam do norte quase ininterruptamente através do vale do Deserto? Por que não foram construídas algumas centenas de metros mais adiante, ao abrigo das colinas, onde corriam também as fontes de água doce? Só no último período das escavações ele obteve uma resposta a essas perguntas.

No meio de uma muralha retangular circundante, surgiu uma vasta construção. A cor verde das paredes deixava perceber facilmente que se tratava de um forno de fundição. As paredes de tijolo apresentavam duas fileiras de buracos. Eram condutos de fumaça, um sistema bem estudado de canais de ventilação que atravessavam a instalação. Todo o conjunto era um forno de fundição moderníssimo, construído segundo um princípio que, conhecido por sistema Bessemer, fez sua reaparição na nossa indústria um século atrás. Os condutos de fumaça e os canais de ventilação eram orientados exatamente na direção norte-sul. Portanto, os eternos ventos e tempestades do Uadi e'Arab deviam assumir o papel de foles. Isso foi há três mil anos; hoje se injeta o ar por meio de pressão para o interior desses fornos.

Só para uma questão não foi encontrada a solução: como se purificava o

cobre nessa antiqüíssima instalação? Nesse ponto, os especialistas encontram-se diante de um enigma.

Ainda ali se encontram cadinhos de barro; alguns chegam a ter catorze pés cúbicos de capacidade. Nas encostas ao redor vêem-se numerosos buracos abertos na rocha: são as entradas para as galerias. Pedacos de sulfato de cobre lembram as mãos ativas que milhares de anos atrás labutaram nessas minas. Graças às extensas excursões que os membros da expedição fizeram pelos arredores, foram descobertas também no deserto de Araba numerosas minas de cobre e ferro.

Por fim, Nelson Glueck descobriu, no muro tipo casamata da colina de escombros, o assentamento de uma sólida porta de entrada com apoio tríplice. Então não teve mais dúvida: o Tell el-Keleifh fora noutro tempo Asiongaber, a cidade portuária de Salomão, desaparecida e há tanto procurada: *"Equipou também o Rei Salomão uma frota em Asiongaber, que é perto de Aliat..."*



Figura 33 - Base de bronze (bacia) do templo de Salomão (Reis I 7.27 e seg., Crônicas II 4.6) (reconstrução).

Asiongaber, entretanto, não era apenas uma cidade portuária. Nos seus estaleiros construíam-se os navios para viagens de longos percursos. Mas Asiongaber era sobretudo o centro da indústria do cobre. Em parte nenhuma do Crescente Fértil, nem na Babilônia ou no Egito, encontrou-se um alto-forno assim. Asiongaber dispunha, pois, da maior fundição do antigo Oriente. Ela produzia o metal para os objetos do culto do templo de Jerusalém — para o "*altar de bronze*", para o "*mar de fundição*", como foi chamada uma enorme pia de cobre, para as "*dez bases de bronze*", para os "*caldeirões e panelas e taças*" e para as duas altas colunas "*Jaquim e Booz*", destinadas ao pórtico do templo (Reis I 7.15 e seguintes; Crônicas II 4). "*O rei mandou-os fundir nos campos do Jordão numa terra argilosa* (Reis I 7.46).

O entusiasmo de Glueck pelos extraordinários achados transparece no relatório oficial em que sumariou os resultados das explorações no golfo de Ácaba.

"Asiongaber foi planejada de antemão e construída com notável habilidade arquitetônica e técnica. Na realidade, toda a cidade de Asiongaber era praticamente, se considerarmos a terra e a época em que existiu, um extraordinário centro industrial, sem paralelo no gênero em toda a história do antigo Oriente. Asiongaber era a Pittsburgh da antiga Palestina e, ao mesmo tempo, o seu porto mais importante."

O Rei Salomão, que Glueck designa como "o grande rei do cobre", devia ser um dos exportadores de cobre mais importantes do mundo antigo. Pesquisas realizadas em outros lugares completaram o quadro da economia da Palestina no tempo do Rei Salomão. Ao sul da cidade filistéia de Gaza, no Uadi Ghazze, Flinders Petrie desenterrou instalações de usinas de ferro. Os fornos de fundição são semelhantes aos do Tell el-Kheleifh, somente menores. Já Davi havia disputado aos filisteus o monopólio do ferro e, com a vitória que obteve sobre eles, arrebatou-lhes a fórmula da fundição. Sob Salomão as jazidas de minério e cobre foram exploradas e usinadas em grande escala.

Duas décadas depois de o Prof. Glueck ter descoberto reservas de cobre e grandes quantidades de escória, o arqueólogo Beno Rothenberg logrou fazer a importantíssima descoberta das instalações de uma mineração de cobre, de grande porte, datando daqueles tempos e situada naquele mesmo desértico Uadi e'Arab. Na primavera de 1939, por ocasião de uma expedição trinta quilômetros ao norte de Asiongaber, no vale de Timna, Rothenberg deparou com extensas minas, nas quais as pedras haviam sido cortadas da rocha, em galerias situadas a grande profundidade e, em uma primeira fase de processamento, purificadas, limpando-as da escória em grandes bacias de fundição, de basalto.

"Porque o Senhor teu Deus te introduzirá numa terra boa... terra cujas pedras são ferro, e de cujos montes se tiram os metais de cobre" (Deuteronômio 8.7 e 9), diz Moisés na minuciosa descrição que faz da Terra Prometida aos filhos de Israel. Cobre e ferro na Palestina? Até os cientistas duvidavam, ainda há poucos anos, que existisse ou pudesse ter existido semelhante coisa na Palestina. Os mais recentes comentários da Bíblia ainda evitam intencionalmente essa passagem, que não sabem como explicar. Foi preciso o trabalho dos arqueólogos para nos dar a prova de quanto é verdadeira também essa referência da Bíblia e acrescentar à representação tradicional da antiga Palestina o novo fator de um espantoso desenvolvimento industrial!

Salomão era um soberano extremamente progressista. Ele possuía a arte verdadeiramente genial de atrair para o seu serviço peritos e especialistas estrangeiros. Está aí o segredo do desenvolvimento súbito e rápido, de outro modo dificilmente explicável, que transformou o Estado rústico e simples de seu pai

Davi numa potência econômica de primeira grandeza.

Aí se encontra também a fonte de riquezas de que fala a Bíblia. Salomão mandou vir também técnicos de fundição da Fenícia. Confiou a Hirão, artista de Tiro, a fundição dos objetos de culto (Reis I 7.13, 14). Em Asiongaber, fundou uma importante empresa marítima comercial. Os filhos de Israel nunca haviam ido para o mar e não entendiam nada de construção de navios. Os fenícios, entretanto, dispunham de uma prática e uma experiência de muitos séculos. Salomão mandou vir de Tiro os especialistas em construções navais e também os marinheiros: *"E Hirão(53) mandou nesta frota alguns dos seus servos, homens marinheiros, entendidos em náutica..."* (Reis I 9.27).

Asiongaber tornou-se o bem equipado e bem fortificado porto de saída para o novo comércio distante. De Asiongaber partiam os navios para viagens misteriosas a costas longínquas e desconhecidas. Ofir?... onde ficava a fabulosa terra de Ofir, o "armazém" onde o Antigo Oriente ia buscar suas coisas mais caras e preciosas?



Figura 34 - Volta de um navio da Rainha Hatshepsut de Punt (Ofir), com mirra e macacos a bordo.

Ofir tem dado motivo a muitas disputas entre os eruditos. Repetidamente se acreditou tê-la encontrado. Em 1871, o alemão Carl Mauch topou com extensas ruínas na Rodésia. Poucos anos depois o bôer Steinberg pôs a descoberto, alguns quilômetros ao sul dali, vestígios de minas de uma época anterior a Cristo, as quais deviam ter relação com essa cidade. Dizia-se que as amostras de rocha revelaram terem sido extraídos ouro e prata nesse lugar. Em 1910, o famoso africanista alemão, Dr. Karl Peters, fotografou nesses lugares exemplares de

artes plásticas em que os peritos que os examinaram declararam ver um estilo estrangeiro, isto é, fenício. Até hoje, entretanto, a terra misteriosa de Ofir tem iludido os pesquisadores. Diversos pontos de referência, contudo, parecem indicar ter sido na África oriental. Pesquisadores como o Prof. Albright supõem que se encontrava na Somália. Isso concordaria inteiramente com a duração das viagens indicada na Bíblia.

"Pois a frota do Rei Salomão ia por mar... uma vez a cada três anos..." (Reis I 10.22). "A frota", conjectura Albright, "poderia fazer-se à vela em Asiongaber nos meses de novembro ou dezembro do primeiro ano.

Voltaria em maio ou junho do terceiro ano, desse modo evitando, tanto quanto possível, o calor do verão. Assim considerada, a viagem não devia demorar mais de ano e meio." As mercadorias transportadas, como *"ouro, prata, dentes de elefante e bugios"* (Reis I 10.22), indicam claramente a procedência africana.

Os egípcios mostravam estar perfeitamente familiarizados com uma terra chamada "Punt", que bem poderia ser Ofir. E deviam ter visto esse lugar com os próprios olhos. De que outro modo poderiam ter surgido os expressivos quadros de Punt que ornaram as paredes do templo de terraços de Deir el-Bahari? Esse templo, situado na parte ocidental de Tebas, é ornado de maravilhosos relevos coloridos que realçam a figura de uma dama de pele escura — a rainha de Punt — e seu cortejo. Como sempre, os egípcios, nesse caso, dedicaram carinhoso cuidado a todos os detalhes — trajes, cabanas redondas, animais e plantas. O observador obtém assim uma imagem sugestiva da fabulosa Ofir.

Os textos que acompanham as imagens falam de uma sensacional expedição a Punt, organizada por uma mulher cerca do ano 1500 a.C.. Ocupava o trono dos faraós, juntamente com Tutmés III, a célebre Rainha Hatshepsut, "a primeira grande mulher da história", como a chamou o egiptólogo Breasted. Obedecendo a um oráculo do deus Amon, que ordenava a exploração do caminho de Punt e o restabelecimento do comércio com a costa do mar Vermelho, interrompido pelas guerras dos hicsos, no nono ano de seu reinado a rainha expediu uma frota para buscar árvores de mirra. Saiu do Nilo para o mar Vermelho por um canal a leste do delta e "arribou felizmente a Punt", onde trocou mercadorias do país do Nilo por opulentos tesouros que consistiam em árvores de mirra, madeira de ébano, ouro e toda sorte de madeiras aromáticas e outras coisas exóticas, como sândalo, peles de pantera e macacos.

Um espetáculo nunca visto se ofereceu aos olhos dos tebanos quando, após o regresso feliz, o singular cortejo da gente escura de Punt seguiu para o palácio da rainha com os estranhos produtos de seu país. "Eu fiz para ele um Punt em seus jardins, como ele me ordenara...", exultou Hatshepsut diante das árvores de mirra plantadas nos terraços do templo. Os arqueólogos encontraram restos ressequidos de raízes de mirra na ardente areia amarela em frente ao templo de

Deir el-Bahari. Como os tebanos, os homens e mulheres de Israel, postados no cais de Asiongaber, devem ter olhado maravilhados quando a frota de seu Rei Salomão regressou da distante Ofir e descarregou no porto seu frete de *"madeira de sândalo e pedras preciosas, ouro, prata, dentes de elefante, bugios e pavões reais"* (Reis I 10.22, 11).

Normalmente os trabalhos arqueológicos somente podem ser empreendidos quando há permissão do proprietário da terra ou do governo do país para fazer escavações. Essa permissão nem sempre é fácil de se obter, sem falar de que no decorrer dos trabalhos o explorador pode ver sua vida dificultada por protestos ou limitações de toda sorte. Em 1925, os americanos usaram de um recurso extraordinário a fim de poderem trabalhar a seu bel-prazer, sem que ninguém os molestasse. Compraram simplesmente toda a colina chamada Tell el-Mutesellim, situada na planície de Jezrael, a noventa proprietários nativos — lavradores e pastores. Isso porque o Instituto Oriental da Universidade de Chicago tinha em vista realizar escavações modelo em todo o Oriente Próximo, as escavações mais amplas e minuciosas já efetuadas na Palestina.

O Tell el-Mutesellim cobre o local da bíblica Megido. Essa descoberta baseava-se nas primeiras grandes escavações levadas a efeito aí, de 1903 a 1905, pela Sociedade Alemã do Oriente, sob a direção do Dr. J. Schumacher.

O Tell el-Mutesellim é um pequeno planalto encravado num cenário natural inigualável. Desse planalto tem-se a impressão de descortinar um grande lago verde, tão vasta é a planície, o *"Vale de Jezrael"* (Josué 17.16), onde se alternam o verde das pastagens alagadas e os luxuriantes campos cultivados. Bandos de grous e cegonhas povoam esse lugar. Onde cessa a planície ergue-se acima da costa do Mediterrâneo a corcova matosa do monte Carmelo. Ao norte, elevam-se os montes de Galiléia, de um azul pálido, com a pequena aldeia de Nazaré, e lá longe, à direita, o cume obscuro do monte Tabor intercepta a visão do profundo vale do Jordão.

Nada indica que aquele triângulo fértil, de aspecto tão aprazível, cercado pelas ondulações suaves das montanhas, foi durante muitos milênios teatro de combates formidáveis e de decisões históricas de tremenda importância. Pelo ano de 1500 a.C., o Faraó Tutmés III, montado num "carro de ouro", penetrou com suas tropas, por uma garganta, na planície e derrotou os cananeus, que, aterrados, fugiram desordenadamente para Megido. Na mesma planície, os israelitas, animados pela heróica juíza Débora, derrotaram os corpos de carros de guerra cananeus; Gedeão surpreendeu os salteadores madianitas montados em camelos; o Rei Saul perdeu a batalha contra os filisteus; morreu por volta de 600 a.C. o rei judeu Josias, que se arrojou, com os seus, contra as forças superiores dos egípcios comandados pelo Faraó Neco. As ruínas ainda dão testemunho da existência do castelo franco Faba, dominado pelos cavaleiros de São João e pelos templários no tempo das Cruzadas, até que Saladino, após uma

grande batalha, os expulsou dessa região. Em 16 de abril de 1799, combateram ali franceses e turcos. Com mil e quinhentos homens apenas, o general francês Kléber manteve em xeque vinte e cinco mil homens do exército adversário. Os franceses combateram heroicamente desde o nascer do sol até o meio-dia. E então ocorreu em seu auxílio uma tropa de seiscentos cavaleiros. O oficial que comandava essa cavalaria chamava-se Napoleão Bonaparte. À tardinha, depois de ganhar a Batalha do Tabor, Napoleão subiu os montes da Galiléia e foi jantar em Nazaré. Pela garganta usada por Tutmés III entrou em 1918 a cavalaria britânica comandada por Lorde Allenby, derrotando o exército turco acampado na planície.

De todos esses acontecimentos foi muda testemunha o Tell el-Mutesellim, que na primavera de 1925 Clarence S. Fisher atacou com sua escavação modelo.

A colina foi literalmente cortada em fatias, centímetro por centímetro, qual uma torta... se bem que em sentido horizontal. Caleidoscopicamente, os séculos foram sendo desvendados. Cada camada levantada constituía um capítulo do livro da história universal do século IX ao século X a.C..

Das quatro camadas superiores o estrato [1\(54\)](#) continha ruínas do domínio persa e babilônio. O rei persa Ciro destruiu, em 539 a.C., a grande potência de Babilônia. (Meio século antes, em 597 a.C., o Rei Nabucodonosor de Babilônia havia conquistado a Síria e a Palestina.) Desse tempo conservaram-se os muros extraordinariamente maciços de um palácio. O estrato II oferecia como testemunho do domínio assírio ruínas de palácios do século VIII a.C.. Teglat Plalasar III submeteu a Palestina em 733 a.C.. O estrato III e o estrato IV representam a época israelita. Notáveis são dois selos encontrados, dos quais um apresenta a seguinte inscrição:

"Shema, servo de Jeroboão". Jeroboão foi o primeiro rei de Israel no reino dividido — de 926 a 907 a.C.. Uma pedra conserva outro nome conhecido:

Chechonk I, faraó do Egito. A Bíblia chama-o *Faraó Sesac*. No ano quinto do reinado de Jeroboão, isto é, em 922 a.C., esse faraó atacou a Palestina. Trabalhando ativamente durante quase dez anos, os escavadores chegaram por fim às camadas do tempo do Rei Salomão, que morreu quatro anos antes da invasão de Chechonk, em 926 a.C.. O fundo do estrato IV trouxe para os arqueólogos Gordon Loud e P. L. O. Guy e para a posteridade surpresas sensacionais do tempo do Rei Salomão. Durante a vida de Salomão introduziu-se um novo processo na construção de edifícios, muralhas, etc. Ao contrário do que se fazia até então, começaram a ser empregadas pedras talhadas, lisas, nas quintas dos edifícios e, a intervalos, no resto da construção. Na parte mais baixa do estrato IV, foram postas a descoberto ruínas de uma residência que apresenta essas características. São circundadas por um muro quadrangular cujos lados medem sessenta metros. Como proteção adicional, na majestosa porta de entrada havia três pares de colunas muito juntas. Em Asiongaber e Lakish, os

pesquisadores encontraram as portas de acesso à cidade também fortificadas desse modo. Verificou-se que o edifício de grossas paredes desenterrado ao mesmo tempo era um depósito de provisões, um dos *"celeiros que tinha Salomão..."* (Reis I 9.19). Depósitos dessa espécie foram encontrados também em Bet Shan e Lakish. Megido era a sede da administração do quinto distrito de Israel sob Salomão. Residia no palácio em nome de Salomão e era responsável pela entrega dos impostos e produtos naturais ao "celeiro" *"Bana, filho de Ailud... intendente de Tomac e de Megido..."* (Reis I 4.12).

Por magníficos que fossem esses achados, não constituíam sensação.

O sensacional jazia ainda intato no fundo do Tell el-Mutesellim, como se a velha colina houvesse reservado o melhor para o fim. No decorrer da escavação, começaram a aparecer nas bordas do *tell*, com o afastamento do entulho, superfícies de pedra quadrangulares, em longas fileiras sucessivas. Loud e Guy a princípio não puderam fazer uma idéia do que poderia ter sido aquilo. As extraordinárias superfícies pareciam não ter fim, surgindo interminavelmente do entulho. Então ocorreu a Guy que poderiam ser restos de cavaliarias. Não falava a Bíblia sobre inúmeros cavalos do Rei Salomão?

Na enfadonha monotonia da escavação através dos anos, no labor de demolir, separar, peneirar e ordenar cada fragmento digno de atenção, a hipótese de Guy deu subitamente um novo impulso aos trabalhos, que se comunicou aos próprios trabalhadores.

A cada nova construção que aparecia, aumentava o assombro dos pesquisadores. Havia sempre vários grandes estábulos agrupados em volta de um pátio pavimentado de argamassa de cal, pisada. No meio de cada estábulo havia um corredor de três metros de largura. O reboco áspero impedia os cavalos de escorregarem. Dos dois lados atrás dos marcos de pedra havia espaçosas baias, cada uma das quais media exatamente três metros de largura. Em muitas havia ainda restos das manjedouras e se distinguiam partes das calhas de água. Até sob o ponto de vista atual seriam estábulos de luxo. A julgar pelos cuidados extraordinários empregados na sua construção e disposição, os cavalos deviam ser muito apreciados nessa época. De qualquer modo, os cavalos eram mais bem tratados que os homens.

Depois que foi posto a descoberto todo o conjunto, Guy contou baias para quatrocentos e cinquenta cavalos, no mínimo, e cocheiras para cento e cinquenta carros. Uma cavaliaria gigantesca! *"Tal é a soma das despesas que fez Salomão para edificar... os muros de Jerusalém, e Hesar, e Megido"* (Reis I 9.15). *"E juntou Salomão um grande número de carros e de cavaleiros, e teve mil e quinhentos carros, e doze mil cavaleiros; distribuiu-os pelas cidades dos carros"* ⁽⁵⁵⁾ (Reis I 10.26). Em vista das dimensões dos estábulos de Megido e das cavaliarias e cocheiras de construção similar que foram encontradas no Tell el-

Hesi⁽⁵⁶⁾, Hesar, Tanac e Megido e também em Jerusalém, as indicações da Bíblia não devem ser consideradas exageradas. Os impressionantes resultados das escavações dão uma idéia precisa da grande escala de coisas a que o antigo Israel estava acostumado no período em que foi um grande reino.

Megido era, afinal de contas, apenas uma das muitas guarnições dos novos corpos de carros de guerra organizados por Salomão e que faziam parte do exército permanente do rei.

Num dos antiquíssimos estábulos profundamente encravados na rocha, sob os altos muros de Jerusalém, cerca de dois mil anos depois do Rei Salomão os cruzados acomodaram seus cavalos após a conquista da Cidade Santa por Godofredo de Bouillon.

No tempo de Salomão, os cavalos de batalha e os carros de combate eram também importantes artigos de comércio. Israel possuía um verdadeiro monopólio desses artigos (Reis I 10.28, 29).

Todos os importantes caminhos das caravanas entre o Egito e a Síria ou a Ásia Menor passavam pelo reino de Salomão. O Egito era o principal exportador de carros de combate... *"... e os mercadores do rei compravam as mercadorias e traziam-nas do Egito, cada carro por seiscentas peças de prata..."*⁽⁵⁷⁾ Os construtores de carroças egípcios eram mestres inigualáveis na construção de rápidos carros de duas rodas para combate e para a caça. A madeira dura necessária para eles tinha de ser importada da Síria. Compreende-se, pois, que fossem caros. Segundo os dados da Bíblia, um carro valia quatro cavalos (Reis I 10.29). Cremos não ser necessário frisar que as "peças de prata", das quais a Bíblia fala no contexto, não passam de um anacronismo, de um "lapso da época": moedas ainda eram desconhecidas no tempo de Salomão!

Os cavalos vinham do Egito e de Coa, segundo informa outra passagem. Coa era o nome de um país da Cilícia, nas férteis planícies entre as montanhas do Tauro e o Mediterrâneo. Depois da destruição do reino dos mitanitas pelos hititas, a Cilícia tornou-se a terra dos criadores de cavalos, o haras do mundo antigo. Heródoto refere que, mais tarde, também os persas iam buscar na Cilícia os melhores cavalos para o serviço de correio em seu grande império.

No norte eram sócios comerciais de Israel os *"reis da Síria e dos heteus"* (Reis I 10.29). Também esse fato é historicamente exato. É verdade que o reino dos hititas tinha há muito se extinguido, mas haviam surgido posteriormente alguns pequenos países sucessores. Um desses, que certamente é um século mais recente que Salomão, foi descoberto em 1945 pelo professor alemão T. Th. Bossart: o castelo real nas florestas do monte Karatepe, não longe de Adana, no sudeste da Turquia. Seu construtor, Asitawanda, foi um daqueles *"reis dos heteus"* no século IX a.C..

Aliás, as pesquisas mais recentes dão conta daquilo que se passou com

Salomão, o "rei do cobre"; elas tanto confirmam pronunciamentos bíblicos quanto invalidam teses até então vigentes. Neste contexto, cabe um papel decisivo a Benó Rothenberg, de Tel Aviv, professor israelense de arqueologia, nascido em Frankfurt sobre o Meno, Alemanha Federal, cujas pesquisas em Timna, na região do Uadi e'Arab, já foram mencionadas por diversas vezes. Em todo caso, aquilo que Rothenberg achou nessa região contradiz as idéias de Nelson Glueck pois, segundo Rothenberg, não houve extração de cobre nas minas "bíblicas" de Timna, entre o século XII a.C. e a época do domínio romano. Em outras palavras, não houve mineração nas "minas do Rei Salomão" justamente nos tempos daquele rei (século X a.C.)! Aliás, tampouco a Bíblia faz pronunciamento algum de modo a permitir que se fale de Salomão como o "rei do cobre", pois em parte alguma se menciona a *extração* do cobre durante o reinado de Salomão. Pelo contrário, a Bíblia diz expressamente que Salomão tomou o metal de que necessitava das pilhagens e dos estoques acumulados por seu pai, Davi (Crônicas I 18.8; 22.3 e 14). A Bíblia volta a ter razão. Ela nada sabe a respeito da extração de cobre no reinado de Salomão e tampouco até agora foi possível comprová-la.

No entanto, de onde provém a tradição persistente e obstinada das "minas de Salomão"? Hoje, também esse ponto ficou elucidado. Ela nada tem a ver com a Bíblia, mas sim, e muito, com o romance de aventuras de Sir Henry Rider Haggard, *As minas de Salomão*, publicado em fins do século passado. Até o renomado arqueólogo bíblico Nelson Glueck, sem dúvida uma das figuras de maior expressão no âmbito dos estudos bíblicos, deixou-se enganar por essa tradição pseudobíblica, de data recentíssima...



Figura 35 - "... uma quadriga trazida do Egito custava-lhe seiscentos ciclos de prata..." (Reis I 10.29).

Da mesma forma, convém tomar cuidado ainda maior do que aquele necessário a respeito das "minas de Salomão", com referência à localização de Ofir, que, até agora, continua além do alcance dos pesquisadores. Aquilo que foi encontrado pelo geólogo alemão Carl Mauch, no Zimbábue, e que em grande parte foi destruído por escavações executadas de maneira nada profissional, surgiu somente uns dois a dois e meio milênios *depois* de Salomão, ou seja, entre os séculos XI e XV da era cristã; é isso o que se sabe atualmente sobre o assunto. Da mesma forma, o Zimbábue nada tem a ver com a arquitetura fenícia ou árabe, tampouco com o templo de Awwam do deus da Lua, Ilumguh, ou Almaqah, perto da distante Ma' rib, no sul da Arábia, um templo, diga-se de passagem, que por sua vez não data dos dias do Rei Salomão, mas provavelmente dos séculos VIII-VII a.C.. Não; no Zimbábue trata-se de uma arquitetura genuinamente indígena, não importa quão pouco o atual governo rodésiano goste de tal constatação. (O cientista que fez e publicou a respectiva descoberta, Peter S. Garlake, por causa disso, perdeu o seu cargo de conservador de monumentos na Comissão dos Monumentos Históricos da Rodésia e teve de emigrar para um país da "África negra". Assim, ao que parece, o exercício da profissão de arqueólogo ainda requer uma boa dose de coragem, e nem sempre as descobertas trazem glória e fama ao seu descobridor.)

Situação semelhante à registrada com as minas de cobre de Salomão, das

quais a Bíblia nada menciona, existe a respeito das nada menos célebres "cavaliarias de Salomão", em Megido. Quanto a essas últimas, não datam dos tempos de Salomão, conforme opinião defendida por um número de pessoas sempre crescente, mas sim dos dias do Rei Acab de Israel (cerca de 875 a 852 a.C.), o qual, segundo um relato assírio da batalha de Qarqar (por volta de 854 a.C.), teria posto em campo dois mil carros e, com isso, o maior contingente de carros de combate da liga antiassíria. Assim, a rigor, o relato bíblico tornou a confirmar-se, pois de Salomão se diz somente que ele *fortificou* Megido (Reis I 9.15), mas não que lá construiu cavaliarias e, de um modo bastante geral, que *"juntou um grande número de carros e cavaleiros..."* (Reis I 10.26), mas não que esses estivessem estacionados em Megido!

Cumprе acrescentar ainda que, segundo o parecer de cientistas de renome, entre eles o Prof. Yohanan Aharoni, arqueólogo bíblico de Tel Aviv, as supostas "cavaliarias de Salomão", além de datarem dos dias de Acab, nem eram estábulos, mas antes depósitos para o armazenamento de reservas de gêneros, pois construções semelhantes foram escavadas por Yohanan Aharoni em Beersheba...

Da mesma forma, tiveram confirmações surpreendentes as seguintes passagens extensas e explícitas da Bíblia: os capítulos 6 e 7 de Reis I, os capítulos 3 e 4 de Crônicas II, bem como os capítulos 40-43 de Ezequiel. Todos eles falam das célebres obras de construção, executadas por Salomão, do templo de Jerusalém. Hoje, não sabemos o que restou do templo de Salomão, debaixo da plataforma do templo de Herodes, o Grande, e da "cúpula do penhasco" (Qubbat al-Sakhra) dos Omíadas, uma das maiores e mais brilhantes obras de arte da arquitetura islâmica, pois dentro do perímetro do templo as escavações foram e continuam sendo proibidas. No entanto, apesar disso, pelas descrições bíblicas, bem como por achados paralelos, feitos mormente no âmbito cananeu-fenício, sabemos que esse templo apresentava o protótipo arquitetônico que, desde o Neolítico, tem sido encontrado em templos semíticos. É um conjunto de três saguões contíguos, onde cada saguão só dá acesso ao saguão posterior. O chamado "pequeno templo" de Tell Tainat (século IX a.C.), o templo cananeu de fins da Idade do Bronze, do estrato XV no setor de escavação H, de Hazor (século XIII a.C.) e o templo da Idade do Ferro, na extremidade noroeste da cidadela de Tell Arad, são os que apresentam maior semelhança com os relatos bíblicos; aliás, o templo mencionado em último lugar oferece interesse todo especial, por tratar-se de um santuário israelita e que, por sua localização no tempo, fica mais próximo do templo de Salomão.

Dos três recintos do templo faz parte um pátio (*ulam*) que, nas traduções alemãs da Bíblia, costuma ser chamado de "átrio". Tal átrio levava a um saguão (*hekal*), que, na versão alemã da Bíblia, costuma ser chamado de "recinto principal". Neste contexto, a Bíblia luterana fala, por vezes, da "casa grande", ou

simplesmente do "templo", embora, a rigor, se tratasse de uma *parte* do conjunto do templo. Através dessa "casa grande" chegava-se, enfim, ao santuário propriamente dito, ao "tabernáculo" (*debir*). Duas colunas, Jaquim e Booz, flanqueiam o saguão *hekal*. E, de fato, no Tell Arad foram desenterradas plataformas de pedras, de ambos os lados do saguão *hekal*, as quais poderiam ser bases de colunas. Ademais, bases de colunas ladeiam igualmente a entrada para o recinto central do templo de Hazor, datando de fins da Idade do Bronze.

Aliás, o templo de Tell Tainat que, apesar de datar do século após Salomão, mas por seu estilo arquitetônico ainda pertence ao período salomônico, confirma, igualmente, os detalhes de arquitetura dados pela Bíblia em relação aos palácios de Salomão (Reis I 7.1 a 12). Naquele palácio, bem como no templo (veja Reis I 6.10 e 6.33), ao que parece, a madeira não serviu somente para o revestimento, mas tinha ainda uma função de suporte e apoio. O mesmo acontece com o templo de Tell Tainat, que era de muros de tijolo, com base de pedras, muros de tijolo sustentados por postes de madeira!

O templo de Tell Tainat era fenício e, para a construção do seu templo em Jerusalém, Salomão também recebeu mão de obra de Hirão, rei de Tiro (Reis I 5.6; Crônicas II 26, 2.12). O acabamento e a decoração internos do templo eram fenícios, em parte, ou pelo menos de influência fenícia; isso vale mormente para os querubins montando guarda na Arca da Aliança no "tabernáculo" (veja Êxodo 25.18 a 22; 37.7 a 9; Reis I 6, 23.35; Crônicas II 3.7; 3.10 a 14). Esculturas correspondentes, que dão uma idéia de como era aquela estranha mescla de estilos, foram encontradas nas regiões de difusão da cultura fenícia. O mesmo vale para os vasilhames de culto, descritos pela Bíblia, os quais igualmente foram achados no âmbito cananeu-fenício e no próprio perímetro da civilização fenícia, que se estendeu até Chipre. O arqueólogo é um detector de pistas que, como em um jogo de quebra-cabeça, vai juntando um indício a outro, tão logo o detecte. Aparentemente, na busca de protótipos do templo de Salomão, em Jerusalém, todas as pistas levam para Canaã e a Fenícia.

A rainha de Sabá negocia com Salomão

"Felix Arábia", terra misteriosa — A trágica expedição de dez mil romanos — Exportador número um de especiarias — A primeira notícia de Ma' rib — A perigosa aventura de Halévy e Glaser — Quando se rompeu a grande represa — Uma expedição americana ao Iêmen — No templo da Lua em Sabá — Camelos, os novos meios de transporte para grandes distâncias — Conversações com Salomão para tratar de negócios de exportação

A rainha de Sabá, tendo também ouvido falar da fama de Salomão, foi a Jerusalém... levando consigo grandes riquezas e camelos, que iam carregados de aromas e de grande quantidade de ouro e de pedras preciosas (Crônicas II 9.1).

Desde milênios, partiam da "Arábia Feliz" para o norte caravanas carregadas de preciosas mercadorias; no Egito, na Grécia, no Império Romano, eram bem conhecidas. Com elas iam histórias sobre cidades fabulosas e túmulos cheios de ouro... histórias que se conservavam vivas, obstinadamente, através dos séculos.

O imperador romano Augusto [\(58\)](#) quis certificar-se das coisas de que os camelleiros se gabavam a respeito de sua pátria distante. Incumbiu Aelius Gallus da missão de ir ao sul da Arábia verificar o que havia de verdade nas fabulosas narrativas. Gallus partiu do Egito para o sul, com um exército de dez mil guerreiros romanos, acompanhando a costa deserta do mar Vermelho. Seu objetivo era Ma' rib, a lendária metrópole. Nunca lá chegaria. Porque no calor impiedoso do deserto, em numerosos combates com tribos selvagens, dizimada por doenças traiçoeiras, a gigantesca força expedicionária fora aniquilada. Os poucos sobreviventes que voltaram à pátria não puderam acrescentar nenhum dado positivo às histórias lendárias sobre a "Felix Arábia".

"Na Arábia Feliz", escreve no ano 90 da nossa era o grego Dionísio, "respiras sempre os doces perfumes de aromas deliciosos, quer de incenso quer da maravilhosa mirra. Seus habitantes têm grandes rebanhos de ovelhas nos pastos e os pássaros de ilhas distantes levam para lá folhas de cinamomo."

A Arábia meridional era já no mundo antigo a maior exportadora de especiarias e assim continuou até hoje. Parecia, contudo, envolta num véu impenetrável de mistério. Nunca ninguém a tinha visto com os próprios olhos. A Felix Arábia permanecia um livro fechado com sete selos! O primeiro que nos tempos modernos se empenhou na perigosa aventura de procurá-la foi o alemão Carsten Niebuhr, que no século XVIII chefou uma expedição dinamarquesa ao sul da Arábia. Mas também ele só conseguiu chegar a Sana. Cem quilômetros o separavam ainda das ruínas da cidade de Ma' rib quando teve que voltar.

Os primeiros homens brancos que atingiram efetivamente a primitiva meta foram um francês, Halévy, e um austríaco, Glaser, há cerca de um século. Como nenhum estrangeiro, principalmente um europeu, podia transpor a fronteira do Iêmen e não era possível obter licença para isso, Halévy e Glaser empenharam-se em uma aventura perigosíssima. Fretaram um veleiro e, secretamente, disfarçados de orientais, desembarcaram no golfo de Áden. Após mais de 300 quilômetros de penosas caminhadas por terras montanhosas e sem água, chegaram por fim a Ma' rib. Profundamente impressionados com o que encontraram, esqueceram toda a prudência e começaram a percorrer as ruínas. Os nativos, desconfiados, aproximaram-se. Os dois exploradores sabiam que sua vida estaria em perigo se fossem desmascarados. Fugiram dali, correndo a mais

não poder. Após grandes e perigosos rodeios, chegaram finalmente a Áden. Sob os albornozes, haviam escondido algumas cópias e impressões de inscrições e com elas puderam provar ao mundo que Ma' rib existia realmente.

Mais tarde, mercadores de caravanas trouxeram novas inscrições e, no decorrer dos decênios, a coleção foi aumentando até conter o respeitável número de 4 000 peças. Os sábios estudam e ordenam o material. A escrita é alfabética, portanto originária da Palestina. Inscrições votivas falam de divindades, tribos e cidades de milhões. E estes são os nomes de quatro estados citados — os "reinos das especiarias": Minéia, Kataban, Hadramaut e... Sabá!

O reino minéico estava situado no norte do Iêmen e há notícias dele até o século XII a.C.. Sobre seus vizinhos meridionais falam inscrições do século IX a.C.. Documentos assírios do século VIII a.C. mencionam igualmente Sabá e um comércio intensivo com essa terra, cujos reis se chamavam "mukarrib", ou seja, "príncipes sacerdotes". Pouco a pouco, pelos documentos descobertos, vai adquirindo forma a lendária Sabá.

Um gigantesco dique em Sabá represava o rio Adhanat, recolhendo também as águas das chuvas desde longe para utilizá-las nos sistemas de irrigação a que a terra devia a sua fertilidade. As ruínas de um muro de vinte metros de altura, restos dessa maravilha técnica, desafiam ainda hoje as dunas do deserto. Assim como hoje a Holanda é o jardim das tulipas, Sabá foi noutro tempo o país das especiarias, toda ela um jardim florido, fabuloso, recendendo a todos os aromas mais deliciosos deste mundo. E em seu centro estava situada a metrópole, Ma' rib. Durante um milênio e meio floresceu o jardim das especiarias em volta de Ma' rib. Até 542 da nossa era... depois rompeu-se o dique. O deserto avançou irresistivelmente através da terra fértil e destruiu-a. "O povo de Sabá", diz o Alcorão, "tinha belos jardins onde floresciam os mais deliciosos frutos!" Por fim, o povo se afastou de Deus e Ele o castigou fazendo com que o dique se rompesse.

Depois disso cresceram somente frutos amargos nos jardins de Em 1928, os sábios alemães Carl Rathjens e H. von Wissmann desenterraram em Sana bases de um templo que seu compatriota Niebuhr viu pela primeira vez. Foi um começo significativo, mas passaria de novo quase um quarto de século antes que, no fim de 1951, a maior equipe de peritos até então organizada empreendesse uma viagem de exploração para decifrar o enigma arqueológico de Sabá. A American Foundation for the Study of Man (Fundação Americana para o Estudo do Homem) organizou a expedição com recursos financeiros extraordinariamente amplos. O organizador da viagem de exploração foi Wendel Phillips, paleontólogo da Universidade da Califórnia, homem de grande conhecimento, apesar de ter apenas vinte e nove anos de idade. Após extensas negociações, conseguiu obter do Rei Iman Achmed permissão para fazer explorações em Ma' rib.

Ma' rib está situada na extremidade sul da Arábia, a cerca de dois mil metros

de altitude, nos contrafortes da cordilheira arábica que se ergue junto à costa do mar Vermelho. Os exploradores partiram com grandes expectativas. Através de uma região montanhosa e deserta, sem estradas nem caminhos, rodava em direção ao norte uma longa coluna de jipes e caminhões, envolta numa nuvem de poeira. Fantasmagoricamente, surgiram de súbito do amarelo cintilante das dunas gigantescas ruínas e colunas — Haram Bilquis! Era o antiquíssimo templo de Ilumquh-Awwan, um santuário envolto em lendas, em Ma' rib, capital do antigo reino árabe de Sabá. Embora parcialmente coberto de dunas tão altas como casas, discerniam-se claramente os contornos do oval dedicado ao culto, com mais de cento e dez metros de comprimento. Ao ser apreciado superficialmente, o santuário apresenta-se como de forma redonda, semelhante à das ruínas de Zimbábue, na Rodésia, onde outrora foram feitas as buscas da Ofir bíblica. Todavia, pesquisas mais aprofundadas revelaram que tal semelhança não é substancial e, ademais, Zimbábue, datando dos séculos XI-XV d.C, é cerca de dois milênios mais novo do que aquele antigo santuário do deus da Lua, localizado próximo a Ma' rib.

Segundo uma inscrição existente na parede, Haram Bilquis era dedicado ao culto de Ilumquh, deus da Lua masculino. Grandes massas de areia sepultaram o templo, situado no meio do oval. As pás começaram a trabalhar primeiro na entrada da parte reservada ao culto. Os pesquisadores tencionavam penetrar no templo por ali, aos poucos.

Com uma emoção compreensível, os exploradores puseram a descoberto, sob o sol escaldante, um portal de surpreendente magnificência e beleza. Largos degraus recobertos de bronze conduziam ao interior. O pátio interno era cercado por uma colonata. Pilares de cinco metros de altura sustentavam em outros tempos o teto. Flanqueado por colunas dos dois lados, por ali passava o caminho da procissão que conduzia ao santuário do deus da Lua. Uma estranha decoração aí existente provocou assombro. No pátio silencioso deviam existir anteriormente jorros de água de cinco metros de altura. A água, esguichando do alto, era recolhida por um canal estreito que serpeava através do pátio.

Que impressão não deviam sentir os peregrinos ao atravessar os pátios de colonatas daquela magnífica construção da Arábia antiga, ouvindo o murmúrio dos jorros de água cintilantes e envoltos pelo perfume inebriante de incenso e mirra!

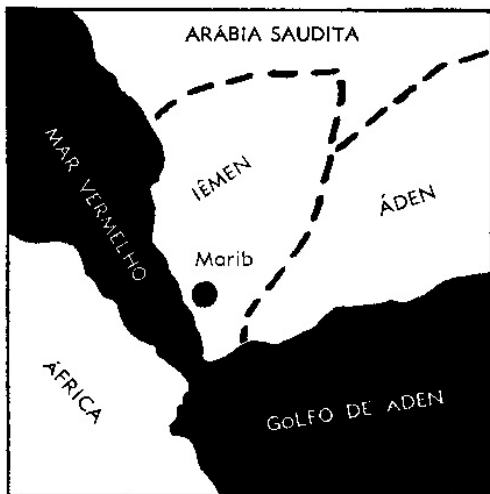


Figura 36 - Em 1951, uma expedição americana descobriu em Ma'rib o templo da Lua do reino de Sabá

As turmas de trabalho haviam avançado apenas alguns metros para o interior quando os pesquisadores viram diante de si o pórtico do templo, flanqueado por dois esguios pilonos... A escavação foi acelerada. Mas as intrigas que o governador de Ma' rib vinha urdindo havia semanas atingiram um ponto crítico. Até a vida deles estava em perigo. Tiveram de fugir a toda pressa, deixando tudo como estava. Por sorte, entre as poucas coisas que conseguiram salvar, quando fugiram para o Iêmen, havia algumas fotografias.

Na região de Hadramaut, puderam levar a efeito, nos anos seguintes, três campanhas de escavação mais bem-sucedidas.

Os resultados das explorações dessas quatro expedições, breves e em parte dramáticas, ainda não são conhecidos. Que foram completamente

surpreendentes, deixam-no entrever as seguintes observações do Prof. W. F. Albright: "Estão prestes a revolucionar nossos conhecimentos sobre a história cultural e a cronologia da Arábia meridional. Esses resultados demonstram a primazia política e cultural de Sabá nos primeiros séculos depois de 1000 a.C.."

Assim como se fizeram longas viagens de navio pelo mar Vermelho à Arábia e à África no tempo do Rei Salomão, começaram também a se fazer por terra longas viagens ao longo do mar Vermelho, através do mar de areia do sul. Os novos transportes para longas distâncias eram os camelos, que não foram chamados de "navios do deserto" por acaso. Eles venciam por terra distâncias que antes pareciam impossíveis de percorrer. Com a domesticação e criação dos camelos, começou pelo ano 1000 a.C., um insuspeitado desenvolvimento do comércio e dos transportes através de vastas montanhas desertas. A Arábia meridional, que por tanto tempo estivera separada de outras regiões, aproximou-se de repente do Mediterrâneo, colocando-se em relação estreita com os outros reinos do mundo antigo. Assim como o advento dos aviões estratosféricos aproximou a América e a Europa com o serviço de transporte transoceânico, a Arábia meridional se aproximou então, embora em escala diferente, do mundo antigo.

Em penosas e intermináveis viagens, mês após mês, percorrendo diariamente pequenas etapas, de aguada em aguada, com o perene perigo de ataques de bandidos... eis como eram transportadas as especiarias para o norte, gota a gota, em lombo de jumento, através dos dois mil quilômetros de deserto, pela velha estrada do incenso. Com o novo transporte, porém, começou a fluir da Felix Arábia uma corrente maior de mercadorias. Os camelos eram mais rápidos, quase não dependiam dos bebedouros e, portanto, não estavam sujeitos aos morosos ziguezagues das velhas estradas comerciais que iam de fonte em fonte. Além disso, eram dotados de maior "capacidade de carga". O camelo podia levar um peso muitas vezes maior do que o jumento.

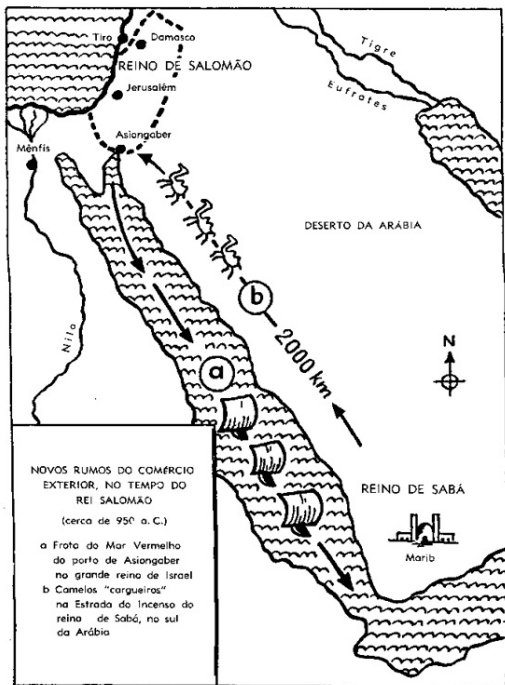


Figura 37

A estação terminal da estrada do incenso era Israel. Os agentes de Salomão, os "mercadores reais", recebiam ali as preciosas mercadorias. Deles dependia o prosseguimento das caravanas através do reino de Salomão para o Egito, a

Fenícia e a Síria. Não admira, pois, que *"a fama de Salomão..."* chegasse *"até a rainha de Sabá..."* (Reis I 10.1). Se lermos com este conhecimento o capítulo 10 do Livro I dos Reis, essa passagem da Bíblia deixará de ser uma simples "história piedosa", e a rainha de Sabá não terá mais nada de fabuloso. Além disso, tudo se torna cronologicamente certo e perfeitamente compreensível.

"A rainha de Sabá... apresentou-se ao Rei Salomão (em Jerusalém) e falou-lhe de tudo o que... tinha em seu coração" (Reis I 10.2). A rainha de Sabá devia ter incluído no seu programa muitas questões a serem tratadas. O chefe de um país cujas exportações principais tinham, por motivos geográficos, de passar obrigatoriamente por Israel, devia ter, com efeito, muitas coisas a tratar com o rei deste último. Atualmente, designariamos um assunto semelhante mais concretamente por "negociações de natureza econômica" e enviaríamos ao outro país peritos não coroados para tratar delas. E esses peritos também levariam na bagagem diplomática presentes para cativar o chefe de Estado do país — como fez a rainha de Sabá.

Aliás, não obstante o colorido romântico emprestado àqueles acontecimentos (a fértil fantasia oriental criou em torno de Salomão e da rainha de Sabá a lenda do "clássico" casal de namorados e como tais os divulgou em todo o Oriente), a rainha de Sabá soube conservar um pouco de distância ativa, condizente com o seu *status*. Não obstante a tradição popular ter relacionado o templo sabeu de Awwan, em Ma'rib, com o dessa "rainha", está totalmente fora de cogitação a idéia de que aquela obra arquitetônica datasse dos dias do Rei Salomão (século X a.C.), pelo simples fato de ser de data bem mais recente, presumivelmente do século VIII, ou até VII a.C.. Da mesma forma, embora no antigo Egito, séculos antes de Salomão, duas mulheres houvessem reinado — Hatshepsut e Tewosre —, para o sul da Arábia falta todo e qualquer indício extrabíblico e cientificamente garantido a respeito de uma soberana reinante naqueles dias. Assim, a rainha de Sabá, cuja figura já parecia tão próxima e até palpável, retorna ao incógnito...

Sobre a pitoresca vida cotidiana de Israel

Os filhos de Israel gostavam de enfeites — Os segredos da toalete da Palestina — Mirra e aloés para a alcova — Jardins de bálsamo em Jericó — Mástique, goma de mascar apreciada — Os aromas de Canaã — A cama foi inventada pelos egípcios — Moinhos ruidosos

Diante dos testemunhos que nos informam sobre a ostentação de luxo dos egípcios, babilônios e assírios, esquecemos a vida cotidiana de Israel, aparentemente insípida e monótona. É verdade que não há notícia de nenhum

tesouro de ouro como em Tróia, que não houve lá um Tutancâmon nem uma encantadora Nefertiti, mas seria realmente a vida cotidiana de Israel tão apagada e sem brilho?

Israel gostava das cores vistosas. Pintava os vestidos, as paredes das casas e... os rostos das mulheres. Já no tempo dos patriarcas apreciava a alegria das cores: *"Ora, Israel amava José mais que todos os seus filhos... e fez-lhe uma túnica de várias cores"* (Gênese 37.3). O quadro existente no túmulo de Beni Hassan mostra essa túnica com vistosos desenhos vermelhos e azuis. Vermelho e azul eram as cores das roupas dos homens, o verde parece que era reservado às mulheres. Já no tempo da peregrinação pelo deserto fala-se de *"púrpura azul, vermelha e escarlate"* (Êxodo 25.4).

"Filhas de Israel, chorai sobre Saul, que vos vestia de escarlate..." (Samuel II 1.24) exclama Davi, cheio de dor, depois da morte do primeiro rei. Tamar, filha de Davi, *"estava vestida de uma túnica talar, de várias cores, porque este era o traje que costumavam trazer as donzelas, filhas do rei"* (Samuel II 13.18).

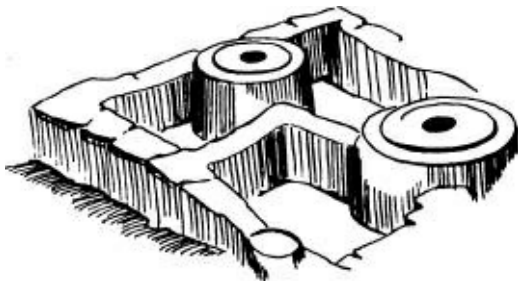


Figura 38 - Instalação de uma tinturaria de pedra do antigo Israel.

A natureza deu à terra de Canaã uma das mais soberbas paletas. Os filhos de Israel tinham apenas que escolher. A romã e o açafraão produziam um amarelo magnífico, a raiz de garança e o cártamo, um vermelho de fogo, o pastel, um azul-celeste, havia ocre e sanguinho. E o mar fornecia o rei de todos os tintureiros, o caracol *Murex*. Seu corpo mole e incolor transformava-se em púrpura à luz do sol. Essa era a sua fatalidade. Foram encontradas em Tiro e Sídón montanhas imensas de caracóis vazios, o que permite deduzir que era ali o

centro da extração da púrpura. Os fenícios das cidades marítimas foram os primeiros a industrializarem sistematicamente a extração da púrpura, e mais tarde também a Palestina se dedicou à lucrativa colheita.

A cidade têxtil de Betsabéia, no sul de Judá, era famosa por seu bisso, a mais fina espécie de linho alvejado. "Dez camisas de bisso", diz uma inscrição do poderoso rei assírio Asaradão. Hebron e Kiriath-Sepher tinham ambas grande fama como cidades tintureiras. Nesses lugares, foram desenterradas grandes pias de pedra e dispositivos em forma de caldeirões, com tubulações de entrada e saída, que se supõe terem sido fábricas de tintas. No Tell Beit Mirsin, antiga Dabir, praticava-se até a técnica de tingir a frio.

"*Edificarei para mim uma casa espaçosa...*", diz Jeremias em 22.14, "*...e fazes tetos de cedro, e os pinta de vermelho!*" Branqueavam-se as paredes, pintavam-se os mosaicos e os tecidos, o couro e a madeira, pintavam-se os lábios, as faces, as pálpebras das mulheres bonitas... "*Os teus lábios são como uma fita de escarlate... Assim como é o vermelho da romã partida, assim são as suas faces...*" "*... os cabelos da tua cabeça são como a púrpura do rei...*" "*... o odor dos teus bálsamos excede o de todos os aromas*" (Cântico dos Cânticos 4.3; 7.5; 4.10), canta o próprio Salomão em seu Cântico dos Cânticos, uma das mais belas canções de amor do mundo.

De uma maneira altamente poética menciona o gosto de Israel pelo adorno, os discretos segredos de toalete de suas mulheres. Os perfumes e a maquilagem, os ungüentos e as tintas para o cabelo, escolhidos, caros e requintados, feitos dos melhores ingredientes que este mundo tinha para oferecer, poderiam contribuir ainda hoje para a apreciadíssima indústria de cosméticos da Europa e ultramar.

Os perfumes, desde tempos imemoriais, estavam em voga, as resinas aromáticas não só eram altamente apreciadas no serviço religioso, para incenso dos templos, mas tinham lugar também na vida cotidiana, na casa, na roupa, no cabelo e... na alcova, no leito.

"Fiz a minha cama sobre cordões, cobri-a com colchas bordadas do Egito: perfumei a minha câmara de mirra, de aloés e de cinamomo" (Provérbios 7.16 e seguintes). "Todas as tuas vestes cheiram a mirra, aloés e cássia, de palácios de marfim soam instrumentos de cordas que te alegrem"⁽⁵⁹⁾, canta o Salmo 45.8.

Os botânicos têm muitas vezes examinado as narrativas aparentemente fabulosas e descoberto os ingredientes dos perfumes e a origem das tintas. Descobriram-nos em delicadas flores, em ervas e na seiva de arbustos. Muitas eram originárias de terras estrangeiras, outras, porém, crescem ainda hoje na Palestina.

Da Índia procediam a cássia (*Cinnamomum cassia*), uma árvore com a casca semelhante à canela, e o cálamo (*Andropogon aromaticus*), também chamado gengibre. Através do oceano Índico chegavam aos centros de permuta de especiarias, no sul da Arábia, e daí prosseguiram nas caravanas até o

Mediterrâneo.

A canela tinha uma longa história de viagens através do mundo. Da China, sua pátria, chegava primeiro à Pérsia, seguia daí para a Índia, onde era aclimatada, e partia para a Arábia como artigo de exportação.

O incenso era extraído do arbusto chamado bosvélia. Era nativo da Arábia e da Somália, como o *Commiphora myrrha*, a árvore da mirra. O berço do aloés era a ilha de Socotora, na saída do mar Vermelho, da qual recebeu o nome: *Aloe succotrina*.

A origem do bálsamo deu motivo a muitas discussões. Aqui a Bíblia parecia se enganar realmente, pois os botânicos sabem com certeza que o arbusto do bálsamo (*Commiphora opobalsamum*) só cresce na Arábia!

Como pôde, pois, Ezequiel (27.17) dizer que Judá e Israel mandavam para Tiro "bálsamo, mel, azeite e mástique"?

Os botânicos e Ezequiel tinham igualmente razão. Os primeiros simplesmente haviam deixado de consultar o grande historiador judeu Josefo, que diz que desde o tempo do Rei Salomão havia bálsamo na Palestina. Os arbustos eram cultivados principalmente ao redor da cidade de Jericó. Josefo responde também à pergunta de como foram parar ali. Tiveram origem em sementes encontradas entre os presentes de especiarias da rainha de Sabá.

Parece uma afirmação arrojada.

Mas a verdade é que existem ainda outros testemunhos. Quando os romanos entraram na Palestina, encontraram plantações de bálsamo na planície de Jericó. Os conquistadores apreciavam tanto o raro arbusto que enviaram seus ramos para Roma como sinal de sua vitória sobre os judeus. No ano 70 d.C., Tito Vespasiano estabeleceu uma guarda imperial nas plantações a fim de preservá-las de qualquer dano. Mil anos depois, os cruzados não encontraram mais vestígio dos preciosos arbustos. Os turcos haviam-nos negligenciado, deixando que se extinguissem.

O mástique de que fala Ezequiel existe ainda hoje na Palestina. Trata-se das lágrimas branco-amareladas e transparentes de uma pistácia arbustiva (*Pistacia lentiscus*). São muito apreciadas como aromatizantes e têm emprego na medicina. As crianças trocam de bom grado a sua última gorjeta por algumas gotas dessa goma natural, que os antigos gabavam, alegando que fortificava os dentes e as gengivas.



Figura 39 - Bacia de pedra para lavar os pés, com apoio para os calcanhares, pegadores e escoamento.

Na Terra Prometida existem ainda as seguintes resinas aromáticas nativas: o gálbano, em uma planta umbelifera (Êxodo 30.34), o estátice, no estoraque de flores brancas (Êxodo 30.34), o ládamo, na flor do cisto, e a tragacana (Gênesis 37.25), num arbusto da família do trevo. Os naturalistas encontraram todas as especiarias bíblicas.

Os recipientes, muitas vezes preciosos, foram descobertos pelos arqueólogos sob muros desmoronados, em ruínas de casas de nobres e em construções reais. Vasos de pedra calcária, de marfim e, muitas vezes, de precioso alabastro, com bastõezinhos, serviam para a mistura dos ingredientes aromáticos dos mais finos ungüentos. As receitas dos mestres em ungüentos eram muito procuradas. Os perfumes eram guardados em delicados frasquinhos de barro cozido. Os ingredientes aromáticos eram postos a macerar em azeite em grandes cântaros e bilhas. O azeite, sabia-se, amaciava o cabelo e a pele. Até os pobres o passavam no cabelo e na pele, embora sem os componentes aromáticos, por vezes muito caros. Porque o azeite era produzido em grande quantidade pelos olivais.

As lavagens com água eram uma necessidade diária e coisa estabelecida. As pessoas lavavam-se antes e depois das refeições, lavavam os pés do hóspede e lavavam-se à noite. Bacias de pedra, banheiras de pés e escudelas de barro desenterradas por toda parte no país confirmam as numerosas passagens bíblicas alusivas a isso (Gênesis 18.4, 19.2, 24.23; Cântico dos Cânticos 5.3; Jó 9.30; Lucas 7.44; Marcos 7.3, etc.). Lixívias de plantas e minerais constituíam materiais de lavagem e sabão (Jeremias 2.22; Jó 9.30).

"O meu amado é para mim como um ramallete de mirra, colocado sob meu peito" (Cântico dos Cânticos 1.13). Isso descreve o hábito das damas de usarem bolsas de mirra costuradas dentro da roupa. Nem faltavam na penteadeira papelotes, grampos de cabelo e espelho — um disco de metal polido. Esses três itens importantes para a beleza feminina estavam entre os objetos de luxo

importados do Nilo, onde desde muitas dinastias antes eram indispensáveis para as mulheres dos faraós.

Por mais que os profetas verberassem esses luxos, não conseguiram eliminar inteiramente das casas ricas a maquiagem e a pintura para os olhos.

As mulheres gostavam de ornar o cabelo com a tenra panícula amarela da graciosa junça. Apreciavam muito mais ainda um pó vermelho-amarelado extraído da casca e das folhas da junça. Os árabes chamam-lhe "hena". Com hena pintavam-se o cabelo e as unhas dos pés e das mãos. Os arqueólogos encontraram com assombro sua cor vermelho clara servindo de esmalte de unhas nas mãos e pés de múmias egípcias. Os laboratórios e as fábricas de produtos de beleza continuam até hoje empregando a hena, apesar de todos os progressos modernos. As sobrancelhas e as pestanas eram pintadas de galena, o lápis-lazúli moído dava a sombra desejada às pálpebras e a cochinilha pulverizada dava, como o moderno batom, o almejado vermelho carmesim para uma boca sedutora.

Diante dos graciosos frascos de perfume, das caixinhas de marfim para unguentos, dos vasos de mistura e dos frascos de maquiagem encontrados nas ruínas das cidades de Israel, é fácil avaliar quão severa devia ter soado a ameaça do profeta Isaías a esse mundo amante das cores, dos cosméticos e dos perfumes: *"E, em lugar de cheiro suave, terão a hediondez, e por cinta uma corda, e por cabelo encrespado a calva, e por faixa do peito um cilício"* (Isaías 3.24).



Figura 40 - Almofariz para especiarias (à esquerda) e triturador de pedra para moer grão

Embora o Velho Testamento fale de sentar-se à mesa em cadeiras, nunca menciona ir para a cama no nosso sentido moderno. A cama era um móvel de luxo raro!

Ainda não se tem certeza se a cama foi mesmo inventada às margens do Nilo, conforme opinam algumas pessoas. Sem dúvida, houve camas em vários países do antigo Oriente; aliás, em um túmulo de Jericó, datado de meados da Idade do Bronze (túmulo H 18), foram encontradas, entre outros objetos, uma

cama e uma mesa. Todavia, é lícito afirmar que a cama era mais usada no Egito do que alhures. Sinuhe observa cheio de júbilo ao voltar à sua terra: "Tornei a dormir numa cama". Quinhentos anos depois, a cama ainda era uma raridade. Pois quando a Princesa Taduchepa de Mitanni casou na corte egípcia, levou como dote apenas colchas, embora primorosamente tecidas. No palácio onde nascera, a cama era desconhecida; dormia-se no chão!

Em Israel, também, só os cortesãos e a gente de posses tinham essa coisa rara. A cama do homem simples era a capa. Envolvia-se nela à noite (Êxodo 22.26). A justiça esclarecia que esse "leito" era penhorável, mas só durante o dia. À noite tinha de ser devolvido sempre (Êxodo 22.25). Essa capa era na realidade apenas um cobertor de lã e adequado para todos os fins a que se destinava. Além da proteção contra o frio, o leito servia ainda como tapete (Reis II 9.13; Mateus 21.7 e 8).

A cama nunca foi o lugar de repouso ideal em Israel nem, na realidade, em todo o antigo Oriente. Era e continuou a ser um luxo, uma raridade. O que se tornou famoso foi seu primo, o divã, inventado igualmente no Crescente Fértil — um leito macio com almofadas fofas. Um arranjo de almofadas para o dia, ampliado para a noite — o protótipo do nosso sofá-cama. A invenção da nossa bombardeada Europa central e das habitações pequenas no século XX era o *dernier cri* da mobília há três mil anos! Israel também conheceu o divã. *"Tu te recostastes sobre um leito magnífico, e diante de ti se preparou uma mesa magnificamente ornada..."* (Ezequiel 23.41).

Hoje protestamos contra o ruído enervante da nossa era tecnológica e invejamos muitas vezes a calma dos tempos antigos. Israel seria melhor nesse sentido?



Figura 41 - Lâmpada de azeite simples e candeeiro de sete bicos.

Em vez da importuna gritaria dos alto-falantes, com o romper da aurora saía de todas as casas e cabanas o ruído dos moinhos de pedra manuais. Todas as manhãs, infalivelmente, moía-se grão. Esse trabalho era função das mulheres, como é hoje a moagem do café. Com a diferença de que a moagem do grão era um trabalho incomparavelmente mais duro e pesado. Muitas vezes eram necessárias duas mulheres para mover a pesada mó.

A ameaça de uma repressão completa dos ruídos, de que tanto se fala atualmente, teria sido uma catástrofe naquelas circunstâncias. Se cessasse o ruído dos moinhos, a fome se alastraria pelo país. Jeremias o percebeu visionariamente ao predizer o exílio na Babilônia: *"E farei cessar entre eles os gritos de júbilo... o ruído da mó e a luz da candeia. E toda esta terra se tornará um medonho deserto"* (Jeremias 25.10, 11).



Foto - Librairie Arthème Fayard, Paris. — Guerreiros hititas de um reino junto de Karkemish (néo-hitita).

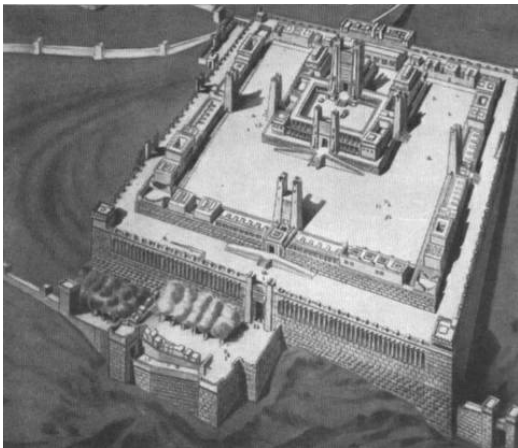


Foto - Librairie Arthème Fayard, Paris. *"No quarto ano do reinado de Salomão ... se começou a edificar a casa do Senhor"* (Reis I 6.1).

Do pátio exterior (em frente, embaixo) passa-se por uma porta para o pátio intermediário, situado mais alto. Por outra porta, através de uma escada, chega-se ao grande pátio interior, ponto de reunião da comunidade diante do templo e do lugar onde se faziam os sacrifícios. À entrada do templo erguiam-se as duas colunas de bronze *"Jaquim"* e *"Booz"* (Reis I 7.21). Outra escada conduzia ao átrio que levava ao santuário, atrás do qual se encontrava o "santíssimo" num recinto escuro. (Reconstrução do século XIX, segundo De Vogue.)



Fotos: — 1-O Prof. W. F. Albright (ao centro) e W. Phillips (à esquerda) na região do Sinai. — 2-Em 1951, uma expedição americana desenterrou de dunas de areia, da altura de uma casa, importante templo da Lua no reino da rainha de Sabá, perto da antiga Ma' rib, no Iêmen.



Foto - W. F. Albright. "The archaeology of Palestine", Penguin Books Ltd., — Por volta do ano 925 a.C., um aluno de Gézer gravou, como exercício de escrita, essas regras para lavradores em pedra calcária. O versículo 4 desse

fragmento, o mais antigo escrito da Palestina, induziu o Estado de Israel a empreender o plantio de linho em Gézer.



Foto - University Press, Londres. — Os recipientes de marfim para cosméticos e ungüentos, em forma de patos boiando na água, mostram a habilidade dos joalheiros de Ugarit em copiar os modelos egípcios mais procurados.

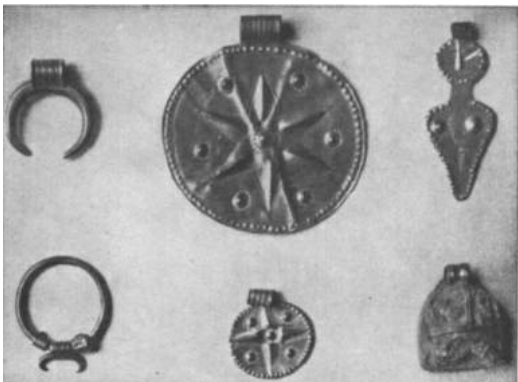


Foto - University Press, Londres. — *"Naquele dia lhes tirará o Senhor o*

adorno dos calçados, e as lúnulas e os colares", advertiu o profeta Isaías no século VIII a.C.

Dois mil seiscentos e oitenta anos depois declarou o diretor das escavações francesas do Porto Branco, acerca dos pingentes de ouro aqui representados: "Não só encontramos esses pingentes mencionados nos textos de Ras Shamra, mas também os ornamentos que, na passagem citada de Isaías, Jeová diz que tirará um dia às orgulhosas filhas de Sião".

Parte VI - Dois reis — dois reinos (De Roboão a Joaquim)

À sombra de uma grande potência nascente

Desmorona o grande reino — Uma fortaleza de fronteira entre Israel e Judá — Napoleão diante do relatório do Faraó Sesac sobre a Palestina — Samaria, capital do norte — Testemunhos do "palácio de marfim" do Rei Acab — Um misterioso "terceiro homem" — Os árabes fragmentam a estela da vitória do antigo reino de Moab — O hino triunfal de Mesa, rei dos carneiros — A Assíria intervém — O obelisco negro de Nemrod — O Rei Jeú num retrato assírio, — Remessa de vinho a Jeroboão II — O profeta Amós adverte em vão — A muralha de Samaria é levantada mais dez metros

E Israel separou-se da casa de Davi... e não houve ninguém que seguisse a casa de Davi, senão somente a tribo de Judá (Reis I 12.19, 20).

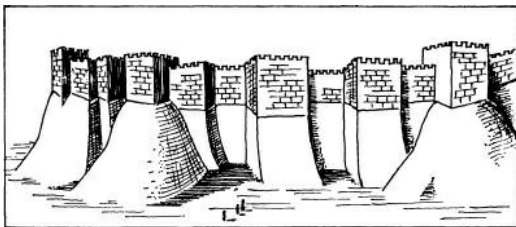


Figura 42 - Masfa, fortaleza de fronteira entre Judá e Israel (reconstrução).

O grande Rei Salomão morreu em 926 a.C.. Com ele Israel levou para a sepultura o seu sonho de vir a ser uma grande potência. Para todo o sempre!

Duas gerações haviam construído pedra sobre pedra os alicerces desse sonho arrojado, sob a direção de dois homens excepcionais, de dois homens altamente dotados: Davi e Salomão. Mas no instante em que Salomão morreu, reacendeu-se a velha inimizade entre as tribos; o grande reino, criado nos territórios da Síria-Palestina, desmantelou-se inevitavelmente em consequência da discórdia. Dois reinos se formaram em seu lugar — o reino de Israel, no norte, e o reino de Judá, no sul. Começava um novo capítulo da história do povo bíblico.

O próprio povo de Israel esmiuçou a sua posição forte e destruiu o grande reino. E com isso traçou o caminho que deveria seguir desde então, lentamente, até o amargo fim — a população de Israel, presa dos assírios, e os habitantes de Judá, presa da Babilônia. Inimigos um do outro, aconteceu-lhes coisa pior do que o regresso à insignificância. Caíram entre as mãos daquela potência que viria a dominar o palco do mundo nos séculos seguintes. Israel e Judá foram colhidos no torvelinho de grandes lutas. Menos de trezentos e cinquenta anos após a morte de Salomão, ambos os reinos se haviam extinguido.

A última vontade de Salomão foi, contudo, atendida: *Roboão*, seu filho, ocupou o trono de Jerusalém como soberano de todas as tribos por um breve período. Mas as discórdias incessantes entre as tribos apressaram o fim do grande reino e resultaram em uma guerra civil. Dez tribos do norte separaram-se. Emigrado no Egito, *Jeroboão* voltou a toda a pressa e coroou-se rei de Israel, o reino do norte. Roboão ficou com o resto, o reino do sul, Judá, com a capital em Jerusalém (Reis I 12.19, 20).

Mas entre Judá e Israel reinava a desarmonia. Em muitos choques armados corria o sangue do próprio povo. Nas fronteiras havia lutas repetidas. *"E houve guerra contínua entre Roboão e Jeroboão"* (Reis I 14.30). Com os sucessores, a situação não mudou. *"E houve guerra entre Asa e Baasa, rei de Israel, durante todo o tempo da vida deles"* (Reis I 15.16). Judá construiu a fortaleza de Masfa na principal estrada de saída de Jerusalém para o norte, mais para leste foi reforçada Gabaa, *"... e com elas o Rei Asa edificou Gabaa de Benjamim, e Masfa"* (Reis I 15.22). Tornou-se essa a fronteira definitiva.

De 1927 a 1935, uma expedição americana da Pacific-School of Religion, dirigida por William Frederic Badè, desenterrou, doze quilômetros ao norte de Jerusalém, no Tell en-Nasbe, uma muralha extremamente forte. Eram os restos da antiga fortaleza fronteiriça de Masfa. A muralha circundante media oito metros de largura. Essa poderosa fortificação mostra o quanto era encarniçada a guerra civil entre o reino do norte e o reino do sul.

Israel viu-se colhido numa pinça, formada, ao sul, por Judá, que para esse fim chegou a pedir o auxílio dos odiados filisteus, e, ao norte, pelo reino dos arameus, cuja força respeitável Judá havia assegurado por meio de um tratado (Reis I 15.18 e seguintes).

Durou séculos a luta de Israel contra esse inimigo mortal, e a

cadeia ininterrupta de guerras só terminou quando uma nova potência mundial, a Assíria, aniquilou os arameus. Com o advento da Assíria, estavam contados também os dias de Israel, ou melhor, os de ambos os reinos.

Por cima de tudo, mal se deflagrara a guerra civil quando, inesperadamente, depois de gerações, o país foi vítima de uma invasão estrangeira. O Faraó **Sesac** (60) do Egito irrompeu na Palestina com grandes forças e saqueou-a. Jerusalém, a capital, foi a que mais sofreu com o saque. "... e levou os tesouros da casa do Senhor; e os tesouros do rei, e roubou tudo, até mesmo os escudos de ouro, que Salomão tinha feito" (Reis I 14.26). Havia apenas vinte anos que existiam o templo e "a casa do bosque do Líbano", como a Bíblia chama a casa de Salomão, e já esses orgulhosos monumentos da grandeza de Salomão haviam sido despojados de suas riquezas. Em lugar dos escudos de ouro roubados, "o rei fez escudos de bronze..." (Reis I 14.27). Isso pareceu um mau presságio. O primeiro europeu de categoria que, sem o saber (porque no seu tempo ainda ninguém sabia decifrar os hieróglifos), teve diante dos olhos um grande documento do faraó bíblico Sesac foi Napoleão Bonaparte, que em 1799, acompanhado de alguns sábios franceses, percorreu, profundamente impressionado, um magnífico templo egípcio em Karnak, na margem oriental de Tebas. No meio desse templo, o maior que mãos humanas já construíram, cento e trinta e quatro colunas de vinte e três metros de altura sustentavam o teto de uma nave gigantesca. Na face exterior da parede sul exibia-se ao sol implacável do país do Nilo um relevo imponente que perpetuava a incursão do faraó descrita na Bíblia.

O deus Amon, empunhando na mão direita a espada-foice, apresentava ao Faraó Chechonk I, com a esquerda, cento e cinquenta e seis prisioneiros palestinos conduzidos por cordas. Cada prisioneiro representava uma cidade ou um lugar. Cada um ostentava um nome bíblico. Até a cidade fortaleza de Megido estava aí representada. Nas ruínas de Megido encontrou-se o nome de Chechonk I.

A expedição militar de Chechonk permaneceu durante muito tempo a última. Só mais de trezentos anos depois o Egito esteve de novo em condições de fazer valer seus direitos de soberania nos territórios da Síria e da Palestina.

O perigo mortal para Israel procedia do norte e chamava-se Assíria.

Foi no tempo do Rei Onri (882-871a.C.) que a Assíria fez a primeira tentativa de ataque. Como um exercício de manobras para o caso de necessidade, ela avançou da Mesopotâmia para o ocidente.

"Parti de Alepo e atravessei o Orontes." Esta frase de Assur-Nasirpal II, de uma inscrição cuneiforme, soa como o clamor de uma fanfarra. A Assíria precisaria de mais de duzentos anos para liquidar seus inimigos internos e externos na Mesopotâmia. Desde a antiga cidade de Assur, no Tigre, que tinha o nome de seu deus mais poderoso, o povo semítico dos assírios, ávido de

conquistas e dotado de um alto espírito organizador, estendeu seu domínio sobre todos os povos da Mesopotâmia. Agora aspirava ao domínio do mundo. Uma das condições necessárias para isso era a posse da estreita faixa de terra constituída pela Síria e a Palestina, que lhe impedia a passagem para o Mediterrâneo — a posse dos grandes portos de mar, o controle dos caminhos de caravanas mais importantes e da única estrada militar que conduzia ao Egito.

Com o estabelecimento desse objetivo de Assur, estava decidida a sorte da Síria-Palestina.

A notícia de Assur-Nasirpal indica em poucas palavras o que muito breve Israel e Judá teriam de enfrentar. "Parti do Orontes... conquistei as cidades... fiz grande carnificina entre elas, destruí, esfacelei, queimei com fogo. Aprisioneï guerreiros, empalei-os vivos diante de suas cidades. Estabeleci assírios nelas... No grande mar lavei minhas armas."

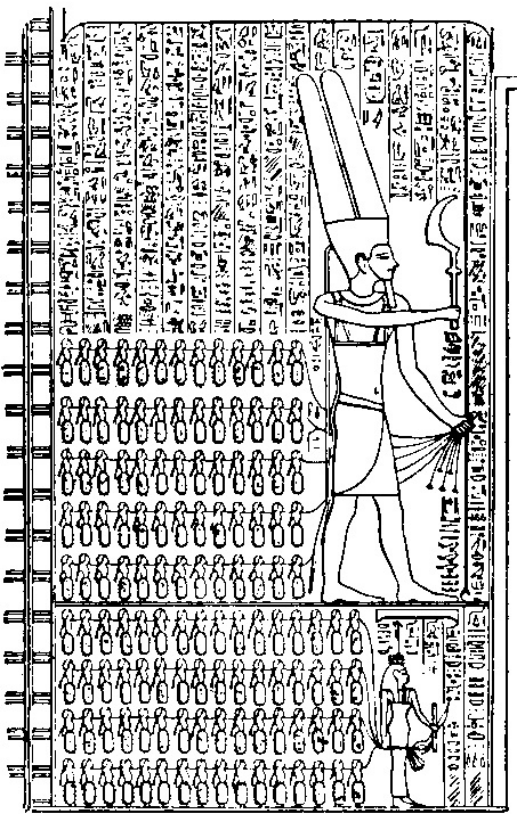


Figura 43 - Relevô representando a vitória de Chechoni, o Siseque da Bíblia, no templo de Karnak

Tão inesperadamente como surgira, partiu o assírio sobrecarregado de "prata, ouro, chumbo, cobre...", tributos das cidades fenícias de Tiro, Sidon e Biblos. O Rei Onri de Israel teve como que um pressentimento. Da mesma forma que outrora, nos seus tempos de chefe do exército, como rei ele revelou um instinto militar extraordinário. Comprou um monte numa região montanhosa da Samaria e mandou construir ali a sua capital, fortificada como um castelo — Samaria (Reis I 16.24). Onri sabia que Israel iria precisar disso desesperadamente.

A escolha do lugar revela o especialista guiado por pontos de vista estratégicos. Samaria estava situada numa colina isolada, com uns cem metros de altura e encostas suaves, no meio de um semicírculo de montanhas mais altas e de um grande e fértil vale. Uma fonte própria tornava o lugar ideal para a defesa. Do alto, descortinava-se um vasto panorama que se estendia até o Mediterrâneo.

O Rei Onri tornou-se um símbolo para os assírios. Ainda cem anos depois da queda dessa dinastia de Israel, os textos cuneiformes falam da "Casa de Onri" como designação de Israel.

Dezoito anos depois da morte de Onri, aconteceu, efetivamente, o que se temia. Salmanasar III tomou Karkemish e marchou sobre a Palestina ⁽⁶¹⁾. Acab, filho e sucessor de Onri, pressentiu a força do choque com o crescente poderio da Assíria e fez a única coisa acertada nessa situação. Acabava de vencer o seu arqu-inimigo, o rei arameu Benadad de Damasco.

Em vez de lhe fazer sentir a força do vencedor, tratou-o com extraordinária magnanimidade, "*mandou-o subir para a sua carruagem*", chamou-o de "*meu irmão*" e, não contente com isso, "*fez com ele uma aliança e deixou-o ir livre*" (Reis I 20.32, 33, 34). Fez assim de um inimigo um aliado. O povo não compreendeu o seu procedimento, e um profeta repreendeu-o por isso. O futuro mostrou, porém, que seu ato fora sensato. Evitou a guerra de duas frentes.

"Em navios de pele de carneiro atravessei... o Eufrates em sua enchente...", dizem as inscrições cuneiformes do rei assírio Salmanasar III. Os seus sapadores sabiam construir pontões de peles de animais cheias de ar!

Na Síria, ele encontrou uma coalizão adversária da Síria-Palestina, cujos contingentes observou com exatidão. Além das forças do bíblico *Benadad de Damasco* e de outro príncipe sírio, havia "dois mil carros de combate, dez mil soldados de Ahabbu, o sirileu..." Ahabbu, o sirileu, que representava a terceira força de combate e a mais forte, era... o Rei Acab de Israel.

A aliança de Israel com Damasco foi de pouca duração. Mal os assírios haviam deixado o país, recrudescceu a antiga inimizade, e Acab perdeu a vida no

combate com os arameus. *"Um homem, porém, entesou o seu arco, apontando a seta à ventura, e, por acaso, feriu o rei de Israel entre o pulmão e o estômago... e o sangue corria da ferida sobre toda a carroça. Morreu, pois, o rei, e foi levado para Samaria e lavaram sua carroça no tanque de Samaria, e os cães lamberam o seu sangue..."* (Reis I 22. 34 a 38).

A Bíblia dedicou seis capítulos à vida desse rei. Grande parte disso passou ao reino da lenda, como a *"casa de marfim"* (Reis I 22.39), ou seu casamento com uma princesa fenícia que trouxe cultos estranhos, *"... tomou por mulher a Jezabel, filha de Etbaal, rei dos sidônios. E foi e serviu a Baal, e adorou-o... e plantou um bosque sagrado..."* (Reis I 16.31 e 33), ou a grande seca na terra, *"Mas Elias... disse a Acab: Viva o Senhor Deus de Israel, em cuja presença estou, que nestes anos não cairá nem orvalho nem chuva, senão conforme as palavras da minha boca"* (Reis I 17.1). Não obstante, são fatos históricos!

A velha colina de escombros de Samaria foi atacada em duas campanhas de escavações: de 1908 a 1910, pelos americanos George a. Reisner, Clarence S. Fischer e d. G. Lyon, da Universidade Harvard; e de 1931 a 1935 por uma equipe anglo-americana sob a direção do arqueólogo inglês J. W. Crowfoot.

As bases da capital de Israel repousavam sobre terra virgem. Onri adquiriu efetivamente nova terra.

Durante os seis anos em que reinou dali, a colina antes solitária e pacífica devia ser um ruidoso centro de construções. Os enormes blocos de pedras de cantaria, usados em poderosas fortificações, deviam denunciar o objetivo estratégico do construtor. Os muros tinham cinco metros de espessura. Na acrópole, situada na encosta ocidental da colina, foram revelados alicerces e paredes de um edifício que cercundava um amplo pátio — a residência do rei de Israel, o reino do norte.

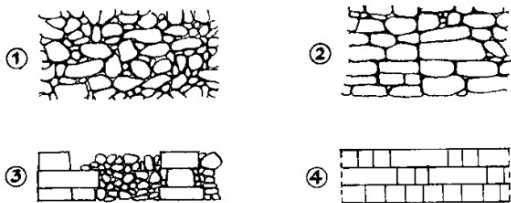


Figura 44 — 1. Muralhas ciclópicas de Jericó (desde o tempo dos patriarcas); 2. Muralhas da fortaleza real de Gabaa, de Saul (1020 a.C.); 3. Muralhas da "cidade dos carros" de Salomão, em Megido (950 a.C.); 4. Muro do palácio do Rei Acab em Samaria (850 a.C.).

Depois de Onri, residiu ali seu filho Acab, o novo rei. Este construiu mais, segundo os planos do pai. As construções eram executadas com notável habilidade, só se empregando nelas grandes blocos de pedra calcária cuidadosamente talhados.

Ao retirarem o entulho, os escavadores começaram a encontrar inúmeras lascas de marfim. O marfim não significava nada de extraordinário nas escavações da Palestina. Em quase todas elas se encontrava esse precioso material, mas somente em objetos isolados. Em Samaria, entretanto, o chão estava literalmente juncado de marfim. A cada passo, em cada metro quadrado se encontravam pedacinhos e plaquinhas amarelados e escurecidos pelo tempo, juntamente com fragmentos onde se reconhecia ainda um maravilhoso labor e delicados relevos executados pelos mestres da Fenícia.

Só havia uma explicação: aquele palácio era a famosa "*casa de marfim*" do Rei Acab! (Reis I 22.39).

É claro que o soberano não podia ter feito um palácio inteiro desse material. Mas como tal interpretação se mantivera, pôs-se em dúvida a correspondente passagem bíblica, que só agora se compreende perfeitamente: Acab mandara decorar as paredes de seu palácio com esse magnífico material, e a mobília era também de marfim.

No lado norte do espaçoso pátio do palácio, as pás puseram a descoberto um grande reservatório de água murado. Devia ser o "tanque" em que foi lavado o carro de guerra do Rei Acab.

As provas da verdade histórica da seca e do sogro de Acab, Etbaal de Sidon, foram dadas por Menandro de Éfeso, historiador fenício. Os fenícios chamavam Ittobaal ao Etbaal bíblico, o qual foi rei da cidade marítima de Tiro ⁽⁶²⁾ o tempo de Acab. Menandro fala de uma terrível seca que assolou a Palestina e a Síria no tempo do Rei Ittobaal e que durou um ano inteiro.

No tempo do Rei Jorão, filho de Acab, Israel foi objeto de uma invasão de grandes conseqüências e perdeu uma parte considerável do seu território.

Os arameus penetraram no país e sitiaram Samaria. O povo sofreu uma grande fome. Atribuindo ao profeta Eliseu a culpa dessa calamidade, o Rei Jorão quis mandar matá-lo. Eliseu, entretanto, profetizou o fim da fome já para o dia seguinte... "*o capitão, a cujo braço o rei estava encostado*", diz a Bíblia, duvidou dessa profecia (Reis II 7.2). Esse "*capitão*" deu muitas dores de cabeça. Sua função parecia mais do que misteriosa. Nada se sabia a respeito de um cortesão dessa espécie. Em vão os comentadores da Bíblia procuravam uma explicação. Por fim a pesquisa lingüística encontrou um vago indicio. A palavra hebraica "*shlish*", traduzida por "capitão", era derivada de "três". Não existia, porém, um oficial de terceira categoria. Um exame mais atento de relevos

assírios deu a solução certa.

Cada carro de guerra levava uma equipagem de três homens: o condutor, o guerreiro e um homem que tomava lugar atrás desses dois.

Com os braços abertos, ele segurava fortemente dois cinturões curtos presos à esquerda e à direita do carro. Dava assim ao guerreiro e ao condutor o necessário encosto e impedia, além disso, que fossem lançados para fora do carro aberto quando, na confusão do combate, tinham de rodar por cima de mortos e feridos. Esse era o "terceiro homem". O incompreensível "*capitão, a cujo braço o rei estava encostado*", era o que segurava os cinturões do carro de combate do Rei Jorão.

Moab, na Transjordânia, era tributário de Israel. A Bíblia fala extensamente de uma campanha contra Mesa, o renegado "rei dos carneiros": "*Ora, Mesa, rei de Moab, sustentava muitos gados, e pagava ao rei de Israel cem mil cordeiros e cem mil carneiros com seus velos. Porém, depois da morte de Acab, quebrou a aliança que havia feito com o rei de Israel*" (Reis II 3.4, 5). Israel chamou em seu auxílio Judá, o reino meridional, e a terra de Edom. Decidiram atacar juntos, pelo sul, a terra de Moab. Para chegarem lá, tinham de contornar o mar Morto. Fiando-se na profecia de que "*Vós não vereis vento nem chuva, mas este leito se encherá de água, e bebereis vós e os vossos servos, e os vossos animais*" (Reis II 3.17), os aliados arrostaram a marcha através da terra deserta. "*E fizeram um giro de sete dias de marcha, e não havia água para o exército, nem para os animais que o seguiam*" Por conselho do profeta Eliseu, cavaram "*várias fossas*". "*Pela manhã... as águas desceram pelo caminho de Edom, e a terra se encheu de água.*" Os espiões de Moab viram isso e "*os moabitas viram diante de si as águas vermelhas como sangue*" (Reis II 3.9, 16, 20, 22) e julgaram tratar-se de uma guerra entre os inimigos.

As forças aliadas tiveram êxito sobre Moab e assolaram a terra. "E destruíram as cidades, e encheram todos os campos, os mais férteis, de pedras, que cada um lançou, e entupiram todas as fontes de água, e cortaram todas as árvores frutíferas, de modo que ficaram em pé só as pedras de Kir-Hareseth" (Reis II 3.25).

Esta campanha foi notavelmente bem sucedida, de modo que eles "se retiraram dali e voltaram para o seu país" (Reis II 3.27).

Parecia impossível provar a veracidade dessa narrativa bíblica.

Em 1868, o missionário alemão F. a. Klein viajou pelos lugares bíblicos da Palestina. Sua peregrinação conduziu-o por vários lugares, entre outros pela Jordânia oriental, através de Edom, e, finalmente, até Moab. Num passeio a cavalo pelos arredores de Diban, a antiga Dibon, no curso médio do Arnon, uma grande pedra talhada despertou particularmente o seu interesse. A areia recobria-a quase completamente. Curioso, saltou do cavalo e inclinou-se sobre a pedra. Tratava-se indubitavelmente de escrita hebraica antiga! Não podia

acreditar no que seus olhos viam! Foi com enorme esforço que, sob o sol tórrido do meio-dia, conseguiu endireitar a grande pedra de basalto. Tinha um metro de altura e era arredondada em cima. Klein limpou-a cuidadosamente com uma faca e um lenço: apareceram trinta e quatro linhas de texto.

De bom grado ele levaria consigo o documento de pedra, mas era pesado demais. Além disso, num abrir e fechar de olhos surgira no local um bando de árabes armados. Gesticulando ferozmente, eles cercaram o missionário, declarando que a pedra era propriedade sua, e pediram-lhe uma importância absurda por ela.

Klein estava convencido de haver feito um achado de importância decisiva e ficou desesperado. Um missionário nunca tem muito dinheiro.

Em vão tentou convencer os nativos. Não lhe restou outra coisa a fazer senão marcar num mapa o lugar do achado, e, interrompendo a sua viagem, voltar apressadamente a Jerusalém e viajar sem demora para a Alemanha, a fim de ver se arranjava o dinheiro necessário para os árabes.

Entretantes, outros se puseram em campo também! E foi uma boa coisa, do contrário talvez se houvesse perdido para sempre um testemunho extraordinariamente valioso da história bíblica.

O pesquisador francês Clermont-Ganneau ouvira em Jerusalém a notícia da descoberta do missionário alemão e dirigiu-se imediatamente para Diban. Precisou usar de todo o seu poder de persuasão para que os desconfiados árabes o deixassem pelo menos examinar cuidadosamente a inscrição na pedra de basalto. Rodeado por nativos de olhar duro, Clermont-Ganneau tirou um molde da superfície. Quando, meses depois, ele apresentou a tradução do texto em Paris, o governo francês concordou sem hesitação com a compra. Mas imagine-se a decepção do francês quando, ao chegar a Diban com uma caravana, munido do dinheiro necessário, não encontrou mais a pedra! Apenas algumas manchas pretas de carvão indicavam o lugar onde ela estivera. Os árabes haviam-na fragmentado com pólvora de caça... por ganância. Com a venda de pedaços isolados aos europeus maníacos por coisas antigas, eles esperavam fazer um negócio ainda mais compensador.

O REINO DIVIDIDO
(850 a. C.)

 Reino de Israel

 Reino de Judá

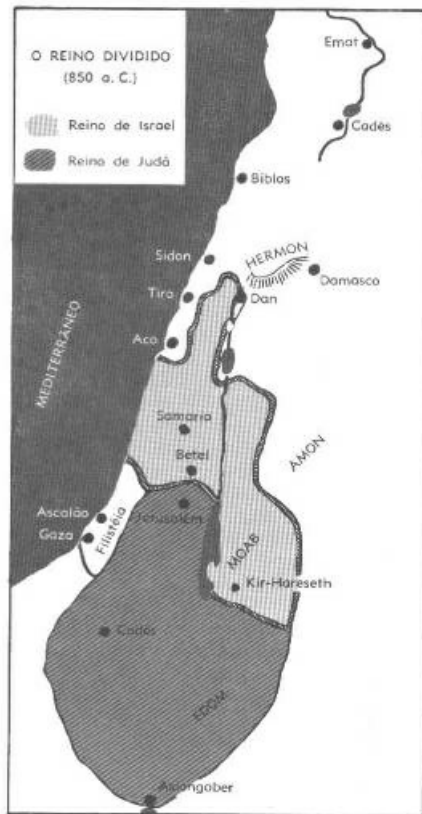


Figura 45

Clermont-Ganneau não teve outro remédio senão pôr-se em campo e procurar os pedaços dispersos do precioso documento. Depois de muitas buscas e intermináveis pechinchas, conseguiu por fim reunir todos os fragmentos. Tomando por guia o molde, foram montados os dois grandes blocos e dezoito lascas de pedra em que a lápide fora fragmentada, e antes de o missionário Klein haver conseguido reunir o dinheiro para comprá-la, já a pedra de Diban era uma nova e valiosa aquisição do Museu do Louvre de Paris.

A inscrição diz o seguinte: "Eu sou Mesha, filho de Kamosh, rei de Moab... Meu pai foi rei de Moab durante trinta anos e eu fui rei depois de meu pai; e eu erigi este alto santuário a Kamosh⁽⁶³⁾ em Querihoh⁽⁶⁴⁾, um santuário da salvação; pois ele me salvou de todos os meus opressores e me permitiu obter vantagem sobre todos os meus inimigos. Onri era rei de Israel e oprimiu Moab durante muitos dias, porque Kemosh estava irado contra a sua terra. Depois sucedeu-lhe seu filho e também este disse: oprimirei Moab! No meu tempo ele disse o mesmo, mas eu consegui vantagem sobre eles e sobre a sua casa; e Israel foi derribada para sempre... Eu fiz cavar as trincheiras de Querihoh por prisioneiros de Israel..."

Esta notícia da vitória dos moabitas causou grande sensação nos círculos científicos. Muitos sábios chegaram até a externar uma suspeita de que poderia tratar-se de uma falsificação. Peritos de todo o mundo examinaram minuciosamente toda a pedra e a inscrição. Todos os exames provaram sem sombra de dúvida que se tratava de um documento histórico, de uma notícia contemporânea do rei bíblico Mesa de Moab.

Era o mais antigo documento escrito da Palestina do ano 840 a.C. aproximadamente, e escrito em moabita, um dialeto intimamente aparentado com o hebraico bíblico. Causou verdadeira sensação. *Audiat et altera pars* (Ouça-se também a outra parte!).

A fim de nos informarmos objetivamente, convém sempre estudar as notícias de ambos os adversários. Assim se terá mais segurança, uma idéia mais clara da situação. Neste caso particular, por exemplo, a exposição da Bíblia e o texto moabita se completam. A estela⁽⁶⁵⁾ de Mesa dá a ilustração que falta e aclara o que ficou obscuro na narrativa da Bíblia. No ponto essencial a estela e a Bíblia concordam; a campanha terminou com a derrota do rei de Israel. A Bíblia descreve pormenorizadamente o êxito inicial de Israel, o Rei Mesa passa-o em silêncio. A Bíblia apenas menciona o fim desfavorável da campanha e o rei de Moab exulta com a sua vitória. Ambos dizem a verdade.

Quanto à "água sangrenta", que salvou os aliados de morrerem de sede em

sua marcha pelo deserto, um geólogo encontrou a explicação natural. Abrindo sulcos no tufo das costas do mar Morto, eles se enchem imediatamente de água, que se filtra do planalto, e a sua cor avermelhada é devida à condição do solo. Ainda hoje, muitas vezes, os pastores da Jordânia oriental extraem água por esse processo.

"E Israel foi destruído para sempre", diz triunfante a estela de Mesa. Com isso alude-se à extirpação sangrenta da dinastia de Onri do trono de Israel. O Rei Jorão foi morto. Não foi poupado um só membro da casa do soberano, que, pelo casamento de Acab com a princesa fenícia Jezabel, havia favorecido o odiado culto de Baal em Israel (Reis II 9.24 e seguintes; 10.1 e seguintes).

Os profetas *Elias* e *Eliseu* ataçaram a revolução e, em 841 a.C., o chefe do exército, *Jeú*, fiel a Jeová, foi sagrado rei (Reis II 9.1 e seguintes). Os sacerdotes de Baal sofreram a sorte da família de Onri, sendo massacrados sem piedade (Reis II 10.25 e seguintes). E isso teve como resultado o rompimento com os fenícios.

As notícias sobre o governo do Rei Jeú são escassas: *"Naquele tempo o Senhor começou a indignar-se contra Israel; e Hezeael derrotou-os (aos israelitas) em todas as fronteiras..."* (Reis II 10.32). O total das perdas e derrotas se reconhece, entretanto, numa passagem bíblica posterior do tempo de Joacaz, filho de Jeú(66): "Ora, da gente de guerra não tinham ficado a Joacaz senão cinquenta cavaleiros, e dez carros, e dez mil homens de pé; porque o rei da Síria os tinha morto, e os tinha reduzido como o pó de eira onde se debulha" (Reis II 13.7). As imponentes forças de dois mil carros de combate do Rei Acab foram reduzidas a dez carros! Como foi isso possível?

Em 1845, um jovem inglês, Henry Layard, jurista de profissão e no momento aspirante a attaché em Constantinopla, teve de repente uma sorte extraordinária. Munido apenas de cinquenta libras esterlinas, partiu a explorar uma velha colina às margens do Tigre, o Tell Nimrud. No terceiro dia, topou com as ruínas de um palácio. Mandou fazer uma escavação. Mas só conseguiu extrair areia e mais areia. Depois de haver feito um poço de vinte metros de profundidade, os magros recursos de Layard se esgotaram e ele teve de interromper o trabalho.

Desanimado, já tinha carregado os poucos utensílios nas bestas, quando se ouviu uma grande e excitada gritaria dos nativos. Um deles correu a procurá-lo e levou-o até a extremidade do fosso, onde um objeto escuro surgia da areia amarelo dourada. Rapidamente as pás começaram a trabalhar de novo e puseram a descoberto um monstro de pedra escura, em forma de obelisco. Cuidadosamente, Layard limpou o achado da poeira primitiva e da sujeira. Em todas as quatro faces apareceram relevos, figuras e inscrições e caracteres cuneiformes.

Bem acondicionada e conduzida com grande cuidado, a pedra negra viajou

no frágil barco fluvial, subindo o rio Tigre, a fim de ser apresentada aos membros da embaixada britânica em Constantinopla. As magras cinquenta libras tinham rendido dividendos inesperados! Nunca na história da arqueologia se conseguira um achado tão valioso com tão pouco emprego de capital.

Orgulhosamente, os preparadores colocaram a pedra num lugar de honra no Museu Britânico. Milhares de londrinos e sábios da Europa puderam admirar então aquele testemunho antigo do Oriente longínquo. A ponta do obelisco de basalto negro, com dois metros de altura, representava uma torre de templo com três escalões. E os visitantes olhavam assombrados os maravilhosos relevos, dispostos em cinco faixas ao redor da pedra.

Gravadas nas faces da pedra havia figuras regiadamente vestidas, algumas das quais se inclinavam reverentemente até o chão diante da figura de um soberano. Longas colunas de carregadores transportavam preciosos tesouros — presas de elefantes, fardos de tecidos pendentes de varas e ornados de franjas, bilhas e cestas cheias. Entre os animais conduzidos chamou a atenção um elefante com orelhas extraordinariamente pequenas; havia camelos de duas gibas, macacos, antílopes e até um touro bravo e um misterioso unicórnio.



Figura 46-Tributo do Rei Jeú a Salmanasar III.

Mas quem quisesse interpretar o sentido dos relevos teria de se contentar com suposições. Pois ninguém no mundo inteiro sabia ainda interpretar os textos cuneiformes. A pedra permanecia muda. Sobre os assírios, os eruditos sabiam

apenas o que a Bíblia dizia. E no princípio do século XIX os sumérios e os acádios eram apenas nomes sem sentido. "Um caixote com pouco mais de um metro quadrado", escreve Layard, "cheio de pequenos cilindros com inscrições, selos e fragmentos de textos, que ainda não puderam ser classificados, era nesse tempo tudo o que existia em Londres sobre os tempos primitivos da Mesopotâmia."

Só anos depois se verificou, pela tradução dos textos, que o obelisco negro era um monumento de vitória do rei assírio Salmanasar III⁽⁶⁷⁾, contemporâneo e adversário do Rei Acab de Israel, glorificando a cadeia ininterrupta de campanhas sangrentas. A descrição continha uma interessantíssima confirmação das tradições bíblicas daquele tempo.

Por três vezes, no sexto, décimo primeiro e décimo quarto ano de seu reinado, o assírio topou, em suas expedições de conquista ao ocidente, com uma aliança de reis da Síria e da Palestina. Na expedição do décimo oitavo ano de seu reinado, porém, só um rei lhe saiu ao encontro nessa região. Os textos assírios citam como adversário apenas o rei bíblico *Hazael* de Damasco. Sobre o aliado do rei damasceno, Jeú de Israel, o monumento da vitória dá informações interessantes.

A segunda faixa de relevo representa uma longa fila de pessoas pesadamente carregadas, trajando túnicas ricamente ornamentadas e barretes em ponta. O texto correspondente diz:

"Tributo de Jaua de Bit-Humri: recebi dele prata, ouro, uma bacia de ouro, escudelas de ouro, copos de ouro, vasilhas de ouro, peças de chumbo, cetros para o rei e madeiras de bálsamo".

"Jaua de Bit-Humri" é nada mais nada menos que o Rei Jeú de Israel. Os assírios chamavam a Israel "Bit-Humri", que significa "Casa de Onri".

Essa referência encontrada na residência real do Tigre fornece a chave para a compreensão das perdas que sofreu o reino setentrional de Israel sob o governo de Jeú.

Só pagava tributo quem se submetia voluntariamente; do inimigo vencido tomavam-se despojos. Jeú tornara-se dissidente de Damasco e levava presentes ao rei assírio. Por sua infidelidade aos antigos aliados, por seu afastamento de Damasco tiveram de pagar caro Jeú, seu filho Joacaz e, sobretudo, o povo de Israel. Mal o assírio voltou as costas à Síria, Hazael de Damasco iniciou contra Israel uma guerra de vingança e extermínio. A Bíblia diz qual foi o resultado: *"Naquele tempo, o Senhor começou a indignar-se contra Israel; e Hazael derrotou-os em todas as fronteiras... e os tinha reduzido como o pó da eira onde se debulha"*.

Vós que dormis em leitos de marfim, e vos entregais ao conforto dos vossos leitos; que comeis os melhores cordeiros do rebanho, e os mais escolhidos novilhos da manada; que cantais ao som do saltério; e julgais imitar a Davi, usando instrumentos musicais; que bebeis vinho por copos, que vos perfumais

com óleos preciosos..." (Amós 6.4 a 6).

A circunstância de a Assíria ter, depois de Salmanasar III, uma série de soberanos fracos, deu aos reinos de Israel e Judá um repouso que, aliás, foi apenas um adiamento. Estando a Assíria ocupada com as próprias desordens internas, Israel e Judá puderam gozar de um período de paz, que durou de 825 a 745 a.C.

Quatro décadas governou *Oσίας, o Leproso*, como rei de Judá. Em Israel governava Jeroboão II [\(68\)](#). Sob o seu longo reinado, Israel prosperou novamente, tornou-se rico, deu-se ao luxo e as classes superiores viviam satisfeitas consigo mesmas, entregues às suas paixões, à depravação e ao vício. O profeta Amós ergueu a voz em advertência, fustigando a vida dos prazeres sem freio.

Os relatórios arqueológicos e as áridas notícias das expedições lançam uma luz que aclara as advertências do profeta. Em Israel, no monte de ruínas da velha Samaria e ao redor, nas camadas de solo correspondentes às décadas posteriores a 800 a.C., sob o reinado de Jeroboão II, repousavam os testemunhos de sua opulência material. O palácio real de Samaria continha ainda uma grande quantidade de delicadas tabuinhas de barro escritas a tinta e pincel. Em sessenta e três cartas referentes a importantes remessas de vinho e azeite para o palácio real assinam como remetentes os administradores das fazendas reais de Jeroboão II, lavradores e empregados que já dispunham de uma escritura notável.

Da mesma época procede também uma boa quantidade de objetos de talha em marfim, ornados em parte com ouro, pedras semipreciosas e pó de vidro de variadas cores. Os desenhos representavam motivos mitológicos tomados ao Egito, como Harpócrates na flor do lótus, figuras de deuses como Ísis e Horus, ou querubins. Por toda parte no país havia armazéns e celeiros onde se guardava o excedente de mercadorias de todo tipo.

Como ocorreu essa súbita superabundância, essa riqueza?

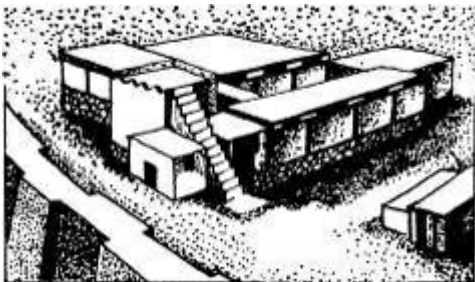


Figura 47 - Casa de um aristocrata em Megido no tempo dos reis (reconstrução).

Ainda poucos anos antes Israel estivera numa situação de desespero.

Uma frase do cronista do quadragésimo primeiro ano do reinado de Jeroboão II contém a chave que nos permite compreender : *"Restabeleceu os limites de Israel, desde a entrada de Emat até o mar do deserto..."* (Reis II 14.25). Esse "mar do deserto" é o mar Morto. De novo o reino se estendeu até a Jordânia oriental e — como no tempo de Davi e Salomão — até a Síria. Em 800 a.C., a conquista de Damasco pelos assírios havia destruído o poder dos arameus e desse modo — parece uma ironia da sorte — livrado Israel de seu mortal inimigo. Israel aproveitou a oportunidade para reconquistar os territórios há muito perdidos, mudou a situação a seu favor e, com os tributos da Jordânia, começou a entrar nova riqueza.

Duras e agourentas deviam soar as palavras do profeta Amós na época desse aparente esplendor: "Ai... dos que viveis... no monte de Samaria... Vós todavia estais reservados para o dia mau, e estais-vos a aproximar do sôlio da iniquidade... Por isso ireis na frente dos que forem cativos, e será disperso este grupo de voluptuosos" (Amós 6.1, 3, 7). Em vão... soavam em ouvidos moucos. Só o Rei Jeroboão não deve ter confiado na paz, talvez as palavras de exortação do profeta encontrassem eco no seu coração. De qualquer modo, reforçou febrilmente a fortaleza pouco segura de Samaria, a capital.

O inglês J. W. Crowfoot encontrou o que Jeroboão fez em sua sábia previsão. Samaria foi cercada por uma dupla muralha, sendo mais reforçadas ainda as fortes muralhas já existentes. Na parte da acrópole que dava para o norte, onde Samaria devia ser mais vulnerável, Crowfoot pôs a descoberto um baluarte

titânico. Estendeu a fita métrica, convencido de que se enganara. Cuidadosamente, mediu de novo. Não havia dúvida: a muralha, feita de pedras rejuntadas, tinha dez metros de espessura!

O fim do reino setentrional de Israel

O soldado Ful torna-se Têglath Phalasar III — Governadores assírios sobre Israel — Samaria resiste três anos — O Cônsul Botta procura Ninive — O rei burguês inaugura o primeiro museu assírio — Caçando documentos ao luar — A biblioteca de Assurbanipal — Um povo é deportado

Ful, rei dos assírios, foi então a esta terra... (Reis II 15.19).

Tais são as palavras que anunciam a agonia do reino setentrional de Israel, lapidares, sóbrias, desapaixonadas.

A morte de Jeroboão II preludiou o último ato. No mesmo ano, 747 a.C., morria o Rei Osias de Judá, o Leproso. No breve período de anarquia que se sucedeu, Manaém proclamou-se rei em Samaria. Em 745 a.C., subira ao trono assírio um antigo soldado de nome Ful, que passou a chamar-se Têglath Phalasar III [\(69\)](#). Foi o primeiro de uma série de tiranos brutais que conquistaram o que se tornou então o maior império do antigo Oriente. Seu objetivo era a Síria, a Palestina e o último pilar do mundo antigo, o Egito. E assim foi que Israel e Judá se encontraram entre as más implacáveis de um Estado militar, para quem a palavra "paz" só merecia desprezo e cujos déspotas e cortes só entendiam de três coisas: marchar, conquistar, oprimir.



Foto - Parrot, "Découverte des mondes ensevelis", Delachaux & Niestlé S.a. Neuchâtel, — O capitão "a cujo braço o rei estava encostado" (Reis II 7.2) tinha que segurar uma correia, como mostra este relevo de Nínive, atrás do rei assírio Assurbanipal — o Asnafar do Velho Testamento — e do condutor do carro.

Desde o norte da Síria, Teglath Phalsar III invadiu todas as terras ao longo do

Mediterrâneo, transformando povos independentes em províncias do império da Assíria e em Estados tributários. A princípio, Israel se submeteu voluntariamente:

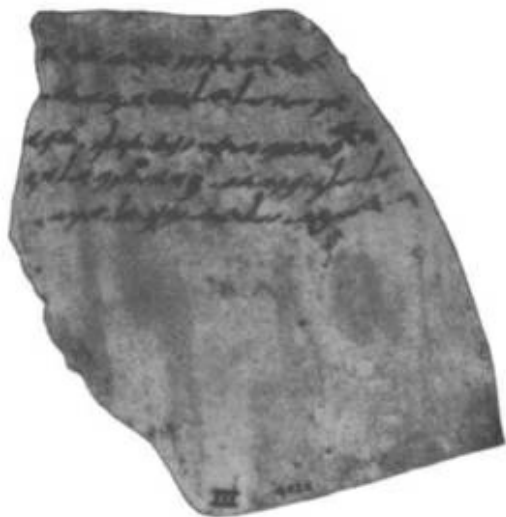
"E Manaém deu a Ful(70) mil talentos de prata, para que ele o socorresse e lhe firmasse o seu reino. Manaém fez cobrar dinheiro das pessoas poderosas e ricas, para dá-lo ao rei dos assírios, cinquenta ciclos de prata por cabeça; e o rei dos assírios retirou-se, e não se demorou no país" (Reis II 15.19, 20).



Foto - Louvre, Paris. — A estela de basalto do rei bíblico Mesa de Moab foi descoberta em 1868 pelo missionário alemão Klein em Dibon, na Jordânia oriental. Data de 850 a.C.. Nela está gravada a notícia da campanha contra Israel e Judá, de que se fala no Livro II dos Reis (capítulo 3). Nômades gananciosos fragmentaram o valioso documento (fendas).



Foto — (superior): Foto: Engnell & Friedrichsen, Estocolmo Na entrada das muralhas de Samaria, os escavadores encontraram dois bancos de pedra 'E o rei de Israel e Josafat, rei de Judá, estavam sentados cada um no seu trono na praça, junto à porta de Samaria" (Reis I 22.10). — **(inferior):** Foto: Librairie Arthème Fayard, Paris. *"E vazou-lhe os olhos (a Sedecias)"* (Reis II 25.7). Sargão II praticou o cruel castigo que, segundo a lei de guerra assírio-babilônica, era infligido pela traição. Introduziam no lábio superior dos prisioneiros um anel para quebrar-lhes a resistência. *"...e o levaram (a Manassés) para Babilônia, preso com cadeias e grillhões"* (Crônicas II 33.11).



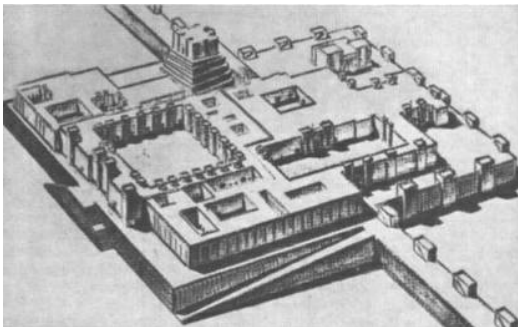


Foto - W. F. Albright, Trustees of the late Sir Henry S. Wellcome, Londres — Comunicação de um posto de observação judeu ao comandante de Lakish, 289 a.C. **Foto** - Engnell & Friedrichsen, Estocolmo. — Palácio do rei assírio Sargão II em Khursabad (reconstrução).

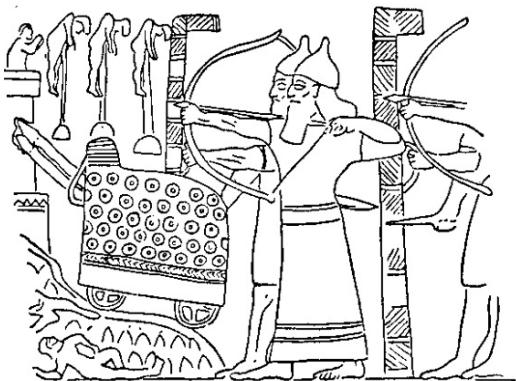


Figura 48 - Teglat Phalasar III (com arco e espada) sitia uma fortaleza. Máquinas-ariete destroem as muralhas. Ao fundo, homens empalados.

"Recebi tributo de Manaém de Samaria", registrou Teglat Phalasar III nos anais.

Mil talentos correspondem a sete milhões e meio de marcos-ouro.

Cinquenta siclos por cada uma *"das pessoas poderosas e ricas"* são cento e vinte e cinco marcos-ouro. O economista e o estatístico deduzem: devia haver sessenta mil indivíduos de posses em Israel.

O Rei Manaém julgou que o pacto com o tirano e o pagamento voluntário de tributo seriam um mal menor. Mas isso começou a contrariar o povo. A contrariedade por causa do imposto assírio degenerou em conspiração e assassinio. O ajudante Facéia matou o filho e herdeiro de Manaém e tomou o poder. Desde esse momento, o partido antiassírio determinou a futura política do reino do norte.

Rasin, rei de Damasco, tomou energeticamente a iniciativa. Sob sua direção restabeleceu-se a liga de defesa dos Estados arameus contra a Assíria. Os Estados fenícios e árabes, as cidades filistéias e os edomitas se incorporaram a ela. Israel também aderiu à liga. Só o Rei Acáz, do reino meridional de Judá, se manteve obstinadamente à parte. Rasin e Facéia tentaram fazer Judá entrar na liga à força. *"Então Rasin, rei da Síria, e Facéia, filho de Romélia, rei de Israel,*

foram contra Jerusalém, para combater; e, tendo cercado Acaz, não o puderam vencer" (Reis II 16.5). No extremo da sua aflição, o rei de Judá lançou um grito de socorro.

"...Acaz mandou mensageiros a Teglath Phalasar III, rei dos assírios, dizendo: Eu sou teu servo e teu filho: vem, e salva-me da mão do rei da Síria, e das mãos do rei de Israel, que se aliaram contra mim. E, tendo juntado a prata e o ouro, que se pode achar na casa do Senhor, mandou presentes ao rei dos assírios" (Reis II 16.7, 8).

"Recebi tributo de Jauhazi (Acaz) de Judá", registra novamente o assírio.

Então o mal seguiu seu curso. Devemos nosso conhecimento sobre esses acontecimentos a dois grandes registros históricos: a Bíblia e as tabuinhas de pedra e barro com inscrições cuneiformes, nas quais — a mil quilômetros de distância do terrível acontecimento — foi registrado fielmente o sucesso da guerra. Muito mais de dois mil anos repousaram os documentos nos magníficos palácios do Tigre, até que os sábios habilmente os desenterraram e traduziram para a nossa língua. Eles puseram de novo diante dos nossos olhos, de uma maneira notável, o fiel conteúdo histórico das narrativas bíblicas. A Bíblia e os monumentos assírios concordam inteiramente na descrição dos acontecimentos que aniquilaram o reino setentrional de Israel.

O cronista do Velho Testamento registra os fatos sobriamente, o historiógrafo assírio compraz-se sinistramente em seus detalhes:

Livro II dos Reis:

1 -"O rei dos assírios, pois, marchou contra Damasco, e destruiu-a, e transportou seus moradores para Cirene, e matou Rasin". (Reis II 16.9)

2 -"No tempo de Facéia rei de Israel, veio Teglath Phalasar, rei dos assírios e tomou...Asor, Galaad e Galiléia e todo país de Neftali; e transportou todos habitantes para Assíria.(Reis II 15.29)

3 -"Mas Oséias...fez uma conspiração...contra Facéia...e feriu-o e matou-o; e reinou em seu lugar...(Reis II 15.30)

Texto cuneiforme de Teglath Phalasar III

1 - "Empalei vivos os seus nobres e mostrei-os como espetáculo à sua terra. Derribei seus hortos e pomares sem conta. Sitei e tomei a cidade natal de Reson(Rasin) da terra de Damasco. Levei prisioneiras oitocentas pessoas com seus bens. Arrasei as cidades de dezesseis distritos de Damasco como se fosse montículos de areia na praia".(De: Expedição militar ao Ocidente, 734-733 a.C.)

2 - "Bét-Omri (Israel), cujas cidades eu havia tornado território da minha terra, só tendo deixado a cidade de Samaria... Anexei a grande terra de Neftali ao país da Assíria. Coloquei funcionários meus como governadores sobre essas terras. A terra de Bét-Omri, o total de seus habitantes e seus bens conduzi para a Assíria." (De: Expedição militar ao Ocidente e Expedição militar contra Gaza e Damasco, 734-733 a.C.)

3 -"Derribaram Facéia, seu rei, e eu pus Oséias para reinar sobre eles." (De: Expedição militar contra Gaza e Damasco.)

Quando as hordas guerreiras da Assíria se retiraram outra vez da Palestina, deixaram Israel ferido de morte, arrojado por terra, dizimado por deportações, reduzido a uma pontinha insignificante do reino do norte. Com exceção de Samaria, foram anexadas todas as cidades, o país foi dividido em províncias, nas quais os governadores e administradores assírios estabeleceram um regime férreo.

De Israel ficou apenas um Estado anão, um pontinho no mapa: as montanhas de Efraim com Samaria, a capital. Aqui vivia o Rei *Oséias*. É verdade que o reino do sul, Judá, foi poupado... temporariamente!

Mas era tributário de Teglath Phalasar III.

O colosso militar assírio dominara com mão forte o Crescente Fértil das costas do golfo Pérsico, das cordilheiras da Pérsia à Ásia Menor, das planícies da Mesopotâmia, passando pelo Líbano e o Antilíbano, à Palestina. Só não foi submetida a capital, Samaria, ocupando sete hectares e meio de superfície, com uns dois quilômetros quadrados de campos de trigo e cevada como *hinterland*.

Dessa pontinha de terra, Assur recebe um desafio!

Depois da morte de Teglath Phalasar III, o Rei Oséias conspirou com o Egito. Recusou-se a pagar o tributo anual aos assírios. Salmanasar V⁽⁷¹⁾, sucessor de Teglath Phalasar III, revidou imediatamente. Pois *"tendo... descoberto que Oséias, tentando rebelar-se, tinha mandado mensageiros a Sua, rei do Egito⁽⁷²⁾, para não pagar os tributos ao rei dos assírios, como todos os anos costumava, cercou-o, e, depois de preso, meteu-o numa prisão"* (Reis II 17.4). Para se manter, a organização do odiado sistema de terror precisava (então como agora) de uma vasta rede de esbirros e espíes.

Com Samaria, o que restava do reino setentrional de Israel sofreu a sorte de Damasco: *"... no ano nono de Oséias, o rei dos assírios tomou Samaria, e transportou os israelitas para a Assíria..."* (Reis II 17.6).

Três anos inteiros a pequena fortaleza da montanha havia resistido heroicamente a forças esmagadoramente superiores (Reis II 17.5).

Os textos cuneiformes informam que, durante o assédio de Samaria, Salmanasar V morreu inesperadamente. O seu sucessor, Sargão II⁽⁷³⁾, continuou a luta. "No primeiro ano de reinado", relatam os anais de Sargão, "sitiei e conquistei Samaria... levei comigo vinte e sete mil e duzentas e noventa pessoas que aí viviam."

A descoberta das inscrições de Sargão, há mais de cem anos, parece uma história romântica do país fabuloso dos califas. Não obstante, constitui um marco miliário na ciência da Antigüidade. Porque com ela nasceu a assiriologia, cujas descobertas sensacionais deram autenticidade histórica a muitas narrativas bíblicas.

Ainda não fora inventado o automóvel; ainda não se conhecia a luz elétrica; nas planícies de areia das margens do Tigre ainda não se erguia nenhuma torre de perfuração de petróleo; Mossul apresentava ainda o quadro pitoresco e colorido de uma cidade das *Mil e uma noites*. Nem sequer lhe faltavam os bazares, os haréns e um califa de carne e osso. Estava-se em pleno antigo Oriente, no ano de 1840.

Era verão. Um hálito de fogo envolvia a cidade de esguios minaretes brancos e ruas estreitas e sujas, sem calçamento. Para um europeu, aquele calor era insuportável. Paul-Émile Botta, o novo agente consular francês, escapava à canícula sempre que podia, saindo a passear a cavalo pelas margens do Tigre a fim de respirar um pouco de ar fresco. Mas não tardou que outra coisa que não o ar fresco começasse a exercer uma grande atração sobre ele: umas estranhas colinas desertas que existiam na outra margem do Tigre. Isso, é claro, nada tinha a ver com as tarefas rotineiras de um agente consular, mas M. Botta era um homem culto e havia acompanhado com muita atenção uma controvérsia dos eruditos sobre um nome bíblico — *Ninive!* Ninguém sabia onde ficava exatamente essa cidade antiga. Uma suposição se opunha a outra. Uma delas

indicava os arredores de Mossul como sítio de Nínive. Vagueando pelas dunas amarelo-escuras na margem oposta do Tigre, Botta encontrava repetidamente fragmentos de tijolos. Eram, porém, fragmentos insignificantes e que nada diziam. Apesar disso, fez referência a eles numa carta que mandou para Paris. A resposta foi um escrito de M. Mohl, secretário da *Société Asiatique*, incitando-o a examinar a região com um pouco mais de atenção.

Com seu próprio dinheiro, Botta contratou uma turma de nativos e, nos barcos redondos típicos do Tigre, atravessou com eles o rio até as colinas, a fim de fazer escavações.

Essa primeira tentativa de um europeu moderno de procurar Nínive e lhe arrancar seus segredos estava, entretanto, destinada ao insucesso. Botta fez escavar o solo em várias encostas. Num instante escoaram-se algumas semanas de atividade. E os resultados foram nulos. Botta viu que seus recursos se gastavam inutilmente e interrompeu, decepcionado, a expedição particular, iniciada com tanto entusiasmo.

É possível que ele nunca mais tornasse a fazer pesquisas nessa região se não ouvisse algo que lhe deu novo impulso. Na aldeia de Khursabad, a onze quilômetros de distância para o norte, uns árabes, ao lavrarem os campos, tinham, ao que se dizia, encontrado grandes colunas!

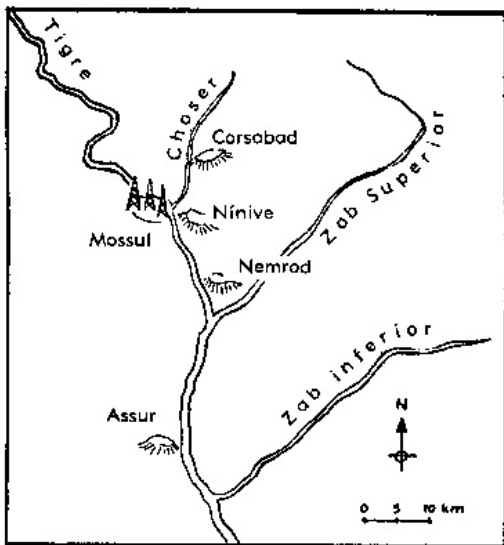


Figura 49 - Montículos de entulho das antigas residências dos soberanos assírios no Tigre.

Nos primeiros dias de março de 1842, Botta já se havia transportado para o local com seus trabalhadores. Começou o trabalho das picaretas.

Logo no primeiro dia encontraram obras de alvenaria, evidentemente as paredes de uma grande construção.

Botta exultou de alegria, embora naquele momento ainda nem suspeitasse de que havia descoberto um filão histórico e científico de primeira ordem. A alvenaria descoberta fazia parte do primeiro e gigantesco palácio assírio que, após milhares de anos de repouso, seria trazido de novo à luz do dia. Era o nascimento da assiriologia. E o que deu lugar a esse nascimento foi — como veremos a seguir — um engano. Mais uma vez, a ciência francesa mostrou neste

caso a segurança do seu instinto. A Académie des Inscriptions, que Botta informou sem demora sobre a descoberta, obteve imediatamente do governo os meios necessários para as escavações. Não foi muito a princípio, mas o franco-ouro tinha bastante valor no Oriente. O sultão concedeu a licença pedida para uma escavação. Inimagináveis e embaraçosas ao extremo foram, entretanto, as dificuldades que o próprio Botta teve de enfrentar, causadas pelas autoridades de Mossul. Algumas vezes, diziam que as escavações eram trincheiras, outras que as toscas barracas dos trabalhadores eram um acampamento militar. Mais de uma vez Botta teve que pedir socorro a Paris, e a diplomacia foi obrigada a intervir. Apesar de tudo isso, foram arrancadas da areia, em Khursabad, partes de um imenso palácio.

Eugène N. Flandin, famoso desenhista francês que se havia especializado em antiguidades, recebeu do Museu do Louvre a incumbência que hoje cabe ao fotógrafo numa expedição. Seu lápis de desenho ia reproduzindo no papel, com absoluta fidelidade, as coisas que saíam do solo. Os desenhos foram reunidos numa coleção magnífica, e a obra, em grande formato, recebeu o pretensioso título de *Le Monument de Ninive*. Porque Botta estava convencido de haver descoberto a cidade bíblica de Nínive. E era aí que estava o engano!

Se ele tivesse escavado alguns centímetros mais fundo na colina em frente de Mossul, onde, desanimado, dois anos antes havia abandonado o trabalho aparentemente inútil, teria feito a grande descoberta da sua vida!

Assim, coube o mérito da descoberta de Nínive a Henry Layard, que em 1845, por incumbência do governo inglês, empreendeu escavações no lugar abandonado por Botta.

Logo aos primeiros golpes das pás, por assim dizer, ele encontrou os muros de um palácio magnífico — Nínive!

O que Botta desenterrara em Khursabad fora o imenso Castelo de Sargão, residência do rei assírio Sargão II. Mas só se soube disso mais tarde. Se Botta pudesse ler as tabuinhas encontradas em Khursabad, não cometeria o erro que cometeu. "Dur-Sharrukin" ("Paço de Sargão"), dizia a inscrição cuneiforme, que, em 1842, ainda não podia ser decifrada com segurança. A chave da tradução só quinze anos mais tarde pôde ser comprovada.

Em 1875, os ingleses Rawlinson e Hincks e o franco-alemão Oppert traduziram um texto, independentemente uns dos outros, e as três traduções concordaram inteiramente entre si. E assim ficou resolvida a decifração da escrita assíria.

Em outubro de 1844, os relevos e textos de anais descobertos por Botta, juntamente com estátuas e blocos de colunas, iniciaram uma viagem aventureira. Em barcos e balsas, a preciosa carga partiu de Khursabad com destino à foz do Tigre. Em Basra, no golfo Pérsico, foi embarcado no *Cormoran* e seguiu para a Europa. Paris experimentou uma grande sensação, pois o fato interessava não

somente aos sábios mas também ao grande público.

Nas magníficas salas do Louvre, decoradas por Percier e Fontaine, em 1º de maio de 1847 o "rei burguês" Luís Filipe inaugurou solenemente a coleção com os primeiros testemunhos do mundo das histórias bíblicas. Assim nasceu o primeiro museu assírio do mundo.

As colinas da antiga Nínive ofereceram ao novo mundo a mais formidável coleção de informações sobre a Antiguidade.

E a história da sua descoberta não deixou de ter certo sabor amargo para a França. Quando começaram as escavações inglesas, os franceses haviam reservado para si uma parte da colina. Na parte reservada aos ingleses veio à luz um palácio gigantesco, e foi identificada a Nínive histórica e bíblica. Mas o que se escondia no setor da França? O explorador Rassam valeu-se de uma boa oportunidade para descobri-lo. Valendo-se da ausência de Rawlinson, seu chefe, diretor das escavações, e de um luar claríssimo, fez uma proveitosa excursão ao terreno reservado à França. Logo aos primeiros golpes de pá, topou com o palácio de Assurbanipal e com a célebre biblioteca desse soberano, a mais famosa do antigo Oriente. Vinte mil tabuinhas cobertas de inscrições cuneiformes seguiram para o Museu Britânico.

Essas tabuinhas continham a substância histórica e espiritual da Mesopotâmia, de seus povos, reinos e suas aptidões, de suas culturas e religiões, além da história do dilúvio dos sumérios e da epopéia de Gilgamesh.

E o livro até então fechado e misterioso da história do nosso mundo abriu-se de repente página após página. Soberanos, cidades, guerras e histórias, que por tanto tempo os homens só conheceram do Velho Testamento, revelaram-se fatos reais.

Entretanto, está esquecido há muito o que deu motivo a essas pesquisas e descobertas sensacionais: se não fosse a Bíblia, talvez nunca tivessem sido procuradas!

Em meados do século, teve lugar o redescobrimento de Nínive, do castelo de Sargão e, no Tell Nimrud, a *Cale* do Gênese que "*Nimrod construiu*" (Gênese 10.11). Mas passaram-se alguns decênios ainda antes que a enorme quantidade de textos cuneiformes decifrados e traduzidos se tornasse acessível a um grande círculo de pessoas. Só no fim do século passado e começo deste apareceram algumas obras eruditas, com as traduções de uma parte dos textos, entre elas os anais dos soberanos assírios correntes no Velho Testamento: "Teglat Phalsar" ou "Ful", "Sargão", "Senáquerib" e "Asaradão"...

Desde então essas obras pertencem em todo o mundo ao patrimônio de bibliotecas de universidades, Estados, institutos e seminários. Uma mina inigualável de descobertas, diligentemente estudada e utilizada por historiadores, assiriólogos, teólogos — isto é, por especialistas. Mas quem mais as lê, quem as conhece? Entretanto, só com os relevos poderia compilar-se um livro histórico

ilustrado realmente completo e claro sobre a Bíblia!

Os documentos assírios contêm grande quantidade de fatos interessantes e esclarecedores, que reforçam o conteúdo historicamente verdadeiro da Bíblia. Botta encontrou no castelo de Sargão em Khursabad notícias de Sargão sobre suas expedições militares à Síria e à Palestina e sobre a sua conquista de Samaria em Israel.

"...no meu primeiro ano de reinado, sitiei e conquistei a Samaria." O Rei Sargão II governou de 721 a 705 a.C.; Israel, o reino do norte, caiu, pois, no ano 721 a.C. (Reis II 17.6).

"Gentes das terras, prisioneiros de guerra feitos de minhas próprias mãos deixou-os viver nelas. Pus sobre eles meus funcionários como governadores e impus-lhes taxas e tributos como aos assírios", referem os anais a respeito da conquista de Samaria. O Velho Testamento descreve a tática impiedosa de desarraigamento dos ditadores, usada em grande escala pelos assírios — experiência feita então pela primeira vez no mundo: *"E o rei dos assírios mandou vir gente de Babilônia, e de Kutha, e de Ava, e de Emat, e de Sefarvaim, e pôs-las nas cidades da Samaria em lugar dos filhos de Israel, e eles possuíram a Samaria, e habitaram nas suas cidades"* (Reis II 17.24).

Dezenas e dezenas de milhares de pessoas foram arrancadas à força de sua pátria e deportadas para terras estrangeiras, sendo os claros deixados preenchidos com povos arrancados de outras regiões.

O objetivo era claro: tinha que ser destruído o caráter racial. Desse modo se destruiria também a vontade de resistência. O Crescente Fértil foi todo revolvido, seus povos, mesclados e de grande variedade de raças e cultos, separados. Fez-se um amálgama.

Com Samaria não ocorreu diferente. Seus habitantes, pitorescamente heterogêneos, foram chamados mais tarde "samaritanos". "Samaritano" passou a ser uma injúria e uma expressão de repulsa. Eles se tornaram objeto de desprezo por sua raça e religião: *"Porque os judeus não comunicam com os samaritanos"* (João 4.9). Só Jesus conta a parábola do "bom samaritano", assim transformando uma palavra de ódio numa idéia prática de amor ao próximo (Lucas 10.30 e seguintes).

O povo do reino do norte e, com ele, a realeza, caíram e desapareceram, absorvidos pelas populações de terras estrangeiras, e nunca mais reapareceram na história. Todas as pesquisas para descobrir o paradeiro das dez tribos que aí tinham sua pátria foram infrutíferas até hoje.

Esperanças com a morte de Sargão — Um emplastro de figos cura o Rei Ezequias — Receita eficaz do antigo Oriente — Berodac Baladan, horticultor e rebelde — Rearmamento secreto em Judá — Aqueduto aberto nos rochedos de Jerusalém — Uma inscrição no túnel aberto por Ezequias — A sorte de Lakish contada em relevos de pedra — Rodeiras de "tanques" assírios nas ruínas — Uma retirada misteriosa — Notícia de Heródoto sobre o rei e o rato — Starkey descobre um túmulo de empestados — Senáquerib descreve o sítio de Jerusalém

Por causa disso eu prantearei e soltarei gritos: andarei despojado e todo nu; darei berros como os dragões, e soltarei lamentos como os avestruzes; porque a chaga da Samaria é desesperada, porque chegou até Judá, penetrou até a porta do meu povo, até Jerusalém (Miquéias 1.8, 9).

É possível que em Judá muitos se alegrassem com a queda do irmão inimigo. Mas a notícia encheu de dor o profeta Miquéias. Ele pressentiu que o golpe que arrasara Samaria atingiria também a cidade de Jerusalém. Nesse tempo, era Ezequias rei de Judá [\(74\)](#), "e ele fez o que era bom na presença do Senhor..." (Reis II 18.3). Desde que o pai de Ezequias se submetera voluntariamente a Teglat Phalasar III, em 733 a.C., Judá era Estado vassalo dependente, e os pagamentos de seus tributos eram registrados metodicamente em Nínive. Ezequias não quis seguir a política do pai. Com ele subiu ao trono a reação. "Sacudiu... o jugo do rei dos assírios" (Reis II 18.7).

Ezequias não era exaltado, mas astuto, calculista e homem de visão.

Sabia muito bem que suas intenções constituíam um jogo arrojado e altamente perigoso para ele e seu povo. A apenas cinquenta quilômetros de Jerusalém, em Samaria, estava o governador assírio que o observava com desconfiança. Um passo em falso, uma piscadela para Nínive, e Ezequias seria deposto e acorrentado. O trono era apenas um feudo. Ezequias procedeu com toda a precaução e prudência, "e conduzia-se com sabedoria em todas as coisas que empreendia" (Reis II 18.7).

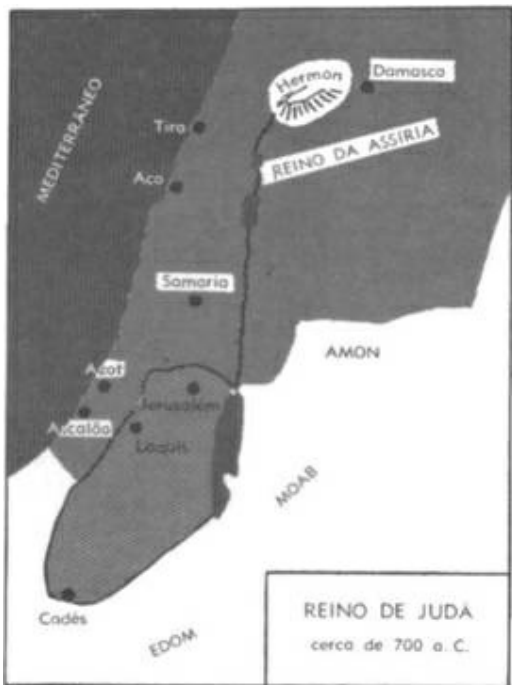


Figura 50

No Estado filisteu de Azot, igualmente oprimido, irromperam manifestações antiassírias. Isso deu origem a uma liga contra a opressor do Tigre ⁽⁷⁵⁾. Ezequias viu uma primeira oportunidade para executar seu plano. Ele

simpatizava com a causa, mas conservava-se oficialmente à parte, negociando em segredo.

Jerusalém recebeu por esse tempo a estranha visita de altas personalidades "*d'além dos rios da Etiópia*" (Isaías 18.1). Eram embaixadores etíopes. No Egito reinava então Chakaba, faraó etíope. Os assírios sufocaram a revolta de Azot pela força. Um *tartan* — generalíssimo — apareceu com um exército para reprimir os revoltosos. "*No ano em que t artan, enviado por Sargão, rei dos assírios, foi contra Azot, e a combateu e tomou...*" (Isaías 20.1).

Nas paredes do castelo de Sargão, os cronistas da corte descreveram assim essa expedição punitiva: "...Sitiei e conquistei... Azot... Considerei como despojos de guerra seus deuses, suas mulheres, seus filhos, suas filhas, seus bens, o tesouro de seu palácio, toda a gente do país. Povoei de novo essas cidades..."

Quando os assírios se aproximaram, já a liga antiassíria se havia desagregado.

O território de Azot tornou-se província assíria.

Ao Rei Ezequias nada aconteceu, embora estivesse na lista negra. Os espíões assírios haviam percebido o seu jogo e informado Sargão II detalhadamente sobre as negociações secretas de Ezequias com o país do Nilo. Depreende-se isso do texto de um fragmento prismático:

"A Filistéia, Judá, Edom e Moab, que planejavam atos de inimizade, maldades sem conta... que, a fim de inimizá-lo comigo, mandaram ao faraó, rei da terra do Egito... presentes para homenageá-lo e procuraram induzi-lo a fazer parte de uma aliança..."

De repente, como um rastilho, em 705 a.C. propagou-se a notícia que deu nova esperança de libertação do jugo opressor: Sargão fora assassinado! Em toda parte no Crescente Fértil, nas províncias assírias e nos Estados vassalos, começaram conspirações, entendimentos e negociações.

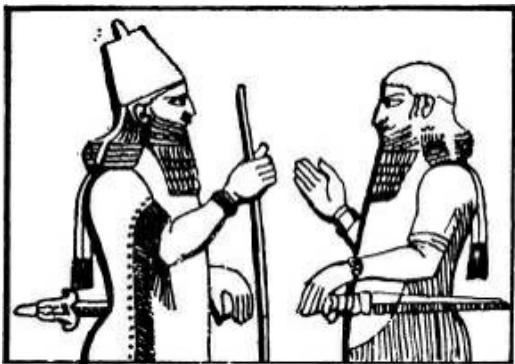


Figura 51 - O rei assírio Sargão II e seu "tartan"(relevô de Khorsabad)

"Por aquele tempo Ezequias adoeceu de morte" (Reis II 20.1).

Nesse momento de febril atividade política, isso era uma grande desvantagem. Porque muitos Estados da Síria e da Palestina depositavam grandes esperanças no astuto rei de Judá.

Que se poderia fazer para curar Ezequias de sua grave enfermidade?

"E Isaías disse: Trazei-me cá uma massa de figos. E, tendo-lha trazido, tendo-a posto sobre a úlcera do rei, ficou curado" (Reis II 20.7). O curso dos acontecimentos é muitas vezes rico em relações paralelas e notáveis. Tal é o caso dessa terapia bíblica.

No porto de Ras Shamra, no norte da Síria, alguns escavadores franceses encontraram em 1939, nas ruínas da cidade marítima fenícia de Ugarit, alguns fragmentos de um antiqüíssimo livro de veterinária, que continha instruções sobre a maneira de tratar cavalos doentes e enfraquecidos. O chefe dos cavaleiros do rei de Ugarit mandou registrar aí, por volta de 1500 a.C., curas como esta: "Se um cavalo tiver a cabeça inchada ou assaduras no focinho, prepare-se um unguento de figos e passas, misturados com farinha de aveia e um líquido. A mistura deve ser deitada nas ventas do cavalo".

Para cada doença havia uma receita muito precisa. Os principais remédios eram constituídos de plantas e frutas, como mostarda e alcaçuz — ou seja, extrato de alcaçuz. Nem mesmo faltam conselhos sobre a maneira de tratar de

cavalos que mordiam e — que criador ou tratador de cavalos atual conhece isso? — que relinchavam demais. Naquele tempo, o relincho em certas circunstâncias podia ser funesto! Os cavalos eram empregados exclusivamente na guerra ou na caça. Uma tropa de carros de combate, por mais bem camuflada que estivesse numa emboscada, poderia ser denunciada subitamente pelo relincho de um cavalo. E o mesmo acontecia na caça.

Os remédios citados provaram sua eficácia entre os povos do antigo Oriente desde tempos imemoriais. Eram produtos naturais que também podiam ser empregados com êxito nas pessoas. O remédio *debelah*, citado no livro de veterinária com grandes elogios, uma espécie de bolo de figos comprimidos, pertence a eles. Foi um tal *debelah* que o profeta recomendou contra o abscesso de Ezequias. Três dias depois, o rei estava curado.

Do patrimônio de experiência médica dos tempos bíblicos, baseado principalmente em remédios naturais, muita coisa se perdeu ou se esqueceu no remoinho do tempo. Uma boa parte, entretanto, foi passando de geração a geração. A receita de figos pertence a esses remédios tradicionais. Ainda hoje, os médicos suíços receitam figos picados embebidos em leite contra certo tipo de abscesso. Um medicamento árabe lembra o *debelah*. É um fluido viscoso, extraído do suco de uvas, e chama-se *dibis* na linguagem nativa.

Naquele tempo, Berodac Baladan⁽⁷⁶⁾, filho de Baladan, rei dos babilônios, enviou uma carta e presentes a Ezequias; porque tinha sabido que Ezequias havia estado doente (Reis II 20.12).

Isto era costume tradicional entre os soberanos; era de bom-tom no antigo Oriente. Mandavam-se presentes e perguntava-se pela saúde de "seu irmão". Nas tabuinhas de Al Amarna lêem-se freqüentemente outros casos semelhantes.

Para Merodac-Baladan⁽⁷⁷⁾, a doença de Ezequias foi apenas uma excelente oportunidade, um pretexto para entrar em contato com ele. Por trás dessas cortesias escondiam-se motivos de alta política.

"*Merodac-Baladan, rei de Babilônia*", foi durante muito tempo uma figura misteriosa para os leitores da Bíblia. Agora sabe-se que era uma personalidade muito importante no seu tempo. Conhecem-se até algumas particularidades da sua vida privada. Era, por exemplo, um grande amigo da horticultura e dos pomares, incentivando a plantação de todas as espécies próprias da Mesopotâmia, como endívias, beterrabas, pepinos, tomilho, coentro, açafrão, pêssegos ou nêspers. Descreveu as diversas espécies de plantas e seu cultivo e foi autor de um tratado prático de horticultura que assombrou os arqueólogos.

Independentemente de seus prazeres particulares como horticultor, Merodac-Baladan era, como rei e como babilônio, o mais acérrimo inimigo de Nínive. Nenhum soberano do Crescente Fértil havia, como ele, enfrentado os assírios durante decênios, e nenhum como ele havia lutado tão encarniçadamente e

intrigado de maneira tão incansável o opressor do Tigre.

A morte de Sargão por mão assassina fez Merodac-Baladan entrar em ação imediatamente. Foi nesse tempo que aconteceu a visita dos seus embaixadores a Ezequias. Através do motivo oficial para saber da saúde de Ezequias lê-se nas entrelinhas o que realmente se tratou: *"E Ezequias alegrou-se com a sua vinda, e mostrou-lhes... todos os seus tesouros... e o seu arsenal..."* (Reis II 20.13). O profeta Isaías amplia essa declaração:

"... e mostrou-lhes todos os seus arsenais" ⁽⁷⁸⁾ (Isaías 39.2). Estava em plena atividade um rearmamento secreto — preparativos febris para o dia D, para o grande e desejado encontro com Assur. *"Reparou... todos os muros que estavam desmantelados e sobre eles construiu torres, e um outro muro por fora; e restaurou o forte de Melo, na cidade de Davi, e mandou que fizessem armas e escudos"* (Crônicas II 32.5).

As fortificações de Jerusalém foram reformadas para um duro assédio, foi reconstruída a antiga muralha circundante, fecharam-se as brechas, levantaram-se torres. No lado norte da cidade, o ponto mais vulnerável, construiu-se uma segunda muralha por fora. Até casas Ezequias mandou derrubar para esse fim (Isaías 22.10). Mas nem assim esgotou suas providências. *"O resto das ações de Ezequias, o seu grande valor, e de que modo fez a piscina e o aqueduto, e como conduziu a água para a cidade, não está tudo isso escrito no livro dos anais dos reis de Judá?"* (Reis II 20.20).

A crônica completa: *"Este é o mesmo Ezequias que tomou a fonte superior das águas de Gion, e as desviou por baixo da terra para o poente da cidade de Davi..."* (Crônicas II 32.30).

Jerusalém, a velha cidade de Davi, tem muitos lugares misteriosos.

Peregrinos de todo o mundo, romeiros de três credos, cristãos, judeus e maometanos, visitam seus lugares. Raramente algum de seus inúmeros visitantes se perde fora dos muros num lugar escuro e opressivo afastado das ruas ruidosas da cidade, testemunho eloquente de um tempo antigo cheio de pavor e ameaça. Esse lugar estava mergulhado no esquecimento; foi descoberto por acaso em 1880. Ainda hoje apresenta claramente os vestígios de uma pressa febril.

Em frente da cidade, a sudeste, onde as encostas pendem suavemente para o vale de Cedron, há um pequeno lago de águas paradas, cercado por um muro, a piscina de Siloé. Certa vez dois rapazes árabes estavam brincando naquele lugar e um deles caiu no lago. Nadando desesperadamente para salvar-se, chegou à outra margem, onde uma parede de rocha se ergue acima da piscina. De repente, viu-se envolto em completa escuridão. Tateando ansiosamente na rocha, descobriu uma pequena passagem.

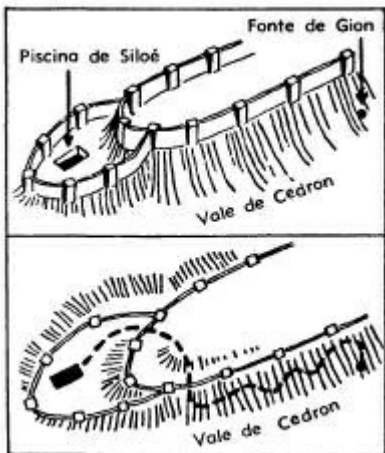


Figura 52 - O grande túnel de Siloé do rei Ezequias, em Jerusalém

O nome do rapaz árabe caiu no esquecimento, mas sua história ficou.

Seguindo a descrição dele, foi descoberto um extenso túnel subterrâneo. Na rocha calcária, abre-se uma estreita passagem de cerca de sessenta centímetros de largura por um metro e meio de altura, no máximo. Para percorrê-la, tem-se de calçar sapatos de borracha e andar um pouco inclinado. O canal estende-se por meio quilômetro, fazendo curvas e subindo imperceptivelmente, e termina na Fonte da Virgem Maria, que desde tempos muito antigos fornece água a Jerusalém. Nos tempos bíblicos esta chamava-se Fonte de Gion.

Quando a passagem foi examinada por técnicos, apareceram na parede à luz dos archotes alguns caracteres em hebraico antigo.

A inscrição, feita na rocha, a alguns passos apenas da entrada da piscina de Siloé, dizia: "Terminou a perfuração. E esta foi a história da perfuração: quando os trabalhadores ainda manejavam as picaretas, uns ao encontro dos outros, e quando ainda faltavam três côvados para furar, ouviram-se as vozes de uns gritando para os outros que havia uma abertura no rochedo da direita e da

esquerda. E no dia do vazamento, os trabalhadores do túnel cavoucaram um ao encontro do outro, picareta contra picareta. A mil e duzentos côvados jorraram as águas da fonte na piscina, sendo de cem côvados a altura dos penhascos acima dos trabalhadores do túnel". Antes da Primeira Guerra Mundial, o governo da Turquia mandou arrancar a inscrição. Atualmente, encontra-se exposta no Museu de Constantinopla.

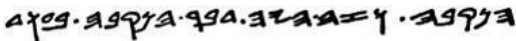


Figura 53 - "...a perfuração. E esta foi a história da perfuração: quando os..." (começo da inscrição de Siloé).

Tal foi a obra de canalização de água feita pelo Rei Ezequias!

Durante um cerco, o abastecimento de água potável é o problema número um. Os fundadores de Jerusalém, os jebuseus, haviam construído o poço de entrada através do monte até a Fonte de Gion; Ezequias conduziu essa água, que antes corria para o vale de Cedron, através do monte, até a parte ocidental da cidade. A piscina de Siloé está situada dentro do segundo muro circundante construído por ele.

O tempo urgia; de um momento para outro as tropas assírias poderiam apresentar-se às portas de Jerusalém. Por isso os trabalhadores atacaram o túnel pelos dois lados. As picaretas avançavam, como diz a inscrição, umas contra as outras.

É digno de nota que o canal tenha a forma de um S, descrevendo dois grandes arcos através da rocha. Por que motivo os que abriram a galeria entre a piscina de Siloé e a Fonte de Gion não seguiram o caminho mais curto — a linha reta? O penoso trabalho teria terminado muito mais depressa. Teriam poupado duzentos e dezessete metros de trabalho dos quinhentos e doze de extensão que mede a galeria.

Corre localmente uma história que explica por que o túnel foi feito em curva. Segundo essa história, nesse lugar encontram-se os túmulos de Davi e Salomão, profundamente encravados no rochedo.

A fim de investigar essa história, os pesquisadores percutiram sistematicamente as paredes do acanhado túnel e fizeram vários poços profundos no monte... e, de fato, R. Weill ali encontrou entalhes na rocha; talvez fossem túmulos que, no entanto, evidentemente já tinham sido destruídos na Antigüidade. Será que se tratava dos túmulos de Davi e Salomão?

Kathleen M. Kenyon, uma das figuras mais expressivas da arqueologia bíblica, não acredita nisso; outros pesquisadores opinam de maneira

diferente. Provavelmente jamais saberemos ao certo como explicar esses "túmulos dos reis".

"No ano décimo quarto ⁽⁷⁹⁾ do Rei Ezequias, veio Senáquerib, rei dos assírios, atacar todas as cidades de Judá, e tomou-as" (Reis II 18.13). Os Estados da Síria e da Palestina tiveram quatro anos para tomar suas medidas de defesa. Foram expulsos os governadores assírios e organizou-se uma liga poderosa. Os reis de Ascalão e Ekron aliaram-se a Ezequias, e o Egito prometeu ajuda em caso de guerra.

Essas providências não passaram despercebidas ao novo soberano assírio Senáquerib ⁽⁸⁰⁾. Mas ele estava impossibilitado de agir. Depois do assassinato de seu antecessor Sargão, estourara uma revolta na parte leste do império. A força motriz dessa revolta fora Merodac-Baladan. Mas logo que ficou senhor da situação na Mesopotâmia, ao fim do ano 702 a.C., Senáquerib partiu para o ocidente e numa só campanha submeteu todos os pequenos Estados rebeldes.

Todo o reino de Judá foi ocupado pelas tropas de Senáquerib, e o Rei Ezequias, cercado em Jerusalém. Das fortalezas da fronteira, apenas Lakish continuava resistindo. Senáquerib dirigiu suas tropas de assalto contra essa cidade extraordinariamente fortificada.

Quem quiser acompanhar a terrível luta de Lakish em todos os seus detalhes terá de visitar o Museu Britânico de Londres. Aí se encontram os formidáveis relevos que testemunhas visuais executaram, por ordem de Senáquerib, há dois mil seiscentos e cinqüenta anos. Foi Sir Henry Layard que desenterrou esses tesouros no Tell Nimrud.

Nas torres e parapeitos da fortaleza de Lakish, cercados de altas e poderosas muralhas, os defensores judeus lutam encarniçadamente, fazendo cair uma chuva de flechas sobre os atacantes, arremessando contra o inimigo pedras e archotes acesos — as bombas incendiárias dos antigos. De resto, o cabelo crespo e a barba curta são fáceis de reconhecer. Poucos usam qualquer proteção para a cabeça ou para o corpo.

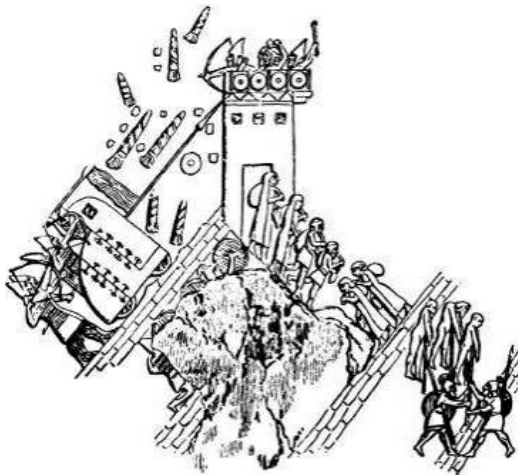


Figura 54 - O assalto assírio contra Lakish no ano 701 a.C.

Ao pé da muralha, os assírios atacam com extrema violência e com toda espécie de armas. Senáquerib empregou todos os meios de assalto conhecidos. Cada assírio está armado até os dentes, todos usam peitoral e elmo. Os sapadores colocaram rampas de terra, pedras e árvores junto aos muros. As máquinas de assédio — os primeiros tanques do mundo — avançam por essas vias de rodagem contra as muralhas. Têm um esporão na frente, que sobressai como o cano de um canhão. A tripulação consta de três homens. De trás da proteção de uma cúpula, o arqueiro dispara flechas; um guerreiro manobra o aríete, sob cujos golpes rebentam as pedras das muralhas e os tijolos; o terceiro homem, munido de uma espécie de colher grande, derrama água no "tanque", apagando as bombas incendiárias. Várias unidades de tanques atuam ao mesmo tempo. A infantaria avança sob sua proteção, os arqueiros, meio ajoelhados, meio curvados, atiram resguardados por escudeiros. Conduzem-se para fora os primeiros prisioneiros, homens e mulheres. Corpos sem vida pendem de postes

pontudos... empalados.

James Lesley Starkey, arqueólogo inglês, desenterrou as ruínas dos muros da fortaleza de Lakish. Ainda hoje se percebem claramente os buracos e brechas produzidos pelos "tanques" assírios. Do tumulto da batalha, do fragor do cerco da fortaleza fronteiriça de Judá, Senáquerib mandou uma ordem: "O rei dos assírios porém enviou de Lakish tartan, e rabsaris, e rabsaces ao Rei Ezequias com um poderoso exército contra Jerusalém..." (Reis II 18.17).

Isso significava... ataque a Jerusalém!

O que então aconteceu foi também registrado pelos escribas do rei assírio. Um prisma de barro encontrado na colina de Nínive diz:

"E Ezequias de Judá, que não se havia submetido ao meu jugo... a ele mesmo fechei como a um pássaro de gaiola em Jerusalém, sua capital.

Mandei levantar fortificações contra ele, e a todo aquele que saía pela porta da cidade eu fazia pagar pela façanha. Separei do país as cidades dele, que eu tinha saqueado..."

Trata-se da descrição jactanciosa do recebimento de um tributo, nada mais.

"O rei, pois, dos assírios impôs a Ezequias, rei de Judá, trezentos talentos de prata e trinta talentos de ouro" (Reis II 18.14).

A seguir, teria que vir a comunicação da queda de Jerusalém, seguida da tomada da capital. Mas o texto prossegue:

"Ele, porém, Ezequias, foi derrotado pelo esplendor da minha soberania ... Mandou-me levar a Nínive trinta talentos de ouro... um pesado tesouro, bem como suas filhas, suas damas de corte, cantores e cantoras. E para me entregar suas ofertas e me prestar homenagem, ele me mandou seus embaixadores".

Os textos assírios passam imediatamente da descrição dos acontecimentos bélicos nas cercanias de Jerusalém ao pagamento do tributo por Ezequias. Num momento, quando todo o país já estava conquistado e ia no auge o assédio de Jerusalém, último reduto da resistência, aconteceu uma coisa completamente inesperada: Senáquerib suspendeu o assalto... Só algo extraordinário podia tê-lo movido a interromper a luta. Que poderia ser?

Enquanto as notícias assírias silenciam completamente a respeito, a Bíblia diz:

"Aconteceu, pois, que naquela noite veio o anjo do Senhor e matou no campo dos assírios cento e oitenta e cinco mil homens. E Senáquerib, tendo-se levantado ao amanhecer, viu todos os corpos dos mortos; e, retirando-se, foi-se. E Senáquerib, rei dos assírios, retirou-se e ficou em Nínive" (Reis II 19.35,36).

Heródoto de Halicarnasso, o célebre viajante da Antigüidade, historiador e autor do primeiro guia turístico Baedeker, ajudou a resolver o problema. O amigo de Péricles e Sófocles, nascido pelo ano 500 a.C., possuía o dom especial de perceber o que havia de notável nos homens e nos povos. Como um questionário personificado, ele, em suas viagens pelo antigo Oriente, extraiu de seus contemporâneos somente o que valia a pena saber e ele desconhecia. No Egito,

manteve demorada conversação com um sacerdote do templo, que lhe contou uma história singular.

Exatamente na época em que o rei assírio Senáquerib avançou contra o Egito com um grande exército, era rei do Egito um sacerdote que detestava a profissão das armas. Os guerreiros egípcios, tendo sido tratados com desprezo, negaram-se a combater. Desesperado, o sacerdote rei foi para o templo. Ali soube que a divindade lhe mandaria auxílio. Confiante nessa promessa, o rei, que não possuía nenhuma força combatente, mas somente comerciantes, artífices e mercadores, partiu ao encontro de Senáquerib. Na entrada do país, "espalhou-se durante a noite um bando de ratos do campo entre os adversários... roendo-lhes os carcases e os arcos, bem como as alças dos escudos, de modo que no dia seguinte eles, vendo-se sem armas, fugiram, caindo uma grande quantidade deles em poder dos egípcios. Por isso é que agora", termina a narrativa de Heródoto, "esse rei, representado no santuário de Hefesto, tem na mão um rato, que diz na inscrição: 'Olha-me e fica incólume'."



Figura 55 - O Rei Senáquerib no seu trono diante de Lakish conquistada
(fragmento de um quadro da campanha).

Por mais obscuro que pareça o sentido dessa lenda, o cerne é histórico.

As ratazanas para os povos da Antigüidade, como também na Bíblia (Samuel I 6.4), significavam o mesmo que os camundongos na Idade Média. Eram o símbolo da... peste!

Nos arredores da cidade de Lakish, o arqueólogo Starkey encontrou em 1938 uma possível referência: uma vala comum, aberta no rochedo com dois mil esqueletos humanos, evidentemente enterrados com grande precipitação. Se esses mortos foram vítimas de uma epidemia então ela deve ter sido realmente devastadora.

O drama da campanha havia terminado, e Jerusalém escapara mais uma vez. Mas ao redor o país de Judá tinha um aspecto desolador *"E a filha de Sião ficará desamparada como a cabana de uma vinha",* lamenta o profeta Isaías, *"e como a choça de um pepinal."* *"A terra está deserta" as cidades abrasadas pelo fogo. ... e será devastada como numa assolação de inimigos*" (Isaías 1.8 e 7).

Só a idéia da milagrosa salvação da cidade de Davi dá ao povo sofredor nova esperança e novo ânimo. Intrepidamente, ele iniciou a reconstrução, o que fez rapidamente sem ser importunado por Nínive. Pois Senáquerib nunca mais voltou, porque nos dois decênios seguintes o déspota esteve ocupado em campanhas e guerras na Mesopotâmia. Depois Senáquerib terminou seus dias como seu pai, assassinado. *"E, enquanto adorava no templo o seu deus, Nesroque, Adrameleque e Sarasar, seus filhos, mataram-no com a espada, e fugiram para a terra dos armênios, e seu filho Asaradão reinou em lugar dele"* (Reis II 19.37), diz a Bíblia laconicamente e com realismo.

O próprio Asaradão, o sucessor, descreve circunstanciada e expressivamente os dias turbulentos em Nínive:

"Um humor pérfido se apossou de meus irmãos... Eles se insurgiram. Querendo exercer a soberania real, mataram Senáquerib. Como um leão, me enchi de fúria, meu coração latejou de cólera..."

Apesar de um frio inclemente, da neve e do gelo, no décimo primeiro mês do ano de 681 a.C., ele partiu sem hesitação para submeter seus inimigos.

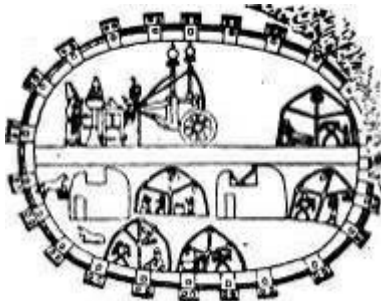


Figura 56: Acampamento assírio do tempo de Senáquerib, no relevo de Nínive.

"Aqueles ladrões do trono... fugiram para uma terra desconhecida.

Cheguei ao cais do Tigre, fiz minhas tropas saltarem o largo Tigre como por cima de um canal. No Addar [\(81\)](#)... entrei em Nínive... alegremente. Sentei-me com satisfação no trono de meu pai. Soprava o vento sul cujas lufadas são favoráveis ao exercício da soberania real... Eu sou Ásaradão, rei do mundo, rei da Assíria... filho de Senáquerib..."

Os cultos sedutores de Canaã

A "abominação dos gentios" — As palavras duras dos profetas — Filon de Biblos, testemunha — Não se dá crédito a Eusébio, padre da Igreja — Um camponês, ao lavrar a terra, encontra Ugarit — Uma poderosa cidade marítima é destruída — Schaeffer faz escavações no "morro do Funchal" — A biblioteca do sacerdote — Três sábios decifram um alfabeto desconhecido

Manassés tinha doze anos quando começou a reinar, e reinou cinqüenta anos em Jerusalém... E ele fez o mal diante do Senhor, seguindo os ídolos das nações que o Senhor tinha expulsado diante dos filhos de Israel (Reis II 21.1,2).

"Abominação dos gentios", diz a narrativa oficial. Isaías, o grande profeta e

contemporâneo de Manassés⁽⁸²⁾, é mais explícito quando se queixa amargamente: "Como se tornou uma prostituta a cidade fiel, cheia de retidão?" (Isaías 1.21). Como Isaías, todos os outros profetas, através dos séculos, lançam a mesma reprovação crua e direta que os leitores da Bíblia acham tão monstruosa.

Como um fio vermelho se estende a queixa através de muitos livros do Velho Testamento, acompanhando a história acidentada dos filhos de Israel.

Ela ressoa desde o tempo em que Israel, depois da longa peregrinação pelo deserto, atingiu o Jordão por volta de 1230 a.C... (Números 25.1, 2). Ouve-se no tempo dos Juizes... (Samuel I 2.22). Reboa nos dois reinos, em Judá... (Reis I 14.23,24), e no reino setentrional de Israel... (Oséias 4.13, 14). Nem mesmo silencia nos anos de cativo junto às águas de Babel no século VI a.C... (Ezequiel 16.16).

Mil e quinhentos anos depois de terem os livros da Bíblia entrado na Europa, seu conteúdo só era conhecido dos sacerdotes e monges, que o transmitiam ao povo devidamente expurgado, pois esses livros eram escritos em grego, latim ou hebraico. Só na Idade Média, quando se imprimiram as primeiras traduções e foram adquiridas por todo o mundo, quando a Bíblia se tornou popular, as pessoas que a liam encontravam passagens chocantes. A Bíblia falava de prostitutas. Era natural que os homens não compreendessem bem essas coisas, eles cujas casas e habitações se encontravam ainda ao abrigo das catedrais e igrejas, cujas torres se erguiam para o céu.

Que podiam saber os homens do Ocidente, para quem Deus era "uma sólida fortaleza", sobre os cultos da terra em que fora escrita a Bíblia?

Durante as Cruzadas tinham-se ouvido muitas coisas horríveis sobre os selvagens e ímpios sarracenos... mas jamais coisas tão chocantes!



Figura 57: Navio mercante fenício.

Devia ter-se a impressão de que os profetas e os cronistas, em seu zelo por Jeová, em seu ódio aos cultos estrangeiros, haviam ido demasiado longe. Essa censura à Bíblia continua até nossos dias.

Existe um testemunho mundano do que a Bíblia designa "abominação dos gentios". Filon de Biblos, sábio fenício, que viveu cem anos antes de Cristo, havia reunido um vasto material sobre sua pátria e escrito *Phoinikika*, ou seja, a "história da Fenícia". Essa história remontava ao passado mais distante, incluindo os acontecimentos históricos das cidades portuárias e de repúblicas costeiras de Canaã, e descrevia, além disso, as divindades, as mitologias e os cultos fenícios. Como fontes fidedignas de sua obra, Filon de Biblos mencionava o já citado sacerdote fenício Sanchuniathon, que vivera no século XII a.C. Quando um dia caíram as colunas do templo de Melikerte de Tiro, em consequência de um terremoto, Sanchuniathon teria copiado as antigas inscrições que aí existiam.

O Bispo Eusébio de Césaréia, na Palestina, descobriu em 314 da nossa era os escritos de Filon de Biblos e escreveu a respeito. Muito do que aí se dizia, sobretudo a respeito da mitologia e dos cultos, pareceu tão monstruoso, que os leitores da época se recusaram a aceitar como verídicas as degenerações sensuais aí descritas.

O deus El ocupava o primeiro lugar sobre os *baalim* de Canaã. Sua esposa era Achira, deusa também citada na Bíblia. Ele casou com suas três irmãs, uma das quais era Astartéia. Como *Astarot* (Juizes 2.13, 10.6, e outros), é mencionada repetidamente no Velho Testamento. El não só matou seu irmão, mas também o

próprio filho; cortou a cabeça da sua filha, castrou seu pai e a si próprio e obrigou seus companheiros a fazerem o mesmo.

Era de admirar que os homens da era cristã não quisessem dar crédito a semelhantes monstruosidades?

Para nós, é coisa estabelecida que todo Estado semicivilizado costuma velar pela moralidade de seus cidadãos. Mas naquele tempo o culto dos sentidos era um serviço aos deuses, os templos ocupavam o lugar dos bordéis, os amantes de ambos os sexos eram "consagrados" ao serviço do templo e os donativos por seus "serviços" iam para as caixas do templo como "oferendas para a divindade".

Os profetas e os cronistas disseram toda a verdade sem exagerar.

Quão fundadas eram suas duras palavras — as "passagens chocantes" — só se tornou completamente claro depois dos grandes achados em Ras Shamra.

Na costa norte da Síria, em frente à ponta oriental de Chipre, está situado Mînet el Beidâ, o "Porto Branco". As vagas do Mediterrâneo vão quebrar ali num maravilhoso jogo de cores, que cambiam de um verde claro até um profundo azul violeta contra os rochedos alvos de pedra calcária. Em terra, grandes massas de nuvens envolvem o cume solitário do Djel Aqra. Os nativos contam que esse morro foi em outros tempos a habitação dos deuses dos seus antepassados.

Nas proximidades do mar, um camponês descobriu em 1928, quando lavrava a terra, uma longa passagem subterrânea. Após uma primeira pesquisa, verificou-se que conduzia a uma câmara tumular. Tratava-se de uma sepultura no estilo de Micenas.

Ao ter notícia do achado, a França reagiu com a costumeira rapidez.

A Síria era mandato seu. M. Dussaud, conservador de antiguidades do Louvre, enviou o Prof. Claude F. a. Schaeffer com alguns outros especialistas ao Porto Branco. Esperavam-nos impressionantes descobertas. A oitocentos metros da praia e afastada do túmulo miceniano erguia-se uma colina artificial. Circundavam-na os braços de um regato murmurante. Desde tempos imemoriais, essa colina é chamada popularmente "Ras Shamra", "morro do Funchal". Com efeito, cresciam funchos no velho monte de ruínas, que escondia os restos da cidade real fenícia de Ugarit, que foi destruída há mais de três mil anos pelo ataque dos povos do mar.

Schaeffer teve uma sorte inaudita em suas escavações no morro do Funchal. Porque aí surgiu finalmente a prova há tanto procurada da existência do celeberrimo culto de Canaã. Entre dois templos, dos quais um era dedicado ao deus Baal e outro ao deus Dago, encontrou em meio a ricas casas de mercadores a casa do sumo sacerdote de Ugarit, que dispunha de magnífica biblioteca, como o provam as numerosas tabuinhas inscritas que se conservaram. Schaeffer viu logo com seus olhos experientes que os caracteres usados naquelas inscrições deviam pertencer a um alfabeto fenício até então desconhecido. A decifração foi feita com surpreendente rapidez, em 1830, por três eruditos — o professor

alemão H. Bauer, da Universidade de Halle, e os franceses C. Virolleaud e E. Dhorme. Os documentos escritos em duas línguas — das quais uma era um dialeto cananeu primitivíssimo, talvez semelhante ao hebraico anterior a Moisés — ocupavam-se exclusivamente dos deuses e cultos da antiga Canaã, o primeiro encontro entre os quais, quando de sua entrada na Terra Prometida, teve graves conseqüências para Israel. Os mitos e costumes descritos nessa singular documentação espelham o mais horrendo barbarismo, transbordam de cultos mágicos, de uma sensualidade torpe, primitiva e grosseira, a deuses e semideuses. Tinham particular significação os ritos relacionados com as deusas da fecundidade. Os outros povos do mundo antigo também veneravam deusas da fecundidade, incluindo nos seus cultos os ciclos da aparição e da desapareição, do nascimento e da morte. Mas em Canaã eram de uma impudência crua. Assim, por exemplo, as deusas mães eram representadas como "cortesãs sagradas". Exatamente como as descreveram Filon de Biblos e, depois dele, Eusébio, padre da Igreja!

O culto indescritível que Canaã prestava à fertilidade se estendia à vida cotidiana. Sob cada uma das casas desenterradas havia uma cava tumular, onde os habitantes de Ugarit depositavam seus mortos. Tubos de barro de formas estranhas penetravam nas profundezas; por esse meio se servia vinho e azeite, carne e sangue de animais sacrificados aos mortos!

Nem diante do mundo dos defuntos se detinha o culto da fertilidade. As vasilhas em forma de funil não deixam dúvida alguma a esse respeito. São ornadas com os correspondentes símbolos.

Nos ritos para os vivos, a mandrágora representava um grande papel.

Os antigos cananeus e fenícios atribuíam à carnuda raiz propriedades afrodisíacas. Segundo eles, tinha a faculdade de provocar amor e de curar a esterilidade.

Bárbaras e cruéis eram Astartéia e Anat, deusas da fecundidade e da guerra. *A Epopéia de Baal* de Ugarit descreve assim a deusa Anat: "Com violência ceifava os habitantes das cidades, matava o povo das costas do mar, aniquilava os homens do Oriente". Arrastava os homens para o seu templo e fechava as portas para que ninguém escapasse. "Arremessava cadeiras contra os jovens, mesas contra os guerreiros, escabelos contra os poderosos." Vadeava em sangue, que lhe chegava aos joelhos, até mesmo ao pescoço. A seus pés jaziam cabeças de gente, ao seu redor fluuavam mãos humanas como gafanhotos. Punha as cabeças de suas vítimas às costas como ornamento e as mãos no cinturão. "Seu fígado inchava de tanto rir, seu coração enchia-se de alegria, o fígado de Anat estava cheio de júbilo." "Quando ficava satisfeita", lavava as mãos em sangue humano coagulado e dedicava-se a outras coisas.

Anat era irmã e esposa de Baal, o deus das tempestades e das chuvas.

Uma cabeça de touro era o seu símbolo. Baal fertilizava os prados com chuva

para que o gado engordasse. Preocupava-se também com sua reprodução. Quando, com o passar das estações do ano, morre e é subjugado "como o touro sob a faca do sacrificador", seu filho assume essas funções. Em Ugarit, o Prof. Schaeffer encontrou também pequenas imagens e amuletos de Astartéia. São de barro e ouro e nuas. Seus símbolos eram a serpente e a pomba, famosas por sua fertilidade no antigo Oriente.



Figura 58: Pequena placa de ouro de uma deusa nua da fecundidade.

As deusas da fecundidade eram sobretudo veneradas nos montes e nos lugares elevados. Ali, plantavam-lhes bosques, erguiam-lhes "colunas sagradas", e sob as árvores efetuavam-se os cultos, como é referido repetidamente na Bíblia: *"Porque também eles levantavam para si altares e estátuas e bosques sagrados em cima de todos os outeiros e sob todas as árvores frondosas"* (Reis I 14.23). Após as escavações de Ugarit, não resta mais dúvida quanto à natureza desses cultos.

Só depois que tivemos diante dos olhos os resultados das pesquisas sobre os deuses de Canaã e os cultos da Fenícia pudemos avaliar devidamente que

tremenda luta moral os filhos de Israel tiveram de enfrentar.

Quão grande não devia ser a tentação, que perigosas não deviam ser as seduções para um simples povo de pastores! Mais de uma vez os cultos de Baal já haviam sido adotados, chegando a entrar no templo de Jeová e penetrar até no santuário!

Sem o seu rígido código moral, sem a crença no Deus único, sem as figuras dominantes de seus profetas, Israel não poderia lutar contra os *baalim*, contra os cultos de cortesãs, das deusas da fertilidade, contra os bosques sagrados e os montes!

E essa foi a razão das "passagens chocantes". Isso não podia calar-se a bem da verdade.

Sem dúvida, é esse o quadro que surge, apreciando-se as coisas com "olhos bíblicos", por assim dizer. Por outro lado, desde há muito, o estudo aprofundado dos achados arqueológicos, em especial das tabuinhas inscritas de Ugarit, não revelou apenas *discordâncias*, mas também *concordâncias* entre os conceitos religiosos, cultuados pela Bíblia e pela antiga terra de Canaã.

Aliás, a própria Bíblia sugere que presumivelmente houve muita coisa bem diferente daquilo que parecia ser à primeira vista. Por exemplo, a religião, como era efetivamente praticada em vastas regiões, e o culto genuinamente popular dos "filhos de Israel", assumiram aspectos bem diversos daqueles que os autores da Bíblia teriam gostado que assumissem. Sempre houve motivo para os profetas ficarem irados, sempre os autores bíblicos clamaram contra a "idolatria", os "bezerros de ouro", e, a julgar por tais pronunciamentos, obviamente, pelo menos parte do povo deveria ter continuado a praticar cultos, considerados pelos autores bíblicos como fora das normas estabelecidas e portanto altamente condenáveis.

Quanto à realidade daqueles dias, é só citar alguns poucos exemplos tirados da Bíblia. Já foi mencionado em outra parte que Raquel, mulher de Jacó, "patriarca" bíblico, furtou os ídolos (terafim) de seu pai, Labão (Gênese 31.19), e que uma serpente de bronze, em efígie, datando dos tempos da marcha pelo deserto (Números 21.9), continuou a ser venerada no templo de Jerusalém, até o reinado de Ezequias, rei de Judá (Reis II 18.4), por volta de 700 a.C. Da mesma forma, o próprio Salomão, o construtor do templo, permitiu — muito contra a vontade dos autores bíblicos — que as damas do seu serrallo venerassem deidades e prestassem cultos a deuses alheios (Reis I 11.1 a 8); ademais, ele mesmo mandou edificar "*um templo a Camos, ídolo dos moabitas*", e mais outro "*a Moloc, ídolo dos filhos de Amon*", e participou, pessoalmente, de tais cultos (Reis II 23.13). Aliás, quase todos os soberanos israelitas, sucessores de Salomão, agiram dessa maneira. Até um fanático como Jeú, rei de Israel (842-815 a.C.), que afogou em rios de sangue os adeptos de Baal, deu motivo de censura com a prática de cultos nada ortodoxos (Reis II 10.18 a 29). Da mesma forma, em toda parte entre os "filhos de Israel" eram encontradas figurinhas nuas de Astartéia, e

ainda à sombra do templo de Salomão em Jerusalém, a arqueóloga britânica Kathleen M. Kenyon desenterrou um recinto, caracterizado como de culto pagão pelos pilares lá encontrados. De fato, na realidade, a religião popular, efetivamente praticada pelos "filhos de Israel", era bem diversa daquela que a Bíblia nos mostra e faz crer que tivesse sido praticada. Para tanto, eis os indícios dados pela própria Bíblia, em número bastante grande.

Ao passo que na Terra Santa a moral nem sempre era tal como a anuncia a Bíblia, por outro lado os povos vizinhos de Israel, por ela freqüente e veementemente censurados, também conheceram personificações divinas de princípios éticos e morais. Assim, entre os cananeus era difundida a idéia "bíblica" do reinado de Deus, que não ficou, portanto, limitada à Bíblia. Aliás, ao conhecermos os textos de Ugarit, que falam das divindades da antiga terra de Canaã, como El e Baal, verificamos com surpresa a que ponto essas personagens encarnaram conceitos religiosos posteriormente surgidos na Bíblia. Isso vai tão longe que o salmista decanta o deus real da Bíblia como "rei de todos os deuses", o que somente tem sentido quando, ao seu lado, ainda se admite a presença de outros deuses (veja Salmos 95.3, 96.4, 97.7 e 9). A exemplo de Baal de Ugarit, também o deus rei bíblico tem o seu *"santo monte"* (Salmos 3.5), situado ao norte. Por intermédio de Otto Eissfeldt, pesquisador da Bíblia, natural de Halle, Alemanha Federal, sabemos a que se refere tal "santo monte"; é o Zaphon, também chamado Mons Casius, o atual Djebel al-Agra, de mil setecentos e setenta metros de altitude, trinta quilômetros ao norte de Ras Shamra, na costa mediterrânea da Síria setentrional. E, a exemplo de Baal, que, como o deus das tempestades, monta nas nuvens, também o Deus da Bíblia é decantado nos Salmos como vindo carregado por nuvens e ventos (Salmos 104.9).

Todavia, não obstante todo o palavreado irado dos profetas, também El e Baal personificavam valores éticos; assim, El era "sagrado", e Baal, na qualidade de "juiz" e a exemplo do Deus da aliança bíblica, encarregou-se de fazer justiça. Desse modo, a Bíblia foi confirmada e elucidada a partir de um dado do qual ninguém teria esperado que viessem tais confirmações e elucidações. E foi justamente a religião tão difamada e supostamente diabólica da antiga Canaã a fornecer elementos para uma nova compreensão dos pronunciamentos bíblicos a respeito da "religião dos patriarcas". Há muitos cientistas que não têm a menor dúvida de que, quando os "patriarcas" bíblicos invocavam El-Eljon (o "Altíssimo"), El-Olam (o "Velho", o "Eterno"), El-Roj (aquele "que aparece" ou "que me vê") e El-Shadday (o "Supremo", ou "Todo-Poderoso"), suas invocações eram dirigidas a El, o principal deus cananeu, em uma das suas respectivas versões regionais.

El e Baal eram os deuses reais do panteão cananeu. Posteriormente, seu lugar foi tomado por Jeová, o Deus do "povo eleito" da Bíblia. Contudo, houve certas diferenciações. El era estático, absorto em si próprio, distante, inacessível, ao

passo que Baal era mais dinâmico, ativo, presente. Segundo o mito cananeu, El criou o mundo, ao passo que Baal deu àquele mundo fecundidade e vida sempre novas, renovadas. El era o deus distante; Baal, o deus próximo. Jeová, o Deus dos "eleitos" da Bíblia, reuniu os traços típicos de ambos; seu domínio sobre as demais deidades era imaginado como tendo sido mais radical, a ponto de negar, por completo, a coexistência de todas elas.

Aliás, é ponto pacífico, claro e patente, que um deus real dessa natureza, a cujo lado não havia mais lugar para as outras divindades, nem na qualidade de súditos, tampouco tolerava um mito divino, cuja exuberância — a nosso ver — conferia algo de bizarro aos antigos deuses cananeus, pois aquele mito teria por pressuposto a crença na existência de deuses alheios...

Nínive, a grande potência, desmorona-se

Assurbanipal saqueia Tebas — Um império que se estende do Nilo ao golfo Pérsico — O "grande e glorioso Asnafar" — Caçador de feras com arco e flecha — Esgota-se a força da Assíria — Entre a pinça formada por duas potências — Armam-se os medos e os caldeus — Hordas de citas na Palestina — A queda de Nínive — Alívio no Crescente Fértil — Erro no texto bíblico — Uma descoberta de Gadd em Londres — O príncipe herdeiro Nabucodonosor da Babilônia

Porventura és tu melhor do que No-Amon, que tinha seu assento entre os rios e estava rodeada de águas... A Etiópia e o Egito eram sua força, que era infinita... Não obstante isso, ela foi levada cativa para uma terra estranha; seus pequeninos foram esmagados nas esquinas de todas as ruas... (Naum 3.8 a 10).

Em 663 a.C., os assírios obtiveram o maior triunfo de toda a sua história. O Rei Assurbanipal conquistou No-Amon, capital do Alto Egito, a cidade das cem portas, como a chamou Homero, até então considerada inexpugnável e a que os gregos chamavam Tebas. Foi um acontecimento que causou tremenda impressão no mundo do antigo Oriente, no Crescente Fértil e até na própria Grécia. Os assírios saquearam a metrópole, cujos templos continham riquezas imensuráveis. "Conquistei toda a cidade... tomei prata, ouro, pedras preciosas, todas as riquezas de seu palácio, vestes magníficas, linhos, cavalos maravilhosos, escravos e escravas, dois grandes obeliscos de rutilante bronze com um peso de dois mil e quinhentos talentos, tirei de seus lugares as portas do templo e trouxe-as para a Assíria. Trouxe comigo de Tebas uma presa enorme de valor inestimável", exultou Assurbanipal.

A máquina de guerra assíria arrasara a formosíssima cidade dos templos junto ao Nilo. As escavações confirmaram a catástrofe descrita pelo profeta

Naum e pelo próprio conquistador. A metrópole do Alto Egito nunca mais se refez desse golpe.

Depois dessa campanha de conquistas, o mundo nessa época estava aos seus pés. Do curso superior do Nilo às montanhas da Armênia e à foz do Eufrates, todos os povos foram subjugados e todos os Estados reduzidos à condição de vassalos.

Mal a Assíria havia atingido o auge do seu poder, começou a diminuir a força do grande império. Assurbanipal não era mais um conquistador, o general da envergadura de seu pai Asaradão, muito menos de seu poderoso avô Senáquerib. Assurbanipal, o "grande e glorioso Asnafir", já tinha outros interesses.

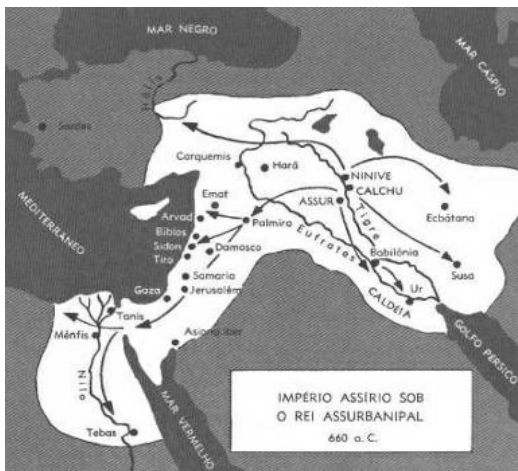


Figura 59

Após a longa série de tiranos sanguinários, devemos a esse assírio um inapreciável serviço. Assurbanipal mandou copiar as obras da literatura acádica — às quais pertence a epopéia babilônica da criação do mundo; mandou

compilar dicionários e gramáticas das diferentes línguas faladas no seu gigantesco império. A Biblioteca de Nínive, fundada por ele, era a maior e mais importante do antigo Oriente. Sem essa preciosa coleção, a humanidade seria muito mais pobre em conhecimentos sobre o pensamento e a poesia do Crescente Fértil até os tempos mais remotos. Mas a selvageria não havia sido completamente domada nesse último rebento importante da linhagem de soberanos assírios. Juntamente com a arte e a literatura, ele amava a caça. Assurbanipal era caçador de animais ferozes, e seus descendentes nesse mister dificilmente poderiam igualá-lo.

Esse caçador de feras da Antigüidade não as atacava de uma distância segura, de avião ou de jipe blindado, correndo a cem quilômetros por hora, nem tampouco armado de carabina de longo alcance, equipada com telescópio, sem perigo de ser atingido pelas patas dos felinos ou pelas presas dos elefantes. Nos relevos maravilhosamente vívidos que ainda hoje se vêem no seu palácio do Tigre, ele os persegue em seu carro de caça de duas rodas, ou a cavalo com arco e fecha, ou com a lança. "Trinta elefantes, duzentos e cinquenta e sete animais selvagens, trezentos e setenta leões", dizem os textos cuneiformes de Assurbanipal, enumerando seus troféus de caça.

"Ai de ti, cidade sanguinária... são inumeráveis os cadáveres, e uns caem mortos sobre os outros..." (Naum 3.1 e 3).

Assim anuncia o profeta Naum o fim de Nínive, o fim do império de tirania secular e sangrenta.

Com a morte de Assurbanipal⁽⁸³⁾, começou subitamente um rápido declínio. As novas e grandes potências dos indo-árícos e dos semitas apossaram-se da gigantesca estrutura, despedaçaram-na e dividiram entre si a enorme presa.

A nordeste, nas montanhas do Irã, havia surgido o reino dos medos.

Então "tomou Ciaxares a soberania", escreve Heródoto, "e reuniu sob o seu mando a Ásia inteira além do Hális. Ele convocou todos aqueles que dominava e partiu contra Nínive a fim de conquistar essa cidade".

A sudeste da Mesopotâmia, havia surgido o segundo adversário sério dos assírios. Da orla das terras de cultura ao sul da foz do Eufrates, onde ficava também a "*Ur dos caldeus*", haviam penetrado algumas tribos semitas e inoculado novas forças em Babel. Chamavam-se "caldeus". Merodac-Baladan, que um século antes se fizera notado e que tanto dera que fazer a Assur durante alguns decênios, era um deles.

Entrementes, seus compatriotas conseguiram, em ondas sucessivas, penetrar em toda a terra. Em 625 a.C., um caldeu conquistou a soberania sobre o sul da Mesopotâmia. Nabopolassar tornou-se rei e fundador da dinastia neobabilônica. Os caldeus tinham também um único objetivo: o aniquilamento da Assíria.

Pela mesma época em que, ao norte e ao sul, as duas potências estavam à espreita, aguardando o momento de vibrarem o golpe mortal na Assíria,

irrompeu no Crescente Fértil, vinda das regiões do Cáucaso, uma horda selvagem que avançou através da Média e invadiu o reino assírio.

Eram os citas. Saqueando e queimando, prosseguiram desde a Mesopotâmia, através da Palestina, até as fronteiras do Egito. A horda incontida dos cavaleiros citas avançou através das planícies costeiras do Mediterrâneo. Precediam-nos sinistros rumores. Os habitantes de Judá devem tê-los avistado de seus montes, e o profeta Sofonias viu com terror o que se aproximava:

"Porque Gaza será destruída, e Ascalão virá a ser um deserto, Azot será assolada em pleno meio-dia, e Acarão será arrancada pela raiz... E descansarão durante a noite nas casas de Ascalão..." (Sofonias 2.4 e 7).

"Avançaram para o Egito", conta Heródoto, "e, quando se encontravam na Síria-Palestina, Psamético(84), rei do Egito, foi ao encontro deles e, com presentes e súplicas, impediu que fossem mais para diante. E quando, em seu retrocesso, se encontravam na cidade síria de Ascalão, alguns citas ficaram para trás e saquearam o santuário de Afrodite Urânia. A deusa castigou com uma doença de mulher aqueles citas que saquearam o templo de Ascalão, e também os seus descendentes."

Um decênio depois os cavaleiros asiáticos haviam desaparecido qual fantasma malfazejo.

Na Palestina, conservou-se a recordação dos citas no nome de uma cidade. A antiga Bet-Shan passou a chamar-se Citópolis. Todavia, não se sabe ao certo como a cidade chegou a ter tal nome. Faltam vestígios, tanto de uma ocupação por conquistadores citas quanto de um destacamento de mercenários citas, o qual poderia, igualmente, ter dado origem àquele nome. Assim, "Citópolis" continua como um dos numerosos pomos de discórdia existentes entre os cientistas, especializados nas pesquisas da antiga Terra Santa.

Então os medos e os neobabilônicos avançaram de dois flancos, do norte e do sul, contra os assírios. Assur, a poderosa cidade e castelo do Tigre, foi a primeira a cair, em 614 a.C. "O rei da Babilônia e seu exército, que haviam ocorrido em auxílio dos medos, não chegaram a tempo para o combate. O rei da Babilônia e Ciaxares(85) encontraram-se nas ruínas da cidade", diz uma crônica neobabilônica, "e fizeram um pacto de amizade e aliança... Grande, imensa foi a presa que fizeram na cidade, que transformaram num monte de ruínas e escombros."

Em 612 a.C., os aliados medos e neobabilônicos atingiram o seu objetivo: após uma "tremenda luta a cidade foi conquistada"; Nínive foi presa da destruição! *"(Ele) estenderá a sua mão contra o Aquilão, e destruirá Assur; e reduzirá a formosa cidade de Nínive a uma solidão"*, dissera o profeta Sofonias (Sofonias 2.13), e, por fim, isso acontecia. Nínive, que, durante séculos, com expedições de conquista e ocupação, com torturas, terror e deportações em

massa, só causara sangue e lágrimas através do mundo antigo. Nínive estava destruída e queimada.

O Crescente Fértil respirou aliviado. Os povos torturados encheram-se de júbilo... e nasceu nova esperança. Em Judá também.

Já quando, depois da morte de Assurbanipal, o odiado colosso assírio fora abalado pelos primeiros tremores de importância, o Rei Josias ⁽⁸⁶⁾ havia simplesmente banido os cultos estrangeiros do Estado em Jerusalém. Isso fora mais do que um simples ato de resistência religiosa. Significava claramente a denúncia das relações de vassalagem, cujo símbolo eram os deuses de Nínive importados à força. Juntamente com essas divindades impostas "*Josias aboliu também os pitões, e os adivinhos, e as figuras dos ídolos*" da Mesopotâmia (Reis IV 23.24). E expulsou também o culto de Canaã (Reis IV 23.7).

As reformas de Josias prepararam o terreno para um novo sentimento de vida religiosa e nacional que, com a notícia da queda de Nínive, resultou num verdadeiro delírio libertário.

Inesperadamente, um acontecimento ameaçou destruir tudo outra vez: "...o Faraó Necau, rei do Egito, marchou contra o rei dos assírios, para a banda do Eufrates; e o Rei Josias foi-lhe ao encontro, e foi morto em Megido, logo que o viu" (Reis II 23.29). Esse texto da Bíblia é um exemplo clássico de como uma única palavra pode modificar inteiramente o sentido de um comunicado. Aqui, a palavra "contra", erroneamente empregada, apresenta o Rei Josias como assecla do odiado tirano. Em outro lugar, de novo é empregada erradamente a palavra "contra". Na verdade, o Faraó Necau foi ao "encontro" dos assírios para ajudá-los. Só por uma descoberta casual, o assiriólogo C. I. Gadd descobriu esse erro da história. Contrariamente a todos os padrões arqueológicos, o lugar do achado foi... um museu. Em 1823, Gadd traduziu no Museu Britânico de Londres um escrito cuneiforme, extremamente deteriorado, que fora desenterrado anos antes na Mesopotâmia.

Dizia o seguinte: "No mês Du'uz (junho-julho) ⁽⁸⁷⁾ o rei da Assíria obteve um grande exército egípcio e partiu contra Harran para conquistá-la... Até o mês Ulul (agosto-setembro), ele lutou contra a cidade, mas não conseguiu conquistá-la".

"O grande exército egípcio" eram as forças do Faraó Necau.

Depois da queda de Nínive, o resto das forças assírias havia recuado para o norte da Mesopotâmia. Seu rei empreendeu a tentativa desesperada de recuperar o que havia perdido. Para esse fim é que o Faraó Necau acorrera em seu auxílio. Mas como, após uma luta de dois meses, não fosse possível reconquistar a cidade de Harran, Necau voltou.

O aparecimento de tropas egípcias na Palestina levou o Rei Josias a tentar impedir, custasse o que custasse, que o auxílio armado dos egípcios chegasse aos

execrados assírios. E assim aconteceu o avanço do pequeno exército judeu contra o exército egípcio, muito superior, que terminou tragicamente em Megido. "Necau", escreve Heródoto, "venceu também os Sírios⁽⁸⁸⁾ num encontro a Magdolos⁽⁸⁹⁾.

Em seu regresso ao Egito, o Faraó Necau arrogou-se o título de senhor da Síria e da Palestina. Em Judá, estabeleceu um exemplo a fim de não deixar dúvidas sobre quem mandava no país. Joacaz, filho e sucessor de Josias, foi despojado da dignidade real e enviado como prisioneiro para o Egito (Reis II 23.31 a 34). A seguir, Necau pôs outro filho de Josias no trono, Eliacin, cujo nome mudou para Joaquim (Reis II 23.34).

Até hoje, os egiptólogos não têm nenhum hino triunfal sobre o Faraó Necau para exibir. "A veste com que realizou esses feitos", soube Heródoto século e meio depois, pelos sacerdotes egípcios, ele a depositou no templo de Apolo em Mileto em sinal de agradecimento pelo papel que os gregos representaram na sua campanha. Na terra vencida, Necau deixou simplesmente uma estela com o seu nome em hieróglifo. Os fragmentos dessa estela conservaram-se em Sídon.

Mas já quatro anos depois disso — em 605 a.C. — estava desfeito o sonho de Necau de dominar a "Ásia", como seus antepassados haviam chamado sempre a Palestina.

Ainda ele cobrava tributo na Palestina, já em outros lugares se havia decidido sobre a sua "conquista". Depois da vitória conjunta, os medos e os neobabilônicos haviam dividido o império dos assírios entre si. Os medos anexaram o norte e o nordeste, a Babilônia, o sul e o sudoeste. Coube, pois, a Síria-Palestina ao Rei Nabopolassar. Mas, tendo ficado velho e não mais podendo agüentar as fadigas da guerra, Nabopolassar mandou o príncipe herdeiro, seu filho Nabucodonosor, tomar posse da nova terra.

Necau chegou a empreender uma tentativa de defesa, mas fracassou lamentavelmente. Próximo a Karkemish, no mesmo lugar em que tentara ajudar o último rei assírio, na famosa passagem do Eufrates, da Mesopotâmia para o norte da Síria (Jeremias 46.2), foi completamente desbaratado.

Fugindo, Necau atravessou a Palestina seguido pelo desprezo e as chufas do profeta Jeremias: *"Faraó, rei do Egito, jaz por terra; ele abandonou a sua tenda! ... Ele se arrasta como uma serpente..."* (Jeremias 46.17 e 22)⁽⁹⁰⁾

Depois da fuga vergonhosa, Judá não tornou a pôr os olhos em Necau. "E o rei do Egito, daquele tempo em diante, não tentou mais sair do seu reino: porque o rei da Babilônia havia levado tudo o que tinha sido do rei do Egito, desde a torre do Egito até o rio Eufrates" (Reis II 24.7). O príncipe herdeiro caldeu não pôde aproveitar completamente a sua vitória de Karkemish. Havendo, durante a batalha, recebido a notícia da morte de seu pai, teve de voltar à Babilônia. Depois

de ocupar o trono⁽⁹¹⁾, Nabucodonosor foi retido durante os anos seguintes na sua própria terra por importantes assuntos de governo. E assim Judá ficou temporariamente livre de uma nova ocupação e entregue a si mesmo.

Faltam notícias contemporâneas sobre o que aconteceu particularmente em Judá por ocasião da passagem do século VI para o V.

A própria Bíblia não dá informações claras, por exemplo, sobre a época em que os caldeus surgiram pela primeira vez no país e exigiram tributo. Os reis neobabilônicos não deixaram, como seus antecessores, os assírios, anais minuciosos. As inscrições conservadas em edifícios apenas indicam os acontecimentos históricos.



Fotos - University Press, Londres. — (superior) Lojas e armazéns em ruas absolutamente retas do século XV a.C., descobertas por exploradores franceses na costa do Mediterrâneo, na antiga Ugarit. — (inferior) "Num dos armazéns,

havia oitenta vasilhas de vinho e azeite, dispostas em perfeita ordem", declarou o Prof. Schaeffer.





Fotos: University Press, Londres. — Pequenos amuletos de ouro com os atributos da deusa da fecundidade. Relevo da deusa da fecundidade de Canaã, em mármore, encontrado numa caverna do bairro portuário de Ugarit.

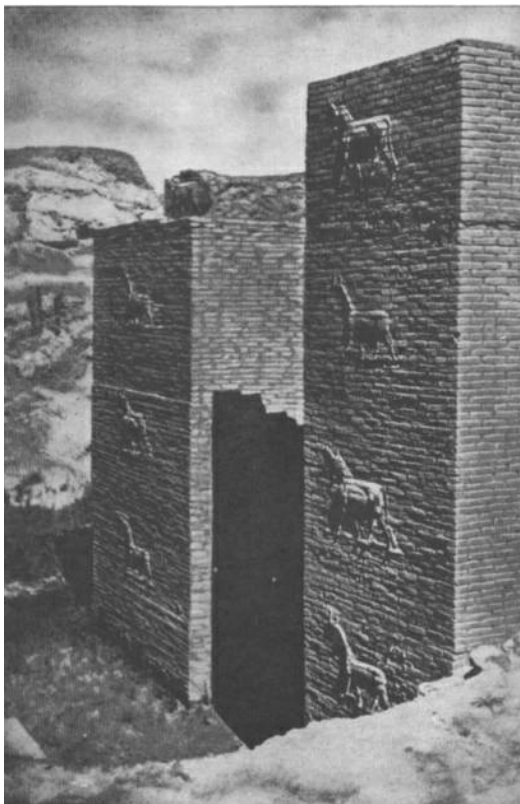


Foto: H. V. Morton, "Through lands of the Bible", Methuen & Co., Ltd.,

Londres. — Esculturas de touros bravios e grifos adornam a Porta de Ishtar, desenterrada pelo Prof. Koldewey, na Babilônia.

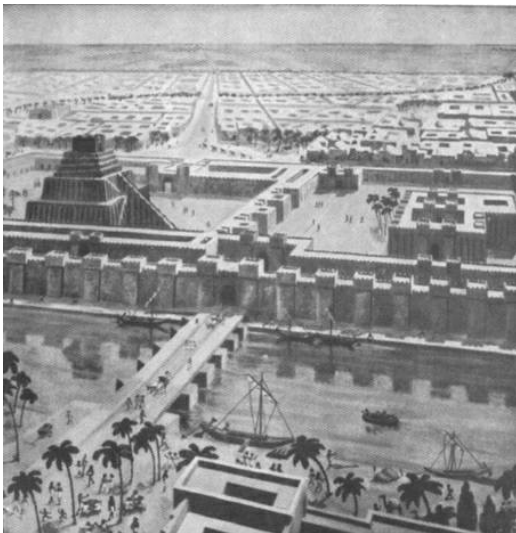


Foto: Instituto Oriental, Universidade de Chicago.

"E os israelitas foram transportados à Babilônia por causa de seus pecados" (Crônicas I 9.1). Nesta magnífica metrópole internacional, com largas ruas, viveu Judá no exílio. "Junto aos rios da Babilônia, ali nos assentamos, nos pusemos a chorar" (Salmos 137.1). Atrás das poderosas muralhas da cidade do Eufrates erguia-se, perto do templo de Marduch, "Etemenanki", a torre da Babilônia. Tinha noventa metros de altura, sendo, portanto, exatamente tão alta como a Estátua da Liberdade do porto de Nova York. Reconstrução do Prof. Dr. Eckhard Unger; desenho de Herbert Anger. Do livro de Eckhard Unger *Babylon, die Heilige Stadt, nach der Beschreibung der Babylonier* ("Babilônia, cidade santa, tal como os babilônios a descrevem"). Berlim, W. de Gruyter & Cia., 1931.

Os últimos dias de Judá

Primeira deportação — O Rei Joaquim nas relações da corte da Babilônia — Uma descoberta feita no porão do Museu de Berlim — Segunda campanha punitiva — Comunicados em barro — Morte trágica de Starkey — A técnica incendiária dos sapadores babilônios — Mesa limpa para os arqueólogos

No tempo de Joaquim marchou Nabucodonosor, rei da Babilônia, contra Joaquim, que lhe ficou sujeito durante três anos (Reis II 24.1).

No começo do século VI a.C., aconteceu o funesto episódio que, em poucos anos, riscou também Judá para sempre, como povo, da história do antigo Oriente. Em rápida sucessão, precipitaram-se sobre o minúsculo Estado vassalo do Jordão e seus habitantes diversos acontecimentos que tiveram como consequência o período mais triste da vida de Judá, culminando com a ida para o exílio, a deportação para a Babilônia. No princípio, houve a recusa em pagar o tributo e levantes contra o novo senhor. Em 597 a.C., Judá rebelou-se abertamente. O Rei Joaquim... (92) *"revoltou-se contra ele"* (Reis II 24.1).

No princípio, Nabucodonosor não atacou pessoalmente. Talvez o incidente não lhe parecesse suficientemente importante; num grande império, os levantes locais não são coisa rara. Empregou primeiro tropas de Moab, Amon e Síria, apoiadas por tropas caldéias regulares. Parece, porém, que essas forças não conseguiram dominar a situação. Foi então que Nabucodonosor se dirigiu a Judá.

Em RamathRabel, nas proximidades de Jerusalém, onde foi encontrada uma cidadela real dos tempos de Joaquim, veio a descoberto recentemente um fragmento com um perfil desenhado, o qual se julga ser um retrato de Joaquim.

Já estava com uma força considerável em marcha para a Palestina quando Joaquim morreu subitamente. Sucedeu-lhe seu filho (do mesmo nome) no trono: *"Joaquim tinha dezoito anos quando começou a reinar; e reinou três meses em Jerusalém... E Nabucodonosor, rei da Babilônia, foi com sua gente contra a cidade para expugnar... Deportou também para a Babilônia Joaquim..."* (Reis II 24.8 a 15).

Em 597 a.C., diz a Bíblia, o Rei Joaquim e os seus foram levados prisioneiros para a Babilônia. Mas quem poderia comprovar, dois mil e quinhentos anos depois, a veracidade dessa afirmação? Então, eis que, pouco antes do começo do século XX, ofereceu-se à pesquisa uma oportunidade de comprovar a estada da família real judia nesse país. No ano de 1899 a Sociedade Oriental Alemã equipou uma expedição para explorar o célebre monte de ruínas de *Babil*, no Eufrates, sob a direção do professor arquiteto Robert Koldewey. Ela se revelou extraordinariamente vagarosa; em dezoito anos de trabalho, foi posta a

descoberto a mais famosa metrópole da Antigüidade, a residência de Nabucodonosor.

Descobriu-se até uma das célebres "sete maravilhas do mundo", isto é, os "jardins suspensos da Babilônia", tornados célebres posteriormente por viajantes gregos, e também *E-temen-an-ki*, a fabulosa Torre de Babel. No palácio de Nabucodonosor e na porta de Ishtar, situada nas proximidades, descobriram-se inúmeras inscrições.

Essas inscrições foram, entretanto, uma verdadeira decepção para os sábios. Ao contrário das narrativas circunstanciadas dos soberanos assírios, as quais muitas vezes fixaram historicamente nomes de reis israelitas e judeus, os neobabilônicos quase não mencionavam outra coisa além de sucessos religiosos e arquitetônicos do seu tempo. Por exemplo, não ofereciam nenhum ponto de referência sobre os acontecimentos de Judá.

Três decênios depois de os magníficos achados de *Babil* se encontrarem já em arquivos e museus, veio à luz — em Berlim! — uma grande quantidade de documentos singulares, procedentes das proximidades imediatas da Porta de Ishtar. No Museu Imperador Frederico, na ilha dos Museus, circundada pelas águas do Spree, no coração da ex-capital alemã, foi montada a maravilhosa Porta de Ishtar da Babilônia num grande salão. Ameaçadores e sinistros, os leões, de um amarelo berrante, desfilavam sobre os ladrilhos vitrificados, azul escuros, da avenida processional de Marduck⁽⁹³⁾. Como outrora às margens do Eufrates, essa avenida conduzia a gente estupefata do século XX à magnífica porta com dragões e touros selvagens, dedicada à deusa Ishtar.

Enquanto em cima, na sala clara, visitantes de todo o mundo se detinham profundamente impressionados diante da alta e esplêndida porta dupla e, como no tempo de Nabucodonosor, transpondo a sua arcada, vagueavam pela avenida das procissões, embaixo, nos porões do museu, esperavam, para serem decifradas, cerca de trezentas tabuinhas cobertas de inscrições cuneiformes.

Os colaboradores de Koldewey haviam-nas encontrado em edifícios contíguos ao palácio de Nabucodonosor, próximo à Porta de Ishtar, numerando-as e acondicionando-as em caixotes. Juntamente com montes de ladrilhos vitrificados de belas cores, com relevos de leões, dragões e touros selvagens, essas tabuinhas empreenderam a longa viagem para Berlim, onde, por um estranho acaso, foram depositadas cuidadosamente no museu da ilha do Spree, num lugar, quase como tinham estado na Babilônia, apenas alguns metros embaixo da Porta de Ishtar.

Por volta de 1933, o assiriólogo E. F. Weidner decidiu examinar as tabuinhas e fragmentos existentes nos porões do Museu Imperador Frederico. Depois começou a traduzi-los peça por peça. Não continham nada mais que listas da corte, notas de antigos burocratas, coisas cotidianas completamente sem importância.

Apesar disso, Weidner não desanimou e continuou recluso no porão do museu dia após dia, sob a Porta de Ishtar, traduzindo infatigavelmente. De repente, o seu monótono trabalho reavivou-se de maneira surpreendente. Entre o amontoado de vulgares documentos de natureza administrativa começou a encontrar algumas notas valiosas. Em quatro recibos diferentes de fornecimento de víveres — entre outras coisas era relacionado óleo de sésamo —, encontrou um nome bíblico familiar: *Já-u-kinu*. .. Isto é, Joaquim!

Não havia possibilidade de engano, pois Joaquim era acompanhado de seu título: "Rei (do país) de Judá". Além disso, os recibos de barro babilônios continham como data o décimo terceiro ano do reinado do Rei Nabucodonosor, isto é, o ano 592 a.C., portanto, cinco anos depois da queda de Jerusalém e da deportação. Ademais, o intendente babilônio encarregado dos víveres citava em três ocasiões cinco filhos do rei, confiados aos cuidados de um servo com o nome judaico Kenaiah.

Como recebedores de víveres dos armazéns de Nabudonosor, além desses mencionavam-se "oito pessoas do país de Judá", que possivelmente pertenciam à comitiva do Rei Joaquim, entre eles um jardineiro de nome Salam-ja-a-ma.

Joaquim, o rei destronado de Judá, vivera juntamente com sua família e seu séquito no palácio de Nabucodonosor, na Babilônia. Depois da descoberta de Weidner, pôde ser completado e compreendido o relato bíblico do Livro II dos Reis: *"E foi-lhe dada a ração pelo rei da Babilônia, ração perpétua marcada para cada dia, até o dia da sua morte, todos os dias de sua vida"* (Jeremias 52.34).

Em 1955, os estudos de textos cuneiformes, datando de há dois mil e quinhentos anos e que, esquecidos e despercebidos, desde havia muito se encontravam no Museu Britânico, em Londres, vieram a complementar aquele evento de uma maneira sensacional. Ao decifrá-los, d. J. Wiseman, pesquisador da Antigüidade, teve uma surpresa enorme quando deparou com o seguinte comunicado da chancelaria do rei babilônio:

"No sétimo ano, no mês de *kislev*, o rei... convocou o seu exército e foi para o país de Hatti (Síria). Ele montou seu acampamento em frente à cidade dos judeus, que conquistou em 2 de *adar* (em 16 de março de 597). Tomou como prisioneiro o Rei Joaquim e lá instituiu outro rei, Sedecias, que era do seu gosto. Ele aceitou seu pesado tributo, que mandou levar para a Babilônia".

Eis o relato original da crônica caldeia, contando a primeira conquista de Jerusalém por Nabucodonosor, conforme transmitida pela Bíblia no capítulo 24 do Livro II dos Reis:

"E aconteceu que, no ano nono do seu reinado, no décimo dia do décimo mês, veio Nabucodonosor, rei da Babilônia, ele e todo o seu exército contra Jerusalém... E a cidade ficou fechada... até o undécimo ano do Rei Sedecias" (Reis II 25.1, 2).

Desde o aprisionamento de Joaquim e da primeira deportação para

a Babilônia haviam decorrido onze anos. Então chegou o momento em que deveria ser confirmada a queda de Judá.

A última cena da tragédia desse pequeno povo oferece um exemplo característico de como a narrativa bíblica e os achados das escavações apresentam o mesmo acontecimento sob pontos de vista diferentes; de como, a par da narrativa oficial do Livro II dos Reis e das Crônicas, os dados dos profetas são também exatos. Jeremias esboça em traços claros algumas situações dos emocionantes e angustiosos últimos dias que os achados feitos na Palestina, em nosso tempo, provaram ser surpreendentemente exatas e historicamente precisas.

Depois da primeira conquista de Jerusalém no ano 597 a.C., Nabucodonosor deixou Judá continuar como Estado vassalo. Sucedeu no trono a Joaquim, levado para o cativeiro, seu tio Matania, nome que o rei dos caldeus mudou para Sedecias. Pelo que se conclui de Jeremias 13.19, o território do Estado foi muito reduzido: *"As cidades do meio-dia estão fechadas, e não há quem as abra"* (Jeremias 13.19).

Embora estivesse presente ainda a deportação dos irmãos de tribo e continuasse viva a recordação das amargas experiências de século e meio e do destino melancólico do reino de Israel, assim mesmo não se extinguiu o espírito de resistência.

Não tardou que se levantassem vozes contra Babel, vozes incitando à reconquista da pátria perdida (Jeremias 28.1, 4). Jeremias elevou sua voz em advertência, mas o partido antibabilônico obtinha cada vez mais ouvintes. Estes amotinaram o povo e, finalmente, conseguiram influenciar o rei, homem hesitante e sem energia. Fizeram alianças com os Estados limítrofes. Na casa de Sedecias, houve um encontro dos *"mensageiros"*, de Edom, Moab e Amon, e também das cidades marítimas de Tiro e Sidon (Jeremias 27.3).



Figura 60 - Fortaleza de Lakish em Judá, com muralha dupla e porta tríplice.

A circunstância de ter subido ao trono um novo faraó, Ápriés⁽⁹⁴⁾ em 588 a.C., influenciou evidentemente a sua decisão de se rebelarem (Jeremias 44.30). O novo soberano do Egito deve ter animado Judá prometendo-lhe auxílio armado, pois "*Sedecias revoltou-se contra o rei da Babilônia*" (Reis II 24.20).

No "*décimo mês*" (Reis II 25.1) do mesmo ano de 588 a.C. — era "*o nono ano*" do Rei Sedecias —, Nabucodonosor chegou da Babilônia com um exército poderoso. As forças punitivas avançaram com a rapidez do raio contra Judá rebelado.

As divisões caldeias de homens a pé, de rápidas unidades de cavalaria e de corpos de carros de combate romperam toda a resistência, conquistando cidade após cidade. A terra toda foi submetida finalmente até a capital de Jerusalém e as fortalezas fronteiriças de Lakish e Azeca.

Mas Jerusalém, Lakish e Azeca estavam resolvidas a resistir até o extremo: "Entretanto o exército do rei da Babilônia combatia contra Jerusalém, e contra todas as cidades de Judá que restavam: contra Lakish e Azeca; porque estas eram as cidades fortificadas que haviam ficado entre as cidades de Judá" (Jeremias 34.7).

Testemunhos impressionantes colocam diante dos nossos olhos as últimas fases dessa luta sem esperança.

Trinta quilômetros ao sudoeste de Jerusalém, o verde vale de Elá penetra profundamente nas montanhas de Judá. O "*campo dos carvalhos*", como o chama Lutero, foi o teatro do duelo entre o jovem Davi e o gigante Golias (Samuel I 17.19 e seguintes).

Como sempre, continua correndo e murmurando entre os carvalhos o regatozinho onde Davi escolheu "*cinco pedras bem lisas*" para a sua funda (Samuel I 17.40).

Da borda do ribeiro, as encostas ascendem suavemente até um morro de trezentos metros de altura. Daí, o olhar estende-se, através dos campos de trigo e oliveiras da antiga planície dos filisteus, até o Mediterrâneo que tremeluz ao longe, no horizonte, a ocidente. Nesses lugares, o inglês Dr. Frederick J. Bliss identificou em 1898 uma cidadela com oito poderosas torres como sendo a antiga Azeca, uma das fortalezas que não se submeteram. Exatamente vinte quilômetros ao sul, as ruínas de Lakish conservam testemunhos ainda mais valiosos. Na década de 30-40 o arqueólogo J. L. Starkey, membro da expedição britânica Wellcome-Marston, arrancou esses testemunhos do entulho da poderosa porta da cidade, local onde a luta foi mais encarniçada. Dezoito "ostracas" — fragmentos de barro com inscrições — continham comunicações de fortes exteriores, de pontos de observação e defesa das tropas judaicas que ainda não haviam sido derrotadas — comunicados em barro do período do "*décimo mês*", de 588 a.C., dirigidos a Jausch, "comandante da fortaleza de Lakish". Os comunicados rabiscados às pressas evidenciam em cada linha a terrível tensão da catástrofe iminente. Um

dos últimos, escrito por testemunhas visuais, diz: "Queira Jeová permitir que meu Senhor ouça boas notícias neste mundo... Nós observamos a estação de sinais de Lakish, segundo os sinais que meu Senhor nos deu... não vemos mais os sinais de Azeca". Essa mensagem informava o Comandante Jausch, de Lakish, que Azeca havia caído. Nabucodonosor podia agora retirar seus batalhões de sapadores para o assalto ao penúltimo forte.

Em janeiro de 1938, após seis laboriosas campanhas de escavações, os arqueólogos britânicos da expedição Wellcome-Marston obtiveram informações sobre o terrível fim de Lakish.

O sucesso havia coroado a vida de pesquisas do famoso escavador de Lakish, James Lesley Starkey. Contudo, quando estava a caminho de Lakish para Jerusalém, estouraram levantes na região, e ele foi alvejado por árabes perto de Hebron, em consequência de um trágico equívoco. Tinha quarenta e três anos. Durante o longo período da escavação, ele havia deixado crescer a barba, e os árabes tomaram-no por judeu!

Em 701 a.C., as tropas de assalto do rei assírio Senáquerib atacaram os muros de Lakish com "tanques" munidos de esporões. As tropas especiais de Nabucodonosor empregaram técnica completamente diferente para obrigar a cidade a capitular.

O exame da camada correspondente à destruição causada pelos babilônios deu um resultado inesperado — cinzas! Cinzas em quantidade inaudita. Várias camadas têm muitos metros de espessura e ainda hoje — depois de dois mil quinhentos e vinte e seis anos — são mais altas do que os restos das muralhas das fortificações. Os sapadores de Nabucodonosor eram especialistas na técnica de incendiar, verdadeiros mestres na arte de desencadear incêndios gigantescos!

Levaram para lá quanta lenha conseguiram encontrar, limpavam de bosques e arvoredos os arredores de Lakish, deixaram nua a colina por várias milhas ao redor, juntando o combustível em montes da altura de casas diante das muralhas e ateando-lhes fogo. Numerosos olivais caíram sob seus machados, como o provam os inumeráveis caroços de azeitonas carbonizados encontrados nas cinzas.

Dia e noite, a gigantesca fogueira elevava suas labaredas até o céu, envolvendo os muros num anel de fogo. Ininterruptamente, os sitiados continuavam a jogar mais lenha no fogo, até que as pedras das muralhas estouravam com o calor e a alvenaria se desmoronava.

Assim, caiu também Lakish. Só Jerusalém resistia ainda, e em volta dela puderam então os babilônios concentrar todas as suas forças. O emprego da nova técnica era impossível ali, porque a reserva de lenha ao redor de Jerusalém havia sido completamente destruída até o mais insignificante arbusto, já no tempo dos patriarcas e da conquista de Josué (Josué 17,15, 18). Jerusalém teve, assim, que ser atacada pelos processos clássicos do ariete e de outros instrumentos de

assédio.

Durante dezoito meses, Jerusalém foi sitiada e heroicamente defendida. *"E a cidade ficou fechada e circunvalada até o undécimo ano do Rei Sedecias"* (Reis II 25.2).

O que fez os sitiados resistirem, embora há muito tempo grassasse a fome na cidade e fizesse muitas vítimas, foi a angustiosa esperança de auxílio do Egito.

Essa esperança pareceu que ia justificar-se quando os babilônios se retiraram subitamente. "O exército do faraó havia saído do Egito; e quando os caldeus, que sitiavam Jerusalém, ouviram essa nova, retiraram-se de Jerusalém" (Jeremias 35.5). Um exército do Faraó Ápries saiu, com efeito, da terra do Nilo, segundo informa Heródoto. Seu destino não era, contudo, Jerusalém, pois Ápries se dirigia por terra e por mar para as cidades marítimas fenícias.

Os pesquisadores encontraram em fragmentos de monumentos egípcios provas de sua presença nessa época em Tiro e Sidon.

E assim aconteceu como Jeremias predissera: *"Eis que o exército do faraó, que saiu para vos dar socorro, voltará para a sua terra no Egito"* (Jeremias 37.7). Poucos dias depois o inimigo estava de novo diante da cidade, o assédio prosseguiu com todo o encarniçamento e não foi mais possível evitar a queda.

"E foi aberta uma brecha na cidade; e todos os homens de guerra fugiram de noite pelo caminho da porta que está entre os dois muros, perto do jardim do rei" (Reis II 25.4).

Graças aos resultados das escavações, é possível reconstruir hoje, sem dificuldade, o caminho de fuga dos sitiados.

O Rei Ezequias havia mandado reforçar os velhos muros da cidade de Davi com um segundo muro no lado sul (Crônicas II 32.5), sobre cuja posição ainda pairam dúvidas.

No momento em que o inimigo penetrou na cidade por uma brecha aberta no muro, os defensores retiraram-se para a parte sul da fortaleza duplamente murada e, depois que caiu a noite, fugiram por uma porta exterior para a liberdade e, transpondo as colinas, dirigiram-se para Jericó. O Rei Sedecias caiu prisioneiro. Seus filhos foram mortos na sua presença e ele teve os olhos vazados (Reis II 25.7), pois tal era o duro castigo que os babilônios infligiam aos traidores. Repetidas vezes vê-se representado em relevos esse cruel castigo do cegamento.

Jerusalém foi entregue ao saque; o palácio do rei e o templo foram incendiados, as muralhas e as fortificações, demolidas. A execução da ordem de aniquilamento coube a *"Nabuzardan, general do exército"* (Reis II 25.8), um grão-vizir, que aparece na crônica da corte babilônica como Nabu-seri-indinam. De novo no ano 587 a.C., foi deportada uma parte da população (Reis II 25.11), Nabucodonosor exterminou a casa de Davi, que havia reinado quatro séculos ininterruptamente, e a terra de Judá tornou-se província babilônica. Os que ficaram iniciaram de seu esconderijo nas montanhas uma campanha de

guerrilhas, das quais caiu vítima o administrador Gedalia, nomeado pela Babilônia. Alguns acham que a represália por esse atentado foi a terceira deportação, a última (Jeremias 52.30). Pequenos grupos de judeus conseguiram escapar para o Egito (Reis II; Jeremias 43.7). O pano da história caiu sobre uma terra despovoada, e as tribos israelitas foram espalhadas aos quatro ventos.

Alguns sábios, como os ingleses S. a. Cooke e C. C. Torrey, opuseram seu veto à versão bíblica da deportação. Segundo eles, nunca houve uma deportação em massa de Judá, apenas algumas pessoas notáveis foram levadas para o cativeiro na Babilônia.

Da mesma forma, o Prof. Albright não se cansa de expor em suas publicações a gravidade e o alcance da destruição sofrida por Judá, a ponto de deixar a impressão de que, como aliás também sugerem os textos bíblicos, lá os babilônios tivessem feito *tabula rasa*. Porém, o que de fato aconteceu? Um ano após a primeira edição do livro de Albright, foi publicada uma tese de Enno Janssen, teólogo protestante que a havia defendido pouco antes, ganhando o seu grau de doutor pela Universidade de Kiel, Alemanha. Com o zelo extraordinário de um doutorando, Janssen coletou todos os dados existentes, tanto as citações bíblicas quanto os resultados das mais recentes pesquisas a respeito da situação no reino de Judá, devastado nos tempos do cativeiro babilônio. Janssen, em absoluto, não desconsiderou os pontos sempre destacados por Albright; no entanto, com método, acribologia e quase pedantismo, compilou os nomes das cidades mais atingidas, apurou o grau da devastação ali registrada, bem como os danos sofridos por outras cidades, menos atingidas, enquanto tudo isso ainda pode ser avaliado hoje em dia, e verificou os lugares onde, mesmo durante o cativeiro, ainda havia gente morando. O resultado final é de molde a deixar surpreso a quem achar difícil descartar a idéia de que as cidades de Judá tivessem sido transformadas em deserto.



Figura 61

Sem dúvida, as devastações foram extensas e também foram pesadas as perdas em vidas humanas, devido à guerra, às "ondas" de deportações e execuções. Porém, apesar de tudo isso, ainda havia gente, até em Jerusalém, onde sacerdotes lamentaram a destruição do templo e "procuraram ganhar o seu pão de cada dia". Aliás, as pessoas das camadas sociais menos favorecidas receberam dos babilônios um pedaço de terra para cultivar; e tampouco foram aniquiladas ou deportadas todas as pessoas de posição social mais elevada. Certos pronunciamentos bíblicos revelam que evidentemente em Judá ainda havia pessoas de relativas posses, que, em suas "casas forradas de madeira", bem ou mal, lograram sobreviver à catástrofe ou, pelo menos, conseguiram morar (novamente) em "casas forradas de madeira" durante os tempos difíceis do cativeiro e desterro. Até o governador, nomeado pelos babilônios, era um judeu de nome Gedalia.

Aliás, a Bíblia cita o pai de Gedalia como amigo e protetor do profeta Jeremias, e, quando o profeta foi deixado em liberdade, ele procurou

Gedalia em *"Masfat e habitou com ele no meio do povo que tinha ficado no país"* (Jeremias 40.6). Já foi mencionado em outra parte que Gedalia foi morto por nacionalistas de Judá, porém o simples fato de ter havido um governador prova que ainda restava algo a ser governado ou, em outras palavras, ainda havia gente morando em Judá. E, da mesma forma, o fato de Gedalia ter residido em Masfat (ao norte de Jerusalém) pressupõe que, àquela época, Masfat, por sua vez, ainda funcionava, de uma ou outra forma, como comunidade urbana.

Com isso, em absoluto não queremos diminuir a gravidade dos acontecimentos registrados em Judá. Contudo, talvez seja lícito lembrar as experiências havidas em nosso século com as cidades caídas em ruínas, com aquelas cidades modernas, espalhadas ao redor do globo, que, não obstante toda a devastação, todos os horrores da guerra, a deportação dos seus habitantes e os tremendos riscos à vida da sua população, por causa do estado de guerra em que viviam, estavam bem longe de ficar totalmente despovoadas. Aliás, aquilo que acontece nem é tão importante assim, pois de importância no mínimo igual reveste-se a maneira como são transmitidos os acontecimentos e dele se toma conhecimento. No ano fatídico de 1945, ninguém haveria de censurar um escritor contemporâneo por ter descrito como "totalmente destruídas" as cidades de Coventry, Hiroxima, Stalingrado, Dresden ou Berlim. E quando Jeremias 34.22 reza:

"Sou eu que o ordeno, diz o Senhor... converterei num deserto as cidades de Judá, de maneira que não fique nelas nenhum habitante!", essas palavras antes exprimem os sentimentos dos habitantes de Judá, ou melhor, dos deportados para o cativeiro babilônio, pois eles pressentiram que havia morrido toda e qualquer esperança de reerguer o antigo Israel em sua grandeza e glória de outrora. Aliás, com o fim do reino sulino de Judá, terminou também a história do antigo Israel — e começou a história dos judeus.

Parte VII - Do exílio ao reino dos macabeus (De Ezequiel a João Hircano)

A grande escola do exílio

O sábio conselho do profeta Jeremias — A firma Murashu & Filhos, de Nippur — Taxa de juros de vinte por cento — Os lavradores e criadores tornam-se negociantes — Koldewey desenterra Babilônia — Uma cidade como Nova York — A maior cidade do mundo antigo — Uma torre de noventa metros de altura em Babel — Câmara de comércio no cais do Eufrates.

Edificai casas e habitai-as; e plantai hortas, e comei os seus frutos... Multiplicai-vos aí e não deixeis diminuir o vosso número. E buscai o bem da cidade, para a qual vos fiz deportar... (Jeremias 29.5, 7).

Escreveu o profeta Jeremias aos anciãos, aos sacerdotes, aos profetas e a todo o povo que fora deportado para a Babilônia por ordem de Nabucodonosor. Seguindo o seu conselho bem refletido, eles trabalharam pelo "*bem da cidade*", e isso foi benéfico. O exílio para eles na Babilônia não se comparou à dura existência dos filhos de Israel no Nilo, em Ramsés e Fitom, no tempo de Moisés. Com pequenas exceções, não foram submetidos a pesados trabalhos forçados (Isaías 47.6). Em parte alguma fala-se de trabalhar em fábricas de tijolos no Eufrates, e, no entanto, a Babilônia dispunha da maior fabricação de tijolos do mundo de então. Além disso, em nenhuma época se construiu tanto como no tempo de Nabucodonosor.

Aqueles que seguiram fielmente o conselho de Jeremias deram-se bem, alguns deles até muito bem. Uma família que prosperou deixou à posteridade os documentos de seus negócios em poeirentas tabuinhas de barro. "Murashu & Filhos" — Grande Banco Internacional — Seguros, Contratos de Empréstimos e Arrendamentos — Bens Móveis e Imóveis — Sede em Nippur — Filiais em todas as praças. Assim era sua firma, conhecida e famosa em todo o mundo, os Lloyds da Mesopotâmia!

Com efeito, os Murashus — *displaced persons* de Jerusalém — haviam prosperado em Nippur desde o ano 587 a.C. Tornaram-se uma firma antiga; ainda no tempo dos persas, eles eram importantes na Mesopotâmia. Os "papéis de negócios" de Murashu & Filhos abundam em detalhes esclarecedores sobre a vida dos deportados, com nomes, ocupações, propriedades.

Os eruditos da Universidade da Pensilvânia descobriram uma parte dos arquivos na antiga casa comercial da firma judia de Nippur, guardados em grandes cântaros de barro que, segundo as prescrições de segurança da época, permaneciam cuidadosamente fechados com betume. E não foram só os assiriólogos que se alegraram com os textos traduzidos.

Nos escritórios da Murashu & Filhos havia grande atividade. Durante mais de cento e cinquenta anos eles gozaram de elevado conceito junto aos seus clientes, quer como arrendadores de grandes propriedades imobiliárias ou trechos de canal, quer como negociantes de escravos. Quem não sabia escrever, se, depois de muitas discussões, chegava o momento de assinar, em vez do seu nome colocava a impressão da unha do dedo no documento.

Isso correspondia então à conhecida impressão digital do analfabeto do nosso tempo.

Um dia apresentaram-se em casa da Murashu & Filhos três joalheiros... Elil-aha-iddina, Belsunu e Hatin falaram a Elil-nadin-sum, filho de Murashu, o seguinte: "Pelo que se refere ao anel de esmeralda, que é feito de ouro, garantimos por vinte anos que a esmeralda não se desprenderá do anel. No dia em que a esmeralda se desprender antes de decorridos os vinte anos, Elil-aha-iddina, Belsunu e Hatin pagarão a Elil-nadin-sum dez minas de prata de

indenização". O documento é assinado por sete pessoas. Antes do nome do notário o barro apresenta três impressões de unhas de dedos. São as firmas dos três joalheiros, que não sabiam escrever.

O judeu exilado Mannudannijama procurou a Murashu & Filhos porque queria fechar com um babilônio um contrato de arrendamento relativo a um vasto rebanho: "treze carneiros velhos, vinte e sete carneiros de dois anos, cento e cinquenta e duas ovelhas prenhes, quarenta carneiros de um ano, quarenta ovelhas de um ano, um bode velho, um bode de um ano... ao todo, duzentas e setenta e seis cabeças de gado miúdo, 'brancos' e 'pretos', grandes e pequenos... contra entrega... Por pasto, cuidados e guarda do citado gado miúdo responsabiliza-se Mannudannijama... Nippur. Aos 25 de Ulul... Assinado: impressão da unha de Mannudannijama".

O banco também recebia cauções para garantia de dívidas, e possuía até seções especiais para todas as circunstâncias da vida!

A taxa de juros montava a vinte por cento, não estabelecida pela Murashu, bem entendido: era a taxa usual nesse tempo.

A Murashu & Filhos pode ser considerada modelo da profissão que desde o tempo do exílio foi dado escolher aos filhos de Israel. Ela se tornou para eles a profissão por excelência e assim continuou até hoje: a de negociantes, de mercadores. Na sua pátria, havia apenas camponeses, colonos, criadores e artesãos. A lei de Israel não conhecia nenhuma disposição sobre o comércio; esse era-lhe estranho. A palavra "cananeu" equivalia para eles a "lojista", "mercador", cujos pecados os profetas fustigavam profusamente.

"Canaã! Na sua mão está a balança enganosa; ama a opressão", verberava Oséias (Oséias 12.8, Amós 8.5, 6).

A mudança para essa profissão, até então desprezada, foi extraordinariamente sábia — o que raramente é bem compreendido. Pois ela se revelou, a par de uma sólida defesa das antigas crenças, uma tábua de salvação para a sobrevivência de Israel enquanto povo. Como camponeses e colonos, uma vez dispersos em terra estrangeira, ter-se-iam misturado e cruzado com outras raças, acabando por desaparecer em poucas gerações. A nova profissão forçava sua permanência em grandes ou pequenos centros, dentro dos quais criavam uma pequena comunidade própria que lhes permitia celebrar seus ofícios divinos. Isso lhes deu solidariedade e os capacitou para subsistirem.

Os filhos de Israel não poderiam ter desejado melhor iniciação. A Babilônia, centro internacional do comércio, da indústria e do tráfico, foi a grande escola das cidades grandes e pequenas de todo o mundo, que desde então passaram a ser a pátria dos sem pátria. A metrópole, cujas ruínas dois mil e quinhentos anos depois ainda deixam entrever a grandeza e o poderio de outrora, não tinha igual no mundo antigo.

Cem quilômetros ao sul da ativa Bagdá, o deserto se apresentava remexido,

revolvido, sulcado. Até onde a vista podia alcançar, estendia-se um labirinto de fossos, montes de entulho e poços, testemunhos da campanha levada a efeito por arqueólogos alemães, durante dezoito anos ⁽⁹⁵⁾ e no decorrer da qual o Prof. Robert Koldewey conseguiu trazer de novo à luz a fabulosa Babel da Bíblia.

Menos de quatro décadas depois da escavação, já esse lugar oferece um espetáculo desoladoramente caótico. O vento e a areia cobriram de novo, lenta mas incessantemente, o esqueleto gigantesco da antiga metrópole. Só de um lado ergue-se ainda um par de maciças torres de contornos bem definidos. Suas paredes, outrora recobertas de belos ladrilhos vidrados, estão nuas. Aí, na Porta de Ishtar, começava a longa Avenida das Procissões. Onde esta terminava, do outro lado da cidade, um morro enorme denuncia a presença de uma das construções mais altas do mundo antigo — a Torre de Babel.

O esplendor e a magnificência, o poderio e a grandeza da cidade que "*pecou contra o Senhor*" (Jeremias 50.14) foram presa da destruição e desapareceram. E nunca mais ela foi habitada. Seria o cumprimento do que Isaías profetizara?

"E essa Babilônia, gloriosa entre os reinos, o orgulho dos caldeus, ficará destruída, como o Senhor destruiu Sodoma e Gomorra. Nunca mais será habitada, nem reedificada de geração em geração..."

"Mas as feras farão ali o seu covil, e encherão as suas casas de corujas; e habitarão ali as avestruzes... Os lobos uivarão nos castelos da Babilônia, e os chacais nos seus palácios de luxo..." (Isaías 13.19 a 22). Há muito que os chacais, as corujas e também os avestruzes abandonaram esses lugares. Até o poderoso Eufrates, em cujas águas se espalhavam outrora os orgulhosos muros e as torres altas que chegavam até o céu, voltou-lhe as costas, procurou um novo leito. Só uma silhueta de palmeiras à distância indica ainda o seu novo curso. A pequena povoação árabe chamada *Babil* conserva no seu nome a recordação da soberba cidade; mas fica alguns quilômetros ao norte das ruínas.

"Parada de Babilônia", diz, em árabe e inglês, a tabuleta da estação da estrada de ferro de Bagdá, onde, a algumas centenas de metros das colinas, descem os visitantes, atualmente raros, que vão percorrer as desertas ruínas amarelo pardacentas. Aí são envolvidos pelo silêncio da mais completa solidão.

Essas ruínas continham preciosos tesouros, documentos de valor incomparável; graças a eles pôde a posteridade fazer uma idéia precisa da época do exílio dos judeus, que foi também o período de maior esplendor de Babel.

"Não é esta aquela grande Babilônia, que eu edifiquei para capital do meu reino, com a força do meu poder e com a glória da minha majestade?" (Daniel 4.27). Essas palavras, que Daniel pôs na boca do Rei Nabucodonosor, não exageram. Pouco se fala de assuntos de guerra, de conquistas e campanhas. No primeiro plano vem sempre a atividade construtora de Nabucodonosor. Centenas de milhares de tijolos apresentam o seu nome, e conservam-se as plantas de muitos de seus edifícios. Com efeito, Babel sobrepujava todas as cidades do

antigo Oriente. Era maior do que Tebas, Mênfis ou Ur, maior até do que Nínive.

"A cidade interior, composta de edifícios de três e quatro andares, é cortada por ruas absolutamente retas, tanto numa direção como na transversal, quando vão dar no rio." Assim a viu ainda Heródoto. O plano da cidade de Babel lembra as plantas das grandes cidades americanas.

Na Palestina, sem excetuar a orgulhosa Jerusalém, os deportados conheciam apenas ruas estreitas e tortuosas, simples becos. Em Babel, ao contrário, eles encontraram avenidas, tão largas e retas como se houvessem sido traçadas com uma régua. Cada uma tinha o nome de um deus do panteão babilônico. Havia a Rua Marduck e a Rua Zabada na margem esquerda do rio. Cruzavam-na em ângulo reto as ruas do deus Lua, Sin e de Enlil, o "Senhor do Mundo". Na margem direita, corria de leste para oeste a Rua Adad. Esta cruzava a rua do deus Sol, Shamash.

Babel não era apenas a metrópole do comércio, mas também a do culto, como se evidencia por uma inscrição: "Ao todo há em Babilônia cinqüenta e três templos dos grandes deuses, cinqüenta e cinco capelas de Marduck, trezentas capelas para as divindades da terra, seiscentas para as divindades celestes, cento e oitenta altares para a deusa Ishtar, cento e oitenta para os deuses Nergal e Abad e doze outros altares para os diversos deuses".

Um tal politeísmo, com cultos e ritos, que chegavam até a prostituição pública, devia dar à cidade, de acordo com as concepções atuais, o aspecto de uma feira. "Mas o costume mais horrendo dos babilônios", informa Heródoto, escandalizado, é que "cada mulher do país tem que ir sentar-se no santuário de Afrodite e entregar-se uma vez na vida a um estranho... E só depois de se haver entregado e ter prestado o seu serviço à deusa, ela volta para casa. Depois disso, não haveria presente capaz de seduzi-la. As dotadas de beleza e distinção não tardam a deixar o lugar: as desgraçadas, porém, esperam muito tempo sem conseguirem cumprir a lei, chegando algumas delas a esperar até três ou quatro anos." Os exilados judeus conservam indelével na lembrança as abomináveis tentações e seduções que faziam parte da vida cotidiana de Babel. Através dos séculos, até o tempo de Cristo, a metrópole magnífica foi para eles *"a grande Babilônia... a mãe de todas as abominações da terra"* (Apocalipse 17.5). O conceito de "pecado de Babel" ficou no vocabulário de todas as línguas modernas.

Os pesquisadores alemães tiveram de retirar trinta mil metros cúbicos de entulho para descobrir uma parte do templo de Marduck, no Eufrates, o qual foi reconstruído sob Nabucodonosor. A obra, juntamente com os anexos, ocupava uma superfície de quatrocentos e cinqüenta por quinhentos e cinqüenta metros! Em frente ao templo erguia-se a Zigurate, a torre do santuário de Marduck.

"Vinde, façamos tijolos e cozamo-los no fogo. E serviram-se de tijolos em vez de pedras, e de betume em vez de cal traçada; e disseram: vinde, façamos

para nós uma cidade e uma torre, cujo cimo chegue até o céu; e tornemos célebre o nosso nome" (Gênes 11.3, 4).

Até a técnica de construção da torre de Babel descrita na Bíblia corresponde aos resultados das pesquisas. Na construção, revelaram as pesquisas, foram, com efeito, empregados somente tijolos betumados, sobretudo nos alicerces. Isso se fez evidentemente por motivos de segurança do edifício. Pois nas construções perto do rio era preciso levar em conta as enchentes regulares e a permanente umidade. Com *"betume"*, isto é, asfalto, os muros se tornavam impermeáveis e resistentes. O início da construção é referido no Gênes, tendo lugar, portanto, antes do tempo dos patriarcas. Abraão viveu por volta do século XIX a.C., segundo se conclui dos achados feitos em Mari. Uma contradição? A história da torre *"cuja ponta chegava até o céu"* remonta a um passado obscuro. Mais de uma vez ela foi destruída e reconstruída. Depois da morte de Hamurabi, os hititas tentaram arrasar a imensa construção. Nabucodonosor renovou-a apenas.

Quatro escadões, "quatro blocos quadrados", se elevavam uns sobre os outros. A tabuinha de um "arquiteto" encontrada no templo estabelece que o comprimento, a largura e a altura deviam ser absolutamente iguais e que só os terraços deviam ter dimensões diferentes. As medidas da tabuinha dão para os lados da base um pouco mais de oitenta e nove metros. Os arqueólogos mediram noventa e um metros e meio. A torre devia ter, portanto, uns noventa metros de altura.

A torre de Babel servia também a um culto sinistro. Heródoto informa a esse respeito: "Sobre a última torre ⁽⁹⁶⁾ há um espaçoso templo, e dentro dele um sofá de tamanho incomum, ricamente adornado, com uma mesa de ouro ao lado. Não há estátua de qualquer espécie no lugar, nem a câmara é ocupada à noite senão por uma única mulher babilônia, escolhida para si pela divindade entre todas as mulheres do país. Declaram eles também — mas eu por mim não lhes dou crédito — que o próprio deus desce em pessoa a essa câmara e dorme no sofá. Essa história é como a que me contaram os egípcios sobre o que acontece na sua cidade de Tebas, onde uma mulher também passa a noite no templo do Zeus tebano..."

Nas ruas e praças entre os templos, capelas e altares, floresciam os diversos mistérios, prosperava o comércio. Procissões solentes, caravanas sobrecarregadas, carros de negociantes, sacerdotes, peregrinos e mercadores aí se entrecruzavam com grande confusão e barulho. Os serviços do culto e os negócios estavam tão intimamente ligados uns aos outros na vida cotidiana, que muitas vezes chegavam a confundir-se. Que podiam fazer os sacerdotes com todas as oferendas, todos os "dízimos" que eram levados diariamente aos altares e muitos dos quais se deterioravam facilmente, senão transformá-los o mais depressa possível em dinheiro?

Como em Ur, em Babel as administrações dos templos dispunham também de armazéns e casas de negócios. A fim de empregarem lucrativamente suas rendas, tinham até bancos próprios.

Diante das duplas muralhas, tão largas "que uma quadriga pode circular por elas"⁽⁹⁷⁾ ficavam as "câmaras de comércio". À margem do rio, fixavam-se os preços, os valores de permuta das mercadorias chegadas por navio. Na Babilônia chamava-se "*karum*", isto é, "cais", ao lugar a que hoje chamamos "Bolsa". Juntamente com o cais e com a Bolsa, o Ocidente recebeu também o sistema de pesos e medidas de Babel, a central do comércio!

Embora os judeus tivessem buscado e encontrado "*o bem da cidade*", embora na cidade de Babilônia houvessem aprendido muito, ampliado o seu campo de visão para as gerações futuras e melhorado o seu padrão de vida, o que poderia servir em muitos sentidos às gerações vindouras... a saudade de sua pequena pátria distante às margens do Jordão continuava viva em seu coração. Não podiam esquecer a cidade de Davi, a sua Jerusalém.

"Junto aos rios da Babilônia, ali nos assentamos, nos pusemos a chorar, ao nos recordarmos de Sião" (Salmos 137).

Estas não são palavras vazias. Porque milhares deles empreenderam a penosa viagem de volta. E reconstruíram a cidade e o templo de Jeová. Sem o ardente desejo de voltar à pátria perdida, isso nunca teria acontecido.

Extingue-se o sol do antigo Oriente

Cerca de 500 a.C. no mundo antigo — Último impulso antes da queda — Fuga para o passado — Nabonide restaura antigos edifícios — O primeiro museu do mundo em Ur — Nasceu o Ocidente.

Eis que passará aflição de um povo a outro, e uma grande tempestade sairá das extremidades da terra. (Jeremias 25.32).

O ponteiro do relógio do mundo aproximava-se do ano 500 a.C. O antigo Oriente tinha mais de três mil anos de existência. Os povos do Crescente Fértil e do Nilo estavam envelhecidos, haviam esgotado sua substância criadora, haviam cumprido sua missão, e aproximava-se o momento em que deviam se retirar do palco da história. O sol do antigo Oriente estava no poente, e seus povos olhavam com apatia a aproximação da noite.

Mas nos povos cansados lampejou a energia ainda uma vez; de novo eles reuniram suas forças. Do Egito até as terras do Eufrates e do Tigre houve como que uma reação contra a submersão na insignificância. Ter-se-iam lembrado de

seus grandes papéis no teatro do mundo? Chega a parecer que assim foi. Seus soberanos contemplaram os grandes protótipos de um passado esplendoroso. E julgaram deter o inevitável com um novo e poderoso impulso.

Os faraós Necau e Ápriés fizeram grandes esforços para reconquistar a Síria-Palestina. O antigo império e suas "campanhas contra a Ásia" foram o ideal da vigésima sexta dinastia⁽⁹⁸⁾. Construíram grandes esquadras e fizeram uma tentativa para restabelecer o antigo canal entre o Nilo e o mar Vermelho.

Mas, embora esses novos impulsos de força não fossem aproveitados e lhes fosse negado o sucesso das armas, os empréstimos, tomados aos protótipos da grande época dos construtores das pirâmides, exerceram um efeito revivificador em outros tempos. Os pintores e escultores copiavam as obras dos grandes precursores. Os nomes dos faraós do terceiro milênio eram gravados em novos escarabeus. Introduziam-se antiqüíssimos títulos de funcionários e cortesãos e o aparato da administração e do funcionalismo era, por assim dizer, modificado segundo a "moda antiga".

Fato semelhante acontecia na costa mediterrânea da Fenícia. Em 814 a.C., segundo a tradição, e de acordo com a averiguação arqueológica, talvez um pouco mais tarde, fundou-se Cartago, no norte da África, como colônia da cidade de Tiro. Por essa época, o poderio comercial marítimo da Fenícia havia atingido seu incomparável apogeu. Os fenícios possuíam estabelecimentos comerciais e pontos de apoio ao longo de toda a costa do Mediterrâneo, do mar Negro ao estreito de Gibraltar. Cem anos depois, já os gregos haviam herdado esse império comercial. O sacerdote Sanchuniathon escreveu a história da Fenícia; ele recebera de um rei a incumbência de copiar inscrições e textos antigos, que Filon de Biblos utilizou, muito depois, como fonte de informações históricas.

Com Assurbanipal⁽⁹⁹⁾ o reino dos assírios estava no zênite de seu poderio; estendia-se do golfo Pérsico ao Alto Egito. O tigre do antigo Oriente estava saciado, e o soberano do povo mais poderoso de conquistadores deixou que o retratassem sob uma latada, recostado em macias almofadas, enquanto lhe era oferecida uma taça de vinho. A reunião da primeira loja de antiguidades, a maior biblioteca do mundo antigo, era o seu *hobby*. Por ordem sua, foram revolidos os depósitos do antigo templo em busca de documentos perdidos. Seus escribas prepararam traslados de milhares de tabuinhas do tempo do grande Sargão I (2350 a.C.). O *hobby* de seu irmão Shamash-Shum-Ukín da Babilônia foi ainda mais longe. Chegou a mandar narrar os acontecimentos da sua época na antiga língua dos sumérios. Também Nabucodonosor⁽¹⁰⁰⁾, o último grande a ocupar o trono de Babel, era possuído da mania do passado. Os cronistas da corte tinham de redigir inscrições em babilônio antigo, língua que poucas pessoas ainda falavam ou conheciam. A arquitetura e a literatura floresceram outra vez entre os Caldeus.

A observação do céu fez grandes progressos a serviço da astrologia. Tornou-se possível prever os eclipses do Sol e da Lua. Por volta de 750 a.C., na escola de astronomia da Babilônia faziam-se anotações sobre os corpos celestes e foi empreendida, sem interrupção, durante trezentos e cinquenta anos, a mais longa série de observações astronômicas já realizada. Os cálculos excediam em precisão os efetuados pelos astrônomos europeus até o século XVIII.

Nabonide⁽¹⁰¹⁾ foi certamente o primeiro arqueólogo do mundo. Este último soberano babilônio mandou desenterrar as ruínas de templos e lugares sagrados e decifrar e traduzir velhas inscrições. Renovou a torre escalonada de Ur, arruinada pelo tempo, como se verificou por achados feitos no Tell al Muqayyar.

A princesa Bel-Shalti-Nannar, irmã do bíblico Baltasar, tinha os mesmos interesses que seu pai Nabonide. Woolley descobriu em Ur, num edifício anexo ao templo onde ela oficiava como sacerdotisa, um verdadeiro museu de objetos encontrados em regiões do sul da Mesopotâmia — indubitavelmente, o primeiro museu do mundo. Chegou mesmo a registrar metodicamente a coleção, peça por peça, num cilindro de barro. Esse cilindro é, segundo Woolley, "o catálogo de museu mais antigo que se conhece".

Só um povo — dividido em muitas parcelas e, nesse tempo, disperso por todo o Crescente Fértil — não sofria de saciedade nem de enfraquecimento: os filhos de Israel, descendentes dos patriarcas, estavam cheios de uma ardente esperança, tinham um objetivo inabalável. Esses não decaíram: encontraram forças para sobreviver através dos milênios... até nossos dias.

Durante mil e quinhentos anos a humanidade recebeu sua luz mais clara do Crescente Fértil, o maior centro de cultura e civilização desde a Idade da Pedra. Por volta de 500 a.C., a escuridão baixou imperceptível mas implacavelmente sobre as terras e os povos que continham a semente de tudo o que viria depois... em outras terras.

Um brilho novo irradiava já desde as montanhas do Irã; os persas se aproximavam. Os grandes Estados semitas e o Egito haviam cumprido sua missão histórica; o capítulo mais importante e mais decisivo da jovem humanidade ajudava a preparar o terreno para os impérios indo-germânicos que deram nascimento ao Ocidente — a Europa.

Da extremidade sul do continente, a luz foi se estendendo cada vez mais para o oeste. Da Grécia até Roma, passando a barreira dos Alpes, através da Europa ocidental até a Escandinávia, e daí para as ilhas Britânicas. *Ex oriente lux!*

Na sua passagem floresceram em poucos séculos novas culturas e civilizações, a arte atingiu alturas insuspeitadas de beleza e harmonia, a razão humana elevou-se na filosofia e nas ciências naturais dos gregos até cumes a que nunca pudera atingir o antigo Oriente.

Na sua passagem, a luz levava consigo também a herança múltipla e variegada do antigo Oriente, desde o útil sistema de pesos e medidas

à astronomia, à escrita, ao alfabeto e... à Bíblia.

Ciro, rei dos persas

Dois sonhos célebres — **Ciro reúne a Média e a Pérsia** *— As palavras escritas na parede — Baltasar era apenas príncipe herdeiro — Entrada pacífica na Babilônia — A tolerância dos persas*

Eis o que diz o Senhor a **Ciro**, *meu ungido, a quem eu tomei pela mão, para lhe sujeitar ante a sua face as nações, e fazer voltar costas aos reis, e abrir diante dele as portas, sem que nenhuma lhe seja fechada* (Isaías 41.1).

Sete anos depois da morte de Nabucodonosor, subiu ao trono da Babilônia, em 550 a.C., Nabonide, o "primeiro arqueólogo". Ia ser o último soberano da Mesopotâmia. Certos fatos acontecidos nas montanhas iranianas indicavam que a história do mundo ia sofrer uma súbita e grande transformação.

Já cinco anos depois de Nabonide subir ao trono, começava a nova era com a dominação dos persas.

Os medos — herdeiros do esfacelado império dos assírios desde 612 a.C., juntamente com os babilônios — foram dominados inesperadamente por seus vizinhos e vassalos, os persas. O rei medo Astíages foi vencido por seu próprio neto, **Ciro**.

Os grandes da Antigüidade costumavam anunciar o seu advento de maneiras singulares; freqüentemente se distinguiam já de seus contemporâneos pelas circunstâncias extraordinárias do nascimento. O destino de **Ciro** foi, assim, decidido por dois sonhos estranhos. Por toda parte no antigo Oriente, esses sonhos corriam de boca em boca, e foi assim que chegaram aos ouvidos de Heródoto, que conta:

"Astíages... teve uma filha que foi chamada Mandana... Sonhou que dela saía uma torrente de água tal que não só encheu sua capital, mas inundou a Ásia inteira. Contou essa visão aos magos que tinham o dom de interpretar os sonhos, e eles lhe expuseram toda a sua significação. Astíages ficou grandemente aterrorizado. Por isso, quando sua filha chegou à idade de casar, não a deu em casamento a nenhum dos medos, com temor de que se cumprisse o sonho, e sim a um persa de nome Cambises...

No primeiro ano do casamento de Cambises e Mandana, Astíages teve outra visão. Pareceu-lhe que uma videira nascia do ventre de sua filha e que essa videira cobria toda a Ásia. Depois desse sonho, que ele contou também aos intérpretes, mandou à Pérsia buscar Mandana, que estava grávida e na iminência

de dar à luz. Quando ela chegou, mandou vigiá-la, decidido a destruir o fruto do seu ventre, porque os intérpretes magos haviam explicado a sua visão dizendo que o rebento de sua filha seria rei em seu lugar. Por isso, Astiages observou a filha e, quando Ciro nasceu, mandou chamar Hárpago, um homem de sua casa e a pessoa em quem ele mais confiava entre os medos... A este assim falou Astiages: "...Toma o menino nascido de minha filha Mandana, leva-o contigo para tua casa e mata-o lá..."

Hárpago não se sentiu com ânimo para executar a ordem do avô e passou-a adiante a um pastor de gado, que também deixou de cumpri-la. E Ciro continuou vivo.

Não só o nascimento e a juventude de Ciro estão envoltos em lendas.

Esse filho de rei da raça persa dos aquemênidas ocupou, mais do que qualquer outro príncipe do mundo antigo, a fantasia e despertou a admiração dos povos. O grego Xenofonte celebrou a fundação de seu reino num grande romance, a *Ciropédia*.

A Bíblia apresenta-o como o portador da luz. Sua ascensão rápida e brilhante, sem exemplo na história, não é manchada por nenhum ato de violência. Sua política astuta e magnânima faz dele uma das figuras mais simpáticas do antigo Oriente. A mais odiosa qualidade dos soberanos orientais anteriores a ele, a crueldade despótica, era coisa estranha para esse persa.

O nome de Ciro, como pessoa histórica, aparece pela primeira vez em 553 a.C. Nesse ano, ele tomou Ecbátana, capital do reino dos medos. Seu real avô Astiages foi exilado, e Ciro reuniu a Média ao reino dos persas. Contra o vencedor, uniram-se numa aliança a Babilônia, a Lídia, na Ásia Menor, e Esparta. O rei lídio Creso — seu nome é ainda hoje proverbial quando nos referimos a grandes riquezas — atacou os persas.

Ciro tomou Sardes ⁽¹⁰²⁾ a capital, e venceu-o. Estava livre o caminho para a Babilônia; Babel surgia sedutora diante dos seus olhos.

Com base nessa situação é que deve ter-se formado uma estranha e misteriosa narrativa que, transmitida pela Bíblia, ocupou vivamente a fantasia dos povos ocidentais:

"O Rei Baltasar deu um grande banquete a mil grandes da sua corte, e cada um bebia conforme a sua idade... Bebiam o vinho, e louvavam os seus deuses de ouro e de prata, de metal, de ferro, de pau e de pedra... Na mesma hora apareceram uns dedos, como de mão de homem, que escreviam defronte do candelabro, na superfície da parede da sala real... Então o semblante do rei mudou, e seus pensamentos perturbavam-no; e as juntas de seus rins se relaxaram, e os seus joelhos batiam um no outro... E o rei, tomando a palavra, disse aos sábios da babilônia: Todo o que ler esta escritura, e me der a sua interpretação, será vestido de púrpura, e trará um colar de ouro ao pescoço, e será o terceiro no meu reino" (Daniel 5.1, 4 a 7). "Mané, Técel, Farés", diziam as

famosas palavras escritas na parede. E significavam: "Deus contou os dias do teu reinado", "Tu foste pesado na balança, e achou-se que estavas farto de peso", "O teu reino foi dividido e dado aos medos e aos persas" (Daniel 5.25 a 28).

Quando José do Egito conseguiu decifrar o sonho do faraó sobre as sete vacas gordas e as sete vacas magras e sobre as espigas, tornou-se o segundo homem do reino, grão-vizir.

Que significava a promessa de se tornar "*o terceiro do meu reino*" pela decifração do estranho escrito?

Essas palavras da Bíblia eram incompreensíveis e só foram esclarecidas com o auxílio da arqueologia. Hoje, sabe-se com certeza quem era Baltasar, pelos textos cuneiformes de seu próprio pai. Ele não era, como diz o livro de Daniel (5.2), filho de Nabucodonosor, e sim de Nabonide, que diz numa inscrição:

"E no coração de Baltasar, meu filho primogênito, rebento das minhas entranhas, põe o temor da tua augusta divindade, para que ele não cometa nenhum pecado e para que tenha o suficiente da plenitude da vida". Aqui se torna evidente que Baltasar era príncipe herdeiro, portanto o segundo homem da Babilônia. Ele só podia, pois, oferecer o terceiro posto. A história do banquete de Baltasar e da escrita na parede reflete, em sua alegoria profética, uma situação política contemporânea; em 539 a.C., Ciro dirigiu suas forças contra Nabonide e derrotou o exército babilônio. Estavam assim contados os dias do último grande reino da Mesopotâmia.

"Desce, senta-te no pó, virgem filha da Babilônia, senta-te na terra; não há mais trono para a filha dos caldeus" (Isaías 47.1).

Um ano depois da batalha, Ciro, rei dos persas, fez sua entrada pacífica na Babilônia subjugada. Frequentemente, os hititas, os cassitas e os assírios haviam feito sofrer igual sorte à gigantesca cidade. Mas essa última conquista desobedeceu inteiramente aos padrões estabelecidos; ela foi singular dentro dos métodos guerreiros do antigo Oriente. Dessa vez não se elevaram colunas de fogo atrás das muralhas destruídas, não foi arrasado nenhum templo ou palácio, nenhuma casa foi saqueada, ninguém foi massacrado ou empalado. O cilindro de barro de Ciro conta, em escritura babilônia, como as coisas ocorreram.

"Quando entrei pacificamente na Babilônia e, entre manifestações de júbilo e alegria, estabeleci a residência da soberania no palácio dos príncipes, Marduck, o grão senhor, inclinou para mim o grande coração dos babilônios, porque eu me preocupava em honrá-lo diariamente. Minhas tropas numerosas percorriam a Babilônia pacificamente, e não permiti que os sumérios nem os acádios fossem assustados por ninguém. Interessei-me pelo interior da Babilônia e por todas as suas cidades. Libertei os habitantes da Babilônia do jugo que não lhes convinha. Melhorei suas habitações arruinadas, liberei-os de seu sofrimento... Eu sou Ciro, o rei da coletividade, o grande rei, o rei poderoso, rei da Babilônia, rei dos sumérios e dos acádios, rei dos quatro cantos do mundo..."

As últimas palavras quase levam a crer que o cronista bíblico conhecia o teor do cilindro de barro. *"Eis o que diz Ciro, rei dos persas: O Senhor Deus do céu pôs nas minhas mãos todos os reinos da terra..."* (Crônicas II 36.23).

Um soberano fazer gala da sua tolerância era uma coisa inaudita. Isso caracterizava o rei dos persas.

Depois de sua entrada na Babilônia, Ciro imediatamente restabeleceu as imagens e santuários das divindades populares. Zelava pelo "culto diário do principal deus da cidade", Marduck. Na cidade de Ur fez outro tanto. Num cilindro de barro, quebrado, que se conservou nas ruínas, diz o próprio Ciro: "Sim, o iluminador do Céu e da Terra, com seus sinais favoráveis, entregou em minhas mãos as quatro regiões do mundo. Restitui os deuses aos seus santuários".

Sua tolerância favoreceu os judeus. Depois de longos decênios de exílio, eles viam satisfeito o seu anelo mais ardente.

Regresso a Jerusalém

Ciro decreta a liberdade — A remigração dos quarenta e dois mil — Uma caravana de significação decisiva — Arduo começo nas ruínas — Um túmulo solitário em Pasárgada — A reconstrução do templo — Império persa do Nilo à Índia — Duncan encontra a obra de Neemias — Apenas um Estado sacerdotal — Moedas judaicas com a coruja de Atenas — Província persa durante dois séculos.

No primeiro ano do Rei Ciro: O Rei Ciro ordenou que a casa de Deus, que está em Jerusalém, seja reedificada, num lugar onde se possam oferecer vítimas, e que lhe sejam lançados uns fundamentos que sustentem a altura de sessenta côvados, e a largura de sessenta côvados (Esdras 6.3).

Era a licença para regressar a Jerusalém! O texto do decreto real foi redigido em aramaico, a nova língua administrativa oficial dos persas. A autenticidade desse decreto, citado no livro de Esdras, capítulo 6, pôde ser cabalmente comprovada pela pesquisa.

Tratava-se de um ato de reparação. Que os persas se consideravam sucessores dos babilônios conclui-se pelas condições de execução: "...e que as despesas sejam feitas pela casa do rei. E que também os vasos de ouro e prata, que Nabucodonosor havia tirado do templo de Jerusalém e transportado para a Babilônia, sejam restituídos e reconduzidos para o templo de Jerusalém, para o seu lugar, e sejam colocados no templo de Deus" (Esdras 6.4, 5).

O grande Rei Ciro encarregou da execução da sua ordem o governador Sassabasar [\(103\)](#) (Esdras 5.14), príncipe judeu que, ao que parece, pertencia à

casa de Davi.

É compreensível que, cinquenta anos depois da deportação, nem todos aproveitassem a licença de voltar à terra de seus pais. Era uma empresa arrojada deixar a rica terra da Babilônia, onde se haviam fixado e onde a maioria prosperava, para empreender o duro caminho para as ruínas de uma terra deserta. Não obstante, depois de longos preparativos, na primavera de 537 a.C., uma longa caravana pôs-se em marcha a caminho da antiga pátria. *"Toda esta multidão era como um só homem e compreendia quarenta e duas mil trezentas e sessenta pessoas, sem contar os seus servos e as suas servas, que eram sete mil trezentos e trinta e sete; e entre eles havia duzentos cantores e cantoras. Havia setecentos e trinta e seis cavalos, duzentos e quarenta e cinco machos, quatrocentos e trinta e cinco camelos, seis mil setecentos e vinte jumentos"* (Esdras 2.64 a 67).

Todavia, é duvidoso se essa "lista dos repatriados" realmente representa a relação dos integrantes de uma caravana monstro, avançando do Eufrates para Judá. Neemias reproduz toda aquela relação, quase ao pé da letra, mudando somente o número dos cantores e das cantoras participantes (cerca de quarenta e cinco). No entanto, nesse caso trata-se da lista de um censo popular, um registro demográfico levado a efeito em Judá, transformada em subprovincia persa, governada por um sátrapa, durante o domínio persa! Contudo, qualquer que fosse o número daqueles que, após longos anos de exílio e cativoiro, retornaram a Judá, podemos imaginar, e com muita clareza, sua marcha para o país a oeste do Jordão.

Teve de percorrer quase mil e trezentos quilômetros desde Babilônia à distante Jerusalém, continuamente envolta pelo fino nevoeiro da poeira remoinhante. Um dia passou pelo sítio da antiga Mari. Chegou ao lugar da antiga Harã, na outra margem do rio Belich, onde desaguava no Eufrates. Daí, os que regressavam à pátria seguiram a trilha que mil e quatrocentos anos antes seguira Abraão em sua viagem da terra de seus pais para Canaã, passando por Damasco, ao longo das faldas do Hermon, até o lago de Genesaré. Finalmente, chegou o dia em que dos cumes pardacentos dos montes de Judá eles avistaram as ruínas desertas da cidade de Sião — Jerusalém!

Que extraordinária expedição e que significação a sua, até mesmo para a posteridade!

"Pois, com essa marcha para Jerusalém, seguia também o futuro do mundo", disse a cientista educadora americana Mary Ellen Chase, que desde 1926 leciona em universidades sobre o tema "A Bíblia como literatura". "Porque dela dependia, antes de tudo, a existência de uma Bíblia como nós a conhecemos — uma Bíblia, uma crença judaica, um cristianismo e muitos séculos de cultura ocidental. E se não tivesse havido um regresso a Jerusalém, Judá teria sofrido, pelo menos de um modo geral, a mesma sorte que Israel, misturando-se com o

Oriente e perdendo-se finalmente como povo uno."



Figura 62 - Túmulo de Ciro.

Com grande entusiasmo, logo depois de sua chegada a Jerusalém, os judeus assentaram os fundamentos do novo templo. Mas pouco depois a obra foi interrompida (Esdras 5.16). O grande ardor dos que voltaram extinguiu-se rapidamente; a vida era demasiado dura e pobre na terra despovoada, onde as casas destruídas ofereciam apenas um abrigo miserável. Além disso, havia a preocupação pelo pão cotidiano, de modo que *"cada um se apressa em cuidar de sua casa"* (Ageu 1.9). Cada um se preocupava demais com as próprias necessidades.

A reconstrução marchava, pois, com muita lentidão. Os primeiros colonos eram pobres e, como indicam os restos de utensílios encontrados, reduzidos em número. Os achados das escavações refletem claramente as povoações daqueles primeiros tempos.

Ciro, o libertador, morreu em 530 a.C., durante uma expedição ao Oriente, e foi inumado em sua residência de Pasárgada, próxima a Persépole. Seu palácio era constituído de pavilhões isolados, cada um no meio de um maravilhoso jardim e todo cercado por um alto muro.

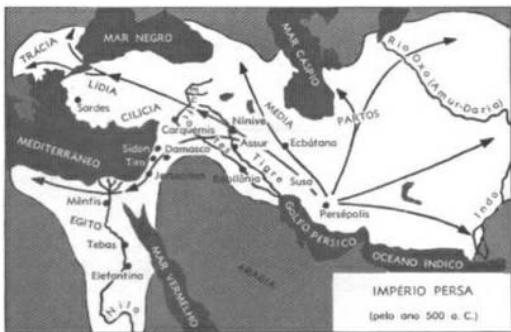
Na encosta sul de uma longa cadeia de montanhas, no meio da erva áspera das terras altas, existe ainda hoje uma pequena e obscura construção de pedra do tempo de Ciro. Seis blocos de pedra formam os degraus que conduzem a uma pequena câmara, no alto de cuja entrada havia outrora uma inscrição que dizia:

"Homem, quem quer que tu sejas e quando quer que venhas, pois sei que virás... eu sou Ciro e conquistei o império do mundo para os persas. Não me invejes este pedacinho de terra que cobre o meu corpo".

Em vão! A acanhada câmara de pedra que continha os restos mortais do grande persa num sarcófago de ouro apresenta-se hoje tão vazia como o lugar acima da entrada em que existia a inscrição. De vez em quando, os pastores passam com seus rebanhos por aquele lugar esquecido, tão indiferentes como em tempos idos outros passavam através dos vastos planaltos em que o leão tinha o seu campo de caça.

A Ciro sucedeu seu filho Cambises II ⁽¹⁰⁴⁾. No reinado de Cambises, a Pérsia se tornou, com a conquista do Egito, o maior império que o mundo já vira: estendia-se da Índia ao Nilo.

Só no reinado de seu sucessor, Dario I ⁽¹⁰⁵⁾ — desde a fundação haviam decorrido quase dois séculos —, foi atacada definitivamente a reconstrução do templo de Jerusalém. A uma pergunta do funcionário administrativo de Judá, o sátrapa do Transeufrates, Dario I, confirmou expressamente o decreto de Ciro. A troca oficial de cartas com a corte persa a esse respeito encontra-se no Livro de Esdras (5.6. 6.12).

**Figura 63**

Alguns cientistas estão convencidos da autenticidade histórica desses documentos, conquanto outros ponham em dúvida a sua historicidade. Em todo caso, se os respectivos documentos não fossem autênticos, tratar-se-ia de imitações muito bem feitas, tanto no seu conteúdo quanto na sua forma, pois ali a Bíblia emprega até o "aramaico imperial", a língua oficial, administrativa, do império dos Aquemênidas. Da mesma forma, há ainda muitos outros textos contemporâneos, atestando o quanto Dario favoreceu os cultos individuais dos povos integrados ao seu império; isso não só para a Palestina, mas também para a Ásia Menor e o Egito.

Eis o que se lê na inscrição do médico egípcio Usahor: "E deu-me o Rei Dario — possa ele viver eternamente! — ordem de que eu fosse para o Egito... para que completasse o número de escribas sagrados do templo e reedificasse o que estava arruinado..."



Figura 64 - Selo de Judá com a inscrição "Jerusalém"

Dario escreve com grande indignação ao seu administrador dos domínios, Gadata. Censura-o severamente por sua atitude com relação aos sacerdotes do santuário de Apolo em Magnésia: "Consta-me que não tens procedido exatamente de acordo com as minhas prescrições. É verdade que te atarefas nos meus campos, fazendo plantações do lado de lá do Eufrates, em território da Ásia Menor. Louvo os teus planos e receberás muitos agradecimentos por isso na corte do rei. Mas, como tens desprezado a minha atitude para com os deuses, caso não mudes de proceder, eu te farei sentir a cólera que despertaste em mim. Pois cedeste os jardins sagrados de Apolo para serem trabalhados como terra profana, desconhecendo a opinião de meus antepassados com relação ao deus que falou aos persas..."

Os esforços dos que voltaram limitaram-se exclusivamente, durante muitos

anos, à construção do templo de Jerusalém. A construção foi iniciada em outubro-novembro de 520 a.C. Em 12 de março de 515 a.C., ficou concluída [\(106\)](#).

Os muros da cidade esperaram até o século seguinte. Somente sob Neemias, que foi nomeado governador independente de Judá pelo rei persa Artaxerxes [\(107\)](#) em 444 a.C., foram iniciados os trabalhos nas muralhas, sendo concluídos num espaço de tempo extraordinariamente curto. *"E acabaram-se de edificar os muros... em cinquenta e dois dias"* (Neemias 6.15). Uma construção nova em cinquenta e dois dias... incrível! O próprio Neemias conta que *"os muros de Jerusalém estavam em ruínas e as suas portas consumidas pelo fogo"* (Neemias 2.13). Portanto, os muros foram apenas reparados. E isso deve ter sido feito às pressas. Porque as tribos vizinhas, principalmente os samaritanos, queriam evitar por todos os meios a nova fortificação de Jerusalém. Os judeus deviam estar em alerta permanente. *"Com uma mão faziam o trabalho e com a outra empunhavam a arma"* (Neemias 4.11).

Não é diferente hoje em dia o trabalho de reconstrução realizado pelos camponeses, operários e pastores do moderno Estado de Israel.

A reparação apressada dos buracos e brechas dos muros reflete a urgência e inquietação febril do momento. O arqueólogo inglês J. Garrow Duncan desenterrou parte do muro da pequena colina de sudeste sobre a fonte de Gion. Diz ele em seu relatório:

"As pedras são pequenas, brutas, informes e desiguais. Algumas delas são muito pequenas, simples lascas, quebradas de blocos maiores, dando a impressão de que foi utilizada toda espécie de material que havia à mão. Os grandes buracos e brechas foram enchidos com uma mistura desigual de barro e pequenos fragmentos de pedra..."

Do tempo em que Neemias residiu como governador em Jerusalém, ouvimos como foi renovado o fogo sagrado no templo. Em Macabeus II 1.20 a 22, está escrito: *"... Neemias, enviado (à Judéia) pelo rei da Pérsia, mandou que os descendentes daqueles sacerdotes que tinham escondido o fogo o fossem buscar; ... porém, não acharam o fogo, como nos disseram, mas uma água espessa. Então Neemias mandou que tirassem desta água e lhe trouxessem. Disposta no seu lugar, ordenou-lhes que com a mesma água se fizessem aspersões sobre a lenha e sobre o que se achava posto em cima dela. Feito isso, passado algum tempo, descobriu-se o sol, antes nublado, e acendeu-se um grande fogo, de maneira que todos ficaram maravilhados"*. E, durante muito tempo e para muita gente, passou quase despercebido o seguinte trecho: *"Os companheiros de Neemias chamaram a este lugar Neftar..."* (Macabeus II 1.36). Todavia, o passado recente revelou que esse trecho bíblico dá um indício preciso da existência efetiva de uma concreta reserva mineral, que já deve ter sido do conhecimento dos israelitas, pois no

moderno Estado de Israel foi encontrado petróleo, ou seja, nafta, de acordo com o termo babilônio. Desde 1953, prospecções empreendidas no mar Morto, no Neguev e nas proximidades de Ascalão culminaram na descoberta de poços de petróleo israelenses.

A reconstrução do templo e da antiga cidade de Davi é um sinal evidente de que Israel tinha consciência de que os tempos da monarquia haviam passado para nunca mais voltar, e que só a viva coesão em uma comunidade religiosa poderia garantir a continuação do pequeno povo, quaisquer que fossem os acontecimentos políticos que o tempo trouxesse. Com decisão, eles restabeleceram os lugares sagrados como ponto central para os judeus que viviam na pátria e para os que estavam espalhados pelo mundo. O "sumo sacerdote" do novo templo de Jerusalém tornou-se o chefe de todo Israel. O pequeno Estado sacerdotal da Palestina não mais tomou parte importante nos acontecimentos do mundo durante os séculos seguintes. Israel voltou as costas à política.

Com o consentimento dos persas, a "Lei de Deus" tornou-se obrigatória em todo Israel, sobretudo para todos os judeus, como está indicado expressamente no Livro de Esdras (Esdras 7.23 a 26).

E esses dados bíblicos são reforçados de modo conclusivo por outro documento da época.



Figura 65 - Moedas de Judá com a efígie de Zeus e a coruja de Atenas (período persa).

Em 1905, descobriram-se em Elefantina, a ilha do Nilo junto à primeira catarata, nas proximidades da represa de Assuan, três documentos em papiros. Eram escritos em aramaico e datavam de 419 a.C. Um deles era uma carta

pascal do rei persa Dario II, com instruções sobre a maneira de celebrar a festa da Páscoa. Destinava-se à colônia militar judia de Elefantina, e o remetente assinava-se Hananja, "encarregado dos assuntos judeus na corte do governador persa no Egito".

Os persas exerceram a soberania sobre Jerusalém durante dois séculos. A história de Israel parece não ter sofrido quaisquer oscilações durante esse período. Nem a Bíblia toma conhecimento dela, nem as camadas arqueológicas denunciam qualquer coisa digna de nota nesse longo período. Faltam totalmente objetos de arte manual nas camadas correspondentes. Os fragmentos de modestos utensílios domésticos mostram apenas quanto era pobre e miserável nessa época a vida em Judá. É bem verdade que se encontravam moedas correspondentes ao século IV a.C. Essas moedas ostentam a orgulhosa inscrição "Yehud", isto é, "Judá". Evidentemente, os persas concederam ao sumo sacerdote o direito de cunhar moedas de prata. Seguindo o modelo das dracmas áticas, são decoradas com a efígie de Zeus e a coruja de Atenas. Uma prova de quanto era forte — muito antes de Alexandre Magno — a influência grega e de quanto já estava difundido o comércio grego em todo o Oriente.

Sob a influência helênica

Alexandre Magno na Palestina — Um dique através do mar permite a conquista de Tiro — Torres de assédio de cinquenta metros de altura — Alexandria, a nova metrópole — Os Ptolomeus ocupam Judá — Setenta e dois sábios traduzem a Bíblia — Cinco livros de Moisés em grego — A versão dos Setenta (Septuaginta) foi feita em Faros — Um estádio sob o templo — Um sumo sacerdote na "casa dos jogos" — Os lutadores judeus provocam escândalo.

E aconteceu que, depois que Alexandre, filho de Filipe, rei da Macedônia, que reinou primeiramente na Grécia, saiu do país de cetim [\(108\)](#) e derrotou Dario, rei dos persas e dos medos... (Macabeus I 1.1).

Gradualmente, no século IV a.C., foi-se deslocando o centro do poder político do Crescente Fértil para oeste. Essa evolução, de importância decisiva para a história do mundo, fora inaugurada já um século antes com duas famosas batalhas com que os gregos obtiveram o avanço dos persas. Em Maratona (490 a.C), eles venceram o exército persa de Dario I. Em Salamina, diante de Atenas, destruíram, dez anos depois (480 a.C.), a esquadra persa.

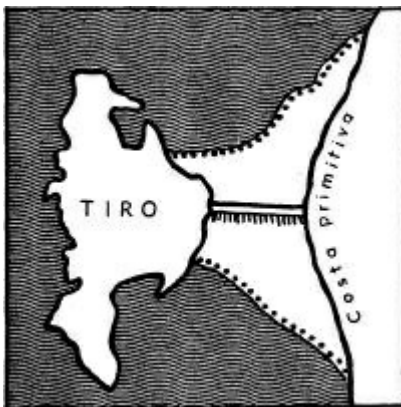


Figura 66 - O dique de seiscentos metros de comprimento construído por Alexandre Magno para a conquista de Tiro.

Junto a Isso, próximo ao atual porto de Alexandria, no norte da Síria, com a vitória de Alexandre Magno [\(109\)](#) sobre o rei persa Dario III [\(110\)](#) os macedônios assumiram a direção do concerto do mundo de então.

O primeiro objetivo de Alexandre era o Egito. Com um exército de trinta e dois mil soldados de infantaria e cinco mil de cavalaria, ele avançou para o sul, seguido, no mar, com uma frota de cem navios. Tinha então vinte e quatro anos. Por duas vezes foi detido na costa sírio-palestina. Uma vez em Tiro, a cidade fenícia vigiava a costa de uma pequena ilha, solidamente fortificada e defendida por altas e poderosas muralhas.

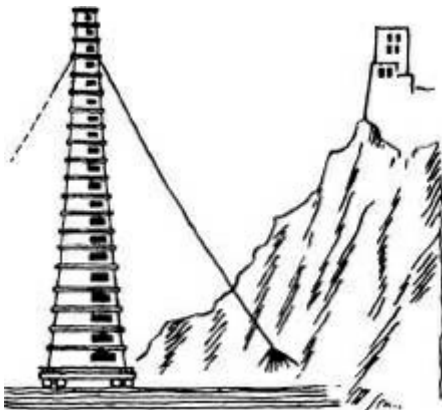


Figura 67 - Torre móvel de cinquenta metros de altura usada por Alexandre Magno para sitiar Tiro.

Alexandre realizou aí um verdadeiro milagre de técnica militar, com um dique de seiscentos metros de comprimento que mandou construir da cidade à ilha, através do mar. Para proteção dos trabalhos, foram instalados defensivos móveis, chamados "tartarugas". Assim mesmo, a construção do dique foi bastante perturbada com uma contínua chuva de flechas. Enquanto isso, na costa os soldados do corpo de engenheiros trabalhavam na construção de umas coisas monstruosas chamadas "helépoles" — torres de artilharia móveis com muitos andares. Essas torres eram equipadas com destacamentos de arqueiros e artilharia ligeira. Uma ponte levadiça na parte da frente permitia efetuar assaltos contra os muros inimigos. Eram as torres de assédio mais altas que já se haviam feito na história da guerra. Tinham vinte andares e, com seus cinquenta metros de altura, a plataforma superior erguia-se muito acima das muralhas mais altas.



Fotos: — (superior): G. Ernst Wright, Chicago. Da antiga Gerasa, no curso superior do rio Jabbok, na Jordânia oriental, restam as altas colonatas de um foro. No tempo de Cristo, numerosas cidades de um e do outro lado do Jordão apresentavam um cunho genuinamente grego, com seus templos, anfiteatros e estádios. — — (inferior): Instituto Oriental, Universidade de Chicago. Vista de Samaria, sobre a planície de Jezrael para as montanhas da Galiléia, em cujas vertentes está situada Nazaré, e para o monte Tabor (à direita). Atrás do desfiladeiro sombrio (à esquerda), eleva-se a colina da antiga Megido com "as cavaliarias do Rei Salomão".



Foto - Historisches Bildarchiv Lolo Handke, Bad Berneck — Na "Via Dolorosa", o Arco do Ecce-Homo atravessa a estreita rua onde Pilatos, apontando Jesus, teria dito: "Eis aqui o homem!" (João 19.5). Sob esse arco L. H. Vincent encontrou com efeito o que João Evangelista chamou (19.13) de "litóstrotos".

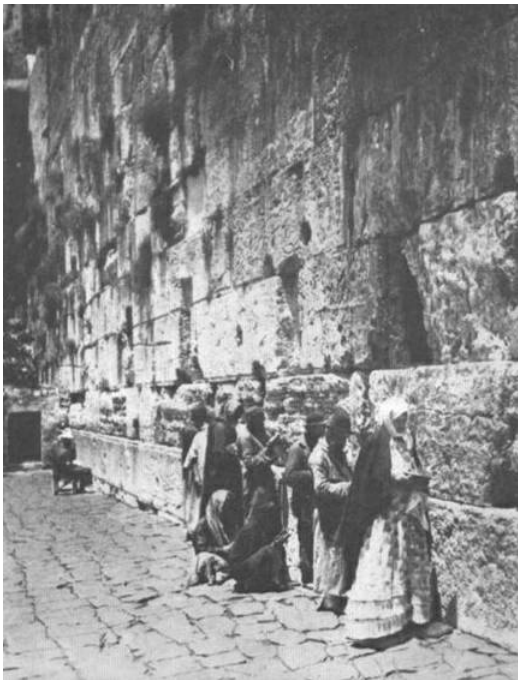


Foto: Historisches Bildarchiv Lolo Handke, Bad Berneck. No Muro das Lamentações, conservam-se os poderosos fundamentos do templo construído por Herodes e onde Jesus se deteve. As nove fileiras inferiores da antiga muralha externa são formadas por gigantescos blocos de pedra, entre os quais muitos de 5,5 x 4,5 metros. "Olha, Mestre, que pedras e que construções" (Marcos 13.1).

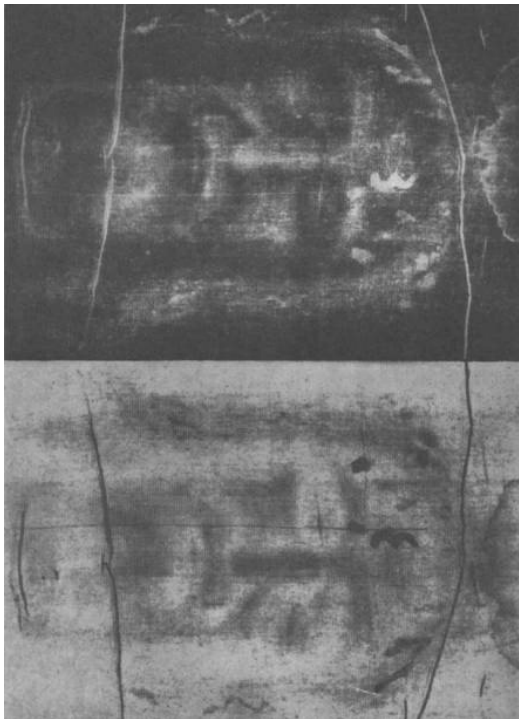


Foto: Fred Jäger, Colônia. Uma reprodução fotográfica do sudário de Turim (embaixo) permite ver no negativo (em cima) um rosto humano onde se percebem inchações causadas por pancadas e vestígios de sangue produzidos por espinhos.

Quando esses monstros bélicos, depois de sete meses de preparativos, começaram a avançar lenta e pesadamente sobre Tiro, estava decidida a sorte desse porto de mar, até então considerado inexpugnável.

"Tiro levantou as suas fortificações, amontoou prata como terra e ouro como lama das ruas. Eis que o Senhor se apoderará dela, precipitará a sua fortaleza no mar e será devorada pelo fogo" (Zacarias 9.3 a 4). Dessa maneira um texto bíblico comenta a conquista de Alexandre Magno, que assim passou para o Livro de Zacarias e entrou na segunda parte desse seu livro, de data mais recente. Hoje em dia, ninguém duvida de que essas palavras representam o depoimento autêntico da comunidade judaica, da época de Alexandre, comentando os eventos registrados no ano de 332 a.C.

"... *Gaza ficará possuída de intensa dor...*" (Zacarias 9.5), reza o texto bíblico, referente ao ano seguinte do domínio de Alexandre Magno. E de fato foi Gaza, a antiga cidade dos filisteus, a barrar, por mais uma vez, o avanço do rei macedônio. O cerco de Gaza, entretanto, durou apenas dois meses. Depois disso ficou livre o caminho para a terra do Nilo.

O cerco de Gaza, a sudoeste da Palestina, não deve ter passado despercebido aos judeus. O ruído das tropas acampadas e em movimento na costa devia chegar às suas colinas. Mas a Bíblia registra pouca coisa sobre esses acontecimentos, assim como sobre o domínio mundial dos gregos durante quase cento e cinquenta anos. Sua narrativa histórica não vai além do fim dos reinos de Israel e Judá e da criação do Estado sacerdotal sob o domínio persa. Só no começo das guerras dos macabeus ela entra de novo em particularidades históricas.

Relativamente a essa época, entretanto, o historiador judeu Flávio Josefo escreveu uma narrativa extrabíblica da campanha do conquistador grego através da Síria-Palestina. Depois da conquista da fortaleza de Gaza, refere essa narrativa, Alexandre, o Grande, foi até Jerusalém. O povo e o sumo sacerdote Juddua receberam-no com grandes honras. Alexandre ofereceu um sacrifício no templo e fez as vontades do povo. Alexandre apenas fez uma visita a Jerusalém, pois tinha pouco tempo, havendo já perdido nove meses com a resistência de Tiro e Gaza.

Depois da queda de Gaza, apressou-se a seguir para o Egito pelo caminho mais curto, deixando a conquista da região continental ao seu Capitão Parmênion, que tomou posse dela sem dificuldade. Só a residência do governador da província de Samaria teve de ser submetida à força. Como castigo, fê-la povoar com uma colônia de macedônios.

Jerusalém e a província de Judá parece que aceitaram sem relutância o novo soberano. De qualquer modo, até agora não foram encontrados quaisquer testemunhos da época sobre uma resistência do Estado sacerdotal.

A visita de Alexandre deve ser apenas uma lenda com um cerne de verdade.

É um testemunho eloqüente de que também o conquistador grego tolerou a forma de vida do Estado sacerdotal de Judá, de que a comunhão do culto permaneceu incólume.

Isso corresponde exatamente ao que as pesquisas puderam confirmar.

Em Judá, não se encontram quaisquer vestígios de uma conquista ou ocupação grega relativos àquele tempo.

Somente na vizinha Samaria foi levantada pelo ano 322 a.C. uma sólida fortificação dos helenos. Os escavadores puseram a descoberto uma série de torres redondas, apoiadas ao velho muro em forma de casamata, construído no tempo em que Samaria ainda era capital do reino de Israel. No Egito, que o recebeu como libertador, Alexandre passou o inverno de 332-331 a.C. Fundou a cidade de Alexandria na ponta mais saliente do delta do Nilo, com intenção de torná-la a metrópole da nova era. Alexandria floresceu rapidamente, tornando-se o centro de uma nova vida intelectual e reunindo sob a sua jurisdição as melhores cabeças do mundo grego e oriental.

No começo da construção, Alexandre decretou uma disposição que viria a ser de suprema importância para o futuro. Ele concedeu aos judeus — descendentes de fugitivos da época babilônica — os mesmos direitos que tinham seus compatriotas! Essa disposição, confirmada pelos sucessores do grande macedônio, fez com que Alexandria viesse a se tornar um dos pontos importantes de concentração do judaísmo.

Só nos Atos dos Apóstolos surge o nome da cidade fundada por Alexandre: "Ora veio a Éfeso um judeu, chamado Apolo, natural de Alexandria, homem eloqüente, versado nas Escrituras" (Apóstolos 18.24). Durante uma das maiores expedições de conquista de que há notícia na história, Alexandre atravessou de novo a Palestina. Todas as terras do antigo Oriente lhe estavam submetidas; avançou até o Indo, quase até as faldas do maciço do Himalaia. No regresso, contraiu uma febre e morreu — com trinta e três anos de idade —, em 13 de junho de 323 a.C., na Babilônia.

Será que os homens do Estado sacerdotal não mais compreendiam os sinais dos tempos? Ou fechariam os olhos conscientemente em sombria defesa contra o que se aproximava?

Tendo em vista o fato de que antes de Alexandre o helenismo havia estendido os seus tentáculos de mil modos para a Mesopotâmia e o Egito, o absurdo desta pergunta só nos pode fazer sacudir a cabeça. No Estado sacerdotal parecia que o tempo havia parado e só a Tora, a lei divina, regia a vida da pequena comunidade religiosa.

Já nos exércitos do Faraó Psamético II e do rei caldeu Nabucodonosor houvera soldados gregos. Havia muito tempo que nas costas da Palestina e da Síria vinham sendo fundados portos e estabelecimentos comerciais gregos. Já no século V a.C., helenos de grande cultura viajavam por todas as terras do antigo

Oriente, estudando-as: Heródoto e Xenefone, Hecateu e Ctésias. Assim, o despertar deve ter sido tanto mais brusco quando encontraram a Grécia a alguns passos apenas do santuário do templo, quando não mais puderam fechar os olhos ao fato de que a juventude judaica havia se entregado com entusiasmo ao arremesso do disco, esporte importado da Hélade! Os esportes dos gregos encontraram rapidamente um eco entusiástico entre a juventude. Não foi pelo poderio, pela força das armas, nem por seduições imorais que a Grécia se tornou perigosa para os judeus; o perigo estava mais no sopro de liberdade de um mundo moderno como nunca existira.

Com Péricles, Ésquilo, Sófocles, Eurípides, com Fidias e Polignoto, com Platão e Aristóteles, a Hélade havia escalado um novo degrau do progresso humano.

Indiferente à nova era da raça humana, o pequeno Estado sacerdotal prosseguia obstinadamente em seu próprio caminho, aferrado à tradição, ao passado. Assim mesmo, não foi poupado do encontro com a nova mentalidade. Ainda faltava muito tempo, porém, para chegar o século II a.C.

"Reinou Alexandre doze anos, e morreu... E, depois da morte de Alexandre, puseram todos o diadema, e depois deles, seus filhos durante muitos anos, e os males se multiplicaram sobre a terra" (Macabeus I 1.8 e 10).

O conceito das "guerras dos diádocos" mantinha-se ainda na política do século XX. Mesmo na edição original, elas não são de modo algum um motivo de glória para a profissão de general. Os generais do grande Alexandre eliminaram sem escrúpulo, pelo assassinato, toda a família dele, seu meio irmão Filipe Arrideu, sua mãe Olímpia, a viúva Roxana e o filho póstumo. A liquidação final culminou com a fragmentação do império em três reinos: o reino macedônio ao norte da Grécia; o reino dos selêucidas, que se estendia desde a Trácia, passando pela Ásia Menor, a Síria, até a fronteira da Índia. Como capital deste segundo reino, o maior dos Estados sucessores, foi fundada Antioquia, no baixo Orontes. Quase todos os soberanos selêucidas acrescentaram o nome desta cidade ao próprio nome: Antíoco.

O terceiro era o reino dos Ptolomeus, no Nilo, com Alexandria como capital. Foi governado por uma dinastia cuja última representante, Cleópatra, passou a gozar de certa fama através dos tempos, porque soube virar a cabeça de contemporâneos seus tão importantes como César e Marco Antônio.

O primeiro soberano dessa dinastia foi Ptolomeu I.

Dois soberanos de grande visão, Ptolomeu I e seu filho Ptolomeu II, Filadelfo, desenvolveram sua capital, Alexandria, tornando-a a pátria adotiva da cultura e do saber helênicos, cuja fama se estendeu além das fronteiras do império e se tornou um ponto de atração para todos os imigrantes de Judá. Nesse cadinho, estes mergulharam profundamente na beleza da língua dos gregos, a única que lhes permitia gozar dos enormes progressos do pensamento e do sentimento

humanos, a língua internacional da ciência e do comércio, a língua de dez mil israelitas que haviam ficado sem pátria.

A geração que veio a seguir não mais conhecia a língua materna, o hebraico. Não sabia mais acompanhar a palavra sagrada nos ofícios divinos da sinagoga. Foi assim que amadureceu na Diáspora egípcia a decisão de traduzir a Escritura hebraica. Por volta de 250 a.C., a Tora foi traduzida para o grego, um feito de alcance incomensurável para a humanidade ocidental!



Figura 68

Para os judeus do Egito, a tradução da Bíblia em língua grega foi um acontecimento de um alcance tão inconcebível que entrou no domínio da lenda. Essa lenda é contada num livro apócrifo de Aristeu de Alexandria.

O segundo Ptolomeu, Filadelfo⁽¹¹¹⁾ concentrou todo o seu orgulho em possuir uma coleção dos mais belos livros do mundo. O bibliotecário disse-lhe um dia que ele havia reunido em novecentos e noventa e cinco livros a melhor literatura de todos os povos. Mas, continuou, os maiores de todos os livros, os cinco livros de Moisés, não se encontravam entre eles. Ouvindo essas palavras, Ptolomeu II mandou embaixadores ao sumo sacerdote para lhe pedir uma cópia desses livros. Pedia-lhe ao mesmo tempo homens que soubessem traduzir para o grego. O sumo sacerdote atendeu ao pedido e mandou-lhe, além da cópia da Tora, setenta e dois sábios e competentes escribas. Prepararam-se grandes

festejos em honra dos homens de Jerusalém, cuja ciência e saber assombravam o rei e sua corte. Depois dos festejos, eles iniciaram a obra imensamente difícil que lhes fora confiada, para a qual não havia modelo nem dicionário. Lá fora, em pleno mar, na ilha de Faros, em frente a Alexandria, ao pé de uma das "sete maravilhas do mundo"⁽¹¹²⁾ eles trabalharam cada um por si, em celas separadas. Quando os sábios concluíram o trabalho e as traduções foram comparadas, verificou-se que todas as setenta e duas concordavam palavra por palavra. Essa tradução grega da Bíblia foi chamada *Septuaginta*, que significa "Setenta".

O que até então só era dito no santuário, apenas em uma língua antiga e para um único povo, tornou-se de repente acessível e compreensível para homens de outras línguas e outras raças. A porta ansiosamente guardada até então foi assim aberta de par em par.

A dependência de Judá em relação ao império dos Ptolomeus durou mais de cem anos. E então os selêucidas de Antioquia conseguiram realizar a expansão para o sul a que há muito aspiravam. Após uma batalha vitoriosa sobre Ptolomeu V, nas nascentes do Jordão, em 195 a.C., Antíoco III, cognominado o Grande, tomou posse da Palestina, e Judá mudou de dono mais uma vez.

Pouco a pouco, a semente estrangeira penetrou também no Estado sacerdotal. As constantes e múltiplas influências do espírito grego, que desde as conquistas de Alexandre permearam o povo, foram-se fazendo sentir cada vez mais. Quando *"Antíoco, o ilustre... começou a reinar no ano 137 do reino dos gregos"* (Macabeus 1.11), e Jasão, tendo obtido o sumo sacerdócio, *"começou logo a fazer passar os seus concidadãos para os costumes dos gentios..."*

"Pois teve o atrevimento de fundar um ginásio debaixo da própria fortaleza, e de expor os mais nobres jovens em lugares infames. E isso não era um princípio, mas já um progresso e consumação da vida pagã e estrangeira, por causa da detestável e inaudita maldade do ímpio e falso sacerdote Jasão; de tal sorte que os sacerdotes, não se aplicando já às funções do altar, mas desprezando o templo, e descuidados dos sacrifícios, corriam à palestra, e à injusta distribuição dos seus prêmios, e aos exercícios do disco" (Macabeus II 4.10, 12 a 14).

O "ginásio" era nada mais nada menos que um estádio. Por que tanta celeuma por causa de uma praça de esportes? A educação física em Jerusalém, o arremesso do disco e a corrida na cidade santa eram, com efeito, um progresso desusado, mas por que havia de desagradar isso a Jeová, por que um sumo sacerdote havia de ser chamado de ímpio por esse motivo?

Entre a maneira de praticar esporte atualmente e a dessa época há uma diferença pequena, mas essencial. Essa diferença não está propriamente nos exercícios, que são quase os mesmos há mais de dois mil anos. A diferença está no traje. Fiéis ao modelo olímpico, eles praticavam os jogos completamente nus. O corpo só podia ser "coberto" por uma fina camada de óleo!

Só a nudez deviam condenar os rígidos crentes de Judá. Eles criam inabalavelmente na perversidade da natureza humana desde a infância e na tendência do corpo para pecar. Seria de estranhar que a prática do esporte à vista do templo, a poucos passos apenas do santuário, não fosse considerada uma grande afronta, não provocasse viva oposição. Segundo notícias da época, o sumo sacerdote Jasão teria construído o estádio no meio de Jerusalém, junto ao outeiro do templo, no "Vale" [\(113\)](#). Mas o inaudito não parou aí. Não tardou muito para que os lutadores judeus cometessem um grave delito perante a lei: *"dissimularam os sinais da circuncisão"* (Macabeus I 1.16).

Os sentimentos de beleza dos gregos e a circuncisão dos lutadores judeus, à mostra para todo mundo ver, eram duas coisas que não se coadunavam. Os homens judeus eram objeto de zombarias e até mesmo de repugnância (não em Jerusalém, claro) quando apareciam para as competições no estrangeiro. *"Celebravam-se em Tiro os jogos, que se fazem de cinco em cinco anos"*, diz a Bíblia (Macabeus II 4.18). Certamente não se trata aqui de um grupo de competidores judeus, mas de uma delegação festiva, que tinha apenas de ser portadora de presentes.

Muitos devem ter sofrido com a repugnância que causavam e devem ter procurado uma solução. Algumas traduções falam de uma intervenção cirúrgica que faria voltar o órgão ao estado natural (na de Kautzsch, Macabeus I 1.15). Uma vez mais o nudismo foi a Judá como grande tentação. A nudez fora a característica mais notável das deusas da fecundidade em Canaã; agora os lutadores se apresentavam nus nos estádios, que surgiam por toda parte. A educação física adquiriu uma significação muito mais profunda do que o esporte tem atualmente. Eram jogos consagrados ao culto de deuses estrangeiros, ao Zeus e ao Apolo dos gregos. A reação do rígido judaísmo contra essa ameaça renovada não podia deixar de ser violenta.

E os novos senhores do país, os selêucidas, não demoraram a dar motivo para isso.

Pela liberdade de crença

Cobrador de impostos saqueia Jerusalém — Culto de Zeus no templo — A rebelião dos macabeus — Combate com elefantes junto a Belém — Os americanos encontram Betsura — Moedas de Antioquia nos escombros — O fornecedor das cantinas de Rodes — Pompeu assalta Jerusalém — Judá torna-se província romana

E, tomando com as suas criminosas mãos os vasos sagrados, que os outros

reis e as outras cidades tinham ali posto para ornamento e glória deste lugar, manuseava-os indignamente, e os profanava (Macabeus II 5.16).

O Rei Antíoco IV⁽¹¹⁴⁾, cognominado Epifano, saqueou e profanou o templo de Jerusalém em 168 a.C. Saquear templos era, aliás, o seu mister particular, como testemunham seus contemporâneos. O historiador grego Políbio observa em sua História universal, em quatro volumes, que Antíoco IV "saqueou a maioria dos santuários".

O tesouro do templo não bastou, entretanto, ao selêucida. Mandou, além disso, o seu primeiro cobrador de impostos, Apolônio, com força armada a Jerusalém, o qual *"tomou os despojos da cidade e pôs-lhe fogo, e levou cativas as mulheres e apoderou-se dos seus filhos"* (Macabeus I 1.33 e 34; Macabeus II 5.24 e seguintes).

Nada do que pode sofrer de coisas horríveis e ignominiosas um povo de história tão acidentada fora poupado a Israel no passado. Mas nunca antes, mesmo sob os assírios ou sob os babilônios, havia sofrido golpe semelhante à ordem com que Antíoco Epifano visava aniquilar a crença de Israel. *"E o rei enviou cartas, por meio de mensageiros, a Jerusalém e a todas as cidades de Judá, ordenando que seguissem as leis das nações pagãs"* (Macabeus I 1.46).

No templo de Jeová, foi implantado o culto de Zeus olímpico. E instituiu-se a pena de morte para todo aquele que praticasse as cerimônias do culto judaico, que fizesse os holocaustos tradicionais, que celebrasse o sábado, que praticasse a circuncisão. As Sagradas Escrituras foram destruídas. Foi essa a primeira grande perseguição religiosa da história!

Mas Israel deu a todo o mundo o exemplo de como um povo que não quer ceder pode e deve reagir a tais violações da consciência.

Caracteres fracos, que seguem o caminho da menor resistência, também os havia então. Muitos, contudo, *"... não quiseram violar a santa lei do Senhor; e foram trucidados"* (Macabeus I 1.66). Foi o inabalável zelo religioso de um velho que lançou a tocha da sublevação no país.

Havia um pequeno lugar chamado Modin, situado a trinta quilômetros de Jerusalém, na orla ocidental da cordilheira de Judá, hoje o mercado El-Medieh. Aí vivia o *"sacerdote Matatias"* com seus cinco filhos. Quando os capitães de Antíoco foram também a Modin para forçar os habitantes *"a que sacrificassem e queimassem incenso, e a que abandonassem a lei de Deus"*, Matatias recusou-se firmemente a obedecer à ordem, e quando viu um compatriota sacrificar, *"inflamou-se o seu furor segundo o espírito da lei; e, arremetendo contra ele, matou-o sobre o altar; e matou também ao mesmo tempo o oficial que o Rei Antíoco tinha enviado... e destruiu o altar"* (Macabeus I 2.1 e 25), e com isso deu o impulso à resistência franca, à luta de vida ou morte pela liberdade de crença — as *"guerras dos macabeus"*.

Matatias conseguiu fugir com seus filhos. Em seu esconderijo em montes e cavernas, eles reuniram em volta de si um grupo de fiéis, com os quais iniciaram uma encarniçada luta de guerrilhas contra a autoridade. Com a morte do velho sacerdote, a chefia passou a seu filho "Judas", chamado "Macabeu"[\(115\)](#).

Nas montanhas de Judá, os revoltosos obtiveram seu primeiro sucesso. Foi realmente digno de admiração. O pequeno grupo, sem preparo e mal armado, triunfou sobre as tropas de ocupação, aguerridas e superiores em número. Betoron, Emaús e Betsura caíram em seu poder. Os selêucidas retiraram-se e esperaram a chegada de reforços de Antioquia. Em 164 a.C., Judas Macabeu libertou Jerusalém e restabeleceu a antiga ordem no templo.

O altar foi reconstruído e fizeram-se sacrifícios a Jeová como antes (Macabeus I 4.34 e seguintes).

Em expedições que se estendiam cada vez mais além das fronteiras da província de Judá, Judas Macabeu chegou até a Galiléia, na Jordânia oriental, onde viviam israelitas que se mantinham fiéis ao culto. No caminho que conduzia a Iduméia, ao sul de Judá, a velha Hebron foi sitiada e destruída. O contínuo êxito guerreiro de Judas Macabeu levou o Rei Antíoco V, Eupátor[\(116\)](#) filho de Epifano, a atacar com um exército poderoso. Na batalha decisiva travada a dez quilômetros a sudoeste de Belém, junto a Bêt-Zacharia[\(117\)](#) os selêucidas dispuseram os seus elefantes de guerra, flanqueados por destacamentos de cavalaria. Incapazes de resistir a uma força tão superior, os macabeus foram derrotados. Uma discórdia interina levou o vencedor a fazer a paz, que incluía condições inesperadamente favoráveis para os vencidos. As ordens de Antíoco IV, Epifano, do ano 167 a.C., perderam sua validade, assegurou-se o exercício do serviço divino e reconheceu-se novamente a comunidade de culto em Jerusalém (Macabeus I 6.30 e seguintes, 58 e seguintes).

O objetivo da revolta judaica fora atingido.

Não contentes com isso, os macabeus se esforçaram por conseguir, juntamente com a liberdade religiosa, a independência política. Os sucessores de Judas Macabeu, seus irmãos Jônatas e Simão, desencadearam a luta novamente, a qual terminou em 162 a.C., sob Simão, com a concessão da liberdade política também à Síria (Macabeus I 15.1 e seguintes).

Uma fortificação que se encontrava no centro das lutas e que muitas vezes mudou de dono foi Betsura. Os resultados das escavações correspondem aos fatos históricos descritos no Livro Primeiro dos Macabeus.

Hoje se chama "*Chirbet et-tubeka*" o lugar outrora tão disputado. Dominava a antiga estrada de Jerusalém para Hebron, entre Judá e Iduméia, ao sul. Em 1931 os arqueólogos americanos encontraram ali grande quantidade de moedas. Cento e vinte e seis do total de trezentas têm os nomes de Antíoco Epifano e Antíoco Eupátor.

A colina contém ainda os fundamentos de uma poderosa fortaleza, na qual se distinguem claramente três períodos de construção. Dos inferiores, mais antigos, restam apenas fragmentos. São do tempo dos persas. A construção superior tem um caráter oriental. É obra de Judas Macabeu, do primeiro período da rebelião vitoriosa. *"E pôs ali Judas uma guarnição para o guardar, e fortificou-o para também segurar Betsura, a fim de o povo ter uma fortaleza"* (Macabeus I 4.61).

Depois da batalha dos elefantes junto a Bêt-Zacharia, Antíoco V, Eupátor, fez ocupar a fortaleza da fronteira. *"Assim o rei tomou Betsura, e pôs nela uma guarnição que a guardasse"* (Macabeus II 6.50). Também as tropas selêucidas deixaram vestígios inconfundíveis de sua estada ali. Como os arqueólogos verificaram nas ruínas dos muros construídos por Judas Macabeu, trata-se de restos de suas cantinas. Das rações desses soldados fazia parte o vinho, o nobre vinho das colinas da Grécia. Albright e Sellers conseguiram descobrir até de onde o vinho procedia pelos fragmentos de bilhas encontrados em grande quantidade no local. O principal fornecedor do exército devia ser um negociante de vinho de Rodes.

Isso foi em 162 a.C. Um ano depois, os selêucidas fortificaram de novo Betsura. Sobre os muros destruídos dos macabeus ergueu-se uma nova cidadela de construção tipicamente helenística. Seu general, Báquides, fortificou com altos muros as cidades do país... *"fortificou também a cidade de Betsura... e pôs nela tropas e provisão de mantimentos"* (Macabeus I 9.50 e 52).

O relato bíblico encerra-se com o assassinato de Simão, irmão de Judas Macabeu. A direção espiritual e política de Judas passou, com o cargo de sumo sacerdote, a Simão, filho de João. Foi chamado João Hircano. "O sumo sacerdote João e a comunidade dos judeus" — "O sumo sacerdote João, chefe da comunidade dos judeus", lê-se nas moedas que ele mandou cunhar.

A história deve também aos cuidadosos apontamentos de Flávio Josefo um conhecimento exato sobre os macabeus e seus sucessores [\(118\)](#).

REINO DOS MACABEUS

100 a. C.

(a maior extensão)

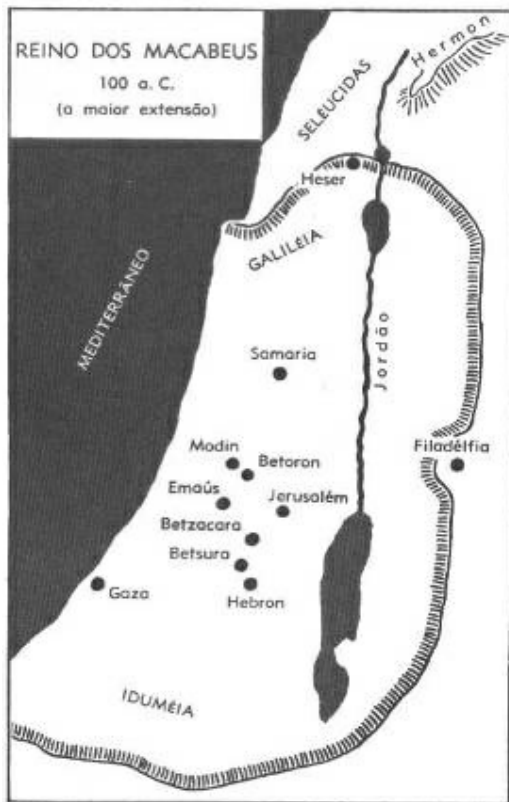


Figura 69

Em guerras ininterruptas, eles foram alargando cada vez mais, metodicamente, as fronteiras de Judá. Sob Alexandre Janeu(119) haviam estendido a sua soberania mais ou menos sobre todo o território ocupado outrora pelos dois reinos de Israel e Judá.

À medida que o tempo passava, os selêucidas iam se tornando adversários cada vez menos sérios. Careciam de força para opor-se aos macabeus desde que Roma — tendo derrotado Aníbal de Cartago(120) e se tornado senhora absoluta do Mediterrâneo ocidental — começara a estender seu poderio sobre a Grécia e avançara para a Ásia Menor.

Atravessando o reino dos selêucidas, o general romano Pompeu marchou sobre a Palestina. Após um cerco de três meses, no ano 63 a.C., as legiões romanas entraram em Jerusalém. Judá tornou-se província romana. Com esse acontecimento terminou bruscamente a independência de Israel.

Do Novo Testamento

Parte I - Jesus de Nazaré

Palestina junto ao "Mare Nostrum"

Província do "Imperium Romanum" — Cidades gregas em terras do Jordão — O Novo Testamento — Uma narrativa tendenciosa — O governador histórico — Recenseamento a cada catorze anos

Mas quando chegou a plenitude do tempo, Deus enviou seu filho...(Gálatas 4.4).

Na extensa grinalda de terras ao redor do Mare Nostrum(121), do norte da África e da Espanha às costas da Ásia Menor, imperava a vontade da nova senhora do mundo: Roma. Após o desaparecimento dos grandes reinos semitas do Crescente Fértil, foi também a Palestina incorporada ao novo mundo e ao seu destino. As tropas romanas de ocupação faziam cumprir a vontade de Roma em uma terra governada e explorada por homens a seu serviço.

Cada vez mais a Grécia dava o seu cunho à vida no Império Romano; a cultura romana era, na realidade, cultura grega, e o grego era a língua universal que unia todos os povos subjugados do Oriente.

Quem viajasse pela Palestina naquela época, no começo da nossa era, teria a impressão de se encontrar na Grécia. Na Jordânia oriental havia cidades puramente gregas. As "Dez Cidades"⁽¹²²⁾ dos Evangelhos (Mateus 4.25, Marcos 5.20, 7.31) pareciam-se com seu modelo, Atenas; tinham templos dedicados a Zeus e Ártemis, tinham o seu teatro, foro de colunas, estádio, ginásio e banhos. Gregas pela construção e pela vida de seus habitantes eram Cesaréia, a capital de Pilatos, ao sul do Carmelo, no Mediterrâneo, e Sefóris, situada alguns quilômetros ao sul de Nazaré. Tiberíades, junto ao lago de Genesaré, Cesaréia de Filipe, construída ao pé do Hermon, e até mesmo Jericó. Só as muitas cidadezinhas e localidades da Galiléia e Judá haviam conservado o seu caráter arquitetural judaico. Nessas povoações genuinamente judias, viveu e atuou Jesus, e em parte nenhuma os Evangelhos dizem que ele se tenha detido numa cidade grega.

O traje grego e muito da maneira de viver dos gregos haviam entrado, entretanto, muito antes do tempo de Jesus, até mesmo nas comunidades puramente judias. Assim, os habitantes da Galiléia e de Judá usavam vestes iguais às usadas em Alexandria, Roma ou Atenas. O conjunto consistia em túnica e manto, sapatos ou sandálias, chapéu ou capuz. Quanto ao mobiliário, havia a cama, e fora adotado geralmente o costume grego de comer reclinado.

O Velho Testamento abrange, calculando da época da saída do Egito sob Moisés, um período de aproximadamente mil e duzentos anos, e, calculando do tempo dos patriarcas, cerca de dois mil anos. O Novo Testamento, ao contrário, abarca apenas um período de menos de cem anos. Desde o começo da atuação de Jesus Cristo até o fim dos Atos dos Apóstolos, o relógio do tempo marca apenas pouco mais de trinta anos. O Velho Testamento reflete em grande parte a história do povo de Israel; no Novo Testamento trata-se apenas da vida e ditos de uns poucos homens; ele gira inteiramente ao redor dos ensinamentos de Jesus, de seus discípulos e dos apóstolos.

A arqueologia não conseguiu encontrar inúmeros testemunhos do mundo do Novo Testamento, pois na vida de Jesus Cristo não houve nada que pudesse deixar vestígios materiais no nosso mundo, nem de palácios reais, nem de templos, nem de campanhas de conquista, nem de países e cidades incendiadas. Jesus era de natureza pacífica, ensinava a palavra de Deus. Os pesquisadores viram que sua tarefa de reconstrução do ambiente de Jesus consistia na descoberta dos lugares e povoações em que ele viveu, atuou e morreu. De qualquer modo, restava-lhes um guia *sui generis*. Nenhum acontecimento da história greco-romana, nenhum manuscrito de um autor clássico chegou à posteridade, nem de longe, em antigos exemplares tão variados como as escrituras do Novo Testamento. Seu número vai além de mil, e os mais antigos e dignos de crédito dentre eles datam de poucos decênios depois de Cristo.

Livro de genealogia de Jesus Cristo, filho de Davi, filho de Abraão (Mateus 1.1).

Quem teve a pouca sorte de ler Houston Stewart Chamberlain — e isso aconteceu a milhões no decênio passado na Europa, sobretudo na Alemanha — poderia ser de outra opinião. Esse escritor, filho de um general inglês e genro de Richard Wagner, escreveu um livro que teve muitas edições: *Os fundamentos do século XIX*. Nesse livro, ele oferecia, entre outras coisas, a "descoberta sensacional" de que o pai de Jesus teria sido ariano!

Chamberlain chegou até a apresentar "provas", baseando-se em "fontes históricas".

Tais provas existem? Que dizem elas? E de onde procedem?

Existe uma série de histórias. Procedem dos primeiros dois séculos da nossa era e foram contadas e difundidas por inimigos de Cristo, judeus e pagãos.

Repetidamente surge sobretudo um nome, representando um papel essencial. Também no Talmude, o mais importante livro religioso pós-bíblico do judaísmo, fala-se nele. Uma vez é chamado "*ben Pandera*", outras "*ben Pantera*" ou "*ben ha-Pantera*". Segundo uma narrativa transmitida oralmente, o pagão Celso teria ouvido o seguinte, textualmente, a um judeu, no ano 178: "Míriam ⁽¹²³⁾ foi repudiada pelo marido, carpinteiro de profissão, por ter-se convencido de que ela cometera adultério. Em sua vergonha, ela vagueou de um lugar para outro e deu à luz em segredo Jesus, cujo pai era um guerreiro chamado Pantera". No Talmude, mencionam-se os nomes "ben Pandera" e "Jesus Ben Pandera". No Talmude babilônio, fala-se de "Amante Pandera". Mais adiante lê-se: "Em Pumbedita dizia-se: 'S'tath da', isto é, ela foi infiel ao marido" (Sabbat 104 b; Sanedrim 67 a).

"Pandera" seria um estrangeiro, um legionário romano.

Como surgiram tais afirmações?

Os cristãos referiam-se a Jesus como o "filho da Virgem". Os judeus aferraram-se a esse oportuno ponto de apoio, apoderando-se mais que depressa desse mistério para difamá-lo.

"*Parthenos*" em grego significa "virgem". A palavra "*parthenos*" foi falseada. Com escárnio, os judeus chamavam ao "*filho da Virgem*" "*ben ha-Pantera*", que na sua língua queria dizer "filho da pantera". Com o correr do tempo, a origem dessa designação caiu no esquecimento. Os próprios judeus não sabiam mais que em seus próprios círculos Jesus era chamado com ironia pelo nome de sua mãe. Dessa maneira a palavra escarninha "*Panthera*" e, com ela, a narrativa tendenciosa adquiriram mais tarde um sentido completamente diverso. Porque no Oriente um filho não usa o nome da mãe. É sempre chamado pelo nome do pai. Conseqüentemente, "Pantera", ou "Pandera", foi tomado pelo nome do pai de Jesus. O nome da mãe de Jesus era bem conhecido. Ela se chamava "Míriam", Maria. "Pantera", ou "Pandera", não se conhecia como nome judeu. O homem que tinha esse nome devia ser, pois, um estrangeiro; de qualquer modo, um não-judeu. E que estrangeiros existiam no país quando Míriam deu à luz seu filho? A

resposta a essa pergunta era muito fácil: romanos. Naquela época, a Judéia estava cheia de legionários romanos.

Essa aplicação e essa deturpação do nome "ben Pandera" veio, aliás, muito oportunamente em favor das tendências anticristãs dos judeus fanáticos. Dir-se-iam criadas para marcar Jesus como não-judeu.

À luz da pesquisa cristã e judaica também, só podemos concluir que H. St. Chamberlain, em sua tentativa para "provar" a origem não-judaica de Jesus Cristo, utilizou uma narrativa tendenciosa, que topou com histórias satíricas, com uma falsificação do Talmude babilônio. O mesmo se deu com Ernst Haeckel, autor dos *Enigmas do universo*.

Os Evangelhos chamam a Jesus, por sua origem, "*filho de Davi*". Isso é dito claramente e não deixa lugar para suposições de origem pagã. O apóstolo Paulo, grande missionário dos pagãos, e o evangelista Lucas, pagão de nascimento, por certo não veriam nenhuma desvantagem na origem pagã de Jesus e indubitavelmente se teriam referido a ela em alguma parte.

E, naqueles dias, saiu um edito de César Augusto, para que se fizesse o recenseamento de todo o mundo. Esse primeiro recenseamento foi feito por Cirino, governador da Síria. E iam todos recensear-se, cada um à sua cidade. E José foi também da Galiléia, da cidade de Nazaré, à Judéia, à cidade de Davi, que se chamava Belém, porque era da casa e família de Davi, para se recensear juntamente com Maria, sua esposa, que estava grávida (Lucas 2.1 a 5). Os recenseamentos não foram de modo algum invenção dos estatísticos modernos. Desde os tempos mais antigos serviam, como hoje, a dois fins altamente prosaicos. Em primeiro lugar, forneciam os dados gerais para o serviço das armas e, em segundo lugar, para a cobrança de impostos. Nos países submetidos, Roma se interessava principalmente por estes últimos.

Sem os tributos estrangeiros, só com a produção própria, Roma não poderia ter o luxo de seus maravilhosos e imponentes edifícios e instalações, nem a vida de opulência e dissipação e seu dispendioso aparato administrativo mundial. Os soberanos de Roma podiam dar grátis ao povo, largamente, *panem et circenses*, pão e circo. O cereal para o pão grátis tinha de ser fornecido pelo Egito. E as grandiosas arenas para os jogos eram construídas por escravos e com dinheiro de tributos.

Originalmente, o "censo", termo oficial para o recenseamento, em uso na Roma antiga, era levado a efeito de cinco em cinco anos. Aliás, o quinquênio até passou para a poesia romana como "lustrum", expressão muito em voga entre os autores romanos e amplamente empregada pelas pessoas das classes sociais mais elevadas. Contudo, devido a mudanças no sistema econômico e constitucional, considerando a introdução da isenção de impostos, a título de privilégio do cidadão romano, o censo deixou de ser feito, mormente nos dias agitados e difíceis dos fins do período republicano, quando não houve mais

qualquer periodicidade baseada em lustros. Embora o Imperador Augusto reintroduzisse o censo, especialmente nas províncias, nem ele cogitou de restabelecer a antiga periodicidade quinquenal. É importante frisar esse ponto, por condicionar alguns aspectos relativos à datação do nascimento de Jesus Cristo.

*"Cirino, governador da Síria", é o conhecido Senador P. Sulpicius Quirinius dos documentos romanos. O Imperador Augusto apreciava muito as extraordinárias aptidões, como militar e como administrador, desse homem, nascido em ambiente humilde perto de *Tusculum*, cidadezinha no monte Albano e vilegiatura das mais apreciadas pelas boas famílias romanas.*

Cirino foi para a Síria como legado no ano 6 da nossa era. Com ele Roma mandou Copônio para a Judéia como primeiro procurador. Os dois realizaram um recenseamento do povo entre 6 e 7 d.C.. Porém, será que esse recenseamento era aquele mencionado no Evangelho Segundo São Lucas? Em primeiro lugar, Lucas menciona um edito imperial *"para que se fizesse o recenseamento de todo o mundo"* (Lucas 2.1), isto é, de todo o Império Romano, quando o censo dos anos 6 a 7 depois de nossa era tratou somente de um recenseamento regional. Ademais, àquela época Jesus já teria passado dos dez anos se, conforme o parecer de algumas pessoas, ele tivesse nascido no ano 6 ou 7 *antes* da era cristã. Todavia, de acordo com o relato bíblico, o recenseamento ordenado pelo Imperador Augusto teria acontecido por volta do ano do nascimento de Jesus Cristo.

Ter-se-ia enganado assim o médico Lucas?

Assim pareceu durante muito tempo. Só com a descoberta de um fragmento de inscrição romana em Antioquia se verificou, com surpresa, que Cirino já estivera antes na Síria como legado do Imperador Augusto e justamente no tempo do Procônsul Saturnino.

Dessa vez, aliás, Cirino estava incumbido de uma missão puramente militar. Comandou uma campanha contra os homonadenses, tribo das montanhas do Tauro, na Ásia Menor. Entre os anos 10 e 7 a.C., Quirino havia estabelecido sua residência e quartel-general na Síria. E de um censo geral do império, dos anos 7-6 a.C., a história de Roma não sabe mesmo absolutamente nada.

A estrela de Belém

Uma conjectura de Orígenes — O cometa de Halley sobre a China — A observação de Kepler em Praga — Um mapa estelar achado em Sippar — Notícia de astrônomos da Babilônia — Os cálculos dos astrônomos modernos — Geada de dezembro em Belém

Tendo pois nascido Jesus em Belém de Judá, reinando o Rei Herodes, eis que uns magos chegaram do Oriente a Jerusalém, dizendo:

Onde está o rei dos judeus, que nasceu? Porque nós vimos a sua estrela no Oriente, e viemos adorá-lo (Mateus 2.1 e 2).

Expedições internacionais de astrônomos são há muito fato normal no mundo moderno. Em 1954, a Suécia foi invadida por um exército desses peritos em astronomia. Cientistas de todos os países do mundo afluíram à Escandinávia com instrumentos especiais e aparelhos de medição, a fim de observar um eclipse do Sol. A viagem dos reis magos do Oriente à Palestina prender-se-ia a algo semelhante?

Há séculos que a narrativa do evangelista Mateus sobre a estrela do Messias ocupa incessantemente a fantasia dos homens. Leigos e peritos têm se dedicado a esse tema, daí resultando uma imensa literatura. Tem-se chamado "estrela de Belém" a tudo o que costuma atravessar a abóbada celeste e a muitas coisas que existiram apenas na imaginação.

É inquestionável, pelo texto da Bíblia, que deve ter sido um fenômeno celeste extraordinário. Os fenômenos celestes são da alçada dos astrônomos, e é deles que devemos esperar uma explicação baseada nos conhecimentos modernos.

Se supusermos que foi um clarão súbito que apareceu no firmamento, só poderemos considerar duas possibilidades, excetuando os asteróides: um cometa ou uma estrela nova, ou simplesmente uma "nova", como são chamadas pelos cientistas.

Suposições semelhantes foram feitas já nos primeiros tempos da nossa era. O escritor sacro Orígenes, que viveu por volta do ano 200, escreve: "Sou de opinião que a estrela que apareceu aos magos no Oriente era uma estrela nova, que nada tinha em comum com aquelas estrelas que nos aparecem no firmamento ou nas camadas inferiores do ar. Provavelmente, pertencia ao tipo de corpos celestes que costumam aparecer de vez em quando e que os gregos chamavam segundo o seu formato, ora cometas, ora traves de fogo, ora estrelas caudadas, ora outros nomes".

Os cometas com cauda, que muitas vezes se estendiam através da metade do hemisfério celeste, sempre impressionaram. Eram considerados sinais anunciadores de acontecimentos excepcionais. Não admira que esse espetáculo, o mais esplendoroso do firmamento, fosse ligado à representação da estrela dos magos do Oriente! Os artistas apegaram-se a esse belo motivo; em muitas representações populares do quadro do nascimento de Jesus, aparece acima do estábulo de Belém um cometa resplandecente.

As escavações e as escrituras descobertas têm fornecido material assombrosamente exato sobre os fenômenos astronômicos nos milênios passados. Existem desenhos e observações dos gregos, romanos, babilônios, egípcios e chineses.

A seguir ao assassinato de César, pouco depois dos idos de março do ano 44 a.C., apareceu um planeta brilhante no céu. No ano 17 antes da nossa era surgiu de repente uma estrela com cauda, muito brilhante, que pôde ser observada uma noite inteira nas terras mediterrâneas. O próximo cometa brilhante a que se alude é do ano 66 d.C, pouco depois do suicídio de Nero.

Desse intervalo de tempo existe ainda outro relato muito preciso de astrônomos chineses. Na enciclopédia Wen-hien-thung-khao, do sábio chinês Ma Tuan-lin, vem a seguinte informação:

"No primeiro mês do (imperador) Iven-yen, no sétimo mês, no dia Sin-ouei (25 de agosto), foi visto um cometa na parte do céu Toung-tsing (perto da estrela

Mu dos Gêmeos). Passou pelos Ou-Tschoui-Heou (Gêmeos), saiu da Ho-su (Castor e Pólux) e seguiu seu curso para o norte e aí entrou no grupo Hien-yuen (cabeça do Leão) e na casa Thaiouei (cauda do Leão)... No quinquagésimo sexto dia entrou por baixo do Dragão Azul (Escorpião). Ao todo o cometa foi observado durante sessenta e três dias". Essa antiga narrativa chinesa detalhada contém a primeira descrição do famoso cometa de Halley, essa maravilhosa estrela de cauda que a cada setenta e seis anos aparece junto ao Sol. Na última vez apareceu nos anos 1909 a 1911. Em 1986, a terra apreciará de novo esse raro espetáculo. Pois o cometa de Halley percorre a sua imensa órbita pontualmente através do espaço. Mas nem sempre e nem em toda parte ele é igualmente visível. No ano 12 a.C., por exemplo, ele constituiu um acontecimento celeste na China, onde pôde ser observado em todos os seus detalhes. Em toda a área do Mediterrâneo, na Mesopotâmia e no Egito, ao contrário, não há qualquer referência a um corpo celeste tão extraordinariamente claro e impressionante.

O mesmo se dá com relação às estrelas novas. Estas *novae* são formas estelares do espaço, que numa explosão atômica de proporções imensas se fragmentam subitamente. O seu clarão, que ofusca o brilho de todas as outras estrelas, é tão insólito, tão extraordinário, que sempre se percebe e é mencionado. Na passagem dos séculos, só duas vezes fala-se do incêndio de uma estrela nova — no ano 134 antes e no ano 173 depois do nascimento de Cristo. Nenhuma das muitas antigas fontes e tradições se refere a um cometa de grande claridade ou a uma estrela nova no ano 0, na área do Mediterrâneo.



Figura 70 - Conjunção de Mercúrio-Júpiter-Saturno em dezembro de 1603, segundo Kepler.

Pouco antes do Natal, no dia 17 de dezembro de 1603, o matemático imperial e astrônomo da corte, Johannes Kepler, estava no Hradschin de Praga, sobre o Moldava, observando, com seu modesto telescópio, a aproximação de dois planetas. Os sábios chamam "conjunção" a posição de dois corpos celestes no mesmo grau de longitude. De vez em quando, dois planetas se aproximam tanto um do outro que parecem uma única estrela maior e mais brilhante. Naquela noite Saturno e Júpiter haviam marcado encontro no espaço na constelação de Peixes.

Enquanto repassava suas anotações, Kepler se lembrou de repente da nota de um escritor judeu, o Rabino Abarbanel, que aludia a uma extraordinária influência que os astrólogos judeus atribuiriam a essa constelação. Segundo eles, o Messias viria por ocasião de uma conjunção de Saturno e Júpiter na constelação dos Peixes.

A conjunção ocorrida ao tempo do nascimento de Cristo seria a mesma que Kepler observara no mês de Natal do ano de 1603? Teria essa conjunção anunciado o aparecimento da verdadeira "estrela de Belém", como Kepler escreveu em data posterior? Ou teria sido aquela conjunção a própria "estrela de Natal", como afirmaram alguns cientistas posteriores que, para tanto, se referiram a Kepler?

Kepler calculou e tornou a calcular. Ele era cientista e pseudocientista, astrônomo e astrólogo, adepto dessa ciência que já o *Codex Justinianus* havia mencionado como equivalente à do preparo de venenos. O resultado foi observar uma terceira conjunção dentro de um ano. O cálculo astronômico dava o ano 7 a.C. Segundo as tabelas astrológicas, devia ter sido o ano 6 a.C. Kepler decidiu-se pelo ano 6 a.C. e, portanto, fez recuar a concepção de Maria para o ano 6 a.C. Kepler tornou conhecida sua fascinante descoberta numa série de livros, mas no fim esse espírito esclarecido, descobridor das leis dos planetas que têm o seu nome, perdeu-se excessivamente no reino do misticismo. Em consequência disso, a hipótese de Kepler foi rejeitada durante muito tempo e, por fim, caiu no esquecimento. Só no século XIX, os astrônomos se lembraram dela outra vez.

Em 1925, finalmente, o sábio alemão P. Schnabel decifrou as anotações cuneiformes de um famoso instituto técnico, a escola astrológica de Sippar, na Babilônia. Em meio a intermináveis dados corriqueiros e observações, encontrou uma nota sobre a posição dos planetas na constelação de Peixes. Júpiter e Saturno foram cuidadosamente indicados pelo espaço de cinco meses. Convertido ao nosso cálculo de tempo, essa aproximação dos dois planetas ocorreu no ano 7 antes do nascimento de Cristo!

A fim de reconstruírem o quadro de uma época, os arqueólogos e historiadores têm de servir-se de monumentos e documentos, de achados isolados e fragmentos. Para o astrônomo moderno, é mais fácil. Basta-lhe fazer voltar atrás, à vontade, o relógio do tempo, ajustar com precisão, no planetário, o céu estrelado como ele se apresentava há milhares de anos, no ano, no mês e até no dia desejado. A posição de cada estrela pode ser reconstituída com igual precisão.

No ano 7 antes da nossa era, Júpiter e Saturno encontraram-se, com efeito, na constelação de Peixes, e, como Kepler descobriu, três vezes. Os cálculos matemáticos demonstraram, além disso, que essa conjunção tríplice dos planetas foi particularmente visível na área do Mediterrâneo. O calendário do encontro dos planetas apresenta-se da seguinte maneira nos frios dados astronômicos modernos: Pelo fim do mês de fevereiro do ano 7 a.C., apareceu a constelação.

Júpiter saiu da constelação de Aquário e encontrou-se com Saturno na constelação de Peixes. Como o Sol nesse tempo se encontrava igualmente no signo de Peixes, sua luz cobria a constelação. Em 12 de abril, efetuaram sua aparição heliaca os dois planetas na constelação de Peixes com uma diferença de oito graus de longitude. Os astrônomos chamam heliaco ao nascimento visível de um astro no crepúsculo da manhã.

Em 29 de maio, houve a primeira aproximação na constelação de Peixes, sendo visível umas boas duas horas no céu da manhã, com uma diferença de 0 grau de longitude e 0,98 grau de latitude, no 21.º grau da constelação de Peixes. A segunda conjunção deu-se em 3 de outubro no 18.º grau da constelação de Peixes.

Em 4 de dezembro, houve a terceira e última aproximação dos planetas Júpiter e Saturno, desta vez no 16.º grau da constelação de Peixes. No fim de janeiro do ano 6 a.C., Júpiter passou da constelação de Peixes para a do Carneiro.

"Porque nós vimos a sua estrela no Oriente" (Mateus 2.2), diz a tradução da Bíblia, citando as palavras dos magos. Críticos hábeis descobriram que as palavras "no Oriente" correspondem ao original *"en té anatolé"*. Isso é grego, na forma singular. Em outra passagem, *"anatolai"*, portanto plural, é traduzido também por "Oriente". A forma singular *"anatolé"* devia ter, porém, um sentido astronômico todo especial, devendo compreender a observação do nascimento do astro de madrugada, portanto, o nascimento heliaco. Isso tampouco podiam saber os tradutores da Bíblia. De acordo com essa crítica do texto, a tradução clara, na linguagem especializada dos astrônomos, seria:

"Vimos sua estrela aparecer nos alvares do crepúsculo matutino". Isso corresponderia também exatamente à realidade astronômica — se (e esta se torna obviamente a grande pergunta em aberto) a constelação de que se trata aqui tivesse sido realmente a "estrela dos magos", a "estrela de Belém", a "estrela de Natal". Talvez as próximas reflexões nos ajudem.



Figura 71 - Terceira conjunção de Júpiter-Saturno em 4 de dezembro do ano 7 a.C., na constelação de Peixes.

Por que então a expedição dos sábios à Palestina se, evidentemente, o fenômeno era também visível na Babilônia?

Os observadores orientais do céu atribuíam a cada estrela, como astrólogos, uma significação particular. Segundo a concepção dos caldeus, Peixes era o signo do Ocidente, das terras do Mediterrâneo; segundo a tradição judaica, era o signo de Israel, o signo do Messias. A constelação de Peixes encontra-se no fim de uma velha e no começo de uma nova trajetória do Sol. Nada mais lógico do que eles verem nisso o fim de uma velha e o começo de uma nova era!

Júpiter foi considerado por todos os povos e em todos os tempos a estrela da sorte e da realeza. Segundo a velha tradição judaica, Saturno deveria proteger Israel; Tácito comparava-o ao Deus dos judeus. A astrologia babilônica considerava o planeta dos anéis o astro especial das vizinhas Síria e Palestina.

Desde o tempo de Nabucodonosor, muitos milhares de judeus viviam na Babilônia. É provável que muitos deles houvessem estudado na escola de astrólogos de Sippar. Uma aproximação esplendorosa de Júpiter com Saturno, protetor de Israel, na constelação do "Ocidente", do Messias, deve ter comovido profundamente os astrólogos judeus. Porque, segundo a interpretação astrológica, isso significava o aparecimento de um rei poderoso no Ocidente, a terra de seus pais. Contemplar esse espetáculo pessoalmente, observá-lo com os próprios olhos, foi o motivo da viagem dos magos do Oriente, conhecedores das estrelas!

No dia 29 de maio do ano 7 a.C., eles observaram a primeira aproximação dos dois planetas do telhado da escola de astrólogos de Sippar. Nessa época fazia ainda um calor insuportável na Mesopotâmia. O verão não é estação apropriada para uma longa e penosa viagem. Além disso, eles sabiam que a conjunção se repetiria em 3 de outubro. Assim como podiam prever os futuros eclipses do Sol e da Lua, souberam prever com exatidão a data dessa conjunção. Como em 3 de outubro, justamente, se celebrava a festa judaica da propiciação, é possível que eles tenham considerado isso um aviso, partindo em viagem nesse dia.

O ritmo das viagens pelas estradas das caravanas devia ser muito lento, mesmo pelo meio de transporte mais rápido da época, o camelo.

Calculando a duração da viagem em cerca de um mês e meio, os magos devem ter entrado em Jerusalém em fins de novembro.

"Onde está o rei dos judeus, que nasceu? Porque nós vimos a sua estrela no Oriente, e viemos adorá-lo. E, ouvindo isso, o Rei Herodes turbou-se, e toda a Jerusalém com ele" (Mateus 2.2, 3). Para os conhecedores dos astros do Oriente, essa devia ser a primeira e natural pergunta, e era lógico que produzisse espanto em Jerusalém. Pois na Cidade Santa ninguém sabia nada sobre astrologia.

Herodes, o tirano odiado, teve medo. O anúncio de um rei recém-nascido fê-lo temer pela sua soberania. O povo, ao contrário, teve um choque de alegria, como se deduz de outras fontes históricas. Cerca de um ano depois da conjunção dos planetas, houve um forte movimento messiânico. O historiador judeu Flávio Josefo informa que, por essa época, correu entre o povo o rumor de que Deus havia decretado o fim do domínio romano, que um sinal divino anunciara o advento de um soberano judeu.

Herodes, posto no trono pelos romanos, não era propriamente judeu, e sim idumeu.

Herodes não hesitou. *"Convocando todos os príncipes dos sacerdotes e os escribas do povo, perguntava-lhes onde havia de nascer o Cristo."* Estes leram nos antigos livros sagrados de seu povo e encontraram a indicação na escritura do profeta Miquéias, que vivera setecentos anos antes do reino de Judá: *"E tu, Belém Efrata, tu és pequenina entre milhares de Judá; mas de ti é que me há de sair aquele que há de reinar em Israel..."* (Miquéias 5.2).

Feito isso, Herodes mandou chamar os magos *"e enviou-os a Belém"* (Mateus 2.4 a 8). Como em 4 de dezembro Júpiter e Saturno se reuniram pela terceira vez na constelação de Peixes, eles *"...ficaram possuídos de grandíssima alegria"* e partiram para Belém, *"e eis que a estrela, que tinham visto no Oriente, ia adiante deles"* (Mateus 2.10 e 9). Na estrada de Hebron, a sete quilômetros de Jerusalém, encontra-se a aldeia Bayt hahm, a antiga Belém de Judá. O antigo caminho, que já Abraão percorrera em seu tempo, segue quase exatamente na direção norte-sul. Na terceira conjunção, Júpiter e Saturno pareciam fundidos numa grande e rutilante estrela. No crepúsculo do anoitecer, eles se viam para os lados do sul, de modo que os magos do Oriente, em sua viagem de Jerusalém para Belém, tinham a brilhante estrela sempre diante dos olhos. A estrela ia, com efeito, como diz o Evangelho, *"adiante deles"*. Todos os anos, milhões de pessoas em todo o mundo ouvem a história dos magos do Oriente. A estrela de Belém, um símbolo inseparável da noite de Natal, acompanha geralmente as pessoas através da vida. Nas enciclopédias e nos túmulos, ela tem lugar junto à data do nascimento.

A cristandade comemora o Natal de 24 a 25 de dezembro. Os astrônomos, os historiadores e os teólogos concordam, entretanto, em que o dia 25 de dezembro do ano 0 não é a data autêntica do nascimento de Cristo — nem o ano nem o dia. Responsáveis por isso são alguns enganos e erros de cálculo que escaparam ao monge cita Dionísio, o Pequeno. Ele vivia em Roma, e em 533 d.C. recebeu o encargo de determinar o começo da nossa era. Em seus cálculos, esqueceu o ano

0, que deve ser incluído entre o ano 1 antes e o ano 1 depois de Cristo. Além disso, não levou em conta os quatro anos em que o imperador romano Augusto reinara com seu próprio nome de Otávio.

A tradição contém a indicação clara que diz: *"Tendo pois nascido Jesus em Belém de Judá, reinando o Rei Herodes..."* (Mateus 2.1). Sabe-se com certeza, por numerosas fontes contemporâneas, quem era Herodes, quando viveu e reinou. Herodes foi nomeado rei da Judéia pelo imperador de Roma no ano 40 a.C. Seu reinado terminou com a morte no ano 4 a.C.

Portanto, Jesus deveria ter nascido antes do ano 4, se a informação de Mateus estiver correta.

O dia 25 de dezembro, como dia de Natal, é mencionado pela primeira vez historicamente no ano 354. Sob o imperador romano Justiniano⁽¹²⁴⁾ foi reconhecido legalmente como dia de festa. Na escolha desse dia, representou um papel fundamental um velho dia de festa romano. Na velha Roma, o dia 25 de dezembro era o *dies natalis invicti* (o "dia do nascimento do invicto"), solstício de inverno em Roma e, ao mesmo tempo, o último dia das saturnais, que havia muito tinham degenerado num carnaval desenfreado que durava uma semana e, portanto, uma época em que os cristãos podiam sentir-se mais seguros de não serem perseguidos.

Além dos historiadores e dos astrônomos, também coube aos meteorologistas darem uma opinião importante para a fixação da data do nascimento de Jesus. Segundo o Evangelho de São Lucas, *"... naquela mesma região havia uns pastores que velavam e faziam de noite a guarda ao seu rebanho"* (Lucas 2.8).

Os meteorologistas efetuaram medidas exatas das temperaturas em Hebron. Essa localidade, situada ao sul das montanhas de Judá, tem o mesmo clima que a próxima Belém. A curva de temperatura indica três meses de geada: Em dezembro, 2,8 graus, em janeiro, 1,6 grau e, em fevereiro, 0,1 grau centígrado abaixo de zero. Os dois primeiros meses têm, ao mesmo tempo, as maiores chuvas do ano: cento e quarenta e sete milímetros em dezembro e cento e noventa e sete milímetros em janeiro. Segundo os resultados das pesquisas realizadas até hoje, o clima na Palestina não deve ter mudado consideravelmente, de modo que as precisas observações meteorológicas modernas podem servir de base.

Na época do Natal, há geada em Belém e, com a temperatura abaixo de zero, não devia haver gado nos pastos na Terra Prometida. Essa constatação é reforçada por uma nota do Talmude, segundo a qual naquela região os rebanhos eram levados para o campo em março e recolhidos no princípio de novembro. O gado ficava quase oito meses nos campos.

Em nosso tempo, também os animais na Palestina ficam no curral na época do Natal, e com eles os pastores.

A narrativa do Evangelho de São Lucas dá, portanto, a entender que o

nascimento de Jesus aconteceu antes do começo do inverno e a descrição da estrela no Evangelho de São Mateus, que ocorreu no ano 7 antes da nossa era.

Ultimamente, foram lançadas diversas publicações sobre a vida de Cristo, com repercussão apreciável, embora nem todas fossem da autoria de um pesquisador "profissional" da Bíblia. Porém, cabe aqui mencioná-las, pois do contrário seria uma omissão, visto tratar-se, em parte, de coletâneas de dados extraordinariamente bem elaboradas, e que ainda citam, com bastante fidelidade, as opiniões e teses dos especialistas na matéria. A rigor, tais publicações não chegaram a revelar fatos novos, porém, sob ângulos parcialmente novos, apresentaram dados já conhecidos. Aliás, em última análise, tampouco esses "ângulos novos" são realmente novos, pois desde há muito estão nos debates científicos. Todavia, o fato de essas publicações contribuírem para a divulgação do assunto junto ao grande público constitui para nós motivo suficiente para não deixarmos de mencioná-las aqui.

Talvez fosse novidade para muita gente que o próprio Johannes Kepler não considerasse como estrela de Belém (ou seja, estrela de Natal) a conjunção por ele anotada, de Saturno e Júpiter na constelação de Peixes, mas somente como a sua precursora. Logo, Kepler, por sua vez, achava que Jesus nasceu em data *posterior* (e não no ano 7 ou 6 antes da nossa era). E obviamente ninguém nos garante que o fenômeno celeste, calculado já nos tempos de Jesus e, anteriormente, na antiga Babilônia, estivesse relacionado com Jesus! Todas as demais ilações a serem deduzidas (como o foram) daquele fenômeno celeste e do fato de que dele também se tomou conhecimento na Mesopotâmia, por mais brilhantes que fossem, não passam de especulações sem valor comprobatório. Aliás, todas aquelas conjecturas, por sua vez, requerem uma prova convincente, a fim de se tornarem indiscutivelmente corretas e válidas.

Persiste, pois, e continua persistindo, o problema da "datação" do "recenseamento", tratado por São Lucas (Lucas 2.1 a 5), o qual, historicamente, ocorreu no ano 6 ou 7 *após* o início de nossa era. (Cumpre encarar essa datação com as devidas reservas, visto que, no ano em questão, não houve um recenseamento geral, conforme afirmado por São Lucas, mas somente um censo regional, realizado em uma só província.)

Considerando todos esses fatos e conjecturas, hoje em dia costuma-se tratar do assunto da datação do nascimento de Jesus Cristo com discrição bem maior do que era tratado há alguns anos. Para tanto, o período em questão situa-se entre os anos 7 *antes* (caso a conjunção dos planetas, anotada por Kepler, possa ser relacionada com Jesus Cristo) e 7 *depois* do início da nossa era (devido ao recenseamento, levado a efeito por Quirino). Em qualquer dia ao longo desses anos, deveria ter sido registrado o nascimento de Jesus. Todavia, a essa altura já não se arriscam mais dados precisos a esse respeito... Neste contexto há um detalhe interessante. Em fins do governo de Herodes, ou seja, por volta do ano 6

a.C., radicalizou-se uma contenda messiânica entre Herodes, o qual se considerava uma espécie de Messias, de um lado, e os fariseus, cujas idéias do Messias eram bem diversas, de outro lado; a radicalização foi a ponto de os fariseus terem chegado a vaticinar o fim próximo de Herodes, e, em resposta, Herodes mandou executar os seus líderes. Isso aconteceu mais ou menos na época da conjunção planetária estudada por Kepler. Evidentemente, não podemos saber se, àquela época, havia no país adeptos da crença na força mágica das estrelas, que a tal conjunção teriam atribuído uma certa importância em relação ao Messias, circunstância que, entre outras, teria contribuído para inflamar os ânimos. Contudo, esta não deixaria de ser uma probabilidade. Por outro lado, seria igualmente possível que a atitude de Herodes, frente aos seus adversários na contenda messiânica, desse motivo ao evangelista Mateus para descrever o rei como perseguidor incondicional do Messias, cujo ódio chegou ao ponto de ordenar o infanticídio de Belém (Mateus 2.16).

Em Nazaré da Galiléia

Morte do Rei Herodes — "O mais cruel tirano" — Agitações no país — Controle das finanças em Jerusalém — Sabino rouba o tesouro do templo — Varo crucifica dois mil judeus — A cidade dos carpinteiros — Onde Jesus cresceu

Morto Herodes, eis que o anjo do Senhor apareceu em sonhos a José no Egito, dizendo: Levanta-te, toma o menino e sua mãe, e vai para a terra de Israel, porque morreram os que procuravam a vida do menino. Mas, ouvindo que Arquelau reinava na Judéia em lugar de seu pai Herodes, temeu ir para lá (Mateus 2.19, 20 e 22).

Herodes morreu com setenta anos de idade, no ano 4 antes de nossa era, trinta e seis anos depois de Roma o haver nomeado rei. Imediatamente depois de sua morte, teria ocorrido um eclipse da Lua, cuja data precisa, 13 de março, foi calculada pelos astrônomos modernos.

Flávio Josefo julga Herodes com grande severidade quando escreve sobre ele alguns decênios mais tarde: "Não era um rei e sim o tirano mais cruel que já reinou. Assassinou uma multidão de homens, e a sorte dos que deixou com vida era tão triste que os que morreram poderiam se considerar felizes. Martirizou seus súditos e malbaratou toda a fazenda pública. Para embelezar cidades estrangeiras, saqueava as próprias e presenteava povos estrangeiros com o sangue dos judeus. Em consequência disso, em vez do antigo bem-estar e dos bons costumes tradicionais, veio o empobrecimento completo e a completa

desmoralização do povo. Em suma, nos poucos anos do reinado de Herodes, os judeus sofreram mais tribulações do que seus antepassados no longo período de tempo que mediou entre a saída da Babilônia e o regresso sob Xerxes".

Em trinta e seis anos raramente passou-se um dia sem uma execução.

Herodes não poupava ninguém, nem a própria família, nem os amigos mais íntimos, nem os sacerdotes, nem o povo. Em sua lista de assassinatos contam-se dois maridos de sua irmã Salomé, a esposa Mariana e seus filhos Alexandre e Aristóbulo. Mandou afogar o cunhado no Jordão e eliminar a sogra Alexandra. Dois sábios, que arrancaram a águia dourada romana da porta do templo, foram queimados vivos; Hircano, o último da raça dos asmonianos, foi morto. Dizimou brutalmente famílias nobres, afastou muitos fariseus do seu caminho. Cinco dias antes de morrer, já velho, mandou matar seu filho Antípatro. E isso é apenas uma fração das atrocidades daquele que "como soberano foi um animal feroz".

Dado o caráter horrendo desse homem, é perfeitamente razoável atribuir-lhe a degolação dos inocentes em Belém, de que a Bíblia o acusa (Mateus 2.16).

Depois do assassinato de Antípatro, Herodes nomeou sucessores, através de testamento, no leito de morte, três de seus filhos mais jovens: Arquelau, herdeiro da realeza, Herodes Ântipas e Filipe, tetrarcas, soberanos da Galiléia e Peréia, de uma parte da Jordânia oriental e da região situada ao nordeste do lago de Genesaré. Arquelau foi reconhecido por sua família e aclamado pelos soldados de Herodes — germanos, gauleses e trácios. Mas através do país, quando se espalhou a notícia da morte do déspota, houve rebeliões de uma violência tal como o povo judeu raramente havia experimentado. Ao seu ódio surdo à raça dos herodianos misturava-se a revolta contra os romanos.

Em vez de lamentações pela morte de Herodes, houve lamentações por suas vítimas inocentes. O povo reclamava uma expiação pelos sábios Iehudah ben Sarifa e Matatias ben Margolot, que haviam sido queimados vivos. Arquelau respondeu enviando suas tropas a Jerusalém. Num só dia foram chacinadas três mil pessoas. O pátio do templo ficou juncado de cadáveres. Esse primeiro ato de Arquelau revelou subitamente o seu verdadeiro caráter; o filho de Herodes não ficava atrás do pai em crueldade e espírito de injustiça.

O testamento precisava da aquiescência do Imperador Augusto. Assim, Arquelau e Herodes Ântipas partiram um após o outro para Roma.

Ao mesmo tempo foram enviados às pressas a Augusto cinquenta anciãos como embaixadores de Israel com a missão de lhe pedir que os libertasse daquela "realeza". Na ausência dos herodianos, as agitações assumiram proporções ainda mais graves. Para manter a segurança, foi mandada uma legião romana a Jerusalém. Quis a pouca sorte que entrasse nessa confusão um romano odiado, Sabino, procurador de Augusto. Desprezando todas as advertências, instalou-se no palácio de Herodes e dedicou-se à tarefa de computar os impostos e tributos da Judéia.

Na semana das festas, afluíram à Cidade Santa massas de peregrinos.

Houve um choque sangrento. Na praça do templo, eclodiu uma luta encarniçada. As tropas romanas foram apedrejadas. Estas puseram fogo às galerias, penetraram no templo e roubaram o que encontraram. O próprio Sabino levou quatrocentos talentos do tesouro do templo. Depois viu-se obrigado a se entrincheirar apressadamente no palácio.

De Jerusalém a rebelião espalhou-se como um rastilho a todo o país.

Os palácios reais da Judéia, depois de saqueados, foram incendiados. O governador da Síria acorreu com um poderoso exército romano, reforçado por tropas de Beirute e da Arábia. Tão logo as forças se aproximaram de Jerusalém, os revoltosos fugiram. Perseguidos, foram aprisionados em massa.

Dois mil homens foram crucificados.

O governador de Roma na Síria, responsável por essa ordem, inscreveu seu nome no livro da história no ano 9 da nossa era com uma derrota aniquiladora que sofreu: Quintílio Varo. Transferido da Síria para a Germânia, perdeu a Batalha da Floresta de Teutoburger. Tal era a situação quando José, voltando do Egito, ouviu "que Arquelau reinava na Judéia em lugar de seu pai Herodes". Por isso "temeu ir para lá".

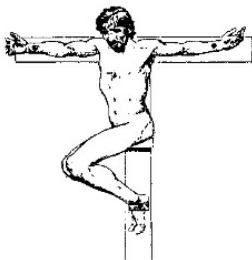
Aliás, com relação ao Rei Herodes, trata-se de uma daquelas personagens da história universal que conhecemos somente através dos pronunciamentos dos seus adversários. Por conseguinte, a sua imagem é sombria, condizente com o relato bíblico do assassinio dos meninos de Belém, por ele ordenado (Mateus 2.16). Em todo caso, nisso há também o enredo literário, amplamente difundido, da criança eleita que, por essa sua condição, fica exposta a muitos perigos; esse motivo reaparece em diversas personagens destacadas da Antigüidade (por exemplo, com Sargão de Akkad, Moisés, Ciro, o Grande, e até o Imperador Augusto), bem como em figuras da mitologia antiga (é só pensar em Édipo, mutilado e banido por seu pai, Laio). Assim, hoje em dia usa-se de um cuidado bem maior do que outrora na apreciação da historicidade do infanticídio de Belém e, antes, tende-se a considerar o relato em questão como uma tentativa, condicionada à mentalidade contemporânea que visa realçar a importância de Jesus, pelos meios usados na época (para tanto, existe ainda uma certa autenticidade histórica, representada pelas atitudes efetivamente tomadas por Herodes em sua contenda com os fariseus, por causa do Messias. Veja o fim do capítulo precedente). No entanto, há ainda mais. O relato do infanticídio de Belém estabeleceu um nexo entre Jesus e Moisés, pois também desse último a Bíblia conta como escapou, milagrosamente, de perseguições idênticas, sofridas por parte do faraó egípcio (Êxodo 1.15, 2.10). De uma maneira bastante coerente, a perseguição movida ao Menino Jesus está relacionada com a fuga de Maria e José para o Egito, a título de cuja motivação a Bíblia menciona o seguinte: "... cumprindo-se deste modo o que tinha sido dito pelo Senhor por meio

do profeta, que disse: Do Egito chamei o meu filho" (Mateus 2.15, Oséias 11.1). E a Bíblia torna a referir-se a Moisés, cujo nome, em interpretação egípcia, poderia significar "filho". Da mesma forma, inexistente qualquer prova histórica ou arqueológica da "fuga para o Egito", como tampouco existe prova da estada de Jesus em Nazaré. Aliás, a rigor, a Bíblia cita Jesus por muito mais vezes como "nazireu" do que "nazareno", e "nazireu" pode ter vários significados, mas normalmente não define o "homem de Nazaré". Essa última interpretação poderia ser deduzida somente de maneira indireta, de um trocadilho com a palavra hebraica "nezer" = "vara", veja Isaías 11.1:

"Sairá uma vara do tronco de Jessé e uma flor brotará da sua raiz". De fato, o Evangelho de São Mateus torna a citar o termo controvertido "nazareno" no contexto de uma profecia: *"...e, chegando, habitou uma cidade chamada Nazaré, cumprindo-se desse modo o que tinha sido predito pelos profetas, que seria lá chamado Nazareno"* (Mateus 2.23). Isso em nada facilita as coisas, pois não deixa bem claro a que profetas o texto se refere (a não ser Isaías, autor das palavras supracitadas). Talvez se pretenda estabelecer um certo nexo com o termo "nazireu" ("consagrado a Deus", qualificação outrora atribuída a Sansão (Juizes 13.5 e 7, 16.17), que exigiu uma certa ascese por parte da pessoa assim qualificada (ele devia observar determinados tabus); contudo, tal conjectura não deixará de implicar certos problemas filológicos. Assim, também aí torna a surgir um sinal de interrogação, e a esse respeito cumpre não silenciar o fato de alguns cientistas interpretarem os pronunciamentos dos Evangelhos, mencionando Nazaré como "cidade da infância e juventude" de Jesus, como meras construções, relacionadas com o título "nazireu", não muito bem compreendido pelos evangelistas, os quais, por causa disso, reinterpretaram-no e sumariamente o substituíram por "nazareno". Mark Lidzbarski chega a afirmar que, durante a vida de Jesus, nem teria existido um lugar geográfico chamado Nazaré. Contra argumentando, pode-se dizer que, embora não soubéssemos como era Nazaré nos tempos de Jesus, achados arqueológicos confirmaram a existência daquele povoado (se é que uns precaríssimos abrigos podem ser chamados de "povoado"), no período entre cerca de 900 a.C. e 600 d.C, e esses achados incluem também peças datando do reinado de Herodes, o Grande (de 40 a 4 a.C). Aliás, o comentário pouco lisonjeiro de Natanael, transmitido pelo Evangelho de São João: *"De Nazaré pode, porventura, sair coisa que seja boa?..."*, pode ser uma alusão à precariedade do lugarejo, todavia promovida a "cidade" pela Bíblia. Em todo caso, não há nenhum indício de Jesus, Maria ou José. Somente desde o século XI da nossa era, o nome Nazaré ficou sendo comprovado pela Fonte da Virgem Maria, onde até hoje as mulheres vão buscar a água com a qual enchem suas jarras, como o faziam nos tempos de Jesus...



Foto - Historisches Bildarchiv Lolo Handke, Bad Berneck. O domo existente a sudeste da cidade, construído pelos árabes no século VII, depois da conquista de Jerusalém, fica no antigo local onde erigiram o templo, primeiro Salomão, depois Herodes, o Grande.



Em cima: Fragmento de texto de um dos rolos manuscritos do mar Morto.

Acima, à esquerda: Missa pascal, celebrada segundo o rito ortodoxo na Igreja do Santo Sepulcro, local que, desde os primórdios do cristianismo, foi venerado como palco do martírio e sepultamento de Cristo. A arqueóloga britânica Kathleen M. Kenyon provou que, nos dias de Jesus, o solo sobre o qual hoje em dia se eleva a igreja ficava fora dos muros da cidade e, assim sendo, efetivamente pode ser considerado como local reservado a execuções e sepultamentos. (Foto número 9 de Werner Braun; Bildarchiv Preussischer Kulturbesitz, Berlim.)

Acima, à direita: Reconstituição do método de crucificação empregado pelos

romanos, a julgar pela ossada de Johanan ben Ha'galgol, achada nos túmulos escavados na colina de Givat Hamivtar (Veja *Schweigende Städte — Heilige Steine*, "*Cidades caladas — Pedras sagradas*", de Jerry M. Landay, Bergisch Gladbach, 1973, página 209.)



Foto - Town and Country Photographers, Chicago. O Prof. Willard F. Libby pesquisa, no Instituto de Física Nuclear da Universidade de Chicago, a idade do invólucro de linho de um rolo manuscrito do profeta Isaías, descoberto em 1947, numa caverna às margens do mar Morto, por um jovem guardador de

ovelhas. A medição no "relógio atômico", segundo o método do carbono 14, dá seu testemunho: a planta da qual esse linho foi extraído cresceu durante o tempo da vida de Cristo!



Foto - Picture Post, Londres, agosto de 1953. Em Jerusalém, o Prof. G. Lankester Harding reuniu os fragmentos do Velho Testamento do tempo de Cristo, descoberto em 1949 numa caverna perto do mar Morto.

João Batista

O testemunho de Josefo — Um casamento ilegal entre cunhados — Mandado de prisão de Herodes Antipas — O Forte de Maquerunte em Moab — Na masmorra da morte — A Princesa Salomé — Cafarnaum sobre o "mar" — Ruínas no bosque de eucaliptos — Os lugares em que Jesus ensinou

Então foi Jesus da Galiléia ao Jordão ter com João, para ser batizado por ele (Mateus 3.13).

Com esse acontecimento, Jesus se afastou de Nazaré pela primeira vez. Depois dos anos da infância e da juventude, sobre os quais nada nos foi transmitido, iniciou sua atuação pública. *"E o mesmo Jesus, quando começou, tinha cerca de trinta anos"* (Lucas 3.23).

João pregava e batizava nas terras baixas do Jordão, ao sul de Jericó, no conhecido vau do rio, portanto dentro dos domínios de Herodes Antipas, o tetrarca designado por Roma. João tornou-se conhecido em todo o mundo principalmente pelo batismo de Jesus e seu fim trágico. Ele foi decapitado. Por isso mesmo ele constitui hoje em dia um problema para os cientistas. Qual era o seu relacionamento com os essênios, que deixaram os célebres "rolos manuscritos do mar Morto"? Teria sido ele um daqueles "nazireus", como chamou o Velho Testamento os homens dedicados a Deus, como Sansão, o valente, e que, em sinal dessa distinção, observavam tabus específicos? E teria sido ele de fato o "precursor" de Jesus, como apresentado pelo Novo Testamento? Qual o papel por ele desempenhado nos movimentos messiânicos do seu tempo? Ter-se-ia considerado, a si próprio, como um messias? Ou talvez teria sido ele uma espécie de messias? Por outro lado, pois também essa eventualidade entrou em cogitação, teria sido ele algo como um "concorrente" de Jesus, assimilado pela tradição em torno de Jesus, que o apresenta como o "precursor de Cristo"?

Teria existido realmente o piedoso batista que surgiu no momento decisivo da vida de Jesus? O contemporâneo Flávio Josefo diz que João era um nobre "que exortava os judeus a se esforçarem por atingir a perfeição, a serem justos uns para com os outros e devotos para com Deus e a se batizarem. Como ocorria gente de toda parte, começou Herodes (Antipas) a temer que a influência de tal homem pudesse provocar uma rebelião. Devido a essa suspeita de Herodes, João foi acorrentado, levado para o Forte de Maquerunte e aí decapitado".

"Porque Herodes tinha mandado prender e manietar João: e tinha-o metido no cárcere por causa de Herodiade..." (Mateus 14.3, Marcos 6.17, Lucas 3.19). Assim justificam os Evangelhos a prisão de João. Também aqui Josefo conhece detalhes mais amplos sobre os verdadeiros motivos:

Numa viagem que fez a Roma, Herodes Ântipas, filho de Herodes, o Grande, conheceu a mulher de seu irmão e se enamorou dela de tal maneira que lhe propôs casamento. Herodíade aceitou e levou consigo para a casa do novo marido uma filha chamada Salomé.

Sendo esse casamento entre cunhados contra a lei mosaica, segundo os Evangelhos, João Batista fez severas admoestações, e esse crime, na opinião da enfurecida Herodíade, só podia ser expiado com a morte.

Graças a Josefo, esse acontecimento foi situado em local histórico concreto, o Forte de Maquiros, uma das numerosas fortificações que Herodes, o Grande, mandou construir na Palestina. Maquiros, o lugar onde João viria a perder a vida, fica no meio de um cenário agreste e sombrio, na costa oriental do mar Morto. Nenhuma estrada liga esse lugar solitário ao mundo. Partindo do vale do Jordão, sobe-se por estreitas veredas, para o sul, até a região montanhosa, desolada e nua, do antigo Moab. Nos profundos vales secos, vivem algumas famílias de beduínos com seus rebanhos, que pastam a erva escassa e agreste que ali cresce.

Não longe do rio Arnon, ergue-se um enorme penhasco acima dos cumes das outras montanhas. Em seu cume açoitado pelo vento frio, ainda hoje se encontram algumas ruínas. El Mashnaka ("Palácio Suspenso") é o nome que dão os beduínos a esse lugar abandonado. Ali se erguia o Forte de Maquiros. A olho nu pode-se distinguir ao longe, na direção norte, a parte do vale do Jordão onde João batizava o povo e onde foi preso.

Até agora nenhum pesquisador cravou a pá nas ruínas de El Mashnaka e só uns poucos chegaram a visitar o desolado penhasco. Abaixo do cume, a parede rochosa é profundamente cavada num lugar. Seguindo-se por estreitos corredores aí existentes, chega-se a um espaço abobadado que, às vezes, oferece abrigo aos nômades e seus rebanhos quando são surpreendidos pelas súbitas tempestades que ocorrem nas montanhas de Moab. Nas paredes cuidadosamente talhadas, reconhece-se a antiga masmorra do forte. Essa masmorra sombria abrigou João Batista depois de preso; aí foi provavelmente também decapitado — caso a informação de Josefo esteja correta, pois segundo Marcos 6, 17 e seguintes, a execução teve evidentemente lugar na Galiléia — isto é, provavelmente no recém-construído palácio de Herodes Ântipas em Tiberíade, às margens do lago de Genesaré.

Toda pessoa que ouve falar da degolação de João Batista relaciona automaticamente ao fato o nome de Salomé, pensa infalivelmente naquela filha de Herodíade que, por exigência de sua mãe, teria pedido a cabeça de João como recompensa por dançar. Essa Salomé entrou para a literatura universal. Oscar Wilde escreveu um drama intitulado *Salomé*, Richard Strauss tomou a história da princesa judia como motivo de sua célebre ópera *Salomé*, e até Hollywood usou a história de Salomé como assunto para um filme monumental.

No Novo Testamento, a busca do nome dessa princesa não deu resultado. A Bíblia não o registra. Na história de João Batista, Salomé é chamada apenas *"filha de Herodiade"* (Marcos 6.22). O nome da *"filha de Herodiade"* foi-nos transmitido por Flávio Josefo. Seu aspecto físico foi conservado para a posteridade em uma moedazinha em que é representada com Aristóbulo. A moeda tem a inscrição: "Do Rei Aristóbulo, da Rainha Salomé". Salomé devia ter apenas uns dezenove anos de idade quando João Batista foi degolado.

E tendo Jesus ouvido que João fora preso, retirou-se para a Galiléia.

E, deixada a cidade de Nazaré, foi habitar em Cafarnaum marítima, nos confins de Zabulão e Neftali (Mateus 4.12, 13).

No curto período da atuação de Jesus, que, segundo os evangelistas Mateus, Marcos e Lucas, não durou mais de ano e meio, um lugar ocupa sempre o ponto central. Mateus chega a chamá-lo de *"sua cidade"* (Mateus 9.1). Esse lugar é a cidade de Cafarnaum, junto ao lago de Genesaré.

Na extremidade norte, não longe do lugar onde a água do Jordão penetra velozmente no lago, há uma pequena enseada. Através do verde carregado do bosque de eucaliptos brilha a brancura de blocos de pedra, sobre os quais se erguem quatro colunas. Nas fendas do pavimento do pátio crescem tufo de ervas. Vêem-se por ali, espalhados, fragmentos de colunas e blocos de basalto com ornamentos esculpidos. De um pórtico antigo restam apenas os largos degraus de uma escada, últimos vestígios do que foi outrora uma magnífica sinagoga.

Eis tudo o que ainda testemunha a existência da antiga Cafarnaum.

Os arqueólogos alemães H. Kohl e C. Watzinger descobriram, ocultos sob escombros, os restos esmiuçados e cobertos de relva desse edifício. Os franciscanos reconstruíram com esses escombros uma parte da antiga fachada. As paredes do edifício primitivo eram de pedra calcária e a construção era cercada de três lados por fileiras de altas colunas. Do grande espaço interior de vinte e cinco por quinze metros, com adornos de palmeiras, videiras, leões e centauros, o olhar, passando através de uma ampla janela, na direção sul, vislumbra a vasta planície do lago onde, atrás das linhas suaves e azuladas dos montes distantes, encontra-se Jerusalém. Os dois arqueólogos convenceram-se de haver achado o que foi o templo de Cafarnaum no tempo de Cristo. Mas em toda a Palestina não existe mais uma única sinagoga daquela época. Quando, em duas guerras sangrentas, os romanos arrasaram Jerusalém e os habitantes de Israel se dispersaram pelo mundo, as casas de Deus foram vítimas também da destruição.

Essa construção só foi executada por volta do ano 200 d.C, sobre as ruínas e alicerces daquela sinagoga em que Jesus costumava pregar aos sábados. *"E foram a Cafarnaum; e tendo Jesus entrado no sábado na sinagoga, ensinava"* (Marcos 1.21).

A maioria dos habitantes da cidadezinha de Cafarnaum vivia da riqueza natural do lago; cabanas e casas em grande número aninhavam-se nas encostas aprazíveis ou rodeavam a sinagoga. No dia em que Jesus partiu de Nazaré para Cafarnaum, deu o primeiro passo decisivo para anunciar a sua doutrina: "E, passando ao longo do mar da Galiléia, viu Simão e André, seu irmão, que lançavam as redes ao mar (porque eram pescadores). E disse-lhe Jesus: Segui-me, e eu vos farei pescadores de homens" (Marcos 1.16, 17). Encontrou outros dois irmãos, Tiago e João, consertando a rede. As primeiras pessoas que ouviram a sua palavra, que aceitaram a sua doutrina e foram seus discípulos eram homens simples, pescadores da Galiléia.

Freqüentemente Jesus deixava o mar e subia às montanhas da Galiléia para ensinar em muitas cidades e aldeias, mas voltava sempre ao pequeno povoado de pescadores. Ele continuou sendo o centro de sua atuação. Um dia, deixou Cafarnaum acompanhado de seus doze discípulos e seguiu para Jerusalém. Foi sua última viagem.

O caminho para Jerusalém, o processo e a crucificação

Rodeio pela Jordânia oriental — Na casa do publicano, em Jericó — A vista do monte das Oliveiras — A "maça" do sumo sacerdote — O procurador Pôncio Pilatos — Vincent descobre o litostroto — Flagelação no Pátio da Antônia — A "mais horrível pena de morte" — Coroa de espinheiro da Síria — Uma bebida que insensibiliza — Colapso cardíaco foi a causa da morte — O "crurifragium" apressa o fim — Tûmulo solitário sob o Santo Sepulcro — Tácito menciona "Cristo" — O testemunho de Suetônio

Em seguida tomou Jesus à parte os doze, e disse-lhes: Eis que vamos para Jerusalém, e será cumprido tudo o que está escrito pelos profetas relativo ao Filho do Homem (Lucas 18.31).

De todos os caminhos que Jesus percorreu em sua vida há um que podemos seguir com precisão: o seu último caminho através da Palestina, o caminho de Cafarnaum a Jerusalém.

É um rodeio. O caminho mais curto entre a Galiléia e a Cidade Santa passa através dos montes de Samaria, seguindo diretamente para o sul.

Sobe as elevações, passa além dos cumes do Garizim e do Ebal, onde fica a antiga Siquém, e segue, passando por Bétel, até o coração de Judá, e pelo caminho das montanhas que outrora Abraão percorreu com sua família e seus rebanhos.

Essa viagem da Galiléia a Jerusalém, a pé, leva três dias.

Jesus também havia de preferir o caminho que passa por Samaria (Lucas 9.51 e 56). Conhecendo, porém, a disposição hostil dos samaritanos para com os judeus, pareceu-lhe duvidoso que eles deixassem passar o pequeno cortejo. A fim de se informar sobre isso, mandou à frente os discípulos Tiago e João. E, com efeito, os samaritanos não lhes deram licença para passar.

Foi por isso que Jesus e seus discípulos seguiram pelos "confins da Judéia, além do Jordão" (Marcos 10.1), no lugar em que o caminho atravessa o vale quente que desce o rio, onde só as margens são flanqueadas de luxuriante verdura e há pequenos bosques de tamargueiras e álamos, de árvores de ricino e alcaçuz. É uma jornada solitária e serena através da "soberba do Jordão" (Zacarias 11.3, Jeremias 12.5). Pois o vale, onde faz um sufocante calor tropical durante nove meses do ano, é pouco habitado. Jesus atravessou o Jordão no antigo vau que já os filhos de Israel haviam atravessado sob a direção de Josué, e chegou a Jericó (Lucas 19.1). Não era mais a cidade solidamente amurada da antiga Canaã. Ao sul da colina, estendia-se uma das cidades ultramodernas mandada construir por Herodes, o Grande, uma jóia de arquitetura heleno-românica. Ao pé da cidadela, denominada Cyprus, fora edificado um maravilhoso palácio. Havia ali um teatro, um anfiteatro assente na encosta e um hipódromo, ornados de colunas de uma brancura ofuscante. Nos jardins esplendorosos, cheios de flores, brincavam deliciosos jogos de água. Em frente da cidade, estendiam-se as mais preciosas plantações de todos os países do Mediterrâneo, as plantações de bálsamo; bosques de palmeiras proporcionavam frescor e sombra.

Jesus passou a noite longe desse esplendor, em Jericó, em casa do publicano judeu Zaqueu (Lucas 19.2 e seguintes). Não pudera evitar Jericó, que era um centro de vida greco-pagã, porque o caminho de Jerusalém passava por essa cidade.

De Jericó a Jerusalém são trinta e sete quilômetros. Através de trinta e sete quilômetros serpeia um caminho poeirento por encostas quase sem vegetação, a mil e duzentos metros de altura. Maiores contrastes do que apresenta esse curto trecho de caminho dificilmente se encontrarão em qualquer outra parte do mundo. Da vegetação paradisíaca e do calor insuportável do sol tropical, nas margens do Jordão, passa-se imediatamente ao frio das montanhas nuas e desoladas. Esse caminho, que dir-se-ia um prelúdio do fim, foi percorrido por Jesus e seus discípulos uma semana antes da Páscoa. Era na época em que os judeus afluíam de longe em multidões para celebrar a festa na Cidade Santa.

Chegados ao ponto mais alto e, portanto, quase ao fim do caminho, surgiu de trás do cume do monte das Oliveiras, como por encanto, a Cidade Santa. Podemos imaginar, por descrições contemporâneas, o espetáculo que Jerusalém ofereceu a Jesus e seus discípulos.

"Quem não viu Jerusalém e sua beleza nunca viu em toda a sua vida uma

bela e grande cidade; e quem não viu o edifício do Segundo Templo nunca viu em toda a sua vida uma construção tão impressionante", escreviam com grande orgulho os rabis daquele tempo.

O inglês Garstang resumiu nas seguintes frases as pesquisas sobre a antiga Jerusalém:

"Em nenhuma época da sua história o santuário e a cidade podem ter oferecido uma visão mais inspiradora. O ritmo e a harmonia da arte greco-romana, destacando-se maravilhosamente contra o céu oriental, obscureciam até a exagerada tendência construtiva de Herodes e levavam ordem e bom gosto ao tradicional caos da cidade".

Setenta e cinco metros acima do fundo do vale, erguiam-se as poderosas muralhas. Atrás de suas ameias, surgindo dos acanhados quarteirões de casas, ruas e ruelas, levantavam-se para o céu as silhuetas de construções imponentes. Exatamente em frente ao monte das Oliveiras ficava o templo, que sobrepujava em esplendor todos os outros edifícios. Sua fachada era ampla, com cinquenta metros de altura, orientada para leste e inteiramente de mármore claro. Os ornatos eram de ouro puro. Colunatas limitavam os amplos pátios e vestibulos; o brilhante coroamento era, porém, o santuário, no meio, resplandecente "como um monte coberto de neve", para usarmos a comparação de Flávio Josefo.

Junto ao lado noroeste do templo, erguia-se no espinhaço de um penedo o Forte Antônio. Cada uma de suas poderosas torres nos cantos media trinta e cinco metros de altura. Um viaduto levava da parte sul do recinto do templo ao palácio dos hasmoneus na cidade alta. Na elevação maior, dentro da cidade, junto ao muro do ocidente, estava situada a residência de Herodes, igualmente ornada de três torres, de quarenta, trinta e vinte e cinco metros de altura, a que Herodes dera os nomes de Hípico, Fasael e Mariana. Daí partia uma larga muralha, através do oceano de casas, até o recinto do templo, dividindo o interior da cidade em duas partes.

Essa cidade, com suas numerosas muralhas defensivas, muros e torres que rodeavam o templo, tinha uma atmosfera inexpugnável. O observador sentia como que um hálito de rigidez, inflexibilidade e intransigência ao contemplar Jerusalém. Esses atributos é que ajudaram Israel a resistir durante mais de mil anos a todas as potências do mundo. Foram eles que um dia causaram também a destruição de Jerusalém e a expulsão dos judeus da terra de seus pais.

Jesus talvez tivesse um pressentimento do destino dessa cidade. *"E, quando chegou perto, ao ver a cidade, chorou sobre ela"* (Lucas 19.41). E, logo pela manhã, tendo reunido os príncipes dos sacerdotes com os anciãos e os escribas e com todo o sinédrio, amarrando Jesus, o levaram e entregaram a Pilatos. E então Pilatos, querendo satisfazer o povo... depois de fazer açoitá-lo, entregou-o para ser crucificado (Marcos 15.1 e 15). As descrições do julgamento, da condenação e da crucificação nos quatro Evangelhos foram estudadas com

profundidade científica por numerosos sábios, que verificaram estarem elas de acordo com as tradições históricas até nos menores detalhes. Os principais atores do processo contra Jesus foram confirmados por terceiros, e o local em que ocorreu foi identificado exatamente por escavações. Os incidentes particulares do processo puderam ser comprovados por fontes contemporâneas e pesquisas modernas.

Com a prisão começou o curso da imensurável tragédia. Jesus reuniu seus discípulos no monte das Oliveiras, no Jardim de Getsêmani, *"e, ainda ele falava, quando chega Judas Iscariotes, um dos doze, e com ele muita gente armada de espadas e varapaus, enviada pelos príncipes dos sacerdotes e pelos escribas e pelos anciãos"* (Marcos 14.43). Os "varapaus" e "bastões" dos sumos sacerdotes betusianos, que dominavam desde o tempo de Herodes, são lembrados numa canção difamatória do Talmude:

"Ai de mim diante da casa de *Boethus*: ai de mim diante dos seus bastões!

Ai de mim diante da casa de *Annas*; ai de mim por causa das suas denúncias!..."

E termina: "Pois eles são sumos sacerdotes e seus filhos tesoureiros e seus genros administradores e seus servos espancam o povo com bastões". Entre os sumos sacerdotes citados há um conhecido: "Annas", o Anás dos Evangelhos. "A corte, pois, e o tribuno e os guardas dos judeus prenderam Jesus, e manietaram-no. Primeiramente levaram-no à casa de Anás, por ser sogro de Caifás, que era o pontífice daquele ano. E Caifás era aquele que tinha dado aos judeus o conselho de que convinha que um homem morresse pelo povo" (João 18.12, 13, 14).

O sumo sacerdote Joseph Caifás ⁽¹²⁵⁾ fora nomeado pelo procurador romano Valério Crato e continuou no seu posto sob o sucessor, Pôncio Pilatos.

Depois da prisão, Jesus foi levado à presença do Sinédrio, que era então a autoridade judia máxima e que reunia em si todo o poder espiritual e temporal. Ao mesmo tempo funcionava como supremo tribunal dos judeus. Exercia suas funções sob o templo, perto da ponte que conduzia à cidade alta.

Que razões levaram o Sinédrio a condenar Jesus à morte?

"A espera de um futuro rei messiânico pelos antigos profetas judeus", escreve o Prof. Martin Noth, "havia se transformado, durante o longo período de domínio estrangeiro, na espera de um libertador político; e quanto mais crescera a revolta contra o regime romano no país, mais se reforçara a imagem de um messias que venceria a odiada potência estrangeira. Visto segundo essa concepção, não se podia esperar que Jesus de Nazaré fosse o messias... Se Jesus de Nazaré não era o messias, o 'Cristo' então devia ser um farsante, um impostor. E, se era um perigoso farsante e impostor, então tinha de ser eliminado para segurança e sossego da comunidade religiosa de Jerusalém... O fato de Jesus, no interrogatório a que foi submetido, haver declarado ser o messias — o que, com base nas palavras do Velho Testamento, equivalia a Filho de Deus —, era

suficiente para condená-lo por flagrante sacrilégio."

De acordo com o direito consuetudinário, a sentença tinha de ser confirmada pelo procurador romano, a quem competia o chamado *ius gladii*; só ele podia ainda permitir a execução. O procurador da Judéia era Pôncio Pilatos ⁽¹²⁶⁾.



Figura 72 : Moeda do procurador romano Pôncio Pilatos.

Contemporâneos como Flávio Josefo e Filon de Alexandria chamaram-no exator, tirano, explorador e homem corrupto: "Era cruel, a sua frieza de coração não conhecia a misericórdia. No seu tempo reinavam na Judéia a corrupção e a violência, o roubo, a opressão, as humilhações, as execuções sem processo legal e crueldade sem limites" ⁽¹²⁷⁾. Que Pilatos odiava e desprezava os judeus ficou comprovado repetidamente e sem nenhuma dúvida.

Pilatos deve ter percebido imediatamente que o acusado Jesus constituía objeto de ódio acirrado da parte dos fariseus. Só isso bastaria para rejeitar as acusações e pô-lo em liberdade. Com efeito, a princípio ele o declarou inocente sem hesitação: "*Pilatos disse aos príncipes dos sacerdotes e ao povo: Não encontro neste homem crime algum*" (Lucas 23.4).

Mas a multidão, industriada e instigada pelos membros do Sinédrio, insistiu ruidosamente em sua exigência: Crucifica-o! Pôncio Pilatos cedeu.

O Evangelho de São João contém uma declaração convincente:

"Porém os judeus gritavam, dizendo: Se soltas este, não és amigo de César; porque todo o que se faz rei é contra César" (João 19.12).

Para Pilatos, isso constituía uma perigosa ameaça política, que correspondia a dizer: Roma será informada de que relaxaste a tua administração, de que libertaste um revoltoso. "Fazer-se rei" era alta traição contra o imperador

romano; segundo a Lex Julia, a pena era... a morte. Pilatos recuou diante dessa clara ameaça. Ele não havia esquecido que os judeus já uma vez a tinham levado a efeito.

Segundo informa Filon de Alexandria, Pôncio Pilatos levou para Jerusalém o escudo de ouro com o nome do imperador e mandou pendurá-lo no palácio de Herodes, no meio da cidade. Era uma grave infração dos direitos que Roma garantira à comunidade religiosa judia, uma provocação. Recusou com desdém atender ao pedido de que o escudo fosse retirado da Cidade Santa. Diante disso, os judeus foram a Roma e obtiveram a confirmação de seu direito. O próprio Imperador Tibério ordenou que fosse retirado o escudo de ouro. Por causa desse e de outros atos arbitrários que contrariavam a política colonial romana, o prestígio de Pôncio Pilatos em Roma havia caído muito na época do processo.

"Pilatos, pois, tendo ouvido essas palavras, conduziu Jesus para fora, e sentou-se no seu tribunal, no lugar que se chama litostroto, e em hebraico gabbatha... Então entregou-lho para que fosse crucificado" (João 19.13 e 16).

Do tribunal de Pilatos em que aconteceu essa cena sobreviveu à destruição de Jerusalém no ano 70 d.C. o próprio litostroto. Sua descoberta deveu-se a longos anos de trabalho do arqueólogo Padre L. H. Vincent, que a conseguiu graças aos dados preciosos do Evangelho de São João.

"Litostroto" em grego quer dizer "pavimento". O aramaico "*gabbatha*" equivale a "terreno elevado".

Junto ao muro noroeste do templo, elevava-se no tempo de Cristo sobre uma colina de rocha, portanto num "terreno elevado", o poderoso Forte Antônia. Fora construído por Herodes I, que assim o chamara em honra de um amigo. A guarnição romana havia estabelecido aí o seu quartel. No ano 70 d.C., durante a conquista de Jerusalém, Tito mandou demolir o Forte Antônia. Sobre suas ruínas fizeram-se posteriormente novas construções.

No lugar exato onde ficava o pátio do Forte Antônia, Vincent conseguiu descobrir um pavimento plano, com dois mil e quinhentos metros quadrados, de construção romana típica da época de Jesus.

Aí esteve Jesus diante de Pilatos, enquanto lá fora a multidão rugia.

Nesse pavimento aconteceu também o açoitamento (João 19.1), que precedia sempre a crucificação, segundo observa Josefo expressamente duas vezes. Para executar esse horrível castigo, despiam o corpo e vergastavam-no até que a carne pendia em talhadas sangrentas. Depois os soldados romanos apoderaram-se de Jesus a fim de executar a sentença da crucificação. Cícero chama-lhe "a mais cruel e atroz das condenações à morte", e Josefo considera-a a "mais lamentável de todas as penas de morte". O sistema de punições judaico desconhecia essa pena tipicamente romana.

Já no tribunal manifestou-se a malignidade da soldadesca contra Jesus: "*Vestem-no de púrpura, e cingem-lhe a cabeça com uma coroa entretecida de*

espinhos' (Marcos 15.17).

Até hoje os botânicos não conseguiram chegar a um acordo sobre essa planta. Sabe-se apenas com certeza que a "coroa de espinhos de Cristo"⁽¹²⁸⁾ conhecida atualmente na Europa e nos Estados Unidos, não tem nada a ver com a coroa de espinhos da Bíblia. "É nativa de Madagascar e desconhecia-se completamente no tempo de Jesus", declara o botânico americano Dr. Harold Moldenke. Muitos outros sábios admitem que a coroa de espinhos foi entretecida com o "espinheiro-de-cristo"⁽¹²⁹⁾ sírio, daí o seu nome. O espinheiro-de-cristo sírio é um arbusto ou pequena árvore de três a cinco metros de altura, com ramos brancos flexíveis; as estípulas de suas folhas têm cada uma três fortes espinhos voltados para trás. Segundo o botânico Dr. G. E. Post, essa planta cresce nos arredores da antiga Jerusalém, sobretudo no lugar em que devia ser o Gólgota.

O caminho do tribunal ao Gólgota foi misericordiosamente curto, *"porque estava perto da cidade o lugar onde Jesus foi crucificado"* (João 19.20), junto da estrada principal que dava acesso a Jerusalém por noroeste. Um peregrino de Bordéus, que visitou Jerusalém no ano 333, mencionou expressamente "a pequena colina do Gólgota"⁽¹³⁰⁾ onde Nosso Senhor foi crucificado".

"E davam-lhe a beber vinho misturado com mirra; mas não o tomou" (Mateus 15.23). Esse ato de misericórdia é referido repetidamente em outras circunstâncias. Assim se diz numa antiga Baraíta judia: "Àquele que é conduzido para a morte dá-se a beber num copo de vinho um pouco de incenso para atordoá-lo... As dignas mulheres de Jerusalém costumavam ministrá-lo espontaneamente". Moldenke, pesquisador da flora bíblica, opina a respeito: "O vinho com mirra foi oferecido bondosamente a Jesus antes da crucificação para mitigar-lhe o sofrimento, como antes do tempo da anestesia se davam bebidas inebriantes aos pacientes por ocasião de grandes operações".

Mas Jesus afastou a bebida e suportou com inteira consciência as dores de ser pregado na cruz.

"Era a hora tércia quando o crucificaram" (Marcos 15.25). Pelo nosso horário, a "hora tércia" correspondia às nove horas da manhã do antigo Oriente. "E a hora nona", isto é, às três horas da tarde, consumou-se a tragédia. *"Mas Jesus, dando um grande brado, expirou"* (Marcos 15.34 e 37).

De que morreu Jesus? Pesquisas feitas nos últimos anos em Colônia têm procurado dar uma resposta a essa pergunta, do ponto de vista médico. Se penduramos uma pessoa pelas duas mãos, o sangue desce com grande rapidez para a metade inferior do corpo. Seis a doze minutos depois a pressão arterial cai à metade e as pulsações duplicam. O coração recebe pouco sangue e o resultado é o desfalecimento. Em consequência da circulação sanguínea insuficiente no cérebro e no coração, dá-se rapidamente um colapso ortostático. A morte na

cruz é portanto um colapso cardíaco [\(131\)](#).

Afirma-se que os crucificados só morriam após dias na cruz ou ainda mais tarde. Muitas vezes, colocava-se no madeiro vertical da cruz um pequeno apoio para os pés, chamado *sedile* (assento) ou *cornu* (corno). Se o crucificado, em sua angústia, apoiava-se de vez em quando no *sedile*, o sangue subia de novo à parte superior do corpo e o princípio de desfalecimento desaparecia. Quando se queria acabar finalmente com o sofrimento do crucificado, recorria-se ao *crurifragium*: quebravam-se-lhe os joelhos a golpes de bastão. Então, não podendo mais apoiar-se nos pés, ele morria rapidamente de insuficiência cardíaca.

Jesus foi poupado ao *crurifragium*. "Foram, pois, os soldados, e quebraram as pernas ao primeiro e ao outro que com ele fora crucificado. Mas, quando chegaram a Jesus, tendo visto que já estava morto, não lhe quebraram as pernas" (João 19.32, 33).

Os judeus tinham ido pedir a Pilatos que se praticasse o *crurifragium*, pois era "*a vigília do sábado*" (Marcos 15.42; Lucas 23.54) e também o dia de descanso da parasceve. Pela lei judaica, os crucificados não podiam passar a noite na cruz (Deuteronômio 21.23). E às seis horas começava o sábado da semana da Páscoa, durante a qual estava interdita qualquer execução. A proximidade da grande festa explica a maneira como foram precipitados os acontecimentos do dia — a prisão noturna, o julgamento, a execução e o sepultamento de Jesus, tudo em poucas horas. O caminho que vai hoje do Arco do Ecce Homo, onde se localizava o tribunal de Pilatos, até o Santo Sepulcro, passando pela estreita Via Dolorosa, mede exatamente mil passos.

O Imperador Constantino mandou construir no ano 326 uma magnífica torre sobre o então redescoberto sepulcro de Jesus. Colunas ricamente adornadas sustentavam um teto de traves douradas, como testemunham antigos diários de peregrinos e obras ilustradas dos primeiros tempos cristãos. Hoje, a Igreja do Sepulcro está cheia de uma confusão de capelas obscuras. Cada confissão cristã conseguiu um cantinho para o seu culto nos santos lugares da cristandade.

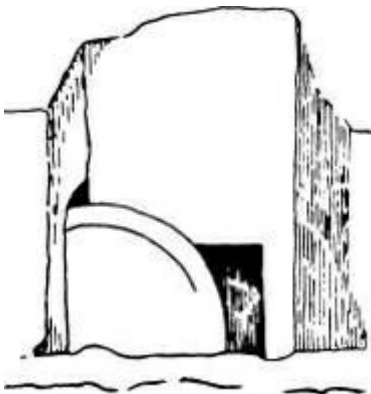


Figura 73: Num túmulo assim, fechado por uma mó, que não é raro na Palestina, foi sepultado Jesus Cristo.

Na Capela do Santo Sepulcro há uma escada muito gasta que desce a uma profunda gruta aberta na rocha, onde foi cavada uma sepultura de dois metros de comprimento — o sepulcro de Jesus!

Descobriram-se mais de mil túmulos daquele tempo na Palestina, todos necrópoles, túmulos de família. Este, porém, era um túmulo individual. Segundo descrição dos Evangelhos, Jesus foi o primeiro a ser sepultado numa grande câmara tumular: *"E José, tomando o corpo, envolveu-o num lençol branco. E sepultou-o no seu sepulcro novo, o qual ele tinha aberto numa rocha. E rolou uma grande pedra para diante da boca do sepulcro, e retirou-se"* (Mateus 27.59, 60).

Uma pergunta se fez repetidamente no passado: como é possível que, fora dos livros do Novo Testamento, não haja qualquer notícia contemporânea sobre esse acontecimento? "A história universal não colheu na época nenhuma notícia sobre ele (Jesus de Nazaré)", escreve o Prof. Martin Noth em sua notável *História de Israel*: "Por um breve momento, o seu aparecimento comoveu os ânimos em Jerusalém; depois, esse episódio foi relegado ao passado, e a gente começou a ocupar-se de coisas aparentemente mais importantes. E contudo aquilo constituíra uma última e definitiva decisão na história de Israel. Só quando os adeptos de Jesus se apresentaram historicamente ao mundo, seu nome

começou a ser mencionado".

Nas *Antigüidades judaicas*, obra escrita nos últimos decênios do primeiro século da nossa era, ao mencionar a primeira comunidade cristã de Jerusalém, Josefo fala de "Jesus, que foi chamado o Messias"⁽¹³²⁾. O historiador romano Tácito também menciona Jesus expressamente nos *Anais*⁽¹³³⁾ para explicar o nome *christiani*: "Cristo, de quem seu nome deriva, foi sentenciado à morte pelo procurador Pôncio Pilatos, no tempo do Imperador Tibério".

Entretanto, a menção mais importante que se conserva é a do romano Suetônio⁽¹³⁴⁾ ao descrever um movimento messiânico durante o reinado de Cláudio, que foi imperador de Roma de 41 a 54. Diz Suetônio em sua biografia do Imperador Cláudio: "Ele expulsou de Roma os judeus, que faziam grande alarido por causa de *Chrestus*". O escritor Orósio refere que essa expulsão teve lugar no ano 9 do reinado de Cláudio — portanto no ano 49 d.C. —, provando que entre quinze e vinte anos depois da crucificação já existia uma comunidade cristã em Roma.

A esses testemunhos romanos vem juntar-se uma referência surpreendente dos Atos dos Apóstolos. Com efeito, quando Paulo seguiu de Atenas para Corinto, encontrou ali "*um judeu, chamado Áquila, natural de Ponto, que pouco antes havia chegado da Itália, e Priscila, sua mulher (pelo motivo de Cláudio ter mandado sair de Roma todos os judeus)*" (Atos 18.2).

Contudo, cumpre mencionar que são bastante problemáticos os escassos depoimentos extrabíblicos a respeito de Jesus. Embora haja nexos fonéticos entre as vogais gregas "e" (longo) e "i" (o chamado "etacismo"), e "*Chrestos*" (significando, mais ou menos, "o hábil", "o prestimoso", "o bom") possa perfeitamente ser confundido com "Cristo" ("o ungido", tradução grega da palavra hebraica "*messias*"), em absoluto não se tem certeza de que os tumultos e agitações messiânicas em Roma, mencionados por Suetônio em sua biografia do Imperador Cláudio, de fato estavam relacionados com Jesus. Todavia, deve ser considerado como uma falsificação o trecho anteriormente citado de Josefo, pois com seus matizes positivistas, concordantes, não combina a atitude básica, antimessiânica, assumida por Josefo; tampouco se coaduna com o teor dos textos em cujo meio se encontra e que falam de nacionalistas judeus, rebeldes, indivíduos condenáveis aos olhos de Josefo. Da mesma forma, a sua composição interna não é típica do modo de compor do próprio Josefo, mas antes se inseriria no esquema da anunciação do evangelista Lucas. Por sua vez, o comentário de Tácito é pouco expressivo; contudo, confirma a existência de cristãos, que derivaram o seu nome do próprio Cristo — do Cristo executado durante o reinado do Imperador Tibério (14-37 d.C), sob o procurador Pôncio Pilatos. Mas fica aberta a questão se o próprio Tácito considerou esse evento como autêntico. O único fato concreto, a ser deduzido com segurança, é o da existência de uma

comunidade cristã, em Roma, com tradições que concordam em certos pontos com as descritas no Novo Testamento, nos tempos do Imperador Nero (54-68 d.C.), cuja perseguição aos cristãos motivou Tácito a escrever o comentário em questão.

Ademais, o ano da morte de Jesus é tão controvertido quanto o do seu nascimento, do qual somente podemos dizer que se situaria a qualquer tempo entre o ano 7 a.C e o ano 7 d.C Por outro lado, a diferença é menos acentuada para o ano da morte, indicado por cientistas modernos, pois, segundo a opinião vigente, entram em cogitação, principalmente, os anos 29-30, 32 e 33 d.C.; para estimativas cautelosas, há todo o decênio do mandato de Pôncio Pilatos (26-36 d.C.) como moldura para aquela data fatídica (o sumo sacerdote Caifás exerceu o seu cargo de 18 a 37 d.C).

Há discordância inclusive quanto ao dia do processo movido contra Jesus e o dia da execução da sentença, pois, ao serem verificados os dados cronológicos dos três chamados "sinópticos" (os evangelistas Mateus, Marcos e Lucas) e comparados com os de João, resulta a diferença de um dia; quanto à hora da morte de Jesus, os dados disponíveis são ainda menos concordes.

Ademais, os evangelistas entremearam o relato da crucificação de Jesus com tantas citações do Velho Testamento, que até se poderia chegar a duvidar da sua morte na cruz. Será que aquela fatalidade toda, terrível, foi tramada somente em função de nexos transversais, intersticiais, da Bíblia? E tampouco deve ser esquecido mais outro detalhe: em absoluto, Jesus não foi a primeira deidade a ser pregada na cruz! Já bem antes dele houve deuses da fecundidade que sofreram, martirizados em situação idêntica. Por exemplo, em Berlim há um amuleto minúsculo, mostrando um crucificado, com a constelação das Plêiades, a Lua e a inscrição "*Orpheos Bakkikos*", cujo aspecto impressiona como surpreendentemente cristão. Isso vale também para a efígie de Mársias suspenso, no Museu Capitolino, em Roma.

Por outro lado, sabemos que de fato houve crucificações. Sabemos, igualmente, quem ordenava e quem sofria essa modalidade atroz de pena de morte. Aliás, os rolos manuscritos do mar Morto comentam como escandaloso o edito de Alexandre Janeu, rei dos asmonianos (103-76 a.C.), ordenando uma crucificação em massa. E, evidentemente, essa modalidade de pena máxima foi aplicada, sobretudo, pelos romanos a membros de povos subjugados que desobedeciam às leis romanas, bem como a escravos. Ademais, estudou-se a eventual causa da morte de um crucificado e por quanto tempo ele teria a possibilidade duvidosa de continuar vivendo, depois de ser pregado na cruz.

Houve discordância também a respeito de certos detalhes da execução daquela sentença desumana; nisso a ciência valeu-se de um achado macabro, feito casualmente em uma colina chamada Givat Hamivtar, na periferia leste de

Jerusalém. Dois cientistas israelenses, o arqueólogo Vassilios Tzaferis e o patologista Nicu Haas, referendaram aquele achado, do qual o jornalista americano e autor de livros especializados, Jerry M. Landay, tratou, de maneira bastante abrangente, no seu livro "bíblico-arqueológico" *Cidades caladas — Pedras sagradas*. Aconteceu no verão de 1968. No decurso de obras de construção, um trator operando na vertente da colina Givat Hamivtar atingiu túmulos datando do período entre o início do reinado de Herodes, o Grande (37 a.C), e a destruição do templo herodiano (70 d.C); por conseguinte, os defuntos ali enterrados deveriam ter sido contemporâneos de Jesus. O nome de um dos mortos era Johanan ben Ha'galgol. Horrorizados, os pesquisadores constataram que seus pés estavam separados dos ossos esmagados de suas pernas e colocados, um em cima do outro, presos por um prego enferrujado atravessando as articulações de ambos. Naquele prego ainda havia restos de madeira, restos de uma placa de madeira. Atrás dos calcanhares de Johanan, o prego entortou, presumivelmente, ao passar por material mais duro e resistente. Ademais, os antebraços de Johanan mostravam indícios de terem sido pregados na cruz; durante a agonia de Johanan, o perióstio descascou de encontro aos pregos com a força do corpo, contorcendo-se em convulsões indizivelmente torturantes. Esse achado mereceu atenção especial, como não podia deixar de ser. Vassilios Tzaferis e Nicu Haas levantaram a pergunta óbvia: será que os ferimentos sofridos por Johanan permitiriam deduzir o tipo de madeira usado na tortura e como o corpo foi nela pregado? E, de fato, os pregos não atravessaram a palma das mãos, como costumam mostrar todas as efígies de Cristo Crucificado, mas sim os antebraços, logo acima das juntas das mãos. Presumivelmente, era essa a forma usada na execução da sentença de morte por crucificação, pois do contrário as mãos perfuradas e pregadas na cruz não teriam suportado o peso do corpo do crucificado agonizante, que, retorcendo-se em convulsões e contrações, teria feito com que se rasgassem. (Aliás, esse ponto foi confirmado pelas experiências realizadas pelo médico parisiense Dr. Barbet, em relação ao "sudário de Turim", do qual se falará no próximo capítulo; também o crucificado que teve a impressão do seu corpo estampada naquele sudário não foi pregado pelas mãos, ao contrário das convenções artísticas observadas em todas as representações da Crucificação.) Todavia, no caso de Johanan ben Ha'galgol, a norma romana para tais execuções em um só ponto deixou de ser seguida: foi levantada a pergunta se o *crurifragium*, a quebra da canela com um objeto sem gume, seria um ato de tortura adicional, ou, pelo contrário, um "benefício", o "golpe de misericórdia", visto que, após a sua aplicação, o crucificado baqueava e morria mais depressa. No caso de Johanan ben Ha'galgol não se aplicou somente tal "benefício", pois das pernas esmagadas ainda foram cortados os pés, junto com o prego e a placa de madeira...

O sudário de Turim

Despojo de Constantinopla — Descoberta feita no negativo fotográfico — Provas realizadas por médicos legistas — Uma prova científica da autenticidade

Tomaram, pois, o corpo de Jesus, e envolveram-no em lençóis com aromas, segundo a maneira de sepultar usada entre os judeus (João 19.40).

No ano 1204, os cruzados da Quarta Cruzada tomaram a cidade de Constantinopla. O historiador Roberto de Clari, falando a respeito, refere-se a um francês, Otto de la Roche, a quem coube como peça de despojo um lençol de linho. Esse lençol, que media um metro e dez de largura por quatro metros e trinta e seis centímetros de comprimento, tinha uma característica muito especial: apresentava sinais de sangue e suor. Depois de longo exame, acabou-se por se distinguir nele, vagamente, os contornos de um corpo humano de um metro e oitenta de altura aproximadamente.

Otto de la Roche levou o lençol consigo para a França.

Cento e cinquenta anos depois, esse pano encontrava-se em Besançon, onde era venerado como o sudário de Cristo. Durante um incêndio escapou de ser devorado pelas chamas, conservando alguns vestígios do fogo, e desde então pode-se acompanhar o seu trajeto.

Quando irrompeu a peste em Milão, São Carlos Borromeu, que era então bispo dessa cidade, realizou, segundo promessa que fizera, uma peregrinação ao sudário, que fora mandado do sul da França para Turim, onde se encontra até hoje.

Até o século V ou VI, o lençol deve ter-se encontrado em Jerusalém.

Segundo a mesma tradição, era aquele em que José de Arimatéia envolveu o corpo de Cristo.

Essa tradição não pode ser considerada uma prova histórica autêntica. Ocorre, além disso, existirem mais dois sudários que se afirma serem de Cristo.

O mais famoso é o de Santa Verônica. Segundo a lenda, a santa o entregou a Cristo no caminho do Calvário, recebendo-o de volta com a impressão do seu rosto.

Autêntica seria também a imagem em poder do Rei Abgar V, de Edessa (Antioquia). Mas o teólogo e historiador Chevalier encontrou nos arquivos papais uma prova em contrário, por assim dizer, num documento datado de 1389, cujo texto declara que um artista pintou um sudário desses. Quando isso se tornou conhecido, o sudário de Turim passou a ser considerado uma cópia desse pintor, e assim perdeu aos olhos de quase todos os historiadores interessados o seu valor

como o possível documento contemporâneo.

Aí teria morrido o assunto se, em 1889, não se houvesse renovado o interesse pelo lendário lençol. O progresso da técnica tornou possível a primeira fotografia do sudário de Turim. Foi quando apareceu algo de notável. No negativo da placa fotográfica, as impressões em branco e preto apareceram invertidas, surgindo claramente da obscuridade os misteriosos traços fisionômicos de um rosto.

Técnicos de todo o mundo estudaram a sensacional fotografia. Os peritos em arte consultados verificaram, além disso, que a imagem em negativo era surpreendentemente realista, anatomicamente correta. Com efeito, os traços fisionômicos do lado direito e do lado esquerdo diferiam, como diferem em todos os homens. Os artistas do princípio da Idade Média certamente não percebiam essas irregularidades. Algumas provas realizadas com pintores demonstraram que nenhum artista era capaz de conceber nem de pintar com exatidão um rosto humano em negativo, tomado do natural.

O sudário de Turim não podia ser uma falsificação: era indubitavelmente a impressão de um rosto humano. Até os peritos em arte, que negavam a autenticidade do lençol, admitiram que não era possível pintá-lo em negativo; que ninguém podia realizar semelhante coisa.

Depois dessa descoberta sensacional, os naturalistas começaram também a interessar-se pelo lençol. Grande número de sábios de especialidades diferentes puseram-se a pesquisar. Após um decênio de estudos, experiências e investigações, os trabalhos chegaram a uma conclusão segura. Existem agora resultados concretos e muito concludentes. É tudo um mosaico de intermináveis e pacientes estudos destinados a esclarecer a questão:

Como surgiu o lençol?

O primeiro a se ocupar com a experiência de obter a impressão de um corpo em linho foi o Prof. Vignon, de Paris. Pôs uma toalha polvilhada de aloés em contato com um cadáver... mas não foi bem sucedido, porque parecia ser impossível evitar fortes distorções. Os médicos legistas italianos, professores Judica, de Milão, e Romanese, de Turim, obtiveram melhores resultados. Eles se guiaram em suas experiências pela narrativa bíblica que indica o método adequado: *"Nicodemos... foi também, levando uma composição de quase cem libras de mirra e de aloés. Tomaram, pois, o corpo de Jesus, e envolveram-no em lençóis com aromas, segundo a maneira de sepultar usada entre os judeus"* (João 19.39, 40). Uma longa série de experiências revelou que o corpo morto devia ser polvilhado e o pano umedecido com óleo aromático. Assim se obtinham impressões fiéis, sobretudo quando o cabelo impedia que o pano aderisse lateralmente à cabeça. Os resultados das experiências dos dois italianos apresentam a mais profunda concordância.

A impressão da tela de Turim revela tumefações no rosto. Podem ser devidas a pancadas. *"E outros deram-lhe bofetadas no rosto"* (Mateus 26.27). Na frente e

na nuca reconhecem-se claramente manchas de sangue.

"E os soldados, tecendo uma coroa de espinhos, puseram-lhe sobre a cabeça" (João 19.2). Também no tronco são visíveis pequenas inchações.

"Pilatos, pois, tomou então Jesus, e mandou-o açoitar" (João 19.1). Além disso, podem se reconhecer vestígios do sangue no corpo. São devidos a feridas de cravos nas mãos, nos pés e também a uma ferida no lado direito do tórax... *"... mas um dos soldados abriu-lhe o lado com uma lança, e imediatamente saiu sangue e água"* (João 19.34).

O médico parisiense Dr. Barbet deu-se ao trabalho de estudar essas feridas com grande minúcia. Aí também o resultado foi surpreendente. As feridas não correspondem às representações artísticas correntes.

O sudário de Turim permite reconhecer os lugares exatos dos cravos que não foram pregados nas palmas das mãos e sim nos pulsos. As representações artísticas são falsas do ponto de vista físico e médico. Também aqui uma experiência extraordinária decidiu em favor do sudário.

O Dr. Barbet pregou um morto numa cruz; as feridas dos cravos nas palmas das mãos rasgaram-se quando o peso do corpo atingiu quarenta quilos. No pulso, entretanto, há um largo tendão transversal suficientemente forte para agüentar o peso do corpo humano. Os médicos distinguiram, nas marcas das feridas, que a tela apresentava dois tipos de sangue: sangue saído do corpo ainda vivo — esses vestígios encontram-se na cabeça, nas mãos e nos pés — e sangue de cadáver procedente da ferida feita no lado do tórax e também nos pés.

Até aqui testemunharam as ciências físicas e naturais. Falta ainda, contudo, responder a esta pergunta: de quem foi o corpo envolto nesse sudário e quando isso aconteceu?

Parte II - Do tempo dos apóstolos

Nas pegadas de Paulo

Fabricante de panos de tenda em Tarso — Um arco de triunfo em Antioquia — Galácia, província romana — Wood faz escavações em Éfeso — No templo de Ártemis — As ruínas da Porta de Filipos — Na antiga Corinto — Mercado de carne com tubos refrigeradores — A "Sinagoga dos Judeus" — Paulo é levado preso para Roma.

...E me sereis testemunhas em Jerusalém, e em toda a Judéia, e na Samaria, e até as extremidades da Terra (Atos 1.8).

"Eu na verdade sou um judeu, natural de Tarso da Cilícia", disse sobre si mesmo Paulo, que pertencia a uma família de fabricantes de tendas (Atos 21.39,

18.3). Tarso, uma cidadezinha de vinte mil habitantes, situada ao pé das montanhas do Tauro, no sul da Turquia, não conserva nada mais do seu antigo esplendor. Paulo elevava a sua cidade às nuvens e com razão. De fato, uma inscrição chama a Tarso "a grande e esplêndida metrópole da Cilícia", e o geógrafo grego Estrabão ⁽¹³⁵⁾ refere que existia em Tarso uma academia que ombreava em importância com a de Atenas ou a de Alexandria. O famoso professor do Imperador Augusto, o filósofo Atenodoro, era filho dessa cidade. De tudo isso resta apenas a fabricação de tendas. A matéria-prima é fornecida, como no tempo de Paulo, por rebanhos de cabras, que, nas montanhas do Tauro, que ficam cobertas de neve até o mês de maio, criam um belo e maravilhoso pelame.

Longas viagens por mar e por terra, como as que Paulo empreendeu, não ofereciam dificuldades no seu tempo, ou, pelo menos, não eram coisa extraordinária. As estradas romanas eram na sua classe as melhores que a Europa ocidental conheceu antes de começar a construção das estradas de ferro no século XIX. Na inscrição do túmulo de um negociante de Frígia, no coração da atual Turquia, menciona-se orgulhosamente que, durante a vida, ele fez setenta e duas viagens a Roma. As "estradas imperiais", muito movimentadas e bem conservadas, eram providas de estações para a muda de carruagens e cavalos. Albergues e hospedarias ofereciam repouso e alimento ao viajante. Uma polícia especial incumbia-se da segurança das estradas contra os ataques dos bandidos.

A extraordinária rede de estradas do gigantesco império — uma obra-prima da técnica e da organização dos romanos — e a língua grega, que Paulo podia usar em toda parte por onde ia, contribuíram tanto para a rápida propagação do cristianismo como para a diáspora ramificadíssima das comunidades judias. "Jerusalém não é só capital da Judéia", diz o rei judeu Herodes Agripa ^I ⁽¹³⁶⁾ numa carta dirigida ao Imperador Calígula, "mas também da maioria dos países do mundo, em virtude das colônias, que no devido tempo enviou para os países vizinhos."

Já no século passado alguns sábios se dedicaram à procura das cidades da Ásia Menor cujos nomes se tornaram familiares à comunidade cristã através da leitura dos Atos dos Apóstolos e das cartas de Paulo. Onde seriam os lugares a cujos habitantes foi dirigida a famosa "Epístola aos Gálatas"?

Em 1833, Francis V. J. Arundell, capelão inglês de Smirna, descobriu a antiga "*Antioquia da Pisídia*" (Atos 13.14) perto da cidade turca de Jalobatsch. Ao norte do Tauro, no vale dominado pelo majestoso cenário no monte do Sultão Dagh, erguem-se os arcos imponentes de um viaduto.

No começo da década de 20, alguns sábios da Universidade de Michigan detiveram-se maravilhados diante dos restos de uns monumentos

arquitetônicos de singular beleza. No centro da cidade antiga, as pás puseram a descoberto um largo lance de escadas sobre o qual se erguiam três arcos de triunfo. Relevos maravilhosos descreviam a vitória do Imperador Augusto em terra, um friso com Poseidon, tritões e delfins recordava a vitória marítima de Augusto em Áccio. Nos bairros romanos encontravam-se ainda as mesas de jogo em que a soldadesca matava as horas de ociosidade. Os pesquisadores encontravam-se ali diante da tão citada Antioquia, onde Paulo fundara uma comunidade em sua primeira viagem como missionário (Atos 14.21).

E eles "foram para Ikonion... para Listra e Derbe... e para toda aquela região em circuito, e aí pregaram o Evangelho" (Atos 14.6, 7).

Konya, cem quilômetros a sudeste de Antioquia e estação principal da estrada de ferro de Anatólia, é a antiga *Ikonion*, centro da atuação de Paulo. Em 1885, o professor inglês J. R. Sillington Sterett descobriu nas montanhas, quarenta quilômetros mais para o sul, os restos de um altar. Uma grossa placa de pedra tem uma inscrição latina que refere que nesse lugar houve uma colônia romana.

Sterett conseguiu decifrar o nome "Lustra"[\(137\)](#).

A um dia de viagem dali, Sterett descobriu também a antiga *Derbe*.

As quatro cidades, Antioquia, Ikonion, Listra e Derbe, pertenciam no tempo de Paulo à província romana de Galácia.

Em Chipre, na antiga cidade de Pafos, veio à luz uma inscrição romana. Nela se menciona aquele procônsul Sérgio Paulo que nos Atos dos Apóstolos é descrito como "*homem prudente*" (Atos 13.7). Até os turbulentos acontecimentos de Éfeso descritos no Novo Testamento adquirem forma graças ao incansável trabalho dos arqueólogos.

"Porque um certo ourives de prata, chamado Demétrio, que fazia de prata uns pequenos templos de Diana, dava não pouco ganho aos seus artífices. Convocando ele estes e outros que trabalhavam em obras semelhantes, disse: Homens, vós sabeis que o nosso ganho nos vem desta indústria." E prosseguiu, para insulflar neles a revolta, "que não só em Éfeso, mas em quase toda a Ásia, este Paulo afasta muita gente", e pintou-lhes um quadro segundo o qual todos ficariam sem pão. "Grande é a Diana dos efésios!", exclamaram os outros. "E encheu-se a cidade de confusão... e arremeteram... ao teatro e arrebataram... os companheiros de Paulo" (Atos 19.24 a 29).

Essa narrativa despertou no arquiteto inglês J. T. Wood o desejo de procurar o templo de Ártemis[\(138\)](#) universalmente célebre na Antigüidade. Com efeito, o Museu Britânico pôs à sua disposição fundos para esse fim. No princípio de maio de 1863, Wood desembarcou na costa fronteiriça à ilha de Samos. Obcecado por seu objetivo, ele nunca o teria atingido se não tivesse sido tão incrivelmente constante. Durante sete anos, incansavelmente, Wood fez abrir um após outro poços profundos nos antigos lugares, entre os restos de antigas muralhas... em

vão. Por fim, começou a cavar no antigo anfiteatro, o "*teatro*" do tumulto, e encontrou a indicação que o poria no caminho certo.

Uma inscrição enumerava diversas estátuas de Ártemis, de ouro e prata, pesando de um a dois quilos e meio, oferecidas à deusa e as quais deviam encontrar-se no templo. A vaidade desse doador romano indicou a Wood o caminho certo, sem obstáculos, para o fim almejado. Com efeito, o doador, a fim de que a maior quantidade possível de gente pudesse admirar suas oferendas, estabelecera o caminho pelo qual as figuras deviam ser levadas em procissão solene, no dia dedicado à deusa, até a festa no anfiteatro, e trazidas de volta.

Deviam entrar pela porta de Magnésia... Wood procurou e encontrou a porta, seguiu o caminho descrito e achou-se, uma milha ao norte da cidade, no destino da procissão e, desse modo, no ponto que ele próprio tão obstinadamente havia procurado.

Sob sete metros de massas de entulho e terra encontrou um maravilhoso pavimento, seções de colunas gigantescas e enormes tambores de pedra ornados de esculturas: o templo de Ártemis!

Foi o famoso arquiteto alexandrino Dinocrates que projetou esse santuário, e Alexandre, o Grande, fê-lo executar com tal magnificência, que o templo de Diana veio a ser considerado uma das "sete maravilhas do mundo" da Antigüidade. A base media cento e vinte metros de comprimento por oitenta de largura, o teto era coberto de lajes de mármore branco e colunas de vinte metros de altura flanqueavam o caminho que conduzia ao interior do templo, prodigiosamente provido de esculturas, pinturas e decorações em ouro. Trinta e cinco anos depois, um compatriota de Wood, David G. Hogarth, pôs a descoberto sob o altar uma grande quantidade de estátuas da deusa, de bronze, ouro, marfim e prata, feitas por aqueles artesãos e seus serventes, que viram no Evangelho pregado por Paulo aos efésios uma ameaça ao seu ganha pão, e por isso gritaram para Demétrio: "*Grande é a Diana dos efésios!*"

... Procuramos partir para a Macedônia, certificados de que Deus nos chamava a ir lá evangelizar. Tendo-nos, pois, feito à vela de Tróade... (Atos 16.10, 11).

Lá onde imperou outrora a orgulhosa fortaleza de Príamo, tomou Paulo um navio de vela para a sua primeira viagem à Europa. E na cidadezinha pesqueira de Cavala [\(139\)](#) pisou em solo europeu, escolhendo o caminho pela antiga Via Egnatia para subir as selvagens montanhas da Macedônia com destino a Filipos.

Quem não se lembra daquelas palavras preches de infortúnios: "*Em Filipos nos tornaremos a ver!*", ao ouvir o nome desta cidade, onde em 42 a.C. as legiões de Antônio e do jovem Otávio obtiveram uma brilhante vitória sobre os assassinos de César, Bruto e Cássio, que haviam tentado salvar a República da ditadura? Mas a quem ocorre que foi diante dos muros de Filipos que Paulo conquistou para o cristianismo sua primeira comunidade em solo europeu?

Tendo por base os dados concretos dos Atos dos Apóstolos, os arqueólogos franceses puseram a descoberto essa colônia romana; encontraram de novo o antigo foro, o templo e edifícios públicos, as colunatas, as ruas pavimentadas e as praças com os canos de esgotos de águas pluviais ainda intactos. Na saída ocidental da cidade, erguia-se um portal em arco por cima da Via Egnatia que passava por ali e, pouco adiante, atravessava o estreito e rápido curso de água do Gangites. *"E no dia de sábado, saímos fora da porta, junto ao rio, onde parecia que se fazia oração"* (Atos 16.13). À margem do Gangites fez Paulo a sua primeira conversão, a de Lídia, negociante de púrpura.

Passando por Tessalonica [\(140\)](#) e Atenas, onde pregou pouco tempo, Paulo dirigiu-se para Corinto.

As dragas cortaram um estreito canal no istmo que ligava o Peloponeso à terra firme. Realizaram em 1893 o que já homens célebres da Antigüidade, Alexandre, o Grande, e Júlio César, haviam planejado. Em 63 d.C., Nero chegara mesmo a iniciar a execução desse projeto. Após um hino de louvor a Netuno, que ele mesmo acompanhou ao som da harpa, tirou as primeiras pazadas de terra com uma pá de ouro. Mas as escavações, para as quais eram mandados seis mil judeus da Palestina, foram logo interrompidas, porque surgiu o temor de que a abertura do canal inundaria todo o Peloponeso.

Três anos depois de o primeiro navio haver passado o novo canal, a American School of Classical Studies empreendeu a tarefa de procurar o célebre e importante centro de comércio e intercâmbio de Corinto, onde se encontravam as mercadorias do antigo Oriente e da Europa. Os arqueólogos seguiram aí também as pegadas de Paulo até os lugares que, se não fossem mudos, poderiam falar-nos sobre a sua atuação.

A *Via Lechaeum*, procedente do porto ocidental, ia até o coração da cidade de Corinto. Sob o majestoso arco da porta dos propileus ela desembocava na praça do mercado, a ágora. Aí ficava então, a oeste da *Via Lechaeum*, o bairro comercial, diante de cujas lojas havia colunatas que se estendiam até a escada do templo de Apolo. O que causou verdadeiro assombro aos americanos, imbuídos de idéias de higiene, foi um sistema de encanamentos que descobriram sob as casas que limitavam a praça do mercado magnificamente pavimentada. Ao que parece, conduzia das montanhas para as lojas um abastecimento constante de água fresca para refrescar os mantimentos de fácil deterioração. Com efeito, uma inscrição do tempo do Imperador Augusto, encontrada nesses lugares, fala expressamente de um "mercado de carne"! Nessas lojas, os cristãos de Corinto deviam fazer sem escrúpulos suas compras. *"... De tudo o que se vende na praça, comi..."*, escreveu Paulo à sua comunidade na Primeira Epístola aos Coríntios (10.25).

Na escada dos propileus, os pesquisadores decifraram as seguintes palavras numa pesada trave de pedra, em caracteres gregos claramente gravados:

"Sinagoga dos hebreus". Perto da *Via Lechaeum*, além das colunatas, devia ficar a casa em que Paulo pregava a nova doutrina. Pois ele *"disputava todos os sábados na sinagoga... e convencia judeus e gregos"* (Atos 18.4). Entre as ruínas das numerosas habitações, no mesmo bairro, devia se encontrar a casa de Tito Justo a quem Paulo procurou, *"que ficava contígua à sinagoga"* (Atos 18.7).

Os pesquisadores encontraram finalmente no mercado uma plataforma elevada que uma inscrição latina descrevia como a *"rosta"*, a sede do tribunal. *"Mas, sendo Galião procônsul da Acaia, os judeus, de comum acordo, levantaram-se contra Paulo e levaram-no ao tribunal, dizendo: Este persuade os homens a que adorem a Deus com um culto contra a lei."* Galião, entretanto, não queria julgá-lo *"e mandou-os sair do tribunal"* (Atos 18.12, 13 e 16).

A descrição detalhada da cena do tribunal serviu para fixar o momento exato em que Paulo esteve em Corinto. *Lucius Junius Annaeus Novatus Gallio* — este era o nome completo do procônsul — era digno filho de uma família altamente conceituada. Seu irmão Lúcio Aneu Sêneca, o grande filósofo romano e preceptor particular de Nero, dedicou-lhe dois livros⁽¹⁴¹⁾. O poeta Estácio chamou-lhe o "amável Galião". Na antiga Delfos apareceu uma carta do Imperador Cláudio, pela qual se depreende que Galião deve ter vivido em Corinto de 51 a 52 d.C. A carta contém a fórmula: "Como escreveu meu amigo e procônsul de Acaia⁽¹⁴²⁾ Lúcio Júnio Galião...", e é datada do princípio do ano 52. De acordo com um decreto de Cláudio, os funcionários recém nomeados tinham de partir em 1.º de junho de Roma para suas províncias; portanto, Galião devia encontrar-se em Acaia em 1.º de julho de 51. E Paulo *"demorou-se ali um ano e seis meses, ensinando entre eles a palavra de Deus"* (Atos 18.11), até que os judeus se irritaram contra ele e o levaram à presença do juiz. Há, portanto, grandes probabilidades de que o apóstolo tenha ido para Corinto no princípio do ano 50.

O fanático perseguidor dos cristãos, Paulo de Tarso, converteu-se ao cristianismo dois anos depois da crucificação de Jesus Cristo (Atos 6.3 e seguintes). Quase trinta anos depois, o grande catequista e propagador da doutrina de Jesus fez sua última viagem, desta vez como preso. Na Judéia, governava desde 61 o procurador Festo; foi ele quem mandou Paulo para Roma, sob a custódia do centurião Júlio, acusado de graves crimes (Atos 27.1). Aí Paulo teve permissão para ficar *"onde quisesse com um soldado a guardá-lo"* (Atos 28.16).

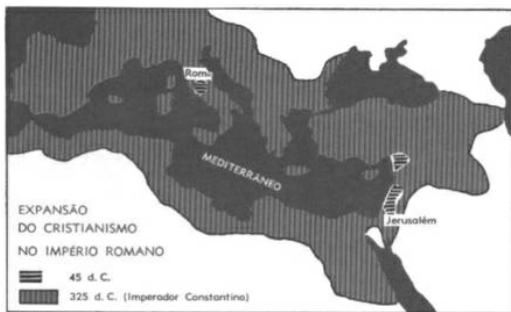


Figura 74

"Dois anos inteiros permaneceu Paulo num aposento que alugara, e recebia todos os que iam ter com ele, pregando o reino de Deus, e ensinando as coisas que são do Senhor Jesus Cristo, com toda a liberdade, sem proibição." Com estas palavras terminam os Atos dos Apóstolos.

Nas perseguições dos cristãos que começaram no tempo de Nero, Paulo sofreu o martírio e a morte. Na qualidade de cidadão romano, não morreu, como Pedro, na cruz, e sim pela espada.

A destruição de Jerusalém

Insurreição — A Guerra dos Judeus — Lutas na Galiléia — Tito, comandante supremo — Avançam oitenta mil romanos — Ordem de assaltar — Parada diante das portas da cidade — Quinhentas crucificações diárias — Circunvalação em torno de Jerusalém — O espectro da fome — Cai o Forte Antônio — O templo em chamas — A cidade é arrasada — Entrada triunfal em Roma

E, dizendo alguns, a respeito do templo, que estava ornado de belas pedras e de ricas ofertas, Jesus disse: Destas coisas que vedes, virão dias em que não ficará pedra sobre pedra, que não seja demolida. Quando virdes, pois, que Jerusalém é sitiada por um exército, então sabeis que está próxima a sua

desolação. Porque haverá grande angústia sobre a terra, e ira contra este povo. E cairão ao fio da espada, e serão levados cativos a todas as nações, e Jerusalém será calcada pelos gentios (Lucas 21.5, 6, 20, 23, 24).

Numerosas residências e castelos reais, cidades, palácios e templos, construções que tiveram seus fundamentos assentados no primeiro, no segundo e até no terceiro milênio antes de Cristo foram arrancados ao pó do passado, por vezes com metros de espessura, pelas pás e a intuição dos arqueólogos, em trabalho competente e árduo. A cidade e o templo de Jerusalém, de significação inapreciável para a posteridade, escaparam, porém, aos esforços dos pesquisadores; foram eliminados para sempre deste mundo. Porque, uma geração apenas depois da crucificação de Jesus, nos "dias da vingança" (Lucas 21.22), sofreram a sorte que Jesus lhes profetizara. O antigo Israel, cuja história não inclui a palavra e a obra de Jesus, a comunidade religiosa de Jerusalém, que condenou e fez crucificar Jesus, foram aniquilados num inferno como talvez não haja exemplo na história, na "Guerra dos Judeus", de 66 a 70 d.C.

Cada vez mais se elevavam as vozes contra a odiada Roma. Ao partido dos zelotes afluíam fanáticos e rebeldes que reclamavam incansavelmente a supressão do domínio estrangeiro; cada um deles levava um punhal escondido debaixo do manto. Seus atos de violência alarmavam o país. Os abusos de força dos procuradores romanos tornavam a situação ainda mais delicada; aumentavam cada vez mais os partidários dos radicais.

A crescente indignação estourou em franca revolta em maio de 66, quando o procurador Floro exigiu dois talentos do tesouro do templo. A guarnição romana foi atacada, e Jerusalém caiu em poder dos rebeldes. A lei que se seguiu imediatamente, proibindo o sacrifício diário a César, significava uma declaração de guerra aberta à grande potência de Roma. A anã Jerusalém arrojou com arrogância a luva do desafio aos pés do *Imperium Romanum*!

Foi o sinal para todo o país; por toda parte se ateou a rebelião. Floro não era mais senhor da situação. O governador da província da Síria, C. Céstio Galo, marchou em seu socorro com uma legião e numerosas tropas auxiliares, mas foi obrigado a retirar-se com pesadas perdas. Os revoltosos dominavam o país.

Na certeza de que Roma ia contra atacar com toda a sua força, os judeus fortificaram as cidades a toda a pressa, repararam as muralhas antigas e nomearam chefes militares. José, que veio a ser mais tarde o historiador Flávio Josefo, foi nomeado chefe militar da Galiléia. Do lado romano, o Imperador Nero confiou o alto comando ao brilhante e experimentado General Tito Flávio Vespasiano, que muito se havia distinguido na conquista da Bretanha.

Acompanhado por seu filho Tito, caiu sobre a Galiléia pelo norte com três legiões de elite e numerosas tropas auxiliares.

As povoações situadas junto ao lago de Genesaré, onde poucos decênios antes Jesus havia pregado aos pescadores, assistiram às primeiras carnificinas. Até outubro de 67, já fora invadida toda a Galiléia. Entre a multidão de prisioneiros marchava também Josefo, o general-chefe. Ia acorrentado e, conduzido ao quartel general por ordem de Vespasiano, assistiu desde então à Guerra dos Judeus no acampamento do adversário.

Seis mil judeus foram conduzidos como escravos a Corinto para a construção do canal.

Na primavera seguinte, prosseguiu a luta para submeter os revoltosos da Judéia. Mas nesse meio tempo chegou uma notícia que interrompeu a campanha: Nero suicidara-se!

Em Roma, estourou a guerra civil. Vespasiano aguardou o desenrolar dos acontecimentos. Um após outro, três imperadores perderam a soberania e a vida. Por fim, as legiões tomaram uma atitude: um ano depois da morte de Nero, ressoou no Egito, na Síria, na Palestina e por todo o Oriente a aclamação "*Viva Caesar!*" Vespasiano tornara-se soberano do Império Romano. De Cesaréia, na costa da Palestina, onde recebeu a notícia, ele se dirigiu sem tardança para Roma, deixando a seu filho Tito o último ato da Guerra dos Judeus.

Pouco antes da lua cheia da primavera de 70, Tito encontrava-se com um exército imenso diante de Jerusalém. Por todos os caminhos e estradas avançavam para a cidade colunas como a Judéia nunca vira. Eram a 5.^a, a 10.^a, a 12.^a, e a 15.^a legiões, seguidas de cavalaria, tropas de sapadores e tropas auxiliares, quase oitenta mil homens!



Figura 75: A técnica de assédio romana empregada na conquista de Jerusalém

A Cidade Santa fervilhava de gente; peregrinos de toda parte acorreram para lá a fim de celebrar a festa da Páscoa. Mas as preces eram interrompidas por choques entre os elementos extremos dos zelotes e o partido dos moderados; havia mortos e feridos nas ruas.

Enquanto isso, os romanos estabeleciam seus acampamentos nos arredores. Um ultimato para que se rendessem foi recebido com risos de escárnio. Tito replicou com a ordem de assaltar. A artilharia romana — *scorpiones* (escorpiões: catapultas de tiro rápido) e balistas — foi disposta em ordem de ataque. Cada uma dessas máquinas arremessava pedras de cinquenta quilos de peso a cento e oitenta e cinco metros de distância! No lado norte, os sapadores atacaram o calcanhar de aquiles do forte. Dos lados sul, leste e oeste, o baluarte era protegido por encostas escarpadas. O lado norte era, por essa razão, extraordinariamente bem protegido por três poderosas linhas de muralhas. Os aríetes e catapultas começaram com grande estrondo e alarido sua obra de destruição nos fundamentos. Só quando as pesadas pedras começaram a cair incessante e estrepitosamente na cidade, quando soava de dia e de noite o ruído surdo dos aríetes, terminou a luta fratricida no forte. Os rivais fizeram as pazes. Dos chefes dos partidos Simão bar Giora, o moderado, recebeu o encargo de defender a frente norte, e João de Gischala, o zelote, o de defesa do recinto do templo e do Forte Antônia.

No princípio de maio, as máquinas de assédio haviam feito em duas semanas uma grande brecha no muro setentrional. Cinco dias depois, os romanos passaram também através da segunda linha de muros. Um contra ataque resolutivo deu de novo aos sitiados a posse do muro. Os romanos levaram dias para reconquistá-lo. E assim os arredores do norte ficaram definitivamente em poder dos romanos.

Convencido de que Jerusalém, diante dessa situação, se renderia, Tito suspendeu o assalto. O grandioso espetáculo de uma grande parada de suas tropas à vista dos sitiados deveria, pensou ele, chamá-los à razão. Os romanos tiraram seus trajes guerreiros, poliram o mais que puderam seus uniformes de parada. Os legionários puseram suas couraças, suas cotas de malha, seus elmos. A cavalaria enfeitou seus cavalos com gualdrapas profusamente ornadas e, ao som de trombetas, desfilaram dez mil combatentes diante de Tito, recebendo sob os olhos dos sitiados o soldo e alimento substancioso. Durante quatro dias ressoou de manhã cedo até o pôr-do-sol a marcha das colunas romanas acostumadas à vitória.

Em vão. Comprimidos em cima do velho muro, no lado norte do templo e em

todos os telhados, os homens mostravam apenas hostilidade.

Demonstração inútil... os sitiados não pensavam em rendição.

Tito fez uma última tentativa para induzi-los a mudarem de pensamento. Mandou o prisioneiro Flávio Josefo, que fora o general-chefe, judeu de Galiléia, até junto dos muros da fortaleza.

A voz de Josefo subiu clara até onde eles estavam:

"Ó homens duros de coração, abandonai vossas armas, tende compaixão de vossa terra, que ameaça cair no abismo. Olhai ao redor e vede a beleza do que quereis atraiçoar. Que cidade! Que templo! Que presentes de inumeráveis nações! Quem se atreveria a entregar tudo isso à destruição das chamas? Existirá alguém capaz de desejar que tudo isso deixe de existir? Haverá coisa mais preciosa para conservar?... Ó criaturas duras, mais insensíveis do que pedras!"

Com palavras comoventes, Josefo lembrou-lhes os grandes feitos do passado, os patriarcas, a história, a missão de Israel. Em vão... Suas exortações e súplicas caíram em ouvidos moucos. A luta foi renovada, partindo da segunda muralha, dirigida contra o Forte Antônia. Através das ruas do arrabalde, a frente foi avançando para o recinto do templo e a cidade alta. Os sapadores construíam rampas de assalto com madeira que as tropas auxiliares iam buscar nos arredores. Os romanos serviam-se de todos os meios comprovados da técnica de assédio. Os trabalhos preparatórios sofriam continuamente danos consideráveis, causados pelas incansáveis tentativas dos sitiados para destruí-los. Além de desesperadas surtidas, os baluartes de madeira, apenas terminados, eram de novo presa das chamas. Com o cair da noite, os arredores do acampamento formigavam de vultos que surgiam de esconderijos e passagens subterrâneas ou se arrastavam por cima dos muros. Tito ordenou represálias contra os esfomeados e os trânsfugas que surgissem no acampamento. Quem quer que fosse apanhado fora dos muros — trânsfuga, vagabundo ou forrageador — seria pregado na cruz.

Diariamente os soldados pregavam na cruz quinhentos deles junto da cidade. Pouco a pouco foi surgindo em volta, nas encostas da colina, uma verdadeira floresta de cruzeiros, até que a falta de madeira obrigou a suspender o horripilante suplicio. Uma após outra as árvores foram caindo para a confecção de cruzeiros, rampas de assédio, escadas de assalto ou fogueiras no acampamento. Quando os romanos chegaram, encontraram uma região florescente. Algum tempo depois, haviam desaparecido as vinhas, as plantações de hortaliças, a riqueza em figueiras e oliveiras; nem o monte das Oliveiras dava mais sombra. Através da região desolada e nua pairava um fedor insuportável. Junto das muralhas amontoavam-se aos milhares os cadáveres dos que tinham morrido de fome e dos guerreiros caídos em combate, jogados dos parapeitos pelos sitiados. Quem poderia sepultá-los segundo o costume antigo?

"Nenhum estrangeiro que tivesse visto a antiga Judéia e os encantadores

arrabaldes de sua capital e visse agora aquela desolação poderia conter as lágrimas e a aflição diante de modificação tão espantosa", lamentou Flávio Josefo. "Pois a guerra havia transformado toda aquela beleza num deserto. E quem quer que tivesse visto antes esses lugares e de repente os tornasse a ver não seria capaz de os reconhecer sequer."

A fim de isolar a cidade hermeticamente, Tito ordenou a construção de uma *circumvallatio*. Revezando-se dia e noite, as tropas construíram, num vasto arco ao redor de Jerusalém, um alto e forte muro de terra, reforçado por treze construções fortificadas e vigiado por uma espessa cadeia de postos. Se até então os sitiados ainda podiam, durante a noite, furtivamente, através de túneis e fossos, levar algumas provisões para a cidade, a circunvalação impediu também esse último e escasso reabastecimento. O espectro da fome apoderou-se da cidade superpovoada pelos peregrinos; a morte fazia uma colheita terrível. A ânsia de comer fosse o que fosse não conhecia mais limites, matava qualquer outro sentimento humano.

"A fome, cada vez mais insuportável, aniquilava famílias inteiras entre o povo. Os terraços estavam cheios de crianças e mulheres desfalecidas, as ruas juncadas de velhos mortos. Crianças e jovens, cambaleantes, erravam como fantasmas pela cidade, até que caíam. Tão esgotados estavam que não podiam mais enterrar ninguém e caíam sobre os próprios mortos ao enterrá-los. A miséria era indizível e, apenas surgia em algum lugar a simples sugestão de qualquer coisa comestível, começava logo uma luta para apoderar-se dela, e os melhores amigos lutavam entre si, arrancavam uns aos outros as coisas mais miseráveis.

Ninguém acreditava que os moribundos não tivessem algum alimento. Os ladrões se atiravam aos que jaziam nas últimas e revistavam-lhes as roupas. Esses ladrões andavam de um lado para outro, batendo às portas das casas como ébrios. Em seu desespero batiam freqüentemente duas ou três vezes num dia à mesma porta. Sua fome era tão insuportável que os forçava a mastigarem tudo o que encontravam. Apanhavam coisas que nem mesmo os animais comuns tocavam sequer e muito menos comiam. Havia muito que tinham começado a roer seus cinturões e sapatos e até mesmo o couro dos casacos. Muitos até feno velho comiam, e havia outros que reuniam talos de erva e vendiam um insignificante peso dela por quatro dracmas áticas... Mas por que descrevo essas vergonhosas indignidades a que a fome reduziu os homens, levando-os a comerem coisas tão inaturais?", pergunta Flávio Josefo em sua obra sobre a Guerra dos Judeus.

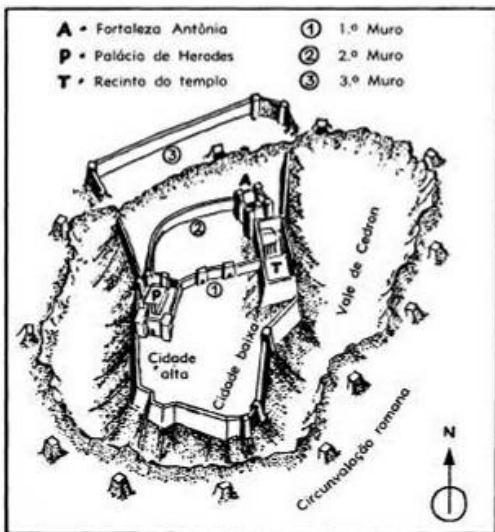


Figura 76: Jerusalém durante o cerco de Tito, em 70 d.C.

"Porque escrevo sobre um acontecimento sem paralelo em nenhuma história, nem entre os gregos nem entre os bárbaros. É horrível falar a respeito e inacreditável para quem o ouve. De bom grado com efeito, eu passaria por alto essa nossa calamidade para não adquirir fama de transmitir uma coisa que parecerá tão indigna à posteridade. Mas houve muitos testemunhos oculares no meu tempo. Além disso, o meu país teria pouco motivo para me agradecer se silenciasse a miséria que sofreu nesse tempo."

Josefo, cuja própria família sofreu com os sitiados, não recuou nem mesmo diante de um episódio desumano que prova que o desespero da fome já começava a turvar a razão dos israelitas.

Os zelotes percorriam as ruas em busca de alimento. De uma casa saía

cheiro de carne assada. Os homens penetraram imediatamente na habitação e pararam diante de Maria, filha da nobre família Bet-Ezob, extraordinariamente rica, da Jordânia oriental. Maria tinha ido como peregrina a Jerusalém para a festa da Páscoa. Os zelotes ameaçaram-na de morte se não lhes entregasse o assado. Perturbada, a mulher estendeu-lhes o que lhe pediam, e eles viram, petrificados, que era um recém-nascido meio devorado — o próprio filho de Maria. Não tardou que toda a cidade soubesse do caso; mais ainda, a notícia transpôs os muros e chegou ao acampamento romano. Tito jurou que cobriria essa ação infame com as ruínas de toda a cidade. Muitos fugiam à morte pela fome encobertos pela escuridão e iam sofrer sorte igualmente terrível nas mãos do exército. Entre as tropas auxiliares espalhou-se o rumor de que os fugitivos sempre levavam consigo ouro e pedras preciosas, que engoliam na esperança de que não caíssem em poder dos estrangeiros. Apanhados, os fugitivos eram mortos sem saber por quê, e indivíduos ávidos abriam-lhes o corpo. Assim encontraram a morte dois mil só numa noite. Tito ficou enfurecido; sem piedade, mandou sua cavalaria dizimar toda uma unidade de tropas auxiliares e uma ordem do dia estabeleceu a pena de morte para esse crime. Mas não adiantou muito; a chacina continuou secretamente.

Dia e noite, entretanto, os arietes martelavam no arrabalde de Jerusalém. Eram aplicadas novas *rampas* de assalto. Tito urgia seus homens. Queria terminar com o pesadelo o mais depressa possível.

No princípio de julho, seus soldados tomaram de assalto o Antônia.

O castelo em cujo litostoto fora sentenciado Jesus de Nazaré foi arrasado até os alicerces. Seus muros combinavam com a parede norte do templo.

Chegou a vez do conjunto do templo, aquela poderosa e fortificadíssima construção, com galerias, balaustradas e pátios. O comandante supremo reuniu em conselho seus oficiais. Muitos eram de opinião que o templo devia ser tratado como uma fortaleza. Tito foi contra. Ele queria fazer todo o possível para poupar o famoso santuário, conhecido em todo o Império Romano. Por meio de arautos, propôs aos sitiados se renderem sem combate. A resposta foi de novo negativa. Só então Tito dirigiu seus assaltos contra o sagrado recinto.

Uma saraivada de pedras pesadas e uma chuva incessante de flechas começaram a cair sobre os pátios. Os judeus lutavam como possesores e não cediam. Confiavam em que no último momento Jeová acorreria em seu auxílio e salvaria o santuário. Mais de uma vez os legionários servindo-se de escadas, galgaram as muralhas. Outros tantos foram repelidos. As catapultas e os arietes revelaram-se impotentes contra os muros. Era impossível demolir aqueles blocos enormes de cantaria assentes no tempo de Herodes. Para forçar uma entrada, Tito mandou incendiar as portas de madeira do templo.

Tão logo as portas foram queimadas, deu instruções para que as chamas fossem apagadas a fim de abrir passagem para o assalto dos legionários. A

ordem de Tito para o ataque dizia que "poupassem" o santuário . Mas o fogo, durante a noite, havia chegado até o peristilo, e os romanos tiveram de concentrar todos os esforços na tarefa de apagar as chamas. Os sitiados aproveitavam esse momento propício para um ataque violento. No inesperado combate, os legionários repeliram os judeus, fizeram-nos retroceder e perseguiram-nos através dos pátios. No tumulto selvagem que se estabeleceu, os combatentes incendiaram o santuário. Excitado e exaltado, um soldado apanhou uma tocha, sem esperar qualquer ordem e sem se horrorizar com o seu ato, ou antes impelido por algum demônio, e, levantado por um camarada, jogou o fogo através da 'janela dourada', que dava para as câmaras contíguas ao sacrário" .

Essas câmaras eram revestidas de madeira velha e continham, juntamente com substâncias facilmente inflamáveis para os sacrifícios, recipientes com óleo bento. A chama das tochas encontrou imediatamente rico alimento. Tito viu as chamas subirem e tentou impedir a propagação do incêndio.

"Então César ⁽¹⁴³⁾ deu ordem de apagar o incêndio gritando para os soldados que combatiam e, ao mesmo tempo, fazendo sinal com a mão direita. Mas os soldados não ouviram o que ele dizia, embora ele gritasse bem alto... E, como César não estava em condições de reprimir o furor dos soldados e o fogo avançava cada vez mais, foi com seus comandantes ao sagrado recinto do templo ver o que havia... As chamas ainda não haviam atingido as câmaras internas, tendo consumido somente as exteriores ao redor da casa santa. Com efeito, Tito compreendeu que o templo propriamente dito ainda podia ser salvo, e fez todo o possível para persuadir os soldados a apagarem as chamas, dando ordem ao centurião Liberalius e a um dos membros da sua guarda pessoal para que açoitassem com paus os soldados e os refreassem. Mas por maior que fosse o seu entusiasmo por César e o medo que tinham de desobedecer-lhe, o seu ódio aos judeus e a sua vontade de lutar contra eles eram igualmente grandes.

"Além disso, muitos eram impelidos pela esperança de saque. Vendo que tudo ao seu redor era de ouro puro, pensavam que muitas daquelas câmaras interiores estavam cheias de ouro... E assim queimaram todo o templo sem o consentimento de César."

Em agosto do ano 70, os legionários romanos implantaram suas insígnias no recinto sagrado dos judeus e sacrificaram nele. Embora metade de Jerusalém estivesse nas mãos do inimigo, embora, fadidamente, colunas de fumo negro subissem do templo em chamas, os zelotes não se entregaram.

João de Gischala escapou com uma grande multidão do recinto do templo para a cidade alta, na colina ocidental. Outros fugiram para o palácio de Herodes, com suas fortes torres. De novo os sapadores, a artilharia e as máquinas de demolição de Tito puseram em ação sua brilhante técnica de assédio. Em setembro, também esses muros foram abatidos, foi conquistado o último baluarte. A resistência estava definitivamente vencida.

Assassinando e saqueando, os vencedores tomaram posse da cidade que lhes opusera resistência tenaz e encarniçada e que tanto sangue e tempo lhes havia custado. "César ordenou que toda a cidade e o templo fossem arrasados. Deixou apenas de pé as torres Fasaél, Hípico e Mariana e uma parte do muro da cidade no lado ocidental. As torres foram utilizadas como alojamento para a guarnição que aí ficou."

A legião que permaneceu sessenta longos anos guarnecendo aquele lugar desolado usava a insígnia "Leg XF", que significava "*Legio X. Fretenis*". O seu posto na pátria era *fretum Siciliense*, a "via de Sicília". Eles deixaram ali e por toda a Jerusalém milhares e milhares de sinais de sua presença. Até hoje jardineiros e lavradores continuam encontrando na terra, de vez em quando, pequenos quadrados de barro com o número da legião e os emblemas da galera e do javali.

As perdas dos judeus foram incalculavelmente elevadas. Durante o sítio encontravam-se na cidade, segundo os dados de Tácito, seiscentas mil pessoas. Flávio Josefo dá o número de noventa e sete mil prisioneiros, não incluídos os crucificados e chacinados, e acrescenta que só por uma porta foram retirados, no espaço de três meses, cento e quinze mil e oitocentos cadáveres de judeus.

No ano 71, Tito mostrou aos romanos a grandeza de sua vitória sobre Jerusalém com um imenso desfile triunfal. Entre os setecentos prisioneiros que faziam parte do cortejo, encontravam-se a ferros João de Gischala e Simão bar Giora. Com grandes manifestações de júbilo, eram conduzidos também dois despojos preciosos, de ouro puro — o candelabro de sete braços e a mesa de exposição do pão do templo de Jerusalém. Foram depositados em outro lugar sagrado — o Templo da Paz em Roma. Esses dois objetos de culto ainda podem ser vistos no grandioso Arco de Tito, erigido para comemorar essa campanha vitoriosa.

Sobre as ruínas desoladas e sem esperança, onde nem os judeus nem os adeptos de Cristo podiam pisar, o Imperador Adriano ⁽¹⁴⁴⁾ construiu uma nova colônia romana: Aelia Capitolina. A vista de uma colônia estrangeira no solo sagrado dos judeus deu motivo a nova rebelião. Júlio Severo foi chamado a Judá de seu comando na Bretanha e sufocou, numa campanha que durou três anos, a última tentativa desesperada feita pelos judeus para reconquistar a liberdade. O Imperador Adriano mandou construir ali mais um hipódromo, duas casas de banhos e um grande teatro. Sobre as massas de entulho do santuário judeu erguia-se, como por escárnio, um monumento a Júpiter, e no lugar onde, segundo a tradição cristã, se encontrava o túmulo de Cristo, peregrinos de terras estrangeiras subiam os degraus dos terraços que conduziam ao santuário de uma divindade pagã, a deusa Vênus!

A maior parte da população da Terra Prometida que não morreu na sangrenta Guerra dos Judeus de 66 a 70 ou no levante de Bar-Kokhba de 132 a

135 foi vendida como escrava: *"E cairão ao fio da espada, e serão levados cativos a todas as nações"*.

Dos anos posteriores a 70, os arqueólogos não encontraram na Palestina mais nada que indicasse uma construção de Israel, nem mesmo uma lápide tumular com uma inscrição judaica. As sinagogas foram demolidas e até da Casa de Deus da tranqüila Cafarnaum ficaram apenas ruínas. A mão implacável do destino riscara o nome de Israel do concerto dos povos. Mas a doutrina de Jesus, unificadora e revitalizante, tinha há muito iniciado sua marcha vitoriosa e irresistível através do mundo.

Apêndice

Os rolos manuscritos do mar Morto

Uma ovelha desgarrada — Os rolos manuscritos do mar Morto — Harding e De Vaux no Uadi Qumran — O Arcebispo Samuel vai a Chicago — Físicos nucleares ajudam a determinar as datas — A prova do linho no "relógio atômico" — Um livro de Isaías com dois mil anos — Rolos das escrituras dos profetas da época de Jesus — Onda misteriosa de documentos — No vale dos túmulos negros — Concordância dos textos ao longo de dois mil anos

Secou-se o feno, e caiu a flor; mas a palavra de Nosso Senhor permanece para sempre (Isaías 40.8).

Com Muhammad Dib, pastor beduíno da tribo dos Ta'amireh, aconteceu coisa semelhante ao que se deu com o jovem Saul, que saiu à procura das jumentas de seu pai e ganhou um reino (Samuel I 9.10). Num belo dia de verão do ano de 1947, Muhammad saiu à procura de uma ovelha desgarrada pelas ravinas rochosas da costa norte do mar Morto e encontrou, sem o saber, um verdadeiro tesouro real da tradição bíblica.

Havia já muitas horas que vagueava em vão pelos acidentados desfiladeiros que serviam de abrigo a ascetas e sectários e, com bastante freqüência, também a bandidos, quando numa encosta rochosa do Uadi Qumran acima de si divisou uma fenda escura. Teria a ovelha tresmalhada corrido para lá? Uma pedra bem jogada zuniu pelo ar. Em vez do esperado ruído seco, entretanto, veio do buraco um surdo estridor. Aterrado, Muhammad Dib fugiu dali e foi buscar dois de seus companheiros de tribo. Com muito cuidado, eles se aproximaram da fenda e se introduziram finalmente por ela. Depois que os olhos se acostumaram à obscuridade, lobrigaram no interior da pequena caverna alguns cântaros de

barro. Um tesouro!, pensaram, e rapidamente se atiraram aos cântaros e os quebraram. Mas — que decepção! — não continham jóias, nem ouro, nem moedas. Aos olhos dos pastores apareceram apenas moles rolos de pergaminho e papiro, envoltos em panos de linho. Contrariados, jogaram fora o achado e chegaram até a destruir muitos deles. Mas de repente farejaram um possível negócio. De qualquer modo, levaram consigo alguns dos rolos mais bem conservados, pensando que talvez pudessem vendê-los. E os velhos documentos iniciaram uma extraordinária peregrinação.

Contrabandeados para Belém, foram parar, através do mercado negro, nas mãos de antiquários. Colecionadores judeus e árabes adquiriram algumas peças, um pacote de rolos passou, por um punhado de moedas, para o arcebispo ortodoxo de Jerusalém, Yeshue Samuel. O arcebispo só teve uma idéia do precioso tesouro que havia adquirido quando alguns peritos da American School of Oriental Research fizeram uma visita ao mosteiro de São Marcos, onde os documentos eram conservados. Logo ao primeiro exame, os arqueólogos perceberam que se tratava de documentos bíblicos extraordinariamente antigos. Entre eles encontrava-se um rolo de sete metros de comprimento com o texto do Livro de Isaías sem lacunas, em hebraico. Uma breve notícia do achado publicada por um dos americanos provocou enorme espanto entre seus colegas de todo o mundo.

A resposta à pergunta que surgiu imediatamente sobre a idade exata dos pergaminhos e dos papiros dependia do lugar do achado.

Com grande dificuldade e paciência foi sendo traçado, passo a passo, o caminho percorrido pelos documentos, através dos antiquários e do mercado negro de Belém, até os árabes da tribo de Ta'amireh e, finalmente, até a caverna do Uadi Qumran. O acesso à caverna foi, entretanto, proibido, porque, após a proclamação do novo Estado de Israel em 1948, estourou a guerra árabe-judaica, e toda a Palestina estava em torvelinho. A perseverança de um observador belga da ONU em Jerusalém ajudou finalmente a aplainar todas as dificuldades. O Capitão Philipper Lippens havia estudado documentos manuscritos na universidade medieval de Louvain. No fim de 1948, entrou em contato com o inglês Gerald Lankester Harding, diretor de antiguidades na capital jordânica de Amã. Graças aos seus esforços conjuntos, conseguiram interessar os oficiais da legião árabe pela caverna do achado. Para eles, os cinquenta quilômetros de Amã ao Uadi Qumran significavam apenas uma pequena viagem de jipe. Após algumas buscas infrutíferas, encontraram por fim a caverna certa entre diversas outras. A entrada ficou sob a vigilância de guardas, até que, em fevereiro de 1949, G. L. Harding e o padre dominicano Roland de Vaux, diretor da École Biblique et Archéologique francesa, de Jerusalém, puderam ir ao local.

Mas ficaram decepcionados; não encontraram rolos manuscritos completos nem vasilhas intatas. Tudo indicava que, nesse ínterim, outros haviam revistado a

caverna por sua própria conta. Com uma paciência verdadeiramente beneditina, os dois pesquisadores esgaravatarem o solo com as mãos à procura dos mais insignificantes restos de manuscritos ou fragmentos de barro. Estes, reunidos por eles, permitiram pelo menos chegar a uma conclusão importante: que eram de origem heleno-romana, do período de 30 a.C. a 70 d.C. Seiscentos pequenos fragmentos de pergaminho e papiro permitiam reconhecer ainda anotações manuscritas do Primeiro e do Quinto Livros de Moisés e do Livro dos Juizes, em hebraico. Pedacinhos do tecido de linho que servira para envolver os rolos completaram a magra coleta. A convite dos americanos, o Arcebispo Yeshue Samuel viajou para os Estados Unidos, no verão de 1949, com seus preciosos rolos, deixando-os no Instituto Oriental de Chicago para exame. Entre os peritos levantou-se uma animada polêmica sobre a autenticidade dos documentos. Para acabar com ela, um deles propôs um meio até então nunca utilizado pela arqueologia, isto é, o de recorrer ao conselho de um cientista atômico. Isso foi extremamente fácil porquanto a Universidade de Chicago ficava perto do Instituto Oriental, onde os físicos nucleares haviam começado a determinar a idade das substâncias orgânicas com o auxílio do contador Geiger. O Prof. Willard F. Libby tinha à mão no Instituto de Física Nuclear de Chicago suas primeiras determinações de idade assombrosamente precisas, obtidas com o "calendário atômico", aperfeiçoado por ele. Esse método tem por base o seguinte raciocínio: em virtude do bombardeamento dos raios cósmicos que, vindos do espaço, penetram incessantemente na atmosfera da Terra, o azoto transforma-se no isótopo radioativo de carbono 14. Todo ser vivo — homem, animal, planta — absorve diariamente, durante a vida inteira, C14, com o alimento e o ar que respira. No decurso de cinco mil e seiscentos anos, esse carbono perde a metade de sua radiatividade primitiva. Em toda substância orgânica morta é possível verificar, com um aparelho Geiger altamente sensível, quanta força irradiante perdeu o C14 nela contido. Pode-se calcular assim há quantos anos deixou de absorver carbono pela última vez.

O Prof. Libby foi encarregado de realizar a pesquisa. Tomou um pedaço do linho em que estava envolvido o rolo do Livro de Isaías, carbonizou-o, introduziu-o numa bateria de tubos Geiger e obteve um resultado surpreendente. O tecido era de linho colhido no tempo de Cristo! Os documentos nele contidos deviam ser, pois, de uma data ainda mais antiga. Depois de pesquisas minuciosas e demoradas, os estudiosos da escritura chegaram a conclusão idêntica. Com efeito, o texto de Isaías encontrado na caverna de Qumran, como o Prof. W. F. Albright também desta vez tinha sido o primeiro a concluir, fora escrito por volta do ano 100 a.C!

Essa descoberta constitui algo mais do que uma simples sensação científica. A fim de podermos avaliar em toda a sua extensão os manuscritos do mar Morto, devemos saber que o texto da Bíblia hebraica mais antigo que possuíamos — o

texto massorético (do hebraico "*massora*", "tradição"), composto por sábios escribas rabínicos — data apenas do nono ao décimo século da nossa era. São anteriores a ele a tradução grega dos Setuaginta e a Vulgata latina de São Jerônimo (século IV). O nosso conhecimento dos textos bíblicos baseia-se até agora unicamente nessas duas traduções e naquela redação hebraica muito posterior. Com o rolo de Isaías achado no mar Morto em 1947, possuímos de agora em diante um texto hebraico da Bíblia cerca de mil anos mais antigo. Uma circunstância extraordinária e feliz é que o velho rolo de Isaías tem exatamente sessenta e seis capítulos, como o livro do profeta impresso em hebraico, grego, latim, alemão e em outras línguas, e concorda textualmente com a redação atual.

Dezessete folhas de pergaminho, cosidas umas às outras, perfazendo sete metros de comprimento, tal devia ser o livro do profeta que foi entregue a Jesus na sinagoga de Nazaré a fim de que o lesse para a comunidade.

"E foi-lhe dado o livro do profeta Isaías" (Lucas 4.16, 17). "Os movimentos das mãos de Jesus estão agora mais próximos de nós", escreve o Prof. André Parrot, "pois na parte de trás do pergaminho ainda se vêem os vestígios deixados pelos dedos dos leitores."

O surpreendente é que novas pesquisas no Uadi Qumran resultaram no encontro de grande número de cavernas com restos de manuscritos. Por exemplo, na caverna número 4 descobriram-se fragmentos de umas trezentas obras diferentes.

Perto das cavernas encontraram-se os restos de uma colônia da seita judia dos essênios nos quais foram achadas moedas do tempo dos procuradores romanos [\(145\)](#) até a Guerra dos Judeus [\(146\)](#). Os adeptos dessa seita devem ter escondido uma coleção espantosamente grande de textos bíblicos para preservá-los dos romanos pagãos.

Esses recentes achados são, segundo o Prof. G. Lankester Harding, "talvez o acontecimento arqueológico mais sensacional do nosso tempo. Uma geração inteira de peritos em assuntos bíblicos estará empenhada em explorar esses textos".

Após um exame cuidadoso, verificou-se que trinta e oito rolos eram textos de dezenove livros do Velho Testamento. Estavam escritos sobre pergaminho e papiro, em hebraico, aramaico e grego.

Subitamente, de 1950 para cá, começou a aparecer na Jordânia uma grande quantidade de escritos e fragmentos do século II a.C. São oferecidos furtivamente à Universidade de Jerusalém, ao Museu de Antiguidades de Amã, a institutos, mosteiros e arqueólogos, freqüentemente por preços exorbitantes. Os árabes, que logo perceberam o valor daqueles velhos documentos, organizaram verdadeiras expedições e puseram-se a explorar em segredo, por conta própria, os montes próximos ao mar Morto. A caça aos antigos manuscritos tornou-se um

florescente mercado negro contra o qual são impotentes até mesmo as medidas policiais vigorantes. Com uma tática inteligente o Padre de Vaux conseguiu, pouco antes do Natal de 1951, persuadir um árabe da tribo Ta'amireh a levá-lo a um dos lugares onde se tinham achado novos documentos.

Acompanhados por uma escolta policial de Jericó, De Vaux e Harding partiram do Uadi Qumran. Após uma marcha de três horas na direção sudoeste, chegaram, por uma trilha acidentadíssima, ao Uadi Murabba'at, um dos lugares mais desertos da Palestina. À sua chegada, animou-se subitamente aquele cenário fantástico e morto, de rochedos. Como que saídos do solo por artes de magia, começaram a surgir árabes das fendas que existiam nas encostas ao redor e a fugir a toda a pressa pelos desfiladeiros. O Padre de Vaux contou quarenta e cinco figuras armadas de pás e picaretas saídas de uma única caverna.

Já em janeiro de 1952, começara a exploração metódica dessas cavernas. À falta de outros trabalhadores nessa região solitária, tiveram de ser contratados alguns dos "escavadores furtivos". Os fragmentos de manuscritos encontrados são principalmente em grego, aramaico e hebraico do século II d.C. Um deles constitui um papiro escrito em hebraico do século VI a.C. Quanto aos textos bíblicos, foram encontradas partes do Gênese, do Êxodo e do Deuteronômio. Entre muitos escritos hebraicos, De Vaux descobriu até cartas originais do chefe da segunda revolta de 130 d.C. Simão bar Kokhba dá nessas cartas instruções aos revoltosos.

Só uma parte insignificante dos novos e numerosos testemunhos escritos de antes e depois de Cristo foi estudada e reconstituída até agora. Inumeráveis outros documentos achados estão aumentando o material existente. Tudo está ainda em andamento. É possível que estejamos diante de novas e revolucionárias descobertas que nos aproximem do tempo de Cristo e das primeiras comunidades cristãs e de sua vida, coisa inesperada ainda há poucos anos.

Depois dos monumentos e das pedras dos tempos bíblicos, as construções, as residências, os palácios reais e os fortes da Palestina, depois dos testemunhos de antigos acontecimentos egípcios, assírios e babilônios, levantam agora também sua voz os manuscritos de dois mil anos.

Seus veneráveis textos são iguais aos que se encontram em nossas Bíblias — autênticos e fielmente reproduzidos.

Reconstrução segundo a Bíblia

Planejamento de acordo com o Velho Testamento — As fontes dos patriarcas servem aos colonos atuais — O "mel das rochas" — Muros de pedra para coletar

É indubitável que o Velho Testamento tem inerente essa imponderável força histórico moral e anímico espiritual que sobrevive intata através dos tempos. O fato de que essa força se estende também ao campo prosaico e positivo da reorganização econômica de uma nação constitui, entretanto, uma sensação singular.

Desde o ano de 1948, o Livro dos Livros, com mais de três mil anos de idade, vem representando o papel de um conselheiro experiente na reconstrução do moderno Estado de Israel. Suas tradições históricas exatas têm-se revelado extremamente importantes para as explorações, tanto agrícolas como industriais. O território do novo Estado mede talvez um pouco mais de vinte mil quilômetros quadrados, mais ou menos a superfície da região de Hesse. Só para a planície de Jezrael e para as férteis terras baixas junto ao lago de Genesaré podia se aplicar ainda em 1948, assim mesmo com restrições, a imagem bíblica da Terra Prometida, onde corria *"leite e mel"*. Vastas regiões da Galiléia e quase toda a região montanhosa da Judéia apresentavam um aspecto completamente diverso do que tinham nos tempos bíblicos.

Séculos de mera exploração haviam aniquilado até o solo para pastos. O cultivo irracional de oliveiras e figueiras nas encostas das montanhas havia ressequido tudo. Os resultados foram uma crescente esterilização do solo e a erosão.

Os novos colonizadores sem experiência, para quem essa terra, além disso, era completamente desconhecida, encontraram no Velho Testamento um auxiliar inapreciável, que os esclareceu sobre muitas questões de cultura, reflorestamento ou industrialização. E não é inclusive incomum os peritos recorrerem a ele em casos de dúvida.

"Felizmente, a Bíblia nos indica que culturas poderão medrar melhor em determinadas regiões", diz o Dr. Walter Clay Lowdermilk, especialista em plantas úteis e cultura do solo. "Nós sabemos pelo Livro dos Juizes que os filisteus plantavam cereais, porque Sansão amarrou raposas aos pares pelas caudas *"e no meio atou fachos"* e *"largou-as a fim de que corressem ... por entre as searas dos filisteus"*. Do mesmo modo, pôs fogo aos oliveiros deles e, quando ia visitar a sua amada, passou junto das suas vinhas (Juizes 14.5, 15.5). Todas essas culturas medram atualmente nesses lugares. Toda a tentativa para povoar o Neguev devia parecer inútil. Pois ao sul das montanhas de Judá, de Hebron até o Egito, havia apenas deserto, cortado por vales secos e despido de qualquer vegetação. Os dados meteorológicos acusavam menos de cento e cinquenta milímetros de chuvas por ano. Era desanimador.

Com um índice de chuvas tão insignificante, nada pode crescer. Mas as

notícias do tempo dos patriarcas não estariam mais bem informadas? *"E Abraão partiu dali para a parte do Meio-Dia, habitou entre Cades e Sur, e viveu como peregrino em Gerara"* (Gênes 20.1). O pai dos patriarcas era pastor e vivia em íntima união com seus rebanhos, precisando de... pastos e água.

Uma patrulha de reconhecimento, acompanhada de geólogos, percorreu durante semanas as desertas dunas de areia e os montes rochosos do Meio-Dia. [\(147\)](#) Encontraram o que procuravam. E os israelenses fizeram então o que outrora fizera Isaac. *"E ele (Isaac) apartou-se para a torrente de Gerara, e aí habitou. De novo abriu aquele poço, que os servos do seu pai Abraão tinham aberto"* (Gênes 26.17, 18). Atulhadas de massas de areia, existiam ainda as antigas fontes, que davam ainda a água clara e pura de nascente, *água viva*, como a designaram os servos de Isaac (Gênes 26.19). Com isso queriam dizer água potável, pois no Neguev também há nascentes de água salobra e, portanto, imprópria para beber, como se verificou modernamente por estudos do solo. De novo, como outrora, erguem-se tendas naqueles lugares, as aguadas. As fontes junto às quais descansou a escrava Agar com seu filho Ismael, quando Abraão a repudiou (Gênes 21.14 a 19), dão água hoje para setenta famílias. Judeus romenos estabeleceram-se numa encosta próxima; daí até a bíblica Beersheba são apenas alguns quilômetros.

Na mesma região existe ainda algo de notável. Os colonos plantaram renovos, plantazinhas tenras que medram maravilhosamente. "A primeira árvore que Abraão plantou no solo de Beersheba foi uma tamargueira", declarou o Dr. Joseph Weitz, especialista israelense em florestas. "Seguindo o exemplo dele, plantamos nesta região dois milhões de renovos. Abraão fez a única coisa certa. Pois a tamargueira é uma das poucas árvores que, de acordo com nossas verificações, vinga no sul, onde o índice anual de chuvas fica abaixo de cento e cinquenta milímetros." Também aqui a Bíblia deu a indicação decisiva: *"Abraão, pois, plantou uma tamargueira"* [\(148\)](#) *em Beersheba."* (Gênes 21.33).

Um requisito decisivo para tornar fértil essa terra pobre em água é o reflorestamento. Desde o começo do regresso, os colonizadores da Palestina se dedicaram ao reflorestamento. Para a seleção das espécies de árvores puderam confiar nas indicações de seus antepassados, da mesma forma que para a escolha das regiões apropriadas. Quando, há alguns anos, levantou-se a questão de saber se as escalvadas encostas dos montes na parte norte do Estado poderiam ser reflorestadas, o Livro de Josué deu a resposta. *"E Josué disse à casa de José, Efraim e Manassés: Tu és um povo muito numeroso, e de grande força, não terás só uma parte, mas passarás ao monte, e cortarás para ti"* (Josué 17.17, 18).

Sabia-se que as duas tribos se haviam estabelecido ao norte de Jerusalém, desde as cordilheiras de Bétel, passando pela bíblica Siquém, nas faldas do

Garizim, até a planície de Jezrael. "Sabendo-se que árvores crescem melhor nos lugares onde já existiram outras", argumentou o Prof. Zohary, da Universidade Hebraica, "fiamos-nos no Livro dos Livros." Muitas dores de cabeça deu uma obscuríssima indicação que até há poucos anos ninguém conseguia compreender: "Para que (Jacó) sugasse o mel do rochedo e o azeite das pedras duras" ⁽¹⁴⁹⁾ (Deuteronômio 32.13). A solução do enigma teve lugar no Neguev, onde foram encontrados numerosos murozinhos circulares de pedra. Não havia uma gota de água em parte alguma, nem uma fonte nem um único poço que merecesse tal nome. Quando revolveram a areia, encontraram antiqüíssimos restos de raízes de oliveiras e videiras. Os muros de pedra tinham nos tempos primitivos a valiosa função de coletores de orvalho.

Sua disposição revela uma experiência surpreendente nos processos de condensação. As pedras dos murozinhos são dispostas de maneira a permitir a passagem do vento. Desse modo, a umidade do ar se condensa sob elas, e essa quantidade de umidade é suficiente para alimentar uma oliveira ou uma videira. Em cada muro há sempre uma só planta. O suco doce da uva era nos tempos antigos designado muitas vezes por "mel". A oliveira produz azeite. Mel e azeite eram sugados do rochedo e das pedras duras. Para a reconstrução da agricultura, os israelenses estão aproveitando devidamente os pequenos e bem dispostos coletores de orvalho.

Na segunda metade de 1953 foram extraídas pela primeira vez em Israel três mil toneladas de cobre. Onde há três mil anos se encontravam as habitações dos trabalhadores e escravos do Rei Salomão, encontram-se hoje novos alojamentos de mineiros. A extração do cobre continua a ser uma atividade compensadora. Em 1949, o geólogo Dr. Ben Tor mandou estudar as antigas minas de cobre quanto à possibilidade de explorá-las e ao seu provável rendimento. Os especialistas verificaram que as reservas de minério imediatamente explorável atingiam cem mil toneladas. Segundo suas avaliações, as jazidas totais poderiam produzir, no mínimo, mais duzentas mil toneladas. Junto de "Asiongaber, que é perto de Aliat, na praia do mar dos Juncos" (Reis I 9.26), reina desde então grande atividade. Jipes e caminhões correm de um lado para outro levantando nuvens amarelas de poeira, e turmas de homens queimados pelo sol manejam enxadas e pás.

"Por toda parte onde o minério é particularmente rico", afirma um engenheiro de minas, "topamos com escórias e fornos dos mineiros de Salomão. Muitas vezes chega a parecer que os trabalhadores acabaram de sair daqui."

No escritório central das minas há na parede um dístico que diz:

"Porque o Senhor teu Deus te introduzirá numa terra boa... terra cujas pedras são ferro, e de cujos montes se tiram os metais de cobre" (Deuteronômio 8.7 e 9). O ferro ainda não está sendo extraído. As jazidas, porém, estão registradas. Não longe de Bersabé, portanto, exatamente onde habitavam os filisteus

fundidores de ferro, o Dr. Ben Tor encontrou numas escarpas veios negro avermelhados, sinais certos de jazidas de minério de ferro. Pesquisas posteriores permitiram avaliar uma existência aproximada de quinze milhões de toneladas desse minério. Trata-se, é verdade, de um minério muito pobre, mas nesse ínterim já foi descoberto também minério com a percentagem notável de sessenta a sessenta e cinco de ferro puro. Outra passagem bíblica muito conhecida ocorria com freqüência à mente prática do comerciante Xiel Federmann. A frase com que se descreve a destruição de Sodoma e Gomorra... *"e viu que se elevavam da terra cinzas inflamadas, como o fumo de uma fornalha"* (Gênese 19.28) não lhe dava descanso. Aquela combustão não seria devida a gases subterrâneos?

Onde há gases, sabe-se há muito tempo, existem também jazidas de petróleo. Fundou-se uma sociedade, e os técnicos enviados ao mar Morto confirmaram inteiramente as suposições de Federmann. Em 3 de novembro de 1953, foi perfurado o primeiro poço de petróleo israelita.

Mais de cinquenta colônias agrícolas se estabeleceram nesse ínterim entre os sítios bíblicos de Dan e Beersheba. Quase todas dispõem de uma bomba moderna instalada sobre um poço ou fonte da Antigüidade. Pouco a pouco, a paisagem de muitos lugares começa a apresentar o aspecto dos quadros bucólicos do Velho Testamento.

Dura é a tarefa que o jovem Estado de Israel se propôs. Mas seus cidadãos estão convencidos de que eles e seus descendentes a realizarão — em grande parte graças à Bíblia — e que se está realizando o que Ezequiel profetizou aos filhos de Israel:

"A terra inculta, até aí desolada aos olhos do viandante, será cultivada, dir-se-á: Esta terra, que estava devastada, tornou-se como um jardim de Éden" (Ezequiel 36.34, 35).

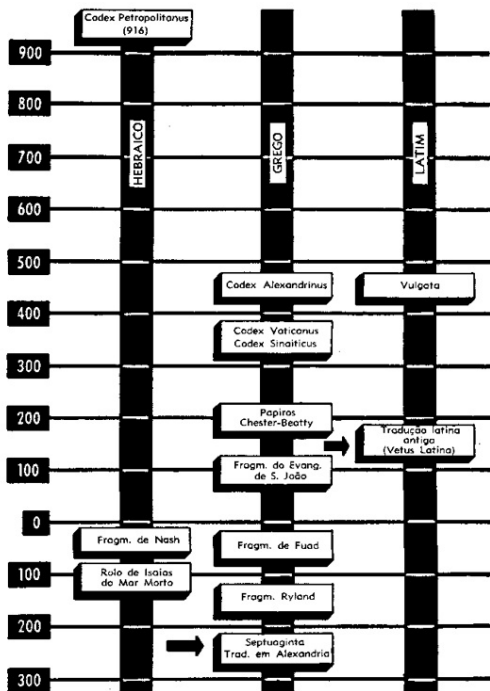
Os mais antigos manuscritos do texto bíblico até agora descobertos

No verão de 1947, o mero acaso levou à descoberta dos textos mais antigos até agora existentes. Entre os escritos em pergaminho e papiro que uns pastores beduínos descobriram por acaso numa caverna na costa norte do mar Morto, encontrava-se um rolo de sete metros de pergaminho com a íntegra do primitivo texto hebraico do Livro de Isaías. O exame do documento por peritos revelou que o texto de Isaías foi sem dúvida alguma escrito pelo ano 100 a.C.! É o original de um dos livros dos profetas, como o que Jesus manuseava quando lia aos sábados em Nazaré (Lucas 4.16 e seguintes). O Livro de Isaías, com mais de dois mil anos de idade, é uma prova única da autenticidade da tradição da Sagrada

Escritura, pois o seu texto concorda com a redação das Biblias atuais. De 1949 a 1951, os arqueólogos G. Lankester Harding e Padre Roland de Vaux conseguiram encontrar em outras cavernas do mar Morto grande quantidade de manuscritos muito mais antigos. Entre eles acham-se, em trinta e oito rolos, dezenove livros do Velho Testamento. Esses achados são, segundo declarou G. L. Harding, "o acontecimento arqueológico mais sensacional do nosso tempo. Uma geração inteira de especialistas em assuntos bíblicos terá que empenhar-se no exame desses textos".

As redações bíblicas mais antigas e completas do Velho e do Novo Testamento eram, até há pouco tempo, os célebres *Codex Vaticanus* e *Codex Sinaiticus* do século IV d.C., aos quais se reuniram em 1931 os Papiros Chester-Beatty dos séculos II e III. Fora isso, existem ainda alguns fragmentos de antes de Cristo (os Fragmentos Fud e Ryland). Mas todos esses documentos são em grego, portanto, no que se refere ao Velho Testamento, traduções. À mais antiga transmissão completa, no texto hebraico primitivo, era o *Codex Petropolitanus*, escrito em 916 d.C. Com o pergaminho de Isaías encontrado na região do mar Morto, a tradição bíblica hebraica recua quase um milênio exato. Do Novo Testamento foi descoberto em 1935 um fragmento do Evangelho de São João, em grego, do tempo do Imperador Trajano (98-117). Esses antigos manuscritos são a resposta mais convincente sobre a autenticidade da tradição bíblica!

Entretantes, muito se escreveu a respeito de Qumran. Além das publicações rigorosamente científicas tratando dos célebres "rolos manuscritos do mar Morto", eles entraram também para a literatura especializada, popular, de fácil acesso à compreensão do grande público. Assim, a essa altura, já está na hora de perguntar: será que Qumran trouxe a sensação esperada? A resposta não pode ser inequivocamente positiva, nem negativa, pois mais uma vez cumpre fazer constar que *em parte* seria sim, *em parte*, não. De nenhuma maneira os rolos manuscritos do mar Morto forneceram aquelas revelações espetaculares da vida e obra de São João Batista, bem como de Jesus, o *nazireu*, que deles se esperavam. Ao invés disso, a "voz do deserto" de Qumran nos trouxe à mente quão pouco, no fundo, sabemos a respeito do histórico João Batista, do histórico Jesus. Todavia, parte dos rolos manuscritos de Qumran confirma uma concordância surpreendente com a redação dos textos do Velho Testamento, nos quais se fundamentam, e a redação massorética canônica do Velho Testamento hebraico, datando de aproximadamente um milênio mais tarde. Tal concordância reveste-se de grande importância para a história das tradições.



Da mesma forma, o teor dos textos de Qumran, com suas inúmeras "antecipações" de idéias, doutrinas, exigências, regras e normas cristãs, forneceu e continua fornecendo argumentos para os céticos, aqueles que duvidam da originalidade de Jesus e sua Igreja. Depois das descobertas de Qumran, nada mais ficou intocável no âmbito da religião de Cristo, a começar com as bem aventuranças proferidas no Sermão da Montanha, até as vestes

brancas do batismo, desde a eucaristia até a ordem comunitária. Assim, os essênios, os sectários de Qumran, possuíam um "conselho da comunidade", integrado por doze homens e três sacerdotes. O número doze não corresponde somente às doze tribos de Israel, mas ainda igualmente aos doze apóstolos de Jesus Cristo. Em Qumran, havia "anciães"; aliás, foi de uma expressão grega, designando o "ancião" da comunidade cristã (*presbyter*), que nasceu a palavra alemã "*Priester*" ("sacerdote"). Ademais, o povo de Qumran conhecia até o ofício episcopal; o termo "bispo" é derivado da palavra grega "*episkopos*" (literalmente, "supervisor") e os sectários de Qumran conheciam bem o ofício de um "supervisor" (em aramaico: "*mebagger*").

Em resumo, desde os doze apóstolos, passando pela "instituição comunal", em sua íntegra, até as idéias de apreciação ética, as essências da fé, tais como a consciência de ter cometido um pecado, o conceito da salvação, a expectativa do Juízo Final, a "pobreza em espírito", todos esses elementos básicos da fé e da religião cristã, tudo isso já existia em Qumran e era conhecido dos essênios.

Por vezes, as concordâncias chegam a ser paradoxais. Da Primeira Epístola aos Coríntios, de São Paulo, consta o seguinte trecho enigmático:

"Por isso a mulher deve trazer sobre a cabeça (o sinal) do poder por causa dos anjos" (Coríntios I 11.10). Isso poderia ser compreendido da seguinte maneira: por achar-se sob o domínio do homem, a mulher deveria usar um véu na cabeça; no entanto, o que isso teria a ver com os "anjos"?

As regras vigentes em Qumran explicam de que se trata: segundo a crença dos sectários de Qumran, a refeição comunal sacrificial contava com a presença de "anjos sagrados", que poderiam ficar "ofendidos" com a presença de certas pessoas, ou grupos de pessoas. Quanto aos preceitos referentes às mulheres, os cristãos primitivos ainda acompanhavam certas praxes, embora não fossem tão longe como o foram os essênios, que excluíram, radicalmente, as mulheres de suas refeições comunitárias sacrificiais. Por sua vez, os cristãos exigiam das mulheres somente certos quesitos, tais como o uso do véu. Todavia, quanto aos doentes, paralíticos, cegos, surdos e aleijados, os cristãos deixaram de acompanhar o regulamento dos essênios, como se depreende da seguinte passagem do Evangelho de São Lucas: *"Vai já pelas praças e pelas ruas da cidade; traz aqui os pobres, aleijados, cegos e coxos"* (Lucas 14.21). Há cientistas que interpretam essas palavras como um franco protesto, uma rejeição terminante do regulamento comunal de Qumran.

Nessa altura, chegamos às diferenças existentes entre Qumran e a cristandade e, novamente, no Evangelho de São Lucas tornamos a encontrar algo parecido com uma tomada de posição. O evangelista cita a parábola do feitor infiel e coloca as seguintes palavras na boca de Jesus:

"...porque os filhos deste século são mais hábeis no trato com os seus semelhantes que os filhos da luz" (Lucas 16.8). "Filhos da Luz" eram os sectários

de Qumran, os essênios. Com essa passagem do Evangelho, os membros das comunidades cristãs contemporâneas eram instados a não imitar os essênios, que se fecharam em si, retirando-se para o deserto, e assim perderam o contato com o mundo ao seu redor. Enquanto os essênios de Qumran viveram totalmente isolados do resto do mundo, os mensageiros cristãos foram *"pelas praças e pelas ruas da cidade"*, conquanto a sua mensagem não fosse dirigida somente aos eleitos, mas igualmente aos *"pobres, aleijados, cegos e coxos"*. E essa mensagem não se chamou "justiça", mas, sim, rezava: *"Não julgueis, para que não sejais julgados"* (Mateus 7.1); e ainda: *"O meu preceito é este: que vos ameis uns aos outros, como eu vos amei"* (João 15.12). Esses eram matizes novos, ainda desconhecidos da "voz do deserto" de Qumran. E, não obstante os caminhos enveredados pela cristandade em sua evolução posterior e quantos fossem os motivos de crítica e censura, nem seus adversários mais severos podem negar o fato de que foi justamente pela *caridade*, pela *bondade*, que ela se distinguiu de Qumran e do rigor do regulamento essênio.

Posfácio para a nova edição revista

Joachim Rehork: *Será fator decisivo o fato de a Bíblia "ter razão"? — Discordâncias — Patriarcas problemáticos — A Bíblia: a obra mais profundamente estudada e pesquisada da literatura universal — Perguntas e mais perguntas — "Aperto de mão" com o passado — Será que a Bíblia tem razão? — Israel antigo entre as frentes — "Ler nas entrelinhas" — A Bíblia como crônica de vivências*

Já se passaram duas décadas desde que este livro foi publicado pela primeira vez. Estamos no fim de uma tentativa de introduzir novas noções neste livro, sem que a respectiva crítica da matéria e da tendência, disso resultante, viesse a prejudicar a substância do texto original. Se, nessa altura, tornarmos a perguntar: *"Será que a Bíblia tem mesmo razão?"*, poderemos constatar que alguns dos leitores responderão de maneira nitidamente afirmativa, conquanto a resposta de outros seja igualmente nítida, porém negativa. Entre esses dois extremos há uma margem bem ampla para os conceitos mais diversificados.

Há cientistas, entre eles historiadores, teólogos, filólogos e arqueólogos, que, após exame consciencioso da tradição bíblica, chegaram a opinar que, em última análise, a questão de os fatos relatados pela Bíblia estarem certos ou errados é de importância secundária. Para eles, a Bíblia, antes de mais nada, faz parte da "anunciação"; ela encerra uma mensagem religiosa, que divulga pelos meios existentes na época da sua origem, ou melhor, nas épocas da sua origem, pois a

Bíblia representa um conjunto extremamente complexo, apresentando vários "estratos de crescimento", os quais, no decorrer de séculos, se fundiram e amalgamaram, criando a "Bíblia", em sua forma atual, que todavia marcaram com nítidas "juntas soldadas" ou "anéis de crescimento". Portanto, adotando esse parecer, o ponto essencial é sempre o de elucidar a *etiologia*, a origem das coisas, o processo do crescimento da coletânea de manuscritos reunidos na "Bíblia", e deixar bem clara a maneira como os elementos individuais da tradição bíblica estão integrados ao contexto geral, a fim de, com base nessas noções, ter uma idéia daquilo que os autores dos vários livros bíblicos pretenderam comunicar aos seus leitores. Em todo caso, segundo essa tese, mais vale a anunciação do que a autenticidade e precisão dos detalhes históricos. Por outro lado, para a maioria dos leitores da Bíblia, bem como para numerosos pesquisadores bíblicos de renome, muita coisa ainda continua dependendo da questão de os dados bíblicos serem ou não passíveis de prova. Assim, por exemplo, para o padre dominicano Roland de Vaux, uma das grandes autoridades no setor da história da antigüidade bíblica, a qualidade da existência e sobrevivência das crenças judia e cristã depende da concordância entre a história "religiosa" e a "objetiva". Ele diz, textualmente: "...Se a crença histórica de Israel não estiver fundamentada na história, então não passa de uma heresia, e este mesmo julgamento aplicase igualmente à nossa fé". Por sua vez, o arqueólogo bíblico americano George Ernest Wright, outra autoridade na matéria e da mesma expressão de Roland de Vaux, opina: "Com a fé bíblica, tudo depende do fato de os eventos centrais realmente terem sido registrados". E é essa a orientação que, mais de vinte anos atrás, também norteou a elaboração da presente obra.

Contudo, De Vaux e Wright foram vivamente contestados, nos círculos competentes. Tais contestações não partiram de colegas "menos fortes em sua fé", mas sim de cientistas, cujos conceitos religiosos nada ficaram devendo, em firmeza e seriedade, aos de De Vaux e Wright, mas que buscaram uma base mais sólida e resistente que a oferecida pela probabilidade dos dados históricos constantes da Bíblia para seus conceitos. Isso, em absoluto, não deve surpreender a ninguém, pois a Bíblia não é uma matéria fácil para os pesquisadores. Ela está repleta de pronunciamentos altamente problemáticos, e os representantes das mais diversas disciplinas científicas, de "escolas" e doutrinas, tiveram motivos de sobra para quebrar a cabeça, tentando equacionar os paradoxos, as contradições e repetições nos textos bíblicos, enfim, assimilar suas inúmeras disparidades, das quais daremos alguns exemplos a seguir.

Na Bíblia há *dois relatos* da Criação (Gênese 1, 1.2 e 2, 4 e seguintes). O primeiro desses relatos diz que Deus criou o homem em *último* lugar; o segundo afirma que o homem foi criado em *primeiro* lugar (isto é, antes de todas as outras criaturas). Uma vez, desde o início, Deus fez o homem como "*varão e fêmea*";

outra vez, Deus formou o homem "*do barro da terra*" e, posteriormente, da costela do homem "*formou o Senhor Deus uma mulher*". O segundo relato da Criação contém detalhes que não constam do primeiro. Aliás, esses dois relatos diferem também em sua forma literária; o primeiro é contado em estilo de hino, ladainha, enquanto o segundo se apresenta como uma narrativa simples e pura.

Até agora, somente se falou em *duplicações*; acontece, porém, que o nome do sogro de Moisés aparece em nada menos de *três* versões distintas. Uma vez é dado como Jetro (Êxodo 3.1, 4.18, 18.1 e 2); uma vez como Raguei (Êxodo 2.18) e, por fim, como Hobab (Juizes 4.11). Ademais, há passagens bíblicas cujo sentido não é nada claro, como por exemplo o seguinte: o que eram aquelas "*trevas horríveis em toda a terra do Egito, durante três dias*" (Êxodo 10.22) com as quais sofreram somente os egípcios, enquanto os israelitas, cativos no Egito, não foram atingidos? E como Moisés podia descrever a própria morte (Deuteronômio 34), ou, em outras palavras, será que os primeiros cinco livros da Bíblia eram realmente da autoria de Moisés, visto que neles se fala na morte de Moisés?

Estes são apenas *alguns* dos exemplos das disparidades bíblicas. Porém, essas e outras contradições vieram criar problemas, fazendo com que os cientistas sempre tornem a auscultar, a radiografar a Bíblia e a levantar novas teses para sua interpretação. Desde há gerações, a Bíblia está sendo testada pela ciência crítica e, sem dúvida, ela pode se gabar de ser uma das obras mais divulgadas, mais vendidas, bem como, de longe, melhor e mais profundamente pesquisadas da literatura universal. Faz tempo que o sabemos; ela encerra elementos dos gêneros literários mais diversos, desde o tratado edificante até o romance policial, do sermão até o texto jurídico, do hino litúrgico à canção de amor, da historiografia à novela, e tampouco nela faltam lendas, anedotas e contos populares. É uma completa "literatura nacional" aquilo que encontramos nessa coletânea chamada "Bíblia". Por conseguinte, também sabemos que existem historiadores e arqueólogos os quais, *a priori*, costumam atribuir maior peso histórico a determinados livros bíblicos que antes devem ser compreendidos como "literários"; enfim, sabemos perfeitamente bem que a Bíblia não foi elaborada de uma só vez e já conhecemos, mais ou menos, as diversas linhas que demarcam as várias fases da sua elaboração.

De fato, levou séculos para que a coletânea de textos chamada "Bíblia" fosse compilada e codificada, isto é, registrada por escrito. Talvez a chamada "Antífona mariana" (Êxodo 15.21) realmente fosse uma tradição legítima, não adulterada, de fins da Idade do Bronze (século XIII a.C.), ao passo que o elemento bíblico mais recente (a chamada "Segunda Epístola de Pedro") deveria ser datado do segundo quartel do século II da nossa era. Em sua maior parte, os textos bíblicos evoluíram entre o século VI a.C. e o século I d.C., quando se constituíram na obra total, conhecida como a "Bíblia". Todavia, essa conjectura

deve reservar uma certa margem de tolerância, que seria da ordem de alguns séculos, para certos livros bíblicos e textos originais, datando do início do período de sua compilação, e de alguns decênios para certos livros do Novo Testamento, remontando ao fim daquele período.

Da mesma forma, por mais que se saiba da Bíblia nos dias de hoje, ainda estamos bem longe de saber tudo a seu respeito. As perguntas não terminaram. Muito pelo contrário, cada descoberta levanta perguntas novas, e decerto não faltam também (pelo contrário) descobertas arqueológicas. Justamente nos principais palcos dos acontecimentos bíblicos — no Israel antigo e moderno —, as atividades arqueológicas foram enormemente incrementadas. Lá, os resultados das pesquisas arqueológicas alcançam uma publicidade que presumivelmente jamais alcançariam alhures; e isto não é estranho, pois no Israel moderno a arqueologia enseja um "aperto de mão com o passado", e achados arqueológicos estão sendo considerados como "saudações dos antepassados"! É algo semelhante a uma busca da identidade coletiva o que se documenta ali, a busca daquilo que une os imigrantes, ortodoxos religiosos, bem como liberais que, de todos os quadrantes, vieram para Israel. Contudo, cada uma daquelas "saudações dos antepassados", cada um daqueles inúmeros "apertos de mão com o passado" representa uma eventual contribuição para a pesquisa da Bíblia, que, no entanto, além de ajudar na solução de problemas, simultaneamente levanta perguntas novas. Por outro lado, isso não acontece somente no setor da ciência bíblica, mas da mesma forma no âmbito das demais disciplinas científicas, e constituiu motivação bastante para que o presente livro merecesse uma reedição revista, duas décadas após sua primeira publicação.

A título de exemplo, tornamos a citar as tabuinhas manuscritas de Nuzi (Jorgan Tepe). De um lado, forneceram revelações excitantes sobre as praxes legais dos patriarcas, mas, por outro lado, puseram em dúvida o início da época dos patriarcas, cuja datação até então era considerada como líquida e certa.

Da mesma forma, será que diante de tal abundância de sinais de interrogação, discordâncias e concordâncias, ainda se pode cogitar de a Bíblia "ter razão"? Contudo, o fator "ter razão" pode estar relacionado com âmbitos bem diversos. Há o âmbito da *fé*, da convicção religiosa e da crença subjetiva, admitindo que ela tenha razão; nesse plano, a Bíblia é totalmente intocável, pois aquilo que é da fé, da fé deve continuar sendo. Em sua qualidade de *documento da fé*, a Bíblia está além de toda prova, e tampouco o crente admitiria que fosse convincentemente desmentida, visto que a fé somente começa onde o saber e as provas chegam aos seus limites. Provas da espécie daquelas por nós procuradas, a favor ou contra o "ter razão" da Bíblia, somente podem ser apresentadas a título de *fonte da história*.

Quanto a isso, cumpre rebater um mau costume dos nossos dias, recentemente manifestado na qualificação depreciativa da Bíblia,

considerando-a "menos que um livro de história". Tal atitude está sendo assumida também por autores modernos, respeitáveis sob todos os pontos de vista; mas eles se esquecem de que a própria Bíblia quer ser compreendida como uma exposição da história. Isso vale, pelo menos, para extensas passagens do seu texto. E seria tolice censurá-la pelo fato de seus autores ainda não terem observado as normas que hoje costumam ser adotadas nas exposições históricas (e que, por sua vez, não têm validade eterna). Jamais se deve esquecer de que a Bíblia nos fala de uma distância histórica! E a distância histórica representa um poder; ela está relacionada com o "modo de ser" do homem, com suas disposições, as tendências contemporâneas agindo sobre ele, as influências do seu meio ambiente às quais ele fica exposto, o espírito da sua época que nele se manifesta, os modos aos quais está sujeito. Somente à luz (e não à penumbra) de tudo isso, chegamos a compreender o mundo ao nosso redor, pois todos esses fatores são decisivos e terminantes para o que se quer apreender na nossa esfera de vivência, tornando-o, assim, acessível à nossa percepção.

Em outras palavras, a Bíblia não tolera ser comprimida dentro da moldura rígida, apertada, das nossas exigências — por si sós bastante problemáticas — de "verdade histórica" e "objetividade científica", a não ser que pretendêssemos violá-la. Ela é (ou antes, era) uma obra histórica, mas não no sentido como nós o compreendemos. Ela é a narração de um povo e seu deus, cujas disposições foram sentidas pelos seus adeptos, na própria carne, ao longo da história. E ela nem pretende constituir-se no protocolo neutro, incorruptível, dos eventos relatados, pois para tanto ela está engajada demais e demasiadamente condicionada à sua época, cuja linguagem fala. E há outro ponto que não deve ser esquecido: a Bíblia serve-se de meios de expressão que nem sempre coincidem com os nossos; também a linguagem bíblica, a fundo, é uma abstração, como nem poderia deixar de ser, porém ela é muito mais rica em quadros demonstrativos do que a nossa, atual. Aquilo que procuramos formular para que seja compreendido da maneira mais fácil e sucinta, a Bíblia transforma em história e, freqüentemente, suas imagens são verdadeiros "enigmas visuais", ensejando interpretações múltiplas, o que, não raras vezes, é nitidamente intencional. Assim, a cena do sacrifício de Isaac, exigido por Deus e, no último instante, evitado por Abraão (Gênes 22.1 a 13) é passível de três interpretações:

- 1) Trata-se do reflexo de um antiquíssimo ritual de iniciação, uma espécie de "batismo de sangue". Somente aquele que se sujeita a seu Deus, de maneira total e incondicional, se torna membro pleno da comunidade;

- 2) A passagem representa — de certo modo em forma de enigma visual — o repúdio da prática do sacrifício humano, mormente do menino, conforme era difundida no antigo Oriente;

- 3) Para Abraão, trata-se de uma prova de fé. Essa interpretação até foi

sugerida pelo próprio autor da passagem bíblica em questão, pois ele começa sua narrativa com as palavras "tentou Deus a Abraão..." Atualmente, nós, sempre com pouco tempo e paciência, nos sentimos pouco à vontade diante da tarefa de decifrar tais "enigmas visuais, lingüísticos". A fim de assimilarmos o mundo dos pensamentos dos autores bíblicos, cumpre fazermos voltar atrás a roda da história, até a época que marcou o início da codificação, do registro por escrito, das diversas tradições até então orais, ou seja, até as escrituras do antigo Israel, quando começou o crescimento, a elaboração do fenômeno complexo conhecido como Bíblia.

Todavia, será que a Bíblia tem razão? Por certo, isso pode ser confirmado, sem quaisquer reservas, quanto às passagens que foram autenticadas, ou por genuínas fontes paralelas, extrabíblicas, ou por achados arqueológicos. No entanto, ela ainda pode pretender para si mais uma outra forma, a cujo título "tem razão", na medida em que nos aproximar sucessivamente da sua época e do homem dessa época, a fim de que possamos aprender a inteirar-nos melhor dos seus sermões, das suas parábolas, alegorias, visões, dos seus símbolos, imagens e alusões. Talvez chegue o dia em que teremos condições de confirmar também para uma ou outra passagem, hoje ainda considerada enigmática ou pouco clara: "E a Bíblia tinha razão", do ponto de vista do seu tempo!

Bibliografia

Abel, F.-M.: *Géographie de la Palestine I* (1933), *II* (1938), *Histoire de la Palestine depuis la conquête d'Alexandre jusqu'à l'invasion arabe I/II* (1952).

Adams, J. M. K.: *Ancient records and the Bible* (1946).

Albright, W. F.: *Archaeology and the religion of Israel* (1953), *Die Bibel im Licht der Altertumsforschung* (1957), *Exploring Sinai with the University of California* (1948), *Archaeology of Palestine* (1954), *Von der Steinzeit zum Christentum* (1949). **Alt, a.:** *Die Herkunft der Hyksos in neuer Sicht* (1954), *Kleine Schriften zur Geschichte des Volkes Israel I/II* (1953).

Andrae, W.: *Das wiedererstandene Assur* (1938).

Augstein, R.: *Jesus Menschensohn* (1972).

Avigad, N.: *Bullae and seals from a post-exilic Judean archive* (1976). **Bailey, a. E.:** *Daily life in Bible times* (1943).

Barrois, a. G.: *Manuel d'archéologie biblique I/II* (1939/53). **Bauer, H.:** *Die alphabetischen Keilschrifttexte von Ras-Shamra* (1936). **Begrich, J.:** *Die Chronologie der Könige von Israel und Juda* (1929). **Ben-Chorin, Sch.:** *Bruder Jesus. Der Nazarener in jüdischer Sicht* (1970). **Benzinger, I.:** *Hebräische*

Archäologie (1927). **Biblisches Nachschlagewerk**, Stuttgart (1955). **Bittel, K.:** *Die Ruinen von Bogazköy* (1937).

Bittel, K. e R. Naumann: *Bogazköy* (1938).

Bodenheimer, Fr. S. e O. Theodor: *Ergebnisse der Sinai — Expedition 1927* (1929). **Boschle, F. L.:** *Die Schöpfung ist noch nicht zu Ende* (Econ, 1962).

Bossert, H. Th.: *Altanatolien* (1941).

Breasted, J. H.: *The dawn of conscience* (1933), *Ancient records of Egypt I-V* (1906/07), *Geschichte Ägyptens* (1936).

Budge, W. E. a.: *The Babylonian story of the deluge and the epos of Gilgamesh* (1920).

Burrows, M.: *What mean these stones?* (1941).

Caiger, S. L.: *Bible and spade* (1936).

Canyon, Fr.: *Bible and archaeology* (1955).

Carleton, P.: *Buried empires* (1939).

Chase, M. E.: *Die Bibel und der Mensch von heute* (1951). **Clay, a. T.:** *Business documents of Murashu sons* (1898).

Clemen, C.: *Die phönikische Religion nach Philo von Byblos* (1939). **Clermont-Ganneau, C. S.:** *La stèle de Méša* (1887).

Collart: *Philippe, ville de Macédoine*.

Contenau, G.: *La civilisation phénicienne* (1949), *La vie quotidienne à Babylone et en Assyrie* (1953), *Les civilisations anciennes du Proche Orient* (1945), *Manuel d'archéologie orientale I-IV* (1927/47).

Cornfeld, G. e G. J. Botterweck: *Die Bibel und ihre Welt* (1969). **McCown, C. C.:** *The ladder of progress in Palestine* (1943), et al. *Tell en-Nasbeh* (1947), I / II **Craveri, M.:** *Das Leben des Jesus von Nazareth* (1970).

Crowfoot, J. W., et al.: *The buildings at Samaria* (1942). *Cuneiform texts:* Ed. British Museum. **Dalman, G.:** *Heilige Stätten und Wege* (1953), *Licht von Osten* (1923), *Arbeit und Sitte in Palästina I-VII* (1928/42).

Dalmas, G.: *Die Talmud. Texte über Jesu* (1900).

Davis, J. d.: *Dictionary of the Bible* (1953).

Davis, J. d. e H. S. Gehman: *The Westminster Dictionary of the Bible* (1944). **Delitzsch, Fr.:** *Babel und Bibel* (1903).

Deschner, K.: *Jesusbilder in theologischer Sicht* (1966).

Dobschütz, E. v.: *Die Bibel im Leben der Völker* (1954).

Dougherty, R. P.: *Nabonitus and Belshazzar* (1929).

Duncan, G.: *Digging up biblical history I/II* (1931).

Dussaud, R.: *Les découvertes de Ras Shamra et l'Ancien Testament* (1941).

Eberling, E. e B. Meissner: Reallexikon der Assyriologie I/II (1932/38).
Eberhard, E. G.: Bible-Thesaurus (1953).

Eisfeldt, O.: Handbuch zum Alten Testament (1935), Philister und Phönizier, Der Alte Orient (1930), Baal Zaphon, Zeus Kasios und der Durchzug der Israeliten durchs Meer (1932). **Ellermeier, F.:** Prophetie in Mari und Israel (1968).

Elliger, K.: Ein Zeugnis der jüdischen Gemeinde im Alexanderjahr 332 v. Chr., Kleine Propheten (1975).

Ephesus, Forschungen in Veröffentl. v. Österr. Archäolog. Inst. (1937).
Estrabão: Geographie. **Eusebius:** Historia ecclesiastica, ed. por E. Schwarz (1914), Das Leben von Constantin.

Finegan, J.: Light from the ancient past (1954). **Frayzel, S.:** A history of the Jews (1952). **Fritz, V.:** Israel in der Wüste (1970).

Gadd, E.: The fall of Niniveh (1923).

Galling, K.: Biblisches Reallexikon (1937), Textbuch zur Geschichte Israels (1950). **Gardiner, a. H. e E. Peet:** The inscriptions of Sinai (1952).

Garlake, P. S.: Simbabwe, Goldland der Bibel oder Symbol afrikanischer Freiheit? (1975). **Garstang, J. B. E.:** The story of Jericho (1940).

Gerke, S.: Die christl. Sarkophage d. vorkonstantin. Zeit (1940). **Gese, H. et al:** Die Religion Altsyriens (1970).

Glueck, N.: The other side of the Jordan (1940), The river Jordan (1946).
Goldschmidt, L.: Der Babylonische Talmud (1935).

Gordon, C. H.: The living past (1941), Ugaritic literature (1949). **Götze, a.:** Hethiter, Churitter u. Assyrier (1936).

Gressmann, H.: Die älteste Geschichtsschreibung und Prophetie Israels (1921), Alt-orientalische Texte und Bilder zum Alten Testament (1927).

Gunkel, H. W. Starku. a.: Die Schriften des Alten Testaments in Auswahl I-VII (1921/25). **Guthe, H.:** Bibelatlas (1926), Palästina, "Monographien zur Edkunde 21" (1927). **Haag, H.:** Bibellexikon (1968).

Haas, N.: Skeletal remains from Givcat ha-Mivtar (1970).

Harper: Bible Dictionary (1952),

Heitel, A.: The Gilgamesh-Epos and the Old Testament (1953).

Hengel, M.: Mors turpissima crucis. Die Kreuzigung in der antiken Welt und die "Torheit" des

"Wortes vom Kreuz" (1976).

Heródoto: diversas traduções em alemão, entre outras a edição de bolso da Kröner, de Stuttgart, vol. 224.

Herrmann, S.: Israels Aufenthalt in Ägypten (1970).

- Hogarth, D. G.:** Excavations in Ephesus (1908).
- Honor, L. L.:** Sennacherib's invasion of Palestine (1926).
- International Standard Bible Encyclopaedia** (1952).
- Jannsen, E.:** Juda in der Exilszeit (1956).
- Jansen, H. L.:** Die Politik Antiochus' IV (1943).
- Jirku, a.:** Die ägypt. Listen palästinens. und syr. Ortsnamen (1937). **Josephus, Flavius:** Altertümer, Jüdischer Krieg.
- Junge, P. J.:** Dareios I, König der Perser (1944).
- Kaiser, O.:** Altes Testament. Vorexilische Literatur (1973), Einleitung in das Alte Testament (1975), Der Prophet Jesaja (1977), Israel und Ägypten (1963), Zwischen den Fronten (1972).
- Kapelrud, A. S.:** The Ras Shamra discoveries and the Old Testament (1965).
- Kaufmann, C. M.:** Handbuch der christl. Archäologie I-III (1922). **Kenyon, K. M.:** Jerusalem — die heilige Stadt von David bis zu den Kreuzzügen. Ausgrabungen 1961-1967 (1968), Archaeology in the holy land (1970), Royal cities of the Old Testament (1971), Digging up Jerusalem (1974).
- Klausner, J.:** Jesus von Nazareth (1950), Von Jesus zu Paulus (1950). **Knopf, Lietzmann, Weinelt:** Einführung in das Neue Testament (1949). **Knudtzon, J. A.:** Die El-AmarnaTafeln I-II (1908/15).
- Koeppel, P. R.:** Palästina (1930).
- Kohl und Watzinger:** Antike Synagogen in Galiläa (1916).
- Koldewey, R.:** Das wiedererstehende Babylon (1925).
- Kraeling, E. G.:** Gerasa, city of the Decapolis (1938).
- Kugler-Schaumberger:** Sternkunde und Sterndienst in Babel (1935). **Laible, H.:** Jesus Christus im Talmud (1900).
- Landay, J. M.:** Schweigende Städte — Heilige Steine, Archäologische Entdeckungen im Land der Bibel (1973).
- Layard, A.:** Discoveries in the ruins of Nineveh and Babylon (1853). **Lefèvre, G.:** Romans et contes égyptiens de l'époque pharaonique (1949). **Lentzen, H. J.:** Die Entwicklung der Ziggurat (1942).
- Lepsius, C. R.:** Königsbuch der alten Ägypter (1858), Denkmäler aus Ägypten und Äthiopien (1849/56).
- Lietzmann, H.:** Petrus und Paulus in Rom (1927).
- Loud, G.:** Megiddo ivories (1939), Megiddo II (1948).
- Macalister, R. A. S.:** Gezer I-III (1912), The excavations of Gezer (1912), A century of excavations in Palestine (1925).
- Mari, Archives royales de,** ed. do Museu do Louvre I-V.
- Meyer, Ed.:** Der Papyrusfund von Elephantine (1912), Geschichte des

Altertums I-III (1925/37). **Miller, M. S. e J. L.:** Encyclopaedia of Bible life (1944).

Moldenke, H. N. e A. L.: Plants of the Bible (1952).

Moret, a.: The Nile and Egyptian civilisation (1927).

Montet, P.: Les nouvelles fouilles de Tanis (1929/32, 1933), Avaris, Pi-Ramsés, Tanis (Syrie XVII 1936), Tanis (1942).

Morton, H. V.: Through lands of the Bible (1954), In the steps of the Master (1953). **Moscatti, S.:** Geschichte und Kultur der semitischen Völker (1953).

Mowinckel, S.: Studien zum Buche Ezra-Nehemia I (1964).

Negev, A.: Archäologisches Lexikon zur Bibel (1972).

Newberry, P. E.: Beni Hasan I (1893).

Noth, M.: Die Welt des Alten Testaments (1953), Geschichte Israels (1954).

Origenes: Contra Celsum I, 32.

Orlinski, H. M.: Ancient Israel (1954).

Otto, E.: Ägypten (1953).

Otto, W.: Handbuch der Altertumswissenschaft (1928).

Parrot, A.: Mari, une ville perdue (1936), Archéologie mésopotamienne, les étapes I (1946), Entdeckung begrabener Welten (1954), Studia Mariana (1950), Sintflut und Arche Noah (1955). **Petrie, F. L.:** Researches in Sinai (1906).

Pfeiffer, R. H.: History of New Testament times (1949), Introduction to the Old Testament (1948). **Pingré, M.:** Cométographie I (1783).

Pio XII, Papa: Die Gottesbeweise im Lichte der modernen Naturwissenschaft (Universitas, Olt, 1952).

Plutarcho: Das Leben Alexanders.

Post, G. E.: Flora of Syria, Palestine and Sinai (1933).

Pottier, E.: Musée du Louvre, Catalogue des antiquités assyriennes n.° 165.

Prause, G.: Herodes der Grosse, König der Juden (1977).

Pritchard, J. B.: Ancient near eastern texts relating to the Old Testament (1950), The Near East in pictures (1954), Solomon and Sheba (1974).

Ramsay, W. M.: The cities of St. Paul (1900).

Redford, D. B.: A study of the biblical story of Joseph (1970).

Rehork, J.: Archäologie und biblisches Leben (1972).

Reisner, Th. H. e W. O. E. Oesterley: Excavations at Samaria I-II (1924).

Ricciotti, G.: Storia dlsraele I-II (1949).

Riemschneider, M.: Die Welt der Hethiter (1954).

Rothenberg, B.: Timna — das Tal der biblischen Kupferminen (1973).

Rowe, A.: The topography and the history of Beth-Shean (1930), The four canaanite temples of Beth-Shean I (1940).

- Rowley, H. H.:** The re-discovery of the Old Testament (1945), The Old Testament and modern study (1952), From Joseph to Joshua (1948).
- Sanchuniathon:** Urgeschichte der Phönizier.
- Schaeffer, C. F. A.:** The cuneiform texts of Ras Shamra-ugarit (1939), Ugaritica I-II (1939/49). **Scharff, A.:** Handbuch der Archäologie I (1939).
- Scharff, A. e Moortgat, A.:** Ägypten und Vorderasien im Altertum (1950).
- Schmidt, E. F.:** The treasury of Persepolis and other discoveries in the homeland of the Achaemenians (1939).
- Schmidt, W. H.:** Königtum Gottes in Ugarit und Israel (1966).
- Schnabel, P.:** Berossos u. d. babylon.-hellenist. Literatur (1923). **Schott, A.:** Das Gilgamesch-Epos (1934).
- Sellin, E.:** Wie wurde Sichem israelitische Stadt? (1923), Geschichte des israel.-jüd. Volkes I-II (1924/32).
- Sethe, K.:** Die Ächtungstexte feindl. Fürsten, Völker und Dinge auf altägypt. Tongefässchen d. Mittl. Reiches (APAW 1926, n.º 5), Zur Geschichte der Einbalsamierung b. d. alten Ägyptern (1934). **Simons, J.:** Opgravingen in Palestina (1935).
- Soden, W. v.:** Leistung und Grenze sumerischer u. babylon. Wissenschaft, Welt als Geschichte II (1936), Das altbabylon. Briefarchiv v. Mari, Die Welt des Orients (1948). **Speiser, E. A.:** Introduction to Hurrian (1941).
- Starley, J. L.:** Excavations at Tell ed-Duweir 1933/34 (1934).
- Starr, R. F. S.:** Nuzi, report on the excavations at Rorgan at Tapa near Kirkuk I-II (1937/39), Nuzi I (1939).
- Steindorf, G., K. C. Seele:** When Egypt ruled the East (1942).
- Sulenik, E. L.:** Ancient synagogues in Palestine and Greece (1934), et al. The third of Jerusalem (1930).
- Svensk Biblisk Uppslagsverk** (ed. por I. Engnell e a. Friedrichsen, 1948).
- Thompson, Th. L.:** The historicity of the patriarchal narratives. The quest for the historical Abraham (1974).
- Torczyner, H.:** Lakish I, The Lakish letters (1938).
- Tzaferis, V.:** Jewish tombs at and near Givcat ha-Mivtar (1970).
- Vaux, R. de:** Histoire ancienne d'Israël (1971).
- Vincent, L. H.:** Canaan d'après l'exploration récente (1914), Jéricho et sa chronologie (1935), L'Archéologie et la Bible (1945).
- Watzinger, C.:** Denkmäler Palästinas I-II (1933/35).
- Weimar, P. und Zenger, E.:** Exodus, Geschichten und Geschichte der Befreiung Israels (1975). **Weissbach, F. H.:** Die Keilschriften der Achämeniden (1911).

Wolff, H. W.: Etne Handbreit Erde (1955).

Wood, J. T.: Modern discoveries on the side of ancient Ephesus (1890).

Woolley, C. L.: Abraham, recent discoveries and Hebrew origins (1936), Ur excavations — The Ziggurat and its surroundings (1939), Ur of the Chaldees (1954).

Wreszinski: Atlas zur ägyptischen Kulturgeschichte I-III (1923/40). **Wright, G. E.:** Biblische Archäologie (1958).

Wright, S. E., Fl. V. Filson: The Westminster historical atlas to the Bible (1953). **Würthwein, E.:** Die Königsbücher (1976).

Yadin, Yigael: Herod's fortress... (1966), Hazor (1976).

Revistas: Annual of American Schools of Oriental Research (AASOR), Der Alte Orient (AO), American Journal of Archaeology (AJA), Biblical Archaeologist (BA), Bulletin of the American Schools of Oriental Research (BASOR), Beiträge zur Wissenschaft vom Alten und Neuen Testament (BWANT), Illustrated London News, Israel Exploration Journal, Journal of the Society of Oriental Research (JSOR), Picture Post (Londres), Zeitschrift des Deutschen Palästinavereins (ZDPV), Revue Biblique (RB), Syria.

Índice

Do Velho Testamento

Parte I - O advento dos patriarcas - De Abraão a Jacó

Na região do Crescente Fértil
A bíblica “Ur dos caldeus”
É desenterrado o dilúvio
Narrativa de inundações da antiga Babilônia
Abraão viveu no reino de Mari
A grande viagem para Canaã
Abraão e Lot na “terra da púrpura”

Parte II - No reino dos faraós - De José a Moisés

José no Egito
Quatrocentos anos de silêncio
Trabalho escravo em Pitom e Ramsés

Parte III - Quarenta anos no deserto -Do Nilo ao Jordão

A caminho do Sinai

Junto ao monte de Moisés
Sob o céu da estepe
O limiar da Terra Prometida

Parte IV - A luta pela Terra Prometida - De Josué a Saul

A entrada de Israel em Canaã
Sob Débora e Gedeão
Os guerreiros de Caftor
Sob o jugo dos filisteus

Parte V - Quando Israel era um grande reino - De Davi a Salomão

O grande Rei Davi
Salomão, rei do cobre
A rainha de Sabá negocia com Salomão
Sobre a pitoresca vida cotidiana de Israel

Parte VI - Dois reis — dois reinos (De Roboão a Joaquim)

À sombra de uma grande potência nascente
O fim do reino setentrional de Israel
Judá sob o jugo de Assur
Os cultos sedutores de Canaã
Nínive, a grande potência, desmorona-se
Os últimos dias de Judá

Parte VII - Do exílio ao reino dos macabeus(De Ezequiel a João Hircano)

A grande escola do exílio
Extingue-se o sol do antigo Oriente
Ciro, rei dos persas
Regresso a Jerusalém
Sob a influência helênica
Pela liberdade de crença

Do Novo Testamento

Parte I - Jesus de Nazaré

Palestina junto ao "Mare Nostrum"

A estrela de Belém
Em Nazaré da Galiléia
João Batista
O caminho para Jerusalém, o processo e a crucificação
O sudário de Turim

Parte II - Do tempo dos apóstolos

Nas pegadas de Paulo
A destruição de Jerusalém

Apêndice

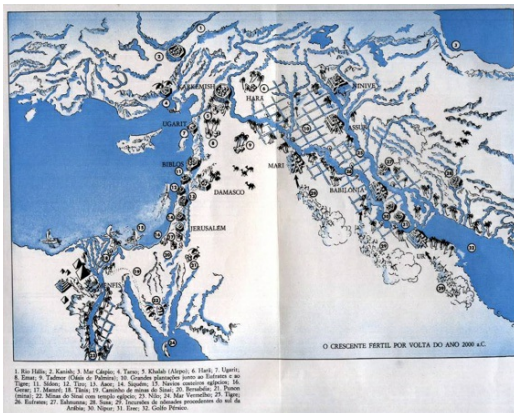
Os rolos manuscritos do mar Morto
Reconstrução segundo a Bíblia
Os mais antigos manuscritos do texto bíblico até agora descobertos
Posfácio para a nova edição revista

Mapas

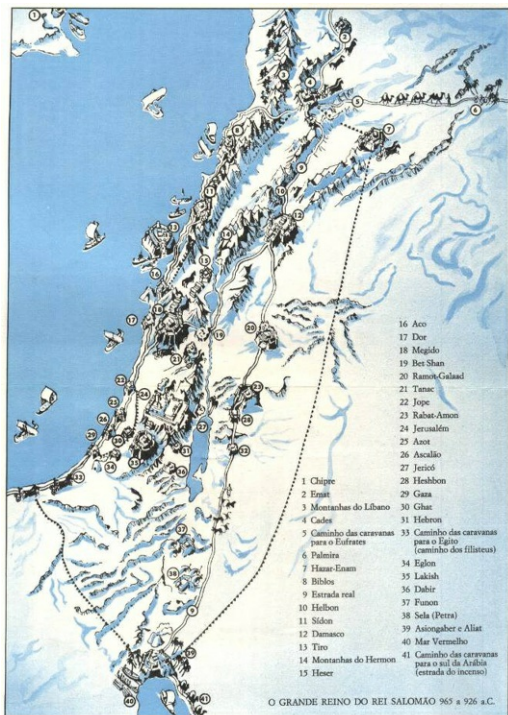


1. Mediterrâneo (B); 2. Caminho dos filisteus; 3. Fortaleza da fronteira egípcia (Maralla dos Príncipes); 4. Mar dos Juncos (15); 5. Pianos (12); 6. Caminho dos trabalhadores das minas; 7. Nilo; 8. Mediterrâneo (1); 9. Ramoth (A); 10. Braço oriental do Nilo; 11. Região de pastos; 12. Pianos (7); 13. Uádi Tumilat; 14. Socot (B); 15. Mar dos Juncos (4); 16. Migração das codornizes; 17. Golfo de Suez; 18. Mar

Vermelho; 19. Golfo de Aqaba; 20. Rota de migração das codornizes; 21. Fortaleza da fronteira de Edom; 22. Torrens do Egito; 23. Caminho dos egípcios; 24. Vale do Gacho; 25. Gasa; 26. Lakish; 27. Ascalão; 28. Anot; 29. Hebron; 30. Mar Morto; 31. Fortaleza da fronteira de Moabe; 32. Rio Arnon; 33. Torrens Zared; 34. Fortaleza da fronteira de Edom; 35. Entrada real.



1. Rio Hábila; 2. Kasidi; 3. Mar Cáspio; 4. Taurus; 5. Khadab (Alto); 6. Hama; 7. Ugarit;
8. Emar; 9. Tadmor (Oásis de Palmira); 10. Grandes planícies junto ao Eufrates e ao
Tigre; 11. Sôde; 12. Tere; 13. Assur; 14. Sôde; 15. Navios construídos egípcios; 16.
Gere; 17. Manzi; 18. Tênia; 19. Caminho de minas do Sinai; 20. Babilônia; 21. Pácor
(mita); 22. Minas de prata com templo egípcio; 23. Nízi; 24. Mar Vermelho; 25. Tere;
26. Eufrates; 27. Eufrates; 28. Sôde; 29. Inundação de ribeiras procedentes do sul de
Arábia; 30. Nízi; 31. Emar; 32. Golfo Pérsico.



Notas de rodapé

(1) - As citações bíblicas em português foram copiadas da Bíblia Sagrada, traduzida da Vulgata pelo Padre Matos Soares. Só em casos em que há

discrepância essencial, traduzo fielmente as citações alemãs. Neste caso, há uma discrepância que, contudo, não me parece essencial para os confrontos que vêm a seguir. O alemão diz “arca de pinho” e não “de madeiras aplainadas”. (N. do T.)

(2) - Cerca de três mil e quinhentos metros quadrados.

(3) - Um gar equivale cerca de seis metros.

(4) - Medida desconhecida.

(6) - “Vagabundos da areia” e “atravessadores do deserto” eram nomes depreciativos que os egípcios gostavam de dar aos seus vizinhos nômades do leste e do nordeste. A esses pertenciam também as tribos ainda não sedentárias de Canaã e Síria.

(5) - A Bíblia de Soares, que estou seguindo, diz: “... vigésimo sétimo dia do mês” e “parou sobre os montes da Armênia”. (N. do T.)

(7) - O lago Amargo, ainda hoje assim chamado, no istmo de Suez.

(8) - Cidade marítima fenícia, ao norte da atual Beirute.

(9) - Região deserta a leste de Damasco.

(10) - Nome semita ocidental, amorita.

(11) - Nome da região montanhosa ao norte da Palestina.

(12) - Naquele tempo, havia emissários do faraó por toda parte em Canaã e na Síria.

(13) - Isso permite supor um comércio ativo entre o Egito e a Palestina.

(14) - O arco é a arma típica do Egito.

(15) - Embalsamamento.

(16) - Tamareiras.

(17) - Isto é, a sujeira que lhe tiraram ao lavá-lo.

(18) - Pintura para os cílios.

(19) - A tradução que estamos utilizando diz apenas: “Para instrumento de corda”. (N. do T.)

(20) - Mar Morto.

(21) - Isto é, Sidim.

(22) - A Vulgata traduz “eunuco”.

(23) - “Ao carro do segundo”, portanto, do vice-rei.

(24) - Jacó recebeu de Jeová o nome de Israel (Gênese 32.29), e seus descendentes passaram a chamar-se “filhos de Israel”.

(25) - Papyrus Sallier I, atualmente no Museu Britânico de Londres.

(26) - Além do que conta essa narrativa literária, o começo do levante vem descrito num texto histórico ainda não publicado, procedente de Karnak

(27) - Lago Timsah.

[\(28\)](#) - Isto é, Per-Ramsés-Meri-Imen, possivelmente a antiga Tânis/Avaris ou Gantir, dezoito quilômetros mais ao sul No Delta, a busca da cidade de Per-Ramsés-Meri-Imen foi seguindo de colina em colina: examinaram-se um após outro os sítios de cidades da região oriental do delta do Nilo que ofereciam alguma possibilidade: Pitom, Heliópolis, Pelúcio, etc. As conjecturas só terminaram quando, em 1929, o Prof. Pierre Montet, de Estrasburgo, começou a escavar perto de San, uma aldeia de pescadores. De 1929 a 1932, Montet desenterrou, cinquenta quilômetros ao sudoeste de Port Said, uma quantidade extraordinária de estátuas, esfinges, esteias e restos de construções, tudo ornado com o nome Ramsés II. Dessa vez praticamente não houve mais dúvida de que os escavadores tinham diante de si as ruínas de Per Ramsés-Meri-Imen, a cidade de escravos chamada Ramsés na Bíblia. E, exatamente como em Pitom, também ali foram encontrados restos de celeiros e armazéns.

[\(29\)](#) - "Mar Vermelho", na tradução da Vulgata. (N. do T.)

[\(30\)](#) - As traduções em português consultadas citam sempre "mar Vermelho". (N. do T.)

[\(31\)](#) - Espécie de tamargueira

[\(32\)](#) - "Symbolae physicae."

[\(33\)](#) - Isto é, Canaã.

[\(34\)](#) - Yesterday and today in Sinai, *de C. S. Jarvis*.

[\(35\)](#) - Na tradução da Vulgata não consta este versículo 16. (N. do T.)

[\(36\)](#) - Médio Egito.

[\(37\)](#) - Em documentos assírios, "Pitru", situada na margem direita do Eufrates.

[\(38\)](#) - Quando autorizado por outra tradução, evito as expressões de sugestão pornográfica. É o caso aqui, no lugar de "pelo ventre", onde, aliás, a Vulgata discorda das outras traduções. (N. do T.)

[\(39\)](#) - Seu reinado começou em 1234 a.C.

[\(40\)](#) - Quer dizer: os que partiram do Egito. (N. do E.)

[\(41\)](#) - "Capadócia", na Vulgata. (N. do T.)

[\(42\)](#) - Palavras hebraicas que significam "gentalha de toda a espécie". (N. do T.)

[\(43\)](#) - 1195 a 1164 a.C.

[\(44\)](#) - Code é constituída pelos territórios costeiros da Cilícia e do norte da Síria

[\(45\)](#) - Iniciais de "prisioneiro de guerra" em inglês e alemão. (N. do T.)

[\(46\)](#) - Na Vulgata, "estes matadores". (N. do T.)

[\(47\)](#) - Na Vulgata, esse nome é escrito ora "Saraa" ora "Sorec". (N. do T.)

[\(48\)](#) - Na Vulgata, "Pedra de Socorro". (N. do T.)

(49) - The romance of the last crusade.

(50) - Traduzi fielmente a citação alemã, conforme a tradução da Bíblia por Lutero. A tradução da Vulgata não tem sentido aqui. (N. do T.)

(51) - Aqui há grande discrepância na tradução da Vulgata. Segui a citação alemã. Em algumas das citações seguintes tive de adaptar a redação sem, naturalmente, desvirtuar o sentido, para conformá-las aos fragmentos citados. Adotei a tradução da Vulgata por ser a aprovada pela Igreja Católica no Brasil e por conter todos os livros referidos na obra, entre eles os dos macabeus, excluídos das Bíblias protestantes. (N. do T.)

(52) - África, Arábia e Palestina-Síria

(53) - O rei de Tiro.

(54) - O arqueólogo designa "estrato" cada camada considerada isoladamente.

(55) - Na Vulgata, "cidades fortificadas". (N. do T.).

(56) - Isto é, Eglon.

(57) - A passagem correspondente da Vulgata fica sem sentido aqui. (N. do T.)

(58) - 63 a.C. a 14 da nossa era.

(59) - Na Vulgata, tem este salmo o número 44. Usei a, tradução da Sociedade Bíblica Britânica. Aliás, a disposição que esta dá aos salmos, com numeração diferente da Vulgata, foi usada também na sexta edição da tradução do Padre Matos Soares (N. do T.)

(60) - O Faraó Chechonk I.

(61) - 853 a.C.

(62) - Os cronistas bíblicos designavam muitas vezes os fenícios por sidônios. No reinado de Jorão, Israel perdeu um grande território na Jordânia oriental.

(63) - Kamosh: deus de Moab; no tempo de Salomão, era venerado também em Jerusalém entre os cultos estrangeiros.

(64) - Querihoh: capital do reino de Moab, a bíblica Kir-Hareseth (Reis II 3.25). Era o mais antigo documento escrito da Palestina, do ano 840 a.C.

(65) - Por "estela" é designada uma coluna isolada ou uma lápide tumular da Antigüidade.

(66) - 818-802 a.C.

(67) - 858-824 a.C.

(68) - 787-747 a.C.

(69) - 745-727 a.C.

(70) - Teglat Palsar III.

(71) - 727-722 a.C.

(72) - Sua, soberano do Egito de nome Sewe, chamado Sib'e pelos assírios.

[\(73\)](#) - 721-705 a.C.

[\(74\)](#) - 725-697 a.C.

[\(75\)](#) - 713 a.C.

[\(76\)](#) - Aqui erroneamente Berodac Baladan. Em outra passagem (Isaías 39.1), aparece a forma correta, Merodac-Baladan.

[\(77\)](#) - Em babilônio, é chamado "Mardukaplaiddin".

[\(78\)](#) - Os termos da Vulgata não condizem nessa passagem, embora digam essencialmente a mesma coisa. Traduza da citação alemã. (N. do T.)

[\(79\)](#) - Aqui a cronologia bíblica apresenta um erro de dez anos. Foi no vigésimo quarto ano.

[\(80\)](#) - 705-681 a.C.

[\(81\)](#) - O décimo segundo mês.

[\(82\)](#) - 696-642 a.C.

[\(83\)](#) - 626 a.C.

[\(84\)](#) - Psamético I, 663-609 a.C.

[\(85\)](#) - O rei dos medos.

[\(86\)](#) - 639-609 a.C.

[\(87\)](#) - 609 a.C.

[\(88\)](#) - Judá.

[\(89\)](#) - Megido.

[\(90\)](#) - Essa passagem na Vulgata é expressa em termos muito diferentes e na própria Bíblia da Sociedade Bíblica Britânica não corresponde inteiramente à citação alemã. Dá-se o mesmo em vários outros lugares. Traduza, pois, do alemão. (N. do T.).

[\(91\)](#) - 605-562 a.C.

[\(92\)](#) - Ao que parece, é ele o único rei de Judá do qual até agora possuímos um retrato.

[\(93\)](#) - Deus da Babilônia.

[\(94\)](#) - 588-568 a.C. Chamado "Efrée" por Jeremias.

[\(95\)](#) - 1899-1917.

[\(96\)](#) - Refere-se ao escalão superior.

[\(97\)](#) - Heródoto.

[\(98\)](#) - 663-525 a.C.

[\(99\)](#) - 669-626 a.C.

[\(100\)](#) - 605-562 a.C.

[\(101\)](#) - 555-538 a.C.

[\(102\)](#) - Oitenta quilômetros a leste de Smirna.

[\(103\)](#) - Supõe-se que Sassabasar seja o mesmo que Seneser, quarto filho do

rei Joaquim (Crônicas I 3.18). Seneser era neto, não filho, do Rei Joaquim. (N. do E.)

[\(104\)](#) - 530-522 a.C.

[\(105\)](#) - 522-486 a.C.

[\(106\)](#) - (Zacarias 1.1) oitavo mês do segundo ano de Dario — outubro-novembro de 520 a.C., início da construção; Esdras(6.15:) terceiro dia do mês Addar (em babilônio Addaru) do sexto ano de Dario — 12 de março de 515 a.C., conclusão do templo.

[\(107\)](#) - 465-424 a.C.

[\(108\)](#) - Dos gregos.

[\(109\)](#) - 356-323 a.C.

[\(110\)](#) - Morto em 330 a.C.

[\(111\)](#) - 285-246 a.C.

[\(112\)](#) - O farol de cento e oitenta metros de altura que Ptolomeu II havia mandado construir para guiar a navegação a grande distância.

[\(113\)](#) - Em Flávio Josefo, é chamado "Tiropoion", (vale) dos "Queijeiros".

[\(114\)](#) - 175-163 a.C.

[\(115\)](#) - Isto é, o "Martelo".

[\(116\)](#) - 163-162 a.C.

[\(117\)](#) - Hoje, Bêt-Iskarje.

[\(118\)](#) - Josefo chama-lhes "asmonianos", do nome de seu antepassado, o pai de Matatias (Bellum judaicum I, 1, 3).

[\(119\)](#) - 103-76 a.C.

[\(120\)](#) - 202 a.C., na Batalha de Zama.

[\(121\)](#) - Assim chamavam os romanos ao Mediterrâneo.

[\(122\)](#) - Em grego, "Decápolis".

[\(123\)](#) - Isto é, Maria.

[\(124\)](#) - 527-565 d.C.

[\(125\)](#) - 18 a 36 d.C.

[\(126\)](#) - 26 a.C. a 36 d.C.

[\(127\)](#) - Filon de Alexandria, 25 a.C. a 50 d.C.

[\(128\)](#) - Euphorbia milii desmoul.

[\(129\)](#) - Zizyphus spina christi.

[\(130\)](#) - Monticulus Golgatha.

[\(131\)](#) - Insuficiência coronária.

[\(132\)](#) - Ant. Iud. XX 9,1 § 200.

[\(133\)](#) - Anais XV, 44, escrito em 115-117 d.C.

[\(134\)](#) - 65-135 d.C.

[\(135\)](#) - 63 a.C. a 20 d.C.

[\(136\)](#) - Este é o Rei Agripa (37-44 d.C.) dos Atos dos Apóstolos, 12.

[\(137\)](#) - Isto é, Listra.

[\(138\)](#) - A grega Ártemis, deusa da caça, era chamada Diana pelos romanos.

[\(139\)](#) - Uma das muitas cidades que na Antiguidade se chamavam Neapolis (Cidade Nova).

[\(140\)](#) - Hoje, Salonica

[\(141\)](#) - De ira e De vita beata.

[\(142\)](#) - Como província romana, o Peloponeso chamava-se "Acaia".

[\(143\)](#) - Tito tornou-se imperador romano no ano 79

[\(144\)](#) - 117-138 d.C.

[\(145\)](#) - 6-41, 44-66 d.C.

[\(146\)](#) - 66-70 d.C.

[\(147\)](#) - Neguev.

[\(148\)](#) - Conforme a tradução alemã de Kautzsch.

[\(149\)](#) - A tradução da Vulgata diz "Para que sugasse o mel da pedra, e o azeite do rochedo duríssimo". (N. do T.)

